

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MÁRIO CALDONAZZO DE CASTRO**

**CRISTÓVÃO COLOMBO DESCOBERTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS  
PRINCIPAIS ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA COLOMBINA**

Alfenas/MG  
2019

MÁRIO CALDONAZZO DE CASTRO

**CRISTÓVÃO COLOMBO DESCOBERTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS  
PRINCIPAIS ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA COLOMBINA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: História.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Maria Nunes

Alfenas/MG  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca *campus* Varginha

Castro, Mário Caldonazzo de.

C355c Cristóvão Colombo descoberto : uma análise crítica dos principais aspectos da historiografia colombiana / Mário Caldonazzo de Castro. - Alfenas, MG, 2019.

325 f. : il. -

Orientadora: Aparecida Maria Nunes.

Dissertação (mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019.

Bibliografia.

1. Colombo, Cristóvão, 1451-1506. 2. Navegação - História. 3. América - Descobertas e explorações. I. Nunes, Aparecida Maria. III. Título.

CDD – 970.015

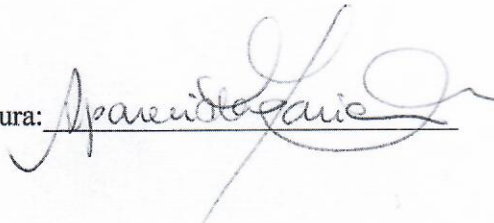
MÁRIO CALDONAZZO DE CASTRO

**“CRISTOVÃO COLOMBO DESCOBERTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS  
PRINCIPAIS ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA COLOMBINA”.**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação apresentada como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Mestre em  
História Ibérica pela Universidade Federal de  
Alfnas. Área de concentração: Ensino e  
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 24/09/2019

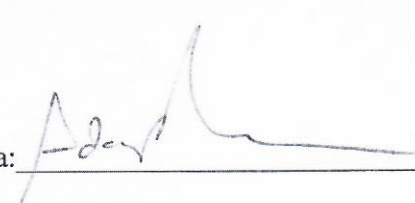
Profa. Dra. Aparecida Maria Nunes  
Instituição: Universidade Federal de Alfnas  
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Profa. Dra. Consuelo Varela  
Instituição: Universidad de Sevilla – Espanha-ES

Assinatura: 

Prof. Dr. Adailson José Rui  
Instituição: Universidade Federal de Alfnas  
UNIFAL-MG

Assinatura: 



Para minha mãe Sheila, Estrela Polar, sempre me apontando o Norte.

## AGRADECIMENTOS

É de bom tom que não listemos qualidades próprias, contudo se me fosse solicitado apresentar aquela que reputo ser a melhor em mim, sem pestanejar, eu diria que é a gratidão. E é com esse sentimento que levanto as âncoras para a apresentação deste trabalho que só se realizou porque não naveguei sozinho, e por isso mesmo, com muita satisfação passo publicamente a agradecer:

À Universidade Federal de Alfenas, pela oportunidade de ser discente em uma instituição centenária, reconhecida “acá e no além-mar”.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Maria Aparecida Nunes, por ter magistralmente acumulado as funções de tutora e psicóloga, bússola primeira do estudo que ora apresento à comunidade acadêmica e ao público em geral.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da UNIFAL, em especial ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Adailson José Rui, pela competência com que capitaneia o Mestrado Profissional em História Ibérica, e por sua participação nas bancas de qualificação e defesa, na pessoa de quem agradeço também a todos os excepcionais professores do PPGHI.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Marcos Roberto de Faria pela presença na banca de qualificação, ocasião em que me brindou com importantes sugestões.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Carlos Tadeu Spierscki, pelo rumo mostrado aos mestrandos na disciplina “Seminário de Projetos” na direção da leitura crítica, a qual foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

À FAPEMIG pelos ventos favoráveis de apoio que me proporcionaram realizar investigações em importantes arquivos documentais na Espanha.

Ao Sr. José Manuel Calderón Ortega, diretor do *Archivo de la Casa de Alba* (Madrid); a Sr<sup>a</sup> Nubia Casquete de Prado Sagrera, diretora da *Institución Colombina* (Sevilha) e o Sr. Manuel Ravina, diretor do *Archivo General de Indias* (Sevilha), pela cortesia com que me receberam a bordo quando de minha visita para consulta de documentos relativos a Cristóvão Colombo e a descoberta da América pertencentes aos acervos das referidas instituições.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Consuelo Varela, da *Escuela de Estudios Hispano-Americanos* (EEHA-Sevilha); almirante-mor da historiografia colombina na atualidade, pela indicação providencial de leituras e a participação na banca de defesa.

Aos meus colegas que ingressaram no PPGHI em 2017, que muito me incentivaram, e com quem dividi momentos naturais de ansiedade em meio às tempestades comuns na travessia de um mestrando.

Por último, mas não menos importante, a Cristóvão Colombo, Almirante do Mar Oceano, com quem aprendi muito sobre perseverança, após mais de dois anos navegando ao seu lado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“La mayor cosa después de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de Indias; y así las llaman Nuevo Mundo”.

(GÓMARA, 1552)

## RESUMO

Cristóvão Colombo é uma das mais importantes personagens na história da humanidade, motivo pelo qual não são poucos os estudos acadêmicos e obras de vários historiadores principalmente a partir do século XIX, que procuraram e ainda procuram entender o homem e seu maior feito, a descoberta da América. No entanto, quando consideramos a produção brasileira de trabalhos relacionados a esses temas, percebemos uma escassez de estudos e produção bibliográfica que é visivelmente incompatível com a relação que ambos apresentam com nossa história. A maior parte da produção nacional abordando o assunto está direcionada a aspectos do imaginário europeu dos séculos XIV ao XVI, e de análises literárias, principalmente dos diários da descoberta da América; deixando uma lacuna no que se refere a trabalhos eminentemente historiográficos. Tal constatação motivou a presente pesquisa, cujo objetivo além de colaborar no preenchimento desse vazio, pretende analisar as contribuições dos principais historiadores colombinos, a fim de demonstrar aos estudiosos brasileiros o vasto campo que Colombo e sua chegada ao Novo Mundo ainda oferecem aos investigadores, em especial àqueles afeitos ao período das Grandes Navegações. Exatamente nessa possibilidade reside o problema de pesquisa principal a que nos propusemos tentar responder, qual seja: a existência ainda de muita controvérsia entre os especialistas em suas conclusões sobre diversas questões envolvendo o descobridor e a abertura da rota ocidental do Atlântico no ocaso do século XV. Embora Cristóvão Colombo seja uma das grandes figuras da história que mais nos deixou escritos autógrafos, a ambiguidade de sua personalidade levantou muitos questionamentos ao longo dos anos, tanto em relação ao que revelou quanto ao que parece ter ocultado propositadamente. Sua nacionalidade; primeiros anos de vida e de navegações; a discussão sobre uma possível origem judia; a maneira como chegou a Portugal; sua viagem pelo Atlântico Norte; os anos de peregrinação junto a corte dos Reis Católicos, numa persistência jamais vista em outro navegador para aprovar um projeto de descoberta; suas quatro viagens, uma verdadeira epopeia de glória e humilhação; sua morte e a disputa por seus ossos; e o surgimento de inimigos do futuro; questões estas que às vezes colocam em choque os historiadores, fato que nos instigou a verificar quais novas perguntas podem nos levar a compreender as respostas já dadas sobre Colombo. Considerando as controvérsias que ainda existem entre os historiadores, ao fazermos uma análise crítica da historiografia colombina, indagamos também até que ponto as teorias da escrita da história podem nos auxiliar a entender melhor o universo de Cristóvão Colombo e da descoberta da América. Em razão da característica profissional do Mestrado em História Ibérica

da Unifal-MG, desenvolvemos um Objeto de Aprendizagem utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação direcionado aos alunos do ensino fundamental e médio para o estudo da descoberta da América.

Palavras-chave: Cristóvão Colombo. Descoberta da América. Historiografia colombiana. Teoria da escrita da história. Objeto de Aprendizagem.

## RESUMEN

Cristóbal Colón aparece como uno de los personajes más importantes en la historia humana, razón por la cual hay muchos estudios académicos y trabajos de varios historiadores principalmente del siglo XIX que buscaran y todavía siguen tratando de entender al hombre y el su mayor hecho, la descubierta de América. Sin embargo, cuando consideramos la producción brasileña de obras relacionadas con estos temas, hay una escasez de estudios y producción bibliográfica que es visiblemente incompatible con la relación que ambos tienen con nuestra historia. La mayoría de los estudios nacionales abordando el tema está dirigido a aspectos del imaginario europeo del siglo XIV al XVI y el análisis literario especialmente del diario del descubrimiento de América, dejando un espacio con respecto al trabajo eminentemente histórico. Esto condujo a la presente investigación, cuyo objetivo además de colaborar en llenar este vacío, tiene la intención de revisar las contribuciones de los principales historiadores colombinos, a fin de demostrar a los estudiosos brasileños el vasto campo que Colombo y su llegada al Nuevo Mundo todavía ofrecen a los investigadores, principalmente los afectados por el período de las grandes navegaciones. Exactamente en esta posibilidad radica el problema de la búsqueda que salimos a tratar de responder, que es: la existência, todavía, de mucha controversia entre los expertos en sus conclusiones sobre diversos temas que involucran el descubridor y el apertura de la ruta occidental del Atlántico en la puesta de sol del siglo XV. Aunque Cristóbal Colón es una de las grandes figuras de la historia que más nos ha dejado escritos autógrafos, la ambigüedad de su personalidad plantea en los años muchas preguntas sobre lo que reveló y acerca de lo que parece ha ocultado deliberadamente. Su nacionalidad; vida temprana y navegaciones; la discusión sobre un posible origen judío; la manera como llegó a Portugal; su viaje por el Atlántico Norte; los años de peregrinación cerca de la corte de los Reyes Católicos, una persistencia nunca vista en otro navegador para aprobar un proyecto de descubrimiento; sus cuatro viajes, verdadera epopeya de gloria y humillación; su muerte y la controversia sobre sus huesos; y la aparición de los enemigos del futuro; temas que ponen a veces en choque a los historiadores. Eso nos instigó a investigar que nuevas preguntas nos pueden traer las respuestas ya dadas sobre Colón. Frente a este problema, haciendo un análisis crítico de la historiografía colombina, también se hará el escrutinio del grado en que las teorías de la escritura histórica nos ayuda a entender mejor el universo de Cristóbal Colón y del descubrimiento de América. En razón de la característica profesional del Máster en Historia Ibérica de la Unifal-MG, desarrollamos un Objeto de Aprendizaje utilizando las nuevas

tecnologías de información y comunicación dirigidas a los alumnos de la enseñanza fundamental y media para el estudio del descubrimiento de América.

Palabras-clave: Cristóbal Colón. Descubrimiento de América. Historiografía colombiana. Teorías de la escritura histórica. Objeto de Aprendizaje.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cristóvão Colombo.....	25
Figura 2 - Documento Asseretto. ....	38
Figura 3 - Detalhe da "acta de mayorazgo", onde Colombo fez constar: 'siendo yo nacido en Génova'. ....	43
Figura 4 - Carta de Colombo ao filho Diego (29 de abril de 1498), na qual aparece a misteriosa assinatura .....	58
Figura 5 - A Corte Judia dos Reis Católicos. Afresco (anônimo) do século XIV.....	67
Figura 6 - O mundo medieval (1457) em um planisfério anônimo copiado do original de Toscanelli, hoje perdido. O mapa mostra a geografia ptolemaica (século II EC). ....	68
Figura 7 - Imaginário dos marinheiros europeus durante a Idade Média. Gravura do século XIV de autoria desconhecida.....	69
Figura 8 - Astrolábio e Quadrante, instrumentos náuticos da época das Grandes Navegações..	81
Figura 9 - D. João II, o "príncipe perfeito", reinou em Portugal de 1481 a 1495. Porto de Lisboa no século XVI. ....	117
Figura 10 - O Mosteiro de La Rábida permanece até hoje sob o cuidado dos frades franciscanos na cidade de Palos de la Frontera. ....	120
Figura 11 - Fernando e Isabel, os Reis Católicos. Detalhe do quadro "La Virgen de los Reyes Católicos" de autor anônimo (século XV).....	123
Figura 12 - Córdoba (século XVI). Gravura de Jorge Braun (1582-1618). ....	126
Figura 13 - Duas páginas do testamento de Colombo de 19 de maio de 1506.....	131
Figura 14 - Colombo na Ponte dos Pinos saindo de Granada.Gravura de Gustave Alaux (1887-1965). ....	144
Figura 15 - As Capitulações de Santa Fé. ....	153
Figura 16 - Réplicas em maquete da provável aparência dos navios do descobrimento. Da esquerda para a direita a Niña, a Pinta, e a Santa Maria.....	160
Figura 17 - Gravura retratando o momento em que Colombo engana os índios na Jamaica usando um eclipse da lua.....	234
Figura 18 - Monumento fúnebre a Cristóvão Colombo na Catedral de Sevilha-Espanha.....	238
Figura 19 - Detalhe do Mapa Mundi (1507) de Martin Waldseemüller.....	241
Figura 20 - Imagem de Américo Vespúcio no mapa de Waldseemüller.....	244
Figura 21 - Cartaz contra a comemoração do "Dia de Colombo"(Columbus Day) nas escolas americanas, e selo comemorativo dos 500 anos do descobrimento da América. ...	247
Figura 22 - Declínio da População dos Taínos pós-invasão da Ilha Española.....	255
Figura 23 - Gravura mostrando Frei Brandão e seus companheiros monges no dorso de uma baleia. ....	283

Figura 24 - Portal off-line do OA.....	301
Figura 25 - Portal offline do OA. ....	302
Figura 26 - Atividades de fixação. Modelo Xerte. ....	302
Figura 27 - Possibilidade de auto-avaliação com o modelo de atividade Xerte.....	303
Figura 28 - Vídeo sobre o descobrimento da América inserido nos exercícios de fixação do OA- Modelo Xerte.....	303
Figura 29 - Imagem parcial do Globo Terrestre inserida a partir do Google Maps para visualização mais realista da Rota do Descobrimento. OA-Modelo Xerte.....	304

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Primeira viagem de Vasco da Gama a Índia. ....	72
Mapa 2 - Provável rota do Piloto Anônimo, segundo Juan Manzano. ....	95
Mapa 3 - O Mapa de Toscanelli (1474) sobreposto sobre o contorno das Américas...	103
Mapa 4 - Rota da primeira viagem. ....	174
Mapa 5 - Mapa da viagem que Colombo imaginou ter realizado em 1492.....	175
Mapa 6 - Concepção inicial de Colombo de Cuba como sendo uma península da Ásia. .....	188
Mapa 7 - Rota da segunda viagem. ....	193
Mapa 8 - Na terceira viagem Colombo já considerou a extensão de terra em frente al Golfo de Pária, como "outro mundo", a terra firme "de acá", onde imaginou que estaria o Paraíso Terrestre. ....	199
Mapa 9 - Rota da terceira viagem.....	216
Mapa 10 - Representação da linha de Tordesilhas no mapa enviado por Colombo aos Rei Católicos em 1494. Observe-se dentro do círculo à esquerda a ilha de Cuba como uma península da Ásia, segundo a concepção de Colombo.....	220
Mapa 11 - Rota de Diego Méndez.....	227
Mapa 12 - Rota da quarta viagem.....	235

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	17
<b>2</b>	<b>O HOMEM ANTES DO FEITO</b>	24
2.1	NASCIMENTO E ORIGENS	27
2.2	A TESE PORTUGUESA	28
2.3	A TESE ESPANHOLA	32
2.4	A TESE GENOVESA	39
2.5	INFÂNCIA E EDUCAÇÃO	47
2.6	JUVENTUDE E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO MAR	53
2.6	A TESE DE UM COLOMBO JUDEU OU CONVERSO	56
<b>3</b>	<b>O PROJETO COLOMBINO: A GÊNESIS DO DESCOBRIMENTO</b>	67
3.1	COLOMBO EM PORTUGAL: NAVEGAÇÕES NO ATLÂNTICO	72
3.2	O CASAMENTO CONVENIENTE	82
3.3	O PILOTO ANÔNIMO: LENDA OU SEGREDO DE COLOMBO?	87
3.4	A CARTA DE TOSCANELLI E A RECUSA DO REI DE PORTUGAL AO PROJETO DE COLOMBO	98
<b>4</b>	<b>O PÉRIPOLO DE CRISTÓVÃO COLOMBO NA CORTE DOS REIS CATÓLICOS</b>	118
4.1	CHEGADA AO MOSTEIRO DE <i>LA RÁBIDA</i>	118
4.2	BEATRIZ ENRÍQUEZ DE ARANA	123
4.3	UMA INSISTÊNCIA OBSTINADA	131
4.4	A ASSEMBLÉIA DE SANTA FÉ	141
4.5	AS CAPITULAÇÕES DE SANTA FÉ	147
<b>5</b>	<b>AS QUATRO VIAGENS</b>	153
5.1	A PRIMEIRA VIAGEM: HAVIA UM NOVO MUNDO NO CAMINHO	154
5.2	A SEGUNDA VIAGEM: INÍCIO DA COLONIZAÇÃO	175
5.3	A TERCEIRA VIAGEM: A QUEDA DO ALMIRANTE E O JULGAMENTO DE BOBADILLA	193

5.4 A QUARTA VIAGEM: “ <i>El alto viaje</i> ” .....	216
<b>6 O FIM, UM NOME PARA O NOVO MUNDO, E OS INIMIGOS DO FUTURO</b> .....	<b>235</b>
6.1 VALHADOLID, 20 DE MAIO DE 1506 .....	236
6.2 UM NOME PARA O NOVO MUNDO.....	238
6.3 INIMIGOS DO FUTURO: O “POLITICAMENTE CORRETO” SE INSURGE CONTRA COLOMBO .....	245
<b>7 VERDADE HISTÓRICA OU REALIDADE DAS ILUSÕES: A TEORIA DA ESCRITA DA HISTÓRIA PODE AJUDAR A EXPLICAR COLOMBO? ...</b>	<b>261</b>
7.1 CRISTÓVÃO COLOMBO: UMA PERSONAGEM QUE DESAFIA A HISTÓRIA E SUA ESCRITA. ....	261
7.2 VERDADE HISTÓRICA OU A REALIDADE DAS ILUSÕES: O ELEMENTO NARRATIVO E A HISTORIOGRAFIA COLOMBINA .....	271
<b>8 OBJETO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>295</b>
7.1 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....	295
7.2 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZADO E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	297
7.3 O OBJETO .....	299
7.4 IMAGENS ILUSTRATIVAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	301
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>306</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>314</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1892 durante as comemorações do IV centenário do descobrimento da América, promovido pelo governo italiano, representantes de países de todos os cinco continentes deixaram no livro de honra do evento suas mensagens exaltando o feito do genovês Cristóvão Colombo, protagonista da descoberta da América, uma das maiores realizações da história humana, senão a maior. Entre os convidados que participaram das homenagens figurava o brasileiro Antônio Luís Von Hoonholtz, mais conhecido por nós como Barão de Tefé, almirante da marinha brasileira e herói da batalha naval do Riachuelo por ocasião da Guerra do Paraguai. Embaixador do Brasil em Roma na época, e membro correspondente das academias de ciências de Paris e de Madri, o diplomata brasileiro, após mencionar várias agruras e ditas injustiças sofridas por Colombo, finalizava sua mensagem datada de 20 de fevereiro de 1892, com as seguintes palavras:

E novas nacionalidades cheias de energia e de vigor fundam-se e prosperam n'esse vasto continente que ele, só ele, fizera surgir do desconhecido, e que se chama “América”, porque a ingratidão é o apanágio da humanidade[...] Eu, porém, e comigo os homens de coração o reconheceremos sempre, como: O mundo de Colombo! (VON HOONHOLTZ, 1892, p. 5).

Ao iniciarmos a apresentação deste nosso trabalho, nada poderia ser mais adequado que essas linhas escritas pelo Barão de Tefé. A historiografia brasileira tem mostrado uma “ingratidão” tanto em relação a Cristóvão Colombo, como a respeito de seu feito maior, a descoberta da América. Tal constatação, como procuraremos demonstrar neste introito, longe de conter qualquer exagero, se mostrou visível no momento em que iniciamos nossa pesquisa. Não obstante, a revelação da existência do Novo Mundo ocorrida no apagar das luzes do século XV, e a vida do ator principal deste acontecimento, figurarem como temas dos mais exaustivamente estudados por historiadores dos quatro cantos do mundo, no meio acadêmico e erudito brasileiro têm sido abordados de forma bastante tímida. A bem da verdade, o único historiador brasileiro com um trabalho específico e aprofundado sobre a temática colombina é Francisco Adolfo de Varnhagen nos distantes anos do século XIX, quando escreveu : *La Verdadera Guanahani de Colon*<sup>1</sup>, um estudo sobre a questão do local do primeiro desembarque dos europeus na América, e mesmo assim ,como se pode constatar pelo título, a obra foi escrita

---

<sup>1</sup> Publicado pela Imprensa Nacional do Chile em 1864.

e publicada em espanhol. Embora a tese que defendeu já esteja superada, a estreita relação das questões envolvendo Colombo com nossa história pode ter sido a inspiração para Varnhagen desenvolver um estudo de peso sobre o assunto, a ponto de receber reconhecimento de grandes nomes da historiografia colombina, sendo inclusive o único autor brasileiro citado<sup>2</sup> nas importantes obras escritas por grandes colombistas e referenciadas em nosso texto. Outro escritor brasileiro em cuja principal obra, *A Visão do Paraíso*, publicada na década de sessenta, Colombo é presença constante, é Sérgio Buarque de Holanda, ressaltando que seu trabalho é totalmente direcionado ao maravilhoso (*mirabilia*) envolvido na descoberta do Novo Mundo. Não ignoramos a importância do estudo do imaginário europeu medieval para a construção da história dos descobrimentos, em especial no período das Grandes Navegações, contudo basta uma pesquisa no *Banco de Teses e Dissertações* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>3</sup>, para constatar que o tema colombino no Brasil tem sido abordado praticamente restrito às mencionadas questões do fantástico, do elemento da alteridade e a análises literárias baseadas nos *Diários da Descoberta da América*, e algumas crônicas da época das navegações. O resultado dessa limitação pode ser visto, infelizmente, na ocorrência de erros grosseiros nas poucas publicações em português, em geral didáticas, encontradas no Brasil; a exemplo da única versão vernacular no país dos *Diários da Descoberta da América*, que além de oferecer um texto limitadíssimo, apresenta na sua introdução e comentários afirmações errôneas que passam incólumes pelo leitor desavisado. Outra evidência da nossa carência de produção acadêmica e erudita sobre a temática colombina é o fato de que sequer termos traduzidos para o português as obras dos mais consagrados estudiosos do assunto, ao contrário do que ocorre em outros países, tendo em vista que a bibliografia referente a Colombo é uma das mais ricas à disposição dos interessados.

Diante de tais constatações, conscientes da limitação de uma dissertação de mestrado, este trabalho pretende minimizar um pouco a deficiência do estudo de Cristóvão Colombo e da descoberta da América no meio acadêmico nacional. A tarefa não é simples, e logo no início de nosso projeto de pesquisa deparamos com um desafio: a delimitação do tema. Em razão das questões que expusemos nos parágrafos anteriores, se “pinçássemos” apenas um dos diversos problemas específicos que a vastidão da matéria oferece como objeto de pesquisa, e que têm sido explorados por investigadores do mundo inteiro, muito provavelmente a pouca

---

<sup>2</sup> Varnhagen é citado, por exemplo, nas obras de Ballesteros, Manzano e Taviani.

<sup>3</sup> Para verificação do que constatamos basta acessar o endereço eletrônico do Banco de Teses e Dissertações(CAPES), inserindo “ Cristóvão Colombo” ou “ Descoberta da América” na opção de busca: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

familiaridade de nossa comunidade científica com as discussões no âmbito da historiografia colombina seria um obstáculo para a compreensão da pertinência de nosso projeto. Exatamente por conta disso, entendemos que o mais adequado seria delimitar nossa investigação de forma que não nos impedisse de apresentar uma abordagem ampla das questões enfrentadas pelos historiadores colombinos ao longo de vários séculos; e assim, talvez, chamar a atenção de nossos colegas pesquisadores para a variedade de possibilidades e necessidades de pesquisa histórica que o universo colombino oferece. Nesse sentido, a maneira que encontramos para delimitar e ao mesmo tempo justificar o estudo amplo do tema, foi o de proceder a uma análise crítica da historiografia colombina inserindo-a dentro de uma esfera que enfatizasse as principais controvérsias que são motivo de muito debate, principalmente a partir do século XIX. Assim, procuramos dentro de uma sequência lógica dos eventos da vida de Colombo, promover o diálogo entre os principais historiadores que se dedicaram e se dedicam a descobrir o descobridor, sempre destacando os aspectos que ainda apresentam pontos controversos.

Tal formatação nos permitiu, assim acreditamos, realizar um estudo abrangente e ao mesmo tempo delimitado, sem nos abstermos da necessidade de começar a preencher a lacuna que identificamos haver em nossa historiografia no que tange a Colombo. Partimos do início da vida do descobridor, passando pelos seus primeiros anos de navegação, os tempos difíceis em que laborou para obter apoio para seu plano de descobrimento, a realização das quatro viagens ao Novo Mundo, até a sua morte e pós-morte, sempre privilegiando a polêmica.

Estabelecida a premissa para nosso trabalho, procuramos encontrar a resposta ou respostas para os problemas identificados em nosso projeto; a saber: em quais questões podemos concluir que existe consenso entre os historiadores colombinos? Por que algumas respostas ao invés de trazer soluções, geraram novas perguntas ainda não respondidas? E o problema principal: Existem perguntas que ainda não foram feitas, e que poderiam fornecer novos esclarecimentos ou novas discussões? Para alcançar nosso objetivo fizemos um profícuo levantamento bibliográfico que em um primeiro momento foi de extrema importância em razão da variedade de estudos já realizados pelos historiadores especializados na análise da vida de Colombo. Tal fase foi fundamental, pois nos permitiu identificar as principais obras e autores que gastaram boa parte de suas vidas investigando o descobridor e seus feitos, ficando claro para nós que qualquer pesquisa que se pretenda desenvolver sobre o tema não pode prescindir de alguns historiadores, principalmente a partir do século XIX, a exemplo de: Alexander Von Humbolt, Filson Young, Washington Irving, José Maria Asensio, Ramón Menendez Pidal, Martín Fernandez de Navarrete, Cesare de Lollis, Henry Vignaud, Angel de Altolaquirre y Duvale, Alicia B. Gould, Salvador de Madariaga, Samuel. E. Morison, Antonio de Ballesteros



Beretta, Antonio Rumeu de Armas, Juan Manzano y Manzano, Juan Perez de Tudela y Bueso, Manuel Serrano y Sanz, Paolo Emilio Taviani, Juan Gil, Luis Arranz Márquez, Consuelo Varela; apenas para citar alguns dos chamados historiadores colombinos modernos que somados a outros importantes nomes, valeram-nos como referencial teórico e sustentáculo desta dissertação.

Como requer toda pesquisa histórica, fizemos nossa própria incursão nas fontes primárias para obtermos um melhor entendimento das conclusões a que chegaram os historiadores modernos, analisando exaustivamente a obra de: Fernando Colombo, Bartolomé de Las Casas, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Francisco López de Gómara, Andres Bernaldez, Pedro Mártir de Angleria, entre outros; bem como os escritos autógrafos de Colombo e outras personagens contemporâneas suas, os quais são possíveis de serem estudados em compilações como a Coleção Navarrete, a *Raccolta Colombiana*<sup>4</sup>; e as excelentes coletâneas documentais de Consuelo Varela e Juan Gil. Poucas personagens históricas deixaram tantos documentos autógrafos como Cristóvão Colombo, fato que em um primeiro momento poderá parecer um facilitador para o pesquisador, no entanto, paradoxalmente se torna um problema quando nos deparamos com situações em que somos obrigados a questionar se o descobridor escreveu com a intenção de revelar ou de ocultar a verdade. Quem quer que se proponha a investigar Colombo deve se preparar para lidar com o ambíguo e o paradoxal.

Além da utilização de um robusto referencial teórico material e a consulta às fontes primárias, ao percebermos que os historiadores especialistas no tema nem sempre estão de acordo em algumas de suas conclusões, decidimos fazer com que esta nossa análise crítica dos principais aspectos da historiografia colombina passasse por um exame<sup>5</sup> à luz da teoria da

---

<sup>4</sup> As principais fontes para as viagens de Colombo são seus próprios escritos, tão logo eles foram preservados intactos, em epítome ou incorporado em narrativas históricas, como a *Historie* de seu filho Fernando ou a *História das Índias* de Bartolomé de Las Casas. Os Textos originais de todos os escritos de Colombo que puderam ser identificados, foram publicadas por Lollis na *Raccolta Colombiana* (1892-1896). Os mais importantes foram editados por Navarrete, em cuja coleção foi publicado pela primeira vez o compêndio que fez Las Casas do diário da primeira viagem” (BOURNE, 2013, p. 413, tradução nossa).

<sup>5</sup> Nestes dois anos e meio em que mergulhamos nos livros e artigos dos principais historiadores da vida de Colombo e da descoberta da América não encontramos nenhuma tentativa nos estudos consultados de lançar mão da teoria da escrita da história como um apoio para a análise das questões que o tema colombino suscita. Evidentemente não podemos afirmar que tal já não foi feito, haja vista a impossibilidade de percorrer toda a bibliografia colombina nesse período de tempo, entretanto, o fato de termos explorado, como dito, as mais prevaletentes referências da matéria, sem identificar essa forma de diagnóstico histórico aplicada a nosso objeto de pesquisa, tal constatação pode sugerir ares de ineditismo em nosso trabalho nesse particular; o que nos deixa bastante cientes de que qualquer conclusão a que chegarmos no âmbito da historiografia colombina e sua relação com a teoria da escrita da história, necessitará ser considerada com a precaução devida.

escrita da história, no intuito de verificar se este ramo do conhecimento histórico pode ser um aliado na busca de uma melhor interpretação de questões referentes a Colombo e a descoberta da América que ainda provocam discussões acadêmicas, e que colocam os interlocutores, às vezes, em posições antagônicas. A razão de que além do referencial teórico historiográfico buscamos amparo nos teóricos da escrita da história reside no pensamento de que o modo de interpretar o passado não pode desconsiderar a importância do elemento narrativo em sua confecção, supondo que aquilo que foi escrito, seja relato ou documento, não obstante revestir-se de uma materialidade de certa forma imutável em sua essência, não o é do ponto de vista da relatividade de sua interpretação.

O presente texto, além da introdução, foi dividido, em seis seções. As quatro primeiras foram dispostas cronologicamente para de forma lógica e sequencial percorrer os principais aspectos da historiografia colombina. Primeiramente discorreremos sobre o início da vida do descobridor, com ênfase na sua nacionalidade; infância e educação; primeiros anos de navegação; e uma discutida origem judia de sua família; questões que ainda apresentam pontos de interrogação. Seguimos então para um dos aspectos mais discutidos entre os historiadores: o pré-descobrimento, ou seja, a chegada de Colombo a Portugal e a gênese de seu projeto de navegação para alcançar o Oriente pela via do Ocidente. Continuamos com a ida do navegador para a Espanha a fim de pleitear junto a corte dos Reis Católicos a aprovação e o financiamento de seu projeto, após ter sido recusado pelo rei Dom João II de Portugal. Na sequência expomos os principais acontecimentos e as discussões históricas envolvendo as quatro viagens ao Novo Mundo. Passamos então a analisar a morte de Colombo, bem como a polêmica sobre o nome atribuído ao continente descoberto, e o surgimento de “inimigos” futuros do descobridor. Por último promovemos uma análise do conceito de verdade histórica por meio da teoria da escrita da história e do papel do elemento narrativo na tessitura dos relatos históricos, verificando sua relação com a historiografia colombina.

Como parte da apresentação do trabalho incluímos na última seção o Objeto de Aprendizagem, criado com recursos da tecnologia da informação com a finalidade de proporcionar aos alunos do ensino fundamental e médio do sistema público de educação o estudo da descoberta da América por meio de uma página eletrônica para acesso *off-line* e exercícios interativos com a plataforma *Xerte*, requisito do *Programa de Pós-Graduação em História Ibérica* (PPGHI) em razão de sua característica de mestrado acadêmico e profissional.

Também foi adicionado ao longo do texto alguns *fac-símiles* de documentos pertinentes a historiografia colombina, bem como algumas imagens correlatas ao tema, e mapas.

A propósito das citações referenciais trazidas para o texto é importante observar que pelo fato de que na sua grande maioria foram tiradas de obras e artigos em idioma estrangeiro, a saber: espanhol, inglês, italiano, francês, alemão, e ainda o latim; quando utilizadas foram vertidas em tradução livre de nossa autoria, e disponibilizado em notas de rodapé o texto original na língua correspondente. Diferentemente da forma das citações dos referenciais teóricos, em que trazemos a nossa livre tradução no corpo do texto e o original em notas de rodapé, quando citadas as fontes primárias fizemos o contrário, colocando em primeiro plano a versão original e a versão em português no rodapé, objetivando dessa forma destacar as fontes primárias. No decorrer do texto apresentamos algumas imagens e mapas sem que necessariamente sejam comentadas, porquanto resta implícito sua correlação e pertinência com o assunto em pauta. Com relação às obras consultadas, tanto as fontes originais como os estudos publicados no século XIX e início do século XX, embora existam reproduções atuais, a dificuldade em obtê-las nos fez optar pelo uso das versões antigas, todas elas de domínio público e que foram obtidas no endereço eletrônico *archive.org*, e que podem ser consultadas, baixadas em arquivo PDF, e impressas por qualquer pesquisador ou leitor bastando um cadastramento gratuito no referido sítio eletrônico. De forma alguma o não uso das versões atuais dessas obras trouxe prejuízo para nossa investigação, ao contrário, as publicações originais são de uma observância espartana das normas científicas de publicação, posto que a diferença das impressões modernas se limita a alguma atualização na grafia do idioma. A única exceção a essa observação é com relação a *Historia de las Indias* do Frei Bartolomé de Las Casas, uma das principais fontes primárias para qualquer estudioso da temática colombina, cuja edição utilizada por nós, é a venezuelana<sup>6</sup> de 1986, apresentada em três volumes, motivados que fomos pela fidedignidade de sua reprodução do texto no castelhano antigo e a primorosa introdução e notas, ambas de autoria de André Saint-Lu<sup>7</sup>, e que são ímpares para a compreensão da escrita de Las Casas.

Durante o tempo dispendido para a confecção desta dissertação tivemos a oportunidade de nos familiarizar com vários estudiosos do presente e do passado que navegaram por diferentes mares que a historiografia colombina colocou diante deles e que agora se abrem também para nós, e na medida que adentramos nessas águas, basta percorrer poucas léguas para

---

<sup>6</sup> Publicada pela Biblioteca Ayacucho, Caracas, 1986.

<sup>7</sup> André de Saint-Lu (1916-2009). Doutor em letras, e professor emérito da Universidade de Sorbonne-Paris.

que sejamos cada vez mais atraídos para o alto mar, e é neste momento que nos vemos cercados por ondas vindas de todos os lados, tornando difícil escolher que rumo seguir, e mesmo assim a força da história do Almirante do Mar Oceano, como o canto de uma sereia, parece nos puxar ainda mais para o meio do turbilhão. Mais de quinhentos anos se passaram e Colombo ainda tem o poder e o carisma para atrair tripulantes às suas caravelas. Para nos levar a descobrir.

## 2 O HOMEM ANTES DO FEITO

A primeira coisa que percebemos após avançar no terreno da historiografia colombina é que não há como entender o Almirante do Mar Oceano separado de seu maior feito. Talvez em toda a história humana ninguém esteja tão amalgamado a um evento como no caso de Colombo e suas viagens de descoberta. Para tentarmos obter algumas respostas ainda não dadas e achar perguntas ainda não feitas, precisamos começar bem antes daquele 12 de outubro de 1492, quando alguns espanhóis desembarcaram de seus botes em uma das praias da ilha de *Guanahani* sob o olhar curioso e amedrontado dos habitantes primitivos daquela terra.

Cristóvão Colombo é uma personagem cuja vida tem sido alvo de várias análises tanto no meio acadêmico quanto na literatura independente (leia-se: aquela que foge a ortodoxia historiográfica); na maioria das vezes perscrutando a saga da descoberta da América<sup>8</sup>. No entanto, o objetivo deste trabalho é adentrar um pouco mais em aspectos da personalidade e do ânimo do descobridor. Não poucos historiadores fizeram alusão ao aspecto misterioso de sua pessoa, referindo-se em geral a informações que parecem ter sido ocultadas de propósito por ele próprio. Embora, tais considerações tenham sua importância, é necessário considerar que poucos vultos de destaque na história humana deixaram tantos escritos como Colombo. Foram relatos, cartas, documentos e anotações, alguns de autenticidade questionada, outros cravados por vários especialistas como totalmente fidedignos. “Quase nenhum indivíduo de seu tempo – certamente nenhum outro navegador – jamais escreveu tanto sobre si mesmo ou revelou tanto sobre si em seus escritos” (FERNANDÉZ-ARMESTO, 1992, p. 9)<sup>9,10</sup>. Essa informação é indicação de que muito dos “mistérios” que circundam a vida de Colombo, talvez precisem ser analisados, com uma exegese mais profícua dos escritos de sua autoria que chegaram até nós.

---

<sup>8</sup> Não cabe aqui em razão do propósito desta pesquisa que discutamos as teorias sobre a chegada de outros navegadores ao continente americano antes de Colombo. Não obstante a pertinência para história em se debater o tema – sobre o qual não faltam publicações – uma vez que o intuito deste trabalho é a pessoa e o feito do descobridor, entendemos ser suficiente para nosso propósito tecer as considerações sob a visão (praticamente consensual) de que o Velho Mundo começou a tomar consciência de um Novo (e outro) Mundo quando o navegador genovês a serviço da Espanha retornou após sua primeira viagem. Para alguns estudos (entre vários) sobre possíveis navegações a América anteriores a Colombo, cf MENZIES, Gavin. **1421: O ano em que a China descobriu o mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006; INGSTAD, Helge. **The viking discovery of America**. New York: Breakwater Books, 2001; VAN SERTIMA, Ivan. **They came before Columbus: the african presence in ancient America**. New York: Random House, 2003.

<sup>9</sup> Todas as citações de textos em línguas estrangeiras ao longo da dissertação referentes a nosso referencial teórico serão vertidas para o português em livre tradução de nossa autoria, ao mesmo tempo em que o trecho no idioma original será apresentado em nota de rodapé.

<sup>10</sup> “Almost no individual of his time – certainly no other professional mariner – ever wrote so much about himself or revealed so much of himself in his writings”.

De fato, há outro problema ao qual Fernandéz-Armesto também alude e que chama a atenção de qualquer pesquisador que se aventure na investigação do tema:

Ele é um escritor notoriamente difícil de traduzir; sua mão era difícil de ler, uma grande parte de seu trabalho sobrevive apenas em cópias feitas em uma ou duas versões do original[...] Além disso, ele escrevia em um espanhol de estrangeiro, cheio de usos idiossincráticos ou imprecisos. (FERNANDÉZ-ARMESTO, 1992, p. 13)<sup>11</sup>.

Quem foi realmente Colombo? Aventureiro, mercenário, apostador, evangelista, profeta, conquistador, louco, ou apenas um sonhador, ou quem sabe tudo isso junto. Uma coisa é certa: poucos homens na história despertaram e ainda despertam tanta curiosidade e polêmica como o genovês alto, de cabelos brancos (outrora ruivos) e a tez vermelha<sup>12</sup> que impressionou Isabel I ao defender com uma persistência inabalável um projeto considerado por muitos da época como insano. Não há nenhuma pintura ou desenho reconhecidamente originais que retratem o descobridor. Na Figura 1, apresentamos uma versão das mais utilizadas.

Figura 1- Cristóvão Colombo.



Fonte: Varela (2005, p. 97). Acervo: Museu do Mar e da Navegação (Gênova).

Não são poucos os historiadores que consideram Cristóvão Colombo um “homem sem passado”, contudo a despeito da opinião desses estudiosos, não parece ser o caso de alguém sem passado, até porque tal possibilidade não existe, como súditos do tempo todos nós estamos sob a sua esfera de domínio: passado, presente e futuro. É mais plausível que Colombo não

<sup>11</sup> “He is a notoriously difficult writer to translate. His hand was hard to read and much of his work survive only in copies made at one or two removes from the original [...] Moreover, he wrote a foreigner’s Spanish, full of idiosyncratic or inaccurate usages”.

<sup>12</sup> A real fisionomia de Colombo é desconhecida, por isso mesmo ele foi representado de várias formas.

desejasse que o compartimento de sua vida antes de se tornar o Almirante do Mar Oceano, fosse aberto:

Ao contrário do que muitos pensavam, a resposta não é que Colombo não tinha passado, senão que viveu um medo enorme de que sua origem fosse conhecida, e, portanto, fez de tudo para escondê-lo do mundo exterior. Este medo era tão grande que até seu próprio filho, Fernando não sabia de onde veio seu pai. A maioria dos historiadores e especialistas em Colombo estimam que o descobridor descendia de uma pobre família genovesa de tecelões chamada Colombo. Ele teria se envergonhado tanto de sua origem humilde, que mudou seu nome pelo espanhol mais afortunado 'Colón'. Outros estudiosos, no entanto, vêm o descobridor como descendente de uma linhagem nobre. Eles acreditam que Colombo era um filho bastardo do Príncipe de Viana e Margalida Colom de Maiorca e, conseqüentemente, tinha sangue azul. (VAN DER GUCHT, 2013, p. 22)<sup>13</sup>.

As várias nuances da vida de Colombo e as controvérsias suscitadas em torno de sua história comportariam uma gama de pesquisas historiográficas e muitos volumes escritos. Contudo, há três questões que entendemos serem fundamentais para qualquer investigação que pretenda desvendar um pouco mais a vida do almirante<sup>14</sup> antes de seu grande feito. Primeiramente a sua nacionalidade, pois o local de origem de um indivíduo na época medieval pode revelar muito de sua formação, e o caminho escolhido, ou forçado a escolher para o curso de sua vida. Em segundo lugar, quais foram e como ele desenvolveu suas primeiras atividades desde a juventude, pois como a expectativa de vida do homem medievo era inferior a cinquenta anos, a ocupação a que se dedicaria se definia muito cedo se comparada aos dias atuais. Em terceiro lugar, em uma sociedade na qual a Igreja Católica ocupava papel de predominância sobre os próprios reis e seus domínios, levar uma vida, mesmo que secular, em total obediência

---

<sup>13</sup> “Hombre sin patria, hombre sin nombre”. A causa de los abundantes misterios que existen en torno al origen de Cristóbal Colón, muchos científicos e historiadores tienden a considerar al descubridor como un ‘hombre sin pasado’. ¿Por qué sabemos tan poco del hombre que en 1492 por primera vez puso un pie en América y que ha cambiado el mundo para siempre? Contrariamente a lo que muchos pensaban, la respuesta no es que Colón no tenía pasado, sino que vivía un temor enorme a que se conociera su origen, y que, por consiguiente, hizo todo lo posible para ocultarlo al mundo exterior. Ese miedo era tan grande que incluso su propio hijo, Hernando, no sabía de dónde vino su padre. La mayoría de los historiadores y expertos en Colón estiman que el descubridor descendía de una pobre familia de tejedores de paños genovesa, llamada los ‘Colombo’. Colón habría sido tan avergonzado de su origen humilde que cambió su nombre por el castellano más afortunado ‘Colón’. Otros eruditos, en cambio, ven al descubridor como descendiente de un noble linaje. Estiman que Colón era un hijo bastardo del Príncipe de Viana y de Margalida Colom de Mallorca, y que, por consiguiente, tenía sangre azul”

<sup>14</sup> Como resultado do sucesso de sua primeira viagem de descoberta, Colombo foi agraciado com o título de Almirante do Mar Oceano. A maioria dos historiadores se refere a ele em suas obras como o “almirante”, motivo pelo qual também utilizamos essa forma em nosso texto.

aos dogmas que imperavam na cristandade sob a autoridade papal, podia determinar o sucesso ou fracasso de alguém. A discussão sobre a origem e nascimento de Colombo, seus primeiros anos de navegação, e um possível judaísmo ou ascendência judia do descobridor, continuam despertando diversas opiniões, justificando que sejam abordadas em qualquer estudo colombino e conseqüentemente em nosso trabalho.

## 2.1 NASCIMENTO E ORIGENS

Nem mesmo o ano de nascimento de Cristóvão Colombo é certo. Embora 1451 seja a opção mais consensual entre os historiadores, não é uma questão pacífica, e para ser estabelecida foi necessário um exercício de concordância para combinar várias datas de sua vida com este ano específico. Exponentes no estudo da vida do descobridor como Navarrete, Irwing, Humboldt, para citar alguns nomes, apontam o ano de 1436, baseados no cronista Bernáldez que afirmou ter Colombo falecido aos setenta anos (BALLESTEROS BERETTA, 1945), e não aos cinquenta e cinco, a idade correta da sua morte. Considerando que hoje existe uma certa tranquilidade para fixar o ano de 1451, como o mais provável, surge outra dificuldade ainda maior, e embora a questão pareça estar pacificada, isso só ocorreu após muita discussão. Trata-se da pátria que teve a honra de dar Colombo ao mundo. E segundo Ballesteros Beretta (1945), o grande responsável pela confusão foi Fernando Colombo, filho do almirante, que ao invés de revelar em seus escritos o que o pai ocultou, preferiu manter o mistério.

Controvérsias e polêmicas envolvendo o navegador são constantes entre os historiadores, começando pela data do nascimento e a nacionalidade, a qual é reivindicada por alguns povos. Sale (1992) alude ao fato de que apenas no século XIX, nada menos que 253 artigos e livros foram publicados em relação ao local de nascimento de Colombo, a saber: Córsega, Grécia, Chios, Maiorca, Aragão, Galícia, Portugal, e até mesmo a Polônia, entre outros; sendo a tese genovesa a que mais se sustenta. Bergreen (2011), assim se posiciona sobre o tema:

Não importa para onde ele foi, ou o que se tornou, Colombo permanece um cidadão de Gênova, o porto marítimo liguriano, onde a intensa exploração marítima era um meio de vida [...] Foi aqui que Colombo nasceu em 1451. Questões e teorias alternativas sobre as origens de Colombo há muito tempo localizam seu nascimento e crescimento nos mais variados lugares, como Portugal, Espanha e o Norte da África, mas a evidência, incluindo 453 documentos comerciais e legais o colocam de forma absoluta em Gênova,



filho de Domenico Colombo, um tecelão, taverneiro e político local. (BERGREEN, 2011, p. 46-47)<sup>15</sup>.

No caso da nacionalidade do descobridor, em razão da considerável variedade de lugares que clamam pela honra de ser a sua pátria, outras duas teses (além da genovesa) que oferecem argumentos mais plausíveis são a portuguesa e a espanhola, motivo pelo qual para a discussão da questão, entendemos ser suficiente uma análise somente dessas três correntes.

## 2.2 A TESE PORTUGUESA

No caso de Portugal há uma verdadeira fixação em defesa de um Colombo português. Em seu volumoso livro, Barreto (1998) abusa de pontos de exclamação, interrogação e interjeições, quando não de verdadeiras palavras de ordem na ânsia de convencer o leitor de que o almirante nasceu lusitano e realizou a viagem ao Novo Mundo como um agente secreto do rei Dom João II, afirmando:

Como poderá justificar-se tal insistência do Almirante das Índias ocidentais, a não ser pela necessidade de manter o juramento feito ao seu verdadeiro amo – o Rei de Portugal? [...]Na sua exaltação, os genovistas, ao aplaudirem-se mutuamente pelo perfil do herói alheio, não vislumbram enquadrar-se na fabulária frase de Horácio: “*Asinus asinum fricat*”<sup>16</sup>. (BARRETO, 1998, p. 127, 215, grifo do autor).

A empolgação do autor português, como podemos observar, não coaduna com o rigor científico que a historiografia requer. Outro exemplo da verdadeira “cruzada” na qual alguns estudiosos lusitanos se alistaram, pode ser vista na *Associação Cristóvão Colon*<sup>17</sup> que em seu sítio eletrônico se propõe a: *Defender a Portugalidade do navegador, divulgar os respectivos factos históricos*. E o alinhamento com esse objetivo é compulsório, tanto nos estatutos quanto no regulamento interno:

---

<sup>15</sup> “No matter where he went, or who he became, Columbus remained a son of Genoa, the Ligurian seaport where bold maritime exploration was a way of life [...] It was here that Columbus was born in 1451. Questions and alternative theories about Columbus’s origins have long located his birth upbringing in places as varied as Portugal, Spain, and northern Africa, but the evidence, including 453 legal and commercial documents, overwhelmingly places him in Genoa, the son of Domenico Columbus, a weaver, tavern keeper, and local politician”.

<sup>16</sup> *Um burro coça outro burro*. Provérbio denotando pessoas sem merecimento que se elogiam mutuamente e com exagero (Nossa nota).

<sup>17</sup> Os portugueses não concordam com o sobrenome “Colombo” e optam por “Colon”. O tema também é alvo de discussão entre historiadores.

Estatutos da Associação Cristóvão Colon [...] Artigo 2º. A Associação tem como fim Defender por todos os meios legítimos, a nível mundial, a Portugalidade do navegador Cristóvão Cólón, promovendo a divulgação dos respectivos factos históricos. Regulamento Interno da Associação Cristóvão Colon. Capítulo I: Dos Membros Artigo 1º: Requisitos de admissão/Competência para admissão... 1.Podem tornar-se Membros todos os que se revejam no objecto social da Associação e se proponham participar activamente na defesa da Portugalidade de Cristóvão Colon [...] <sup>18</sup>(ASSOCIAÇÃO CRISTÓVÃO COLÓN, 2019).

Vejamos uma das discussões patrocinadas pela associação e discutida em um de seus congressos. Boa parte dos historiadores, senão a maioria, entende que o fato de Colombo ter se dirigido a Lisboa em sua primeira viagem de retorno, foi por causa da tempestade enfrentada pela *Niña*; no entanto, alguns lusitanos pensam diferente. Em seu *Boletim de edição pública número 5*, de março de 2016<sup>19</sup>, a *Associação Cristóvão Colon* apresentou como destaque, texto de Carlos Calado intitulado: “*O desvio de Cristóvão Colon para Lisboa, no regresso da descoberta*” onde podemos ler:

A tempestade (se, efetivamente existiu) não o desviou para Lisboa. Apenas lhe dificultou a chegada! Cristóvão Colon veio para Lisboa, porque quis, e isto pode alterar toda a interpretação da viagem e da História. Concluindo que Colon veio para Lisboa por sua própria vontade e não por ter sido desviado por uma tempestade, poderemos interrogar-nos então: qual o objectivo do Almirante ao vir para Lisboa? (CALADO, 2016, p. 8).

A historiadora portuguesa, Fina D’Armada (2009), ao elogiar o livro *Colombo Português* de autoria de seu patrício Manuel Rosa, de forma enfática defendeu que Colombo nasceu lusitano:

Enfim, de qualquer forma, tanto eu como Manuel Rosa não fazemos finca-pé numa teoria. Se surgirem documentos com dados diferentes, estamos prontos a analisá-los. Tal como diz este autor, “o que interessa é a verdade”. Todavia, depois de se lerem e assimilarem as suas investigações, será difícil provar que Cristóvão Colon ou Colombo não era português. Vai dar muito trabalho aos historiadores, daqui para a frente, continuarem a afirmar que era um tecelão genovês, sem demonstrarem má fé ou ignorância. Aliás, ele até pode ter alguma ligação com Génova e não deixar de ser português. Vamos supor, por exemplo, que ele fosse filho do Duque de Beja, quando este fugiu de Portugal. Colombo até podia ter nascido no Mediterrâneo, dentro dum

<sup>18</sup> <http://colon-portugues.blogspot.com.br/>

<sup>19</sup> Disponível em: <http://colon-portugues.blogspot.com/2016/> . Acesso em 05 jan. 2017.

barco dum corsário italiano, de nome Peroso, como sugere Rui de Pina. E se o corsário fosse genovês, isso não significaria que ele não era português. É como naqueles casos em que uma mãe, que vive em determinada terra, vai ter um filho a uma maternidade que fica numa cidade e depois há a dúvida de se saber se é natural da terra onde foi gerado ou onde acidentalmente veio a este mundo. A questão da nacionalidade pode não ser uma questão linear. As investigações de Manuel Rosa estendem-se a demonstrar como Colombo descobriu a América, ao serviço secreto de D. João II, pois as Antilhas já eram conhecidas dos Portugueses, mas não nos interessavam. Expõe bem a genialidade de D. João II que, infelizmente, não consta do Padrão dos Descobrimentos. ( D'ARMADA, 2009)<sup>20</sup>.

Não há aqui nenhuma crítica a qualquer pesquisa portuguesa para investigar a tese de um Colombo português, exceção feita ao estilo pouco acadêmico de Mascarenhas Barreto, e também a afirmação de D'Armada (2019), de que “*Vai dar muito trabalho aos historiadores, daqui para a frente, continuarem a afirmar que era um tecelão genovês, sem demonstrarem má fé ou ignorância*”. Tal proposição, tampouco, se aproxima de um argumento científico. O caráter epistemológico da escrita da história não coaduna com a criação de “associações” com o fito de buscar provar determinadas teorias históricas sob a égide de questões pessoais ou nacionalistas, o que por si só fulmina a isenção e neutralidade necessárias ao pesquisador. No caso português a existência de um grupo de associados cujo objetivo é “provar” que Cristóvão Colombo era lusitano, com um regulamento estabelecendo que seus membros devem “defender a portugalidade” do descobridor da América, foge completamente da ortodoxia da historiografia enquanto conhecimento científico.

Até o presente momento as publicações em torno da tese da “portugalidade” de Colombo se limitam a produção de um material corporativista que recebe os mais altos elogios dos militantes de uma causa, o que favorece o surgimento de teorias da conspiração, intenções secretas de “inimigos da verdade” do Colombo Português; enfim, variadas elucubrações, mas pouca história. Entendemos ser completamente justificável qualquer estudo historiográfico para investigar a tese portuguesa, desde que com meios e argumentos científicos livres da necessidade de defender uma causa, até porque o próprio descobridor, aparentemente de propósito, fez pairar um verdadeiro mistério sobre suas origens:

---

<sup>20</sup> Palestra proferida em 3 de maio de 2009 no Ateneu Comercial do Porto.

Obviamente, a falha não é só dos historiadores, porque o rastro que Colombo deixou sobre seu local e data de nascimento é tão confuso e incompleto que sugere que a displicência de sua parte quanto a fato e ficção, era mesmo maior do que a escassez de documentos oficiosos em uma época anterior à popularização da tipografia. A obscuridade nesse particular sugere que ele foi realmente homem sem passado que pudesse definir, sem lar, raízes ou família, até mesmo sem um senso, ou amor, de lugar. Seus primeiros anos são obscuros porque, em certo sentido, foram vazios. (SALE, 1992, p.53).

Uma boa resposta a pouca consistência da tese portuguesa vem exatamente de um historiador português, Loureiro (2006), que reputou como “amadores”<sup>21</sup> aqueles que buscam empregar malabarismos “históricos” para subsidiar a ideia de que Colombo era português, ao invés disso o autor de forma muito mais acadêmica e científica apresenta portugueses que participaram das viagens de Colombo, deixando bem claro que o rol poderia ser bem maior, se mais fontes documentais com a relação dos tripulantes de todas as viagens fossem encontradas:

É possível estabelecer inúmeras ligações entre Cristóvão Colombo e Portugal, algumas mais seguras, outras mais polêmicas. Decerto não valerá apenas invocar a hipótese da naturalidade portuguesa de Colombo, que continua a ser regularmente retomada por historiadores amadores (ainda em 2006), mas que já foi repetida e convincentemente refutada por historiadores portugueses de elevado calibre [...] Assim, embora sem uma visibilidade directa na composição das tripulações colombinas, ecos de Portugal podem ser pressentidos quer nas relações pessoais que o Almirante manteve com a comunidade portuguesa de Sevilha, quer nas actividades náuticas que ao longo das suas quatro viagens desenvolveu. Neste contexto, e para concluir, valerá apenas chamar a atenção para o indiscutível saber português que perpassa por muitos dos escritos do navegador genovês, plasmado numa infindável sucessão de aportuguesas dos termos de marinharia. A arte de navegar lusitana e a língua portuguesa também viajaram com Cristóvão Colombo a caminho do Novo Mundo (LOUREIRO, 2006, p.171-181).

Quem escreve a história deve se acostumar com o elemento do inconclusivo, e se abster da defesa de qualquer bandeira, caso contrário estará em risco de não receber o “selo” da credibilidade, fundamental para qualquer historiador. Bastante apropriado para reflexão é o pensamento de Fustel de Coulanges: “A história, falando genericamente, é a mais difícil de todas as composições que um autor pode empreender ou uma das mais difíceis” (BLOCH, 2002,

---

<sup>21</sup> Loureiro cita em nota (aqui reproduzida) estudos de historiadores portugueses respeitados que não aderem ao propósito da Associação Cristóvão Colombo: “Vd. Albuquerque, Luís de: *Dúvidas e certezas na história dos Descobrimentos Portugueses*, 2vols., Vega, Lisboa, 1990-1991, vol.1, p. 105-175; Pinheiro Marques, Alfredo: *As Teorias Fantásticas do Colombo “Português”*, Quetzal, Lisboa, 1991, e Graça Moura, Vasco: *Cristóvão Colombo e a Floresta das Asneiras*, Quetzal, Lisboa, 1991” (LOUREIRO, 2006, p. 171).

p. 47). Não há fundamento histórico para a ideia do nascimento de Colombo em Portugal, pelo menos até que surjam estudos que se ajustem melhor às premissas da historiografia moderna, e tragam novos elementos que justifiquem uma maior atenção a essa corrente de pensamento.

### 2.3 A TESE ESPANHOLA

Um Colombo de origem espanhola é outra hipótese aventada para a nacionalidade do almirante, a qual propõe que ele teria nascido em terras da Coroa Espanhola, a saber: Castela, Galícia, Aragão, Maiorca e até mesmo a Catalunha. Alguns historiadores, dentre eles Simon Wiesenthal, apresentam um ponto de vista que torna ainda mais controversa a questão, exatamente o fato de que Colombo quase não usava a língua italiana, tanto na fala quanto na escrita, seus escritos eram em sua maioria em castelhano e latim, e que se referia ao castelhano como sua língua nativa, contudo, esse mesmo autor mantém o dilema:

Mas essa também poderia ser uma das suas manobras deliberadas para nos confundir. Os espanhóis afirmam que Colombo nunca usou a língua italiana. Mas há uma tradição de que em suas viagens, sempre que estava insatisfeito com o trabalho da tripulação e se enfurecia Colombo insultava os homens em italiano. (WIESENTHAL, 1992, p. 93).

Sobre o tema Sale (1992), que não poupa críticas a Colombo, afirma:

Em parte alguma [...] ele usa uma palavra ou frase importante em qualquer dialeto italiano, incluindo o genovês. Na verdade, é difícil compreender como mesmo supondo seu nascimento em Gênova, possamos facilmente imaginar Colombo como um “italiano” (se podemos até mesmo falar em tal coisa como uma “Itália” nessa data), embora os italianos desde o Risorgimento, e os ítalo-americanos como todo o vigor, tenham certamente tentado dar-lhe essa nacionalidade. Não há registro de ele ter sido capaz de ler ou escrever em qualquer língua italiana, e certamente não a de Toscana, que se tornou o italiano padrão (embora uma apostila em seu exemplar de Plínio seja escrita em italiano arrevesado, ela pode ter sido escrita por seu irmão Bartolomé). Seu genovês, de qualquer maneira, era inteiramente diferente de outros dialetos da península, dificilmente “italiano”, nem ele tinha conhecimento algum dos grandes escritores, sábios ou artistas italianos. A linguagem em que escreveu foi o castelhano, com um pouco de português de quebra, e latim; e escolheu inicialmente o primeiro e depois o segundo como as línguas de seu próprio nome. Todos os documentos e cartas remanescentes com sua assinatura autêntica, *incluindo* as cartas a amigos genoveses e ao Banco di San Giorgio, em Gênova, foram em castelhano. (SALE, 1992, p.54).

O contra-almirante da marinha dos Estados Unidos e também historiador Samuel Eliot Morison que granjeou o *Prêmio Pulitzer* (1943) com o livro *Admiral of the Ocean Sea* (Almirante do

Mar Oceano), biografia de Colombo com uma abordagem mais ao estilo de um admirador escrevendo sobre o seu ídolo. O autor, no entanto, traz também considerações dignas de nota sobre a nacionalidade de Colombo: “O pouco que sabemos sobre a infância e juventude do Descobridor pode ser dito rapidamente: “Ele teve muito pouca educação formal, falava o dialeto genovês, que era quase ininteligível para outros italianos, e nunca aprendeu a ler e escrever até que foi para Portugal” (MORISON, 1983, p. 6-8)<sup>22</sup>

Uma possível explicação para esse problema histórico pode estar na posição de Madariaga (1944) de que o navegador era filho de espanhóis que migraram para Gênova com os filhos ainda pequenos e mantiveram a prática do idioma de Castela em família, como uma maneira de diminuir a saudade da pátria-mãe. Tal tese não pode ser de todo descartada e tem alguma defesa se considerarmos a possibilidade de serem os pais de Colombo cristãos-novos<sup>23</sup>, os quais não obstante a alegada conversão, eram extremamente vigiados, e não raro perseguidos pela Inquisição Espanhola:

[...] o problema é bastante enigmático; mas há ainda dois aspectos da situação que o torna ainda mais enigmático. O primeiro é que Colombo falava e escrevia em castelhano antes de vir para Castela; além disso, antes de vir para Castela era no idioma espanhol em que expressava seus pensamentos mais íntimos e pessoais e para seu uso mais íntimo e pessoal. Isso é comprovado por uma nota marginal de sua mão que está contida em um livro de sua propriedade a HISTORIA RERUM UBIQUE GESTARUM do erudito Papa Pio XII. Nesta nota, Colombo estimou a idade do mundo, de acordo com os judeus[...] esta nota nos mostra de forma irrefutável que Colombo escreveu notas marginais em castelhano três anos antes de entrar em Castela. Outro fato menos enigmático opera na mesma direção: trata-se do latim de Colombo. Quando ele aprendeu? Alega-se que não era muito bom; mas foi suficiente para se constituir na única língua pessoal e freqüente, depois do espanhol. Existem muitas notas marginais, algumas tão longas como verdadeiros ensaios reais, que escreveu em latim. Também era assíduo leitor de livros de ciência, que na época era escritos em latim. E, para complicar ainda mais, seus erros eram sempre hispanismos; quer dizer que quando o latim era ruim era a

---

<sup>22</sup> “The little we know about the Discoverer’s childhood and early youth can be quickly told. He had very little formal schooling, spoke the Genoese dialect, which was almost unintelligible to others Italians, and never learned to read and write until he went to Portugal”.

<sup>23</sup> Designação que se dava na Espanha (e também Portugal) na época de Colombo aos judeus e também aos muçulmanos que haviam se convertido ao cristianismo. No entanto a conversão em alguns casos era apenas para fugir da perseguição. Simon Wiesenthal assim esclarece “[...] mas não era segredo que muitos dos cristãos-novos não tinham abandonado o judaísmo. Geralmente eram chamados marranos, uma palavra que tem dois significados em espanhol: “maldito” ou “porco”. Dessa forma surgiu a distinção entre os conversos – os convertidos que romperam totalmente relações com os judeus e se incorporaram aos não-judeus e os marranos, que externamente fingiam ser cristãos, mas secretamente permaneciam judeus. Nem sempre era possível diferenciar entre os dois grupos, porque muitos marranos conseguiam dissimular perfeitamente”. (WIESENTHAL, 1992, p. 25).

maneira espanhola [...] exemplos de solecismos que são explicados apenas em uma pessoa de fala espanhola. (MADARIAGA, 1944, p. 82-83)<sup>24</sup>.

Conforme podemos constatar na citação acima, a hipótese de um Colombo espanhol, apresenta outro problema para os historiadores e biógrafos do descobridor, e que vem ao encontro de nosso alerta inicial a respeito das dificuldades enfrentadas no que se refere ao estudo da vida do almirante. Ele é uma personagem tão enigmática que até mesmo uma das coisas mais intrínsecas e qualificadoras da pessoa, como o seu idioma nativo, dá margem ao contencioso. Pidal (1947), em um dos mais completos estudos<sup>25</sup> sobre o idioma falado por Colombo, refuta sua nacionalidade espanhola, baseado na maneira com que ele se expressava na língua de Cervantes:

Ao querer formar uma idéia da língua falada por Colombo, nos muitos autógrafos que dele se conservam, a primeira coisa que me saltou à vista foi o fato inesperado de que o grande descobridor usasse o espanhol antes de ir para Castela. O primeiro escrito datado que temos de Colombo está em espanhol e é de quatro anos antes que o descobridor entrasse no reino de Fernando e Isabel. O interesse inquietante desta primeira observação não me levou nem por um momento à hipótese por demais vulgarizada de um Colombo espanhol. Não percamos tempo com isso. O Colombo Almirante, que morre em Valhadolid em 1506 é, segundo se depreende de algumas de suas disposições testamentárias, o mesmo Colombo, tecelão de lã de Gênova, que figura nos documentos de 1470 a 79, segundo provou o acadêmico Ángel Altolaguirre, e confirmou á saciedade o professor Giovanni Monleone. Mas então, como explicar o precoce hispanismo lingüístico do jovem italiano? (PIDAL, 1947, p. 9)<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> No original: [...] el problema es bastante enigmático; pero aun quedan dos aspectos de la situación que lo hacen más enigmático todavía. El primero es que Colón hablaba y escribía castellano antes de venir a Castilla; es más, antes de venir a Castilla era el castellano el lenguaje em que expresaba sus pensamientos más íntimos y personales y para su uso más íntimo y personal. Esto se prueba con una nota marginal de su mano que figura en un libro de su propiedad LA HISTORIA RERUM UBIQUE GESTARUM del erudito Papa Pío II. En esta nota, Colón calcula la edad del mundo según los judíos[...] esta nota nos enseña de un modo irrefutable que Colón escribía sus notas marginales en castellano tres años antes de entrar en Castilla. Otro hecho menos enigmático labora en el mismo sentido: trátase del latín de Colón. Cuando lo aprendió? Se alega que no era muy bueno; pero lo era bastante para constituir la única lengua de su uso personal y frecuente después del español. Numerosas son sus notas marginales, algunas tan largas como verdaderos ensayos, que escribió en latín. Era además asiduo lector de libros de ciência, que en sus días se escribían en latín. Y para complicar más las cosas, sus barbarismos eran siempre hispanismos; es decir que cuando su latín era malo lo era a la manera española [...] ejemplos de solecismos que solo se explican en una persona de habla española.

<sup>25</sup> Cf. PIDAL, Ramón Menéndez. **La Lengua de Cristobal Colón**. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1947. p. 9-47.

<sup>26</sup> No original: “Al querer formarme una Idea de la lengua usada por Colón, en los muchos autógrafos que de él se conservan, lo primero que saltó a mi vista fué el hecho inesperado de que el gran descubridor usase el español antes de ir a Castilla. El primer escrito fechado que tenemos de Colón está en español y es de cuatro años antes de que el descubridor entrase en el reino de Fernando e Isabel. El interes inquietante de esta primera observación no me llevó ni por un momento a la demasiado vulgarizada hipóteses de Cólón español. No percamos tiempo en Ella. El Colón Almirante que muere en Valladolid

O mesmo autor, embora não ofereça uma resposta a pergunta, apresenta uma importante consideração sobre o hispanismo de Colombo;

Minha primeira inclinação foi por outra hipótese não compatível com a ortodoxia do Colombo genovês: a hipótese do professor Eduardo Ibarra e de outros que supõem a família de Colombo emigrada da Espanha a Gênova; no caso uma família judia fugida quando da grande perseguição e matança desencadeada em 1391 pelo arqui-diácono de Écija em toda a Península. Contudo logo tive de descartar essa solução. Aos débeis e fantásticos indícios do judaísmo de Colombo não se pode acrescentar o da linguagem. Este não parece em nada ao de algum texto judeu-espanhol que conhecemos do século XV, como o testamento de um judeu de Alba de Tormes datado em 1410; ademais o espanhol de Colombo, a juízo dos que o ouviram, revelava não ser a língua materna do navegante. (PIDAL, 1947, p. 10-11)<sup>27</sup>.

De qualquer forma, em relação à discussão “de onde veio” Colombo, há que se reconhecer ser esta uma faceta um tanto quanto obscura de sua vida, e em que pese o compreensível inconformismo daqueles que buscam encontrar para o descobridor uma nacionalidade diferente da genovesa, é necessário que os estudiosos estejam atentos para não serem influenciados por malabarismos exegéticos.

Chocano (2006), faz alusão ao fato de que tanto o filho Fernando, quanto o Frei Las Casas, nas cartas de Colombo por eles copiadas, este por várias vezes se referiu a si mesmo como um “estrangeiro invejado”. Os defensores de um Colombo não genovês, mas espanhol, se amparam na tese de que tais menções do navegador a uma nacionalidade externa a Península Ibérica, devam ser consideradas com certa cautela em qualquer conclusão definitiva, levando-se em conta que o conceito de “estrangeiro” entre os espanhóis da época era muito mais amplo que na atualidade. Sobre isso, Chocano apresenta um argumento bastante esclarecedor:

---

en 1506 es, según se desprende de algunas de sus disposiciones testamentarias, el mismo Colombo, lanero de Génova, que figura en los documentos de 1470 a 79, según probó el académico Ángel Altolaguirre, y confirmó hasta la saciedad el profesor Giovanni Monleone. Pero entonces, como explicar el precoz hispanismo lingüístico del joven italiano?”

<sup>27</sup> “ Mi primera inclinación fué hacia outra hipótesis, no reñida com la ortodoxia de Colón genovês: la hipótesis del profesor Eduardo Ibarra y de otros que suponen la familia de Colón emigrada e España a Génova; acaso familia judia huída cuando la gran persecución y matanza desencadenada em 1391 por el arcediano de Écija em toda la Península. Pero pronto tuve que desechar esta solución. A los débiles o fantásticos indicios de judaísmo de Colón no puede añadirse el del lenguaje. Este no se parece em nada al de algún texto judeo-español que conocemos del siglo XV, como el Testamento de un judío de Alba de Torres fechado em 1410; pero es que, además, el español de Colón, a juicio de los que Le oyeron, revelaba no ser lengua materna del navegante” (PIDAL, 1947, p.10-11).



Sua condição de estrangeiro, está perfeitamente desenhada em seu verdadeiro significado, opondo-se à ideia dos que pretendem qualificar os nativos dos reinos não-castelhanos da Monarquia espanhola, mais concretamente aos que querem considerar que um cidadão catalão era chamado estrangeiro entre os castelhanos. A esse respeito, Fernández de Oviedo e Las Casas demonstram claramente a distinção que indicava quem era estrangeiro nos reinos espanhóis. Ambos falam com frequência da Espanha ou dos espanhóis indistintamente e especificamente em outras muitas vezes distinguem destes os castelhanos, os aragoneses e também os catalães, aos quais em nenhum caso os confundem sob a designação de estrangeiros. (CHOCANO, 2006, p.120)<sup>28</sup>.

De fato, é de se observar que o conceito de Estado-Nação era desconhecido, ou pelo menos embrionário naquela época, contudo conforme muito bem explicitado no trecho transcrito acima, a existência de variadas designações para os habitantes da parte espanhola da Península Ibérica, não era motivo para excluí-los de um conceito mais abrangente de “povo espanhol”. A título de exemplificação, guardadas as devidas proporções, podemos imaginar que a divisão em Estados administrativamente autônomos, utilizada em alguns países na atualidade, como o Brasil por exemplo; faz com que às vezes antes de nos referirmos a nacionalidade brasileira de algum cidadão, podemos primeiramente qualificá-lo de mineiro, gaúcho, paulista etc., o que em momento algum o excluí do conceito de brasileiro.

Em carta aos reis Fernando e Isabel escrita na Jamaica em 07 de julho de 1503<sup>29</sup>, durante sua quarta viagem, ao defender-se de acusações de rebeldia, Colombo assumiu sua condição de estrangeiro em relação à Castela: “¿Quién creará que un pobre extranjero se oviese de alçar en tal lugar contra Vuestras Altezas sin causa ni sin brazo de outro Príncipe y estando solo entre sus basallos y naturales y teniendo todos mis fijos en su Real Corte”? (VARELA, 1982, p. 304)<sup>30</sup>.

Portanto, o fato de Colombo se considerar um estrangeiro em terras espanholas, corrobora mais em favor de sua provável origem genovesa. Madariaga (1944) parece ter uma “conclusão” para este primeiro problema que enfrentamos sobre a vida de Cristóvão Colombo

---

<sup>28</sup> “Está perfectamente dibujada su condición de extranjero, en su verdadero concepto, opuesto a la Idea de los que así pretenden calificar a los naturales de los reinos no castellanos de la Monarquía hispánica, más concretamente a los que han querido considerar que un ciudadano catalán era llamado extranjero entre los castellanos. En esa línea, Fernández de Oviedo y Las Casas demuestran claramente la diferenciación que suponía ser extranjero en los reinos españoles; ambos hablan frecuentemente de España o de los españoles, indistintamente, y específicamente distinguen otras muchas veces a los castellanos, a los aragoneses y, de éstos, también a los catalanes, a los que en ningún caso confunden con la denominación de extranjeros”.

<sup>29</sup> Conhecida como *Lettera Raríssima*.

<sup>30</sup> “Alguém pode acreditar que um pobre estrangeiro como eu, ousaria iniciar uma rebelião em um lugar como esse sem nenhuma razão e sem o auxílio de nenhum príncipe, rodeado de seus vassallos e nativos e tendo todos meus filhos em sua Real Corte? ”.

antes de sua grande aventura do descobrimento, mas ao mesmo tempo insere em seu pensamento outra grande discussão que envolve a origem do descobridor:

Resumamos a situação: Cristóvão Colombo era um jovem tecelão de Gênova que se tornou navegador; foi autodidata; lia italiano, mas não escrevia; lia e escrevia em castelhano como sua língua pessoal antes de se estabelecer em Castela; sabia o latim como uma pessoa de língua espanhola, embora o tenha aprendido antes de se estabelecer em Castela. Com tais premissas só pode haver uma conclusão: Cristóvão Colombo era genovês, cujo italiano não era apresentável e cuja língua de cultura era o castelhano. Há mais de uma forma razoável para explicar este conjunto de dados: a família de Colombo era uma família de judeus espanhóis estabelecida em Gênova que, seguindo as tradições da sua raça, permaneceu fiel à língua do seu país de origem. (MADARIAGA, 1944, p.84,85)<sup>31</sup>.

Embora seja um argumento bastante interessante, e até certo ponto plausível, parece-nos que este autor espanhol cede a tentação de concluir algo sobre a vida de Colombo: uma possível ascendência judia, questão que trataremos mais adiante. Muitos historiadores se guardam de fazer afirmações taxativas em relação à vida do almirante, exatamente por conta da dificuldade de defini-lo:

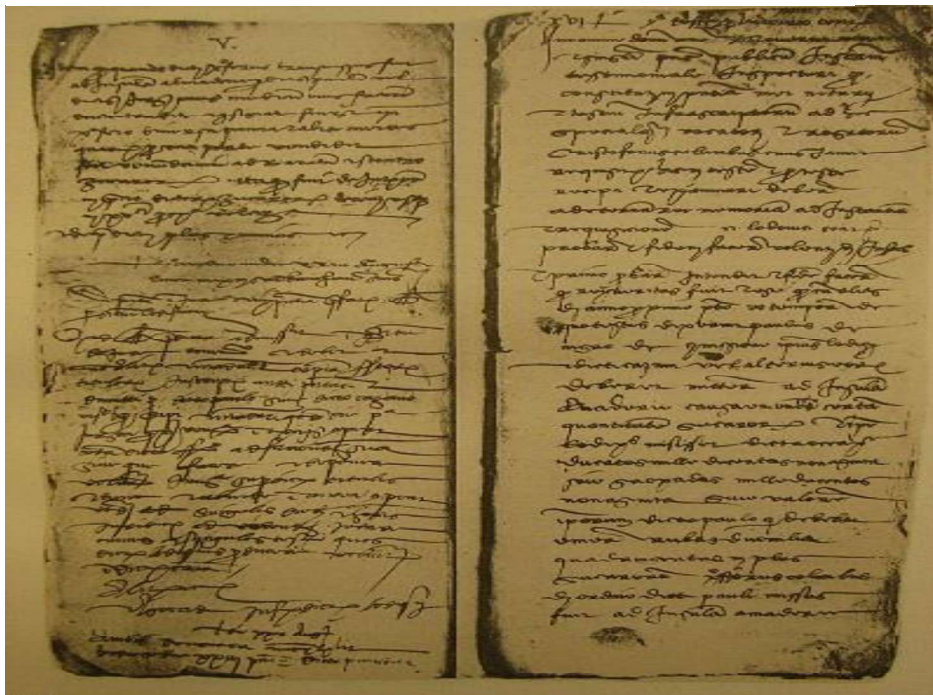
Com tudo isso, a figura de Cristóvão Colombo, para seus contemporâneos, foi admitida com uma certa desconfiança porque foi tido como possuidor de um tipo de aura misteriosa, e que fez que sua existência passasse a ser considerada pouco menos que indecifrável, como continuou nos séculos seguintes, para aqueles que se sentiram atraídos por sua personalidade, e com ela o que ele realmente tinha a representar. (ARROYUELO, 2015, p. 13).

---

<sup>31</sup> “ Resumamos ahora la situación: Christóforo Colombo era un joven lanero de Génova que se hizo navegante; era autodidacto; leía italiano pero no lo escribía; leía y escribía castellano como su lengua personal antes de instalarse en Castilla; sabía latín como una persona de lengua castellana, aunque lo había aprendido antes de instalarse en Castilla. Con tales premisas solo cabe una conclusión; Christóforo Colombo era un genovés cuyo italiano no era presentable y cuya lengua de cultura era el castellano. No hay más que un modo razonable de explicar este conjunto de datos: la familia Colombo era una familia de judíos españoles instalada en Génova que, siguiendo las tradiciones de su raza, había permanecido fiel al lenguaje de su país de origen”.

É fato que também em relação a documentos ou textos não escritos de próprio punho, mas por outras pessoas, a origem genovesa de Colombo encontra forte guarida. Entre alguns desses documentos, um dos mais citados e aparentemente autêntico é o chamado Documento Asseretto<sup>32</sup> (FIGURA 2) datado em 25 de agosto de 1479, referente a cobrança de uma dívida da qual era credor o futuro descobridor da América, nele se lê: Cristoforus Columbus civis janue (Cristóvão Colombo, cidadão de Gênova).

Figura 2 - Documento Asseretto



Fonte: Ballesteros Beretta (1945, p. 302). Acervo:Archivio di Stato di Genoa.

Contudo, como podemos constatar, alguns estudiosos mantêm algumas reticências sobre essa questão. A dúvida quanto ao local de nascimento de Colombo, parece que ainda promoverá debates, mesmo diante de vários documentos favoráveis à tese genovesa<sup>33</sup>. O valor histórico do feito e de seu protagonista ofusca muitas mentes ufanistas que insistem em contradizer as evidências historiográficas. Tal fato nos conduz a novas perguntas: Qual a importância dessa disputa pela honra de poder declarar a

<sup>32</sup> Ata notarial genovesa datada de 25 de agosto de 1479 na qual Colombo declara contar com 27 anos de idade, indicando ser o ano de seu nascimento o de 1451. Trata-se de importante informação para seguir os passos do navegador antes de sua chegada a Castela.

<sup>33</sup> Para um estudo mais apurado da tese genovesa, cf. BALLESTEROS BERETTA. Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Madri: Salvat, 1945. v. 1, p. 141-174.

cidadania de Colombo? O tamanho de seu feito e sua insistência obstinada em realizá-lo guarda qualquer relação com o local onde nasceu? G. Marañon (1948), talvez tenha nos dado a melhor resposta: “[...] hoje faz séculos, que aquele Cristóvão genovês e espanhol, um dos santos e gloriosos loucos que empurram a humanidade para cima, quando levantou suas âncoras e se lançou, como aquele que se lança no vazio, pelos mares de Deus no milagre de sua caravela (MARAÑON, 1948, p. 47) 34.

Em Gênova nasceu, em Portugal concebeu seu projeto de descobrimento e na Espanha conseguiu o tão sonhado apoio para realizar seu sonho. Parece que a verdadeira pátria de Cristóvão Colombo foi o mar.

#### 2.4 A TESE GENOVESA

No que se refere ao Colombo genovês os argumentos são fortes, contudo, sobre o assunto nem mesmo fontes primárias como a *História del Almirante*, escrita por seu filho Fernando Colombo e editada em italiano na cidade de Veneza em 1571; *Historia de las Indias* (1559), e *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552), de Bartolomé de Las Casas; e o próprio *Diario de a bordo*<sup>35</sup> (1492) de Colombo, conseguem sanar as dúvidas. Diante de várias confusões criadas em torno de Colombo, Sale (1992) comenta:

Podemos até começar a examinar esse tipo de embuste e confusão no tocante à questão do local de nascimento de Colombo. Ele é curiosamente pouco cooperativo em um assunto tão elementar: a única referência direta que temos a esse respeito figura em um testamento de 1498, no qual diz “Tendo eu nascido em Gênova” e “Gênova [...] nela nasci”, e não há nenhuma outra confirmação disso em todos os seus escritos (mesmo o testamento não é inteiramente confiável, uma vez que não possuímos o original e temos de aceitar uma “confirmação” real, datada de três anos depois, cujo texto, concordam os especialistas mais recentes, não merece inteira confiança). A presunção de seu nascimento genovês baseia-se em quatro documentos passados em cartório, de autenticidade indisputável - um deles, de 1479, menciona “Cristoforus Columbus, um cidadão de Gênova”- e temos todas as razões para acreditar que o homem a que se refere é realmente o posteriormente almirante espanhol. Mas o fato de ele não mencionar o seu local de nascimento em qualquer outro documento, público ou privado, é muito estranho, e provocou todos os tipos de especulação, a maioria inteiramente absurda sobre o lugar onde deve ter nascido. (SALE, 1992, p. 51-52).

<sup>34</sup> “[...] hoy hace siglos, aquel Cristóbal genovés y español, uno de los santos gloriosos locos que empujan hacia arriba a la humanidad, cuando levó sus anclas y se lanzó, como el que se lanza al vacío, por los mares de Dios em el milagro de su carabela”.

<sup>35</sup> O que chegou até nós, foi a transcrição de Las Casas originada de cópia de uma cópia.

Podemos observar que entre os vários livros e artigos escritos, apenas sobre a nacionalidade de Colombo, a quarta parte defende sua origem genovesa, o que sugere que essa seja a opção mais confiável. Três importantes fontes: Bartolomé de Las Casas, Fernando Colombo, e Gonzalo Fernández de Oviedo, fazem alusão a integração de Colombo com a colônia genovesa quando de sua chegada a Portugal, e que a portuguesa Felipa Moniz de Perestello com quem se casou, era lisboeta de uma família distinta de origem italiana. A posição respeitável dos Perestellos, pode ter sido um facilitador para o acesso de Colombo à corte lusitana (CHOCANO, 2006). Em se tratando da personalidade reticente e, por vezes nebulosa, de Cristóvão Colombo com relação a fatos sobre sua vida, não há como deixar de cogitar, se o próprio casamento não foi pensado por ele como um “trampolim”<sup>36</sup> para alcançar seu objetivo maior de obter aprovação e patrocínio para seu plano de navegação, o qual rapidamente se converteu em uma verdadeira obsessão. Da mesma forma, quando de sua chegada na Espanha, Colombo interagiu com italianos que ali residiam:

Igualmente dão conta os cronistas colombinos da sua posterior chegada em terras espanholas, quando também se cercou de italianos que tinham suas bases comerciais em Sevilha e que, como foi o caso em Portugal, gozavam de grande influência. Todos nós sabemos sobre sua estreita amizade com frei Gaspar Gorricio, ou com seu renomado colaborador também genovês, Fiesco, "dos principais de sua terra", como explicado por Dom Cristóvão, etc; e é claro seus freqüentes negócios com comerciantes genoveses e florentinos basicamente, costume este que mantiveram seus irmãos e sucessores. (CHOCANO, 2006, p. 117)<sup>37</sup>.

Se a intenção do almirante foi confundir a posteridade em relação a suas origens, seu êxito foi total. Conforme podemos perceber, não obstante o valor de documentos como o *Asseretto*, alguns especialistas no assunto, embora apresentem suas conclusões sobre o local de nascimento de Colombo, nem sempre são categóricos, favorecendo a que outras terras reivindicuem a honra de ser sua cidade natal.

---

<sup>36</sup> Este assunto será desenvolvido mais adiante no texto.

<sup>37</sup> “Igualmente dan cuenta los cronistas colombinos de su posterior llegada a tierras españolas, en las que también se rodeó de italianos que tenían sus bases comerciales en Sevilla y que, como sucedía en Portugal, gozaban de gran influencia. Todos conocemos su estrecha amistad con fray Gaspar Gorricio, o a su reconocido colaborador también genovés Fiesco, “de los principales de su tierra”, como explicó don Cristóbal, etc., y por supuesto sus frecuentes conciertos con mercaderes genoveses y florentinos fundamentalmente, costumbre esta que mantuvieron sus hermanos y sucesores”.

A causa da controvérsia pode ser encontrada nos próprios escritos de Fernando Colombo e Bartolomé de Las Casas, pois enquanto o filho é evasivo e superficial ao comentar o assunto – talvez na tentativa de ser fiel ao aparente desejo do pai em ter esse capítulo de sua vida o menos divulgado possível –, Las Casas apresenta uma afirmação sobre a nacionalidade do navegador. Atentemos primeiramente ao que Fernando deixou escrito sobre a questão:

Siendo yo hijo del Almirante D. Cristóbal Colón, sujeto digno de eterna memoria, que descubrió las Indias Occidentales, y habiendo navegado con él algún tiempo, parecía que entre las demás cosas, que he escrito, debía ser una y la principal, la vida y el prodigioso descubrimiento, que del Nuevo Mundo de las Indias hizo [...] porque ofrezco recoger lo que toca à su vida é(sic) historia de los escritos y cartas que quedaron del mismo Almirante, y de lo que yo ví, estando presente[...] fué su voluntad que sus padres fuesen menos conocidos. De modo que cuanto fué su persona a propósito, y adornada de todo aquello que convenia para tan gran hecho, tanto menos conocido y cierto, quiso que fuese su origen y patria, y casi algunos, que decierta manera quieren obscurecer su fama, dicen que fué de Herví; otros de Cugureo; otros de Bugiasco, lugarillos pequeños cerca de Genovay situados en su ribera; otros que quieren exaltarle más, dicen era de Saona, y otros genovés, y algunos también, saltando más sobre el viento, le hacen natural de Placencia, donde hay personas muy honradas de su familia, y sepulturas con armas, y epitafios de los Colombos[...] (COLOMBO, F. 1892, p. 1-5)<sup>38</sup>.

E agora, Casas:

Y por llevar por orden de historia lo que de su persona entendemos referir, primero se requiere, hablando de personas notables, comenzar por el origen y pátria de ellas. Fue, pues, este varón escogido de nación genovés, de algún lugar de la provincia de Génova; cual fuese donde nació o qué nombre tuvo en tal lugar, no consta la verdad dello, más de que se solía llamar, antes que llegase al estado que llegó, Cristóbal Columbo de Terra-Rubia [...](CASAS, 1986, p. 26)<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> “Sendo eu filho do Almirante D. Cristóvão Colombo, sujeito digno de eterna memória, que descobriu as Índias e tendo navegado com ele por algum tempo, pareceu-me que entre outras coisas, que tenho escrito, uma deva ser a principal, a vida e a prodigiosa Descoberta, que do Novo Mundo das Índias fez... pois me ofereço para recolher o que toca a uma história de vida e dos escritos e cartas que eram do mesmo Almirante, e pelo que vi, estando presente... foi sua vontade que seus pais fossem menos conhecidos. E a propósito, de como foi sua pessoa adornada com tudo o que era apropriado para tal fato, intencionalmente quis que fosse muito menos conhecida sua origem e a pátria, e quase, de alguma forma querem escurecer sua reputação, dizendo que foi de Herví; outros de Cugureo; outros de Bugiasco, lugarzinhos pequenos perto de Genova e localizados em suas margens; outros que querem exaltar-lhe mais, dizem que foi de Saona e outros que ele era genovês e alguns ainda, quiseram torná-lo natural de Placência, onde há pessoas muito honradas da sua família e túmulos com armas e epitáfios dos Colombos” [...].

<sup>39</sup> “Considerando o que podemos entender referindo-se a sua história, falando dos notáveis, a começar pela sua origem e pátria. Foi escolhido, portanto, um homem genovês, de em algum lugar na província de Gênova; sendo que onde nasceu ou que nome tinha tal lugar, não há nenhuma evidência da verdade,

Notemos que Fernando teve a oportunidade de ouvir diretamente de Colombo uma palavra definitiva a respeito do seu local de nascimento, obviamente pelos laços familiares, e ainda que não o tenha ouvido direto do pai, bem poderia ter sido através do irmão mais velho Diego. Las Casas, embora nunca tenha se encontrado<sup>40</sup> com o descobridor (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 50), poderia ter recebido alguma informação por meio de Fernando ou Diego, filhos do almirante, com os quais teve contato.

Se Las Casas ouviu ou não, onde Colombo teria nascido só podemos conjecturar, contudo, permanece o fato de que os dois primeiros biógrafos do almirante não esclarecem a questão de sua nacionalidade. Fernando Colombo menciona que “dizem ser este ou aquele lugar nas redondezas de Gênova”, em nenhum momento refere-se a algo que o próprio pai lhe teria dito. Las Casas, conquanto afirme que Colombo nasceu em “algum lugar da província de Gênova”, ao mesmo tempo acrescenta que: “onde nasceu, que nome teve e qual lugar, não consta verdade sobre isso”. O dominicano, entretanto, dá-nos outra referência, ao citar a obra do português João de Barros: “Uma Historia portuguesa que escrebió un Juan de Barros<sup>41</sup>, português, que llamó Asia, en el lib. III, cap. 2 de la primera década, haciendo mención deste descubrimiento, no dice sino que, según todos afirman, este Cristóbal era genovés de nación” (LAS CASAS, 1986, p. 26)<sup>42</sup>.

Ricardo Levene (1965) diz que após o surgimento da *Raccolta Colombiana* é difícil se admitir dúvidas e discussões sobre essa questão: “Cristóvão Colombo nasceu nas proximidades de Gênova e não em alguns dos numerosos povoados da Ligúria e do Piemonte que até o ano de 1892 disputavam a honra de ser o berço do descobridor” (LEVENE, 1965, p. 40-41). As controvérsias sobre as origens do almirante são justificáveis a partir da afirmação de muitos historiadores de que ele próprio somente uma vez, em um escrito se declarou um genovês, exatamente quando da instituição do *mayorazgo*<sup>43</sup>(FIGURA 3): “sendo eu nascido em Gênova”. O documento mesmo tendo sido redigido a rogo, contém o que teriam sido palavras do testador.

---

mas que devia se chamar, antes de chegar ao estado que chegou, Cristóvão Colombo da Terra Vermelha”.

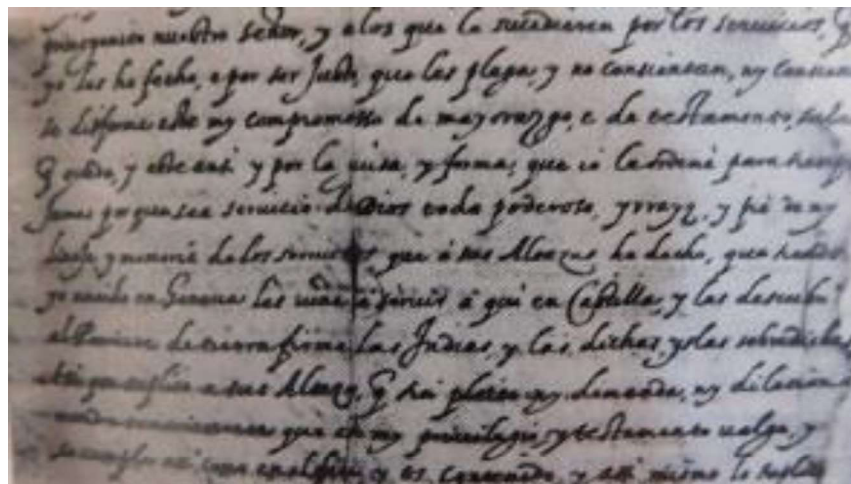
<sup>40</sup> Se pai acompanhou Colombo na segunda viagem ao Novo Mundo (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 34).

<sup>41</sup> João de Barros (1496-1570), considerado o primeiro grande historiador português, o que lhe valeu o “título” de Tito Lívio português (Nossa nota).

<sup>42</sup> “Uma *Historia* portuguesa que escreveu um João de Barros, português, que chamou Ásia, no livro III, cap. 2 da primeira década, fazendo menção deste descobrimento, não diz senão que, segundo todos afirmam, este Cristóvão era genovês de nascimento”.

<sup>43</sup> O *mayorazgo* (morgado) era um tipo de testamento cuja função era deixar praticamente a totalidade dos bens ao herdeiro masculino primogênito, pelo menos *a priori*, já que em caso deste não ser capacitado para tal, outro descendente poderia ser beneficiado. A instituição era um privilégio visando

Figura 3 - Detalhe da "acta de mayorazgo", onde Colombo fez constar: '*siendo yo nacido en Génova*'. .



Fonte: Taviani (1988, p. 17). Origem: Arquivo di Stato di Genova

Por ser a única menção de Colombo por escrito a respeito de sua cidade natal, alguns autores consideram a possibilidade de que o documento seja apócrifo. Em uma análise exaustiva das diversas teses do local de nascimento de Colombo e dos documentos existentes, Ballesteros Beretta (1945, p. 161) conclui: “Depois do que foi exposto fica demonstrada claramente a autenticidade da instituição do morgado colombino e valorizadas as cláusulas históricas do documento e as declarações de Colombo sobre sua pátria genovesa”<sup>44</sup>. No entanto, há outro documento que foi escrito pelo próprio Colombo, com mais uma forte indicação de Gênova como sua terra natal.

---

dar maior proteção principalmente aos nobres, para que o patrimônio destes não fosse fracionado e seu poder e posição sobrevivessem ao tempo através dos herdeiros principais. Esse documento, no entanto, não deixa de ser questionado como não autêntico por vários historiadores, mesmo entre os que defendem a tese de um Colombo genovês; entre eles Salvador de Madariaga (1944), autor de uma das mais respeitadas biografias de Colombo. A razão de sua desconfiança a respeito da autenticidade do *mayorazgo* de 1497-98, reside no fato de que não existe em nenhum dos escritos de Colombo ou de seus filhos qualquer menção a esse documento. Quando o almirante decidiu fazer o testamento de 1502 – o qual foi redigido, mas não chegou até nós nem mesmo uma cópia – escreveu para o amigo e confidente italiano Padre Gorrício, em carta datada de 24 de maio de 1501, na qual solicita que este lhe envie cópia certificada de um documento para que pudesse “fazer testamento” (provisiô q’ ala esta por q’ pueda yo hazer mayorazgo). Na opinião de Madariaga (1944), Colombo não redigiria a carta com esta frase se já houvesse feito um testamento anterior, concluindo que pediu o documento para lavrar testamento pela primeira vez. O testamento último de Colombo foi lavrado pelo escrivão Pedro de Enoxedo em data de 19 de maio de 1506 em Valladolid um dia antes de sua morte.

<sup>44</sup> “Después do lo expuesto queda con toda claridad demonstrada la autenticidad de la institución del mayorazgo colombino y valorizadas las cláusulas históricas del documento y las declaraciones de Colón sobre su patria genovesa”.



Varela (1982, p. 289-290) nos mostra a carta de Colombo ao *Banco de São Jorge* em Gênova, escrito em Sevilha em dois de abril de 1502<sup>45</sup>:

Muy nobres Señores: Bien que el coerpo ande acá, el corazón está allí de continuo. Nuestro Señor me há fecho la mayor merçed que después de Dabid El aya fecho a nadi. Las cosas de mi inpresa ya lucen, y farían gran lumbre si la escuridad del gobierno non Le incobriera. Yo buelvo a las Indias em nombre de la Santa Trinidad para tornar luego. Y porque yo soy mortal, yo deso a Don Diego, mi fijo, que de la renta toda que se obiere que os acuda allí con el diezmo de toda Ella cada um año para siempre, para em descuento de la renta del trigo y bino y otras bitualias comederas. Si este diezmo fuere algo, reçebildo, y si non, reçebid la boluntad que yo tengo. A este fijo mío bos pido por merçed que tengais encomendado. Miçer Nicoló de Oderigo sabe de mis fechos más que yo próprio y a él he enbiado el treslado de mis privilegios y cartas, para que los ponga en buena guardia. Folgaría que los viésedes. El Rey y la Reina, mis Señores, me queren honrar más que nunca. La Santa Trinidad vuestras nobres personas guarde y el muy magnífico Ofiçio acresçiente. Fecha en Sevilla a dos días de Abril de 1502. El Almirante Mayor del mar Oçéano y Visorey y Gobernador General de las islas y tierra firme de Asia e Indias del Rey e de la Reina, mis señores, y su Capitán General de la mar y de su consejo.

.S.  
S. A. S.  
X M Y  
Xpo FERENS<sup>46</sup>

“*Nobilísimos senhores, embora meu corpo ande aqui, meu coração está ali continuamente*”. Ora, é evidente que o “*coração ali continuamente*” não se refere à casa bancária, e sim à cidade de Gênova. E Colombo teve a resposta logo em oito de dezembro do mesmo ano, com mais uma clara evidência de sua cidadania genovesa. Vejamos um trecho:

Ilustre señor y excelentísimo conciudadano y señor digno de toda nuestra consideración. Por el virtuoso jurisconsulto micer Nicoló de Oderigo, a su

---

<sup>45</sup>Para conhecimento do texto original mantivemos a escrital antiga, onde se pode perceber (mesmo não sendo o espanhol atual) que Colombo escrevia em um castelhano não tão perfeito, como seria de esperar de alguém não nativo. “Nobilísimos Senhores: Ainda que o corpo esteja aqui, o coração está ali continuamente. Nosso Senhor me há dado grande mercê, que, além de Davi não há feito a ninguém. As coisas da minha empresa já brilham e seriam grandes luzes se a escuridão do governo não as encobrisse. Volto para as Índias em nome da Santíssima Trindade para logo retornar. E porque eu sou mortal, eu deixo a Dom Diego, meu filho, todos os rendimentos que houver que vos acuda ali com o dízimo do todos os anos para sempre, para desconto da renda do trigo e vinho e outras comedeiras habituais. Se este dízimo for recebido, e se não, recebi a vontade que tenho. A esse meu filho, vos peço por mercê que o tendais em confiança. Mestre Oderigo Nicolo sabe sobre meus feitos mais do que eu próprio e a ele enviei o traslado de meus privilégios e cartas, para que os guarde bem. Me confortaria que o vísseis. O rei e a rainha, meus senhores, querem me honrar mais que nunca. A Santíssima Trindade, guarde vossas nobres pessoas e o acrecente muito ao seu magnífico trabalho. Datada em Sevilha em dois dias de abril de 1502. O Almirante Maior do Mar Oceano, Vice-rei e Governador-Geral das ilhas e do continente da Ásia e Índias do Rei e da Rainha, meus senhores e seu Capitão Geral do mar e de seu Conselho”.

<sup>46</sup> Sobre a enigmática assinatura de Colombo trataremos no próximo tópico.

vuelta de la embajada de este excelso Común nuestro a la Corte de aquellos excelentísimos y gloriosísimos Reyes, nos há sido entregada uma carta de vuestra Ilustrísima que nos há producido singularísimo Consuelo, al ver por ella que Vuestra Excelencia, como corresponde a su natural, es afecto a esta su patria de origen, a la cual demuestra tener singular amor y caridad[...] se ha dignado hacer a Vuestra Excelencia, la susodicha patria y sus gentes hayan de percibir buena comodidad y fruto memorable[...]habiendo descubierto por vuestra propia industria, animosidad y prudencia tan gran parte de la tierra y globo del mundo inferior, que había permanecido desconocida durante todos los siglos pasados a los hombres de nuestra zona habitada; pero esta tan grande excelsitud vuestra de tan singularísima gloria, a decir verdad, parece mucho más memorable y perfecta, al estar realzada por la humanidad y benignidad que demostráis tener a estam su patria primigenia[...] Desde Génova, a dia VIII de diciembre de MDII. (GIL; VARELA, 1984, p. 298-299)<sup>47</sup>.

Os termos usados pelos autores da carta do *Banco de São Jorge* de Gênova, ao se referirem a Colombo, tais como: concidadão, pátria de origem, e pátria primogênita, tem tanto valor probatório da nacionalidade do descobridor como a menção que ele fez no *mayorazgo*, pois naquela época não havia nenhuma disputa ou preocupação de alguma nação em reivindicar ser o berço de nascimento do descobridor.

De forma explícita o *mayorazgo*, ainda que escrito a rogo, é de fato a única afirmação taxativa de Colombo de sua cidadania genovesa, e exatamente por isso, em razão do silêncio do descobridor sobre suas origens, desperta questionamentos sobre sua autenticidade. Entretanto, a carta ao *Banco de São Jorge*, fortalece ainda mais a genovesidade do almirante.

Ademais dessa nossa consideração, o *mayorazgo* é defendido como autêntico por boa parte dos especialistas, fato que por si só não dissipa a dúvida em torno do assunto, pois em se tratando da vida de Colombo em quase tudo cabe um parêntese. Se atentarmos para o fato de que todos os biógrafos, além dos documentos escritos pelo descobridor, ou sobre ele – todos esses questionados por aqueles que defendem outra nacionalidade para Colombo, além da genovesa – partam seus estudos dos trabalhos de Fernando Colombo e Las Casas é

---

<sup>47</sup> Ilustre senhor e excelentíssimo concidadão e senhor digno de toda nossa consideração. O virtuoso jurisconsulto Mestre Niccolo de Oderigo, em seu retorno da embaixada desta nossa excelsa Comunidade a Corte daqueles que excelentísimos e gloriosísimos Reyes, nos foi entregue uma carta Vossa Senhoria que causou singular consolo, ao ver por ela que Vossa Excelência, como convém a sua natureza, é afeiçoado a esta sua terra natal, a qual demonstra ter amor singular e caridade [...] se dignou fazer a Vossa Excelência, a referida pátria e seu povo ao perceber a boa comodidade e fruto memorável [...] havendo descoberto por sua própria capacidade, animosidade e prudência tão grande parte da terra e do mundo interior, que havia permanecido desconhecida durante os séculos passados a todos os homens de nossa zona habitada; mas esta excelsa glória tão singular, de fato, parece muito mais memorável e perfeita ao ser reforçada pela humanidade e bondade que demonstraís por esta sua pátria primogênita [...] De Genoa, dia VIII Dezembro MDII.

compreensível que mesmo a tese genovesa tenha apresentado alguma desconfiança, o que só foi benéfico para que o tema fosse esquadrihado à exaustão. E exatamente essas investigações levaram os principais expoentes da historiografia moderna a cravarem a nacionalidade genovesa de Colombo, como bem assinalou o historiador italiano Paolo Emilio Taviani (1988):

Ligure, genovês, estrangeiro: assim o chama repetidas vezes Manzano y Manzano, reitor da Universidade de Sevilha, autor de uma profunda e vasta obra, muito minuciosa e precisa, sobre os sete anos passados por Colombo na Espanha, antes da partida para o grande descobrimento. Samuel Eliot Morison, o melhor dos biógrafos de Colombo entre os historiadores norte-americanos, diz textualmente: “ A história começa em Gênova com os pais do descobridor”. Madariaga [...] De toda maneira, não nega a genovesidade de Colombo, já que afirma: “ Cristóvão Colombo era genovês de origem judaica-espanhola<sup>48</sup>. Em síntese podemos dizer que a questão sobre a pátria do Descobridor das Américas está definitivamente resolvida. Ele é genovês. Em Gênova começa a navegar. Em Gênova desenvolve sua infância e aquele sexto sentido do mar, que fará dele um dos maiores navegadores que já existiu. (TAVIANI, 1988, p. 18)<sup>49</sup>.

Varela (2010), a principal historiadora colombina na atualidade, a propósito do fato de que mesmo os defensores da cidadania italiana de Colombo não chegarem a um acordo quanto ao local exato de seu nascimento, ao também concluir ser a região da Ligúria o berço do descobridor, ressalta que é de somenos importância a disputa entre os próprios italianos:

Em primeiro lugar cumpre advertir que parto da premissa de que Colombo era genovês e não entro na discussão de qual era sua cidade natal pois, o discurso que nos importa, tanto diz que o navegador teria nascido em Saona, Gênova, a cidade, ou em Quinto e o que me interessa destacar é que o verei sempre

---

<sup>48</sup> A questão sobre a tese da possível origem judia de Colombo será analisada logo adiante (nossa nota).

<sup>49</sup> “ Ligor, genovés, extranjero: así lo llama repetidas veces Manzano y Manzano, rector de la Universidad de Sevilla, autor de una profunda y vasta obra, muy minuciosa y precisa, sobre los siete años passados por Colón en España, antes de la partida hacia el gran descubrimiento. Samuel Eliot Morison, el mejor de los biógrafos de Colón entre los historiadores norteamericanos, dice textualmente: “ La historia comienza en Génova con los padres del Descubridor”. Madariaga [...] De todas maneras no niega la genovesidad de Colón, ya que afirma: “ Cristóbal Colón era un genovês de origen judaico- español”. En síntese podemos decir que la cuestión sobre la pátria del Descubridor de las Américas está definitivamente resuelta. El es genovês. En Génova comienza a navegar. En Génova desarrolla desde su niñez aquel sexto sentido del mar, que hará de él unos de los más grandes navegantes que haya existido jamás”.

como um estrangeiro, como um emigrante, tanto em Portugal como em Castela. (VARELA, 2010, p. 127)<sup>50</sup>.

Essa parece ser a melhor posição a ser tomada sobre a questão, conforme ficou evidenciado ao compararmos as três principais teses da nacionalidade de Colombo. Poucas dúvidas restam de que o descobridor nasceu na região da República de Gênova, a Ligúria da Itália atual, e como bem pontuou Varela, pode não necessariamente ter sido na cidade portuária de Gênova, mas em qualquer outra dentro do mesmo território, o que de qualquer forma o faz genovês em sua nacionalidade, sendo muito difícil afirmar a sua cidade natal entre algumas como Saona, Quinto, Nervi, Cucureo, que também são cogitadas pelos historiadores como possibilidades que não se podem descartar.

## 2.5 INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

Passaremos agora a analisar e tecer algumas considerações sobre outro desafio que também traz enormes dificuldades para os estudiosos. O problema de se chegar a um consenso quanto à nacionalidade de Cristóvão Colombo parece se mostrar menos complicado quando comparado a questão de como foram seus primeiros anos de vida. Seus antecedentes familiares, *a priori*, não levantam muita discussão. Seu pai foi Domenico Colombo e a mãe Susana de Fontanarossa. Teria o pai sido um tecelão e também taberneiro. A necessidade de sustentar a família (quatro filhos homens e uma filha)<sup>51</sup> levou-o também a se tornar um negociante de pequenas propriedades rurais, além de também ter sido guardião de uma das torres da entrada de Gênova (MADARIAGA, 1944; SALMORAL, 1992).

Nenhum historiador apresenta qualquer fala de Colombo sobre seus dias de criança e de suas atividades ou educação. Somente Las Casas e Fernando Colombo escreveram a respeito, e considerando que a obra de Las Casas é anterior a de Fernando, é de se supor que o frei dominicano se apoiou no que ouviu do filho do almirante, pois é visível que Colombo fazia questão de esconder seu passado e suas origens, o que nos leva a questão de que até mesmo as

---

<sup>50</sup> “En primer lugar conviene advertir que parto de la premisa de que Colón era genovés y no entro en discutir cuál era su patria chica pues, al discurso que nos ocupa, tanto da que el navegante hubiera nacido en Saona, Génova ciudad o en Quinto y lo que me interesa señalar es que le veré siempre como un extranjero, como un emigrante, tanto em Portugal como en Castilla”.

<sup>51</sup> Cristóforo, Giovanni, Bartolomé, Giácomo, Bianchinetta (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 189).

informações de Fernando Colombo são questionáveis<sup>52</sup>. Ambos relataram sobre a infância do descobridor:

Siendo, pues, niño lo pusieron sus padres a que aprendiese a leer y a escribir, y salió con el arte de escribir formando tan buena y legible letra (la cual yo vi muchas veces), que pudiera con ella ganar de comer. De aqui le sucedió darse justamente al aritmética y también a dibujar y pintar, que lo mismo alcanzara si quisiera vivir por ello. Estudió en Pavía los primeros rudimentos de las letras, mayormente la gramática, y quedó bien experto en la lengua latina, y desto lo loa la dicha História Portuguesa, diciendo que era elocuente y buen latino; y esto cuánto le pudo servir para entender las historias humanas y divinas! Estos fueron los principios en que ocupó su niñez y con que comenzó las otras artes que en su adolescencia y juventud trabajó de adquirir. Y porque Dios le dotó de alto juicio, de gran memória y de vehemente afición, tratando muchas veces con hombres doctos, y con su infatigable trabajo estudioso, y principalmente, a lo que yo cierto puedo y debo conjeturar y aun creer, por la gracia singular que le concedió para el ministério que le cometa, consiguió la medula y substancia necesaria de las otras ciências, conviene a saber, la geometría, geografía, cosmografía, astrología y marinería. (CASAS, 1986, p. 29-30)<sup>53</sup>.

Dejando otras particularidades, que en el contexto de la historia podrían ser escritas á su tiempo, pasaremos á contar las ciencias á que aplicó la primera edad. Aprendió las letras y estudió en Pavía, lo que le bastó para entender los cosmógrafos, á cuya lección fué muy aficionado, y por cuyo respeto se entregó también á la astrología y geometría, porque tienen estas ciências tal conexión entre sí, que no puede estar la una sin la otra, y aun Ptolomeo en el principio de su Cosmografía, dice que ninguno puede ser buen cosmógrafo, si también no fuere pintor. Supo también hacer diseños para plantar las tierras y fijar los cuerpos cosmográficos en plano y redondo. (COLOMBO,F, 1892, p. 15)<sup>54</sup>.

---

<sup>52</sup> Henry Harisse questiona acintosamente a autenticidade que é atribuída a Fernando Colombo da *Historie* do almirante (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 67). Harisse (1823-1910), foi um historiador francês autor de várias obras, entre elas: *Les Colombo de France et d'Italie, fameux Marins du XV siècle, 1461-1492*

<sup>53</sup> “Siendo, pues, niño lo pusieron sus padres a que aprendiese a leer y a escribir, y salió con el arte de escribir formando tan buena y legible letra (la cual yo vi muchas veces), que pudiera con ella ganar de comer. De aqui le sucedió darse justamente al aritmética y también a dibujar y pintar, que lo mismo alcanzara si quisiera vivir por ello. Estudió en Pavía los primeros rudimentos de las letras, mayormente la gramática, y quedó bien experto en la lengua latina, y desto lo loa la dicha História Portuguesa, diciendo que era elocuente y buen latino; y esto cuánto le pudo servir para entender las historias humanas y divinas! Estos fueron los principios en que ocupó su niñez y con que comenzó las otras artes que en su adolescencia y juventud trabajó de adquirir. Y porque Dios le dotó de alto juicio, de gran memória y de vehemente afición, tratando muchas veces con hombres doctos, y con su infatigable trabajo estudioso, y principalmente, a lo que yo cierto puedo y debo conjeturar y aun creer, por la gracia singular que le concedió para el ministério que le cometa, consiguió la medula y substancia necesaria de las otras ciências, conviene a saber, la geometría, geografía, cosmografía, astrología y marinería”.

<sup>54</sup> “Deixando outras peculiaridades, que no contexto da história poderiam ser escritas a seu tempo, passaremos a falar das ciências a que se aplicou na primeira idade. Aprendeu as letras e estudou em Pávia, que era suficiente para entender os cosmógrafos, a cuja lição foi muito dedicado, e a cujo respeito foi dado também a astrologia e a geometria, porque essas ciências têm conexão entre si, que uma não pode existir sem a outra, e mesmo Ptolomeu no início da sua cosmografia, diz que ninguém pode ser

Em nenhum dos escritos do próprio Cristóvão Colombo é mencionado qualquer desses dados fornecidos por Las Casas e Fernando Colombo, o que não pode ser considerado normal, pois caso tivesse tido uma educação formal com essa aparente qualidade o navegador não deixaria de usá-la, enquanto tentava vender seu projeto de navegar pelo Ocidente para alcançar as Índias Orientais; momento em que foi esnobado por alguns sábios, tanto portugueses quanto espanhóis. Além disso, a própria justificativa mais ponderável do segredo mantido por Colombo sobre suas origens, segundo vários autores, é o fato de que sua família era de pobres tecelões genoveses, e alguém com essa característica, nada nobre, teria muito mais dificuldade para se fazer ouvir em um mundo no qual a riqueza e a nobreza eram requisitos quase compulsórios para ser notado. Como pessoa cujos pais - ainda que possuindo alguns recursos - não eram ricos, poderia ter usufruído de uma formação tão esmerada, privilégio apenas para os mais abastados na Europa do século XV?

Alguns biógrafos simplesmente repetiram o que leram de Las Casas e Fernando Colombo, entretanto, a ausência de escritos ou registros dele próprio a respeito do assunto ocasionou e ainda causa muita confusão quando o tema de sua infância é tratado. Washington Irving, por exemplo, se contradiz em sua biografia do almirante quando afirma que:

Não foi muito esmerada sua educação, embora, sim, talvez não na extensão que permitia, as circunstâncias de seus pais miseráveis [...] Foi enviado por algum tempo a Pávia, a grande escola lombarda de Ciências. Lá, ele estudou gramática, e foi aperfeiçoado na língua latina. Mas o propósito de sua educação era instruí-lo nas Ciências úteis para a vida marítima. Ele estudou geometria, geografia, astronomia, ou como então se chamava a astrologia e navegação. (IRVING, 1827, p. 5-6)<sup>55</sup>.

Uma educação “não muito esmerada” na grande escola lombarda de ciências, enviado para lá por pais desgraçados (de pobres)? O fato de que a família de Colombo não era rica praticamente não levanta discussão e exatamente por isso é difícil imaginarmos a sua presença como aluno de algum mestre na cidade de Pávia. Contudo a condição de “miserável” da família do descobridor, apontada por Irving (1827), tampouco é consensual; o que não elimina a pouca probabilidade de envio de filhos a uma universidade naquela época:

---

bom cosmógrafo, se também não for um pintor. Soube também desenhar as terras e fixar os corpos cosmográficos no plano e redondo”.

A condição da família não era de absoluta estreiteza econômica e, embora Domênico vivia de seu ofício de tecelão de tecidos de lã, o dote de Susana Fontanarosa permitia aos seus alguma folga, e o sinal disso foi habitarem em casa própria e permitir dedicarem numerário para a compra de imóveis rústicos. (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 198)<sup>56</sup>.

Pelos relatos de Fernando Colombo e Las Casas, se Colombo realmente gozou de uma educação formal só poderia ter sido em uma idade bem tenra, pois conforme veremos mais adiante, o almirante começou na adolescência sua vida no mar, o que praticamente exclui a possibilidade de ter sido aluno na Universidade de Pávia, pois a frase “grande escola lombarda de ciências” só pode remeter a esta instituição. Ademais, considerando que o acesso a esse tipo de ensino na época da infância de Colombo era bastante restrito, e a não ser que algum benfeitor pudesse ter se encarregado da sua formação e subsidiado os estudos, é muito improvável que isso tenha acontecido. Como não existem relatos de nenhum auxílio que os Colombos tenham recebido a esse respeito, e que o próprio descobridor jamais mencionou em seus escritos qualquer contato com algum tutor de Pávia, ou que tenha frequentado a universidade; os relatos de Fernando Colombo e Las Casas e de outros que os seguiram, afirmando que Colombo desfrutou desse tipo de formação, não parecem verossímeis.

Ballesteros Beretta (1945), apresenta também um raciocínio bastante elucidativo sobre a questão:

Porque escolher Pávia e não outra Universidade? HARRISSE discorre muito acertadamente ao apontar a incongruência. Em Pávia os estudantes iam aprender filosofia, direito e medicina. É verdade que havia professores *ad lecturam astrologiae y ad lecturam philosophiae*, que ensinavam algumas noções de geometria e astronomia e inclusive de cosmografia, mas no final das contas não era a especialidade universitária de Pávia. Não se conhece nenhuma obra de cosmografia, nem nenhum portulano<sup>57</sup>, do século XV, composto em Pávia; por outro lado abundam os de Pisa, Gênova, Veneza, Bolonha, Ancona e Verona. Pávia nunca foi nomeado como foco de saber em ciências físicas, matemáticas ou astronômicas. Paremos em Gênova e advirtamos a diferença. Gênova, cidade marítima de primeira ordem havia já três séculos, tinha uma superioridade reconhecida nos estudos náuticos. Os florentinos acudiram a Gênova procurando a Andalone di Negro, para que lhes explicasse a esfera, o uso do astrolábio e a aplicação das observações astronômicas para a correção das cartas geográficas. Gênova proveu almirantes para Castela e Portugal e teve cosmógrafos como os Beccario,

Agostino Noli e Bartolomeu Pareto, e seu grande cartógrafo Grazioso Benincasa desenhava seu mapa em 1461, quando Colombo fazia dez anos de idade. O que mais poderia interessar a Colombo era o estudo da estrutura do universo, da cosmografia, as noções de cálculo, da geometria, cosmografia e náutica, e estes ensinamentos os tinha ali, em Gênova, ao alcance da mão, sem cruzar os Apeninos buscando em universidades forasteiras o que com abundância, e melhor, possuía na própria. (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 212-213)<sup>58</sup>.

Madariaga (1944) tem entendimento deveras sensato sobre o assunto, quando escreve sobre o fato de que Colombo demonstrava em seus diários e cartas, uma considerável experiência de navegação, o que o levou a capitanear um barco aos vinte e um anos de idade:

Aqui surge outra objeção: se tudo isso é assim, nos perguntamos, quando e onde ele aprendeu matemática, astronomia e latim? Difícil pergunta. Com efeito, onde? Porque, se rejeitamos como piedosa ilusão filial a afirmação de seu filho Fernando que Cristóvão Colombo estudou na Universidade de Pávia, como é possível saber alguma coisa quem nunca esteve em uma Universidade? A aparente ingenuidade deste ponto de vista não impede que se encontre tácito ou expresso em mais de uma biografia de Colombo, como se não fosse possível aprender fora da sala de aula e como se faltassem provas de que Colombo era autodidata. (MADARIAGA, 1944, p. 73)<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> “ Por qué escoger Pavia y no otra Universidad? HARRISSE discurre muy acertadamente al señalar la incongruencia. En Pavia los Estudiantes iban a aprender filosofía, derecho y medicina. Es verdad que había profesores *ad lecturam astrologiae* y *ad lecturam philosophiae*, que enseñaban algunas nociones de geometria y de astronomia e incluso de cosmografia, pero en fin de cuentas no era la especialidad universitaria de Pavia. No se conoce ninguna obra de cosmografia, ni ningún portulano, del siglo XV, compuesto en Pavia; en cambio abundan los de Pisa, Génova, Venecia, Bolonia, Ancona y Verona. Nunca Pavia fué nombrada como foco de saber en ciencias físicas, matemáticas ó astronómicas. Paremos mientes en Génova y advertiremos la diferencia. Génova, ciudad marítima de primer orden desde hacía tres siglos, tenía una superioridad reconocida en los estudios náuticos. Los florentinos acudieron a Génova buscando a Andalone di Negro, para que les explicase la esfera, el uso del astrolábio y la aplicación de las observaciones astronómicas a la corrección de las cartas geográficas. Génova proveyó de almirantes a Castilla y a Portugal y tuvo cosmógrafos como los Beccario, Agostino Noli y Bartolomeo Pareto, y su gran cartógrafo Gazioso Benincasa dibujaba su mapa em 1461, cuando Colón cumplía diez años de edad. Lo que más podía interesar a Colón era el estudio de la estructura del universo, de la cosmografia, las nociones del cálculo, de la geometria, cosmografia y náutica, y esas enseñanzas las tenía allí, en Génova, al alcance de la mano, sin cruzar los Apeninos buscando en universidades forasteras lo que con abundancia, y mejor, poseía en la propia”.

<sup>59</sup> “Aquí surge otra objeción: si todo esto es así, se nos pregunta, donde y cuándo aprendió las matemáticas, la astronomia y el latín? Donosa pregunta. Donde en efecto? Porque, si desechamos como piadosa ilusión filial el aserto de su hijo Fernando que Cristóbal Colón estudio en la Universidad de Pavia, cómo es posible que supiera nada quien nunca estuvo en una Universidad? La ingenuidad patente de este punto de vista no impide que se halle tácito o expreso en más de una biografia de Colón, como si no fuera posible aprender fuera de las aulas, y como si faltasen pruebas de que Colón era autodidacto”.



É difícil discordar deste pensamento, mesmo porque o autodidatismo era bastante comum naquela época. Esse mesmo autor comenta ainda que o estudo de Colombo na Universidade de Pávia é um dos supostos feitos do almirante que só é mencionado por Fernando Colombo e Las Casas, e que considera engenhosa a explicação dada por Desimoni na *Raccolta*, de que os tecelões de Gênova mantinham uma escola para os seus filhos em Pávia. Madariaga (1944) faz essa observação claramente contestando a ideia ao chamá-la de “engenhosa”. O fato de que tanto Fernando quanto Las Casas sustentaram uma educação mais formal de Colombo combina com o caráter apologético de suas obras em relação ao navegador. É verdade que nem todos os biógrafos compactuaram com a posição tomada pelos primeiros a escreverem sobre sua vida, mas é surpreendente que outros, no entanto, não refutaram a presença dele na Universidade de Pádua. Young (2016) apresenta um argumento deveras pertinente contrário ao conteúdo das fontes primárias:

A maioria de seus biógrafos, confiando uma declaração duvidosa escrita por seu filho Fernando, o envia com a idade de doze anos para a distante Universidade de Pávia; para lá sentar-se aos pés dos professores estudar e aprender latim, matemática e cosmografia. Mas felizmente não é necessário acreditar em uma declaração tão improvável [...] Se Colombo tivesse sido o homem que alguns de seus biógrafos gostariam de fabricar -o sobrinho ou descendente de um almirante francês famoso, educado na Universidade de Pávia, pertencendo a uma família de origem nobre e de alta estima social em Gênova, escolhida pelo rei Rene para ser o comandante de expedições navais, versado na tradição científica, nos clássicos, na astronomia e na Cosmografia, o amigo e correspondente de Toscanelli e de outros cientistas—seria realmente muito mais difícil perdoá-lo, pelos expedientes e erros que cometeu. É muito mais interessante pensar nele como um artesão comum, de uma condição humilde e pobres circunstâncias, que tinha que ganhar a vida durante o período formador de sua vida pelos trabalhos mais simples de suas mãos. (YOUNG, 2016, p. 31,53-54)<sup>60</sup>.

Considerando que há autores que aderem a suposta educação formal de Colombo propalada por seu filho e por Las Casas, procedemos a uma consulta a Universidade de Pávia.

---

<sup>60</sup> Most of his biographers, relying upon a doubtful statement in the life of him written by his son Ferdinand, would have us send him at the age of twelve to the distant University of Pavia, there, poor mite, to sit at the feet of learned professors studying Latin, mathematics, and cosmography; but fortunately it is not necessary to believe so improbable a statement[...] If Columbus had been the man some of his biographers would like to make him out--the nephew or descendant of a famous French Admiral, educated at the University of Pavia, belonging to a family of noble birth and high social esteem in Genoa, chosen by King Rene to be the commander of naval expeditions, learned in scientific lore, in the classics, in astronomy and in cosmography, the friend and correspondent of Toscanelli and other learned scientists--we should find it hard indeed to forgive him the shifts and deceits that he practised. It is far more interesting to think of him as a common craftsman, of a lowly condition and poor circumstances, who had to earn his living during the formative period of his life by the simplest and hardest labour of the hand.

A instituição existe desde o ano 1361, e teve entre seus alunos o consagrado jurista italiano Cesare Beccaria, cuja obra “*Dos Delitos e Das Penas*” é referência no Direito Penal até os dias de hoje. O professor Maffi (2017)<sup>61</sup> docente na Universidade de Pávia, especialista em história da Espanha e membro da *Real Academia de História Espanhola*, apresenta o seguinte posicionamento: “Cristóvão Colombo nunca visitou Pávia, não há nenhuma prova de sua permanência nessa cidade. Ademais, o jovem Colombo nunca estudou em espécie alguma de universidade”. Portanto, na completa ausência de evidências confiáveis, a possibilidade de que Colombo tenha estudado na Universidade de Pávia, é pouco provável; o que nos leva a também, e principalmente, a concordar com a opção de Madariaga (1944) pelo autodidatismo do almirante.

## 2.6 JUVENTUDE E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO MAR

Com relação ao início da vida de navegador de Cristóvão Colombo, o tema não está livre de discussão. Atentemos, primeiramente às suas próprias palavras em carta escrita aos Reis Católicos em 1501: “*Muy altos Reyes: de muy pequena hedad entré en la mar navegando y lo he continuado hasta oy*”(VARELA, 1982, p. 252)<sup>62</sup>. Fernando Colombo e Las Casas ao tratarem do assunto, citam as mesmas palavras de Colombo. Embora seja uma fala do próprio almirante, nem por isso, como quase tudo referente a ele, deixa de encontrar oposição:

Há colunistas que, invocando os papéis de Gênova, rechaçam de plano como puro invento e fantasmagoria tudo o que o próprio Colombo afirma de si mesmo, e asseguram que o descobridor da América não se moveu de Gênova e Savona nem cessou de exercer seu ofício de laneiro e ainda de tecelão até a idade de vinte e dois anos. (MADARIAGA, 1944, p. 65-66)<sup>63</sup>.

Madariaga se refere a Henry Vignaud (1905), autor de alguns estudos críticos sobre a vida de Colombo, e um dos opositores á ideia de que o almirante se lançou ao mar em tenra idade:

Ele não se lançou ao mar aos quatorze anos como declarou: aos 22 anos de idade, ainda era tecelão em Savona. Pouco antes era estalajadeiro

---

<sup>61</sup> A través de correio eletrônico recebido em data de 28 de novembro de 2017.

<sup>62</sup> “Altísimos Reis: com pouca idade comecei a navegar e continuo até hoje”.

<sup>63</sup> “Hay colonistas que, invocando los papeles de Génova, rechazan de plano como puro invento y fantasmagoria todo lo que el propio Colón afirma de si mismo, y aseguran que el descubridor de América no se movió de Génova y Savona ni cesó de ejercer su oficio de lanero y aun de tejedor hasta la edad de veintidós años”.

com seu pai. Ele nunca fez campanha militar para o rei Rene. A época, que segundo suas declarações, ele teria comandado um navio de guerra para o príncipe, tinha apenas 21 anos e ainda trabalhava como tecelão. (VIGNAUD, 1905, p.506)<sup>64</sup>.

O historiador espanhol argumenta que para concordar com a opinião de Vignaud teríamos que anular toda a vida de marinheiro de Colombo antes de 1473, e que se o crítico do descobridor estiver certo e Cristóvão Colombo tenha permanecido em Gênova até este ano, seria impossível estarmos falando do mesmo homem. Marquéz, também demonstra ter entendimento diferente de Vignaud, e acredita em uma experiência significativa do jovem Colombo na arte de navegar e nos conhecimentos e vivências que adquiriu e que moldaram seu *pedigree* de navegador, fato que ele mesmo reivindicou em uma das cartas as Reis Católicos após a segunda viagem:

No meio deste conflito<sup>65</sup>, de Renato de Anjou amparado por Gênova, Cristóvão Colombo estava às portas para iniciar sua vocação marítima. Incentivos não lhe faltavam. Quatro ou cinco como grumete de aprender técnicas e conhecimento, se consolidaram aos quatorze ou quinze anos como tripulante fixo de barco. Já aos vinte e um ou vinte e dois anos, Cristóvão Colombo era capitão de uma galera que apoiava a de Anjou [... ]Este acontecimento o mesmo Colombo relembra para os Reis Católicos, especialmente para Dom Fernando, numa carta de princípios de 1495. Conta que Renato de Anjou o enviou à Tunísia para tomar de assalto a galera aragonesa *Fernandina*. Alguns historiadores<sup>66</sup> têm dúvidas sobre este episódio e, portanto, sobre a carta de Fernando Colombo e Las Casas, a qual transcrevem textualmente contando esse capítulo da vida de Colombo, pertencentes a um dos muitos documentos custodiados pelo arquivo dos Cólons. Considero que não há nenhuma razão para duvidar. Pode parecer estranho o próprio Colombo lembrar o rei católico que ele se alinhou com Renato de Anjou contra seu pai e, portanto, contra a ele. Contudo, essa atitude era normal em Colombo: ele cedeu à pressão da tripulação, aproveitou-se da

---

<sup>64</sup> “Il n'a pas pris la mer à quatorze ans, ainsi qu'il le déclare: à vingt-deux ans il était encore tisserand à Savone. Peude temps auparavant il avait été tavernier avec sonpère. Il n'a jamais fait campagne pour le roi René. A l'époque où, d'après ses déclarations, il aurait commandé un navire de guerre pour ce prince, il n'avait que 21 ans et exerçait encore la profession de tisserand”.

<sup>65</sup> Guerra entre Renato de Anjou, rei de Nápoles e João II, rei de Aragão. O rei João II foi sucedido pelo rei Fernando II de Aragão, cujo casamento com Isabel I de Castela unificou os dois reinos, e conseguiram a expulsão definitiva dos mouros da Península Ibérica em 1492, mesmo ano em que cederam a insistência de Cristóvão Colombo em chegar às Índias Orientais navegando rumo ao Ocidente, e que resultou na descoberta da América. Em carta aos Reis Católicos escrita na Ilha Hispaniola em janeiro de 1495, Colombo fala sobre ter sido enviado para prender a galera *Fernandina*, ou seja, em plena guerra entre o pai de Fernando II e o rei de Nápoles, com Colombo servindo a este último. A carta chegou até o presente em um fragmento, e seu texto consta na compilação dos textos e documentos colombinos reunidos por Consuelo Varela (1982) (nossa nota).

<sup>66</sup> Granzotto (1985, p. 29-31) não crê na autenticidade da carta. Em sua opinião o documento foi forjado por Fernando Colombo e a história nela contada carece de provas (nossa nota).

noite *mudando a ponta da bússola*, de forma que marcasse o sul no lugar do norte, para enganar sua tripulação -hábito muito repetido em outras ocasiões - e na manhã seguinte, se acharam perto de Cartagena. Ele era decidido, tinha conhecimentos e sabia fingir. Colombo era assim. (MARQUÉZ, 2006, p. 114-115).

A questão não é de fácil solução, e não se pretende nesta pesquisa solucionar o problema, no entanto, esperamos sim, verificar se as perguntas que estão sendo feitas há séculos, são as mais adequadas para decifrar o enigma, ou se outras deverão ser formuladas. Fernandez (2007) faz o seguinte questionamento:

É difícil explicar que o filho de Domenico Colombo e Susana Fontanarossa, que trabalhou como um tecelão ou taberneiro até depois de 20 anos de idade, pode ter tido o conhecimento Náutico que Colombo mostrou em suas descobertas. O Almirante disse: "[...] Em uma idade precoce entrei no mar e continuei até hoje". O filho Hernando e o padre Las Casas escreveram que Colombo começou a velejar com 10 anos e adotou a vida no mar aos 14 anos. Navegadores, até muito recentemente formavam-se nos barcos ainda quase crianças. Fernando Colombo fez sua primeira viagem à América aos 14 anos e tempos mais recentes, Horacio Nelson começou como grumete em 11 anos de idade na embarcação *Raissonable*. Outro detalhe incomum é que, contra o habitual, nenhum navegador ascendente ou descendente foi encontrado entre os Colombos genoveses. Os ofícios em que serviam os jovens genoveses e o ambiente familiar dificilmente poderiam levar ao nível de cultura que Colombo tinha. Em uma época em que o analfabetismo entre as classes humildes era a regra, o Almirante tinha conhecimentos científicos, humanísticos e de línguas que, mesmo em nossos dias seria excepcional. A educação dos poucos que tinham acesso ao ensino limitava-se a aprender a ler e escrever, às quatro regras de aritmética e noções da doutrina cristã. A este respeito, a opinião de Humboldt, apontada para seu estudo enciclopédico de Colombo, publicado em 1833, tem grande valor: "a sagacidade de observação aplicada a fenômenos físicos era grande, possuía, além disso, uma extensão e uma variedade de conhecimentos literários surpreendente para um mar de homem do século XV". Embora em grande parte deva ter sido um autodidata, conhecimentos de aritmética, geometria e cartografia não são fáceis de adquirir através de auto-aprendizagem. Uma prova de seus conhecimentos é que ele pôde prever com precisão um eclipse lunar em sua quarta viagem e que, citando novamente Humboldt: "a descoberta importante de variação magnética, ou seja, a mudança de variação no Oceano Atlântico, é sem dúvida de Cristóvão Colombo". (FERNANDEZ, 2007, p.15).

É perfeitamente compreensível as interrogações surgidas em relação à ausência de educação formal de Colombo (se aceitarmos esta tese), e o substancial preparo que ele teria sobre técnicas e conhecimentos de navegação; por outro lado, tampouco podemos desprezar o aprendizado com a prática, que parece ser o caso do almirante, por ter se “lançado muito cedo ao mar”. Segundo Cohen (1992, p.13):“Não podemos mais aceitar a afirmação de Fernando

Colombo de que seu pai recebeu educação formal, nem que veio de descendência nobre”<sup>67</sup>. Entretanto, a despeito do que apresentamos até aqui sobre a vida de Colombo, qualquer que seja o entendimento, as controvérsias são constantemente alimentadas.

## 2.6 A TESE DE UM COLOMBO JUDEU OU CONVERSO

Passemos ao último aspecto que será tratado nesta seção e que desperta debates em relação à vida do almirante. Trata-se de sua possível ascendência judia. Acreditamos que o tema tenha alcançado algum consenso, mas como a ideia ainda é sustentada por alguns historiadores, é necessário que o analisemos para que possamos chegar ao menos perto de alguma conclusão, com a ressalva de que tampouco será definitiva.

Não são poucas as discussões em torno de uma suposta condição de cristãos novos de Domenico Colombo e Susana Fontanarossa, os pais do navegador, o que faria de Colombo um *converso*. Iremos nos ater neste trabalho a dois dos autores que a nosso ver com bons argumentos apontam Colombo como um convertido: Wiesenthal (1992) e Madariaga (1944) apresentam razões bastante parecidas para sustentar a origem judaica do navegador e defendem que havia nele a preocupação de esconder tal fato, temendo o impacto que causaria na sua já difícil tarefa de “vender” seu projeto de navegar rumo ao desconhecido. Os autores citados demonstram formas distintas de tratar a questão: enquanto o primeiro o faz de forma, a nosso ver, espetaculosa, o segundo ao contrário, mesmo deixando claro sua posição pela ascendência judia de Colombo, traz seus argumentos de forma mais prudente. Não nos limitaremos a esses estudiosos, suas considerações servirão de roteiro para um diálogo com outros historiadores. O assunto é complexo, a ponto de que até mesmo a enigmática assinatura que Colombo passou a usar após a descoberta do Novo Mundo, é para os defensores do pretenso judaísmo do descobridor, evidência da veracidade de suas teses.

Entre eles, Niubo (1967), Barreto (1988), e o próprio Madariaga (1944), este um pouco mais comedido; a firma de Colombo é cabalística e revela um judeu sefardista<sup>68</sup>. Madariaga, em que pese demonstrar uma tendência a concordar com a ideia de um Colombo judeu, demonstra em sua obra uma posição de historiador neutro e compromissado com a investigação histórica, conforme podemos perceber em seu texto: “Esta assinatura tem se constituído em assunto favorito para os caçadores de mistérios. Há opiniões para todos os gostos, desde o

---

<sup>67</sup> “We can no more accept Hernando Colon’s claim that his father was a man of education than that he was of noble descent”.

<sup>68</sup> Termo usado para se referir aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha.

supra-engenhoso até o infra-tonto, mas nenhuma é satisfatória[...]”(MADARIAGA, 1944, p. 559)<sup>69</sup>.

Contudo, na sequência, ele toma posição pela intenção de Colombo em subliminarmente revelar sua origem e ascendência judia. Não faz parte de nosso objetivo discutir a emblemática e misteriosa assinatura de Colombo, apenas é necessário que o assunto seja tratado, ainda que de forma limitada. Quando da instituição do *mayorazgo* (1498) Colombo expressou a vontade de que o herdeiro Diego (e seus sucessores) mantivessem a firma do pai, estritamente desta forma:

.S.  
.S . A . S .  
X M Y

Depois, em um memorial para os Reis Católicos escrito em Isabela (*Hispaniola*) em 30 de janeiro de 1494 (após chegar ao Novo Mundo na segunda viagem) confiado ao capitão da nau *Maria Galante*, que retornava a Espanha, Colombo assinou:

.S.  
.S . A . S .  
X M Y  
El Almirante

Já em uma ordenança, datada em 04 de janeiro de 1493, a encarregados dos preparativos no porto de Cadiz para a segunda viagem, o documento é firmado da seguinte maneira<sup>70</sup>:

.S.  
S . A . S .  
X M Y  
Xpo FERENS

---

<sup>69</sup> “ Esta firma há venido constituyendo coto favorito para los creadores de mistérios. Hay lecturas para todos los gustos, desde el supra-ingenioso al infra-tonto, pero ninguna satisfactoria[...]”.

<sup>70</sup> Todas as assinaturas e documentos mencionados se encontram em: VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón**: textos y documentos completos. Madrid: Alianza, 1982. p. 147, 162, 201.

Xpo FERENS, significa “aquele que leva Cristo”. Portanto, é fácil entender porque a questão desperta tanta discussão, cabendo-nos apenas no escopo de nosso objetivo neste trabalho, registrar a firma de Colombo alimenta as polêmicas travadas em relação a sua possível origem judaica. Se já não bastassem as várias dúvidas que permeiam a história de sua vida – a maioria delas devido ao fato de seu silêncio sobre questões que normalmente são mencionadas –, o almirante fez com que a assinatura que idealizou se convertesse no futuro em um verdadeiro enigma, a ponto de provocar a curiosidade de muitos caçadores de mistérios com o inevitável surgimento de livros sobre o assunto. A tentativa de decifrar seu significado, conforme constatamos, não atraiu os principais historiadores colombinos, muito provavelmente, por entenderem que seria um esforço infrutífero e desnecessário. Na Figura 4, podemos ver a misteriosa assinatura em uma carta enviada pelo almirante para seu filho Diego Colombo enviada desde Sevilha em 29 de abril de 1498.

Figura 4 - Carta de Colombo ao filho Diego (29 de abril de 1498), na qual aparece a misteriosa assinatura.



Fonte: VARELA (2005, p. 135) Acervo: Archivo de la Casa de Alba (Madri).

Embora Simon Wiesenthal não crave o judaísmo de Colombo, ele dá indícios claros em seus escritos de que acredita piamente nessa versão, principalmente pelo papel significativo de alguns judeus<sup>71</sup> na realização do plano do navegador:

Qualquer investigação da vida de Colombo leva diretamente à situação dos judeus espanhóis naquela época. Sua história parece estar interligada à deles, independentemente de Colombo ter sido judeu, marrano, ou não ter qualquer ascendência judaica. Seus planos foram da maior importância para os judeus,

<sup>71</sup> Por exemplo, Luis de Santángel, judeu converso, *Escribano de La Ración* (Tesoureiro da Casa Real) o principal encarregado pelos monarcas espanhóis para o financiamento da primeira viagem de Colombo.

e os judeus tiveram um papel significativo em sua aventura. (WIESENTHAL, 1992, p. 83).

Sale (1992) critica o posicionamento dos dois autores:

Uma questão concomitante quanto ao fato de Colombo ter sido judeu foi colocada da forma a mais explícita por Salvador de Madariaga e Simon Wiesenthal. Mas na medida em que essa ideia não conta com prova direta de qualquer tipo e em que a prova circunstancial é fraca e frequentemente ofensiva (Madariaga argumentou mesmo que o grande amor de Colombo pelo ouro provava seu sangue judeu), nenhuma razão há para se lhe dar crédito. (SALE, 1992, p. 52, nota b).

Esse mesmo autor em seu livro: *A Conquista do Paraíso: Cristóvão Colombo e seu Legado* parece destilar verdadeiro ódio pelo almirante, conforme bem apontado por Hodges (2003, p. 79), e não parece justa sua crítica aos autores citados. Em primeiro lugar, falar em prova direta ou mesmo prova circunstancial a respeito da vida de Colombo é como pisar em areia movediça, até mesmo parte do conteúdo da *Raccolta* e o *Documento Assereto*, não encontram unanimidade entre os historiadores, por mais que tenham acalmado o debate. Em segundo lugar, porque Wiesenthal em momento algum afirmou categoricamente que Colombo era judeu ou tinha ascendência judia, o que fez foi defender de forma ferrenha a possibilidade (na qual visivelmente acredita), enfatizando mais o papel dos judeus na realização, principalmente, da primeira viagem. Em terceiro lugar, porque Madariaga da mesma forma nunca disse que o amor de Colombo pelo ouro “provava” sua condição de judeu. O que o escritor espanhol fez foi comentar que nas anotações marginais feitas pelo almirante em livros como *De Imago Mundi* e *Il Millone* de Marco Polo, ele sempre escrevia alusões à presença de riquezas em terras distantes, como ouro, pedras preciosas, pérolas etc.; e mesmo que tenha relacionado essa questão com a fascinação dos judeus por mercadorias de valor, o próprio Madariaga demonstrou que o olhar de Colombo para os bens materiais, poderia ser analisado por outro viés:

Mas seria errôneo deduzir a partir disso que o interesse primordial de Colombo se dirigisse para os bens materiais. Duro e ainda áspero ante a ganância o veremos mais tarde disputando palmo a palmo com a Coroa, suas rendas e direitos; e, contudo, não está em seu coração as mercadorias e o dinheiro, mas sim o poder e a glória que o dinheiro e as mercadorias trazem ao homem que tem a grandeza de saber utilizá-los como são: mero instrumentos do espírito humano. Por isso, o estudo atento de suas notas marginais revela outras características que a primeira vista pareceriam incompatíveis a quem abrigasse uma opinião material de seu



caráter, e em particular uma deliciosa imaginação poética que às vezes, para dizer a verdade, se extravía em fantasias ingênuas e sem substância, mas que, contudo, enche suas cartas e diários de luz, de ar e de espaço. Esta sua tendência a fantasia e a imaginação chega até a vencer nele o denso magnetismo que o arrasta aos metais e as gemas. Assim, por exemplo, ao ler um parágrafo sobre a Arábia: “ Crescem nos seus prados a mirra e a canela. Ali onde se encontra a ave Fênix. Pode-se achar o sardônio, o ônix, o sal-gema e a pedra íris”, incendeia-se sua imaginação e esquece as gemas e as espécies para seguir em seu voo a ave da ilusão, escrevendo em nota: “Aqui nasce a Ave Fênix”. (MADARIAGA, 1944, p. 137)<sup>72</sup>.

O fascínio por riquezas atribuído aos judeus inclui principalmente o ouro, pedras preciosas e mercadorias, ou seja, aquilo que pode ser facilmente transportado em fuga, situação sempre cogitada por um povo sem sua terra e sendo perseguido há séculos. Poder e glória não eram expectativas dos judeus exilados, e o desejo de Colombo por esses atributos não se encaixa no motivo do alegado amor dos israelitas pelo metal nobre. A citação acima, indica que Sale errou ao interpretar Madariaga, pois este não descreveu como sendo “prova” de uma possível origem judia de Colombo o interesse deste pelo ouro de terras a serem descobertas, apenas considerou a hipótese.

Ao que parece Tzvetan Todorov (2010) caminha na mesma direção dessa interpretação:

Será que foi mera ambição o que levou Colombo a viajar? Basta ler todos os seus escritos para ficar convencido de que não é nada disso. Colombo simplesmente sabe a capacidade atrativa que podem ter as riquezas, e especialmente o ouro. É com a promessa de ouro que ele acalma os outros em momentos difíceis. “ Neste dia, eles perderam completamente de vista a terra. Temendo não tornar a vê-la por muito tempo, muitos suspiravam e choravam. O almirante reconfortou a todos com grandes promessas de muitas terras e riquezas, para que eles conservassem a esperança e perdessem o medo de um caminho tão longo”. (F. Colombo,18) “ Aqui os homens já não aguentavam mais. Reclamavam do comprimento da viagem. Mas o Almirante consolou-os do melhor modo possível dando-lhes grandes esperanças do lucro que eles poderiam ter”. (Diário, 10.10.1492). (TODOROV, 2010, p. 10-11).

---

<sup>72</sup> “Pero sería erróneo deducir de aquí que el interés primordial de Colón se orientasse hacia los bienes materiales. Duro y aun áspero en la ganancia, le hemos de ver más tarde disputando palmo a palmo a la Corona sus rentas y derechos; y sin embargo, no está su corazón en las mercancías y el dinero sino en el poder y la gloria que el dinero y la mercancía aportan al hombre bastante grande para saber utilizarlos como lo que son: meros instrumentos del espíritu humano. Por eso, el estudio atento de sus notas marginales revela otros rasgos que a primera vista parecerían incompatibles a quien abrigasse una opinión material de su carácter, y en particular una deliciosa imaginación poética que a veces, a decir verdad, se extravía en fantasías ingenuas y sin substancia, pero que, con todo, llena sus cartas y diarios de luz, de aire y de espacio. Esta su tendencia a la fantasía y imaginación llega en él hasta a vencer el denso magnetismo que le arrastra a los metales y a las gemas. Así, por ejemplo, al leer un párrafo en el que se dice de Arabia: “ Crecen en sus praderas la mirra y la canela. Allí es donde se encuentra el Ave Fénix. Puede hallarse el sardónix, el ónix, la sal de roca y la piedra íris”, se le prende fuego la imaginación y olvida las gemas y las especies para seguir en su vuelo el ave de la ilusión, escribiendo en nota: “ Aquí nace el Ave Fénix”.

Outra indicação importante do alegado relacionamento de comunhão de crenças entre Colombo e alguns judeus da Espanha, pode ser vista na grande expectativa deste povo pela existência de novas terras, algo que sempre precisavam ansiar, pois não tinham a sua própria, e estavam sempre sob o risco de expulsão. Até 1948 com o estabelecimento pela ONU do Estado de Israel, os judeus sempre foram errantes e peregrinos onde quer que estivessem. Bernal (1989), também relaciona os judeus com a descoberta da América:

Judeus e conversos apoiaram a viagem de Colombo, com entusiasmo, pois estavam convictos de que havia Hebreus em outras terras; essa conclusão foi baseada na tradição, interpretações dos rabinos dos livros sagrados e comentários de viajantes. Sempre houve uma preocupação dos judeus com o desaparecimento das dez tribos remontando ao ano de 722 a.C., quando o rei Sargão II tomou a capital do Reino de Israel e dispersou sua população.. Até o momento da descoberta da América, considerou-se que as dez tribos viviam em Asfareth, palavra que significa "a outra terra"; termo confuso e pouco significativo, mas que criou hipóteses e fantasias. Diz Vicente Risco, que de acordo com o Talmude de Jerusalém haviam "israelitas em lugar oculto onde por providência especial de Deus veio uma nuvem e os escondeu, para preservá-los de povos estrangeiros". Scheder Olam chama aquelas nuvens de "Montanhas da escuridão" e tem sido interpretado que esta terra oculta durante séculos era a América. A ideia de que as dez tribos viviam em terras distantes, e baseia-se principalmente no quarto livro de Esdras, uma revelação que contém as visões que teve na Babilônia, no ano 557 a.C. (1989, p. 5-6)<sup>73</sup>.

Se Colombo teve ascendência judia, ou se ele próprio era judeu e ocultava isso agindo como um cristão, é uma matéria que, todavia, não está encerrada. Bernal (1989), ainda defende a ideia de que mesmo citando continuamente as Sagradas Escrituras e vários nomes bíblicos, como Israel, Davi, Jerusalém, Judá e o rei de Israel, ele nunca mencionou o nome de Jesus (um criminoso entre os judeus), mas sim, o Senhor<sup>74</sup>:

---

<sup>73</sup> “Judíos y conversos apoyaron el viaje de Colón con entusiasmo pues estaban convencidos de que existían hebreos en otras tierras; esa convicción se fundaba en la tradición, en las interpretaciones de los rabinos de los libros sagrados, y en los comentarios de los viajeros. Siempre preocupó a los judíos la desaparición de las Diez Tribus que se remonta al año 722 a. de J.C., cuando el rey Sargón II tomó la capital del reino de Israel y dispersó su población. Hasta la época del descubrimiento de América se consideraba que las Diez Tribus vivían en Asfareth, palabra que significa "la otra tierra"; término confuso y poco significativo, de allí que surgieran hipótesis y fantasías. Comenta Vicente Risco que según el Talmud de Jerusalén había "israelitas en lugar oculto donde por especial providencia de Dios vino una nube y los cubrió, para preservarlos de los pueblos extraños". Scheder Olam llama a aquellas nubes "Montañas de Oscuridad" y se ha interpretado que esa tierra oculta durante siglos fue América. La idea de que las Diez Tribus vivían en tierras lejanas se basa principalmente en el libro cuarto de Esdras, un apocalipsis que contiene las visiones que tuvo en Babilonia en el año 557 a. J.C.”

<sup>74</sup> Tradução do equivalente hebraico Adonai. Para os judeus é um título divino, normalmente usado em substituição ao nome pessoal não pronunciável de Deus (YHWH).

Este homem que cita e medita com fruição nos textos sagrados nunca usou a palavra Jesus; Ele falou do senhor e em suas interjeições e comentários cita nomes bíblicos tais como: Israel, David, Jerusalém, Judá e o rei de Israel; em carta a cuidadora do Príncipe João, escreve: "Eu não sou o primeiro Almirante da minha família; dêem-me o nome que quiserem, que ao final David, rei muito sábio, cuidava de ovelhas e depois tornou-se rei de Jerusalém; não sou um servo daquele mesmo Senhor que colocou David neste estado", e escreve a um amigo convertido: "Sou servidor do mesmo Deus que criou David" (BERNAL, 1989, p. 16)<sup>75</sup>.

Contudo, vemos em várias das cartas de Colombo uma devoção explícita à Santíssima Trindade, referências ao Natal, e inúmeras menções da grande possibilidade de que os nativos do Novo Mundo se convertessem ao cristianismo; além dele sempre se dirigir ou em cartas ou presencialmente à rainha Isabel e ao rei Fernando, como os mais cristãos de todos os soberanos da Terra. Autor também de um livro sobre os judeus na história da Colômbia, Daniel Mesa Bernal se equivoca na citação acima transcrita. Em carta aos Reis Católicos, escrita em Cádiz ou Sevilha em 1501, o conteúdo da missiva contradiz sua afirmação de que Colombo nunca mencionou o nome Jesus: "La Sacra Escritura testifica en el Testamento Viejo, por boca de los profetas, y en el Nuevo por nuestro Redentor Jhesucristo, qu'este mundo a de aver fin"(VARELA, 1982, p. 254)<sup>76</sup>.

Em fragmento de uma carta de 1499, aos Reis Católicos, relatando a rebelião de Francisco Roldán, Colombo expressou dura opinião até mesmo contra os judeus conversos: "De todo esto me acusavan contra toda justicia, como yo dixere, y todo esto era porque Vuestras Altezas me aborreciesen a mi y al negocio; mas no fuera así si el autor del descubrir d'ello fuera converso, porque conversos enemigos son de la prosperidad de Vuestras Altezas y de los christianos [...]" (VARELA, 1982, p. 239)<sup>77</sup>.

O engano de Bernal se mostra ainda mais evidente quando atentamos para as palavras de Fernando Colombo: "si alguna vez tenía que escribir, no probaba la pluma sin escribir estas

---

<sup>75</sup> "Este hombre que cita y medita con fruición los textos sagrados nunca empleó la palabra Jesús; hablaba del Señor, y en sus interjecciones y comentarios cita nombres bíblicos como: Israel, David, Jerusalén, Judá y el rey de Israel; en carta a la nodriza del Príncipe Juan, escribió: "No soy el primer Almirante de mi familia; pónganme el nombre que quisieren, que al fin David, Rey muy sabio, guardó ovejas y después fue hecho Rey de Jerusalén; no soy siervo de aquel mismo Señor que puso a David en este estado", y escribe a un amigo converso: "Soy servidor del mismo Dios que crió a David".

<sup>76</sup> "A Sagrada Escritura testifica no Velho Testamento, por boca dos profetas, e no Novo por nosso Redentor Jesus Cristo, que este mundo há de ter um fim: os sinais de quando isso acontecerá, foram ditos por Mateus e Marcos e Lucas; os profetas também o haviam amplamente pregado"

<sup>77</sup> "De tudo me acusavam contra toda justiça, como eu disse, e tudo isso para que Vossas Altezas se indispuesses comigo e com esta empresa; o que não teria acontecido não tivesse tal ideia vindo dos judeus conversos; pois os *conversos* são inimigos da prosperidade de Vossas Altezas e dos cristãos".

palavras: «Jesus cum María, sit nobis in via»<sup>78</sup> (COLOMBO, 1892, p. 15) . Embora, trate-se de mais um dos exageros de Fernando com relação a Colombo, pois ele não começou a escrita de vários dos seus escritos dessa forma, e sim alguns deles (VARELA, 1982, p. 230-275), mas que de qualquer modo serve para ilustrar o ponto em questão.

Como podemos ver não é sem motivo que alguns autores ainda consideram o tema motivo de investigação e discussão; no entanto, é necessário que os estudos nesse sentido devam ser conduzidos de maneira sóbria, prescindidos de uma análise criteriosa dos escritos deixados por Colombo, evitando-se assim cair em erro como ocorreu com Bernal. Elucubrações, a nosso ver fantasiosas, também podem ser evitadas, como por exemplo, a que propõe Wiesenthal (1992) de que todo o projeto de Colombo em navegar para o Oriente seria para encontrar uma nova terra para os judeus espanhóis, cuja data limite estabelecida pela rainha Isabel para que deixassem seus domínios era até a meia noite do dia 02 de agosto de 1492, e o fato de que Colombo exigiu que sua tribulação embarcasse no mesmo dia e horário para partirem ao amanhecer do dia três seria uma prova do motivo judaico da viagem. Ora, o decreto real que determinava a expulsão dos judeus da Espanha data de 30 de março de 1492, estabelecendo a primeira data limite em 31 de julho daquele ano. Foi posteriormente prorrogado em dois dias pela soberana. É mais plausível que a data da partida de Colombo, um dia após o vencimento do prazo para o cumprimento da ordem real, tenha sido uma coincidência.

Não é segredo a grande ansiedade que consumia Colombo para içar velas o mais rápido possível, afinal depois de tantos anos sonhando com aquele dia, sabendo que grande parte dos que subiriam nas caravelas ainda pensariam duas vezes antes de embarcar, seria melhor que tão logo terminasse o dia 02 de agosto, a meia-noite, o almirante já tivesse a certeza de que todos estivessem a bordo. Mesmo assim é provável que um ou outro, tenha preferido ficar em casa a se arriscar no Mar Tenebroso.

Não sabemos ainda se algum dia chegaremos a um consenso total em relação às questões da nacionalidade, infância, primeiros anos de navegação e de uma suposta ascendência judia de Cristóvão Colombo, e não é por falta de estudos, os quais a cada dia se multiplicam. Diversas pesquisas que trataram do tema, embora não estejam imunes a críticas, apresentam olhares diferentes a respeito das controvérsias suscitadas, em alguns casos convergentes, em outros divergentes; oferecendo, no entanto, um bom ponto de partida para uma investigação acadêmica mais ampla.

---

<sup>78</sup> “[...] se tinha de escrever, não experimentava a pena sem antes escrever as palavras: «Jesus cum Maria, sit nobis in via» (com Jesus e com Maria em nosso caminho).

A questão é bem mais complexa do que parece, haja vista que as próprias fontes primárias, estão sujeitas à crítica. Não apenas os vários relatos escritos na época não escapam da dúvida, a exemplo do *Diario de a bordo*, que chegou até nós através da transcrição de Las Casas, portanto questionável do ponto de vista de sua fidedignidade ao texto original; bem como a primeira biografia de Colombo, escrita por seu filho Fernando, que não economizou na exaltação do pai. E mesmo os documentos e escritos de próprio punho do descobridor, às vezes, ainda passam por um escrutínio “desconfiado”.

Entretanto, três questões precisam ser pontuadas em relação a uma possível ascendência judia de Colombo, ou até mesmo a possibilidade de um Colombo judeu ou converso. Em primeiro lugar, é o fato de que a biografia escrita por seu filho Fernando Colombo, nada diz a respeito, o que é compreensível se houvesse uma verdade que seu pai desejasse ocultar. Em segundo lugar, tampouco Las Casas menciona algo sobre isso, o que a nosso ver dificilmente deixaria de fazer em uma obra tão densa como a que deixou sobre a história do almirante e a descoberta do Novo Mundo. Se a tese de Wiesenthal tivesse algum fundamento, Las Casas certamente teria percebido nas ações de Colombo um ânimo pró-judaico, o que em nenhum momento mencionou. Mas a questão é tão complicada que até mesmo o nosso questionamento com relação a uma possível omissão nos escritos de Las Casas sobre a conjectura do Colombo judeu, vai ao encontro da própria suspeita, também aventada pela história, de situação semelhante que recai sobre o dominicano:

Atenção merece, por fim, a variante “ ou Casaus” acrescentada pelo frei Bartolomé ao seu sobrenome, ao designar-se como autor da *História* no final do prólogo. Também aparece essa variante no Argumento da *Apologética História* e nos memoriais e tratados publicados em Sevilha nesse mesmo ano de 1552, em especial na *Brevíssima Relação* onde se repete várias vezes, sem que se possa ser encontrado nos demais escritos lascasianos. Na falta de outras explicações, já se supôs que Las Casas, ao adotar esse sobrenome em suas obras impressas ou destinadas a imprensa, quis diferenciar-se dos Las Casas, mercadores de Sevilha e conversos notórios: hipótese, decerto, nada incompatível, a sua própria associação a mesma linhagem de cristãos conversos, admitida ou considerada como possível por vários especialistas. (SAINT-LU, 1986 *apud* CASAS, 1986, p. 30)<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> “Atención merece, por fin, la variante “ o Casaus” añadida por fray Bartolomé a su apellido “ Las Casas”, al designarse como autor de la *Historia* en este final de prólogo. También aparece dicha variante en el Argumento de la *Apologética Historia* y en los memoriales y tratados publicados en Sevilla ese mismo año de 1552, en especial en la *Brevisima Relación* donde se repite varias veces sin que se vuelva a encontrar en los demás escritos lascasianos. A falta de otras explicaciones, se ha supuesto que Las Casas, al adoptar este apellido en sus obras impresas o destinadas a la imprenta, queria diferenciarse de los Casas, mecaderes de Sevilla y conversos notórios: hipótesis nada incompatible, por supuesto, con su própria pertinencia al mismo linaje de cristianos nuevos, admitida ó considerada posible por varios especialistas”.

Em terceiro lugar, outro argumento bastante robusto contra a tese de um Colombo judeu, é o fato de que os Reis Católicos, Fernando e Isabel, não obstante terem sido os monarcas que executaram a expulsão definitiva dos judeus da Espanha, tinham entre seus protegidos e grandes colaboradores na corte, alguns judeus conversos, entre eles o próprio Luis de Santángel, que ocupava a destacada posição de tesoureiro do reino e foi incumbido pelos reis de dar o apoio financeiro a Colombo em sua primeira viagem. Mas não era apenas Santángel o único converso, a gozar de prestígio na corte de Isabel I e Fernando II. A biografia de Colombo escrita por Madariaga, apesar de não afirmar de forma categórica que o descobridor era um converso ou judeu, deixa claro nas entrelinhas que sua posição é por uma resposta positiva a este questionamento. O louvável rigor científico de Madariaga em sua obra, que pode ser visto na profusão de notas sustentando o texto, inclusive valendo-se grandemente da *Raccolta* e da *Coleção Navarrete*, além de vários outros estudos críticos, como por exemplo, o de Vignaud; o impediu de expressar sua escolha pela tese de um Colombo judeu. Contudo em seu próprio texto ele cai em contradição, senão vejamos:

Mas a rainha, em seu testamento, não havia pensado nele e Colombo teve de concentrar seus esforços no rei viúvo. Então, aconselha com insistência a seu filho Diego que busque o apoio, a confiança e o conselho de Deza e de Cabrero: Deza, Bispo de Palência até janeiro de 1505, e depois Arcebispo de Sevilha e Inquisidor Geral da Espanha desde a morte de Torquemada em 1498, era judeu; Cabrero, camareiro, homem de confiança e executor testamentário do rei, também era judeu. (MADARIAGA, 1944, p.548-549)<sup>80</sup>.

Ora, Madariaga defende que Colombo teria ocultado uma origem judia ou uma situação de converso, temendo as intrigas da corte e uma eventual insatisfação dos Reis Católicos contra si por este motivo; mas como mencionamos a respeito de Santángel e agora nas suas próprias palavras, tanto o rei Fernando, quanto a rainha Isabel, tinham em alta conta alguns judeus, que talvez para manter as aparências, se “converteram” em cristãos-novos. Por que então iriam ter menos apreço por Colombo caso ele estivesse na mesma situação, ainda mais se levarmos em conta as conquistas que ele obteve para a Coroa Espanhola? Entendemos que parece não fazer sentido que Colombo quisesse ocultar tal fato (se fosse verdade), sabendo que não o prejudicaria

---

<sup>80</sup> “ Pero la reina, en su testamento, no había pensado en él y Colón tuvo que concentrar su esfuerzo en el rey viudo. Entonces aconseja con insistência a su hijo Diego que busque el apoyo, la confianza y el consejo de Deza y de Cabrero: Deza, Obispo de Palencia hasta enero de 1505, Arzobispo de Sevilla después, Inquisidor General de España desde la muerte de Torquemada em 1498, era judío; Cabrero, Camarero, hombre de confianza y ejecutor testamentario del rey, era también judío”.

diante dos reis, que como soberanos não admitiriam qualquer questionamento em relação aos seus protegidos, fossem judeus ou não. Fica então a pergunta, se Colombo quis ocultar sua condição de judeu converso, qual teria sido o real motivo? Se Santángel, Deza e Cabrero, judeus conversos<sup>81</sup>, tinham alto prestígio na corte, porque Colombo não quis revelar se esta tivesse sido também a sua situação?

Como procuramos demonstrar, não pode ter sido por medo de ter menos consideração dos reis. E a citação que transcrevemos linhas atrás de reprimenda de Colombo contra conversos, em carta a rainha; provavelmente ele sabia que não afetaria seus aliados mais próximos da corte. Teria havido alguma outra questão que tornaria a situação grave a ponto de ser preciso ocultar, se realmente ele fosse um judeu converso? A abordagem de Madariaga da mudança de ênfase do propósito de Colombo, da busca por Catay e Cipango para a libertação de Jerusalém, tampouco, a nosso ver corrobora a tese de um Colombo judeu:

[...] quando Colombo se deu conta de que havia terminado para ele sua carreira de vice-rei, lançou-se a buscar ao seu redor outra empresa com que se ocupar. “Ao seu redor” é mero modo de falar. Para um homem como Colombo a realidade não estava nunca fora a não ser no mundo interior de sua imaginação. Na falta de outra empresa, Colombo olhou para dentro, para o vasto mundo que iluminava sua imaginação, e não demorou a descobrir outra missão para qual cria ter sido escolhido pelo Senhor: Dom Cristóvão de Cipango seria o libertador de Jerusalém. (MADARIAGA, 1944, p. 502)<sup>82</sup>.

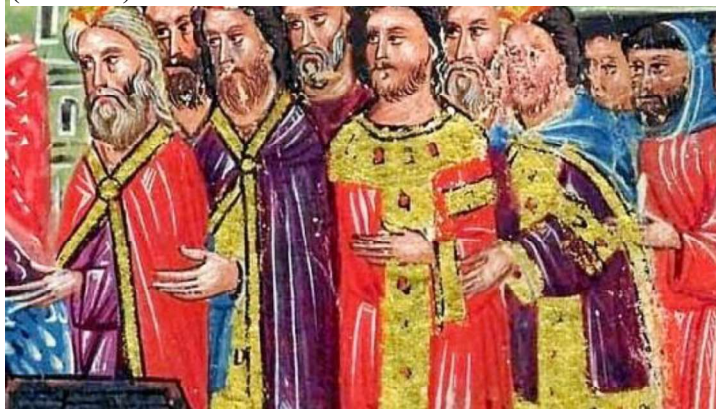
Libertar Jerusalém também era o objetivo das Cruzadas, movimentos militares tipicamente cristãos, promovidos por diversos monarcas defensores da cristandade e louvados pelo papado, entre os séculos XI ao XIII. O desejo de libertar Jerusalém dos muçulmanos, qualificaria muito mais um cristão que um judeu. Da mesma forma, a conclusão de alguns historiadores como Bernal (2003) de que Colombo citava sempre o Velho Testamento em detrimento do Novo, tampouco pode ser considerada uma “evidência” do suposto judaísmo de Colombo. As citações se referem principalmente a profecias, muito mais comuns no Velho

---

<sup>81</sup> Além destes: Frei Fernando de Talavera, religioso de ascendência hebraica, confessor e conselheiro da Rainha Isabel I; Gabriel Sánchez, tesoureiro, funcionário da coroa de Aragão; Beatriz Fernández de Bobadilla, mulher de Cabrero e amiga íntima da rainha Isabel (VARELA, 2010, p. 56-57).

<sup>82</sup> “[...] en cuando Colón se dió cuenta de había terminado para él su carrera de Virrey, se echó a buscar en torno suyo otra empresa que ocuparse. “En torno suyo” es mero modo de hablar. Para un hombre como Colón la realidad no estaba nunca fuera sino en el mundo interior de su imaginación. A falta de otra empresa, Colón miró hacia adentro, hacia el vasto mundo, que iluminaba su magín, y no tardó en descubrir la otra misión para la que se creía escojido por el Señor: Don Cristóbal de Cipango sería el libertador de Jerusalén”.

Figura 5- A Corte Judia dos Reis Católicos. Afresco (anônimo) do século XIV.



Fonte: *La Razón* (2019, online).

Testamento; além do fato de que o próprio Jesus nos evangelhos citou 24 vezes o VT e os antigos profetas, e ainda declarou: “Examinai as Escrituras, porque pensais ter nelas a vida eterna. São estas mesmas Escrituras que testificam de mim” (Evangelho de João, 5:39). Ele se referia evidentemente ao VT. E vamos um pouco mais além: se, naquele tempo, um cristão valorizar o Velho Testamento tanto quanto o Novo, fosse indício de algum judaísmo oculto, Santo Agostinho poderia ser colocado sob a mesma suspeita ao dizer:

Efetivamente, foi de um só homem, o primeiro a ser criado por Deus, que começou o gênero humano, como o testemunham as Sagradas Escrituras que, com toda razão, gozam de admirável autoridade no mundo inteiro: foram essas Escrituras que, sob a ação divina, entre outras coisas que já se verificaram, predisseram que nelas viriam a acreditar todos os povos. (AGOSTINHO, 2000, p. 1101).

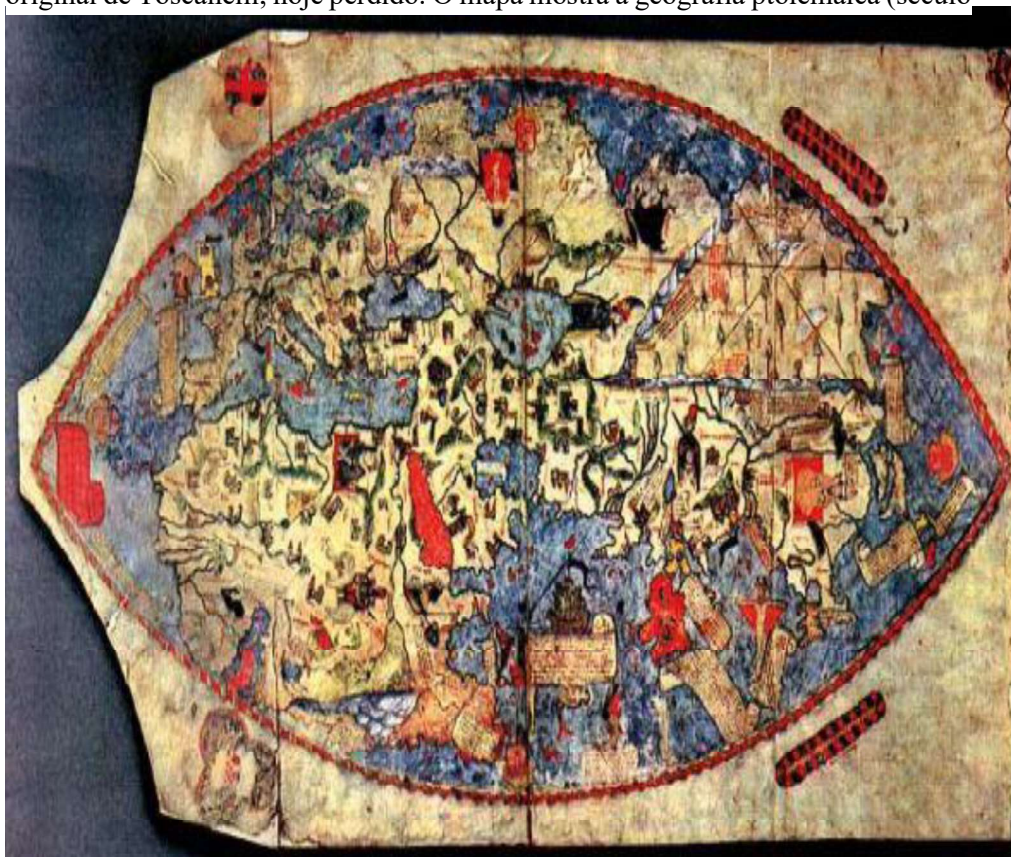
A referência ao primeiro homem criado por Deus remete indubitavelmente ao livro de Gênesis (VT), e Agostinho é explícito na autoridade de toda a Sagrada Escritura sobre a vida de um cristão. Longe de tirarmos qualquer conclusão em relação à opinião daqueles que defendem um Colombo judeu, ou converso, como podemos constatar, a polêmica ainda não foi encerrada pelos historiadores; portanto, continua aberta e passível de desdobramentos seja através de novos estudos sobre o tema, seja em um eventual surgimento de novos documentos. Na Figura 5, imagem retratando judeus (ou conversos) na corte de Castela.

### 3 O PROJETO COLOMBINO: A GÊNESIS DO DESCOBRIMENTO



Somente vários séculos após o início das navegações no Mediterrâneo, foi que durante a Idade Média (Figura 6), primeiramente com os portugueses, começaram as viagens pelo Oceano Atlântico, naquele tempo chamado de Mar Tenebroso. E mesmo assim, apesar de desafiarem o limite estabelecido pelas Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar); os lusitanos, após a conquista de Ceuta (1415) no Norte da África, navegavam ainda pelo Mar Oceano (outro nome que deram ao Atlântico) com uma boa dose de cautela, percorrendo a costa africana quase sempre avistando terra, o que não eliminava o temor dos tripulantes dos navios a cada vez que se afastavam da costa portuguesa, pela incerteza do que iriam enfrentar. Em tais condições, no ano de 1418 descobriram a Ilha da Madeira, seguido em 1434 pela façanha de Gil Eanes de passar pelo Cabo Bojador, o qual embora ainda bem próximo das Ilhas Canárias se tornou conhecido como “Cabo do Medo”, até então considerado intransponível em razão dos vários naufrágios ali ocorridos, que ceifou a vida de muitos navegadores portugueses, levando-os a crer na existência de monstros marinhos (FIGURA 7) responsáveis pela desgraça dos navios que ousavam desafiar o cabo.

Figura 6- O mundo medieval (1457) em um planisfério anônimo copiado do original de Toscanelli, hoje perdido. O mapa mostra a geografia ptolemaica (século



Fonte: VARELA (2005, p. 16-17).

Figura 7- Imaginário dos marinheiros europeus durante a Idade Média. Gravura do século XIV de autoria desconhecida.



Fonte: Antar Dayal/Illustration Works/Corbis (online).

O Bojador inspirou até mesmo um verso de Fernando Pessoa em seu poema *Mar Português*, quando cunhou uma de suas frases mais conhecidas:

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
 Se a alma não é pequena.  
 Quem quer passar além do Bojador  
 Tem que passar além da dor.  
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
 Mas foi nele que espelhou o céu.

Essa incursão dos portugueses por “*mares nunca dantes navegados*” tornou-se impostergável após a queda de Constantinopla, e sua conquista pelos turcos otomanos. Situada no estreito de Bósforo, a cidade era a porta principal para as rotas terrestres de viajantes a caminho da Ásia em busca de seu pujante comércio, o que implicava na necessidade de caminhos alternativos; e uma rota marítima para o Oriente, era imperiosa. Tendo já vencido alguns obstáculos que havia para a navegação no Mar Oceano, os portugueses se viram na situação de não poderem parar no ponto em que tinham chegado, e a partir de 1460, por meio da criação da Escola de Sagres<sup>83</sup>, comandada pelo Infante Dom Henrique, Portugal assumiu um

<sup>83</sup> Existem discussões sobre a não existência de uma Escola de Sagres, no sentido de uma instituição no sentido exato da palavra “escola”, onde se concentraria uma transmissão de conhecimentos náuticos e desenvolvimento dos navios da época; segundo essa vertente o papel do Infante Dom Henrique não seria

papel de desenvolvedor de uma tecnologia de navegação que colocou aquela então pequena nação, na vanguarda dos descobrimentos marítimos. Tal esforço se intensificou ainda mais com o apoio do rei Dom João II, quando este reuniu vários sábios em seu reino, entre eles, matemáticos e cosmógrafos, para aumentar a perspectiva lusitana de domínio do Atlântico, visando em especial a rota marítima para as Índias.

Após a “conquista” do Cabo Bojador, alguns anos mais tarde (1488), Bartolomeu Dias<sup>84</sup> conseguiria contornar o Cabo das Tormentas (atual Cabo da Boa Esperança), na extremidade meridional da África, que assim era conhecido por causa do grande número de naufrágios e vidas perdidas na tentativa de dobrá-lo. O sucesso de Dias culminou em 1498 com a chegada de Vasco da Gama em Calicute na Índia, estabelecendo a tão sonhada rota marítima para o Oriente, e confirmando a hegemonia de Portugal na era conhecida como das *Grandes Navegações*. ”É curioso constatar que a primeira das potências europeias atlânticas que iniciou a via das explorações no Oceano Atlântico, foi também a mais pequena: Portugal<sup>85</sup>” (VARELA, 1988, p. 19). Entretanto, em que pese o já destacado papel da queda de Constantinopla para que Portugal acelerasse suas ações no Atlântico, costeando a África para chegar à Ásia, houve outro fator que pode ter sido decisivo para a “pressa” dos portugueses: Cristóvão Colombo. A concentração dos Reis Católicos em expulsar de vez os mouros da Espanha, os impedia de dar maior atenção à conquista de novas terras no Ultramar, o que não significava que o avanço dos lusos no Atlântico passasse despercebido pela Coroa de Aragão e Castela;

Em meados do século XV os espanhóis das costas de Huelva e Cádiz, sozinhos ou unidos a estrangeiros, empreendem também viagens mercantis a costa africana atlântica. São organizadas expedições a Guiné e a Mina e se percorre o litoral marroquino, utilizando como base algumas das Ilhas Canárias, pertencentes aos reis castelhanos. Com a chegada dos marinheiros andaluzes a estas costas, e uma vez que começaram a obter importantes ganhos, a rivalidade luso-espanhola se converteu em uma feroz guerra marítima que

---

tão destacado no aumento das expedições marítimas portuguesas, mas sim, o fato da indiscutível dedicação de Portugal aos descobrimentos foi a responsável pela ideia de que teria havido um tipo de escola nos moldes da Escola de Sagres( Amado; Figueiredo, 1999).

<sup>84</sup> Por um dos assim chamados, mistérios do destino o mesmo Bartolomeu Dias morreria em um naufrágio exatamente quando contornava o Cabo das Tormentas, desta feita em 1500, comandando um dos navios da esquadra de Pedro Álvares Cabral, que após um desvio para tomar posse de uma extensão de terra, por direito portuguesa, em razão do Tratado de Tordesilhas (1494), e que viria a ser chamada Brasil; seguiu para a segunda viagem às Índias, após o retorno de Vasco da Gama.

<sup>85</sup> ” Es curioso constatar que la primera de las potencias europeas atlánticas que inició la via de las explotaciones y conquista en el oceano Atlántico, fuera también la más pequeña: Portugal”.

durou até o tratado de Alcaçovas<sup>86</sup> de 1479, a primeira tentativa de delimitação do Atlântico. (VARELA, 1988, p.20).<sup>87</sup>

Nesse contexto, Colombo chegou a Portugal como náufrago, só querendo salvar sua pele, possivelmente sem nenhum projeto em vista. Entretanto, em pouco tempo a desgraça sofrida mudaria radicalmente, e o navegador estaria diante do soberano português com um projeto extraordinário “debaixo dos braços”. De certa forma, mesmo que sua oferta de serviços tenha sido rejeitada pelo rei Dom João II, Colombo pode ter se tornado, por assim dizer, um problema no âmbito da expansão ultramarina portuguesa<sup>88</sup>. Nos parece muito provável que quando o genovês deixou Portugal para trás, levando suas ideias para os Reis Católicos, os portugueses não deixaram de observar seus movimentos em razão da vigilância constante entre as duas potências peninsulares nas questões<sup>89</sup> de navegação visando novas descobertas.

Os serviços de espionagem e contra-espionagens entre as nações pioneiras nos descobrimentos por via do Atlântico agiam intensamente na época: “A diplomacia de ambos os países amigos e rivais se movia com tal agilidade, em razão das informações de espões e

---

<sup>86</sup> Foi o primeiro tratado a tentar uma regulamentação de terras ainda não descobertas pelas navegações atlânticas, além de também ter colocado um fim na guerra de sucessão de Castela, com a renúncia de Afonso V ao trono de Castela e a conseqüente renúncia dos Reis Católicos ao trono português. Pode-se dizer que foi a primeira divisão do Atlântico entre Portugal e Espanha. Foi reconhecido o direito único de Portugal á sua posse da Ilha da Madeira, Açores, Cabo Verde, Ilha das Flores, Guiné, Costa da Mina e a exclusividade sobre a conquista do reino de Fez no Marrocos. Em contrapartida reconheceu-se a soberania de Castela sobre as Ilhas Canárias. Não é difícil perceber pelo tratado que os espanhóis estavam bem aquém nas possessões do além-mar (nota nossa).

”A mediados del siglo XV los españoles de las costas onubenses y gaditanas, solos ó unidos a estrajeros, emprenden también viajes mercantiles a la costa africana atlántica. Se organizan expediciones a Guinea y a la Mina y se recorre el litoral marroquí, utilizando como base algunas de las islas Canarias, pertenecientes a los reyes castellanos. Com la llegada de los marinos andaluces a estas costas, y una vez que se empezaron a obtener importantes ganancias, la rivalidad luso-española se convirtió en una feroz guerra marítima que duro hasta el tratado de Alcaçovas de 1479, primer intento de delimitación del Atlántico”.

<sup>88</sup> Para um estudo mais aprofundado das navegações portuguesas no Atlântico, cf. BOORSTIN, Daniel. **The discoverers**. New York: Vintage, 1986. p. 156-178; BOXER, Charles. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Edições 70, 2002.

<sup>89</sup> Embora Portugal estivesse claramente em vantagem sobre a Espanha nos descobrimentos, a rivalidade entre os dois reinos era notável. João de Barros, o principal cronista luso da época das grandes navegações, ao narrar em suas “*Décadas da Ásia*” os feitos do português Fernão de Magalhães a serviço da Espanha, não hesitou em concluir que Magalhães tinha sido possuído pelo Diabo para trair o rei D. Manuel: *E como o demônio sempre no ânimo dos homens move coisas para algum mal feito, e os acaba neles, ordenou no caso para que este Fernão de Magalhães se descontentasse de seu Rei, e do Reino, e mais acabasse em maus caminhos e como acabou, e foi por esta maneira.*(Cf. João de Barros (1778). *Da Ásia*, Década III, Liv. V, Cap. VIII, p. 623) (adaptado pelo autor ao português moderno).



agentes disseminados nos portos, que podia assegurar que a saída ou chegada de uma expedição, era conhecida na nação afetada com escassos dias de diferença”. (ARMAS, 1972, p. 24)<sup>90</sup>.

Ainda segundo Armas (1972), entre 1489 e 1495, Portugal diminuiu razoavelmente seu ímpeto de navegação no Atlântico, e o motivo para alguns historiadores teria sido questões internas, entre elas o fato de D. João II encontrar-se enfermo. Esse mesmo autor aponta outra razão para certo desânimo entre os portugueses naquele período: “A esses haveria que somar a enorme decepção que se produziu em toda Portugal a suposta chegada de Colombo a Índia em 1492, notícia que ao ser conhecida em Lisboa em março de 1493, por boca do próprio almirante, obrigou a um replanejamento geral da política de expansão”. (ARMAS, 1972, p. 24)<sup>91</sup>

A chegada de Colombo pela via marítima a terras desconhecidas até então, reacendeu a espionagem entre as duas nações peninsulares, o que pode ser observado facilmente quando Vasco da Gama partiu em 8 de julho de 1497 com destino a Índia (MAPA 1), e o que era para ser uma missão altamente secreta, rapidamente se tornou conhecida na Espanha: “Para que se veja com que eficácia e rapidez funcionavam naquela época os serviços de informação, basta declarar que poucos dias após se sabia em Medina do Campo, residência eventual dos Reis Católicos, a notícia da partida”. (ARMAS, 1972, p.26)<sup>92</sup>.

Feitas essas considerações, vejamos como Portugal teve um papel de importância destacada na descoberta do Novo Mundo e porque as águas que o banham foram o berço do projeto colombino.

Mapa 1- Primeira viagem de Vasco da Gama a Índia.



Fonte: BOUCHON (1998, p, 87).

<sup>90</sup> No original: “ La diplomacia de ambos países amigos y rivales se movia con tal agilidad, merced a los informes de espías y agentes diseminados en los puertos, que puede asegurarse que la salida o arribo de una expedición se conocía en la nación afetada con escasas jornadas de diferencia”.

<sup>91</sup> “A ellos habría que sumar la enorme decepción que produjo en todo Portugal el supuesto arribo de Colón en la India en 1492, noticia que al ser conocida en Lisboa en marzo de 1493, por boca del propio almirante, obligó a un replanteamiento general de la política de expansión”.

<sup>92</sup> “Para que se vea con que eficacia y rapidez funcionaban en aquella época los servicios de información, bastará declarar que con pocas jornadas más tarde se sabia en Medina del Campo, residencia eventual de los Reyes Católicos, la noticia de la partida”.

### 3.1 COLOMBO EM PORTUGAL: NAVEGAÇÕES NO ATLÂNTICO

Embora não se possa afirmar com exatidão o ano da chegada de Colombo em Portugal, em razão de erros cometidos pelo Frei Las Casas e por Fernando Colombo, boa parte dos historiadores concordam que em 1476<sup>93</sup> o navegador se encontrava em terras lusitanas, muito provavelmente recém-chegado. Por outro lado, quando o assunto é de que forma o futuro almirante do Mar Oceano desembarcou em Lisboa, seu filho e primeiro biógrafo, Fernando Colombo, é quem relata uma história (repetida por Las Casas) heroica do pai, e que durante muito tempo despertou, e até hoje desperta desconfianças sobre a veracidade do fato. Contudo, como resultado do afincamento com que muitos historiadores analisaram a questão, há uma boa base para supormos que o evento narrado pelo filho do descobridor, tenha realmente ocorrido. Jorge Mattos (2006), resume bem o que foi relatado pelos dois autores citados:

Diz-nos a mais rigorosa e atenta historiografia tradicional que Cristóvão Colombo chegou a Portugal por via de um trágico acaso, que resultou num naufrágio em que miraculosamente salvou a vida nadando até à costa algarvia, por perto do Cabo S. Vicente. Fundamenta-se esta ideia no que nos descreve Las Casas e que, aliás, repete o que consta na *História del Almirante* escrita pelo próprio filho, Hernando Colón: “O almirante navegava ea companhia do mencionado ‘Colón el Mozo’, coisa que fez durante muito tempo, encontrando quatro navios de Florença que decidiram atacar. O combate foi duro e prolongado, de que resultou um incêndio e um naufrágio, de que Colombo se salvou a nadar até à costa, descansando, de vez em quando, agarrado a um remo. E este é apenas mais um dos muitos episódios misteriosos que envolvem a vida do descobridor da América. Vários historiadores chamaram a atenção para a impossibilidade de que tivesse navegado com o corsário *Colón el Mozo*, que se sabe ter actuado muito depois da data apontada para estes eventos, e os factos narrados – a batalha, o incêndio e o próprio nome do corsário – sugerem um outro corsário, conhecido por *Colombo el Viejo*, na altura ao serviço do rei de França. Alonso de Palencia e Diego Valera referem um combate que teve lugar em 13 de Agosto de 1576 e Rui de Pina fala do mesmo corsário, referindo que se encontrou com Afonso V em Lagos – quando este partia ao encontro de Luís XI, pedindo-lhe apoio, na sequência da batalha do Toro – e concertou de “andar d’armada em seu favor [...] Os quaes todos logo de hy a poucos dias [...] afferaram quatro carraças de Genoa, e sendo já per força entradas em huma, se acendeo fogo em hum barril de pólvora[...]”. A história parece ser coincidente em várias fontes, apenas surgindo nova polémica quanto ao lugar que Colombo ocupava na contenda. Pareceria evidente que viria num dos navios genoveses, o que se confirmaria pelo socorro ou pela ligação que estabeleceu em Lisboa com as casas comerciais de Spínola e Di

---

<sup>93</sup> Para um melhor esclarecimento sobre o ano mais provável da chegada de Colombo em Portugal, cf. Ángel de Altolaguirre y Duval: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/llegada-de-cristbal-coln-a-portugal-0/html/009615d4-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_2.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/llegada-de-cristbal-coln-a-portugal-0/html/009615d4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html).

Negro, mas pode acontecer que andasse na própria armada do corsário francês há alguns anos, o que justificaria o seu saber náutico e muitas outras observações que surgem avulsas e, nalguns casos, inexplicáveis nas suas notas e nas afirmações de Hernando e Las Casas. Em todo o caso, não é meu propósito aprofundar aqui essa questão –que, além do mais, se me afigura bastante turva– aceitando apenas o facto de que em 1476 se instalou em Portugal, onde terá chegado a nado. E por alguma razão aqui ficou. (MATTOS, 2006, p. 27-28).

Nenhum dos dois primeiros biógrafos do almirante informa o ano em que ocorreu a batalha que ocasionou a sua chegada “a nado” em Portugal, mas a similitude dos dois relatos (a despeito de que Las Casas teve acesso em primeira mão, não apenas a cartas e documentos de Colombo, mas também aos escritos de Fernando Colombo), dão uma boa base aos historiadores para referendarem a história narrada nas respectivas obras. A atuação de Colombo em navios genoveses que estiveram envolvidos em combates com piratas, não parece ter sido uma invenção de seu filho. Os historiadores se ocuparam em demonstrar que os erros cometidos tanto por Las Casas quanto por Fernando Colombo, se referem não ao fato, mas sim a uma confusão de ambos quanto a época em que aconteceu, e sob ordens de qual comandante Colombo navegava. A historiadora Consuelo Varela demonstra que a historiografia colombina, ao que tudo indica, apresenta uma posição consensual sobre a chegada<sup>94</sup> de Cristóvão Colombo em Portugal:

Um episódio dramático (e na vida de Dom Cristóvão se sucederão situações trágicas) mudaria radicalmente sua vida e o apartaria de sua terra natal: um naufrágio na costa portuguesa. Navegava o genovês desde Gênova a Inglaterra formando parte de uma frota comercial de cinco barcos, dois dos quais pertenciam a empresa Spinola-Di Negro, seus patrões. Ao chegar a altura do Cabo de São Vicente, uma esquadra francesa desfez o comboio e, depois de uma cruel batalha, nosso marinheiro se viu obrigado a chegar a nado as costas do Algarve. Este episódio, próprio de uma novela, no qual o dominicano frei Bartolomé de Las Casas viu a mão de Deus que conduziu o genovês a Península, foi sem dúvida contado por Colombo a seu filho, o qual se apressou em recolher-lo em sua *História*. Fernando, em seu afã de tornar mais romântico o sucesso, colocou seu pai como tomando parte da frota do almirante Colombo *o Moço*, sem se dar conta de que o assalto do corsário francês contra quatro galeras venezianas que regressavam de Flandres teve lugar em 1485, data em que Colombo já se encontrava na Espanha e que a batalha a qual seu pai se referia aconteceu- como conta, por exemplo, o cronista Alonso de Palencia- em 13 de agosto de 1476; sendo os oponentes, de um lado, o pirata francês Guillaume de Casenove aliás *Colombo el Viejo*,

---

<sup>94</sup> Cf. também MÁRQUEZ, Luis Arranz. **Cristóbal Colón**: misterio y grandeza. Madrid: Marcial Pons, 2006. p. 121-128.

e de outra, as naves genovesas em que viajava o futuro descobridor. Um baile de nomes que, embora confunda as datas, narra um feito histórico que resume assim: após sofrer a nave em que viajava seu pai um aparatoso incêndio, e como se encontrava unida por correntes ao barco inimigo, cujos marinheiros começavam a abordagem, o remédio foi saltar na água [...] por morrer daquela maneira antes que suportar as chamas, e sendo o almirante grande nadador [...] tomando um remo que achou, e usando-o as vezes como apoio, e às vezes nadando...[chegou a] terra, embora tão cansado e afetado pela umidade da água que demorou muitos dias para se repor. Após sua azarada chegada, o naufrago se dirigiu a Lisboa onde seus patrões genoveses possuíam uma sucursal de sua casa comercial. A partir de então sua vida mudaria radicalmente de rumo. (VARELA, 2005, p. 47, grifo do autor)<sup>95</sup>.

A menção a “uma mudança radical de rumo” na vida de Colombo não poderia ser escolha melhor para definir o que o navegador encontraria pela frente. Em Portugal, onde não apenas havia uma grande concentração de seus patrícios, mas também uma filial da empresa pela qual navegara até então, o caminho natural era se acercar da colônia de genoveses de Lisboa, conforme relata Las Casas:

Así que llegado Cristóbal Colón a tierra, a algun lugar cercano de allí, y cobrando algunas fuerzas del tullimiento de las piernas de la mucha humedad del agua y de los trabajos que había pasado, y curado también por ventura de algunas heridas que en la batalla había recibido, fué a Lisboa, que no estaba lejos, donde sabía que había de hallar personas de su nación; y así fue, que siendo conocido por la nación genovesa y también quizá su linaje y sus padres, mayormente viendo su autorizada persona, le ayudaron a que pusiese casa, y

---

<sup>95</sup> “Un episodio dramático (y en la vida de don Cristóbal se sucederán las situaciones trágicas) cambiaría radicalmente su vida y le apartaría de su tierra natal: un naufragio ante las costas portuguesas. Navegaba el genovés desde Génova a Inglaterra formando parte de una flota comercial de cinco barcos, dos de los cuales pertenecían a la empresa Spinola-Di Negro, sus patronos. Al llegar a la altura del cabo de San Vicente una escuadra francesa deshizo el convoy y, tras una cruel batalla, nuestro marino se vio obligado a llegar a nado a las costas del Algarve. Este episodio, propio de una novela, en el que el dominico fray Bartolomé de Las Casas vio la mano de Dios que condujo al genovés a la Península, fue sin Duda contado muchas veces por Colón a su hijo, quién se apresuró a recogerlo en su *Historia*. Hernando, en su afán por hacer más romántico el suceso, situó a su padre formando parte de la flota del almirante Colombo *el Mozo*, sin caer en la cuenta de que el asalto del corsario francés contra cuatro galeras venecianas que regresaban de Flandes tuvo lugar en 1485, fecha en la que ya Colón se encontraba en España y que la batalla a que refería su padre ocurrió – como cuenta por ejemplo, el cronista Alonso de Palencia – el 13 de agosto de 1476; siendo los contrincantes, de una parte, el pirata francés Guillaume de Casenove alias Colombo *el Viejo*, y de otra, las naves genovesas en la que viajaba el futuro descubridor. Baile de nombres que, aunque equivoca la fecha, narra un hecho histórico que resume así: tras sufrir la nave en que viajaba su padre un aparatoso incêndio, y dado que se encontraba unida por cadenas al barco enemigo, cuyos marineros comenzaron el abordaje, el remédio fue saltar al agua...por morir de aquella manera antes que soportar las llamas; y siendo el almirante gran nadador...tomando un remo que topó, y ayudándose as veces con él, y as veces nadando...[llegó a] tierra, aunque tan cansado y trabajado de humedad del agua que tardó muchos días en reponerse. Tras su azarosa llegada, el naufrago se dirigió a Lisboa donde sus patronos genoveses poseían una sucursal de su casa comercial. A partir de entonces su vida cambiaría radicalmente de rumbo”.



hecha con él compañía, comenzó a acreditarse y restaurarse. (CASAS,1986, p. 34)<sup>96</sup>.

O relato do frei é bastante consistente com o fato de que já em 1477, Colombo voltava a navegar pelo Atlântico Norte:

Como era de se esperar, seus patrões encarregaram o jovem a continuar a viagem frustrada que levava de Gênova a Inglaterra e que o destino havia malogrado. Foi assim que no começo de 1477, quase recém-chegado, voltou a embarcar em uma viagem comercial desde Lisboa até a Islândia, após fazer escala nos portos de Bristol na Inglaterra e de Galway na Irlanda. Colombo navegou, pois, em primeiro lugar no Atlântico Norte, uma rota que muito provavelmente não repetiria [...] Foi, sem dúvida, esta viagem ao Atlântico Norte o estopim que fez Colombo decidir permanecer em Lisboa, pois desde estas datas o veremos fincado em Portugal. (VARELA, 2005, p. 65,68)<sup>97</sup>.

Assim, o próprio Colombo descreveu a viagem em fragmento de uma carta aos Reis Católicos, datada de janeiro de 1495, e escrita em *la Española (Hispaniola)* no Novo Mundo:

[...]” Yo navegue el año de quatrocientos y setenta y siete, en el mês de Hebrero, ultra Tile cient léguas, cuya parte austral dista del equinocial setenta e três grados, y no sesenta y três, como algunos dicen, y no está dentro de la línea que incluye el Ocçidente, como dize Ptolomeo, sino mucho más ocçidental. Y a esta isla, que es tan grande como Inglaterra, van los ingleses con mercadería, espeçialmente los de Bristol, y al tiempo que yo a ella fue no estaba congelado el mar, aunque avía grandíssimas mareas, tanto que en algunas partes dos vezes al dia subía veinte y cinco braças y descendia otras tantas en altura. (VARELA, 1982, p. 167)<sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> “Chegando Cristóvão Colombo a terra, em um lugar ali perto, recobrando força nas pernas em razão da umidade a que ficou exposto, e das dificuldades por que passou, após curar-se de algumas feridas que teve na batalha, foi a Lisboa, que não ficava longe, onde sabia que havia de achar pessoas de sua nação; assim foi, que sendo conhecido pela nação genovesa e também talvez sua linhagem e seus pais, principalmente vendo sua reconhecida pessoa, o acompanharam e ajudaram a obter uma casa, quando começou a se recuperar e restaurar”.

<sup>97</sup> “ Como era de esperar, sus patronos encargaron al joven que continuase el viaje frustrado que le llevaba de Génova a Inglaterra y que el destino habia malogrado. Así fue como a comienzos de 1477, casi recién llegado, volvió a embarcarse en un viaje comercial desde Lisboa hasta Islandia, trás hacer escala en los puertos de Bristol en Inglaterra y de Galway en Irlanda. Colón navegó, pues, en primer lugar al Atlántico Norte, una derrota que muy probablemente no repetiría [...] Fue, sin duda, este viaje al Atlántico Norte la espoleta que decidió a Colón a permanecer en Lisboa; pues desde esas fechas Le vemos afincado en Portugal”.

<sup>98</sup> “ Eu naveguei no ano de quatrocentos e setenta e sete, no mês de fevereiro cem léguas além de Tile, cuja parte austral dista da equinocial setenta e três graus e não sessenta e três como dizem alguns, e não está dentro da linha que inclui o Ocidente como diz Ptolomeu, senão muito mais ocidental. E a esta ilha que é tão grande como a Inglaterra, os ingleses vão com mercadorias, especialmente os de Bristol, e na época em que eu fui a ela o mar não estava congelado, embora havia grandíssimas marés, tanto que em algumas partes, duas vezes ao dia subia vinte e cinco braças e descia outras tantas em altura”.

Há pouca discussão de que a ilha Tile (Thule) se refere à Islândia; contudo, quanto à possibilidade de Colombo ter navegado em uma região tão setentrional, encontra resistência em alguns historiadores encabeçados por Henry Vignaud (MARQUÉZ, 2006), que taxou Colombo como sendo um enganador com a intenção de elevar seus feitos. É fato que existem erros nas palavras do navegador em sua carta aos reis, como as altas marés que em fevereiro não ocorriam na Islândia, assim como a posição geográfica apontada por ele (erro que ele cometeu em outros casos) (VARELA, 2005, p. 76). Outros questionam o fato dele ter mencionado que a ilha era tão grande como a Inglaterra, o que evidentemente não corresponde à realidade, mas que para alguém que esteve apenas em um ou outro porto inglês, e em uma época em que os mapas não eram tão precisos, a comparação não nos parece nenhum absurdo, se considerarmos o fato de que a Islândia é uma grande ilha.

Sale (1992) também é bastante cético com relação a essa viagem de Colombo, ainda que reconheça que há informações de que o inverno foi deveras ameno para aquela região na época, e também questiona as marés (que chegam a ocorrer na magnitude descrita por Colombo perto de Bristol), bem como a latitude informada pelo descobridor, e principalmente, duvida da possibilidade de que ele tenha navegado cem léguas “além de Tile”, o que o teria levado à Groenlândia fato que não deixaria de mencionar. Sale destaca ainda, que Colombo volta a citar o fato em seu *Diario de a bordo* (21 de dezembro de 1492), e em uma anotação marginal em seu exemplar do livro *Historia Rerum* escrito pelo Papa Pio II (Enea Silvio Piccolomini), reputando ser a referência relativa à costa inglesa, ainda que Colombo pareça se referir claramente a Islândia.

Em nossa tentativa de entender a razão de tanta controvérsia em relação a Cristóvão Colombo, buscando os pontos consensuais e também verificando se ainda há perguntas a serem feitas, ao deparar com a questão da navegação do descobridor pela via setentrional do Atlântico Norte, propomos um questionamento que não vimos até o momento em autores como Vignaud e Sale, os quais reputam a narrativa de Colombo como um arroubo de jactância. Por que motivo, depois de ter realizado a viagem que descobriu o Novo Mundo, percorrendo uma distância no Atlântico jamais ousada por qualquer outro navegador, tendo recebido todas as honras dos reis da Espanha por sua descoberta; agora na sua segunda viagem, Colombo precisaria se jactar diante dos reis relatando um itinerário navegado em nada comparável a sua travessia em 1492? E mais, como o próprio Sale escreve, Colombo anotou em seu exemplar de *Historia Rerum* uma condição do mar que corrobora sua afirmação de ter chegado a Thule (Islândia). Pio II em sua *Historia Rerum* afirmava: “[...] quod accidere minime potuisset, si, ut plerisque visum est,

Septentrionale pelagus innavigabile concretumque esset” (PIO II, 1892, *Raccolta*, parte I, volume 2, p. 292)<sup>99</sup>. Mas na anotação marginal feita por Colombo pode-se ler:

[Homi]nes de Catayo versus oriens venierunt. [n]os vidimimus multa notabilia, et [spe]cialiter in Galvei Ibernice virum et [uxorem in duobus lignis areptis ex mirabili [pers]ona. Auctor. oceanum Septentrionalem non est concretum neque innavigabile. [Ori]entem nobis incognitum, veteres tamen navigatum produunt. ( COLOMBO, 1892, *Raccolta*, parte I, volume 2, p. 292, nota 10)<sup>100</sup>.

Não é crível que Colombo escrevesse em um livro de sua propriedade um fato falso. Com que finalidade ele o faria, em uma obra de seu uso particular e que certamente só foi acessível a outros após sua morte? Madariaga define bem a reticência de Vignaud aos relatos do próprio Colombo:

O principal opositor da viagem a Thule é sem dúvida Vignaud. Para Vignaud, a vida de Colombo é muito simples. Tudo o que não se ajusta a suas opiniões é falso. Assim, ele vai eliminando dados e mais dados procedentes do próprio Colombo, até que não reste nada do que o próprio interessado disse sobre si mesmo. (MADARIAGA, 1944, p. 587, nota 3)<sup>101</sup>.

O mesmo autor, ao defender a veracidade da narrativa de Colombo sobre ter navegado até a Islândia, apresenta um argumento difícil de refutar;

Os erros geográficos deste texto, longe de argüir contra a veracidade de Colombo, muito mais a confirmam, pois se, como alguns críticos modernos fazem valer, se Colombo tivesse se jactado desta visita sobre a mera base de leitura de cartas marinhas, seria de negar-lhe não apenas honradez senão também inteligência ao aventurar-se a corrigir cosmógrafos e marinheiros em condições que sabia tão precárias. É evidente que Colombo esteve na Islândia ou Thule como era conhecida, e se fosse necessária outra prova que a de seu próprio interesse na “última das terras”, bastaria esta petulância em corrigir o

<sup>99</sup> “[...] e a uma mínima possibilidade disso acontecer, pois como se sabe, o mar Setentrional não é navegável, pois é congelado”.

<sup>100</sup> “Homens de Catai vieram do oriente. Nós vimos muitas coisas notáveis, principalmente em Galway na Irlanda, um homem e uma mulher admiráveis arrastados em troncos pela tempestade. Autor. O oceano Setentrional não é congelado nem inavegável. O Oriente desconhecido por nós tem contudo, navegação relatada pelos antigos”.

<sup>101</sup> “ O principal negador del viaje a Thule es desde luego Vignaud. Para Vignaud, la vida de Colón es muy sencilla. Todo lo que no se ajusta a sus opiniones, es falso. Así va eliminando datos y más datos procedentes del propio Colón, hasta que apenas queda nada de lo que el propio interesado há dicho sobre si mismo”.

que outros haviam escrito antes dele com mais competência. (MADARIAGA, 1944, p.121-122)<sup>102</sup>.

Tanto a carta de Colombo aos Reis Católicos quanto as anotações marginais feitas por ele em seu volume da *Historia Rerum*, são fontes históricas primárias. E note-se, que o descobridor ao afirmar que o Atlântico Norte “não é inavegável” contesta o autor Pio II, não obstante ser a obra deste uma de suas principais referências. Não há como sustentar que as observações que Colombo teceu sobre a região tenham sido por mera observação de mapas da época e não pelo que viu *in loco*.

Ora, ainda que possamos considerar a possibilidade de que Colombo, a despeito do feito maior que já havia realizado, ainda desejou se vangloriar para os Reis Católicos de ter navegado até a Islândia; analisando o que o descobridor escreveu na carta de janeiro de 1495, e nas margens de seu exemplar de *Historia Rerum*, é difícil imaginar, exatamente pela interpretação das próprias fontes, que ele mentiu para si mesmo.

Além disso é necessário que tragamos duas outras fontes primárias para analisar a situação. A menção de Fernando Colombo de que seu pai vinha de uma linhagem de sangue ilustre, repetida por Las Casas, o qual acrescentou que os pais do navegador eram pessoas notáveis e ricas, e que depois em razão das guerras acabaram por se ver pobres, e ainda a afirmação de ambos de que Colombo teve uma educação esmerada na Universidade de Pávia, não encontra nenhuma base histórica documental, portanto refutada pela maior parte dos historiadores colombinos, que atribuem tal relato a uma apologia de Fernando para engrandecer seu pai, talvez em razão das queixas do próprio Colombo de injustiças que sofrera, principalmente, após a terceira viagem ao Novo Mundo e no final de sua vida. Ao contrário da menção de sua viagem a Islândia, os relatos sobre sua origem e educação, jamais foram encontrados em qualquer escrito de Colombo.

Não conseguimos explicar porque Fernando Colombo e o Frei Las Casas fizeram constar tais informações relativas ao início da vida do almirante, contudo, os prováveis exageros destes autores, de certa forma, servem para atestar a veracidade da maior parte do conteúdo de suas obras, que encontram eco nos escritos do próprio Colombo, como, por exemplo, a navegação

---

<sup>102</sup> “Los errores geográficos de este texto, lejos de argüir contra la veracidad de Colón, más bien la confirman, porque si, alguno de sus críticos modernos hace valer, Colón se hubiese jactado de esta visita sobre la mera base de lecturas de cartas marinas, habría que negarle no solo honradez sino inteligencia al aventurarse a corregir a cosmógrafos y marinos en condiciones que sabía tan precarias. Es evidente que Colón estuvo en Islandia o Thule como entonces se decía; y si fuese necesaria otra prueba que la de su propio interés en “ la última de las tierras”, bastaría esta petulância en corregir lo que otros habían escrito antes que él con más competencia”.

até Tile, que é registrada tanto pelo filho e biógrafo, quanto pelo frei historiador, e mencionada pelo descobridor no trecho da carta (VARELA, 1982, p. 166-167) enviada aos Reis Católicos, escrita em janeiro de 1495 em *la Española*. O que a maioria dos historiadores questiona nos escritos desses dois biógrafos, não está presente nas cartas-documentos, relações etc, que Colombo escreveu e felizmente grande parte foi preservada para a posteridade. Tal pensamento, a nosso ver, não deixa de ser esclarecedor no que tange ao fato de que, não obstante a historiografia colombina esteja amparada por uma robusta fonte documental e uma boa dose de consenso entre os historiadores, a controvérsia ainda paira sobre alguns aspectos da vida do descobridor, o que coloca os pesquisadores diante de um campo que permanece aberto á investigação e interpretação.

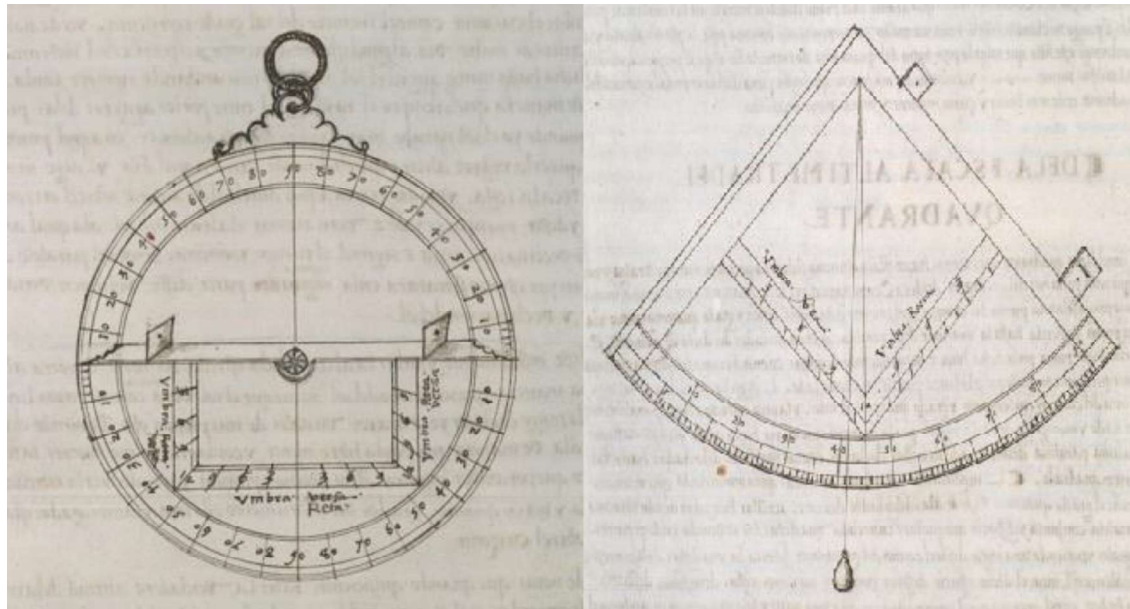
Mas porque insistimos em defender a veracidade do fato específico das viagens comerciais realizadas por Colombo antes de 1492? A razão é mais que pertinente, senão vejamos: até sua chegada a Portugal, é certo que Colombo já adquirira alguns conhecimentos de navegação pelo fato de ter “entrado no mar muito jovem” conforme ele mesmo afirmou em carta aos reis da Espanha, no entanto suas experiências e práticas mais consistentes na arte de navegar se deram nos anos iniciais de sua estada em Portugal, em viagens pelo Atlântico. Não nos esqueçamos que a sua viagem de descobrimento ocorreu quinze anos após o naufrágio que fez com que ele desembarcasse em terras lusitanas, onde permaneceu por cerca de oito anos.

As excursões marítimas empreendidas por Colombo quando se instalou em Portugal foram fundamentais para o desenvolvimento de sua habilidade de como se guiar no mar, ou seja, fez dele um navegador experiente, na intuição e no uso de instrumentos da época (FIGURA 8):

Embora desde a antiguidade o homem mediterrânico frequentasse o Oceano Atlântico, se há alguém em que se possa personificar a mudança de identidade, de homem do Mediterrâneo ao homem do Atlântico, esse sem dúvida é Cristóvão Colombo, o primeiro que conseguiu “ará-lo”, em expressão portuguesa, de leste a oeste em uma viagem quimérica [...] Foi sem dúvida esta viagem ao Atlântico Norte o estopim que fez Colombo decidir-se a permanecer em Lisboa [...] Já fora de Lisboa, desde Porto Santo, Colombo viajou em repetidas ocasiões a Ilha da Madeira [...] As esquadras dos reis de Portugal avançavam pela costa africana, e em seu caminho para as Índias iam descobrindo e tomando posse solene da costa ocidental do continente africano [...] Com eles Dom Cristóvão conheceu o continente africano [...] Foi nestas viagens, das quais Colombo nunca disse quantas fez nem em que datas, e cujos lugares, que cita em seus escritos, são a costa da Malagueta, onde viu sereias, e a fortaleza de São Jorge da Mina [...] onde sem lugar a dúvidas adquiriu o nauta uma série de experiências que lhe seriam básicas em sua formação [...] Em seus diferentes percursos aprendeu desde navegar com vento contrário ou moderado, a até medir a altura do sol com o astrolábio,

inclusive a troca de quinquilharias que dariam tão bons resultados mais tarde no Novo Mundo. Ensinamentos estes, que anteriormente não havia tido oportunidade de aprender. (VARELA, 2005, pp. 47,68-76)<sup>103</sup>.

Figura 8- Astrolábio e Quadrante, instrumentos náuticos da época das Grandes Navegações.



Fonte: AGUILAR (2019, online). Acervo: Real Academia de História (Espanha).

Conhecer a capacidade de navegador de Colombo, sua habilidade para se guiar em mar aberto através da posição das estrelas; a técnica de uso dos limitados instrumentos de que dispunha; e sua confiança em saber o que estava fazendo e para onde estava indo, é fundamental para compreendermos a obstinação que fez com que enfrentasse a tudo e a todos para conseguir levar a cabo seu projeto de navegação, tido pela maioria de seus interlocutores como algo

<sup>103</sup> “Aunque desde la antigüedad el hombre mediterráneo frecuentó el océano Atlántico, si hay alguien en que se pueda personificar el cambio de identidad, del hombre del mediterráneo al hombre atlántico, ese es, sin duda, Cristóbal Colón, el primero que logró “ ararlo”, en expresión portuguesa, de este a oeste en un viaje quimérico [...] Fue, sin duda, este viaje al Atlántico Norte la espoleta que decidió a Colón a permanecer en Lisboa; pues desde esas fechas le vemos afincado en Portugal [...] Ya fuera desde Lisboa, o bien desde Porto Santo, Colón viajó en repetidas ocasiones a la isla de la madera [...] As escuadras de los reyes de Portugal avanzaban por las costas africanas y, en su camino hacia la India, iban descubriendo y tomando solemne posesión de la costa occidental del continente africano[...] Com ellos don Cristóbal conoció el continente africano[...]Fue en estos viajes, de los que Colón nunca dijo cuántos hizo ni en qué fechas, y cuyos lugares, que cita en sus escritos, son la costa de la Malagueta, donde vio sirenas, y la fortaleza de San Jorge de la Mina[...]donde sin lugar a dudas adquirió el nauta una serie de experiencias que le serían básicas en su formación[...] En sus distintos recorridos aprendió a, desde navegar con viento contrario o ceñir, hasta medir la altura del sol con el astrolábico e incluso las técnicas del tucque de baratijas, que tan buenos resultados le darían más tarde en el Nuevo Mundo. Unas enseñanzas que con anterioridad no había tenido ocasión de aprender”.

impossível de se realizar. O Mediterrâneo ficara para trás. Colombo não mais singraria suas águas. Era agora um mar pequeno, insuficiente para saciar sua sede de grandeza.

### 3.2 O CASAMENTO CONVENIENTE

O destino é um conceito que há séculos vem sendo discutido por diversas correntes doutrinárias, sejam elas de cunho religioso ou filosófico, produzindo diversas interpretações; desde um possível controle que o homem tem de seu futuro, por meio de suas ações presentes (como resultado de seu livre arbítrio), até uma posição mais religiosa, de que o destino não existe, e a vida do homem é controlada pela divindade.

Uma das características mais marcantes de Colombo era sua religiosidade, e não poucas vezes, imputou como razão de suas realizações unicamente a vontade divina. Qualquer que tenha sido o mistério que governou os fatos que se juntaram para que ele cumprisse aquilo que havia projetado, é difícil encontrar outra personagem na história da humanidade que pareça ter sido tão destinada a um propósito.

Antes de dar seu último suspiro no dia 20 de maio de 1506, aos cinquenta e cinco anos, Colombo, talvez, tenha feito mentalmente uma retrospectiva de sua vida e em um breve momento lembrou alguns de seus cruciais momentos, que como veremos ao longo deste trabalho, se constituíram em uma verdadeira odisséia. Talvez nenhum homem tenha tido tanto para refletir em seu último momento.

Tais acontecimentos indicam que nada na vida de Cristóvão Colombo parece ser obra do acaso. Seu próprio casamento, somado a todos os fatos descritos acima, soa como algo milimetricamente pensado. O ano é 1478, Colombo havia retornado da viagem ao Atlântico Norte e, provavelmente, ao assistir à missa no *Convento dos Santos* em Lisboa, conheceu a jovem Felipa Moniz, filha de um conterrâneo seu:

Seu nome era Felipa Moniz, a filha de um italiano de boa origem, Bartolomeu Perestrello, o qual foi atuante na colonização da Ilha da Madeira, e de Catarina Visconti. As circunstâncias sugerem que na ocasião Colombo estava à procura de uma esposa bem nascida. O Convento dos Santos era mantido por freiras encarregadas da provisão para esposas e filhas daqueles que estavam lutando em terras distantes. Aqui ele poderia ter a chance de encontrar uma mulher que respondesse à sua ambição, em um dos poucos locais aprovados para que solteiros encontrassem mulheres jovens e adequadas. (BERGREEN, 2011, p. 61)<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> “Her name was Felipa Moñiz, the daughter of a wellborn Italian, Bartolomeo Perestrello, who had been active in the colonization of Madeira Island, and his wife Caterina Visconti. Circumstances suggest

O sogro (já morto) tinha sido um tipo de governador hereditário da ilha de Porto Santo, e a sogra vinha da importante família Moniz, com relações muito próximas da Coroa Portuguesa desde o século XII. Seu fundador Egas Moniz havia sido um homem importante no reinado de Afonso Henrique, primeiro monarca de Portugal (MADARIAGA, 1945), o que fazia de Felipa uma nobre, tanto do lado paterno quanto materno. Salvador de Madariaga não se refreia ao apontar as razões da escolha de Colombo;

Conta Las Casas como Colombo costumava ir á missa no Convento dos Santos, onde viviam “certas comendadoras”. Observemos que em Lisboa por volta de 1478, havia em cada esquina, e em cada praça, pelo menos uma casa santa onde refugiar-se em oração. Portanto, conhecendo como já conhecemos o caráter calculador de Cristóvão Colombo, não é demais supor, que escolhesse para suas devoções este convento e não outro, por razões não necessariamente religiosas. *A Deus rogando e com o malho dando* é um excelente ditado espanhol e, por mais convencido que Colombo já estivesse de seus destinos providenciais, nada o impedia de cooperar com a Providência para levar seus altos planos a uma conclusão satisfatória. (MADARIAGA, 1944, p. 124)<sup>105</sup>.

E ainda:

[...] o impulso rumo ao oceano e a rota das Índias atuava já no ânimo de Colombo antes que se aliasse com a famosa família portuguesa e portanto que buscou esta aliança precisamente por sua relação com Porto Santo, base admirável de exploração para o mar desconhecido. (1944, p. 129)<sup>106</sup>.

Os “seus altos planos” a que o autor se refere não podem, segundo nosso entendimento, se relacionar ao seu projeto de descobrimento, e sim ao fato de que Colombo sempre

---

that Columbus was in search of a wellborn wife at the time. The Convento dos Santos was maintained by charged with providing for the wives and daughters of those fighting in distant lands. Here he might have a chance to meet a woman who answered to his ambition in one of the few approved places for bachelors to encounter eligible young women”.

<sup>105</sup> “Cuenta Las Casas cómo Colón solía ir a misa a um convento conocido por el de los Santos, donde Vivian “ ciertas comendadoras”. Observamos por lo pronto que em Lisboa, hacia 1478, había em cada esquina, y em cada Plaza, lo menos una casa santa onde refugiarse em la oración. Por lo tanto, conociendo como ya conocemos el carácter calculador de Cristóbal Colón, no es mucho suponer que escogiese para sus devociones este convento y no outro por razones no necesariamente religiosas. A Dios rogando y com el mazo dando es um excelente refrán castellano y, por muy convencido que Colón estuviera ya de sus destinos providenciales, nada Le impedia cooperar com la Providencia para llevar sus altos planes a conclusión satistactoria”.

<sup>106</sup> “[...] el impulso hacia el océano y la ruta de las Indias actuaba ya en el ánimo de Colón antes de que se aliasse con la famosa familia portuguesa y por lo tanto que buscó esta alianza precisamente por su relación con Porto Santo, base admirable de exploración para el mar desconocido”.



demonstrou ao longo de sua vida um propósito inabalável de alcançar uma posição de honra e riqueza, muito talvez em razão de sua origem humilde, e que provavelmente foi o combustível para seus ideais de navegação. No entanto, não é verossímil que ao escolher a jovem Felipa Moniz para esposa já tivesse em sua mente um plano de viagem para o Oriente via Ocidente, conforme acredita Madariaga. O matrimônio foi celebrado, muito provavelmente, entre os dias 20 de setembro a 21 de outubro de 1479<sup>107</sup>, pouco depois de Colombo ter retornado de sua última estada em Gênova (TAVIANI, 1988).

Conforme analisaremos a seguir, tudo indica que tal propósito começou a ser gestado nos dias de sua permanência na ilha de Porto Santo, quando sua sogra lhe mostrou vários mapas de navegação que pertenceram ao falecido marido, e nas já mencionadas navegações que teve oportunidade de participar a serviço de Portugal pela costa africana. No sentido de que a gênese do projeto colombino teve seu início após o casamento e não antes, também se posiciona o historiador Manzano (1989), tomando por base o texto de Fernando Colombo:

Pouco depois de sua chegada a nação irmã, o lígure<sup>108</sup> contraiu matrimônio com Felipa Moniz, e viveu algum tempo em Porto Santo na casa de sua sogra, “a qual – disse Fernando – vendo-o tão aficionado à cosmografia, contou-lhe que o dito Perestrello, seu (falecido) marido, havia sido um grande homem do mar”. E acrescenta este mesmo autor: “Vendo a sogra que o saber sobre tais navegações e história agradava muito ao Almirante, *deu-lhe os escritos e cartas de navegar que lhe havia deixado seu marido. Com isso o Almirante se entusiasmou mais* e se informou de outras viagens e navegações que naquele então faziam os portugueses a Mina e pela costa da Guiné; e gostava muito de conversar com quem navegava por aquelas partes. (MANZANO, 1989, p. 198-199)<sup>109,110</sup>.

<sup>107</sup> Não obstante a excelência de sua obra sobre Colombo e o descobrimento da América, o entendimento de Antonio de Ballesteros de que no outono de 1476 o futuro almirante já se encontrava casado com Felipa Moniz de Perestrello (cf. BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Barcelona: Salvat, 1945. t. 1, p. 290. ) é improvável, conforme argumenta o historiador italiano Paolo Emilio Taviani.

<sup>108</sup> Designação dada aos naturais da Ligúria, região da Península Italiana onde se situava Gênova. Alguns historiadores (espanhóis e italianos principalmente) às vezes referem-se a Colombo como *el ligur*, o lígure (nossa nota).

<sup>109</sup> “Poco después de su llegada a la nación hermana, el ligur contrajo matromonio con Felipa Moniz, y vivió durante algun tiempo en Porto Santo en casa de su suegra, “ la cual – dice Hernando – viéndole tan aficionado a la cosmografía, le contó como el dicho Perestrello, su [difunto] marido, había sido gran hombre de mar”. Y añade el mismo autor: “Viendo la suegra que el saber de tales navegaciones e historia agradaba mucho al Almirante, le dió los escritos y cartas de marear que le había dejado su marido. Con esto el Almirante se entusiasmo más y se informó de los otros viajes y navegaciones que por entonces hacían los portugueses a la Mina y por la costa de Guinea; y le gustaba mucho conversar con quienes navegaban por aquellas partes”.

<sup>110</sup> Emiliano Jos em um primeiro momento contesta que os papéis e mapas deixados pelo sogro de Colombo o tenham influenciado, sob o argumento de que Bartolomé Perestrello não teria sido assim tão “grande homem do mar” como relatou o filho do almirante; mas reconsidera sobre o acervo que foi deixado pelo antigo governador de Porto Santo e sua importância no descobrimento. E o faz em razão de uma análise feita posteriormente a sua primeira posição, em que considera o fato de que sua esposa

e conclui:

Pelos parágrafos anteriores do cordobês<sup>111</sup> se vê claramente que foram “ os escritos e cartas de navegar” de Perestrello que despertaram pela PRIMEIRA VEZ a curiosidade do genovês rumo aos descobrimentos no mar Tenebroso. “Se entusiasmou” com sua leitura. E foi só depois quando, “ para melhor assegurar-se e confirmar-se nisso, COMEÇOU a examinar[...]os autores de cosmografia... e a considerar as razões astrológicas que podiam corroborar seu intento”; e a registrar “ os indícios que ouvia falar algumas pessoas e marinheiros[...]” (MANZANO, 1989, p. 199-200)<sup>112</sup>.

Taviani (1988) considera a questão como duvidosa, porém sustenta a importância do enlace para o descobrimento do Novo Mundo;

Surgem aqui as perguntas: quando Colombo se casa com Felipa, estava talvez já obcecado com seu projeto? Ou, pelo contrário, foi no ambiente da nova família que o projeto, vislumbrado nos mares do Norte e da Madeira, se aprofundou, consolidou e definiu? Não temos elementos para responder a estas questões. Mas os temos para ressaltar, sem dúvida alguma, a importância para a gênese do descobrimento, do matrimônio de Colombo com Felipa Moniz de Perestrello. (TAVIANI, 1988, p. 118)<sup>113</sup>.

Nossa tendência a pender para a posição de Manzano repousa no fato de que o próprio Colombo jamais mencionou o momento exato em que surgiu em sua mente a ideia de viajar para o Oriente navegando pelo Ocidente. Mesmo que consideremos a menção a “homens de Catay” que foram vistos por ele e seus companheiros perto de Galway no Atlântico Norte, a

---

Isabel, pertencia à nobre família Martins, assim como também o clérigo e médico português Fernando Martins, ao qual teria sido dirigida uma carta datada de 1474 do sábio Paolo del Pozzo Toscanelli, em cujo conteúdo havia informações de cosmografia e navegação. Jos cogita a possibilidade de que Bartolomé Perestrello possuía uma cópia desse documento, que uma vez tendo chegado às mãos de Colombo pode ter sido uma das bases de seu projeto. A questão da correspondência com Toscanelli será discutida no tópico seguinte. Cf. Emiliano Jos: *La Genesis Colombina del Descubrimiento*: Revista de Historia de America, IPGH: 1942, p. 4. Disponível em: <<https://docplayer.es/75089063-La-genesis-colombina-del.html>> Acesso em 24 dez 2018.

<sup>111</sup> Referindo-se a Fernando Colombo, natural de Córdoba (nossa nota).

<sup>112</sup> “Por los anteriores párrafos del cordobés se ve claramente que fueron “ los escritos y cartas de marear” de Perestrello los que despertaron POR VEZ PRIMERA la curiosidad del genovés hacia los descubrimientos en el mar Tenebroso. “ Se entusiasmó” con su lectura. Y sólo después fue cuando, “ para mejor asegurarse y confirmarse en esto, COMENZÓ a examinar...los autores de cosmografia...y a considerar las razones astrológicas que podían corroborar su intento”; y a registrar “ los indicios de los que oía hablar a algunas personas y marineros...”

<sup>113</sup> “De aquí las preguntas: cuando Colón se casa con Felipa ¿ estaba quizás ya obsesionado por su gran proyecto? O, por el contrario, ¿ fue en el ambiente de la nueva familia que el proyecto, vislumbrado en los mares del Norte y en Madera, se profundizó, consolidó y definió? No tenemos elementos para responder a estas interrogantes. Pero sí los tenemos para ressaltar, sin duda alguna, la importancia, para la génesis del gran descubrimiento, del matrimonio de Colón con Felipa Moniz Perestrello”.

cujo episódio se refere em uma das anotações marginais de seu exemplar de *Historia Rerum*, e que o fato em si ocorreu em 1477 antes de seu casamento com Felipa Moniz de Perestrello; contudo não podemos afirmar que ele já possuía o livro na época, na verdade é provável que não. Se atentarmos para uma forte evidência de que a maioria de seus volumes<sup>114</sup> foram adquiridos<sup>115</sup> entre 1495 a 1497 (MIGUEL, 2007) e no caso específico de *Historia Rerum* escrita por Pio II, a obra foi impressa em 1477, ou seja, no mesmo ano da viagem a Galway, o que torna praticamente impossível a posse por parte de Colombo do livro antes desta época. Tais ponderações nos levam a concordar com Manzano (1989), no sentido de que foi após seu casamento e chegada a Porto Santo que os primeiros pensamentos de navegação pela porção desconhecida do Mar Tenebroso começaram a povoar a imaginação de Colombo.

No entanto, mesmo diante dessas considerações, que nos fazem mais inclinados a opinião de Manzano e outros importantes autores como Ballesteros, Varela, Taviani, para citar alguns; não há como rechaçar, rotulando como impossível, a vertente defendida por Madariaga, de que Colombo se casou com Felipa Moniz não apenas para galgar uma posição social, senão também como uma maneira de facilitar um projeto de navegação que já estaria em sua mente. Tendo em vista que não existe nenhum documento, carta etc, em que o Colombo declare explicitamente que antes de Porto Santo não havia engendrado a intenção de fazer uma viagem de descobrimento, a hipótese de Madariaga não pode ser menosprezada. É o caso de prestarmos

---

<sup>114</sup> Fernando Colombo herdou os livros que pertenceram ao seu pai. Durante sua vida se converteu em um grande bibliófilo e em seu testamento legou à Catedral de Sevilha um acervo de mais de 15.000 volumes, entre eles os exemplares que pertenceram ao descobridor da América, os quais estão hoje na Biblioteca Colombina, administrada pela Instituição Colombina em Sevilha anexa a Catedral.

<sup>115</sup> A questão das leituras de Colombo antes da primeira viagem ao Novo Mundo não escapa às controvérsias. O historiador Juan Gil, catedrático da Universidade de Sevilha, sustenta, por exemplo, que o almirante só teve acesso ao Livro de Marco Polo em 1497, com base principalmente em uma carta do mesmo ano escrita para Colombo pelo inglês John Day, na qual o remetente menciona que está lhe enviando o livro de Marco Polo. O problema não é de pouca monta haja vista que muitos historiadores entendem que a obra escrita pelo viajante veneziano no final do século XIII, foi uma das fontes de inspiração para a descoberta da América. No entanto os argumentos de Gil deixam poucas dúvidas de que Colombo só teve acesso aos escritos de Polo após a primeira viagem de descoberta. Para um estudo mais aprofundado do tema, cf. Juan Gil GIL, Juan. **El libro de Marco Polo anotado por Colón: el libro de Marco Polo**. Traducido por Rodrigo de Santaella. Madrid: Alianza Editorial, 1987. p. 1-23; GIL, Juan; VARELA, Consuelo. **Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetâneas**. Madrid: Alianza Editorial, 1984. p. 266-269; MIGUEL, Nicasio Salvador. **Libros y lecturas de Cristóbal Colón**. In: CASTRO, Armando López; TORRE, María Luzdivina Cuesta (ed.). **Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval**. [León]: Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007. v. 1, p. 123-140. Disponível em: <http://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas11.1/08.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2019.

atenção para a possibilidade de uma exegese subjetiva-interpretativa dos fatos históricos. Ainda que a existência de fontes documentais inquestionáveis, conduzam a pesquisa histórica a determinado direcionamento, dificilmente apenas o teor escrito pode revelar a totalidade de uma verdade histórica, uma vez que a fonte enseja além do elemento da interpretação (que pode diferir de um pesquisador para outro), também a possibilidade de que haja outra verdade por detrás da palavra escrita. Suponhamos que apareça um documento até hoje oculto, no qual o almirante deixou consignado que antes de seu casamento já tinha dentro de si o propósito de chegar à corte do grande Cã pela via do Ocidente, poderíamos tomar este registro como uma verdade imutável? E se o descobridor, em sua conhecida ânsia de glória assim o tenha dito para não dividir a gênese de seu projeto com outrem. Da mesma forma, tampouco podemos afirmar sem nenhuma sombra de dúvida, que foi após o casamento que Colombo gerou seu projeto, ainda que nossa opinião como a da maior parte dos autores caminhe nesta direção.

A história de Cristóvão Colombo, mesmo com o exame de uma vasta fonte documental, não alcança facilmente unanimidade entre os historiadores. Seu nascimento, sua infância, sua origem, seus primeiros anos de navegação, e como podemos verificar, até mesmo suas bodas apresentam divergências de interpretação dos eventos históricos, e conforme veremos, não para por aqui.

Se Colombo não tinha em mente nenhum projeto de descobrimento ao se casar, mas a noiva foi escolhida a dedo com vistas “apenas” à obtenção de uma posição de nobreza para obter maior trânsito na corte lusitana, ou se a ideia (já concebida?) de fazer uma viagem para o Levante pelo Poente, fez com que ao invés de ir assistir missas nas diversas capelas existentes em Lisboa, direcionou-o ao Conventos dos Santos, onde donzelas da nobreza com um “pé” no mar pudessem ser encontradas; em qualquer dessas situações podemos perceber uma obstinação que seria crucial para que ele finalmente galgasse o posto de Almirante do Mar Oceano.

### 3.3 O PILOTO ANÔNIMO: LENDA OU SEGREDO DE COLOMBO?

Se a ideia inicial da possibilidade de alcançar a Ásia pela via do Ocidente surgiu, primeiramente, na mente de Cristóvão Colombo, consiste em um mistério que tem ocupado os historiadores. Não poucos estudiosos e biógrafos do descobridor se debruçaram sobre o tema ao longo dos anos. O problema é analisado especificamente com relação ao projeto de Colombo, excetuando-se as discussões sobre viagens como as dos vikings, chineses, e até mesmo africanos; que teriam chegado a América séculos antes dos espanhóis, as quais também têm seus defensores. Entretanto, em razão da precariedade de suas fontes e mesmo que tenham

pisado em alguma parte do Novo Mundo antes do almirante, a completa ausência do elemento da alteridade torna esses possíveis eventos, relativamente, menos importantes diante da revolução que sobreveio ao mundo com o desembarque dos europeus sob a bandeira dos reis de Castela e Aragão em uma ilha das atuais Bahamas em 12 de outubro de 1492.

É certo que entre as viagens que passou a fazer com os portugueses para a Madeira, Açores, Cabo Verde, Canárias e os percursos pela costa africana que o levaram a Guiné e a Fortaleza da Mina, Colombo passou a ter dias de contemplação da imensidão do Atlântico em seu refúgio de homem casado na ilha de Porto Santo, momento no qual talvez seu pensamento navegasse para lugares mais distantes; e questionamentos podiam surgir quando deparava com pedaços de madeiras que chegavam as praias de seu paraíso particular, trazidas por correntes que vinham do mar desconhecido. Provavelmente, Colombo ruminava em sua mente: de onde vinham aqueles destroços? O que haveria para além do Mar Tenebroso? Até que um dia, talvez em fins de 1479, chega á uma das praias de Porto Santo, não apenas pedaços de pau, mas um naufrago, afortunadamente vivo, ainda que moribundo. O desgraçado nauta teria sido acolhido em segredo por Colombo em sua casa, onde foi lhe ministrado todos os cuidados para restaurar-lhe a vida que se esvaia, e ao mesmo tempo indagado sobre as razões de sua viagem, o destino, e o ocorrido antes que as correntes marinhas o fizessem chegar ali. Dentre as respostas que conseguiu tirar do piloto anônimo, a que mais teria chamado a atenção de Colombo foi o relato de que sua embarcação foi desviada por uma tempestade para além de 750 léguas a oeste das Canárias, levando ele e seus companheiros a uma terra com habitantes diferentes de tudo que já haviam visto ou ouvido. O naufrago não resistiu à morte, mas sua história fez nascer em Colombo um projeto de navegação que o consumiria antes, durante e depois de tê-lo realizado. O suposto fato jamais foi mencionado por ele em nenhum de seus escritos. Esse é um quadro geral de uma das variantes da lenda ou segredo do piloto anônimo que a providência ou o destino teria colocado diante do descobridor. Passemos agora a analisar as fontes primárias e a interpretação dos historiadores colombinos.

Fernando Colombo pouco fala pouco do tema, e quando o faz, baseia-se em Gonçalo Fernandez de Oviedo, mas comete erros em relação ao texto do cronista, trazendo colocações que esse não fez:

Gonzalo de Oviedo refiere en su historia que el Almirante tuvo en su poder una carta, en que halló descriptas las Indias, por uno que las descubrió antes, lo cual sucedió en la forma siguiente: Un portugués, llamado Vicente Díaz, vecino de la villa de Tavira, viniendo de Guinea, y habiendo pasado la Madera, vio ó creyó ver una tierra y se lo dijo á un mercader genovés llamado Lucas de Cazzana, persuadiéndole á armar un bajel para ir á conquistarla. El

mercader consintió en ello, alcanzó permiso del Rey de Portugal, y dio la comisión de armarle á un hermano suyo que se llamaba Francisco y vivia en Sevilla, el cual se burló de él y del encargo. Lucas de Cazzana lo hizo por sí mismo, y partió poco tiempo después y buscó esta tierra toda su vida, pero no la halló; y me afirmó el referido Francisco haber conocido dos hijos del capitán que descubrió la isla Tercera, llamados Miguel y Gaspar, de Corte Real, que en diversos tiempos fueron á descubrir aquella tierra y perecieron en la empresa, uno después de otro, el año 1502, sin saber donde ni como. (COLOMBO, 1892, p. 47-48)<sup>116</sup>.

Vejamos como Oviedo realmente escreveu em seu relato;

Quieren decir algunos que una caravela que desde España passaba para Inglaterra[...] acaesçió que le sobrevinieron tales é tan forçosos tiempos é tan contrários, que ovo de neççesidad de correr al poniente tantos dias, que reconosçió una ó mas delas islas destas partes é Indias; é salió en tierra, é vido gente desnuda de la manera que acá la hay [...] é que despues le hizo tiempo à su propósito y tornó á dar vuelta, é tan favorable navegacion le subçedió, que volvió á Europa[...] y en este tiempo se murió quase toda la gente del navio, é no salieron en Portugal sino el piloto, com tres ó quatro ó alguno mas de los marineros, é todos ellos tan dolientes, que en breves dias despues de llegados, murieron. Dícese junto con esto que este piloto era muy íntimo amigo de Chripstóbal Colom, y que entendia alguna cosa de las alturas, y marcó aquella tierra que halló de la forma que es dicho, y en mucho secreto dió parte dello á Colom, é le rogo que le fiçesse una carta y assentasse en ella aquella tierra que habia visto. Dícese que é le recogió en su casa, como amigo, y le hizo curar, porque también venia muy enfermo; pero que también se murió como los otros, é que assi quedó informado Colom de la tierra é navegacion destas partes, y en é solo se resumió este secreto. (OVIEDO, 1851, p. 13)<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> “Gonçalo de Oviedo refere em sua história que o Almirante teve em seu poder uma carta, na qual achou descritas as Índias, por um dos que as descobriu antes, que se sucedeu da seguinte forma: Um português chamado Vicente Dias, morador da Vila de Tavira, vindo da Guiné, e tendo passado pela Madeira, viu ou creu ter visto uma terra e contou a um mercador genovês chamado Lucas de Cazzana, persuadindo-o a armar um batel para ir conquistá-la. O marcador concordou com ele, conseguiu permissão do Rei de Portugal, e comissionou a um irmão seu a tarefa de armá-la, que se chamava Francisco e vivia em Sevilha, este zombou dele e de seu encargo. Lucas de Cazzana o fez por si mesmo, partiu pouco tempo depois e buscou esta terra toda sua vida, mas não a encontrou; e me afirmou o referido Francisco ter conhecido dois filhos do capitão que descobriu a ilha Terceira, chamdos Miguel e Gaspar, de Corte Real, que em diversos tempos foram a descobrir aquela terra e pereceram na aventura, um depois do outro, no ano de 1502, sem saber onde nem como. (*Hernando Colón: Historia del Almirante Don Cristóbal Colón, Madrid, 1892, p. 47-48*).

<sup>117</sup> “Alguns dizem que uma caravela que ia da Espanha para a Inglaterra [...] aconteceu que lhes sobreveio ventos tão fortes e contrários que foi necessário rumar para o poente durante dias, reconhecendo uma ou mais das ilhas desta parte das Índias, e indo a terra viu gente nua como há aqui [...] e que depois havendo vento propício tornou a dar a volta, sucedendo uma navegação favorável dirigiu-se a Europa. Durante o percurso morreu quase toda a tripulação do navio, e não chegou a Portugal a não ser o piloto e três ou quatro dos marinheiros, todos estes tão doentes que morreram pouco depois de chegarem. Conta-se que esse piloto era amigo íntimo de Cristóvão Colombo, y que entendia um pouco de astronomia, e que marcou a terra achada conforme foi dito, e com muito segredo revelou a Colombo, que lhe rogou que fizesse um mapa e apontasse nele a terra que tinha visto. Foi dito que ele recolheu o piloto em sua casa como um amigo, curando-o porque também estava muito doente, mas que

Conforme podemos observar, os relatos de Fernando Colombo e Oviedo, não são os mesmos, até porque a viagem de Vicente Diaz de Tavira a que o filho do almirante se refere era para a Guiné e não para a Inglaterra (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Para Ballesteros Beretta (1945, p. 354), a forma que Oviedo narra o suposto fato impressiona mais: “A narração anterior a primeira vista é impressionante e desconcerta por ser a primeira crônica em língua românica que se publica o descobrimento”<sup>118</sup>.

Las Casas, cuja obra é mais densa que a de Fernando Colombo, mas várias de suas narrativas tomam o filho do descobridor como base, ignora<sup>119</sup> o que este escreveu no caso do piloto anônimo, e corrobora Oviedo;

Dijose, que una carabela ó navio que habia salido de un puerto de España (no me acuerdo haber oído señalar el que fuese , aunque creo que del reino de Portugal se decia) y que iba cargada de mercaderías para Flandes ó Ingalaterra, ó para los tractos que por aquellos tiempos se tenían, la cual, corriendo terrible tormenta y arrebatada de la violencia é ímpetu della, vino diz que, á parar á estas islas<sup>120</sup> y que aquesta fué la primera que las descubrió [...] Así que, habiendo descubierto aquellos por esta vía estas tierras, si así fué, tornándose para España vinieron á parar destrozados; sacados los que, por los grandes trabajos y hambres y enfermedades, murieron en el camino, los que restaron, que fueron pocos y enfermos, diz que vinieron á la isla de la Madera, donde también fenecieron todos. El piloto del dicho navio , ó por amistad que antes tuviese com Cristóbal Colon, ó porque como andaba solícito y curioso sobre este negocio, quiso inquirir del la causa y el lugar de donde venia, porque algo se le debia de traslucir por secreto que quisiesen los que venian tenerlo, mayormente viniendo todos tan maltratados, ó porque por piedad de verlo tan necesitado el Colon recoger y abrigarlo quisiese, hobo, finalmente de venir á

---

também morreu como os outros, e que dessa forma ficou Colombo informado da navegação aquelas terras, resumindo-se nisso o segredo”.

<sup>118</sup> “La narración anterior a primera vista es impresionante y desconcierta por ser la primera crônica en lengua romance que se publica el descubimiento”.

<sup>119</sup> Manzano acredita que a diferença do relato de Fernando Colombo sobre o piloto anônimo que teria feito seu pai conhecer de antemão a existência das terras a ocidente das Canárias, consiste em uma artimanha do filho do descobridor, que na impossibilidade de negar a existência fortes indícios de que aquele navegador que teria sido o primeiro a chegar às Índias Ocidentais, modificou a história para que houvesse mais diferenças nas versões a fim de desacreditá-las todas, pois a comprovação de que houvera realmente um protonauta, diminuiria (em sua concepção, segundo Manzano) o feito do Almirante. Tanto Las Casas quanto outros cronistas da época relatam que era corrente entre os nativos de *La Española* a história de que antes da chegada de Colombo com os espanhóis, outros “homens brancos vestidos” estiveram naquela ilha, e que o fato de haverem algumas “mulheres brancas” nascidas ali, seria o resultado de relação com aqueles primeiros viajantes. Tal lenda, se se confirmasse ser verdadeira, fortaleceria e muito a tese do piloto anônimo. A narrativa sobre este piloto desconhecido feita pelos cronistas, a exceção de Fernando Colombo, diferem apenas nos detalhes, e não na essência, ou seja, no que é substancial na lenda, fato que para o autor madrilheno, fortalece ainda mais a tese, haja vista que aqueles cronistas tiveram a oportunidade de ouvirem eles mesmos aquela história da boca dos habitantes de *La Española* (MANZANO, 1989).

<sup>120</sup> Las Casas estava na ilha Espanhola, portanto se referia ás ilhas do Novo Mundo (nossa nota).

ser curado y abrigado en su casa, donde al cabo diz que murió; el cual , en reconocimiento de la amistad vieja ó de aquellas buenas y caritativas obras, viendo quese quería morir descubrió á Cristóbal Colon todo lo que lês habia acontecido y dióle los rumbos y caminos que habian llevado y traido, por la carta de marear y por las alturas, y el paraje donde esta isla dejaba ó habia hallado, lo cual todo traia por escrito. Esto es lo que se dijo y tuvo por opinión, ylo que entre nosotros, los de aquel tiempo y en aquellos días comunmente, como ya dije, se platicaba y tenia por cierto, ylo que, diz que, eficazmente movió como á cosa no dudosa á Cristóbal Colon.<sup>121</sup> (1851, p. 20).

Lopez de Gómara, outro cronista espanhol da época, praticamente repete Oviedo atribuindo ao piloto anônimo a proto-descoberta do Novo Mundo e o segredo que Colombo teria ocultado (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Muito embora Las Casas e Oviedo apareçam como fontes respeitadas, com relação a Gómara não se pode dizer o mesmo, porque foi um dos mais desacreditados biógrafos de Colombo (TAVIANI, 1988).

Com relação aos principais historiadores colombinos modernos, a situação é a seguinte: Antonio Ballesteros Beretta deixou registrado que por cerca de vinte anos tomou como certa a existência do piloto anônimo, mas depois deste tempo passou a entender que se tratou de um “conto de marinheiros” (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Paolo Emilio Taviani (1988) a rejeita categoricamente, chamando a história de ridícula, fato que causou um mal estar<sup>122</sup> entre mestres, a ponto de Juan Manzano (1989) autor de um impressionante estudo para defender a tese do piloto anônimo, em seu prólogo, não obstante engrandecer a figura de Taviani como um

---

<sup>121</sup> “Diz-se, que uma caravela ou navio que saiu de um porto da Espanha ( não me recordo ter ouvido qual foi, embora creia que foi dito que era do reino de Portugal) e que ia carregada de mercadorias para Flandres ou Inglaterra ou pelos trajetos que se faziam naquele tempo, a qual sobrevivendo-lhe terrível tormenta, foi arrebatada por seu ímpeto e violência a parar nestas ilhas e que aquela foi a primeira vez que foram descobertas[...] Assim que, tendo aqueles descoberto estas terras dessa forma, se assim ocorreu, voltando para a Espanha se viram destroçados, afora os que, pelo muito esforço e fome e doenças, morreram no caminho, os que restaram, que foram poucos e enfermos, se diz que vieram a ilha da Madeira, onde também morreram todos. O piloto do referido navio, ou por amizade que antes tivera com Cristóvão Colombo, ou como andava solícito e curioso sobre essa questão, quis perguntar a ele a causa e o lugar de onde vinha, porque alguma coisa percebia um segredo naquele homem, principalmente tendo chegado todos tão maltratados, ou porque por piedade de vê-lo tão necessitado Colombo quisesse abrigá-lo em sua casa, onde afinal morreu; , o qual em reconhecimento a uma velha amizade ou a caridade que recebeu, percebendo que ia morrer revelou a Cristóvão Colombo tudo que lhes havia ocorrido e deu a ele toas as rotas e caminhos pelos que foram e voltaram, por meio de cartas de navegar e pela observação do céu, e o lugar onde tinha achado essa ilha, tendo tudo escrito. Isso é o que se conta e se opina, e que entre nós, os daquele tempo e dias, comumente como já disse, se falava e tinha por certo que eficazmente e sem dúvida alguma moveu a Cristóvão Colombo”.

<sup>122</sup> Cf. MANZANO, Juan Manzano. **Colón y su secreto**: el predescubrimiento. Madrid: ECH, 1989, prólogo a terceira edição. A respeito da discordância entre os mestres Taviani e Manzano sobre a existência do piloto anônimo, Varela (2003, p. 12) menciona uma anedota contada por Manzano, em que ele num de seus prólogos perguntava no céu para Colombo: “ Quem tem razão, querido dom Cristóvão, Taviani ou eu? ”



dos grandes colombistas, rechaça a maneira que o historiador italiano se refere a tese e conseqüentemente aos que a defendem. E ao que nos parece nada que diga respeito a Colombo pode ser menosprezado desde que seja o resultado de estudos com metodologia e investigação científica possíveis no âmbito da historiografia.

Nesse sentido, outras teorias naturalmente surgem, como é o caso da teoria do encontro<sup>123</sup> defendida por Juan Perez de Tudela Y Bueso (1983), segundo a qual em uma de suas viagens em navios portugueses, Colombo e os demais marinheiros se depararam com uma canoa conduzida por mulheres índias procedentes de Guadalupe ou Martinica, que em um desvio de sua rota, talvez por uma tempestade, se encontraram a cerca de trezentas ou quatrocentas léguas dos Açores, quando então foram capturadas pelos lusos, e revelaram sua procedência; algo que pode ter sido pouco notado pelos demais, mas não para Colombo que passou a sonhar com terras ao ocidente dos Açores (TUDELA y BUESO, 1983). Como propagador de uma nova teoria sobre o pré-descobrimento, Tudela não deixa de elogiar o trabalho de Manzano;

A primeira coisa que vem ao pensamento, diante do panorama descrito é acolher a lenda do “piloto anônimo” ou a algo semelhante: alguém chegou as Antilhas e transmitiu a Colombo o que viu ali. É o mesmo recurso lógico que procurou á época testemunha dos acontecimentos e que em nossos dias defendeu tão brilhantemente Juan Manzano. (TUDELA Y BUESO, 1983, p.35)<sup>124</sup>.

Manzano (1989) tem como um de seus principais argumentos para a possibilidade de que Colombo soubesse que navegando rumo ao Ocidente havia terras em uma distância menor do que se supunha na época; uma frase do texto das *Capitulações de Santa Fé*<sup>125</sup>, atribuindo-lhe o *status* de prova documental:

---

<sup>123</sup> Cf. TUDELA Y BUESO, Juan Pérez de. **Mirabilis in altis**: estudio critico sobre el origen y significado del proyecto descubridor de Cristobal Colon. Madrid: CSIC, 1983.

<sup>124</sup> “ Lo primero que viene al pensamiento, ante el panorama descrito, es acogerse la leyenda del “piloto anônimo”o a algo semejante: alguien llegó a las Antillas y transmitió a Colón lo que allí había visto. Es el mismo recurso lógico que se procuro a la época testigo de los acontecimientos, y que em nuestros días há defendido tan billantemente Juan Manzano y Manzano.

<sup>125</sup> Acordo assinado em 17 de abril de 1492 entre os Reis Católicos e Cristóvão Colombo, no acampamento de Santa Fé, pouco antes do final da guerra de Granada, no qual os reis cedem às exigências de Colombo em relação aos resultados porventura obtidos com sua viagem. A cópia mais antiga se encontra no Arquivo Geral da Coroa de Aragão com sede em Barcelona; também há cópias da época conservadas no Arquivo Geral das Índias em Sevilha. A história do documento será tratada mais detalhadamente em tópico próprio.

O encabeçamento da Capitulação está redigido nos seguintes termos: “ As coisas suplicadas e que Vossas Altezas dão e outorgam a dom Cristóvão Colombo em alguma satisfação ao que DESCOBRIU nos Mares Oceanos e da viagem que agora, com a ajuda de Deus há de fazer por elas a serviço de Vossas Altezas, são as que se seguem”. Comprovamos que com anterioridade ao mês de abril de 1492, Cristóvão Colombo navegou o mar Tenebroso e descobriu nele ilhas e terras firmes – segundo se expressa na cláusula primeira deste mesmo documento – totalmente desconhecidas”. (MANZANO, 1989, p. 6).

Note-se que ao defender a tese do piloto anônimo, Manzano vai mais além e conforme podemos constatar no trecho acima, acredita que Colombo realizou a viagem antes de 1492, portanto, em segredo; e aí estaria a razão de tanto empenho de sua parte em receber patrocínio de algum reino para explorar as riquezas daquelas terras. Galán (2018), de forma contundente adere a Manzano, senão quanto a existência do piloto anônimo, ao menos a ideia de que Colombo já tivesse feito uma viagem antes de 1492 e descoberto uma terra até então desconhecida:

O segredo de Colombo era duplo: sabia a que distância exata estava a terra do outro lado do oceano e conhecia a rota precisa pela que havia de chegar a ela e voltar com um frágil veleiro: na ida aproveitando a corrente do Golfo e os ventos alísios a altura das Canárias; e o retorno a altura da Flórida. De onde tirou Colombo uma informação tão precisa? Não sabemos. Alguns crêem que a obteve de um naufrago que chegou a ilha da Madeira, o chamado “ piloto desconhecido”. É evidente que Colombo comunicou aos Reis Católicos esse dado e só assim os convenceu da viabilidade de um projeto que os cosmógrafos de Salamanca davam por impossível. Temos a prova nas capitulações acordadas entre os reis e o almirante, nas quais se menciona o que Colombo “descobriu nos mares oceanos”, concedendo ao genovês um descobrimento que teoricamente ainda se está por fazer, mas que já se dá por feito. ( GALÁN, 2018, p. 211)<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> “ El secreto de Colón era doble: sabía a qué distancia exacta estaba la tierra al otro lado del oceano y conocía la ruta precisa por la que había que llegar a ella y volver con un frágil velero: en la ida aprovechando la corriente del Golfo y los ventos alísios a la altura de Canarias; al regreso haciendo lo próprio a la altura de Florida. ¿De donde había sacado Colón esta información tan precisa? No lo sabemos. Algunos creen que la obtuvo de un naufrago al que atendió a la islã de Madeira, el llamado “piloto desconocido”. Es evidente que Colón comunicó a los Reyes Católicos este dato y solo así los convenció de la viabilidad de un proyecto que los cosmógrafos de Salamanca daban por imposible. Tenemos la prueba en las capitulaciones acordadas entre los reyes y el almirante, en las que se menciona lo que Colón “ há descubierto en las mares oceanas”, concediendo al genovés un descubrimiento que teoricamente todavia está por hacer, pero ya se da por hecho”.

A questão se torna ainda mais complexa quando o próprio Manzano parece que se contradiz ao relatar<sup>127</sup> a dificuldade que Colombo teve de receber a aprovação dos Reis Católicos para sua empresa; primeiro pela refutação da Junta de Salamanca, depois pela concentração total dos soberanos na guerra de Granada, que por mais de uma vez foi o motivo alegado pela Rainha Isabel para não poder dar atenção aos planos do almirante; e some-se a estes impedimentos, nova posição contrária de uma junta de conselheiros, desta feita no acampamento de Santa Fé nos arredores de Granada. Conforme Manzano nos mostra, foi crucial para o aval dos reis ao plano de Colombo, a insistência de alguns de seus conselheiros mais próximos, que dentre outros argumentos, instaram o casal real da possibilidade de outras nações como França e Inglaterra tomarem para si o encargo, o que seria um desastre, posto que os custos da viagem, caso não alcançasse seu objetivo, não traria um prejuízo tão grande, ao passo que se outro reino obtivesse as riquezas que Colombo prometia, a Espanha teria muitos motivos para se lamentar (MANZANO, 1989). Vemo-nos, portanto, diante de mais uma questão da historiografia colombina de difícil solução.

Quando Taviani (1988) afirma ser “ridícula” a tese da existência do proto-nauta, o qual teria revelado o segredo que fez com que Colombo arquitetasse seu plano de navegação, este renomado historiador colombino, usa um termo que entendemos ser impróprio no universo das possibilidades que a história nos apresenta. Tanto a teoria do piloto anônimo defendida por Manzano e outros, ou a tese do encontro sustentada por Tudela y Bueso, ao contrário de serem divagações ridículas, sugerem questões factíveis, merecedoras de serem interpretadas pela historiografia colombina considerando o elemento narrativo<sup>128</sup> da fontes.

---

<sup>127</sup> Para um estudo exaustivo da atuação de Colombo na corte dos Reis Católicos, cf. MANZANO, Juan Manzano. **Colón: siete años decisivos de su vida**. Madrid: ECH, 1989.

<sup>128</sup> É interessante registrar que em suas duas excepcionais obras sobre Colombo e o descobrimento da América: *Cristóvão Colombo: génesis del gran descubrimiento* e *Los viajes de Colón: el gran descubrimiento*, ambas em dois volumes (utilizamos em nossa pesquisa a edição de 1988, e 1989, publicadas, respectivamente, por Editorial Teide e Planeta-Agostini, Barcelona), em cada uma delas, no primeiro volume, Taviani narra a história não economizando em interpretações, inferências e conjecturas; alertando os leitores de que nos segundos volumes se disponibilizam os documentos, imagens, mapas, registros etc., como um apoio de caráter mais científico. Creio que essa forma de apresentação escolhida por Taviani é exatamente para que cada leitor não se limite às conclusões do autor, mas tenha sua própria interpretação dos fatos, caso contrário não haveria a necessidade desse modelo, segundo nosso entendimento. O trabalho de Taviani é eminentemente narrativo e amparado em sua própria interpretação das fontes. Ora, considerando que a interpretação do autor não pode ser entendida como a única possível, conforme nos demonstra as teorias da escrita da história sobre as dificuldades para se estabelecer uma única verdade; quando ele critica de forma tão contundente ao não menos erudito Juan Manzano, passa a impressão de que se utiliza de “um peso e duas medidas” ao se confrontar com outros historiadores.

Dentre os cronistas das Índias contemporâneos dos fatos, o Frei Bartolomé de Las Casas, um dos mais confiáveis (mais até que o próprio Fernando Colombo), preferiu suspender seu julgamento (GIL, 1984): “Pero en la verdad, como tantos y tales argumentos y testimonios y razones naturales hubiese, como arriba hemos referido, que le pudieron con eficacia mover, y mucho menos de los dichos fuesen bastantes, bien podemos pasar por esto y creerlo o dejarlo de creer[...]<sup>129</sup> (CASAS, 1986, p. 74). No Mapa 2, a suposta rota do piloto desconhecido.

Mapa 2- Provável rota do Piloto Anônimo, segundo Juan Manzano (1989).



Fonte: MANZANO (1989, p. 140).

Diante das considerações aqui feitas, nos parece que não se pode descartar a possibilidade de que Colombo tinha um segredo que lhe foi confiado por um nauta desconhecido, o qual teria chegado como náufrago a ilha da Madeira; e que a informação que ele recebeu do desditoso marinheiro foi o que deu origem a seu plano de navegação. No terreno complexo do estabelecimento da verdade de eventos históricos, podemos crer ou deixar de crer, sem que isso configure qualquer absurdo. A posição que parece ser a mais sóbria é a da historiadora Consuelo Varela<sup>130</sup> que como Las Casas, não emite um julgamento final, e embora

<sup>129</sup> “Mas em verdade, como houvessem tantos argumentos, testemunhos e razões naturais, como referido acima que puderam movê-lo com eficácia, e muito menos dos ditos foram suficientes, bem podemos passar por isso e crer ou deixar de crer[...].”

<sup>130</sup> Consuelo Varela, nascida em Granada (1945), doutora em história pela *Universidad de Sevilla* e professora *ad honorem* da *Escuela de Estudios Hispano Americanos* (EEHA) de Sevilha; foi aluna do historiador Juan Manzano, e é na atualidade uma das maiores (senão a maior) especialistas em Cristóvão Colombo.

manifeste sua opinião prefere engrandecer mais o feito que a sua gênese: “Pouco importa que um piloto anônimo tenha-lhe indicado o caminho, se é que existiu um proto-nauta, como nós cremos. O que em verdade realça o mérito do almirante castelhano é ter dado a conhecer umas terras até então ignotas. Isso, e não outra coisa, foi o descobrimento” (VARELA, 2005, p. 11)<sup>131</sup>.

Não obstante, a excelência com que Manzano (1989) defende a tese do piloto anônimo, outro de seus principais argumentos, parece colocá-lo em contradição. Nos referimos a sua interpretação da menção de Colombo sobre “índios brancos” no Novo Mundo, não apenas na primeira viagem, como também na terceira, quando estava nas proximidades do Delta do Orinoco. Leiamos o que o almirante escreveu em seu *Diario de a bordo* em 16 de dezembro de 1492:

Este rey y todos los otros andavan desnudos como sus madres los parieron, y así las mugeres sin algún empacho, y son los más hermosos hombres y mugeres que hasta allí ovieron hallado: harto blancos, que, si vestidos anduviesen y se guardasen del sol y del aire, serían cuasi tan blancos como en España, porqu’esta tierra es harto fría y la mejor que la lengua puede dezir. (VARELA, 1982, p. 83)<sup>132</sup>.

Manzano prossegue chamando atenção para o encontro com outros índios brancos e que não se assustavam com a presença de “homens barbados”, desta feita durante a terceira viagem quando Colombo explorava o Golfo de Pária:

O recebimento dispensado pelos nativos [...] aos espanhóis não poderia ser mais apoteótico. Desde o primeiro momento os indígenas se apressaram a estabelecer contato com os recém-chegados. Em outras partes – em Yacua, concretamente – fugiam ao chegar a suas terras os homens barbados; aqui não, pelo contrário, quando souberam que havia chegado as suas costas uma gente nova, com afincos e prestativos recebem aos nossos, *sem temor algum*, com desejo de vê-los. Que estranho é tudo isso! (MANZANO, 1989, p. 771, grifo do autor)<sup>133</sup>.

---

<sup>131</sup> “Poco importa que un piloto anónimo le hubiera indicado el camino, si es que existió un protonauta, como nosotros creemos. Lo que en verdade realza el mérito del almirante castellano es haber dado a conocer unas tierras hasta entonces ignotas. Eso, y no otra cosa, fue el descubrimiento”.

<sup>132</sup> “Este rei e todos os outros andavam nus como suas mães os pariram, assim também as mulheres sem nenhuma vergonha, e são os mais belos homens e mulheres que até ali tinham achado: tão brancos, que, se andassem vestidos e protegidos so sol e do ar, seriam quase tão brancos como na Espanha, porque esta terra é bem fria e a melhor que se possa falar”. Para Varela (1982, p.83), Colombo faz aqui uma alusão a crença naquele tempo de que a cor depende da proximidade com o Equador.

<sup>133</sup> “ El recibimiento dispensado por los nativos[...] a los españoles no pudo ser más apoteósico. Desde el primer momento, los indígenas se apresuraron a establecer contacto com los recién llegados. Em otras partes – em Yacua, concretamente – huían al llegar a sus tierras los hombres barbados; aqui, no;

E continua, referindo-se a narrativa de Las Casas: “Eles – Colombo diz – são de muito bela estatura, todos grandes, e a gente mais branca que houvesse visto nestas ilhas, e que ontem ( 8 de agosto) vi muitos TÃO BRANCOS COMO NÓS, com o cabelos melhores e bem cortados e de muito boa conversação” (MANZANO, 1989, p. 772, grifo do autor)<sup>134,135</sup>. Quando esse grande colombista, o maior defensor da ideia do piloto anônimo, apresenta tais encontros com índios “harto blancos” como forte evidência a sustentar sua tese, deixa de responder ao seguinte problema: ao supormos a existência do proto-nauta, e o que consta nos relatos dos antigos cronistas; nos parece claro que não se tratou de uma frota que foi desviada e chegou primeiro ao Novo Mundo, e sim uma única embarcação; e de acordo com o próprio mapa da suposta rota sugerida por Manzano, o destino foi a futura *la Española*. É difícil imaginar que esse único navio, provavelmente danificado, tenha feito expedições na região, e chegado ao Golfo de Pária. É muito mais plausível que os marinheiros tenham permanecido no mesmo local em que aportaram, realizado os reparos necessários e tomado o rumo de volta. Ademais, se de fato estiveram nesta parte do Novo Mundo, um ou outro deveria muito provavelmente ter permanecido ao invés de retornar a Europa; e não seria o caso de que durante as quatro viagens de Colombo algum deles fosse encontrado? Tais questionamentos vão de encontro ao argumento de Manzano de que a alegada presença de nativos brancos (?) feita por Colombo, seja uma prova de que outros europeus estiveram aqui antes da viagem do descobrimento. E se não eram europeus?

A ideia de que possa ter havido uma miscigenação naquela época entre os índios americanos e uma outra raça, se encaixaria melhor se ao invés de uma única embarcação com alguns marinheiros, aqui tivesse chegado uma frota com vários navios. Fazemos esse arazoamento para aumentar a discussão, e ao mesmo tempo indagamos se a tese de Gavin Menzies (2006), segundo a qual uma frota chinesa teria viajado o mundo de 1421 a 1423, e chegado a América do Sul, Central e do Norte, muito antes de Colombo, mereceria ser considerada. Essa teoria também encontrou muita resistência de historiadores, a exemplo do

---

antes al contrario, cuando supieron que había arribado a sus costas una gente nueva, a porfia acuden pressurosos a los nuestros, sin temor alguno, com anhelo de verles. Que extraño es todo esto! ”

<sup>134</sup> “ Ellos – dice Colón – son de muy linda estatura, y todos grandes a una mano, y más blanca gente que outra que hobiese visto en estas islas, y que ayer (8 de agosto) vido MUCHOS TAN BLANCOS COMO NOSOTROS, y mejores cabelos y bien cortados y de muy buena conversación”.

<sup>135</sup> CASAS, Bartolomé de la. **História**. Caracas: Ayacucho, 1986. Livro I, cap. 134

que enfrentou o próprio Manzano. Contudo, se considerarmos as questões levantadas anteriormente e que são difíceis de conciliar com a tese do piloto anônimo, os mesmos questionamentos precisam ser analisados diante da proposta de Menzies. Outras ocorrências mencionadas por Manzano (1989), como quando foi encontrado na ilha de *Guadalupe*, durante a segunda viagem, uma panela de ferro e um cadaste<sup>136</sup> de navio, da mesma forma se adequam a teoria de Menzies. O ferro era desconhecido pelos nativos da América, e o cadaste de madeira começou a ser usado na China no século I EC, e só chegou a Europa no século XIV (MENZIES, 2006). Manzano argumenta que a peça náutica seria da *Santa Maria* que naufragou na costa de *la Española*, e teria sido trazida pelas correntes até *Guadalupe*. Contudo, Menzies aponta não apenas a grande distância entre as duas ilhas, mas também que as correntes teriam levado a peça rumo a Nova Inglaterra (MENZIES, 2006). Como podemos ver, as duas<sup>137</sup> possibilidades de que navegadores tenham estado na América, nos mesmos locais que Colombo, mas antes dele, ainda podem gerar muita controvérsia. Até que surjam provas incontestáveis, a “lenda” do piloto anônimo<sup>138</sup> seguirá sendo mais uma, entre tantas polêmicas que orbitam em torno da personagem Cristóvão Colombo, o que implica que os estudiosos da vida do almirante não podem ficar fechados a nenhuma possibilidade, sob pena de naufragarem na difícil rota do estabelecimento da verdade histórica.

### 3.4 A CARTA DE TOSCANELLI E A RECUSA DO REI DE PORTUGAL AO PROJETO DE COLOMBO

---

<sup>136</sup> Peça da popa na qual se assentam as dobradiças do leme.

<sup>137</sup> Preocupados em realizar esta pesquisa com o máximo de rigor científico, procedemos à leitura da tese de Gavin Menzies: *1421: O Ano Em Que A China Descobriu O Mundo* (2006) momento em que constatamos que o autor não apresenta nenhuma prova em favor de sua teoria, e que ele na verdade considera suas próprias alegações como material probatório. No nosso entendimento seu livro se insere mais na literatura de aventura, utilizando informações históricas para obter um melhor enredo. Além do que outros dois autores Felipe Fernández-Armesto (*Atlas de los Descubrimientos*, 1991) e Louise Levathes (*When China Ruled the Seas*, 1994) que também estudaram as navegações Chinesas, sustentam que as frotas chinesas além do Mar da China e o Pacífico até talvez a Austrália, chegaram pelo Índico até no máximo ao Canal de Moçambique na costa oriental da África. Levathes, contudo, Imenciona a possibilidade de que asiáticos poderiam ter estado na América por volta do ano 1.000 aC. Entretanto, também Manzano em seu: *Colón y su secreto: El predescubrimiento* (ECH, 1989), embora tenha realizado um trabalho eminentemente historiográfico, não deixou de apresentar, algumas inconsistências em relação ao que ele considerou como provas a favor de seus argumentos. A análise das duas teorias nos mantém céticos em relação a ambas. No caso de Menzies, é importante destacar, que por não termos encontrado nenhum posicionamento sobre sua tese, seja contra ou a favor, nas obras dos colombistas de referência que poderiam ter tido acesso a seu livro, como o próprio Manzano e Consuelo Varela, considerando que a primeira edição é de 2002; é mais um motivo para descartarmos sua hipótese.

<sup>138</sup> Anos depois do início da divulgação da possibilidade da existência do piloto anônimo, surgiu um nome para o nauta: Alonzo Sánchez. O lugar de sua origem também gerou divergências: Portugal, Galícia, Huelva e Palos, apareceram como sua terra natal (TAVIANI, 1988, p. 240).

Menos controversa é a hipótese de que o plano de navegação concebido por Colombo teve Portugal como palco principal após sua chegada novelesca no Cabo de São Vicente; e segundo a maioria dos historiadores, muito provavelmente depois de ter contraído núpcias com Felipa Moniz de Perestrello. A ideia de alcançar a Ásia pelo Ocidente parece ter se iniciado após ele retornar de sua viagem a Islândia, e com as navegações que passou a realizar entre Lisboa e ilhas da Madeira, Cabo Verde, Costa da Guiné, Canárias, e os Açores. Na ilha de Porto Santo onde residiu, a observação de plantas e restos de troncos trazidos pelo mar e que eram espécies não nativas, causaram as primeiras intrigas em sua mente sobre a possibilidade de existirem terras que não distavam tanto daquele “seu pedaço” do Atlântico. Nas Canárias pode ter notado que os ventos chamados alísios sopravam em direção ao Oeste, e nas costas das ilhas dos Açores, os contra-alísios operavam em direção ao Leste; o que lhe teria dado o caminho de ida e de volta, uma inferência que está amparada na rota seguida em todas as viagens, sempre tomando o rumo oeste a partir de *la Gomera* nas Canárias e dirigindo-se para os Açores quando retornava (TAVIANI, 1988). Essa habilidade de navegação, entre outras, fez com que alguns dos principais historiadores da descoberta da América tenham considerado Colombo, como o maior navegador que já singrou os mares da terra (IRVING, 1828; MORISON, 1991; TAVIANI, 1988).

O que quer que tenha sido a mola propulsora que fez nascer em Colombo o desejo e a obsessão de alcançar o distante Oriente pela via do Ocidente, fazia necessário um amparo científico para que sua ousadia natural não fosse o único triunfo capaz de convencer algum poderoso monarca a avalizar seu projeto. Ele mesmo, sabedor que era de que o conhecimento que havia adquirido até então era fruto de seu autodidatismo, em seu íntimo devia clamar por uma confirmação abalizada para sua pretensão. Seu filho Fernando Colombo, apresenta-nos três fundamentos que segundo ele sustentaram o projeto do almirante: primeiro, a autoridade dos escritores e os indícios dos nautas; segundo, a autoridade dos sábios, como Aristóteles, Averróis e Sêneca, que sustentaram que era possível “desde o fim ocidental da África e Espanha, navegar pelo Ocidente até o fim Oriental da Índia”; terceiro, uma alegada correspondência entre o Colombo e o sábio florentino Paolo dal Pozzo Toscanelli, sendo esta última situação a que mais desperta discussão entre os historiadores.

Parece certo que o físico e matemático de Florença enviou em junho de 1474 ao clérigo português Fernando Martins uma carta com um mapa em anexo, em que tratava do trajeto para se chegar a Ásia navegando pelo Ocidente, em cuja carta geográfica constava algumas das ilhas que Toscanelli imaginava seriam encontradas no caminho. A esse conjunto, Colombo teria



obtido uma cópia por conta de um suposto parentesco de Martins com a família Perestrello (BALLESTEROS BERETTA 1945), ou teria visto os originais mostrados a ele pelo próprio rei D. João II; momento no qual Colombo teria feito uma transcrição sem autorização, ou mesmo furtado os papéis do arquivo real português (TAVIANI, 1988). Fernando Colombo coloca a carta de Toscanelli como uma das grandes inspirações para o projeto de navegação de seu pai, em conjunto com *Imago Mundi* de Peter D'Ailly, *Lugares habitables y otros muchos tratados* de Julio Capitolino, a *Cosmografía* de Estrabão, *Historia Natural* de Plínio, *Viajes* de Juan de Mandeville, *Il millone* de Marco Polo<sup>139</sup>, *Historia Rerum Ubique Gestarum* de Julio Piccolomini (Pio II), *Naturales* de Sêneca; e apresenta em sua *Historie*, as supostas cartas de Colombo a Toscanelli e a resposta deste, traduzida do latim para o espanhol:

Esta autoridad, y otras semejantes de este autor, fueron las que movieron más al Almirante para creer su imaginación, como también um maestro, Paulo Físico del maestro Domingo Florentin, contemporáneo del mismo Almirante, el cual dio causa en gran parte á que emprendiese este viaje con más ánimo, porque siendo el referido maestro Paulo, amigo de Fernando Martínez, canónigo de Lisboa, y escribiéndose cartas, uno á otro sobre la navegacion que se hacía al país de Guinea, en tiempo del rey D. Alfonso de Portugal, y la que podía hacerse en las partes del Occidente, llegó á noticia del Almirante, queera curiosísimo de estas cosas, y al instante por medio de Lorenzo Giraldo, Florentin, que se hallaba en Lisboa, escribió sobre esto al maestro Paulo, y le envió una esferilla descubriéndole su intento á quien el maestro Paulo respondiolo que se sigue, traducido de latín em nuestra lengua. (COLOMBO, 1892, p. 34)<sup>140</sup>.

Fernando Colombo não deixa exatamente claro quando o almirante teria lido os estudos a que se refere, o que implica em vários questionamentos sobre o momento exato em que o projeto colombino teve seu início. Como o próprio Colombo nunca mencionou Toscanelli em seus escritos, a troca de cartas com o erudito de Florença é colocada em dúvida, abrindo-se a

---

<sup>139</sup> O fato de Fernando Colombo relacionar o livro de Marco Polo como uma das fontes de inspiração do projeto de descobrimento de seu pai, não elimina a possibilidade de que Colombo não tenha lido a referida obra antes de 1497 – conforme discutiremos detalhadamente um pouco mais adiante – pois a sua *Historia* da vida do Almirante foi escrita anos após a morte do descobridor.

<sup>140</sup> “ Esta autoridade, e outras semelhantes deste autor, foram as que mais moveram o Almirante a crer em sua imaginção, como também um mestre, Paulo Médico do mestre Domingos Florentino, contemporâneo do mesmo Almirante, o qual deu causa em grande parte a que empreendesse esta viagem com mais ânimo, porque sendo o referido mestre Paulo, amigo de Fernando Martins, canônico de Lisboa, e escrevendo-se cartas, um ao outro sobre a navegação que se fazia ao país da Guiné, no tempo do rei D. Afonso de Portugal, e a que se podia fazer nas partes do Ocidente, chegou a notícia ao Almirante, que era curiosíssimo nessas coisa, e no momento por médio de Lourenço Giraldo, Florentino, que se achava em Lisboa, escreveu sobre isso ao mestre Paulo, e enviou-lhe uma pequena esfera revelando seu intento a quem o mestre Paulo respondeu o que segue, traduzindo do latim a nossa língua”.

possibilidade de ter sido mais uma invenção de seu filho. Uma análise esclarecedora sobre a polêmica que envolve a carta (ou cartas) de Toscanelli nos é apresentada por Gil (1984)<sup>141</sup>:

Em uma das páginas encadernadas com a *Historia rerum* de Pio II (Sevilha BC), se conserva cópia de uma transcendental carta enviada, segundo dispõe o cabeçalho, pelo sábio médico e astrônomo florentino Paulo do Pozzo Toscanelli (1397-1482) ao canônico lisboense Fernando Martins, a fim de lhe expor a rota a seguir em uma inaudita viagem a Índia pelo poente, rota marcada, para maior comodidade e inteligência, em um mapa anexo. Da autenticidade da carta não cabe hoje dúvida [...] Se a autenticidade da carta de Toscanelli a Martins parece assegurada, não se pode dizer o mesmo das supostas epístolas que o florentino dirigiu a Colombo e que figuram tanto nas *Histórias* de D. Fernando (VIII [I, p.55 ss.]) como na *História* de Las Casas (I 12, p. 45 ss.)(GIL; VARELA; 1984, p.129-131)<sup>142</sup>.

A questão não é simples. Embora Taviani (1988) repute a ideia do roubo da carta por Colombo como uma novela de Madariaga (1945), levando-se em conta a obstinação do almirante revelada nos anos de insistência para ver seu plano aprovado por uma grande potência marítima da época, esta possibilidade não é tão absurda. Em sua entrevista com D. João II ao expor suas intenções e os fundamentos com os quais – aliado à sua experiência de navegador – justificava a executividade da sua ideia de alcançar a Ásia pelo Ocidente, o monarca bem poderia ter-lhe feito conhecer a correspondência entre Fernando Martins e Toscanelli; juntamente com o mapa que acompanhava a carta. Some-se a isso o fato de que a saída de Colombo de Portugal está envolta em certo mistério, sugerindo uma possível fuga; senão por dívidas, por que não pelo roubo de um segredo de navegação? A existência de uma carta de D. João II ao descobridor (20 de março de 1488), época em que ele se encontrava em total desânimo – por nova recusa dos Reis Católicos em apoiar seu projeto –, na qual o rei português convida-o a retornar a Portugal, oferecendo-lhe um salvo conduto; imediatamente nos leva a perguntar: por que a necessidade desse tipo de garantia para Colombo ir a Portugal? A viagem

---

<sup>141</sup> Para uma análise mais aprofundada da discussão sobre a autenticidade das cartas e a transcrição de seu conteúdo, cf. GIL, Juan. **Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetâneas**. Madrid: Alianza, 1984. p.129-141.

<sup>142</sup> “En uno de los folios encuadernados con la *Historia rerum* de Pio II (Sevilla, *Biblioteca Colombina*) se conserva copia de una trascendental carta enviada, según reza el encabezamiento, por el sabio médico y astrônomo florentino Pablo del Pozzo Toscanelli (1397-1482) al canónigo lisboeta Fernando Martins, a fin de exponerle la ruta a seguir en el viaje inaudito a la India por el poniente, ruta señalada, para mayor comodidad e inteligência, em un mapa adjunto. De la autenticidad de la carta no cabe hoy dudar [...] Si la autenticidad de la carta de Toscanelli a Martins parece asegurada, no cabe decir lo mismo de otras dos supuestas epístolas que el florentino dirigió a Cristóbal Colón y que figuran tanto en las *Historias* de D. Hernando (VIII [I, p.55 ss]) como en la *Historia* de Las Casas (I 12, p.45 ss.).”

na opinião de alguns<sup>143</sup> historiadores foi realizada pelo almirante: “Depois de receber esta carta, efetuou uma viagem a Lisboa, pois se encontrava ali em dezembro de 1488; confirmado por uma anotação própria no seu *Imago Mundi*”. (VARELA, 1984, p. 142). Nessa ocasião pôde ter conhecimento do retorno de Bartolomeu Dias – após este ter dobrado o temível Cabo das Tormentas – e provavelmente ter ouvido da boca do próprio, que ao transpor o extremo do continente africano o “mar continuava”.

A maneira como Colombo teve conhecimento da carta de Toscanelli, a autenticidade ou não da correspondência entre ele e o sábio florentino, são questões que ocuparam e ocupam discussões entre os especialistas do tema, e na ausência de um escrito do próprio almirante, continuarão no terreno da controvérsia. No entanto, com tal antecedente, Colombo compareceu a uma junta de matemáticos portugueses escolhida por D. João II, para apresentar seu projeto de navegação; eram eles: Diego Ortiz de Calzadilla, bispo de Ceuta, mestre José Vizinho e mestre Rodrigo, os dois últimos eram também médicos do rei e versados em assuntos de cosmografia e descobrimentos. Com Colombo certamente empolgado ouviram a exposição do seguinte plano: primeiramente partia do princípio que a redondeza<sup>144</sup> da Terra era um conceito já muito bem estabelecido no século XV, cuja opinião contrária era observada mais entre alguns marinheiros ainda supersticiosos, que insistiam em crer em monstros que devoravam navios e na existência abismos no fim dos mares; fantasias presentes evidentemente entre a população em geral, com pouco acesso aos conhecimentos científicos da época. No entanto, muitos sábios, desde os mais antigos, como Estrabão; Sêneca; Aristóteles; Ptolomeu; Marino de Tiro, entre outros; já defendiam a esfericidade do planeta. São Tomás de Aquino, baluarte e principal expoente da filosofia escolástica que determinava qual era o conteúdo da verdade para a igreja medieval, em pleno século XIII ensinava em sua *Suma Teológica*: “O meio de conhecer diverso induz a diversidade das ciências. Assim, o astrônomo e o físico demonstram a mesma

---

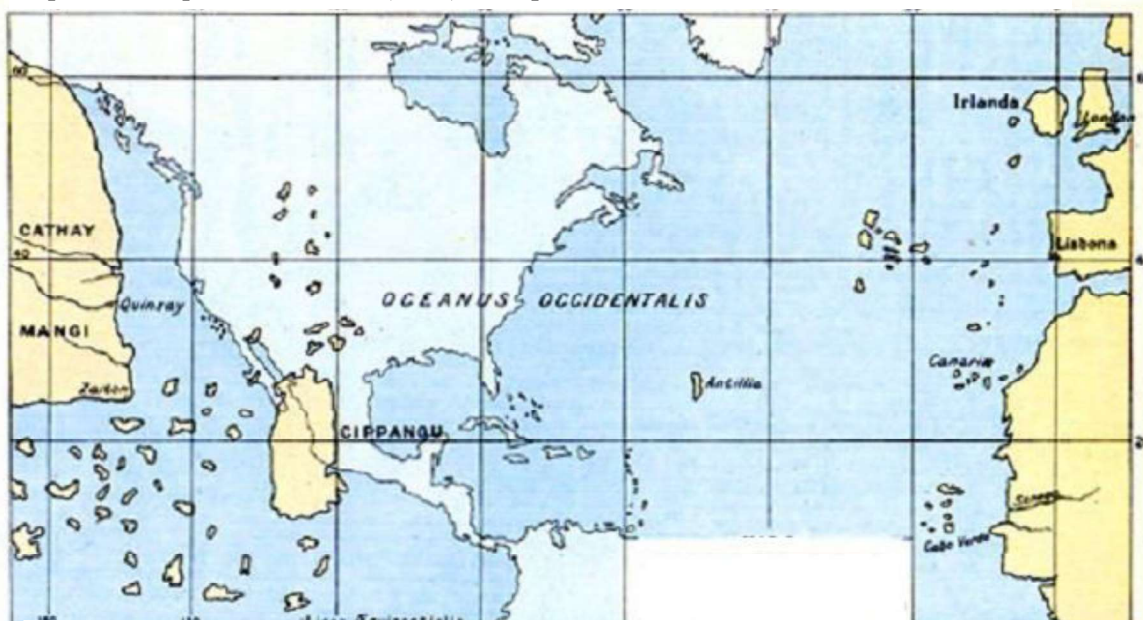
<sup>143</sup> Cf. também: MANZANO, Juan. **Cristóbal Colón**: siete años decisivos de su vida. Madrid: ECH, 1989. p. 209-210; BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Barcelona: Salvat, 1945. p. 478.

<sup>144</sup> Há uma “tradição” errônea de senso comum, atribuindo o julgamento de Galileu Galilei (1564-1642) pela inquisição, por ele defender o conceito da Terra redonda. No século XVII quando Galileu realizava seus estudos e os publicava já havia a aceitação da redondeza do planeta por parte da Igreja, amparada em Santo Tomás de Aquino, o grande filósofo católico do século XIII. O que de fato levou Galileu ao Tribunal do Santo Ofício, foi a publicação de seu livro: *Sidereus Nuncius* (Mensageiro Sideral), cujo conteúdo claramente propagava a tese do *heliocentrismo* do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543); isso sim era considerado um ensinamento herético naquela época.

conclusão, p. ex., que a terra é redonda; se bem o astrônomo, por meio matemático, abstrato da matéria; e o físico, considerando a mesma”(TOMÁS DE AQUINO,1888)<sup>145</sup>.

Com essa base, Colombo apresentou uma teoria, segundo a qual o grau terrestre media 56 milhas e 2/3 (cerca de 83 quilômetros e meio)<sup>146</sup>, desta forma a circunferência do Equador media 20.400 milhas (30.000 quilômetros), o que consistia em um erro de 10.000 km se considerarmos os 40.000 km que em realidade mede a circunferência do Equador. A parte terrestre, segundo Colombo, ocupava seis partes, com uma sétima parte constituída de água. Esse raciocínio indicava que entre a Europa e as Índias Orientais, o espaço do oceano não deveria ser tão largo, mas sim de umas 700 ou 800 léguas (ou ainda pouco mais de 900), perfazendo mais ou menos 3.000 milhas (4.500 Km); portanto, para o almirante, cerca de 700 ou 800 léguas a oeste das Canárias se encontrava a ilha de Cipango, o Japão atual, conceito este que se encaixava no mapa de Toscanelli (MAPA 3). A distância real entre a Espanha e o Japão em linha reta pelo Ocidente é de cerca de 20 mil quilômetros<sup>147</sup>, o que indica que se não houvesse um novo continente no caminho os navios da expedição de Colombo não conseguiriam chegar a Ásia.

Mapa 3- O Mapa de Toscanelli (1474) sobreposto sobre o contorno das Américas.



Fonte: BURPEE (1927). Acervo: *Edinburgh Geographical Institute* (online).

<sup>145</sup> “Ad secundum dicendum quod diversa ratio cognoscibilis diversitatem scientiarum inducit. Eandem enim conclusionem demonstrat astrologus et naturalis, puta quod terra est rotunda, sed astrologus per medium mathematicum, idest a materia abstractum; naturalis autem per medium circa materiam consideratum”.

<sup>146</sup> Sabe-se hoje que no Equador o grau é de 111 Km e 324 metros; na latitude 5º- mais ou menos a da costa da Guiné – o grau é de 110 Km e 903 metros (TAVIANI, 1988, p. 205).

<sup>147</sup> Cerca de 4140 léguas.

Embora haja quem defenda que o mapa de Toscanelli foi uma confirmação e não a inspiração do projeto colombino, é difícil não atentar para o fato de que em sua cartografia, pode-se ver exatamente o Oriente que Colombo descrevia. Há que se questionar também a defesa férrea que Taviani (1988) faz da suposição de que o projeto de navegação de Colombo teve origem unicamente no seu inquestionável gênio de nauta, cujas observações dos ventos e de outros sinais do Atlântico, incubaram e trouxeram a luz suas ideias. Esse historiador italiano, não obstante, a excelência de seus estudos sobre Colombo e o descobrimento da América, parece exagerar no uso de termos que não encontram guarida na seara historiográfica; tais como: impossível, absurdo, inútil, fábula, para citar alguns. Fica bastante evidente nos escritos de Taviani sua admiração pela grandeza de Colombo, a qual encontrará eco na maioria das pessoas que adentrarem no estudo da vida do almirante e de seus grandes feitos; contudo, como já alertamos anteriormente, a idolatria é perniciosa para a busca de uma possível verdade histórica. Sua exposição, nesse sentido, dá a entender que qualquer um que não tenha o mesmo posicionamento seu com relação a questões que estão longe de serem consensuais no universo colombino, não sabe do que está falando. Ao criticar acintosamente, por exemplo, a teoria do piloto anônimo e a possível influência do mapa de Toscanelli para a elaboração do plano de navegação do almirante, Taviani parece querer proteger a história de Colombo de imaginárias “teorias da conspiração”: “A lenda nasceu e encontrou crédito pela desprezível propensão dos invejosos em desmistificar a glória dos grandes homens, dos homens que fazem a história. Os cínicos, os cétricos, os frustrados, que querem ver derrotados seus semelhantes, não faltam nunca, em nenhuma época e em nenhum país” (TAVIANI, 1988, p. 241)<sup>148</sup>.

Tal tipo de pensamento nos parece bastante questionável. Quaisquer que sejam as críticas a posições e conclusões no âmbito da historiografia não podem e nem devem ser menosprezadas. É verdade que historiadores como Vignaud e Madariaga, para dar dois exemplos, apresentaram críticas inconsistentes em relação a Cristóvão Colombo; o segundo, a bem da verdade, com um comedimento maior que o primeiro. No entanto, suas conclusões deveriam ser questionadas, como certamente foram por outros estudiosos da temática colombina (BALLESTEROS BERETTA, 1945), com argumentos e confronto de ideias, e não

---

<sup>148</sup> “La leyenda nació y encontró crédito por la despreciable propensión de los envidiosos a desmistificar la gloria de los grandes hombres, de los hombres que hacen la historia. Los cínicos, los escépticos, los frustrados, que quieren ver derrotados a sus semejantes, no faltan nunca, em ninguna época y em ningún país”.

como se tivessem cometido algum ato de heresia. Como historiador italiano, e certamente defensor da origem genovesa do descobridor, é compreensível que Taviani seja um crítico de certas teorias que visam estabelecer uma nacionalidade diversa para Colombo, embora haja historiadores como Manzano que ao apresentar a hipótese da existência do piloto anônimo, em nenhum momento questiona a genovesidade do almirante, pelo contrário, sempre se refere a ele como o nauta estrangeiro, o lígure; não obstante, ao apresentar seus argumentos em defesa da existência do proto-nauta, o faz por meio de um estudo substancialmente denso e não menos erudito em comparação com aqueles que refutam seu pensamento.

Taviani, ao amparar-se nas observações de Morison sobre a “impossibilidade” de que um nauta tenha sido desviado por temporais até as ilhas do Caribe e depois retornado, até ser achado à beira da morte em uma praia de Porto Santo, desconsidera o elemento do imponderável no tecido da história. Quem estava no porto de *Sanlúcar de Barrameda* em 06 de setembro de 1522, pode ter considerado que estava testemunhando o “impossível” acontecer ao avistar o maltrapilho Juan Sebastián Elcano e outros dezessete tripulantes da nau *Vitória*, retornando depois de três anos, com um saldo de quatro navios perdidos e duzentos e dezesseis tripulantes mortos,<sup>149</sup> durante a primeira viagem de circunavegação do mundo iniciada em 1519.

A história está repleta de demonstrações de que o impossível, o absurdo, o impensável, não se lhe aplicam. Quando algum evento histórico não se encontra fechado por uma prova inquestionável, não cabe ao historiador julgar segundo suas preferências ou conjecturas. Nós simplesmente investigamos e relatamos. Podemos pender para uma ou outra possibilidade, mas jamais limitar qualquer fato histórico no espaço de uma “caixa fechada” protegida embaixo de nossos braços. O passado da história sempre tem um presente e um futuro, por isso ela transcende a capacidade da ciência. Em condições normais de temperatura e pressão a ebulição da água ocorre a cem graus centígrados, passível de experimentação empírica e consistindo em uma verdade imutável; contudo, um fato histórico conhecido e estabelecido durante anos, mesmo que por algum documento, poderá ser modificado se surgir outro que revele algo oculto quando da lavratura do anterior.

Taviani descarta categoricamente qualquer influência de outra pessoa na idealização do projeto de Colombo:

---

<sup>149</sup> Entre os que não sobreviveram estava o navegador português Fernão de Magalhães, comandante da expedição sob bandeira espanhola, financiada pelo imperador Carlos V. Magalhães apesar de todos os méritos da organização e comando da viagem, pereceu em um ataque de nativos nas Molucas em 27 de abril de 1521.

A carta e o mapa de Toscanelli exerceram em Colombo uma influência benéfica, mas só porque ele já estava preparado para receber seus conceitos fundamentais e entesourá-los. A correspondência toscanelliana não foi, de nenhuma maneira, a causa da gênese do grande descobrimento. Foi só um suporte: o fundamental suporte científico de um projeto que em 1481 já tinha uma forma concreta e substancialmente definida. (TAVIANI, 1988, p. 180)<sup>150</sup>.

Entretanto, a questão é mais complicada do que o autor italiano pretende fazer crer. O fato de que tanto Fernando Colombo como Las Casas mencionaram o conhecimento por parte do almirante da carta e do mapa de Toscanelli, mas ele próprio nunca ter citado o nome do sábio florentino em seus escritos, levanta algumas interrogações. Por exemplo, a discussão sobre o momento em que Colombo teria lido as principais obras, tidas por alguns (como Taviani), como sendo o sustentáculo de seu projeto, ainda não está resolvida, haja vista que as anotações marginais (*apostillas*) feitas<sup>151</sup> pelo descobridor nesses livros, não necessariamente todas foram feitas antes, mas algumas podem muito bem terem sido feitas depois da viagem de descoberta:

No outono de 1497 ou nos meses imediatamente posteriores, receberia o exemplar de “Marco Polo” (quer dizer, a edição latina das *Viagens* de Marco Polo, impressa em Ambrés, 1485) que havia encarregado ao comerciante inglês John Day, segundo se entende de uma carta que este dirigiu ao “magnífico e virtuoso senhor Almirante Maior”, identificado meridianamente com Colombo por seu primeiro editor L. A. Vigneras, e por D.B. Quinn. Esse mesmo exemplar, ou por acaso outro da mesma edição, herdou Fernando, reconhecível hoje por haver-se conservado na Biblioteca Colombina e especialmente pelas anotações de Colombo que ornaram suas margens, ainda que “de data incerta”, se julgou ser “mais ou menos desses mesmos anos”(1495-1497): a *Historia rerum ubique gestarum cum locorum descriptione non finita*, de Pio II (Venetia, Iohannes de Colonia et Iohannes Manthem de Gherretzem, 1477), que é uma impressão que só contém a primeira parte, dedicada a Ásia; o volume miscelâneo de Pierre D’Ailly, encabeçado por *Imago Mundi* e seguido de outros doze opúsculos seus mais cinco de Jean Gerson (Lovaina, Iohannes de Westfalia, 1483); e a tradução “di lingua latina in Fiorentina da *Historia naturalis* de Plínio, realizada por Christoforo Landino para o rei Fernando de Nápoles (Venecia, Bartolomaio de Zani Portesio, 1489). Sugeriu-se que as compras destes volumes deveu-se ao intento de Colombo de confirmar suas teorias cosmográficas posteriormente a sua primeira viagem, já que antes “havia feito uso sem lê-

<sup>150</sup> “La carta y el mapa de Toscanelli ejercieron en Colón una benéfica influencia, pero sólo porque él ya estaba preparado para recibir sus conceptos fundamentales y atesorarlos. La correspondencia toscanelliana no fue, de ninguna manera, la causa de la génesis del gran descubrimiento. Fue sólo un soporte: el fundamental soporte científico de un proyecto que en 1481 ya tenía una forma concreta y substancialmente definida”.

<sup>151</sup> A autoria das anotações marginais (*apostillas*) nos livros que pertenceram a Colombo não escapa às controvérsias. A semelhança da letra do almirante com a de seu irmão Bartolomeu que também tinha acesso as obras, o coloca como um possível autor de algumas dessas notas, juntamente com Fernando, sabidamente preocupado em elevar ainda mais o nome do pai. Nem mesmo Las Casas pode ser desconsiderado, já que teve em suas mãos os exemplares que pertenceram ao almirante.

las” dessas autoridades, ideia que se apóia sobretudo em algumas anotações feitas com certeza após o descobrimento. (MIGUEL, 2007, p. 130, grifo do autor)<sup>152</sup>.

Gil (1987) em excelente análise da leitura de Marco Polo por Colombo, nos leva a considerar que as menções que ele fez no *Diario* da primeira viagem com relação às terras do Oriente, como Catay e Cipango, podem ter sido baseadas no mapa de Toscanelli, que apontava a localização desses reinos, bem como de algumas ilhas, exatamente porque não parece que ele as identificava baseado nos relatos do mercador veneziano:

[...] o Almirante maneja nesta primeira relação a toponímia de Marco Polo, mas sempre a conta-gotas e por aproximação, sem entrar em maiores profundidades; a ninguém pode estranhar que se fale nela de Cipango, uma das metas da navegação, mas o que surpreende é a vagueza de suas referências ao Oriente. Em 1 de novembro Colombo se jacta de achar-se “diante de Zaitón e Quinsai, cem léguas de distância de um e do outro”; pois bem, o texto de Marco Polo não dá base para se efetuar tais cálculos, e a dedução colombina se deve a que o Almirante “marcou pontos” em uma carta de navegar, medindo com o compasso as respectivas distâncias. Tampouco um leitor de Marco Polo podia confundir com uma cidade o reino de Catai, como faz despreocupadamente o Almirante em 30 de outubro, cometendo um erro de envergadura que transmite aos Pinzóns, pois também Vicente Yañes referiu, no regresso de seu périplo por Terra Firme em 1499-1500, que havia passado com suas caravelas pela cidade de Catai, o aprendiz não é melhor que o mestre. Em suma, Colombo levou consigo em 1492 provavelmente um Almanaque, livro fundamental para prever os eclipses, talvez um Ptolomeu e nada mais,

---

<sup>152</sup> “En el otoño de 1497 o en los meses inmediatamente posteriores, recibiría el ejemplar de “Marco Paulo” (es decir, la edición de los *Viajes* de Marco Paulo, impresa en Amberes, 1485) que había encargado al comerciante inglés John Day, según se desprende de una carta que este dirigió “al manífico y virtuoso señor Almirante Mayor”, identificado meridianamente con Colón por su primer editor L. A. Vigneras, y por D. B. Quinn. Ese mismo ejemplar, o acaso outro de la misma edición, heredó don Hernando, reconocible hoy por haberse conservado en la Biblioteca Colombina y especialmente por las apostillas de Colón que orlan sus márgenes, al igual que sucede con otros libros conservados en la misma institución, cuya compra, aunque de “fecha incerta”, se ha juzgado ser “más o menos de esos mismos años” (1495-1497): la *Historia rerum ubique gestarum cum locorum descriptione non finita*, de Pío II (Venetia, Iohannes de Colonia et Iohannes Manthem de Gherretzem, 1477), que es una impresión que solo contiene la parte primera, dedicada a Asia; el volumen misceláneo de Pierre D’Ailly, encabezado por la *Imago Mundi* y seguido de otros doce opúsculos suyos más cinco de Jean Gerson (Lovaina, Johannes de Westfalia, hacia 1483); y la traducción “di língua latina in fiorentina” de la *Historia Naturalis* de Plinio, realizada por Christoforo Landino para el Rey Fernnado de Nápoles (Venecia, Bartolomaio de Zani Portesio, 1489). Se ha sugerido que las compras de estos volúmenes se debieron al intento de Colón de confirmar sus teorías cosmográficas con posterioridad a su primer viaje, ya que antes “había hecho uso sin leerlas” de esas autoridades, idea que se apoya sobre todo en algunas anotaciones hechas con certeza tras el descubrimiento”.



exceção feita a cartas de navegar, das quais faz menção expressa em mais de uma ocasião. (GIL, 1987, prólogo, p. 7-8)<sup>153</sup>.

As considerações de Gil (1987), justificam todo e qualquer questionamento que vise investigar o papel de Toscanelli na origem do plano de navegação de Colombo, não sendo tal possibilidade tão inverossímil como sustenta Taviani. O fato de que o descobridor jamais mencionou o nome do físico florentino em seus escritos, e tampouco tenha feito qualquer menção a Marco Polo, não obstante, no *Diario de a bordo* da primeira viagem ter citado as terras de Catay, Cipango, e o grande Cã, nos induz a vários questionamentos. Existe a possibilidade de que se realmente só procedeu à leitura de Polo em 1497, tenha ouvido de outros, referências ao livro do viajante veneziano; embora a obra não era de tão fácil acesso também a outros leitores em Portugal e Espanha nos anos em que Colombo esteve nesses reinos antes da viagem de descoberta (GIL, 1987). Entretanto, a carta e o mapa de Toscanelli – os quais é muito mais provável que Colombo tenha tido em suas mãos antes de ir para a Espanha em 1485 – apontavam a localização daqueles reinos do distante Oriente, e de outras ilhas no local em que futuramente o almirante encontraria um mundo desconhecido. Por que Colombo ocultaria tanto o nome de Marco Polo (mesmo depois de 1497) quanto o de Toscanelli de seus escritos? Até o momento só podemos especular. Com relação a Toscanelli, se realmente o mapa do florentino foi a inspiração para o projeto colombino, não é de se admirar que Colombo não quisesse dividir sua glória com mais ninguém. Já no caso de Marco Polo, não nos surpreenderia, se em razão de certa dose de decepção (não esqueçamos a sua obsessão por chegar às terras do grande Cã), por não ter alcançado um dos principais objetivos de seu plano de navegação, ele

---

<sup>153</sup> “[...] el Almirante maneja en esta primera relación la toponimia de Marco Polo, pero siempre a cuenta gotas y por aproximación, sin entrar en mayores profundidades; a nadie puede extrañar que se hable en ella de Cipango, una de las metas de la navegación, pero si sorprende la vaguedad de sus referencias al Oriente. El 1 de noviembre Colón se jacta de hallarse “ ante Zaitón y Quinsay, poco más o menos lexos de lo uno y de lo outro”; ahora bien, el texto de Marco Polo no da pie para efectuar tales cálculos, y la deducción colombina se debe a que el Almirante ha “ echado puntos” sobre una carta de marear, midiendo con el compás las distancias respectivas. Tampoco un lector de Marco Polo podía haber confundido con una ciudad el reino de Catayo, como hace muy despreocupado el Almirante el 30 de octubre, cometiendo un error de envergadura que transmite a los Pinzones, pues también Vicente Yáñez referió, a su regreso de su periplo por la Tierra Firme en 1499-1500, que había sobrepasado con sus carabelas la ciudad de Catayo: el aprendiz no iba ser menos que el maestro. En suma, Colón llevó consigo en 1492 probablemente un *Almanaque*, libro fundamental para prever los eclipses, quizá un Ptolemeo y nada más, excepción hecha de las cartas de navegar, de las que hace mención expresa en más de una ocasión”.

tenha preferido não lembrar ao mundo, o nome daquele que conseguiu o que não lhe foi possível realizar.

O conhecimento por parte de Toscanelli do relato de Marco Polo, diferentemente de Colombo, é algo que se tem por certo:

Era este bom médico, astrônomo e matemático e gozava de grande prestígio nos salões intelectuais da Europa. Havia lido Marco Polo e era um pesquisador avançado em seu tempo em matéria de descobrimentos geográficos e cálculos astronômicos que aplicou ao Oceano, situando ilhas, terras e marcando distâncias.(MARQUÉZ, 2006, p. 158-159)<sup>154</sup>.

Marquéz (2006) reforça a reconhecida autenticidade da carta de Toscanelli ao clérigo Fernando Martins e, também comenta as dúvidas que pairam sobre a veracidade da correspondência do primeiro com o almirante: “Assim como a autenticidade da primeira carta não se discute, as outras duas de Toscanelli a Colombo, que até pouco tempo eram consideradas autênticas, são agora rechaçadas pelos historiadores e consideradas uma superstição”.(MARQUÉZ, 2006, p. 159)<sup>155</sup>.Miguel (2007) rejeita completamente a correspondência entre Colombo e Toscanelli, e considera a possibilidade de um acesso ilegal do descobridor a carta do florentino a Martins:

Nesse ambiente de relações cortesãs, poderia se situar a subtração ou cópia ilegal da carta de Toscanelli ao canônico lisboeta Fernando Martins, sobre a possibilidade de viajar para a Índia ("os lugares das especiarias") pela via do oeste, isto é, por um caminho semelhante ao que Colombo propôs mais tarde. Uma carta adulterada, deve ser dito, pelo menos na cópia transmitida, então, mesmo no caso de se admitir autenticidade, as manipulações são evidentes, enquanto a alegada correspondência entre Colombo e o humanista florentino, eu a considero espúria em todos os pontos. (MIGUEL, 2007, p. 126)<sup>156</sup>.

---

<sup>154</sup> “Era este buen físico, astrónomo y matemático y gozaba de gran prestigio en los salones intelectuales de Europa. Había leído a Marco Polo y era un investigador avanzado de su tiempo en materia de descubrimientos geográficos y cálculos astronómicos que aplicó al Óceano, situando islas, tierras y señalando distancias”.

<sup>155</sup> “Así como de la primera carta no se discute su autenticidad, las otras dos de Toscanelli a Colón, que hasta hace poco habían sido consideradas auténticas, son ahora rechazadas por los historiadores y consideradas una superchería”.

<sup>156</sup> “ En este entorno de relaciones cortesanas, habría que situar la sustracción o copia ilegal de la carta de Toscanelli al canónigo lisboeta Fernando Martins, en la que se habla de la posibilidad de viajar a la India («los lugares de la especiería») através del oeste, es decir, por un camino similar al que luego propondría Colón. Una carta adulterada, hay que decir, al menos en la copia transmitida, pues, aun en el caso de admitir su autenticidad, resultan evidentes las manipulaciones, mientras que la pretendida correspondência entre Colón y el humanista florentino se me hace espuria de todo punto

No mesmo sentido, as dúvidas que foram levantadas sobre a época exata em que Colombo fez suas leituras e teve acesso ao conhecimento científico daquele tempo; a autoria de algumas de suas anotações marginais (*apostillas*) nos livros que possuiu; e a autenticidade de sua correspondência com Toscanelli; servem para demonstrar que no terreno da historiografia, cravar alguma conclusão como definitiva, mesmo que baseada em algum documento parece ser um caminho que desrespeita o próprio lado científico da escrita da história, a qual requer que “confiemos desconfiando” de qualquer suposta prova, que poderá ser substituída por outra mais forte se esta surgir, ou até mesmo algum relato documental fidedigno que modifique o entendimento de um documento anterior.

Como veremos mais adiante, a rota traçada por Colombo para a primeira viagem é compatível em tudo com mapa de Toscanelli<sup>157</sup>; sendo esta, a carta náutica com a qual não só poderia ter se guiado, como também localizado ilha de Cipango (o atual Japão) seu primeiro objetivo no Oriente, mesmo que errôneamente. A outra hipótese é que embora conhecendo o mapa do sábio florentino, teve como sua principal orientação outro mapa desenhado com base nas informações do suposto piloto anônimo. Dois grandes historiadores da saga de Colombo têm opiniões divergentes. Altolaguirre (1908) sustenta a tese de que o descobridor seguia o mapa de Toscanelli para alcançar primeiro a ilha de Cipango e logo em seguida o continente asiático, mais precisamente a região de Mangi:

Navegando Colombo em sua primeira viagem no paralelo da ilha de Hierro aos 27°30' de latitude Norte, esperava encontrar nesta mesma altura a Cipango, e crendo estar nela ao chegar a ilha de Cuba, guiando-se – diz Las Casas – pela carta de navegar de Toscanelli, e supunha que o separava do continente dez dias de navegação; pouco depois, pelo que imaginava do que lhe diziam os índios e as razões que lhe dava Martín Alonso Pinzón, se convence de que havia passado abaixo de Cipango e de que Cuba era terra firme, estimando se achar no cabo terminal do extremo Oriente, o que segundo Las Casas, estava marcado na carta de Toscanelli com o nome de Zaiton e pertencia a província de Mangi, vizinha de Catai [...] A concordância entre os

---

<sup>157</sup> Henry Vignaud em um estudo crítico robusto publicado em 1902 sustentou a tese de que a carta de Toscanelli ao canônico de Lisboa Francisco Martins era apócrifa. Angel de Altolaguirre, entretanto, amparado em uma análise feita pelo historiador italiano Gustavo Uzielli, o qual trata inclusive sobre a confusão dos patronímicos durante a idade média; conseguiu demonstrar ao que tudo indica, a autenticidade da correspondência do sábio florentino com o religioso português. Cf. VIGNAUD, Henry. **The Letter and Chart of Toscanelli**. London: Sands & Co, 1902; UZIELLI, Gustavo. **L'Epistolario Colombo-Toscanelliano e I Danti**. Roma: Società Geografica Italiana, 1889; ALTOLAGUIRRE Y DUVALE, Angel de. **Cristóbal Colón y Pablo del Pozzo Toscanelli**. Madrid: Imprenta de Administración Militar, 1908. cap. 5, p.93-127.

ditos e os feitos de Colombo com os dados [...] que devia conter a carta de navegar [...] constitue uma prova plena, não só da autenticidade do projeto de Toscanelli, senão também de que Colombo se guiou única e exclusivamente por ele em sua primeira viagem de descobrimento. (ALTOLAGUIRRE, 1908, pp. 166-167, 176)<sup>158</sup>.

Como podemos ver Altolaguirre propõe que o projeto de Toscanelli e seu respectivo mapa foram o guia mestre para a navegação realizada por Colombo. Não é a mesma, entretanto, a posição de Manzano (1989), senão vejamos:

Se é evidente que Colombo, em sua primeira viagem, trata de descobrir a Cipango e Catai (ilha e terra firme do distante Oriente), não é menos certo para nós que a Cipango que o lígure busca nesta ocasião não é a famosa ilha descrita por Toscanelli em sua carta a Martins, senão a futura *Española*, achada anos antes pelos protonautas e cuja localização no imenso Mar Tenebroso ele conhecia pelos informes precisos destes. A Cipango que Colombo chega em outubro de 1492 não é *uma ilha*, e sim *uma região* – a Cibao – da bela ilha descoberta pelo piloto anônimo. Com isso já temos uma primeira diferença entre os dois projetos. Quanto a sua longitude, a Cipango colombina se encontrava a 750 léguas a Ocidente das Canárias: a de Toscanelli se localizava a uma distância muito maior (1.000 léguas? aproximadamente) do Ocidente euroafricano. A latitude também era diferente. A de Toscanelli (veja globo de Behaim<sup>159</sup>) aparece situada entre os 8° e 32° de latitude Norte; a de Colombo, entre 24°-26° norte, segundo podemos comprovar no croqui de Bartolomeu Colombo. (MANZANO, 1989, p. 191)<sup>160</sup>.

---

<sup>158</sup> “Navegando Colón en su primer viaje el paralelo de la isla de Hierro à los 27°30’ de latitud Norte, esperaba encontrar á esta misma altura el Cipango, y creyendo en la isla de Cuba hallarse en él, guiándose – dice Las Casas – por la carta de navegar de Toscanelli, suponía que le separaba del continente diez días de navegación; poco después, por lo que se figuraba que le decían los índios y las razones que le daba Martín Alonso Pinzón, se convence de que había rebasado el Cipango y de que Cuba era tierra firme, estima hallarse en el cabo término del extremo Oriente, el que, según Las Casas, estaba señalado en la carta de Toscanelli con el nombre de Zaiton y pertenecía á la provincia de Mangí, vecina del Catay [...] La concordancia entre los dichos y los hechos de Colón con los datos [...] que debía contener la carta de navegar [...] constituye una prueba plena, no sólo de la autenticidad del proyecto de Toscanelli, sino también de que Colón se guió única y exclusivamente por él en su primer viaje de descubrimiento”.

<sup>159</sup> Primeiro Globo Terrestre de que se tem notícia. Foi criado por volta de 1492 pelo alemão Martin Behaim, valendo-se também do mapa de Toscanelli. Quando Colombo apresentou seu projeto de navegação para o rei D. João II de Portugal (1485), Behaim era um dos conselheiros de navegação do monarca luso. O globo original de Martin Behaim encontra-se hoje no Museu Nacional Alemão em Nuremberg (nossa nota).

<sup>160</sup> “Si es evidente que Colón, en su primer viaje, trata de descubrir el Cipango y el Cathay (isla y tierra firme del lejano oriente), no es menos cierto para nosotros que el Cipango que el ligur busca en esta ocasión no es la famosa isla descrita por Toscanelli en su carta a Martins, sino la futura *Española*, hallada años antes por los protonautas y cuya situación en el inmenso mar Tenebroso conocía él por los precisos informes de éstos. El Cipango al que trata de arribar Colón en octubre de 1492 no es *una isla*, sino *una región* – el Cibao – de la hermosa isla descubierta por el piloto anónimo. Con esta ya tenemos una primera diferencia entre los dos proyectos. En cuanto a su longitud, el Cipango colombino se encontraba

Na defesa da tese do piloto anônimo, Manzano rechaça que Colombo tenha se orientado pelo projeto de Toscanelli. Entre seus argumentos está a menção do descobridor quando informa por carta<sup>161</sup> a Luis de Santángel sobre o descobrimento da existência de duas terras firmes a “daqui” e a “de lá” ( *de acá y de allá*), indicando que o navegador antes de sua primeira viagem tinha conhecimento da existência de terra firme ao sul do paralelo das Canárias (*tierra firme de acá*), embora acreditasse que a terra chamada Pária, fosse parte da massa continental do Oriente, um prolongamento de Catay (*tierra firme de allá*). Ainda segundo Manzano, o almirante explorou a região durante a segunda viagem quando preferiu manter sigilo sobre o lugar, por conta da existência de muitas pérolas e de que ali se localizava o Paraíso Terrenal, informações que abriu para os reis na terceira viagem. Atentemos para um trecho da exposição de Manzano:

O padre Las Casas, tendo à vista o *Diário* da terceira viagem, nos confirma plenamente a opinião de dom Cristóvão. No capítulo CXL, escreve: Colombo “chegou a Trindade e terra firme, *que acreditou ser o fim do Oriente*, a respeito do lugar onde estava, *onde acabavam a terra toda e as ilhas...*”. Mais adiante, no capítulo CXLV, ao se referir a opinião colombina sobre a localização do Paraíso Terrenal nas regiões extremo-orientais, disse o dominicano: “*E por isso pensava que aquele era o fim da Ásia*”. E no capítulo CXLVIII onde descreve a última etapa da terceira viagem do Almirante – desde Margarita a La Española – insere estas frases reveladoras: “Disse [Colombo] que o não achar mais ilhas lhe certifica que aquela terra de onde vem seja uma grande terra firme, onde está o Paraíso Terrenal, porque todos dizem, disse ele, *que estava no fim do Oriente, e é este*, disse ele”. Nestas datas o Almirante “supunha” que Pária constituía um imenso apêndice desconhecido da terra firme da Ásia. Não devemos esquecer que, para os cosmógrafos daquela época, desde o Ocidente da Europa e África até o Oriente da Ásia havia somente um mar [...] Entre estas duas costas – a oriental, da Ásia, e a ocidental, da África – se estendia o mar Oceano, facilmente navegável em poucos dias com ventos favoráveis, como asseguravam Aristóteles, Sêneca e outros autores da Antiguidade e da Idade Média, cujas opiniões leu o autodidata na *Imago Mundi*, de d’Ailly; opiniões

---

a 750 leguas al Occidente de Canarias: el de Toscanelli lo ubicaba este a una distancia mucho mayor (¿1.000 leguas? aproximadamente) del Occidente euroafricano. La latitud también era diferente. El de Toscanelli (vid. Globo de Behaim) aparece situado entre los 8° y 32° de latitud Norte; el de Colón, entre 24°-26° norte, según podemos comprobar en el croquis de Bartolomé Colón”.

<sup>161</sup> 15 de fevereiro de 1493.

que agora volta a recordar na *Relação* da terceira viagem. (MANZANO, 1989, p. 789)<sup>162</sup>

A citação acima, ainda que trate de assuntos da terceira viagem, cabe muito bem em qualquer momento que analisarmos a maneira como Colombo teria se guiado durante a primeira viagem, tanto se considerarmos que o fez pelo mapa de Toscanelli, quanto pela orientação do piloto anônimo, conforme sustenta Manzano. Embora esse autor apresente um interessante raciocínio para fundamentar suas ideias, a divergência com Altolaguirre em relação a inspiração da rota traçada por Colombo e do conhecimento que este teria do que iria encontrar no caminho para Catay, configura mais uma controvérsia entre os historiadores colombinos de peso.

Voltando à apresentação por parte de Colombo de seu projeto de navegação para a junta de matemáticos, incumbida por D. João II de analisar a questão; o resultado não foi o que o descobridor esperava: “João II recebeu desde logo o projeto com pouca simpatia<sup>163</sup>” (MADARIAGA, 1945, p. 164). A facilidade com que o futuro descobridor do Novo Mundo teve para ser recebido pelo monarca português, indício de que naquele momento era bem visto na corte (BALLESTEROS BERETTA 1945), não foi suficiente para que os especialistas lusitanos aprovassem suas ideias. O maior cronista português da época dos descobrimentos, João de Barros, assim descreve a conclusão da junta: “[...] e todos houveram por vaidade as palavras de Cristóvão Colombo, por tudo ser fundado em imaginações, e cousas da Ilha Cypango de Marco Polo”. (BARROS, 1778, p. 250 *apud* BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 380). Conjuntamente com a opinião contrária dos sábios portugueses, foi cogitada a possibilidade de que a recusa de D. João II deveu-se às exorbitantes exigências que o genovês impôs ao rei; e que – baseado em uma suposição de Las Casas e Fernando Colombo –

---

<sup>162</sup> “El padre Las Casas, teniendo a la vista el Diario del tercer viaje, nos confirma plenamente la opinión de Don Cristóbal. En el capítulo CXL, escribe: Colón ‘llegó a la Trinidad y tierra firme, *que creyó ser el cabo de Oriente*, por respecto del lugar donde estaba, *donde acababan la tierra toda y las islas...*’ Más adelante, en el capítulo CXLV, al referirse a la opinión colombina sobre la ubicación del Paraíso Terrenal en las regiones extremo-orientales, dice el dominico: “*Y por esto pensaba que aquello era el fin de Asia*”. Y en el capítulo CXLVIII donde describe la última etapa del tercer viaje del Almirante – desde la Margarita a La Española – inserta estas reveladoras frases: “Dice [Colón] que el no hallar ya islas le certifica que aquella tierra de donde viene sea gran tierra firme, o adonde está el Paraíso Terrenal, porque todos dicen, dice él, *que estaba en fin de Oriente y es este, dice él*. En estas fechas el Almirante “suponía” que Paria constituía un inmenso apéndice totalmente desconocido de la tierra firme de Asia. No debemos olvidar que, para los cosmógrafos de aquella época, desde el Occidente de Europa y Africa hasta el Oriente de Asia había un solo mar[...] Entre estas dos costas – la oriental, de Asia, y la occidental, de Africa – se extendía el mar Océano, fácilmente navegable en pocos días con vientos favorables, como aseguraban Aristóteles, Séneca y otros autores de la Antigüedad y de la Edad Media, cuyas opiniones leyó el autodidacta en la *Imago Mundi*, de D’Ailly; opiniones que ahora vuelve a recordar en la *Relación* del tercer viaje.”

<sup>163</sup> “Juan II recibió desde luego este proyecto com muy poca simpatía”.

interessado na proposta do navegador genovês, D. João teria enviado em segredo uma caravela para verificar a viabilidade do que lhe fora proposto; contudo, os tripulantes teriam voltado pouco tempo após a partida sem descobrir nenhuma terra e com dificuldades de navegar para o Ocidente (GANDÍA, 1965). Para Taviani, “não se comprovou que João II enviou alguma caravela para realizar o projeto de Colombo” (TAVIANI, 1988, p. 189). Ballesteros é da mesma opinião: “[...] provavelmente não enviou João II nenhuma caravela em busca da terra do Ocidente” (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 382). Esses dois historiadores chamam atenção para a possibilidade de que mesmo não sendo verdadeira a “missão secreta” de verificar o plano de Colombo sem o seu conhecimento, ele creu que o fato ocorreu e que havia sido enganado pelo monarca luso, motivo que o fez considerar levar o projeto a outras nações (BALLESTEROS BERETTA, 1945; TAVIANI, 1988).

Luis Arranz Márquez sugere um quadro bastante apropriado que nos ajuda a visualizar como os especialistas portugueses devem ter olhado de maneira ativa para Colombo e suas proposições:

Se algum povo podia se considerar avançado em ciência astronômica e cosmográfica, bem como em avanços náuticos, esse era Portugal sem dúvida alguma. Reunia como nenhum outro saberes teóricos e experiência prática nas navegações oceânicas. Havia aperfeiçoado os instrumentos técnicos, e o saber desde Ptolomeu até Alfragano havia igualmente desenvolvido. (MARQUÉZ, 2006, p. 171)<sup>164</sup>.

Assim também interpretou Andres Bernaldez:

[...] sabendo que muito aprazia ao Rei D. João de Portugal os descobrimentos, ele foi convidá-lo, e contando o feito de sua imaginação, não lhe foi dado crédito, porque o Rei de Portugal tinha altos e bem fundados marinheiros, que não o estimaram, e presumiam não haver no mundo outros maiores descobridores que eles. (BERNALDEZ, 1870, 1v. p.358)<sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> “Si algún pueblo podía considerarse avanzado en ciencia astronômica y cosmográfica, a la par que en avances náuticos, ese era Portugal sin duda alguna. Reunía como ninguno saberes teóricos y experiencia práctica en navegaciones oceánicas. Había perfeccionado los instrumentos técnicos, y el saber desde Ptolomeo hasta Alfraganus lo había igualmente desarrollado”.

<sup>165</sup> “[...] sabiendo que al Rey de Portugal aplacia mucho el descubrir, él le fué a convidar, y recontado el fecho de su imaginacion, no le fué dado crédito, porque el Rey de Portugal tenia muy altos y bien fundados marineros, que no lo estimaron, y presumian en el mundo no haber otros mayores descubridores que ellos”.

Podemos perceber que mesmo para os mais hábeis navegadores da nação protagonista dos descobrimentos, era difícil naquela época compreender um plano tão arrojado como o que Colombo apresentava:

O projeto colombino é algo difícil de reconstruir e muito complicado de entender. Constitui uma das criações mais originais e grandiosas já realizada pelo engenho humano, já que nele se entrecruzam realidades e sonhos geográficos, mandatos da Sagrada Escritura e imaginações históricas. (MARQUÉZ, 2006, p. 157)<sup>166</sup>.

É importante também registrar que a ideia de se encontrar uma passagem ocidental para a Índia não foi uma criação original de Colombo. John G. Morris (1855), em um estudo sobre Martin Behaim, fez uma interessante análise em que defendeu que o plano de Colombo pode não ter pego ninguém de surpresa, e que D. João II, não obstante ter enviado o caso para sua junta de sábios, tratou também diretamente com o almirante, e a sua recusa em apoiar o projeto pode ter sido muito mais em razão das exigências que Colombo colocou sobre a mesa, do que em relação a alegada impossibilidade de realização, segundo os especialistas portugueses da época:

A ideia de uma passagem ocidental para a Índia não se originou de Colombo, como já observamos. Era comum entre os geógrafos e matemáticos daquele tempo, que, como Toscanelli, Behaim, Colombo, Vesúpcio, e todos os outros de quaisquer pretensões à ciência, estavam convencidos da figura esférica da Terra, mas que, ao mesmo tempo, mantinham a ideia errônea de que a Ásia se estendia muito mais a leste em direção à Europa do que o é na realidade. Afonso V, o predecessor do rei João, fizera indagações a Toscanelli a respeito da rota ocidental, antes de Colombo colocar seus planos diante do governo português. A ideia, portanto, não era nova. Ocorreu que houve apenas um homem que era ousado o suficiente para se aventurar na execução, e esse homem era Colombo. A partir de relatos autênticos, parece certo que ele teve alguns patronos distintos em Lisboa. Mesmo o rei John não se permitiu ser dissuadido pelo relatório desfavorável do comitê. Colombo representou o assunto para ele pessoalmente. O rei estava inclinado a se engajar no empreendimento, mas a exigência imprudente e extravagante de um vice-reinado hereditário nos novos países descobertos que Colombo fez determinou que o rei retirasse seu favor. (MORRIS, 1855, p. 29)<sup>167</sup>.

---

<sup>166</sup> “El proyecto colombino es algo difícil de reconstruir y muy complicado de entender. Constituye una de las creaciones más originales y grandiosas, que haya realizado el ingenio humano, ya que en él se entrecruzan realidades y sueños geográficos, mandatos de la Sagrada Escritura e imaginaciones históricas”.

<sup>167</sup> “The idea of a western passage to India did not originate with Columbus, as we have already observed. It was common among the geographers and mathematicians of that day, who, like Toscanelli, Behaim, Columbus, Vespucci, and all others of any pretensions to science, were convinced of the spherical figure



Esse mesmo autor apresenta uma inferência que nos parece bastante pertinente para explicar uma questão que foi levantada por muitos historiadores. Trata-se do fato de que Martin Behaim (reconhecido cosmógrafo e geógrafo naquele tempo) se encontrava em Portugal servindo D. João II (FIGURA 9) quando Colombo apresentou seu projeto para a junta de sábios do reino, sem, no entanto, ter sido convocado a participar daquele conselho:

Podemos perguntar, por que não foi Behaim colocado neste subcomitê? Ele estava naquela época em Lisboa e ainda não havia realizado sua viagem com Diogo Cão. Ele era reconhecido como um cosmógrafo capacitado e já havia prestado serviços inestimáveis como membro de uma dessas comissões. O globo de Behaim responde à pergunta. De acordo com as distâncias marcadas neste globo, Behaim deve ter inteiramente sancionado o plano de Colombo, pois sua ilha de Fayal fica praticamente no meio entre Portugal e as ilhas asiáticas. Sem dúvida, era evidente que ele favoreceria a proposição o que o fez ser considerado como comprometido e, portanto, não poderia ser um juiz imparcial. (MORRIS, 1855, p. 28-29)<sup>168</sup>.

Diante do revés, Colombo encerrou oito anos de estadia em Portugal, após um naufrágio, o casamento, o nascimento de um filho, a viuvez<sup>169</sup> e a elaboração do projeto de navegação

---

of the earth, but who, at the same time, entertained the erroneous idea that Asia extended much farther eastward towards Europe than it really does. Alphonsus V, the predecessor of King John, had made enquiries of Toscanelli respecting the western route, before Columbus had laid his plans before the Portuguese government. The idea, hence, was not new. There was only wanting a man who was bold enough to venture on the prosecution of it, and that man was Columbus. From authentic accounts, it appears certain that he had some distinguished patrons in Lisbon. Even King John did not allow himself to be deterred by the unfavorable report of the committee. Columbus represented the matter to him personally. The King was inclined to engage in the enterprise, but the injudicious and extravagant demand of an hereditary vice-royalty in the new discovered countries which Columbus made, determined the King to withdraw his favor”.

<sup>168</sup> “We may ask, why was not Behaim placed on this sub-committee? He was at that time in Lisbon, and had not yet entered on his voyage with Diogo Cao. He was acknowledged to be a learned cosmograph, and had already rendered invaluable services as one of the commission. The globe of Behaim answers the question. According to the distances marked on this globe, Behaim must have entirely sanctioned the plan of Columbus, for his island of Fayal lies pretty nearly in the middle between Portugal and the Asiatic Islands. Doubtless it was well known that he favored the proposition he was regarded as committed, and hence could not be an impartial judge”.

<sup>169</sup> A viuvez de Colombo quando de sua saída de Portugal também é discutida “ Que su mujer Felipa Moñiz quedó en Portugal no se discute. Ahora bien, en 1485 no había muerto, en contra de lo que dicen Hernando y Las Casas” (MARQUÉZ, 2006, p. 178). Baseia-se este autor em um escrito de Colombo no qual ele disse: “ y como vine a servir a estos Príncipes de tan lejos y dejé mujer y hijos que jamás vi por ello”. Ballesteros sobre o mesmo texto comenta: Sin duda es una de tantas exageraciones de Colón. No dejó a su mujer, puesto que Felipa Moniz había muerto cuando salió de Portugal, ni abandonó hijos

mais arrojado da história. A primeira rejeição ao seu plano foi um momento de desalento, mas não seria suficiente para interromper o propósito que já tinha ares de verdadeira obsessão. O reino de Castela dos reis católicos Isabel e Fernando estava logo ali, e foi este o rumo que tomou, provavelmente não imaginando que ainda teria mais sete longos anos de luta e obstinação para finalmente se ver comandando uma frota que o levaria não a Ásia, mas a um mundo desconhecido na vastidão do Mar Tenebroso.

Figura 9- D. João II, o "príncipe perfeito", reinou em Portugal de 1481 a 1495. Porto de Lisboa no século XVI.



Fonte: TAVIANI (1988, p. 107, 187). Acervo: Museu da Marinha de Lisboa.

---

en tierra portuguesa porque no los tenía, que sepamos. Quizá mezclando en su pensamiento momentos distintos se refiera a sus dos hijos Diego y Hernando, a los que dejó para emprender el primer viaje, pero naturalmente que el inciso “que jamás vi por ello” desconcierta y volvemos a creer se trata de sus habituales exageraciones (BALLESTEROS, 1945,2v, p. 400). Nos parece que a posição de Ballesteros é a mais plausível, primeiro porque não haveria motivo para Fernando Colombo mentir sobre isso (a não ser que quisesse ocultar que o pai abandonou a sua primeira mulher, o que não é crível, posto que levou consigo o filho Diego), em segundo lugar, exatamente, porque se Felipa ainda estivesse viva, não levaria para acompanhá-lo uma criança, o que conseqüentemente trouxe-lhe muitas dificuldades; e muito menos procuraria a cunhada ( Briolanja Moniz) para ajudar com o sobrinho, como de fato o fez.

## 4 O PÉRIPOLO DE CRISTÓVÃO COLOMBO NA CORTE DOS REIS CATÓLICOS

### 4.1 CHEGADA AO MOSTEIRO DE *LA RÁBIDA*

Embora haja alguma discussão<sup>170</sup> sobre o ano em que Colombo foi para a Espanha, o mais aceito é que em 1485 ele chegou a vila de Palos em uma viagem por mar, dirigindo-se imediatamente para o mosteiro de *Santa Maria de la Rábida* (FIGURA 10). A intenção era solicitar um pernoite e alimentação para em seguida seguir para Huelva onde pretendia deixar o filho de cinco anos<sup>171</sup> (TAVIANI, 1988) com seus cunhados, Briolanja Moniz e o Marido Miguel Muliart. Não se sabe exatamente se Colombo deixou o pequeno Diego definitivamente em *la Rábida* com os frades franciscanos, levando-o pouco depois os cunhados, ou ainda se optou por deixá-lo provisoriamente no mosteiro, para depois conduzir o filho a Huelva (TAVIANI, 1988). Não há como ter certeza, tampouco, se sua estada no convento de *la Rábida* foi um acaso, tendo em vista que era devoto da Virgem e de São Francisco, ou se baseado em alguma informação de antemão, era exatamente para onde queria ir. O que importa, como veremos no decorrer desta seção, é que o contato com os frades franciscanos se mostraria crucial para a execução de seus planos de navegação.

O guardião do Convento, Frei Antônio de Marchena, era excelente cosmógrafo, com reconhecimento entre os letrados e os monarcas. Portanto, não é de admirar que no seu primeiro ponto de parada na Espanha, Colombo já pôde expor seu projeto. O apoio irrestrito que o descobridor teria do religioso Marchena nos anos que se seguiriam, mesmo nos diversos reveses que sofreu, fez com que alguns historiadores<sup>172</sup> sugerissem que haveria um possível segredo que Colombo por ventura guardasse e que fosse motivo de sua insistência e grandes exigências mesmo para quem o patrocinasse, segredo este que não revelava a ninguém, mas que teria sido aberto ao padre Marchena, protegido pelo sacramento da confissão (BALLESTEROS

---

<sup>170</sup> Cf. BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Barcelona: Salvat, 1945, p. 393-400.

<sup>171</sup> Para Ballesteros Beretta (1945) Diego Colombo teria por volta de sete anos quando chegou com seu pai a *la Rábida*.

<sup>172</sup> O cronista das Índias Francisco López de Gomara, contemporâneo dos acontecimentos, também cogita a revelação de um segredo de Colombo em confissão (TAVIANI, 1988). E nesta possibilidade reside mais um argumento para a defesa da tese de que Colombo teve informação da existência de terras a cerca de 750 léguas a oeste das Canárias, que lhe foi passada por um piloto anônimo (MANZANO, 1989). Ora, se isso realmente ocorreu, e o descobridor revelou em confissão a um padre que as terras estavam lá, explicaria o apoio que recebeu tanto de Antonio de Marchena quanto de Juan Perez que não podiam revelar o motivo, mas sabiam que poderiam defender fielmente a proposta de Colombo, mesmo para os Reis Católicos sem temer qualquer risco de insucesso da expedição. A existência desta indagação faz com que a ideia da existência de um proto-nauta não tão absurda como alega Taviani.

BERETTA, 1945; MANZANO, 1989; TAVIANI, 1988). O papel dos padres<sup>173</sup> de *la Rábida* no descobrimento da América é de tal importância que os coloca como daqueles poucos que não tiveram a empresa como uma vaidade e proposta insana, a ponto do próprio Colombo reconhecer o fato:

Aquí mostraron el grande corazón que siempre fiçieron en toda cosa grande, porque todos los que avían entendido en ello y oída esta plática todos a una mano lo tenían a burla, salvo dos frailes que siempre fueron constantes [...] Ya saben Vuestras Altezas que anduve siete años en su corte importunándoles por esto. Nunca en todo este tiempo se halló piloto ni marinero ni philósopho ni de outra sçiençia que todos no dixessen que mi empresa era falsa; que nunca yo hallé ayuda de nadie, salvo de fray Antño de Marchena, después de aquella de Dios eterno [...] (VARELA, 1982, 205,224)<sup>174</sup>.

A menção aos dois frades em um trecho do documento e a nomeação específica de Antônio de Marchena sugere fortemente que o segundo frei é Juan Perez, ambos de *la Rábida*; o que nos leva ao seguinte raciocínio: se Colombo revelou no sacramento da confissão um segredo que a ninguém mais tornou conhecido, é de se supor que embora tenha reconhecido o valor do apoio do padre Juan Perez, o segredo tenha sido revelado ao guardião de *la Rábida* Antônio de Marchena, pois era este versado em cosmologia, além do que, ele não teria dois confessores no mesmo local. Tal pensamento nos leva facilmente a outro: se Antonio de Marchena decidiu dar apoio incondicional a Colombo, após conhecer por confissão a razão e fundamento de seu projeto, é natural que justificasse e solicitasse também a ajuda de Juan Perez, informando-o que o plano do almirante era confiável e realizável, embora não pudesse revelar o motivo de sua certeza. Vemo-nos novamente diante de mais uma questão que gera controvérsias na historiografia colombina.

---

<sup>173</sup> Padres no plural, pois posteriormente outro religioso ligado a *la Rábida*, Frei Juan Pérez, também foi de muita ajuda para Colombo como veremos mais adiante. Há uma enorme confusão histórica sobre quem foi o padre que o descobridor encontrou em sua chegada a Palos. Herrera e Gómara misturaram o nome dos dois religiosos criando um terceiro: Juan Pérez de Marchena, obviamente que nunca existiu. Tal fato enganou a importantes colombistas como por exemplo, Harisse e Navarrete. Na verdade, Colombo esteve em *la Rábida* em duas ocasiões: a primeira em 1485 quando chegou a Espanha e a segunda em 1491, após nova recusa dos reis de apoio ao seu projeto. Na primeira visita ao mosteiro apenas o padre Antonio de Marchena se encontrava em *la Rábida*, já na segunda estava lá também o padre Juan Pérez (MANZANO, 1989; TAVIANI, 1988).

<sup>174</sup> “Aquí mostraram o grande coração que sempre tiveram em toda coisa grande, porque todos que havia entendidos no assunto e ouviram o que eu disse, todos sem exceção consideraram brincadeira, salvo dois frades que sempre foram constantes [...] Já sabem Vossas Altezas que andei por sete anos em sua corte importunando-lhes por isso. Nunca em todo este tempo não se achou piloto, nem marinheiro, nem filósofo, nem de outra ciência; que todos não dissessem que minha empresa era falsa; que nunca achei ajuda de ninguém, salvo do frei Antônio de Marchena, depois daquela do Deus eterno[...]”.

Figura 10-O Mosteiro de *La Rábida* permanece até hoje sob o cuidado dos frades franciscanos na cidade de Palos de la Frontera.



Fonte: YOUNG (1906).

Podemos também inferir, que em razão desse encontro crucial com os franciscanos de *la Rábida*, e principalmente pelo apoio do Frei Antônio de Marchena, Colombo foi recebido pelos reis católicos em 20 de janeiro de 1486 em Alcalá de Henares nos arredores de Madri (TAVIANI,1988). No encontro, podemos imaginar, o almirante discorrendo entusiasticamente sobre seu projeto de alcançar a Ásia pelo caminho do Ocidente, em especial a grande e rica ilha de Cipango e a Catay do grande Cã, com suas riquezas extraordinárias, sob olhares atônitos dos monarcas espanhóis, que muito provavelmente estavam diante da solicitação mais inusitada com a qual jamais pensaram ter de lidar. Ballesteros Beretta (1945) fazendo menção ao cronista Bernáldez, contemporâneo dos fatos, nos dá uma boa imagem de como deve ter sido aquela reunião:

Preciosa é a informação de Andrés Bernáldez, pois por ela podemos imaginar como foi a primeira entrevista, por certo o cronista fala dos dois reis o que é mais verossímil. Colombo, sem timidez, graças ao já costume de tratar com soberanos, expôs o projeto com suas cálidas palavras. Não se pode dizer melhor do que expressou o Cura dos Palácios: *Fez o relato de sua imaginação*. Com estas palavras entendemos como tudo: a possibilidade da viagem, as enormes riquezas a ilha de Cipango e de Catai, a evangelização daquelas gentes pagãs. Cautelosos os reis, especialmente Fernando, que neste aspecto influenciava Isabel, ouviram com satisfação a Colombo, mas não acreditaram muito no que lhes dizia. Também aqui a expressão de Bernáldez é bastante

exata: *não davam muito crédito*. (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 437, grifos do autor)<sup>175</sup>.

Fiel em seu apoio ao genovês, o padre Marchena – pouco mais de um mês<sup>176</sup> após a primeira entrevista de Colombo na corte – se encontrou com os soberanos em Madri defendendo que “era verdade”<sup>177</sup> tudo que o navegador estrangeiro havia dito. O ceticismo dos reis católicos não significou total falta de interesse no projeto de Colombo. Segundo Taviani (1988, p. 196)<sup>178</sup>, no mesmo ano (1486) da audiência concedida ao lígure, o rei Fernando comprou um *Ptolomeu*; “[...] que lhe foi enviado de Valencia, onde o Honorato Mercador o obteve do livreiro Jaime Serra por 160 moedas”<sup>179</sup>.

A curiosidade que Colombo despertou nos reis Fernando e Isabel, e o fato de saberem que ele tinha alguém de peso como Antonio de Marchena apoiando seu projeto, levou-os a aceitar a solicitação do navegador para que o plano fosse submetido a uma junta de sábios do reino, que foi designada para analisar a questão através de homens de ciência e de confiança dos monarcas espanhóis. A junta foi composta tendo entre seus principais componentes o prior do Prado e bispo de Ávila, Fernando de Talavera, talvez a pessoa mais influente na corte dos reis católicos naquele momento, e o doutor Rodrigo de Maldonado, regente da cidade de Salamanca. Os historiadores encontram dificuldades em determinar quem foram exatamente os outros membros da comissão, sendo bem provável que Talavera, a quem foi dada a incumbência de reunir os letrados entre sábios especialistas em astronomia e cosmografia, nomeou alguns entre os catedráticos da Universidade de Salamanca onde se deu a sabatina. Juan Manzano (1989), muito a propósito, chama atenção para o fato de que havia um conselho real que se mantinha constante, acompanhando os reis e tratando de todos os assuntos importantes, o que certamente incluía a análise da proposta de Colombo, o que nos leva a concluir que entre os

---

<sup>175</sup> “Preciosa la información de Andrés Bernáldez, pues por ella podemos figurarnos cómo fué la primera entrevista. Por cierto que el cronista habla de los dos reyes y era lo verosímil. Colón, sin turbarse, gracias a su costumbre de tratar a soberanos, expuso con su cálido verbo el proyecto. No se puede decir mejor de como lo expresó el Cura de los Palacios; *Hizo relación de su imaginación*. Con estas palabras lo comprendemos todo: la posibilidad del viaje, las ingentes riquezas de la isla de Cipango y del Cathay y la evangelización de aquellas paganas gentes. Cautos los reyes, en particular Fernando, que influía en este aspecto en Isabel, oyeron complacidos a Colón, pero no creyeron demasiado lo que les decía. También aquí la expresión de Bernáldez es muy exacta: *no daban mucho crédito*”.

<sup>176</sup> 24 de fevereiro (TAVIANI, 1988).

<sup>177</sup> Mais um indício de que Antonio de Marchena conhecia um segredo de Colombo, só a ele revelado?

<sup>178</sup> “[...]se lo hizo enviar desde Valencia, donde Honorato Mercader lo obtuvo del librero Jaime Serra por 160 monedas”.

<sup>179</sup> “[...]se lo hizo enviar desde Valencia, donde Honorato Mercader lo obtuvo del librero Jaime Serra por 160 monedas”.

sábios da Junta de Salamanca estavam os outros conselheiros reais, além do prior Fernando de Talavera e do doutor Rodrigo de Maldonado. Eram eles:

Doutor Andrés de Villalón, doutor Antonio Rodríguez Lillo, doutor Alfonso Manuel de Madrigal, doutor Gonzalo de Ayllón, doutor Juan Arias de Villar (obispo de Oviedo), doutor Juan Díaz de Alcocer, doctor Felipe Ponce, o licenciado Gonzalo González de Illescas e o licenciado Gonzalo de Roenes”. (MANZANO, 1989, p. 88).

A razão de Salamanca ter sido o local escolhido se deve ao fato do caráter itinerante da corte dos Reis Católicos (FIGURA 11), fazendo com que o conselho real os seguisse. Na verdade, a junta realizou sessões para discutir o caso Colombo tanto em Salamanca quanto em Córdoba (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Durante a idade média não havia o conceito de uma capital como centro do poder político, e sim a corte, e onde estivessem os soberanos aí evidentemente estaria o poder. No caso de Fernando II e Isabel I, variados eram os lugares onde passavam temporadas, dependendo de sua predileção (Toledo, Valladolid, Zaragoza, Barcelona, Valencia, Madri, entre outras), e em alguns casos como no período bélico, quando havia maior necessidade da presença real, em cidades como Málaga, Córdoba, Sevilha e Granada, locais em que a corte da Espanha sempre esteve durante os sete anos que Colombo perambulou na tentativa de aprovar seu projeto de navegação. A inquirição pela Junta de Salamanca deve ter ocorrido nos últimos meses de 1486 ou nos primeiros de 1487 (TAVIANI, 1988).

É provável que Colombo tenha exposto seu projeto diante daquela comissão com segurança e empolgação, e com a experiência de já ter comparecido diante dos soberanos de Portugal e Espanha para o mesmo fim. O resultado foi o mesmo das entrevistas anteriores: o plano não era viável, os portugueses já teriam tentado e fracassado, não se podia navegar por tantas léguas sem ver a costa etc. Fernando de Talavera levou aos monarcas espanhóis a resposta da junta e de seu conselho real: não deveriam patrocinar o projeto. No entanto, a resposta da rainha diretamente para Colombo não foi uma negativa completa, e sim um arazoamento de que naquele momento, envolvidos com a guerra de Granada e seus gastos exorbitantes, a Espanha não tinha como direcionar qualquer recurso para uma empreitada como a que propunha o navegador, ou seja, não era um “não” definitivo, o que deve ter dado alguma esperança ao almirante e justificou sua permanência na Espanha.

Era o início de um período difícil na vida do descobridor, durante o qual Colombo intensificou suas leituras, inclusive por um espaço curto de tempo comercializou livros,



provavelmente com a ajuda de seus patrícios genoveses (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Atuantes no comércio em Castela eles puderam auxiliá-lo na obtenção dos volumes provenientes principalmente da Itália e Alemanha. A primeira rejeição na Espanha tinha ares diferentes daquela experimentada com o rei de Portugal. Embora os Reis Católicos tenham acatado a decisão da junta e de seu conselho real, não obstante a decepção de Colombo, nas entrelinhas algo lhe disse para permanecer em Castela e insistir.

Figura 11- Fernando e Isabel, os Reis Católicos. Detalhe do quadro *"La Virgen de los Reyes Católicos"* de autor anônimo (século XV).



Fonte: TAVIANI (1988, p.227). Acervo: Museu do Prado (Madri).

#### 4.2 BEATRIZ ENRÍQUEZ DE ARANA

Foi também nessa época, enquanto aguardava o fim da guerra de Granada e uma nova oportunidade de falar com os reis, que Colombo conheceu em Córdoba, a Beatriz Enríquez de Arana. O relacionamento teve papel importante na vida do navegador: “ Beatriz de Arana saberá dar-lhe tranqüilidade de espírito nos anos penosos, difíceis, atormentados pela longa e sofrida espera em Castela”.(TAVIANI, 1988, p. 197)<sup>180</sup>. Além de um ombro para se recostar nos momentos de angústia, a cordobesa lhe daria um filho, a quem deram o nome de Fernando, provavelmente em homenagem ao rei, e que se tornaria o primeiro biógrafo do almirante.

<sup>180</sup> “[...] Beatriz de Arana sabrá darle la tranquilidad de espíritu en los años penosos, difíciles, atormentados por la larga y sufrida espera en Castilla”.



Segundo Varela (1982, p. 9) “Fernando Colombo foi um exímio bibliófilo e um medíocre humanista”. Mesmo sendo mais novo que o meio irmão Diego, seria Fernando que acompanharia<sup>181</sup> o pai em sua quarta e última viagem ao Novo Mundo, com apenas catorze anos de idade.

É necessário que compreendamos um pouco mais o relacionamento de Colombo com Beatriz de Arana, a companheira constante nos difíceis anos antes de sua partida para a viagem de descobrimento. O caráter de concubinato que envolveu a vida em comum nesse período, e o fato de que o descobridor a abandonou após voltar coroadado de glórias pelo sucesso da primeira viagem, impôs uma mancha em sua vida com a qual teve de conviver, e dela não se livrou até a morte. Tanto em um memorial de 1502, antes de partir para a quarta viagem, como em seu testamento de 19 de maio de 1506, fica claro a intenção de Colombo de se redimir em relação a mulher que amou, mas com a qual não se casou por conta de sua ascensão entre os nobres, a qual não permitiria um matrimônio com alguém de um estrato social baixo como era o de Beatriz: “Ele sempre foi um aventureiro no sentido social da palavra, ansiando por aceitação no mundo de aristocratas e burocratas que dominava a corte espanhola<sup>182</sup>”.(FERNANDÉZ-ARMESTO, 1992, p. 14); “[...] mas marginalizada, afinal, quando o nauta ascendeu mais tarde, pelo trabalho e graça de sua brilhante descoberta, à mais alta nobreza abarrotada de privilégios, elevação e discriminação social”(MARQUÉZ, 2006, p. 189).

O pouco tempo vivido com a cordobesa foi suficiente para que ela nunca mais saísse de seu pensamento: “A Beatriz Enríquez hayas encomendado por amor de mí atanto como teníades a tu madre, haya ella de ti diez mil maravedis cada año allende de los otros que tiene en las carnicerías de Cordoba”.(VARELA, 1982, p. 284)<sup>183</sup>, e mais:

Digo e mando a don Diego, mi hijo, o a quien heredare[...] E le mando que aya encomendada a Beatriz Enríquez, madre de don Hernando, mi hijo, que la probea que pueda bevir honestamente, como persona a

---

<sup>181</sup> Diego Colombo viajaria ao *Novo Mundo* em 1509, quando Colombo já havia morrido, para assumir o governo geral das Índias (1509-1511), cumprindo o compromisso das *Capitulações de Santa Fé* de direito hereditário sobre as terras descobertas pelo almirante, seu pai. Os direitos dos herdeiros de Colombo sobre o *Novo Mundo* estabelecidos nas *Capitulações* seriam motivo de uma série de disputas judiciais entre estes contra a Coroa de Castela, principalmente entre 1508 a 1536 que ficaram conhecidos como *pleitos colombinos*.

<sup>182</sup> “He was always an adventurer in the social sense of the Word, aiming for acceptance in the world of aristocrats and bureaucrats which dominated the Spanish court”.

<sup>183</sup> “Considere a Beatriz Enríquez por amor de mim como a sua mãe, receba ela de ti dez mil maravedis por ano além dos outros que recebe dos matadouros de Córdoba”. Esta renda de 10 mil maravedis anuais a serem pagos pelos matadouros de Córdoba, foi lhes imputada pelo rei Fernando para cumprir a promessa de dar este valor pelo resto da vida, a quem primeiro avistasse terra durante a viagem do descobrimento. Colombo reivindicou esse direito, embora haja muito questionamento sobre quem realmente foi o primeiro a ver as terras do Novo Mundo, e que o descobridor usurpou de um marinheiro esse galardão. Trataremos mais detalhadamente desta questão adiante no texto (nossa nota).

quien yo soy en tanto cargo. Y esto se haga por mi descargo de la conciencia, porque esto pesa mucho para mi ánima. La razón d'ello non es lícito de la escribir aqui. (VARELA, 1982, p.335)<sup>184</sup>.

“Quando Colombo precisou deixar seus filhos aos cuidados de uma pessoa de confiança, ali sempre esteve Beatriz. Por ele, em Córdoba ficaram Diego e Fernando quando o descobridor se fez ao mar em 1492”.(MÁRQUEZ, 2006, p. 188-189)<sup>185</sup>. “[...] Beatriz Enríquez sabia ler e escrever, um caso feminino que não era muito comum naquela época entre as mulheres de sua condição”.(BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 467)<sup>186</sup>. “Beatriz foi a única flor em seu espinhoso caminho”. (MADARIAGA, 1945, p. 229)<sup>187</sup>.

Aqui precisamos fazer uma inferência sobre o pesado fardo que Colombo carregou por vários anos até sua morte. Tinha trinta e seis anos quando conheceu a jovem Beatriz, então com vinte anos, provavelmente apresentada pelo primo Diego de Arana. A personalidade aventureira do descobridor, um homem que era recebido por reis, e que discursava apontando mapas de terras desconhecidas, sem dúvida impressionou a jovem cordobesa. Tudo indica que o descobridor amou realmente a Beatriz de Arana, e foi correspondido. Em 15 de agosto de 1488, nasce<sup>188</sup> Fernando Colombo, fruto dessa relação. A partir daí o descobridor continua suas andanças por várias cidades e sempre que possível retornava a Córdoba, hospedando-se na casa de Rodrigo de Arana, onde vivia Beatriz, sua sobrinha.

---

<sup>184</sup> “Digo e mando a Dom Diego, meu filho, ou a quem herdar[...] E mando a ele que cuide de Beatriz Enríquez, mãe de dom Fernando, meu filho, que a proveja para que possa viver honestamente, como pessoa a quem tenho em tanta consideração. E isso se faça para desencargo de minha consciência, porque isso pesa muito em minha alma. A razão disso não é lícito escrever aqui”.

<sup>185</sup> “Cuando Colón necesitó dejar a sus hijos al cuidado de persona de confianza, ahí estuvo siempre Beatriz. Por ello, en Córdoba quedaron Diego y Hernando cuando el descubridor se hizo a la mar en 1492”.

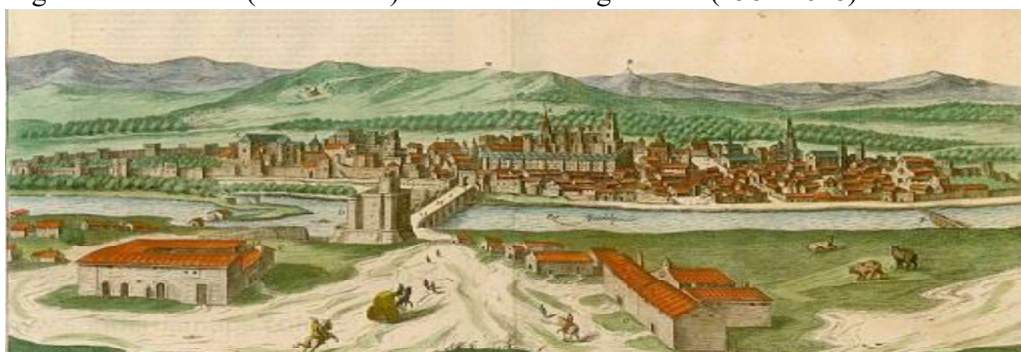
<sup>186</sup> “[...] Beatriz Henríquez sabía ler y escribir, caso feminino no muy corriente en aquella época em mujers de su condición”.

<sup>187</sup> “ Beatriz fué la única flor en su espinhoso caminho”.

<sup>188</sup> Bartolomé de Las Casas se refere a Fernando Colombo tanto como filho natural quanto filho legítimo do almirante (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 470). Na Espanha do século XV um filho havido fora do sagrado sacramento do matrimônio era considerado natural e ilegítimo. Uma das formas de legitimação era evidentemente o casamento após o nascimento. Havia outras formas previstas pelas leis do reino e por uma delas Fernando se tornou filho legítimo de Colombo e, portanto, digno de ser chamado “Dom”. Manzano (1989) nos apresenta a provável maneira como isso ocorreu. Segundo este autor quando Colombo já havia partido para a segunda viagem (25 de setembro de 1493), no começo de 1494, Diego e Fernando foram levados pelo tio Bartolomeu Colombo para serem apresentados como pajens do príncipe João. Fernando ao ser introduzido na presença dos reis como filho legítimo do almirante, e sem que ninguém o questionasse, naquele exato instante segundo a *Lei 5ª, t. XV, Partida IV*, a criança foi legitimada tornando-se partícipe de todas as honras e herança do pai (MANZANO,1989). Para uma compreensão mais detalhada sobre este tipo de legitimação, cf. MANZANO, Juan. **Cristóbal Colón: siete años decisivos de su vida**. Madrid: ECH, 1989, p. 161-181.

Foi assim até partir em sua viagem de descobrimento<sup>189</sup>, e ao retornar a Córdoba (FIGURA 12) após o sucesso e a glória de sua estada na corte em Barcelona, desta feita como Almirante do Mar Oceano, vice rei e governador do Novo Mundo, para pegar os dois filhos e levá-los para serem pajens do príncipe João<sup>190</sup>. Havia se tornado um nobre, e embora Beatriz fosse de uma família com certos recursos, não era da nobreza. E foi isso que tornou impossível a Colombo contrair matrimônio<sup>191</sup> com ela. Naquela época, aos olhos da Igreja, o casamento de um nobre com uma plebeia, não era visto como um problema; no entanto, na esfera civil era totalmente inaceitável (MANZANO,1989; TAVIANI,1988).Na correspondência com Diego e no testamento, podemos ver que Colombo sofreu e muito, pois o sucesso alcançado custou-lhe a companhia de Beatriz.

Figura 12- Córdoba (século XVI). Gravura de Jorge Braun (1582-1618).



Fonte: TAVIANI (1988, p. 214). Acervo: Museu da Marinha de Pegli.

Ao longo do tempo o descobridor sempre se revelou uma pessoa amorosa com os filhos e irmãos: “Há uma ternura quase materna no modo como termina as cartas a seu filho: Teu pai que te ama mais do que a si” (MADARIAGA, 1945, p. 225)<sup>192</sup>. Era atencioso para com os amigos, e também extremamente religioso; o que pode que explicar

<sup>189</sup> Colombo sempre gostou de estar rodeado de pessoas em quem confiava, principalmente irmãos e parentes, na primeira viagem o primo de Beatriz, Diego Arana, foi como *Algacil Mayor* da frota (um tipo de mestre de armas); e na terceira viagem fez do irmão de Beatriz, Pedro de Arana, capitão de um dos três navios (MADARIAGA, 1945).

<sup>190</sup> O príncipe João viveu apenas 19 anos (1478-1497).

<sup>191</sup> Paolo Emilio Taviani, chama atenção para a proliferação ocorrida em fins do século XIX, por ocasião do quarto centenário do descobrimento, por alguns hagiógrafos, da tentativa de demonstrar que Colombo teria regularizado sua união com Beatriz Arana, com o expresso fim de defender uma vida católica perfeita de Colombo, visando sua canonização. O pedido já havia sido feito em 1865 pelo conde Roselly de Lorgues a Pio IX (TAVIANI, 1988). O colombista italiano completa: “ Independentemente do episódio da união ilegítima com Beatriz – que é historicamente certa – a figura de Colombo, por tantas outras razões que também resultam de nossos estudos, está longe de parecer com um santo ( TAVIANI, 1988, p. 256).

<sup>192</sup> “ Tu padre que te ama más que a sí”.

o quanto deve ter doído seu afastamento de Beatriz de Arana. Madariaga apresenta uma visão mais literária desse romance:

Mas Colombo *necessitava* a ternura de uma mulher, porque era poeta e não só cavalheiro, e ainda como cavalheiro, porque era de menos continência que o casto fidalgo de la Mancha<sup>193</sup>. Daí, aquele encargo de consciência que nos fala em seu testamento. Como cavalheiro, Colombo havia pecado. Aquele que necessita de uma mulher não tem direito de reclamar sua liberdade para com as mulheres. Para Colombo, Beatriz Enríquez era a encarnação de sua própria debilidade [...] Colombo vive em Córdoba, passando por uma crise de grande depressão. Sente a necessidade de uma alma feminina. Tem trinta e seis anos e ela dezoito ou vinte. O idílio se entretetece pouco a pouco: a desgraça dele, a beleza dela, a distinção do desditado navegador, uma graça singular da qual nos falam seus biógrafos, que lhe atraía o amor dos demais, comum origem, comum temor, comum vergonha do que ocorria ante seus olhos – as fogueiras, as chamas, os sambenitos<sup>194</sup>. E logo, o obstáculo nele. O poeta Colombo trai o cavalheiro Colombo. E um dia, contemplando todo aquele sofrimento acumulado sobre uma alma que já sofria tanto, a jovem Beatriz faz o que uma mulher de um ambiente cristão velho não deveria fazer nunca – se dá generosamente. (MADARIAGA, 1945, p. 227- 229)<sup>195</sup>.

Madariaga, ao chamar Colombo de poeta, atribui a este uma característica que não nos surpreende em se tratando das várias nuances da personalidade do descobridor, e o quadro acima descrevendo o romance de Córdoba, “pintado” por esse autor, em nada foge do que acreditamos ser o retrato real do acontecimento.

---

<sup>193</sup> Madariaga comparou Colombo a *Don Quixote de la Mancha*, por conta de sua vida cheia de aventuras, vicissitudes e “imaginações”. Acreditamos que não é sua a primazia na comparação. O escritor e novelista alemão Jacob Wasserman (1873-1934) já havia feito tal relação em um livro intitulado *Cristóvão Colombo: O Dom Quixote dos Mares*, publicado no Brasil pela extinta Editora Guanabara. A edição por nós consultada não é datada, contudo o arquivo da Biblioteca Nacional da Alemanha cita 1938 como a data de publicação naquele país. Como a primeira edição da *Vida del muy magnífico señor don Cristóbal Colón* de Salvador de Madariaga se deu em 1940, acreditamos ser de Wasserman a ideia original desse paralelo (nossa nota).

<sup>194</sup>Peça de vestuário utilizada a princípio pelos católicos penitentes para publicamente demonstrar arrependimento por seus pecados. Posteriormente foi usado pela Inquisição espanhola para marcar os condenados pelo tribunal, convertendo-se em um símbolo infame. Madariaga parece se referir a possibilidade de Colombo ter presenciado execuções de hereges pela inquisição espanhola (nossa nota).

<sup>195</sup> “ Pero Colón *necessitava* la ternura de una mujer, porque era poeta y no sólo caballero, y aun como Caballero, porque era de menor continencia que el casto hidalgo de la Mancha. De aquí, aquel cargo de conciencia de que nos habla en su codicilo. Como Caballero, Colón había pecado. El que necesita una mujer no tiene derecho a reclamar su libertad para con las mujeres. Para Colón, Beatriz Enríquez era la encarnación de su propia debilidad [...] Colón vive en Córdoba, pasando una crisis de gran depresión. Siente la necesidad de un alma femenina. Tiene treinta y seis años y ella diez y ocho o veinte. El idilio se entreteje poco a poco: su desgracia de él, su belleza de ella, la distinción del navegante desdichado, la gracia singular de que nos hablan sus biógrafos, que le atraía el amor de los demás; común origen, común temor, común vergüenza de lo que ocurría ante sus ojos – las hogueras, las llamas, los sambenitos”

Para melhor analisarmos este idílio é necessário que nos voltemos para outra parte da história, ou seja, Beatriz de Arana, a jovem de cerca de vinte anos, que foi provavelmente seduzida pelo descobridor. Pouco se sabe sobre ela após a partida de Colombo em sua primeira viagem. Não há registros de que tenha se casado. Sua educação foi estritamente cristã, o que nos leva a crer que não apenas o almirante carregou um fardo sobre os ombros por conta de uma relação não abençoada pela Igreja, e que resultou em um filho, mas também Beatriz levou um peso sobre si. É fácil imaginar que ao ser abandonada, e ter o filho levado para longe, a vida de Beatriz de Arana não foi nada agradável até sua morte, provavelmente não muito depois de 1521 (MANZANO, 1989). Seu filho Fernando Colombo ao que parece herdou também do pai a sede por nobreza, motivo provável por jamais ter mencionado o nome da mãe: “Fernando, cuja conduta de patente desvio com sua mãe, chega ao ponto de omitir seu nome no epitáfio sepulcral escrito por ele mesmo para sua própria tumba, não a menciona<sup>196</sup> nunca, nem se sabe de sua relação com ela” (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 470)<sup>197</sup>.

Guerrero (2017), em um artigo sobre as mulheres que ajudaram Colombo, é de um pragmatismo tal em relação a Beatriz Enríquez de Arana, que a nosso ver não faz justiça ao papel da cordobesa na vida do navegador. Basta atentar para a forma como a autora reduz à questão financeira, um relacionamento que parece ter sido muito mais importante na vida de Colombo, do que Guerrero faz crer. Isso nos mostra que mesmo alguns historiadores da atualidade, não dão o devido valor a figura de Beatriz:

Apesar de viverem separados, temos consciência de que Beatriz tinha uma situação mais ou menos acomodada dos bens herdados de seus pais, especialmente sua mãe [...] Sabemos ademais, que Colombo a fez beneficiária de uma renda anual dos matadouros de Córdoba [...] Em 1502, Colombo, antes de iniciar sua quarta viagem, ordenou a seu filho Diego que se encarregasse de que Beatriz vivesse honestamente. Segundo parece, não o cumpriu até 1509, quando em seu testamento Diego Colombo dispôs que se desse a Beatriz uma renda anual vitalícia de 10.000 maravedis [...] A partir deste momento é quando podemos dizer que Beatriz Enríquez de Harana começou a viver rodeada de luxo até o fim de seus dias. (GUERRERO, 2017, p. 29-38)<sup>198</sup>.

---

<sup>196</sup> Manzano cogita a possibilidade de que Beatriz tenha contatado seu filho Fernando em 1519, quando teve necessidade de vender uma casa em razão da não pontualidade de Diego Colombo em supri-la conforme o testamento de Colombo (MANZANO, 1989, p. 181) (nossa nota).

<sup>197</sup> “Hernando, cuya conducta de patente desvío con su madre llega hasta el punto de omitir su nombre en el epitáfio supulcral escrito por si mismo para su própria tumba, no la menciona nunca, ni se sabe de su relación con ella”.

<sup>198</sup> “A pesar de vivir separados, tenemos constancia de que Beatriz tenía una situación más o menos acomodadas de los bienes heredados de sus padres, especialmente su madre [...] Sabemos además que Colón la hizo beneficiaria de una renta anual en las carnicerías de Córdoba [...] En 1502, Colón, antes de iniciar su cuarto viaje, ordenó a su hijo Diego que se encargara de que Beatriz viviese honestamente. Según parece, no lo cumplió hasta 1509, cuando en su testamento Diego Colón dispuso que se le diese

“Uma vida rodeada de luxo”? Será que também não deveríamos analisar os sentimentos com os quais Beatriz conviveu pelo resto da vida? Aquele navegador sedutor roubou-lhe a pureza de donzela; viveu em casa de seu tio, ela lhe deu um menino; e enquanto ele perambulava de cidade em cidade atrás de seu sonho, cuidou do enteado Diego e do filho Fernando, até que o arrebatassem de seus braços para estar entre os nobres. Não nos esqueçamos que ela teve a criança em seu colo, dispensando-lhe o amor e carinho de mãe até que completasse quatro anos, para depois ser deixada para trás por Colombo, pois não era conveniente para ele estar na corte com uma mulher que não tinha sangue nobre. Não bastasse isso, seu único filho, seguindo o caminho do pai, a rejeitou<sup>199</sup>. Qualificar Beatriz Enríquez como a amante de Colombo que no final da história viveu no luxo, não nos parece uma conclusão fiel a verdade histórica.

Como sempre ocorre quando o culto ao mito aparece para envenenar a busca pela verdade; para amenizar o erro de Colombo, o comportamento de Beatriz não deixou de ser questionado por alguns autores<sup>200</sup>: “Alguns optaram pela via fácil de atribuir-lhe uma reputação duvidosa, salvando com isso o grande descobridor”. (MÁRQUEZ, 2006, p. 189)<sup>201</sup>. Manzano apresenta um entendimento que nos parece mais lúcido em relação comportamento de Beatriz:

É lógico pensar que se Beatriz houvesse sido infiel a seu amante, se houvesse deslizado pelo tortuoso caminho do vício, como supõe os autores<sup>202</sup> citados acima, Colombo ao se referir a ela não haveria se expressado da forma que fez, em tom compassivo e pesaroso, nem se consideraria obrigado na forma apurada que coloca em destaque as frases anteriores. (MANZANO, 1989, p. 180)<sup>203</sup>.

Taviani, no entanto, é mais cético que Manzano:

---

a Beatriz una renta anual vitalicia de 10.000 maravedís [...] A partir de este momento es cuando podemos decir que Beatriz Enríquez de Harana empezó a vivir rodeada de lujo hasta el fin de sus días”.

<sup>199</sup> Madariaga explica a indiferença de Fernando Colombo para com sua mãe, imputando-lhe um caráter esnobe, que o fazia envergonhar-se da mãe em razão da bastardia e do sangue converso (1945, p. 600). No caso do sangue há que se considerar a insistência deste autor na defesa de uma origem judia de muitos que cercavam o Almirante, na tentativa de tentar provar o judaísmo do próprio (nossa nota).

<sup>200</sup> A exemplo de La Torre e Vignaud (TAVIANI, 1988, p. 257).

<sup>201</sup> “Algunos han optado por la via fácil de atribuirle una reputación dudosa, salvando con ello el gran descubridor”.

<sup>202</sup> Referindo-se a La Torre e Vignaud (nossa nota).

<sup>203</sup> “Es lógico pensar que si Beatriz hubiese sido infiel a su amante, si se hubiese deslizado por la tortuosa senda del vicio, como suponen los autores arriba citados, Colón, al referirse a Ella, no se habría expresado em la forma que lo hizo, em tono compassivo y apesadumbrado, ni se consideraría obligado em la forma apremiante que ponen de relieve las anteriores frases”. Com as “anteriores frases”, Manzano se refere ao trecho do testamento direcionado a Diego: “*como pessoa a quem sou tão devedor. E isso se faça para alívio da consciência, porque isso pesa muito em minha alma. A razão disso não é lícito escrever aqui*”

As palavras ditadas pelo Almirante a ponto de morrer, e também as de 1502 excluem a possibilidade de que Beatriz Enríquez de Arana houvesse se rebaixado a condição de meretriz. Mas não são suficientes para garantir que se haja mantido constantemente fiel ao antigo amor que, entre outras coisas, não parecia já ser correspondido pelo Almirante. Não parece, com efeito, que Colombo – depois do descobrimento – haja convivido nem tido relações com sua amiga do período cordobês. (TAVIANI, 1988, p. 257)<sup>204</sup>.

O entendimento de Manzano nos parece muito mais consistente. Imaginar que pelo fato de Beatriz não ter se tornado uma meretriz, isso coloca dúvidas sobre o seu procedimento após a separação que lhe foi imposta por Colombo, é não atentar para vários indícios que apontam na direção de que a cordobesa amargou a solidão até a morte. O próprio fato do pesar e culpa com que Colombo se referiu a ela, a efetivação do auxílio financeiro que o descobridor lhe deixou como legado (ainda que tenha começado a receber com atraso por conta de falha do filho Diego), e a não oposição a essa benesse, pelo enteado Diego e também pelo próprio filho Fernando (cujo comportamento era indiferente para com a mãe); comprovam a consideração que o almirante tinha por Beatriz. Provavelmente, se assim não fosse, isto faria com que os filhos, em face de sua idolatria pelo pai, não exitassem em se opor a ela, caso tivesse procedido levemente. E cabe ressaltar que Colombo sabia ser duro diante de traição ou outro tipo de comportamento contrário ao que esperava das pessoas ao seu redor, conforme veremos quando das viagens e seu período de governo no Novo Mundo. Parece-nos insuficiente que ao se falar das mulheres que ajudaram<sup>205</sup> Colombo, Beatriz Enríquez de Arana, seja lembrada nos termos apresentados por Guerrero (2017). Tal posicionamento usurpa-lhe o papel de destaque que teve na vida do descobridor, pouco tempo é verdade, mas por culpa exclusiva da ambição dele. Colombo carregou um espinho por toda a vida por conta de sua atitude com a jovem de Córdoba, a quem seduziu. E não é difícil decifrar que suas palavras no testamento (Figura 13) “*a razão disso não é lícito escrever aqui*”, é uma confissão da vergonha que sentia por ter descartado a mulher que o amparou nos momentos mais difíceis antes de alcançar a glória. Pelo

---

<sup>204</sup> “Las palabras dictadas por el Almirante a punto de morir, y también las de 1502, excluyen la posibilidad de que Beatriz Enríquez de Arana se hubiese rebajado a la condición de meretriz. Pero no son suficientes para garantizar que se haya mantenido constantemente fiel al antiguo amor que, entre otras cosas, no parecía ya ser correspondido por el Almirante. No parece, en efecto, que Colón – después del descubrimiento – haya convivido ni tenido relaciones con su amiga del período cordobés”.

<sup>205</sup> Beatriz Enríquez de Arana era órfã, vivia com o tio Rodrigo de Arana, mas não era pobre. Chegou inclusive a vender parte de seu patrimônio para ajudar Colombo (TAVIANI, 1988).



menos demonstrou arrependimento. Ao que tudo indica, não foi seguido pelo filho Fernando nesse sentimento.

Figura 13- Duas páginas do testamento de Colombo de 19 de maio de 1506.



Fonte: TAVIANI (1988, p. 257). Acervo: *Archivo General de Indias* (Sevilha).

#### 4.3. UMA INSISTÊNCIA OBSTINADA

Após a rejeição de seu projeto de navegação pela Junta de Salamanca, Colombo nem por um momento tirou sua mente da viagem que ansiava por realizar. Embora tenha decidido permanecer na Espanha, seu projeto de alcançar a Ásia pela via do Ocidente, já tinha ares de uma verdadeira empresa, tanto é assim que mesmo após apresentar o plano aos Reis Católicos, enquanto aguardava a resposta, seu irmão Bartolomeu Colombo foi enviado (1488) para a Inglaterra de Henrique VII, com vários mapas debaixo dos braços, abrindo outra frente na tentativa de convencer algumas das mais poderosas nações da época de que o projeto de seu



irmão não só era viável, como era o caminho certo para se apoderar de imensas riquezas que as terras do Oriente ofereciam.

Entretanto, não obteve sucesso na corte inglesa, e embora a cronologia seja um pouco confusa em razão de inconsistências nos relatos de Las Casas e Fernando Colombo, os únicos que tiveram em mãos documentos hoje perdidos, tudo indica que Bartolomeu Colombo estava na Espanha quando recebeu a notícia da desaprovação do plano de seu irmão pela Junta de Salamanca (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Embora Colombo continuasse com alguma esperança – inclusive fomentada pela ajuda financeira que recebeu dos reis espanhóis para sua manutenção por alguns meses – Bartolomeu seguiu<sup>206</sup> para nova missão, desta feita na França. Sua estância na corte de Carlos VIII se estendeu por um bom tempo, tanto que foi o soberano francês que lhe deu a notícia de que seu irmão, então já Almirante do Mar Oceano, havia retornado de uma viagem de descobrimento bem-sucedida (BALLESTEROS BERETTA, 1945; TAVIANI, 1988).

Mas antes disso, no momento, Colombo ainda aguarda uma nova convocação dos Reis Católicos, e Bartolomeu o acompanha. Nessa época há um grande questionamento de uma possível volta de Colombo a Portugal para se avistar novamente com D. João II. A viagem é bem provável que tenha ocorrido se tomarmos por base uma carta autêntica do referido monarca ao navegador. A epístola é na verdade uma resposta a outra que foi enviada por Colombo e que se perdeu:

A Xpouam Colon nosso especial amigo, em Seuilha.  
 Xpoual Colon. Nos dom Joham, per graça de Deus, Rey de Portugall e dos Algarues daaquê e dallê mar em Africa, senhor de Guinee, vos enuyamos muyto saudar. Vymos a carta que Nos screpuestes e a booa vontade e afeiçam que por Ella mostraees teerdes a nosso serviço vos agardeçemos muyto. E quanto a vossa vynda Ca certo assy pollo que apontaes como por outros respeitos pêra que vossa industria e booô engenho nos será necessario nos a desejamos e prazernos há muyto de vyrdes porque em o que a vos se dara tal forma de que vos devaaes seer contente. E porque por ventura teerees alguû rreço de nossas justiças por razom dalguûas cousas a que sejaees obrigado Nos por esta carta vos seguramos polla vynda stada e tornada que non sejaees preso rreteudo acusado citado nê demandado por nenhuûa cousa ora seja ciuil ora crime de qualquer qualidade. E polla mesma mandamos a todas nossas justiças que ho cumpram asy e portanto vos rogamos e encomendamos que vossa vynda seja loguo e pêra ysso nô tenhaes pejo alguû e agarderuoloemos

---

<sup>206</sup> Provavelmente entre 1489 a 1490, é o que concluímos segundo a cronologia apresentada por Ballesteros Beretta (1945); Taviani (1988) e Manzano (1989).

e teeremos muyto em serviço. Scripta em Avis a XX dias de março de 1488. El Rey. (MANZANO, 1989, p. 207-208)<sup>207</sup>.

O visível caráter de salvo conduto da carta é o que faz do documento um dos argumentos para quem defende a ideia de que Colombo saiu de Portugal como fugitivo, questão que já comentamos e que ainda é inconclusiva. Se Colombo foi ou não a Portugal, também não é alcança unanimidade entre os historiadores. Ao que parece, após receber em Málaga a resposta dos Reis Católicos sobre a decisão da junta, Bartolomeu Colombo foi para Portugal (antes de sua ida para a Inglaterra), e deve ter presenciado no final de 1487 o retorno de Bartolomeu Dias, após este ter vencido o Cabo das Tormentas. Manzano (1989) é de opinião que a viagem de Colombo a Lisboa ocorreu em 1488, ao passo que Taviani tem dúvidas: “É certo, pois, o intento. O que não é certo é a viagem. Antes de Manzano, se mostram convencidos que a viagem se realizou Salvagnini, De Lollis, Asensio, Malheiro Dias, Ballesteros Beretta, Morison, Bignardelli. Madariaga tem opinião oposta”. (TAVIANI, 1988, p. 261)<sup>208</sup>.

Las Casas cogita a possibilidade de que Bartolomeu Colombo tenha acompanhado Dias ao Cabo das Tormentas, depois renomeado “da Boa Esperança” por D. João II:

Según podemos colegir, considerando el tiempo que Cristóbal Colón estuvo en la corte de Castilla, que fueron siete años, por alcanzar el favor y ayuda del Rey y de la Reyna, y algunas palabras de sus cartas, e especial escritas a los dichos Reyes Católicos, y otras circunstancias, primero debía de haber salido de Portugal para Castilla Cristóbal Colón, que su hermano Bartolomé Colón para Inglaterra. Y así, salió Cristóbal Colón por el año de 1484, o al principio del año de 85, o, si salieron juntos, después que se perdió Bartolomé Colón, debió de retornar a Portugal e ir el viaje que hizo con Bartolomé Díaz, capitán, con quien descubrió el Cabo de Buena Esperanza, y tornados el año de 88, por diciembre a Portugal, luego partirse para Inglaterra [...] de donde parece seguirse de necesidad que Cristóbal Colón no se halló en el dicho descubrimiento del Cabo de Buena Esperança, y lo que referi que hallé escrito de la mano<sup>209</sup> de Bartolomé Colón en el libro de Pedro de Aliaco<sup>210</sup>, lo dijo de

<sup>207</sup> Cf. PERES, Damião. **História dos descobrimentos portugueses**. Porto, 1943. p. 273. Nota de MANZANO Y MANZANO, Juan. **Cristóbal Colón: siete años decisivos de su vida: 1485-1492**. Madrid: ECH, 1989. p. 161-181.

<sup>208</sup> “Es seguro, pues, el intento. Lo que no es seguro es el viaje. Con anterioridad a Manzano, se muestran convencidos de que el viaje se haya efectuado Salvagnini, De Lollis, Asensio, Malheiro Dias, Ballesteros, Morison, Bignardelli.

<sup>209</sup> Sobre divergências na autoria desta nota marginal específica no exemplar *De Imago Mundi* de Colombo, cf BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Barcelona: Salvat, 1945.

<sup>210</sup> *De Imago Mundi* (nossa nota).

sí mismo y no de su hermano Cristóbal Colón, y así lo creo yo haber acaecido por las razones dichas. (CASAS, 1986, p. 157)<sup>211</sup>.

O dominicano acerta em concluir que Colombo não estava na viagem de Bartolomeu Dias, pois há registros de sua presença na Espanha na mesma época (BALLESTEROS BERETTA, 1945); mas erra na suposição de que Bartolomeu Colombo tenha sido um dos navegadores na expedição de Dias ao Cabo da Boa esperança: “Tampouco Bartolomeu se achava com Dias no descobrimento, pois em fevereiro de 1488 estava na Inglaterra[...]” (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 475-476).

Se Colombo foi ou não para Portugal nessa época em razão de um novo interesse de D. João II, de certa forma, a questão perde em importância, pois é certo que com a chegada de Bartolomeu Dias e a notícia de que se abria um caminho marítimo para as Índias, o interesse do soberano luso esmoreceu, haja vista que o acesso às riquezas do Oriente era o que despertava a ambição das potências marítimas naquele momento, e uma vez que os próprios portugueses lograram vencer mais um grande desafio e estavam às portas da Ásia pela via oriental, não se justificava mais apoiar um projeto temerário de um navegador estrangeiro, o que nos leva a voltar com Colombo para a Espanha.

Naquele momento (entre 1488 e 1489) a impaciência do descobridor crescia cada vez mais, e ele começava a pensar em ir para a França. Entre março e junho de 1489 estava em Sevilha, onde também se encontrava o padre Antônio de Marchena, um de seus grandes protetores, e quando este presenciou a ansiedade de Colombo, aconselhou-lhe que buscasse alguém da iniciativa privada para ajudá-lo, sugerindo Dom Henrique de Guzmán, o duque de Medina Sidônia, uma das pessoas mais ricas e poderosas da Espanha (TAVIANI, 1988). Marchena intermediou o encontro, que infelizmente para o almirante, mais uma vez, restou infrutífero. Las Casas aponta três possíveis motivos para mais esta rejeição:

---

<sup>211</sup> “Segundo podemos ver, considerando o tempo que Cristóvão Colombo esteve na corte de Castela, que foram sete anos, para alcançar o favor e a ajuda do Rei e da Rainha, e algumas palavras de suas cartas, em especial escritas aos ditos Reis Católicos, e outras circunstâncias, primeiro deve ter saído Cristóvão Colombo de Portugal para Castela por volta do ano de 1484 ou no princípio do ano de 85, ou, se saíram juntos, depois Bartolomeu Colombo se separou dele e deve ter voltado a Portugal e ido na viagem que fez Bartolomeu Dias, capitão, com quem descobriu o Cabo da Boa Esperança, e voltando no ano de 88, por volta de dezembro a Portugal, para em seguida partir para a Inglaterra [...] de onde parece ser evidente que Cristóvão Colombo não se achava no dito descobrimento do Cabo da Boa Esperança, e o que referi que achei escrito por mãos de Bartolomeu Colombo no livro de Pedro de Alíaco (Peter D’ailly), o disse de si mesmo e não de seu irmão Cristóvão Colombo, e assim creio ter acontecido, pelas razões ditas”.

[...] o porque no creyó, o porque no entendió la grandeza de la demanda, o porque, como estaban ocupados todos los grandes del Reino, mayormente los de Andalucía con el cerco de Granada, y hacían grandes gastos, aunque no había en aquellos tiempos en toda España outro señor que más rico fuese y, según la fama publicada, tenía gran tesoro allegado, finalmente, pareció no atreverse a gastar lo que tan poca mella hiciera en sus tesoros y tanto esclareciera el resplandor de su magnificiencia y multiplicara la grandeza de su estado. (CASAS, 1986, p. 163)<sup>212</sup>.

Em face da nova decepção, Colombo seguiu em outra tentativa<sup>213</sup> de buscar apoio de uma fortuna particular, desta vez com Dom Luis de la Cerda, duque de Medinacelli. A reação do duque ao plano do almirante foi auspiciosa. Ele se mostrou bastante interessado na empresa, e considerou as falas no navegador como prudentes e arrazoadas, e prova de sua propensão a patrocinar a viagem se pode ver no fato de que hospedou Colombo em sua casa, e passou a prover suas necessidades de sustento, o que veio a calhar, pois o genovês naquele momento se encontrava em dificuldades financeiras. Entretanto, sabendo o duque que a empreitada havia sido proposta aos Reis Católicos e que esses não haviam dado uma posição definitiva, contactou os soberanos espanhóis solicitando a anuência real para sua participação no plano descobridor de Colombo. A resposta não tardou, embora a rainha Isabel tenha louvado a disposição e a deferência de Dom Luis de la Cerda, instou o magnata de que semelhante empreendimento era de competência exclusiva do poder real (BALLESTEROS BERETTA, 1945; MANZANO, 1989; TAVIANI, 1988).

De qualquer forma, a simpatia de Don Luis de la Cerda para com Colombo não foi de todo infrutífera. Segundo Juan Manzano, após Isabel receber em Valhadolid a carta do duque de Medinacelli e responder-lhe nos termos que comentamos acima, mandou que despachassem uma cédula a Colombo para que este se dirigisse a corte sem nenhum impedimento (MANZANO, 1989). Este documento constante do *Tumbo de los Reyes Católicos* do *Archivo*

---

<sup>212</sup> “ [...] ou porque não acreditou, ou porque não entendeu a grandeza da demanda, ou porque, como estavam ocupados todos os grandes do Reino, principalmente os da Andaluzia, com o cerco da cidade de Granada, tendo grandes gastos, embora não houvesse naqueles tempos outro senhor mais rico em toda a Espanha, e segundo se dizia, tinha juntado um grande tesouro, e finalmente pareceu não atreverse a gastar o que tão pouca diferença faria em seus tesouros e tanto demonstraria o resplendor de sua magnificiência e multiplicaria a grandeza de sua condição”.

<sup>213</sup> É interessante notar que Fernando Colombo não faz nenhuma menção a esta participação do duque de Medinacelli entre as gestões de Colombo em obter apoio ao seu projeto. Por outro lado, Las Casas é rico em detalhes sobre o ocorrido, finalizando a questão da disposição de Dom Luis de la Cerda em patrocinar Colombo, com as seguintes palavras: “Pero, como sábio, desde que más hacer no pudo. Conformóse con la voluntad de la Reina, creyendo también, como Cristiano, que aquella era la voluntad de Dios; y así, acordó haber en ello paciencia” (CASAS, 1986, p. 165).

*Municipal Hispalense* foi transcrito e publicado pela primeira vez por Martín Fernández Navarrete<sup>214</sup> em 1825. Vejamos seu conteúdo:

El Rey é la Reyna: Concejos, Justicias, Regidores, Caballeros, Oficiales, é Homes-Buenos de todas las ciudades, é Villas, é Lugares de los nuestros Reinos é Señoríos: Cristóbal Colomo há de venir a esta nuestra Corte, é á otras partes é logares destos dichos nuestros Reinos, á entender en algunas cosas cumplideras á nuestro servicio. Por ende Nos vos mandamos que quando por esas dichas Ciudades, é Villas, é logares ó por alguna dellas se acaesciere, le aposentedes é dedes buenas posadas en que pose él é los suyos sin dineros, que non sean mesones; é los mantenimientos á los precios que entre vosotros valieren por sus dineros. E non revolvades con él ni con los que llevase consigo, ni con algunos dellos roidos. E non hagades ende al por alguna manera so pena de la nuestra merced é de diez mil maravedis para la nuestra Cámara a cada uno que lo ficiere. Fecho en la Ciudad de Córdoba é doce de Mayo de ochenta y nueve años. YO EL REY. YO LA REYNA. Por mandado del Rey é de la Reyna. Johan de Coloma.<sup>215</sup>

E Colombo volta à estrada, muito provavelmente com o ânimo renovado, mas a corte não está mais em Valladolid e sim em Córdoba, mas quando ali chegou os reis já tinham se dirigido a Jaén, e depois a Baza, local em que promoveriam um forte cerco a cidade. Ao chegar a Jaén vindo de Córdoba, o rei Fernando já sitiava Baza, porém a rainha Isabel não o acompanhou, por isso é a soberana que recebeu Colombo em nova audiência. Abramos aqui um parêntese para propor um arazoamento. Embora a ideia esteja implícita nos textos de Las Casas e Fernando Colombo, e também nos escritos de mestres colombistas modernos como Ballesteros, Manzano e Taviani, por exemplo; não aparece explicitamente da maneira que pretendemos apresentar. Referimo-nos, a evidente capacidade argumentativa de Colombo. Mesmo tendo acumulado respostas negativas a seu projeto descobridor até aquele momento, Colombo visivelmente impressionou seus interlocutores. O rei D. João II de Portugal, primeiro

---

<sup>214</sup> *Cédula para que quando transitase Cristóbal Colón se le aposentase bien en todas partes, y se le facilitasen mantenimientos* (original en el Archivo del Ayuntamiento de Sevilla, lib. 3º de Cartas Reales desde 9 de Marzo de 1485 hasta 6 de Marzo de 1492). *Colección Navarrete*, Madrid: Imprenta Nacional, 1859, Tomo II, p. 11.

<sup>215</sup> “O Rei e a Rainha: Conselhos, Justiças, Regedores, Cavalheiros, Oficiais, e Homens-Bons de todas as cidades, Vilas, e Lugares dos nossos Reinos e Senhorios: Cristóvão Colombo há de vir a esta nossa Corte, e a outras partes e lugares destes nossos ditos Reinos, a cuidar de cumprir algumas coisas a nosso serviço. Por isso Nós vos mandamos que quando por essas ditas Cidades, e Vilas, e lugares ou por alguma delas aparecer, o hospedais e dê-lhe bons aposentos para que pouse ele e os seus, sem pagamento, que não sejam refeições; e mantimentos pelo preço que entre vós valem. E não incomodem a ele ou a quem levar consigo, e nem com alguns dos gastos, sob pena de cessar nossa benevolência e multa de 10 mil maravedis para nossos cofres a cada um que o fizer. Escrito na Cidade de Córdoba a doze de Maio de oitenta e nove anos. EU O REI. EU A RAINHA. Por mandado do Rei e da Rainha, Juan de Coloma”.

a quem foi feito a proposta, ainda que a tenha recusado (e como já dito, talvez enviara secretamente uma missão para provar a tese colombina), manteve o navegador em alta conta, conforme vimos na carta de salvo conduto para que Colombo voltasse a Portugal. A decisão contrária da Junta de Salamanca ao seu plano, embora unânime, não foi suficiente para que houvesse um “não” taxativo dos monarcas espanhóis, ao contrário, despertou no rei Fernando o interesse pela leitura de Ptolomeu, conforme mencionamos anteriormente. No caso dos duques de Sevilha, embora o de Medina Sidônia tenha sido mais cético, no caso de Dom Luis de la Cerda, o duque de Medinacelli, Colombo tanto o convenceu que ele se dispôs a patrocinar o projeto, e só não o fez porque sabedor da audiência do descobridor com os reis para o mesmo propósito, se viu na obrigação de buscar a anuência deles (embora não fosse mister que o fizesse, pois a parte ignota do Mar Oceano em que navegaria não estava nos domínios dos Reis Católicos), ocasião em que foi instado pela rainha Isabel que não o fizesse por haver ainda interesse real no plano do navegador genovês. Colombo, caso os reis rejeitassem de vez sua proposta, teria o patrocínio privado de um magnata que acreditou e se interessou pela viagem. Tais fatos nos demonstram a qualidade da exposição das idéias do descobridor. A resistência da junta de sábios de Salamanca é fácil ser explicada pelo fato de que ninguém até aquele momento havia se atrevido a navegar o desconhecido do Mar Tenebroso, sem que se avistasse terra por longos dias. Esse quadro nos leva a crer que Colombo não apresentava seu projeto com os olhos baixos, mas sim com altivez e confiança.

Fechando o parêntese, voltamos ao segundo encontro de Colombo com a rainha Isabel, que conforme ressaltamos se deu em Jaén. Tudo que se sabe desse encontro foi registrado pelo cardeal Dom Pedro González de Mendoza e pelo cronista Francisco López de Gómara (MANZANO, 1989). Atentemos para o relato do segundo:

Los reyes oieron a Colón por esta via y leyeron sus memoriales; y aunque al principio tuvieron por vano y falso cuanto prometia, Le dieron esperanza de ser bien despachado em acabando a guerra de Granada, que tenían entre manos. Com esta respuesta comenzó Cristóbal Colón a levantar el pensamiento mucho más que hasta entonces, y a ser estimado y graciosamente oído de los cortesanos, que hasta allí burlaban de él; y no se descuidaba punto em su negociación cuando hallaba conyuntura. (GÓMARA, 1922, p. 41-42)<sup>216</sup>.

---

<sup>216</sup> “Desta forma, os reis ouviram a Colombo e leram seus memoriais; e embora a princípio tiveram por falso e vão tudo que ele prometia, deram-lhe esperança de que tudo seria bem considerado, tão logo findasse a guerra tinham em mãos para obter Granada. Com esta resposta Cristóvão Colombo começou a elevar o pensamento muito mais que antes, bem como passou a ser estimado e suas falas agradáveis aos cortesãos que até então zombavam dele; e não se descuidava em nenhum ponto de sua negociação achando oportunidade”.

Com novo ânimo Colombo acompanhou a rainha até Baza, onde o rei Fernando comandava o cerco a um dos últimos domínios mouros na Andaluzia. A redição ocorreu em 4 de dezembro de 1489 (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Málaga, Almería e Guadix já tinham caído. Pelo acordo que os Reis Católicos haviam feito com o mouro Boabdil, o Rei Jovem, que se encontrava na Alhambra de Granada e que se declarara vassalo dos reis da Espanha em 1487 prometendo entregar a cidade quando fosse derrotado seu tio, o Zagal<sup>217</sup>, tudo parecia ser questão de tempo para o fim da guerra e finalmente Colombo receber o tão esperado “sinal verde” para seu projeto de navegação. Boabdil renova sua promessa em julho de 1489. Contudo, não foi ainda o fim, Boabdil alegou que desejava manter o pacto, mas que a população não aceitava a entrega da cidade de Granada. Começou um intenso vai e vêm de embaixadores de Fernando e Boabdil, tentando resolver o impasse, enquanto ocorriam escaramuças (MANZANO, 1989; TAVIANI, 1988). “Os meses se convertem em anos, e a promessa de julho de 1489 chega a 2 de janeiro de 1492, dia em que a capitulação de Granada marca o fim da contenda e do último baluarte mouro em terra ibérica” (TAVIANI, 1988, p. 223)<sup>218</sup>.

Contudo, enquanto a guerra de Granada não acabava, Colombo desfaleceu novamente e passou a cogitar deixar a Espanha e tentar a sorte em outra nação. A ideia de partir para a França se intensificou. Dirigiu-se no outono de 1491 (TAVIANI, 1988) ao local onde se iniciou seu périplo espanhol: o convento de *la Rábida*. Em sua segunda estada no mosteiro o projetista recebeu o apoio daquele que já havia simpatizado com suas idéias, o padre Antônio de Marchena, e desta feita de outro franciscano que se encontrava ali, o padre Juan Perez, antigo confessor<sup>219</sup> da rainha. Embora os resultados até então tivessem sido negativos, o grupo de apoiadores do navegador só havia crescido, além dos franciscanos de *la Rábida* podemos citar: o duque de Medinacelli; o padre dominicano Diego de Deza, catedrático de teologia da Universidade de Salamanca; o padre Fernando de Talavera, atual confessor da rainha; Alonso de Quintanilha, contador maior do reino (que por vezes hospedou Colombo); Juan Cabrero, camareiro do rei Fernando; Juan Coloma, rico e influente, e presença constante na corte; Luis

---

<sup>217</sup> O Sultão Abū ‘Abd Allāh Muḥammad az-Zagall, conhecido por “*el Zagal*”, era tio de Boabdil, e se converteu em seu inimigo quando o sobrinho usurpou o trono do pai em 1482. Boabdil chegou a ser capturado pelos Reis Católicos, foi liberado mediante resgate, e com o juramento de vasalagem.

<sup>218</sup> “ Los meses se convierten en años, y la promesa de julio de 1489 se llega al 2 de enero de 1492, día en que la capitulación de Granada pone fin a la contenda y al último baluarte moro en tierra ibérica”.

<sup>219</sup> Madariaga contesta, dizendo que não existem provas de que Frei Juan Pérez tenha alguma vez sido confessor da rainha Isabel, reputando como uma confusão antiga pelo fato de que antes de ser religioso Pérez era contador, e como esta profissão difere muito da de um frei, tomaram “contador” por “confessor” (1945, p. 595, nota 6.) Não encontramos tal questionamento em nenhum outro historiador, ao contrário, a exceção de Madariaga todos referem-se ao Frei Juan Pérez como antigo confessor da rainha, o que nos leva a crer que este seja o entendimento correto.

de Santángel, tesoureiro do reino; dona Juana de Torres, ama do príncipe Juan; Dom Pedro González de Mendoza<sup>220</sup>, cardeal-arcebispo de Toledo; sendo esses alguns nomes importantes em uma lista que poderia ser ampliada.

Mesmo com vários apoiadores, a insatisfação do descobridor era patente, o que fez com que comunicasse aos padres franciscanos sua iminente partida da península. Nesse ínterim, o padre Juan Perez apresentou a ele o físico e médico García Hernández, em cuja agradável companhia e podendo falar a outro estudioso sobre seus planos de navegação, foi retido por mais um tempo no convento. Tempo suficiente para que Juan Perez enviasse uma carta a rainha alertando-a da quase certa saída do descobridor para insistir com seu projeto em outro reino. Nas conversas com García Hernández devia estar presente o frade cosmógrafo Antonio de Marchena, e como superior de Juan Perez é provável que foi quem deu a anuência para que este enviasse a epístola<sup>221</sup> a Isabel. “A resposta de dona Isabel a seu antigo confessor não se fez esperar”<sup>222</sup>.(MANZANO, 1989, p. 332). O próprio García Hernández assim se refere ao fato:

E dende a catorze dias la Reyna, nuestra señora, escryvió al dicho Frey Juan Péres agradeciéndole mucho su buen propósyto e que le rogava e mandava que luego, vista la presente, pareçiese a la corte ante su Alteza, e que dexase al dicho Christóval Colón en segurydad de esperança fasta que su Alteza le escriviese. E vista la dicha carta e su dispusiçión, secretamente se partió antes de media noche el dicho frayle del monesterio, e cavalgo en un mulo, e cumplió el mandamiento de su Alteza, e paresció em la corte. (MANZANO, 1989, p. 332)<sup>223,224</sup>.

Como podemos ver, a conversa do padre de *la Rábida* com a rainha certamente envolveu todas as questões concernentes ao “negocio” de Colombo: suas possibilidades; a confiança de Perez e de Marchena no sucesso do projeto; e o prejuízo para a coroa de Castela se outro rei tomasse para si o encargo. Tudo isso nos leva a crer que esse encontro em Santa Fé foi crucial para o futuro do descobridor. Como antigo confessor de Isabel, o padre Perez, mesmo com a humildade que caracterizava os franciscanos, deve ter tido um diálogo com ela com certo tom de exortação.

---

<sup>220</sup> Considerado como o “terceiro rei” da Espanha (TAVIANI, 1988, p. 221).

<sup>221</sup> O portador da carta foi Sebastián Rodríguez, piloto de Lepe (LAS CASAS, 1986, p. 168).

<sup>222</sup> “La respuesta de doña Isabel a su antiguo confesor no se hizo esperar”.

<sup>223</sup> “ E em catorze dias a Rainha, nossa senhora, escreveu ao dito Frei Juan Peres agradecendo-lhe muito seu bom propósito, rogando e mandando que logo, vista a presente, comparecesse a corte diante de sua Alteza, e que deixasse o dito Cristóvão Colombo com esperança segura até que sua Alteza lhe escrevesse. E vista a dita carta e seu conteúdo, o dito frei partiu secretamente do monastério antes da meia noite, e cumpriu a ordem de sua Alteza, e compareceu na corte...”.

<sup>224</sup> Archivo de Indias, Patronato, 12, n.º 2, R.º 23, fol.58 v.º (MANZANO, 1989, nota 33, p. 332).



Taviani sintetiza bem o ocorrido:

O padre Juan Perez havia sido confessor da Rainha e recorre a ela. Sai de Palos, em uma mula, para se dirigir a Corte. A Rainha lhe diz que não se esqueceu do marinheiro estrangeiro; pelo contrário, envia-lhe 20 mil maravedis, e pede que venha vê-la. Colombo volta de novo a Corte. Uma vez mais lhe acompanha um franciscano. Nessa ocasião é o padre Perez. O mês é dezembro de 1491. A Corte se encontra em Santa Fé. A guerra está a ponto de terminar. Colombo assiste a entrada dos soberanos em Granada. “Vi”, escreverá no preâmbulo de seu *Diario de a bordo* “colocarem as bandeiras reais de Vossas Altezas nas torres da Alhambra, que é a fortaleza da dita cidade e vi sair o rei mouro às portas da cidade e beijar as reais mãos de Vossas Altezas e do Príncipe”. (TAVIANI, 1988, p. 223)<sup>225</sup>.

O obstinado navegador, naquele momento há quase sete anos sem estar na “ponte” de um navio – situação sem dúvida muito difícil para alguém que havia passado a maior parte da vida no mar – ainda precisaria mostrar que estava com os pés firmes no chão, e que seu projeto de navegar para as ricas terras orientais pela via do Ocidente, não era insana nem tampouco fruto de uma imaginação fértil, mas sim um plano totalmente amparado pela ciência da época e por grandes sábios como Ptolomeu, Estrabão, Sêneca, D’Ailly, Eneas Piccolomini, Toscanelli entre outros. Com os mapas em sua bagagem Colombo chega a Santa Fé (onde a corte de Fernando e Isabel se encontrava em pleno sítio a Granada) para novamente ser sabatinado. O momento não poderia ser mais emblemático. Ao mesmo tempo em que tinha aquela que, provavelmente, seria sua última chance de ver aprovado o projeto pelo qual lutava há anos; Colombo seria também testemunha da queda do último domínio mouro na Península Ibérica. Granada cairia em 02 de janeiro de 1492, um momento tão importante em sua vida, que ele faria constar na introdução do *Diario de a bordo* da viagem de descoberta, com as seguintes palavras:

[...] Nuestros Señores, este presente año de 1492, después de Vuestras Altezas aver dado fin a la guerra de los morros, que reinavan em Europa, y aver acabado la guerra em la muy grande ciudad de Granada, adonde este presente año, a dos días del mês de Enero, por fuerça de armas vide poner las vanderas

---

<sup>225</sup> “ El padre Juan Pérez había sido confessor de la Reina y recurre a ella. Sale de Palos, en una mula, para dirigir-se a la Corte. La Reina le disse que no ha olvidado al marino extranjero; por el contrario, le envía 20 mil maravedís, y le pide que venga a verla. Colón vuelve de nuevo a la Corte. Una vez más le acompaña un franciscano. En esa ocasión es el padre Pérez. Es el mes de diciembre de 1491. La corte se encunetra en Santa Fe. La guerra está a punto de terminar. Colón asiste a la entrada de los soberanos en Granada. “ Vide” escribirá en el preámbulo de su *Diario de a bordo* ‘poner las banderas reales de Vuestras Altezas en las torres de la Alhambra, que es la fortaleza de la dicha ciudad y vide salir el rey moro a las puertas de la ciudad y besar las reales manos de Vuestra Altezas y del Príncipe”.

reales de Vuestras Altezas en las torres de la Alfabra, que es la fortaleza de la dicha ciudad, y vide salir el rey moro a las puertas de la ciudad, y besar las reales manos de Vuestras Altezas y del príncipe, mi Señor[...]" (VARELA, 1982, p.15)<sup>226</sup>.

A cidade de Granada parece ter sido destinada a grandeza. Testemunhou o maior momento da história da Espanha, e foi o ponto de partida para a descoberta do Novo Mundo.

#### 4.4. A ASSEMBLÉIA DE SANTA FÉ

Cristóvão Colombo mais uma vez se apresentava na corte dos Reis Católicos, agora em Santa Fé,<sup>227</sup> onde também já se encontravam além do padre Juan Pérez, que viajou com Colombo: o cardeal-arcebispo Pedro González de Mendoza; Gutierre de Cárdenas, comendador maior de León; Frei Diego de Deza; Juan Cabrero, camareiro do rei, Luis de Santángel, tesoureiro do reino; o duque de Medinacelli; e provavelmente Gabriel Sánchez, tesoureiro de Aragão ( MANZANO, 1989). Ressalte-se a ausência de dois grandes apoiadores de Colombo: Frei Antônio de Marchena e o contador maior, Alonso de Quintanilha (MANZANO, 1989).

Uma assembléia é instituída, nos mesmos moldes da junta de Salamanca, para analisar novamente o projeto colombino:

Entrando o mês de janeiro de 1492, por iniciativa da rainha dona Isabel, voltou-se a discutir o projeto colombino. Reuniram-se homens eminentes; discutiram à sombra da ciência sem que se esquecesse, como não era para menos, nenhum autor antigo nem tampouco medieval; houve algumas discrepâncias e alguns raciocínios não se alinharam; mas a época chamava à dúvida e esta se fez presente. Contudo, rechaçaram mais uma vez o que defendia o descobridor Cristóvão Colombo e os reis de novo o despediram, mandando “ que fosse com boa sorte”. ( MARQUÉZ, 2006, p. 196)<sup>228</sup>.

<sup>226</sup> “[...] Nossos Senhores, neste ano de 1492, depois de Vossas Altezas terem posto fim a guerra contra os mouros, que reinavam na Europa, e ter acabado com a guerra na grande cidade de Granada, onde neste mesmo ano, em dois de janeiro de 1492, pela força das armas vi porem as bandeiras reais de Vossas Altezas nas torres da Alhambra, que é a fortaleza da dita cidade, e vi sair o rei mouro as portas da cidade, e beijar as mãos reais de Vossas Altezas e do Príncipe, meu Senhor[...]"

<sup>227</sup> Santa Fé foi uma vila acampamento fundada pelos Reis Católicos como base de operações para o enfrentamento da guerra de Granada. Atualmente a cidade de Santa Fé resultante deste estabelecimento localiza-se a cerca de 14 km de Granada e tem aproximadamente 15 mil habitantes.

<sup>228</sup> “ Entrado el mês de enero de 1492, y por incitaiva de la reina doña Isabel, se volvió a discutir el proyecto colombino. Se reunieron hombres eminentes; discutieron a la sombra de la ciencia sin olvidarse, como no era para menos, de ningún autor antiguo ni tampoco medieval; hubo algunas discrepâncias y más de un razonamiento quedó sin hilvanar; pero la época llamaba a la duda y esta hizo acto de presencia. Con todo, rechazaron una vez más lo que defendía el descubridor Cristóbal Colón y los reyes de nuevo lo despedieron, mandando “ que se fuese en hora buena”.

Como bem definiu Marquéz, ainda que Colombo tenha passado por mais uma decepção com a nova junta, não houve unanimidade contra o projeto do navegador. Alejandro Geraldini, por exemplo, religioso italiano na corte dos Reis Católicos, um dos membros da assembléia, argumentou que Nicolás de Lyra e Santo Agostinho, dois dos teólogos em que se baseavam os contrários a Colombo, não eram conhecidos por serem bons geógrafos (BALLESTEROS BERETTA, 1945). Outro nome de peso que ao que tudo indica ficou a favor do plano de Colombo foi o cardeal Mendoza (MANZANO, 1989). Diante de uma discrepância de opinião, mas com a maior parte dos componentes da comissão ainda rechaçando o plano do navegador genovês, Frei Fernando de Talavera, um dos grandes protetores de Colombo, e que provavelmente presidia aquela assembleia extraordinária (MANZANO, 1989), preso a sua posição de conselheiro dos reis, não podia deixar um relacionamento pessoal interferir na sua responsabilidade de informar aos seus soberanos que havia divergências entre aprovar ou não o projeto colombino, mas que a maioria ainda era pela rejeição.

É interessante notar que o cronista Andrés Bernáldez interpreta erroneamente a decisão da Assembleia de Santa Fé:

Así que Christobal Colon se vino à la corte del Rey D. Fernando y de la Reina Doña Isabel, y les hizo relacion de su imaginacion, a la cuál tampoco no daban mucho crédito, y él les platicó y dijo ser cierto lo que les decia, y les enseñó el mapa-mundi, de manera que les puso en deseo de saber de aquellas tierras; y dejado à él, llamaron hombres sábios astrólogos, y à estrónomos y hombres de la corte sabidores de la cosmographía, de quien se informaron, y la opinion de los más de ellos, oída la plática de Christobal Colon, fue que decia verdad, de manera que el Rey y la Reina se afirmaron a él [...] (BERNALDÉZ, 1870, t.1, p.358-359)<sup>229</sup>

Diferente do que relata o cronista da vida dos Reis Católicos, a “opinião da maioria deles” foi contrária à tese do descobridor. Tal situação de não unanimidade, fez com que no entendimento de grandes colombistas como Ballesteros, Madariaga, Manzano, Taviani e Marquéz, a questão científica naquele momento havia perdido a força, e a política é que deveria decidir. E neste particular Juan de Santángel<sup>230</sup> teve papel preponderante, pois chamou

---

<sup>229</sup> “Assim Cristóvão Colombo veio a corte do Rei D. Fernando e da Rainha Dona Isabel, e relatou-lhes sua imaginação, à qual não davam muito crédito, e conversando com eles disse ser certo o que lhes falava, e ensinou-lhes o mapa-mundi, de maneira que os fez desejosos de saber daquelas terras, e deixando-o, chamaram homens sábios astrólogos, e astrónomos, e homens da corte entendidos em cosmografia, de quem se informaram e a opinião da maioria deles, ouvido a exposição de Cristóvão Colombo, foi que ele dizia a verdade, de maneira que o Rei e a Rainha se convenceram[...]”

<sup>230</sup> A posição dos historiadores colombinos modernos, pelo papel preponderante de Santángel na aprovação do projeto de Colombo pós Assembleia de Santa Fé, está amparada no relato dos principais

atenção da rainha para o enorme lucro para a Coroa Espanhola em caso de sucesso do genovês, e o pouco prejuízo em caso contrário. Não apenas fez tal alerta, como também se dispôs a financiar o empreendimento, como fiel súdito dos monarcas espanhóis. Tanto esse, como os outros argumentos de Santángel, ecoados pelos demais apoiadores do navegador, era difícil de se contestar:

Que o risco era grande, de acordo; mas não era muito custoso, argumentava Santángel com a Rainha. Que ninguém dissesse que a Rainha não empreendesse esta empresa por medo. E ao realizar-se esta aventura poderia derivar em serviço a Deus, a Igreja, além de aumento e glória de seus reinos e Estados. Para maior ilustração, ali estava o vizinho reino de Portugal no princípio embarcando em umas navegações duvidosas e sempre arriscadas, mas que já estavam dando nestes anos frutos espetaculares, e corrigindo não poucos cientistas. Por que não poderia agora suceder o mesmo? Clamavam os Santángel, Deza, Cabrero, Mendoza, Pérez, etc. Sainda isso de fiéis servidores, fez com que os Reis Católicos esquecessem a voz da ciência e apoiasse Colombo, ganhando também o influente confessor frei Fernando de Talavera. (MARQUÉZ, 2006, p. 196)<sup>231</sup>.

A ciência dos sábios da época perdeu, venceu a política e a influência dos fiéis servidores do reino. A rainha Isabel mandou chamar novamente Cristóvão Colombo que já havia deixado a corte “com o orgulho nas costas, e com suas pretensões intactas” (MARQUÉZ, 2006, p. 196). O mensageiro real não demorou a encontrá-lo na *Ponte de los Pinos* (Figura 14), a não mais que duas léguas de Santa Fé, instando-o imediatamente a voltar, pois a rainha requiritava sua presença. A obstinação de Colombo vencera.

---

biógrafos do almirante e cronistas das Índias do século XVI: Fernando Colombo, Bartolomé de Las Casas, Gonzalo Fernández de Oviedo e Francisco López de Gómara.

<sup>231</sup> “Que el riesgo era grande, de acuerdo; mas no era muy costoso, argumentaba Santángel a la reina. Que nadie dijese que la reina no emprendía esta empresa por miedo. Y de correr esa aventura podría derivarse servicio a Dios, la Iglesia, además de acrecentamiento y gloria de sus reinos y Estados. Para más ilustración, ahí estaba el vecino reino de Portugal embarcado en unas navegaciones dudosas al principio y siempre arriegadas, que estaban dando ya por esos años espetaculares frutos, y rectificando no pocos supuestos científicos. ¿ Por qué no podría suceder ahora lo mismo?, clamaban los Santángel, Deza, cabrero, mendoza, Pérez, etc. Ese porqué, salido de fieles servidores, hizo los Reyes Católicos desoír la voz de la ciencia y apoyar a Colón, y ganó también el influyente confesor fray Hernando de Talavera.”

Figura 14- Colombo na *Ponte dos Pinos* saindo de Granada. Gravura de Gustave Alaux (1887-1965).



Fonte: CHARCOT (1928, p. 52).

Antes de adentrarmos no documento que estabeleceu os ganhos, vantagens e títulos que Colombo exigiu para si como retribuição dos Reis Católicos a um eventual sucesso no descobrimento, convém que gastemos algumas linhas para analisar o papel dos dois soberanos espanhóis na difícil questão da aprovação do plano de Colombo. Há um falso entendimento entre alguns historiadores menos especializados na temática colombina, que insiste em diminuir a atuação do rei Fernando, imputando-lhe um falso antagonismo à figura de Cristóvão Colombo, e que só o tolerou para agradar a esposa (TAVIANI, 1988). Não restam dúvidas de que Colombo contou sempre com a boa vontade da rainha Isabel, e que ela de fato, agradou-se da personalidade do descobridor e nutriu por ele grande admiração:

Tinham a mesma idade, o mesmo temperamento e a mesma cor dos olhos e cabelo. Quando uma mulher, física, sensual e espiritualmente como Isabel encontra um homem, ou o acolhe ou o rejeita. A indiferença para uma mulher assim já é repulsão. Isabel não sentiu nem repulsão nem indiferença por Cristóvão Colombo; tampouco o amou, posto que amava a um só homem: seu marido Fernando. Mas o estimou e compreendeu, atraída por aquele temperamento de obstinado sonhador, por aquele gênio forte e fechado sob a crosta de um marinheiro rude, soberbo. Uma faísca de afinidade os uniu desde o primeiro encontro. Por isso foi fácil a Medinaceli marcar uma segunda entrevista, e ao padre Pérez conseguir uma terceira. Por isso, apesar de todos os contratemplos, a empresa se realizou. E por isso, mesmo depois do descobrimento, a Rainha respeitou sempre os direitos de Colombo; o defendeu, o protegeu contra os invejosos e detratores. O Almirante demonstrou ser um torpe político, mau diplomata, incapaz de governar, mas

Isabel não deixou nunca de respeitá-lo e apreciá-lo e lhe foi fiel em estima e simpatia. (TAVIANI, 1988, p. 225)<sup>232</sup>.

A descrição de Taviani define muito bem a empatia que houve entre o navegador genovês e a monarca, contudo o seu entendimento de que o mérito das negociações e do resultado da viagem de Colombo, não deveria ser dividido igualmente entre cada um dos Reis Católicos, não corresponde à realidade. Quando esse autor explica como Isabel teria “persuadido” o rei Fernando a concordar com o plano de Colombo, não obstante concordarmos que as mulheres têm tal poder, no caso em questão, trata-se de um exagero:

Ela possuía a arte que desde tempos imemoriais têm instintivamente as esposas: fazer com que os maridos façam o que elas querem que se faça, deixando os maridos acreditarem que eles fizeram, o que ao contrário elas realizaram sozinhas, deixar que assim creiam quando o resultado é favorável. (TAVIANI, 1988, p. 225)<sup>233</sup>.

Com base na opinião de outros historiadores como Bernáldez, Ballesteros e Manzano<sup>234</sup>, vemo-nos forçados a discordar de Taviani:

Junta con su marido iba á la guerra, é ganaron á los moros el Reyno de Granada, que más de setecientos anos los moros hablan poseido [...] todo esto é lo otro que durante el matrimonio se fizo, fué fecho por ella é por el Rey su marido, ambos conformes en una voluntad é querer, siempre desde que comenzaron á reinar, nunca uno sin el otro firmaron en los mandamientos é

---

<sup>232</sup> “Tenían la misma edad, el mismo temperamento y el mismo color de ojos y de pelo. Quando una mujer, física, sensual y espiritualmente fuerte como Isabel encuentra un hombre, o lo acoje o lo rechaza. La indiferencia, para una mujer así, es ya repulsión. Isabel no sentió ni repulsión ni indiferencia hacia Cristóbal Colón; tampoco le amó, puesto que amaba a un solo hombre: su marido, Fernando. Pero le estimo y comprendió, atraída por aquel temple de obstinado soñador, por aquel gênio duro y cerrado bajo la costra de marinero rudo, soberbio. Una chispa secreta de afinidad les unió desde el primer encuentro. Por eso le fue fácil a Medinacelli fijar una segunda entrevista, y al padre Pérez conseguir una tercera. Por eso, apesar de todos los contratiempos, la empresa se realizó. Y por ello, aún después del descubrimiento, la Reina respetó siempre los derechos de Colón; le defendió, le protegió contra los envidiosos y los detractores. El Almirante demostró ser un torpe político, un mal diplomático, incapaz de gobernar, pero Isabel no dejó nunca de respetarle y apreciarle y le fue fiel en la estima y en la simpatia”.

<sup>233</sup> “Ella poseía el arte que desde tiempos inmemoriales tienen instintivamente las esposas: hacer que los maridos hagan lo que ellas quieren que se haga; dejar creer a los maridos que han hecho lo que, en cambio, han realizado ellas solas; dejar que lo crean cuando el resultado es favorable”.

<sup>234</sup> Cf. BALLESTEROS BERETTA, 1945, v.1, op. cit., p. 531-532; MANZANO, 1989, op. cit., p. 363-364.

facimientos de sus Reynos, el Rey primero é luego la Reyna [...] (BERNÁLDEZ, 1870, 268)<sup>235</sup>.

Essa empatia que parece ter havido entre o navegador e a rainha Isabel fez com que surgisse ao longo do tempo uma especulação de que teria acontecido um caso amoroso entre eles. Tal conjectura foi repelida por todos os principais especialistas na historiografia colombina:

Hoje em dia ninguém parece duvidar que entre Colombo e Isabel existiu certa cumplicidade. Uma sintonia entre eles que, inclusive, levou a novela histórica até o extremo de nos apresentá-los como amantes. Desde já D. Cristóvão e D<sup>a</sup> Isabel nunca estiveram apaixonados. Teria sido impossível: *a Católica* morria de amores por seu marido e o Almirante só esteve apaixonado por si mesmo. (VARELA, 2006, on-line)<sup>236</sup>.

Ballesteros Beretta questiona qualquer ideia de um papel secundário do rei Fernando na epopeia do descobrimento do Novo Mundo: “Uma preterição inexplicável deixou na penumbra a figura do grande monarca renascentista, criador da grande Espanha, no que se refere ao descobrimento da América, como se fosse um rei consorte de pálida atuação, obediente aos desejos da Rainha, proprietária de Castela” (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 531)<sup>237</sup>.

Esse autor, cuja obra é referência para vários colombistas modernos, aponta ainda que o fato de que Isabel era a soberana de Castela, não impedia o governo em conjunto, uma vez que “[...] a harmonia dos cônjuges e o extraordinário valor de Fernando, seu talento político e maestria em governar, não podiam estar ausentes em um trato daquela importância” (BALLESTEROS BERETTA, p. 531)<sup>238</sup>.

---

<sup>235</sup> “ Junto com seu marido ia a guerra, e recuperaram dos mouros o Reino de Granada, que há mais de setecentos anos era de domínio dos mourros [...] tudo isso e o mais que fizeram durante o casamento, foi feito por ela e pelo Rei seu marido, ambos em conformidade a uma única vontade e querer, sempre desde que começaram a reinar, nunca assinaram um sem o outro as leis e despachos de seus Reinos, primeiro o Rei e em seguida a Rainha”.

<sup>236</sup> “Hoy en día nadie parece dudar que entre Colón e Isabel existió una cierta complicitad. Una sintonía entre ellos que, incluso, ha llevado a la novela histórica hasta el extremo de presentárnoslos como amantes. Desde luego D. Cristóbal y D.<sup>a</sup> Isabel nunca estuvieron enamorados. Hubiera sido imposible: *la Católica* bebía los vientos por su marido y el Almirante sólo estuvo enamorado de sí mismo”.

<sup>237</sup> “ Una preterición inexplicable ha dejado en la penumbra la figura del gran monarca renacentista, creador de la gran España, en lo referente al descubrimiento de América, como si fuera un Rey consorte de pálida actuación, obediente a los deseos de la Reina propietaria de Castilla”.

<sup>238</sup> “[...]a armonía de los cónyuges y la valía extraordinária de Fernando, su talento político y maestria de gobernar, no podían estar ausentes en trance de aquella importância”.

Manzano (1989, p. 366), define bem o papel do rei Fernando na gestão das questões colombinas: “Não há dúvida, pois, de que o rei aragonês foi que neste momento posterior salvou, com sua intervenção pessoal, a crise em que se encontrava o assunto colombino”<sup>239</sup>. E acrescenta:

E que Fernando o Católico podia ufanar-se deste seu grande êxito, o demonstrou em uma ocasião solene, na qual com motivo de dirigir-se, no ano de 1508, ao Capítulo Geral da Ordem de São Francisco, reunido em Barcelona, solicitando o envio de missionários para as Índias, pode com toda justiça, fazer constar, “ *ter sido eu – diz – a principal causa que aquelas ilhas foram descobertas* ”. (MANZANO, 1989, p. 366)<sup>240,241</sup>.

Só podemos concluir que a atuação dos soberanos espanhóis no trato da aprovação do projeto de Colombo foi de total integração e co-responsabilidade, característica evidente na história de seu reinado. Enfrentada essa questão, voltamos ao ponto em que vemos Colombo vitorioso. A sua obstinação valera a pena. O problema agora era como os reis lidariam com seu orgulho e altivez. As exigências do navegador se mostrariam de um teor inaceitável para com reis do calibre de Fernando e Isabel. Parecia impossível que capitulassem diante de tamanha ousadia. Capitularam.

#### 4.5. AS CAPITULAÇÕES DE SANTA FÉ

Ao chegar novamente a Santa Fé, Colombo receberia a notícia de que finalmente os reis Fernando e Isabel haviam decidido patrocinar sua viagem à Ásia pela via do Ocidente, e ato contínuo encarregaram a Juan de Coloma, secretário do reino, de acertar com o navegador os termos para o acordo, bem como a preparação e os despachos para a viagem. Colombo solicitou ao padre Juan Pérez que fosse seu representante. As exigências do descobridor eram as mesmas que deixou o rei de Portugal D. João II atônito, e um dos motivos para a rejeição do monarca luso ao projeto. Os difíceis sete anos da estada do navegador na Espanha tentando convencer os Reis Católicos a investirem na sua empresa de descobrimento, não demoveram em nada o

---

<sup>239</sup> “ No hay Duda, pues, de que el Rey aragonés fue quien em este momento postrero salvó, com su personal intervención, la crisis em que se encontraba el asunto colombino”

<sup>240</sup> “ Y de que Fernando el Católico podía ufanarse de este gran êxito suyo, lo demostró en una solemne ocasión, en la que con motivo de dirigirse, el año 1508, al Capítulo General de la Orden de San Francisco, reunido en Barcelona, solicitando el envío de misioneros para las Indias, pudo, con toda justicia, hacer constar “ *haber sido yo – dice – la principal causa que aquellas islas se hayan descubierto*”.

<sup>241</sup>Cf. Navarrete Colección, III, 535 (MANZANO,1989, nota 2, p. 366)



almirante daquilo que reivindicara antes em Lisboa. As negociações por conta das cláusulas impostas por Colombo não foram simples, fazendo com que se estendessem até abril. Eram elas: o título vitalício e hereditário de Almirante do Mar Oceano; o título de vice-rei e governador das terras descobertas; o direito a receber a décima parte de todas as riquezas e mercadorias que rendesse o empreendimento; o direito de intervir e decidir sobre qualquer questão relativa às riquezas daquelas terras; o direito de participar com a oitava parte dos gastos de qualquer viagem posterior às Índias, sem necessidade de nenhuma autorização, recebendo em seguida uma parte idêntica do resultado obtido. Algo assim jamais havia sido imposto a nenhum patrocinador de uma viagem oceânica e muito menos a um dos reinos mais poderosos da época. Salvador de Madariaga conseguiu expressar de forma bem clara a ousadia de Colombo:

Estas condições devem ter produzido na Corte verdadeiro estupor. Um mendigo faminto, vindo Deus sabe de onde, exigir honrarias e privilégios idênticos aos do Almirante de Castela! Os Reis devem ter ficado assombrados diante da ridícula desproporção entre a oferta e a demanda. Entretanto, assim é a natureza humana, quem sabe se a própria magnitude destas exigências não contribuiriam a dar certo peso e substância a fabulosa e nebulosa oferta? Contudo, os privilégios e honrarias que demandava Colombo eram excessivos e, além disso, perigosos. É certo que seriam conduzidas conversações para que se chegasse a uma transação; mas Colombo permaneceu inquebrantável [...] Se manteria firme em seu terreno. E assim o fez. (MADARIAGA, 1945, p. 252)<sup>242</sup>.

Madariaga toca em um ponto que tem sido uma das principais bases para a tese de que Colombo tinha um segredo que lhe dava a certeza de que encontraria terras onde ninguém jamais havia navegado, ou seja, a irredutibilidade de Colombo em suas exigências que mais pareciam uma afronta quando dirigidas a reis. Estaria aqui a indicação de uma convicção amparada em um segredo que fazia com que o descobridor não arredasse um milímetro em suas reivindicações para realizar a viagem? Juntamente com esta questão, uma frase do documento

---

<sup>242</sup> “Estas condiciones han debido producir en la Corte verdadero estupor. ¡un mendigo hambriento, venido de Dios sabe donde, exigir honores y privilegios identicos a los del Almirante de Castilla! Los Reyes deberan quedarse asombrados ante la ridícula desproporción entre la oferta y la demanda. Sin embargo, así es la naturaleza humana, ¿quién sabe si la magnitud misma de estas exigencias no contribuirían a dar cierto peso y sustancia a la fabulosa y nebulosa oferta? Con todo, los privilegios y honores que Colón demandaba eran excesivos y además peligrosos. Es seguro que se intentarían conversaciones para que se aviniese a una transación; pero Colón permaneció inquebrantable [...] Se mantendría firme en su terreno. Y así lo hizo”.

de Santa Fé, fortalece ainda mais os que defendem a existência de um protonauta que teria revelado a Colombo a existência de terras desconhecidas a ocidente das Canárias: a menção a terras “já descobertas” pelo navegador. Assim foi redigido o preâmbulo das Capitulações de Santa Fé, firmadas em 17 de abril de 1492: “Las cosas suplicadas e que vuestras altezas dan, y otorgan a D. Cristóbal Colón, en alguna satisfacción de lo que ha descubierto en las mares oceanas é del viaje que agora con el ayuda de Dios ha de hacer por ellas en servicio de Vuestras Altezas son las que siguen”(VARELA, 2005, p. 93)<sup>243</sup>:

“Por que diz *descobriu*? Teria Colombo realizado uma viagem anteriormente? Ou o escrivão simplesmente se equivocou ao copiar as Capitulações, cujo original se perdeu” (VARELA, 2005, p. 93)<sup>244</sup>. Parece difícil crer em uma distração do escrivão, tendo em vista tratar-se do traslado de um documento importante que requeriria a atenção de quem fosse copiá-lo. Além do que, confundir o futuro com o passado não se nos afigura como um erro comum. Fernando Colombo ao abordar as resoluções concluídas em Santa Fé é econômico e apenas se refere ao “tratado do descobrimento” enfatizando que “era coisa difícil de se conceder” os termos que Colombo impunha, descrevendo em seguida todas as exigências. Las Casas detalha um pouco mais o acordo, e não deixa de dar margem a questão do pré-descobrimento: “Las Mercedes que pidió para en remuneración de sus peligros, trabajos y servicios, estas son que aqui ponemos, en la petición de los cuales mostró Cristóbal Colón su gran prudência y de ser de ánimo generoso, y no menos la casi certidumbre que llevaba de hallar lo que prometia” (CASAS, 1986, p. 151)<sup>245</sup>.

A característica apologética da biografia escrita por Fernando, dificilmente o faria admitir, caso o pai carregasse o segredo de não ser o primeiro a chegar às Índias Ocidentais pelo Mar Tenebroso. Las Casas também não perdia a oportunidade de elevar o nome de Colombo. A “quase certeza” do descobridor de que existiam terras no mar ignoto a 750 léguas a oeste das Ilhas da Madeira, mencionada por Las Casas, em outros momentos é referida como “certeza”: “Pero, porque según tengo entendido, que quando determinó buscar un príncipe

---

<sup>243</sup> “As coisas solicitadas e que Vossas Altezas dão e outorgam a dom Cristóvão Colombo em retribuição ao que descobriu nos mares oceanos e da viagem que agora, com a ajuda de Deus, há de fazer por isso a serviço de vossas Altezas são as que seguem:” O original do documento não existe mais. Algumas cópias autênticas chegaram até nós, três delas do arquivo de Colombo. Destas, uma se encontra em Gênova e foi publicada na *Raccolta*, a segunda no chamado *códice de Paris*, e a terceira proveniente do Arquivo de Veragua está no Arquivo Geral das Índias em Sevilha (BALLESTEROS BERETTA, 1945).

<sup>244</sup> “¿ Por qué se dice *ha descubierto*? ¿ Había realizado Colón un viaje con anterioridad o se equivocó simplemente el escribano que copió las Capitulaciones, cuyo original se ha perdido?”

<sup>245</sup> “As benesses que pediu em remuneração dos seus perigos, trabalhos e serviços, são as que colocamos aqui, em cuja petição mostrou Cristóvão Colombo sua grande prudência e seu ânimo generoso, e não menos a quase certeza que tinha de achar o que prometia”.

Cristiano que le ayudase e hiciese espaldas, ya él tenia certidumbre que había de descubrir tierras y gentes en ellas, como si en ellas personalmente hubiera estado ( de lo cual cierto yo no dudo)” (CASAS, 1986, p. 36)<sup>246</sup>.

E ainda: “[...] y se determinó como si ya hubiera venido y visto estas tierras con tal certidumbre a venir buscarlas”(CASAS, 1986, p. 61)<sup>247</sup>. Esse “mistério” no documento que sela o acordo entre os Reis Católicos e Cristóvão Colombo para a realização de seu projeto, não é o único, mas é uma das principais bases para que historiadores a favor da tese do piloto anônimo sustentem suas posições. Manzano (1989) em uma livro específico sobre o assunto<sup>248</sup>, analisa o texto das *Capitulaciones* e outras situações, que podem colocar os leitores na mesma situação de Las Casas (*de lo cual cierto yo no dudo*) em relação a um pré-conhecimento por parte do navegador das terras que prometia a Suas Altezas. Galán (2018), apresenta uma interpretação bastante interessante em relação ao conteúdo das *Capitulaciones*, destacando da mesma forma que Manzano e outros, o termo “descobriu”. E vai mais além ao propor que para convencer os soberanos espanhóis Colombo teria revelado seu “segredo”, como única forma para que eles lhe dessem o necessário aval para a realização da empresa, o que colocaria os reis junto com o padre Antônio de Marchena, e possivelmente, o padre Juan Pérez, que seriam os únicos a saberem o motivo da “certeza” de Colombo do sucesso de sua missão:

O segredo de Colombo era duplo: sabia a que distância exacta estava a terra do outro lado do oceano e conhecia a rota precisa pela qual haveria de chegar a ela e voltar com um frágil veleiro: na ida aproveitando as correntes do Golfo e os ventos alísios na altura das Canárias; no regresso fazendo o mesmo na altura da Flórida. De onde Colombo teria tirado esta informação tão precisa? Não sabemos. Alguns crêm que a obteve de um naufrago que socorreu na ilha da Madeira, o chamado “piloto desconhecido”. É evidente que Colombo comunicou aos Reis Católicos este dado e somente assim os convenceu da viabilidade de um projeto que os cosmógrafos de Salamanca tinham por impossível. Temos a prova nas capitulações acordadas entre os reis e o almirante, nas quais se menciona o que Colombo “descobriu nos mares oceanos”, concedendo ao genovês um descobrimento que teoricamente ainda está por fazer, mas que já se dá por feito. (GALÁN, 2018, p. 211)<sup>249</sup>.

---

<sup>246</sup> “Contudo, porque segundo tenho entendido, que quando determinou buscar um príncipe cristão que o ajudasse e apoiasse, ele já tinha certeza que haveria de descobrir terras e nelas gente, como se nelas estivesse estado pessoalmente (de que por certo eu não duvido)”

<sup>247</sup> “[...]e se determinou como se já houvesse vindo e visto estas terras, com a certeza de ir busca-las”.

<sup>248</sup> Cf. Juan Manzano Y Manzano: MANZANO, Juan Manzano. **Colón y su secreto: el predescubrimiento**. Madrid: ECH, 1989

<sup>249</sup> El secreto de Colón era doble: sabía a qué distancia exacta estaba la tierra al otro lado del océano y conocía la ruta precisa por la que había que llegar a ella y volver con un frágil velero: en la ida aprovechando la corriente del Golfo y los vientos alisios a la altura de Canarias; al regreso haciendo lo propio a la altura de Florida. ¿De donde había sacado Colón esta información tan precisa? No lo sabemos. Algunos creen que la obtuvo de un naufrago al que atendió a la isla de Madeira, el llamado “

Como mencionamos anteriormente, a resistência de historiadores como Paolo Emilio Taviani em relação á teoria do piloto anônimo, considerando-a como “absurda”, segundo nosso entendimento, não se adequa ao leque de opções que a historiografia colombina oferece e que nos ensina a não descartar com adjetivos fortes nenhuma tese, pois até os documentos mais fidedignos são passíveis de interpretação. Como dissemos esse não é o único indício forte de que o almirante poderia ter estado anteriormente nas terras que se dispunha a descobrir, matéria esta que promove debates há séculos e que apresentamos como mais uma imensa controvérsia na história do descobridor. De qualquer forma, o teor das *Capitulações* demonstra que os reis, de fato, capitularam diante de todas as exigências feitas por Colombo; desde títulos, participação em eventuais riquezas obtidas, direitos etc.

Após a morte do almirante, e não estando viva a rainha Isabel, sua grande protetora, começou-se uma discussão que se prolongou entre 1508 a 1536, denominada *Pleitos Colombinos*<sup>250,251</sup>. Foram várias audiências; depoimento de testemunhas; análise de documentos etc, para determinar se as *Capitulações de Santa Fé* e outros privilégios concedidos a Colombo, se revestiam de um caráter contratual ou de mera liberalidade<sup>252</sup>. Para Manzano as *Capitulações* não são um contrato formal entre os reis e o descobridor, mas uma concessão unilateral da Coroa ao genovês (MANZANO, 1989; TAVIANI, 1988). Treze dias depois de ser firmado o documento, em 30 de abril de 1492, os Reis Católicos assinam em Granada outra declaração confirmando as *Capitulações de Santa Fé*, porém ao que parece, com um pouco mais de cautela dos reis, como conclui Madariaga:

---

piloto desconocido”. Es evidente que Colón comunicó a los Reyes Católicos este dato y solo así los convenció de la viabilidad de un proyecto que los cosmógrafos de Salamanca daban por imposible. Tenemos la prueba en las capitulaciones acordadas entre los reyes y el almirante, en las que se menciona lo que Colón “ha descubierto en las mares oceánicas”, concediendo al genovés un descubrimiento que teóricamente todavía está por hacer, pero que ya se da por hecho.

<sup>250</sup> Archivo General de Indias de Sevilla, tomo III, ramo 14, legajo 8, sección de Patronato.

<sup>251</sup> Em 28 de junho de 1536 um laudo arbitral pôs fim a demanda da seguinte forma: confirmação do cargo de almirante das Índias perpetuamente para os Colombo, com privilégios idênticos aos do almirante de Castilla; revogação dos cargos de vice rei e governador geral das Índias; estabelecimento de um senhorio colombino composto principalmente de toda a Jamaica, com a designação de marquesado de Jamaica, mais um território de 25 léguas quadradas em Verágua (região do atual Panamá), intitulado Ducado de Verágua; foi confirmado para a família Colombo a posse de suas terras na ilha Espanhola( atuais Haiti e Republica Dominicana), bem como os cargos de *alguacil mayor* (delegado principal) de Santo Domingo e a *Audiencia* (corte de justiça representando a Coroa Espanhola) da ilha; por fim otorgó rentas de 10.000 ducados anuales a los Colón así como 500.000 maravedies por año a cada una de las hermanas de Luis Colón (filho de Diego Colombo, neto do descobridor, primeiro duque de Verágua).

<sup>252</sup> Cf. JOS, Emiliano. Estudio jurídico de las capitulaciones y privilegios de Cristóbal Colón. **Boletín de la Real Academia de Historia**, p. 279-294, 1901.

Sobre a base das capitulações de 17 de abril foi redatada a ata jurídica de 30 de abril. Este novo documento está escrito por Juan de Coloma. O descobridor volta a ser” Cristóvão Colombo” simplesmente; vai descobrir “ certas ilhas e Terra-Firme” que ainda não descobriu e que “ se espera que, com a ajuda de Deus se descobrirão e ganharão” e os títulos, inclusive *Dom* e demais privilégios se colocam implicitamente até “ depois que haja descoberto e ganho as ditas ilhas e Terra-Firme no dito mar oceano ou qualquer delas. Não podemos ver contraste mais claro entre a cautela oficial do segundo documento e a imaginação quixotesca e colombina do primeiro. (MADARIAGA, 1945, p. 261)<sup>253</sup>.

Não deixa de ser pertinente a observação feita por este autor, das diferenças de redação do primeiro para o segundo documento, e a questão tem sido muito debatida pelos historiadores, no entanto, não parece o caso de uma situação promovida por um Colombo quixotesco, pois conforme já visto, o navegador foi firme em suas reivindicações, mesmo que tal comportamento encontrasse resistência. Nada mais normal que Fernando e Isabel, reforçarem o avençado com mais cautelas. Em assim sendo, tudo documentado, Luis de Santángel garantiu um milhão e quatrocentos mil *maravedes* dos cerca de dois milhões orçados para a viagem, o restante deveria ser provido pela vila de Palos, por condenação do conselho “em razão de algumas coisas feitas e cometidas por eles em deserviço dos reis” (MADARIAGA, 1945, p. 266; MANZANO, 1989, p. 449-450); e pelo próprio Colombo por meio de ajuda de seus amigos banqueiros. O périplo de Cristóvão Colombo na corte dos Reis Católicos para aprovar seu projeto de navegação chegava ao fim. Restava só mais uma viagem por terra para o porto de Palos no estuário do Tinto, o local escolhido para a partida da pequena frota de uma nau e duas caravelas que se tornaria a mais famosa da história: “Y partí yo de la ciudad de Granada, a doze días del mes de Mayo del mismo año de 1492, y vine a la villa de Palos, que es puerto de mar [...]” (VARELA, 1982, p. 16)<sup>254</sup>.

Foram quinze anos desde sua chegada a Portugal e o tempo peregrinando pela Espanha, até que seu tão sonhado projeto fosse enfim aprovado e financiado por uma grande nação daquela época. Não era pouco para um plebeu como Colombo. Diante da obstinada insistência

---

<sup>253</sup> “Sobre la base de las capitulaciones del 17 de abril se redactó el acta jurídica de 30 de abril. Este nuevo documento está redactado por Juan de Coloma o en su oficina. El descubridor vuelve a ser “ Cristóbal Colón” a secas; va a descubrir “ ciertas islas e Tierra- Firme “que todavía no há descubierto y que “se espera que, con la ayuda de Dios, se descubrirán e ganarán” y los títulos, incluso *Don* y demás privilegios se aplazan implícitamente hasta “ después que hayades descubierto e ganado las dichas islas e Tierra-Firme en la dicha mar oceana o cualesquier dellas”. No puede darse contraste más claro entre la cautela oficial del segundo documento y la imaginación quijótica y colónica del primero”.

<sup>254</sup> “E parti da cidade de Granada, aos doze dias do mês de mayo do mesmo ano de 1492, e vim a vila de Palos, que é porto de mar” (*Diario de a bordo*).

para alcançar o objetivo que havia traçado para sua vida, e que o fez superar várias adversidades e momentos de aparente derrota, no momento em que saiu “vitorioso” da presença dos soberanos espanhóis, muito mais que concluir que ele foi capaz de convencer sábios e reis com seus argumentos de autodidata; o que fica mais claro é o quanto Colombo acreditava em si mesmo, e como este sentimento foi importante, para levar a cabo o que havia proposto. Há situações singulares na história que às vezes nos passam despercebidas. A viagem de Colombo de Granada a Palos no lombo de uma mula com o documento das *Capitulações de Santa Fé* (FIGURA 15) debaixo do braço foi um momento ímpar. Aquele trajeto de pouco mais de 300 km deu início a uma mudança radical da história humana.

Figura 15- As Capitulações de Santa Fé.



Fonte: VARELA (2005, p. 94-95). Acervo: Arquivo Geral da Índias (Sevilha).

## 5 AS QUATRO VIAGENS

As questões tratadas anteriormente figuram entre as mais discutidas na historiografia colombina e, como esperamos ter demonstrado, existem ainda muitos pontos que geram controvérsias entre os historiadores. É nosso propósito investigar se em meio à diferença de opiniões sobre alguns dos temas abordados, e em alguns casos polemizados pelos especialistas, é possível chegarmos a algumas respostas (se não definitivas ao menos mais próximo do que realmente ocorreu), ou ainda descobrir se há novas perguntas que necessitariam ser formuladas, e que talvez possam trazer outras direções a se tomar para um maior esclarecimento dos fatos.

Para alcançarmos tal objetivo, é preciso também que adentremos nas principais ocorrências das quatro viagens de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, agora amparados com o conhecimento dos seus antecedentes.

### 5.1 A PRIMEIRA VIAGEM: HAVIA UM NOVO MUNDO NO CAMINHO

A satisfação de Colombo em ter seu plano de navegação aprovado e subsidiado pelos Reis Católicos, logo se transformaria em nova apreensão no momento em que chegou a Palos. E o motivo era mais do que previsível. Ninguém o conhecia, era estrangeiro, e alguns já o haviam visto perambular pelas ruas daquela vila nos momentos em que esteve hospedado com os frades de *la Rábida*; ocasião em que longe de parecer um cavaleiro mais parecia um mendigo. Havia em meio aos palenses marinheiros dos mais experimentados entre os que habitavam na península, em razão de uma conhecida coragem já demonstrada em incursões nos idos de 1476 a 1478 a Costa da Guiné dominada pelos portugueses, viagens essas que resultaram em confrontos violentos (MANZANO, 1989). Nessa época ainda não vigorava o tratado de Alcaçovas (1479) que veio para dar exclusividade aos lusos na exploração das costas africanas. Naquelas viagens os palenses navegaram por uma rota conhecida e sob o comando de homens nos quais confiavam e eram seus conterrâneos. A proposta agora era para enfrentarem uma navegação de “altura” por regiões ignotas do Mar Tenebroso, onde ninguém jamais estivera. Se alistar nessa aventura, da qual não havia a mínima garantia de retorno, sob o comando de um estrangeiro desconhecido, resultou no óbvio: ninguém se interessou.

Marinheiros experientes e capacitados poderiam ser encontrados em outros portos de Castela, mas a escolha da vila de Palos não foi apenas por essa característica, senão também pelo fato de que os palenses estavam obrigados a armar às suas custas duas caravelas para servir a Coroa por dois meses, como punição por “deserviços<sup>255</sup>” às Altezas reais. É evidente que diante de um despacho dos Reis Católicos ordenando o cumprimento da punição, não se discutiu em Palos o preparo das caravelas; no entanto, seus livres habitantes não poderiam ser obrigados a embarcar em uma viagem que era tida pela grande maioria como uma sentença de morte. O resultado do imbróglio é que mais uma vez Colombo receberia a inestimável ajuda dos padres do convento franciscano de *la Rábida*. O padre Marchena, principalmente, além de muito respeitado e querido pelos moradores locais, mantinha estreita amizade com um dos mais

---

<sup>255</sup> Por exemplo, viagem a Guiné para tomar escravos contra a vontade da Rainha (1476); recusa de enviar uma armada para socorro ao rei de Nápoles (1486) (MANZANO, 1989).

conceituados navegadores daquela costa: Martin Alonzo Pinzón. Juntamente com seus irmãos Vicente Iañes Pinzón<sup>256</sup> e Francisco Martínez Pinzón, compunha uma família de navegadores acostumados com as agruras das expedições oceânicas, em geral com motivos de comércio. Não bastasse isso, Martin Alonzo possuía uma embarcação própria<sup>257</sup>, a caravela *Pinta*. Colombo, novamente teve dias de angústia, embora o padre Marchena tenha lhe prometido pedir ajuda a Martín Alonzo, este se encontrava em Roma em viagem de comércio. Segundo Manzano (1989) em junho de 1492, Colombo e Marchena já tratavam com o navegador de Palos sobre a viagem de descobrimento, pois no dia dois deste mês encerrava-se o prazo para que os palenses disponibilizassem as duas caravelas conforme a ordem real, e no dia vinte três do mesmo mês começou-se o alistamento dos marinheiros e grumetes para comporem a tripulação da pequena frota. Mas não foi nada fácil: “Certamente, nenhum homem do mar da comarca era seduzido por aquela arriscadíssima aventura. Já dissemos que todos os marinheiros experientes daquele tempo negavam a existência de terras novas nas partes ocidentais do Mar Tenebroso” (MANZANO, 1989, p. 501)<sup>258,259</sup>. Com a intervenção de Pinzón as coisas melhoraram, mesmo assim houve situações de recusa interessantíssimas, até ao ponto de querer agradar ao sogro:

O antigo morador de Palos, Antón Fernández Colmenero, manifestou que “Martín Alonso Pinzón e Vicente Añes, seu irmão, rogaram a esta testemunha que porque eles queriam ir descobrir que fosse com eles[...] e que esta testemunha lhes disse que não queria ir descobrir”. Pedro Arias confessa que “Martín Alonzo rogou que fosse com ele, e que não ousou ir por ser coisa incerta, e outros muitos fizeram o mesmo”. Francisco Ruiz Santarem fugiu para Sevilha porque os Niños de Moguer queriam levá-lo. Alguns prometeram ir e no final não embarcaram: Gonzalo Alonzo porque caiu doente, Pedro Ortiz, porque seu sogro foi contra; e outros, como Juan de Quexo, Bartolomé

---

<sup>256</sup> Hoje há praticamente consenso de que Vicente Iañes Pinzón esteve em janeiro de 1500 na costa brasileira, mais precisamente no Cabo de Santo Agostinho, motivo pelo qual alguns historiadores o reputam como o verdadeiro descobridor do Brasil. Em razão do Tratado de Tordesilhas vigente à época navegadores sob a bandeira da Espanha não podiam revelar que haviam estado em território português.

<sup>257</sup> Não se pode descartar a possibilidade de que Martín Alonzo Pinzón tivesse alugado a *Pinta*, bem como mais de uma embarcação, já que era habituado a comercializar no Mediterrâneo (MANZANO, 1989).

<sup>258</sup> “Ciertamente, a ningún hombre de mar de la comarca seducía aquella arriesgadísima aventura. Ya hemos dicho que todos los expertos marinos de aquel tiempo negaban la existencia de tierras nuevas en las partes occidentales del Mar Tenebroso”.

<sup>259</sup> Para alguns exemplos de declarações de marinheiros de Palos rechaçando a possibilidade de terras a ocidente do Mar Tenebroso dadas em testemunho durante os Pleitos Colombinos, cf. MANZANO Y MANZANO, Juan. **Cristóbal Colón: siete años decisivos de su vida: 1485-1492**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1989. p. 501-527.



Colín, etc., por razões que desconhecemos. (MANZANO, 1989, p. 525-526)<sup>260</sup>.

Conforme podemos observar a ideia de uma viagem pelo desconhecido do Mar Oceano, era para os marinheiros da época, sem nenhum exagero, verdadeira loucura. A influência de Martín Alonso Pinzón para que houvesse o alistamento é inegável, levando-nos a concluir que se não fosse sua intervenção, Colombo dificilmente lograria êxito em conseguir uma tripulação. Tal fato levanta questões até hoje sobre a real importância<sup>261</sup> de Pinzón no descobrimento, e há os que reivindicam para ele um papel de maior honra no feito. Entretanto, conforme veremos mais adiante, a questão é mais complexa e desperta outras controvérsias, o que não impede que desde já registremos a grande participação desse navegador na descoberta do Novo Mundo.

Ainda no âmbito da formação da tripulação, é importante esclarecer a falsidade de um mito que se disseminou ao longo dos anos e que muitas vezes é tomado como verdade. Trata-se da ideia de que a maioria dos marinheiros que acompanharam Colombo ao Novo Mundo eram criminosos condenados. Não é surpresa que um fato ocorrido no longínquo passado apresente distorções na sua narrativa. Entretanto, chamou nossa atenção o fato de que até mesmo um autor consagrado no universo da historiografia colombina, Salvador de Madariaga, tenha tratado o tema, segundo nosso entendimento, de forma inadequada e tirado conclusões completamente discordantes do conteúdo das fontes. Vejamos como este escritor galego, autor de uma reconhecida biografia de Cristóvão Colombo, aborda o assunto:

[...] Colombo estava firmemente decidido a se apresentar em Palos armado dos pés a cabeça com ordens reais para todos os casos possíveis. A que lhe

---

<sup>260</sup> “El antiguo vecino de Palos, Antón Fernández Colmenero, manifestó que Martín Alonso Pinzón e Vicente Añes, su hermano, le rogaron a este testigo que porquellos querían yr a descubrir que fuese con ellos...e que este testigo les dijo que no queria ir a descubrir. Pedro Arias confessa que fué rogado por el dicho Martín Alonso que fuese con él, y que no osó yr por ser cosa ynçyerta al presente, e otros hizieron lo mismo. Francisco Ruiz Santarem huyó a Sevilla porque lo querían llevar los Niños, de Moguer. Algunos prometieron ir y al final no se embarcaron: Gonzalo Alonso, porque cayó enfermo; Pedro Ortiz, porque se opuso su suegro; y otros como Juan de Quexo, Bartolomé Colín, etc., por razones que desconocemos”. (As falas aqui reproduzidas por Manzano encontram-se nos interrogatórios do Fisco quando dos Pleitos Colombinos, conservados no Arquivo Geral das Índias em Sevilha)

<sup>261</sup> Posteriormente durante os Pleitos Colombinos, algumas testemunhas declarariam que o próprio Pinzón já tinha a intenção de descobrir novas terras no Ocidente. Antes de Colombo chegar a Palos, Martín Alonso Pinzón se encontrava em Roma e segundo as referidas testemunhas um cosmógrafo da biblioteca do Vaticano teria lhe contado sobre a existência de ilhas para serem descobertas no oceano. É possível que o fato tenha ocorrido e que as idéias do sábio florentino Toscanelli tenham chegado a Roma. Que Pinzón esteve em Roma não há dúvidas, pois está documentado que esteve lá para vender um carregamento de sardinhas (BRINKBÄUMER; HÖGES, 2006). É necessário levar em conta que na disputa entre o Fisco Real e a família Colombo, os Pinzón tinham interesse em realçar o papel de Martín Alonso, inclusive a testemunha que trouxe a informação de que o palense teve acesso a papéis na Biblioteca do Vaticano, foi seu filho Arias Pérez (MANZANO, 1989).

dava acesso aos cárceres para recrutar sua tripulação, explica as outras [...] A todo custo, mesmo a troco de ir ganhar a Cipango e fazer-se cavaleiro da espada dourada como capitão de uma tripulação de criminosos e bandidos, queria ser só e independente [...] Sua decisão de recrutar os tripulantes entre os criminosos deve ter causado verdadeira consternação entre os frades de La Rábida, onde residia na ocasião. Tanto o Frei Antonio de Marchena como o Frei Juan Pérez haviam comprometido sua própria reputação na do descobridor andante. É impossível que não tenham intervindo neste perigoso momento. (MADARIAGA, 1945, p. 270-271)<sup>262</sup>.

É difícil imaginar como Madariaga chegou a uma interpretação tão inadequada dos fatos. Os frades de *la Rábida* não precisaram intervir, pois nenhuma autoridade foi dada ao navegador de libertar quantos prisioneiros condenados quisesse para formar sua tripulação. O que de fato houve, é que Colombo se fez valer de um privilégio dos almirantes de Castela concedido pelo rei João I, para tirar da prisão e conseqüentemente da morte, o número definido e máximo de quatro condenados:

Os malfeitores e seus parentes devem ter pensado que aquela era uma excelente ocasião para resolver favoravelmente sua situação crítica. Sem nenhuma dúvida, tinham de saber que em tempos anteriores, sempre que os almirantes de Castela organizavam armadas reais, estavam autorizados a tirar dos cárceres do reino quatro condenados a morte, em virtude do privilégio expedido a seu favor por João I em 17 de agosto de 1416. Eis aqui o texto: “Outrossim, tenho por bem – diz o monarca – que cada [vez] que o dito meu Almirante fazer armar por meu mandado, *que possa tirar e tire quatro acusados de qualquer malefício pelo qual devam ser condenados a morte, que estejam presos*<sup>263</sup>. Conhecedores destes precedentes, os delinquentes de Palos ou seus parentes, devem ter acudido, não ao genovês, posto que não o conheciam, mas sim aos religiosos de La Rábida – muito estimados, como todos da Observância, naquele tempo pelos reis – a fim de que estes interpusessem toda sua influência sobre Colombo e os soberanos para que aquele os levasse em sua armada. ( MANZANO, 1989, p. 508-509, grifo do autor)<sup>264</sup>.

<sup>262</sup> “[...] Colón estaba firmemente decidido a presentarse en Palos armado de pies a cabeza con órdenes reales para todos los casos posibles. Esta, que le daba acceso a los cárceles para reclutar su tripulación, explica las otras [...] A toda costa, aun a trueque de ir ganar a Cipango y hacerse caballero de espuela dorada como capitán de una tripulación de criminales y bandidos, queria ser independiente y solo [...] Su decisión de reclutar a los tripulantes entre los criminales de las cárceles tuvo que causar verdadera consternación entre los frailes de La Rábida, donde a la sazón residia. Tanto Fray Antonio de Marchena como Fray Juan Pérez, habían comprometido su propia reputación en la del descubridor andante. Es imposible que no hayan intervenido en este peligrosísimo momento”.

<sup>263</sup> Cf. *Libro de los privilegios del Almirante Cristóbal Colón* (1498), Madrid: Real Academia de la Historia, 1951, p. 12 (MANZANO, 1989, p. 509, nota 31) (nossa nota).

<sup>264</sup> “ Los malhechores y sus deudos debieron pensar que aquélla era una excelente ocasión para resolver favorablemente su crítica situación. Sin duda ninguna, tenían que saber que en tiempos anteriores, siempre que los almirantes de Castilla organizaban armadas reales, estaban autorizados para sacar de las cárceles del reino cuatro condenados a muerte, en virtud del privilegio expedido a su favor por Juan I el

Nota-se que no privilégio havia também um mandamento “que possa tirar e tire[...]” e que “estejam presos”. Ocorre que os quatro condenados que embarcaram na frota do descobrimento estavam foragidos quando do chamamento para se alistarem. Eram eles: Bartolomé Torres, Pedro Izquierdo, Alfonso Clavijo e Juan de Moguer (MANZANO, 1989, p. 506). Bartolomé havia sido condenado por matar em uma briga a Juan Martín, pregoeiro de Palos (MANZANO, 1989) e os outros três, seus amigos, invadiram a prisão e o libertaram, fugindo os quatro em seguida e transformando a todos em condenados à morte segundo a legislação espanhola da época:

Qué pena merescen aquellos que por fuerça sacan algund preso de la cárcel o de la prisión. Atrevimiento muy grande face el que saca por fuerça algún preso de la cárcel, o de la cadena que es fecha por mandado del Rey. E por ende mandamos que si alguno fuere osado de sacar preso de la cárcel del Rey, o de algún Adelantado, o del común de algun Concejo, o de outra prisión cualquier em que fuese metido por mandado del Rey, o de alguno de los otros que han poder de judgar por él, que deve recibir tal pena cual devia recibir aquél que fué ende sacado por fuerza[...] (Los Códigos ..., t.4., p.457 *apud* MANZANO, 1989, p.506-507).

Para fazer jus à graça real e gozar do perdão após servirem na armada de Colombo, os quatro foragidos teriam de se apresentar a justiça de Palos. O texto do privilégio de 17 de agosto de 1416 era bastante claro: “condenados a morte, que estejam presos”. Colombo não fez nenhuma concessão, e os criminosos não tiveram nenhuma alternativa, a não ser apresentarem-se a justiça de Palos, e foram tirados pelo almirante da cadeia diretamente para o embarque (MANZANO, 1989).

Diante da crítica injustificada feita por Madariaga, ao que tudo indica, reflexo de sua visão que compara Cristóvão Colombo com o cavaleiro da triste figura, é oportuno que façamos algumas considerações. Fernando Colombo e Bartolomé de Las Casas, claramente produziram obras panegíricas que visavam não somente relatar a história, mas também louvar a vida de sua personagem principal. Seus trabalhos são fontes primárias da vida e dos feitos do descobridor

---

17 de agosto de 1416. He aquí el texto: “Otrosí, tengo por bien – dice el monarca – que cada [vez] quel dicho mi Almirante fiziere armar por mi mandado, *que pueda sacar e saque quatro acusados de cualquier maleficio por que devan ser condenados a muerte, questén presos*”. Conocedores de estes precedentes, los delincuentes de Palos o sus parientes debieron acudir, no al genovés, pues no lo conocerían, pero sí a los religiosos de La Rábida – muy estimados, como todos los de la Observancia, en aquel tiempo por los reyes – a fin de que éstos interpusieran toda su influencia con Colón y con los soberanos para que aquél los levava en su armada”.

e revestem-se de um valor inestimável para a historiografia colombina, haja vista que ambos os autores tiveram a oportunidade de ter em suas mãos documentos originais a que nenhum outro historiador teve acesso. A característica apologética da narrativa dos historiadores vestibulares da história de Colombo e da descoberta da América deixou uma mancha visível em seus escritos, prejudicando, até certo ponto, a credibilidade de suas obras. Tal constatação deveria alertar os demais historiadores sobre a necessidade de uma análise isenta dos eventos do passado precavendo-os do poder de influência da grandeza do feito do descobridor. A tarefa, concordamos, não é nada fácil, conforme podemos observar nos escritos de alguns colombistas modernos, como por exemplo, Irving e Morison, os quais em algum momento, também sucumbiram a magia do mito, colocando em risco o estabelecimento da verdade dos fatos, que deveria ser o objetivo primordial de todo historiador. Por outro lado, essa mesma força mítica em torno de Cristóvão Colombo levou outros historiadores a não diferenciarem a crítica fundamentada, necessária e inerente a toda pesquisa histórica, da detração sistemática. Esse tipo de escrita da história, conforme acreditamos ter demonstrado ao expor um erro visível de Madariaga, é tão nociva a historiografia quanto a exaltação apologética. Não é nosso pensamento diminuir o valor de nenhum trabalho de investigação histórica, ainda que tenha sido feito em meio a um espectro de não isenção. Henry Vignaud, outro importante autor colombino do início do século XX, fez da detração o objetivo principal de seus escritos sobre Colombo, e não há como negar que seu trabalho acrescentou muito aos estudos sobre o descobridor, contudo a ausência de neutralidade comprometeu seu trabalho em alguns aspectos. Quando dissemos anteriormente que o ofício de historiador não admite idolatria, esperamos ter deixado subentendido que o oposto tampouco é aceitável. No terreno da historiografia precisamos separar aquela escrita da história crítica, amparada em uma investigação criteriosa dos fatos, daquela que sofre com influências ideológicas ou de conceitos próprios pré-estabelecidos. Historiadores colombinistas modernos como: Ballesteros Beretta, Juan Manzano, Paolo Taviani, Luis Arranz Márquez e Consuelo Varela, a título de exemplo, nos brindaram com estudos equilibrados nos quais não poupam críticas nem elogios ao almirante seguindo o caminho de uma investigação séria e imparcial; muito embora, tanto Manzano como Taviani, em vários momentos deixam transparecer uma forte admiração pelo descobridor. Consuelo Varela, a propósito, é a historiadora que mais se mantém incólume a mitologia colombina ao escrever a história do almirante, atitude que a nosso ver deveria ser o *modus operandi* de todo investigador.

Figura 16- Réplicas em maquete da provável aparência dos navios do descobrimento. Da esquerda para a direita a *Niña*, a *Pinta*, e a *Santa Maria*.



Fonte: TAVIANI (1989, p.292). Acervo: Genova-Pegli, Museu Naval (Gênova).

Voltando ao porto da Vila de Palos, a atuação de Martín Alonzo Pinzón no recrutamento de marinheiros para compor a frota do descobrimento, se mostrou altamente eficaz. Noventa<sup>265</sup> homens se inscreveram para acompanhar Colombo em uma viagem inédita na história das navegações até então. Depois de muitos anos ruminando seu projeto de alcançar as Índias pela rota do Ocidente, o descobridor tinha os navios, a tripulação, e a fé para empreender a missão mais arriscada que um navegador já havia enfrentado. De fato, como apontou Morris (1855) antes de Colombo já se cogitava a possibilidade de se chegar a Ásia pela via do Ocidente, mas faltava alguém que se dispusesse a enfrentar uma viagem que ninguém jamais havia tentado, e que era considerada por muitos como impossível de se realizar. Na noite de 2 de agosto de 1492, Colombo, os irmãos Pinzón e todos os demais tripulantes participaram de uma missa na igreja de São Jorge de Palos. O almirante certamente se confessou e na madrugada do dia 3 de agosto, deu a ordem para que se levantassem as âncoras, e os três navios<sup>266</sup>(FIGURA 16) zarparam (TAVIANI, 1989).

Brinkbäumen e Hödge (2009) apresentam uma inferência que nos parece bastante realista para descrever aquele momento:

Meia hora antes do nascer do sol desta sexta, Colombo dá a ordem de levantar âncora. É um dia tranqüilo, quase sem ventos. As velas penduram-se lânguidas

<sup>265</sup> Consuelo Varela (2005, p. 92) acrescenta um nome: “o escravo Juan Preto Português, que foi o primeiro homem de raça negra que chegou ao Novo Mundo”. Para um estudo aprofundado da lista de tripulantes da primeira viagem de descoberta, cf. GOULD, Alicia B. **Nueva lista documentada de los tripulantes de Colón em 1492**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/buscar/?q=Nueva+lista+documentada+de+los+tripulantes+de+Col%C3%B3n+en+1492>. Acesso em: 01 jan. 2019.

<sup>266</sup> A nau *Santa Maria* e as duas caravelas, a *Pinta* e a *Niña*, em razão da importância para a história da viagem que realizaram são até hoje lembradas e provavelmente é a frota mais famosa de todos os tempos.

nas vergas. A maré alta se retira e a maré baixa arrasta a *Pinta*, a *Niña* e a *Santa Maria* rio Tinto abaixo, bem lentamente. Alguns marinheiros remam com longos remos para que os pilotos possam guiar as embarcações. A frota passa junto a *La Rábida*. Em uma colina do convento os monjes do padre Marchena e seu irmão frei Juan Pérez cantam uma missa: “*iam lucis orto sidere*”, “já o astro de luz desponta”; e em seguida: “*nunc et in perpetuum*”, “agora e para sempre”. Colombo tira o gorro. Faz o sinal da cruz. Os marinheiros se ajoelham. Sabem que se o estrangeiro de cabelos grisalhos que comanda a *Santa Maria* está equivocado e o oceano é na verdade muito maior, nenhum deles voltará jamais a ouvir o bater dos sinos de *La Rábida*. Por volta das oito os barcos cruzam os bancos de areia da desembocadura do rio e adentram no Atlântico. Colombo ordena um novo rumo: “Sul quarta de sudoeste”, sul-sudoeste, em direção as ilhas Canárias. (BRINKBÄUMEN; HÖDGE, 2009, p.199)<sup>267</sup>.

A narrativa é bastante sugestiva de como foi o início daquele dia. Cada momento da viagem, dia após dia, seria registrado por Colombo em um diário: o *Diario de a bordo*, o qual ainda que infelizmente não tenha chegado até nós em seu original, o conteúdo nos foi legado por Fernando Colombo e principalmente por Las Casas; este segundo a maioria dos historiadores, mais fielmente que o primeiro. Não sendo o objetivo de nosso trabalho uma exegese do *Diario de a bordo*, traremos para o texto os momentos que acreditamos sejam mais importantes para subsidiar os objetivos de nossa pesquisa. Assim relatou o almirante o ocorrido naquela sexta-feira, três de agosto de 1492: “Partimos Viernes 3 dias de Agosto de 1492 años de la barra de Saltés a las ocho oras; anduvimos con fuerte virazón hasta el poner del sol hazia el Sur sesenta millas, que son 15 leguas; después al Sudueste y al Sur cuarta del Sudueste que era camino para las Canarias.(VARELA, 1982, p. 17)<sup>268</sup>.”

“Assim foi o relato do primeiro dia da viagem mais importante da história” (TAVIANI, 1988, p. 11). Como não poderia ser diferente, em se tratando de Cristóvão Colombo, a polêmica já aparece nos primeiros dias de navegação, nada menos que uma suposta sabotagem no leme da *Pinta*, que teria sido perpretada por dois tripulantes. Um deles Cristóvão Quintero, era o provável proprietário daquela caravela. Vejamos como Colombo relata o ocorrido:

---

<sup>267</sup> “Media hora antes de la salida del sol de este viernes, Colón da la orden de llevar el ancla. Es un dia tranquilo, casi sin vientos. Las velas cuelgan lánguidas en las vergas. Sin embargo, la pleamar se retira y la marea arrastra la *Pinta*, la *Niña* y la *Santa María* río Tinto abajo, muy lentamente. Algunos marineros reman con largos remos para que los pilotos puedan guiar las embarcaciones. La flota passa junto a La Rábida. En una colina del convento los monjes del padre Marchena y su hermano fray Juan Pérez cantan una misa: “*iam lucis orto sidere*”, “es ya la luz alegre”; y luego: “*nunc et in perpetuum*”, “ahora y para siempre”. Colón se quita la gorra. Se santigua. Los marineros se arrodillan. Saben que si el extranjero de pelo canoso que capitanea la *Santa María* está equivocado y el océano es en realidad mucho más grande, ninguno de ellos volverá a oír jamás redoblar las campanas de La Rábida”.

<sup>268</sup> “Partimos sexta-feira, aos 3 dias de agosto de 1492, da barra de Saltes, ás oito horas. Avançamos com uma forte brisa até o por do sol, rumo ao Sul 60 milhas, que são 15 léguas, depois a Sudoeste e, ao Sul quarta do Sudoeste que era o caminho para as Canárias.

Saltó ó desencajóse el gobernario á la carabela Pinta, donde iba Martin Alonso Pinzón, a lo que se creyó o sospechó por industria de un Gómez Rascón y Cristóval Quintero, cuya era la caravela, porque le pesava ir aquel viage; y dize el Almirante que antes que partiesen avian hallado en ciertos reveses y grisquetas, como dizen, á los dichos. Vídose allí el Almirante en gran turbación por no poder ayudar á la dicha caravela sin su peligro, y dize que alguna pena perdía con saber que Martin Alonso Pinzón era persona esforçada y de buen ingenio. En fin, anduvieron entre día y noche veinte y nueve léguas. (VARELA, 1982, 17-18)<sup>269</sup>.

A precaução de Colombo, principalmente em relação a Quinteros, é compreensível já que ao que tudo indica seu navio, por indicação de Martin Alonzo, foi um dos que compulsoriamente foi escolhido para a viagem, como uma das duas caravelas que a vila de Palos era obrigada a fornecer para a frota a fim de satisfazer a ordem real aos habitantes desta cidade. Não bastasse isso, entre os três proprietários das naves, somente Cristóvão Quinteros ia como marinheiro simples, sem nenhum comando. [...]“Juan Niño e Juan de la Cosa, proprietários da *Niña* e da *Santa Maria*, respectivamente, iam como mestres de seus próprios navios” (MANZANO, 1989, p. 539)<sup>270</sup>. Las Casas reproduz fielmente o que foi relatado no diário, já Fernando Colombo aproveita para precaver o leitor da “malignidade” de Pinzón (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 30). Oviedo não faz menção ao episódio, assim como Gómara. Washington Irving também se atém ao que consta no *Diario de a bordo* sem proferir juízo. Madariaga por sua vez aponta para a desconfiança de Colombo, justificando o seu pensamento de que o incidente poderia não ser mero acaso (MADARIAGA, 1945), entretanto, não perde a oportunidade de alfinetar seu *don Quixote dos Mares*: “Parece que Colombo sentiu outra vez, como já havia sentido em Palos, que lhe era um tanto pesada a proteção dos Pizóns, começando então a carregar sobre o leal capitão da Pinta todos os defeitos que eram necessários para justificar suas suspeitas bem como sua desafeição por ele” (MADARIAGA, 1945, p. 281-282)<sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> “ Saltou ou se desencaixou o leme da caravela *Pinta*, onde ia Martín Alonzo Pinzón, o que se acreditou e suspeitou ter sido obra de um certo Gomes Rascón e Cristóbal Quintero, a quem pertencia a caravela, porque lhe incomodava ir naquela viagem; e diz o Almirante que, antes da partida haviam achado os dois em certos contratemplos e cochichos. Viu-se o Almirante bastante perturbado por não poder ajudar a dita caravela sem se por em perigo, o que lhe causava pena por saber que Martín Alonzo Pinzón era pessoa esforçada e de grande habilidade; no final percorreram entre dia e noite, vinte e nove léguas”.

<sup>270</sup> “[...] Juan Niño y Juan de la Cosa, proprietários de la *Niña* y de la *Santa María*, respectivamente, iban como maestros de sus propios buques”.

<sup>271</sup> “ Parece que Colón sintió outra vez, como ya lo había sentido en Palos, que le era algo pesada la protección de los Pinzones, con lo cual ya entonces empezó a cargar sobre el leal capitán de la *Pinta* todos los defectos que le eram necesarios para justificar su suspicacia y luego su desafecto para con él”.

As análises mais sóbrias do episódio parecem ser as propostas por Manzano (1989) e Taviani (1988). O primeiro ao destacar o fato de Martin Alonzo ter nomeado seu irmão Vicente Iañes como mestre da *Pinta*, em detrimento do seu proprietário Cristóbal Quintero, comenta:

Que razões teve para fazê-lo? As ignoramos, embora pode muito bem ser porque Quintero resistiu em princípio a alistar-se na expedição (“pesava a ele ir naquela viagem”, diz o Almirante). Tudo isso nos explicaria plenamente que Cristóvão Quintero estivesse insatisfeito na viagem, e por esta razão não economizara esforço, ajudado por seu amigo Gómez Rascón, para criar dificuldades. (MANZANO, 1989, p. 551)<sup>272</sup>.

O segundo, também traz uma leitura mais lógica do ocorrido, descartando a possibilidade de serem verdadeiras as suspeitas de Colombo, não obstante a insatisfação de Quinteros, muito bem explicada por Manzano. Vejamos:

Em alto mar, um atentado contra as peças do leme colocaria em grave perigo não só o navio, senão também a tripulação e, portanto, sua própria vida. A hipótese da sabotagem não parece aceitável, inclusive por outra razão: não consta que algum membro da tripulação abandonou os navios durante a longa estadia nas Canárias. Se ali, alguém verdadeiramente tivesse tido a intenção de abandonar a grande viagem, ocasião não teria faltado [...] (TAVIANI, 1988, p. 12)<sup>273</sup>.

Tendemos a concordar com o historiador italiano, o que nos leva a crer que de fato Colombo ou alguém próximo dele, possa ter ouvido alguma murmuração de Cristóbal Quinteros, em razão de ter sido preterido para uma posição de comando entre a tripulação da *Pinta*, e mais ainda, de estar viajando contariado pela obrigatoriedade de ceder seu navio para a frota comandada por um navegador estrangeiro. Contudo, promover uma sabotagem e colocar em risco sua embarcação e a própria vida, conforme destacado por Taviani, não nos parece algo verossímil.

---

<sup>272</sup> “ Qué razones tuvo para ello? Las ignoramos, aunque muy bien pudo ser porque Quintero se resistió en un principio a alistarse en la expedición (“le pesava yr aquel viaje”, dice el Almirante). Todo ello explicaria a plena satisfacción nuestra el que Cristóbal Quintero fuera disgustado en el viaje, y por esta razón no ahorrara esfuerzo, ayudado por su amigo Gómez Rascón, para crear dificultades”.

<sup>273</sup> “ En alta mar, un atentado contra las piezas del Timon ponía en grave peligro no sólo la nave, sino también la tripulación y, por tanto, su propia vida. La hipótesis del sabotaje no parece aceptable, incluso por otra razón: no hay constancia de que algún miembro de la tripulación abandonara las naves durante la larga estancia en la Canarias. Si allí alguien hubiese tenido verdaderamente la intención de sustraerse al gran viaje, ocasión no le habría faltado [...]”



De qualquer forma, o problema foi solucionado durante o tempo que passaram na ilha de *la Gomera* que tinha como mandatária a sedutora Beatriz de Bobadilla<sup>274</sup> por quem, segundo a lenda, Colombo teria se apaixonado e vivido um caso amoroso. A frota ficaria retida no porto de *San Sebastián de la Gomera* até o dia 6 de setembro, quando novamente içou velas para seguir viagem. Pode-se dizer que de fato é nesse dia que verdadeiramente começava o que costumamos chamar de viagem do descobrimento, pois a rota até as Canárias já era muito bem conhecida; a partir daí era tudo uma incógnita. O rumo estabelecido conduziria os navios praticamente em uma linha reta até, segundo esperavam, alcançar as ricas terras do Grande Cã. Por uma determinação dos Reis Católicos, Colombo não poderia descer ao sul do paralelo 28 (exatamente o das Canárias) para não transgredir o Tratado de Alcaçovas, pelo qual os espanhóis se comprometeram a não navegar além do Cabo Bojador (paralelo 27) (MANZANO, 1989). Fosse pelo mapa de Toscanelli ou baseado no relato do suposto piloto anônimo, Colombo estava certo de que após navegar 750 léguas a oeste, além das Canárias, chegaria a Ásia.

Segundo Varela (2005) a viagem<sup>275</sup> transcorreu de forma bastante tranqüila entre os dias 13 a 16 de setembro, quando então se constatou uma variação da bússola causando inquietação entre os marinheiros. O fenômeno provavelmente já fora observado por outros navegadores, mas nunca antes havia sido anotado por escrito como o fez Colombo. O temor da tripulação foi contornado pelo almirante ao demonstrar-lhes que seguia o movimento da Estrela Polar. Os ventos alísios empurravam os navios levando Colombo a registrar no *Diario de a bordo* a bonança dos ventos e a ausência de tempestades. No dia 16 de setembro a frota entraria no “Mar

---

<sup>274</sup> Beatriz de Bobadilla, tornou-se senhora da ilha de *la Gomera*, após a morte do marido Fernão de Peraza. Conta-se que se tratava de uma mulher extremamente atraente, e que teria tido entre os freqüentadores de sua alcova ninguém menos que o rei Fernando, quando ela ainda era bem jovem e vivia na corte como dama da rainha Isabel. De acordo com o boato, Isabel cheia de ciúmes, aproveitando que Fernão de Peraza, governador de *la Gomera*, estava na corte para se explicar por ter assassinado um de seus desafetos: “sugeri-lhe” tomar a jovem Beatriz como esposa e levá-la para bem longe do rei. Com um crime pesando sobre seus ombros, Peraza teve de se conformar ao ser informado que a beldade não era mais virgem. O dito não para por aí. Menos de um ano depois do casamento, Beatriz deu à luz um filho, e uma pergunta permanece no ar: o menino era filho de Fernão Peraza ou de Fernando, o católico? Para maiores detalhes desse caso e também sobre a possibilidade de Colombo ter se acalmado da ansiedade da viagem nos braços da viúva *fatale* de *la Gomera*, cf. TAVIANI, Paolo Emilio. **Los viajes de Colón: el gran descubrimiento**. Barcelona: Editorial Planeta, 1988. p. 36-43.

<sup>275</sup> Em nossa análise neste capítulo, das principais questões envolvendo as quatro viagens de Colombo ao Novo Mundo, a despeito de propormos o diálogo entre alguns dos principais colombistas, utilizamos como roteiro o texto de: VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón: de corsário a almirante**. Barcelona: Lunwerg, 2005. p. 89-159; por entendermos que é conciso sem ser superficial; e como já mencionado, não é nosso objetivo uma exposição sistemática do *Diario de a bordo* da primeira viagem e das cartas e relações das demais; e sim de temas que têm sido motivo de discussões dentro da historiografia colombiana.

dos Sargaços conhecido desde a antiguidade e freqüentado no século XV por marinheiros que buscavam a mítica *Antilla*. Era uma parte do oceano que gerava preocupação, medo e terror. Ninguém havia conseguido ultrapassá-lo” (VARELA, 2005, p. 102)<sup>276</sup>. Não houve problemas e no dia 9 de outubro, o outrora temido Mar dos Sargaços foi vencido.

A partir do dia 6 de outubro, sem nenhum sinal de terra a vista, o ânimo da tripulação começou a se deteriorar culminando com um possível início de motim<sup>277</sup> no dia 10, só contornado com a promessa de Colombo de ordenar o retorno a Espanha, caso não avistassem terra no prazo de três dias. Desde que deixou para trás as ilhas Canárias, o almirante usou de um estratagema de anotar as léguas percorridas de forma a controlar o medo dos marinheiros. Consignava um número real para si e um fictício para a tripulação: “ Por 25 vezes repetiu em seu *Diario* que fazia uma dupla contabilidade e que as léguas apontadas por seus pilotos eram menos que as efetivamente percorridas” (VARELA, 2005, p. 102)<sup>278</sup>. Varela (2005) entende que foi uma atitude ingênua de Colombo, tendo em vista que navegadores experimentados como Martín Alonso Pinzón e Juan de la Cosa, não poderiam ser enganados neste particular. E exatamente a experiência marítima e a ascendência de Pinzón sobre os tripulantes, se mostraram de enorme importância para o sucesso da viagem, sendo praticamente consensual entre os historiadores que sua intervenção foi crucial para controlar o levante que se desenhou entre os marinheiros; bem como ao sugerir uma mudança de rota que foi acatada por Colombo e resultou no avistamento de terra dentro do prazo que ele foi forçado a definir:

Alguns dias antes de 7 de outubro, Colombo acreditava que havia se desviado de sua rota e, por sugestão de Martín Alonso – que era da mesma opinião – ordenou que se modificasse a rota até se colocar no paralelo 24. Precisamente a rota que, com vento de popa, os faria entrar no mar das Bahamas. Se

---

<sup>276</sup> “ El mar de los Sargazos, conocido desde la antigüedad y frecuentado em el siglo XV por los marinos que buscaban la mítica Antilla, producía preocupaciones, miedo y terror. Nadie había podido sobrepasarlo”.

<sup>277</sup> Juan Manzano (1989) fala de dois motins: O primeiro em 6 de outubro, conduzido principalmente pelos *vizcaínos* (bascos) tripulantes da nau *Santa Maria* e o segundo, em 10 de outubro, de toda a armada. Segundo este autor, para manter Martín Alonso Pinzón no ânimo de descobrir terras e assim influenciar todos os marinheiros, Colombo foi obrigado a revelar seu segredo, qual seja o do pré-descobrimento por meio das revelações do proto-nauta, e não somente isso, mas também mostrar um traslado da Capitulação de 17 de abril de 1492, documento oficial assinado pelos Reis Católicos, de fé inquestionável, no qual se lia que o almirante já “ havia descoberto” ilhas e terras firmes no Mar Oceano em uma época anterior a daquela viagem ( MANZANO, 1989, p.362). Para uma análise mais aprofundada desta questão, cf. MANZANO Y MANZANO, Juan. **El Secreto de Colón: el predescubrimiento**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1989. p. 329-367.

<sup>278</sup> “ Hasta 25 veces repitió en su *Diario* que llevaba una doble contabilidade y que las leguas apuntadas por sus pilotos eran menos que las efectivamente recorridas”.

houvesse seguido seu plano, ao longo do paralelo 28, a flota teria chegado ao continente a altura da península da Flórida<sup>279</sup>. (VARELA, 2005, p. 102).

No dia 11 de outubro os sinais de terra se fizeram ainda mais evidentes; galhos de árvores, troncos e muitas aves eram vistos pelos marinheiros enchendo de esperança uma tripulação que há poucos dias cogitaram lançar Colombo ao mar e retornar para casa. Finalmente na madrugada do dia 12, o almirante e Pedro Gutiérrez (um dos marinheiros) (TAVIANI, 1988) viram uma luz como de vela, subindo e descendo no ar para desaparecer logo depois. Os Reis Católicos haviam estabelecido uma pensão anual de 10.000 *maravedis* para o primeiro a avistar terra, extensivo aos herdeiros, tornando o aparecimento desta tênue luz motivo de alguma discussão entre os historiadores. Morison (1983, p. 48) comenta que vários volumes foram escritos tentando explicar o acontecimento. Taviani (1988, p. 28) assinala que sobre essa luz, muito foi dito, escrito, explicado e polemizado, superando até o suposto aparecimento da cruz a Constantino. Colombo não deixou passar a “honra” e foi agraciado com o prêmio, que conforme já relatado foi deixado em testamento para Beatriz de Arana. Sobre a questão também pairam dúvidas, se não foi uma usurpação por parte de Colombo usando seu poder de Capitão Geral da Armada:

Colombo escreveu ter avistado a luz no dia 11, quando já tinha a certeza da terra ser alcançada. As anotações de 11 e doze de outubro não estão separadas no diário. Foi então criada uma suspeita de que tenha inventado o episódio para atribuir a si o mérito de haver sido o primeiro a avistar terra, e, com o mérito, o prêmio da pensão anual de 10.000 *maravedis*<sup>280</sup>. Navarrete e Madariaga sustentam esta tese. (TAVIANI, 1988, p. 28)<sup>281</sup>.

Não são poucos os historiadores que destacam o egoísmo e a ambição de Colombo, características que explicariam muito bem a suspeita a que Taviani se refere. Fato é que prevaleceu a reivindicação do descobridor, e além da glória de ter sido o comandante da expedição que abriu as portas de um novo mundo para os europeus, recebeu também o primeiro prêmio resultante daquele sucesso.

---

<sup>279</sup> No original: “ Unos cuantos días antes, el 7, Colón creía que había desviado de su derrota y, a sugerencia de Martín Alonso – que era de la misma opinión – ordenó modificar la ruta hasta colocarse en el paralelo 24. Precisamente la derrota que, con viento de popa, les haría entrar en el mar de las Bahamas. Si hubiera seguido su plan, a lo largo del paralelo 28, la flota hubiera llegado al continente a la altura de la península de Florida”.

<sup>280</sup> Segundo Taviani o equivalente em dias de hoje a pouco menos de 500 dólares, quantia nada dispensável naqueles tempos (1988, p. 28, nota 1) (nossa nota).

<sup>281</sup> “Colón escribió haber avistado la luz el día 11, cuando ya tenía la certeza de la tierra alcanzada. Los apuntes del 11 y 12 de octubre no estan separado en el diario. De aquí la sospecha de que haya inventado el episodio para atribuirse el mérito de haber sido el el primero en avistar tierra, y, con el mérito la pensión anual de 10.000 *maravedis*”.

Taviani faz ainda interessante comentário sobre os sinais que levaram os europeus ao primeiro sinal de terra no Novo Mundo, desenhando com palavras um quadro bucólico para um dos maiores momentos da história da humanidade:

Não se tratava de uma luz sobrenatural, como disseram alguns. Mas, de todo modo, ainda há nisso algo de místico e romântico. Primeiro um vôo de aves, em seguida uma pequena luz, como de uma “vela que levantava e se movia”: desta maneira se apresentou o Novo Mundo aos homens do Velho Mundo<sup>282</sup>. (TAVIANI, 1988, p. 29).

Embora Colombo tenha se beneficiado posteriormente com a visão daquela luz, como sendo o momento da descoberta, foi algum tempo depois daquele momento que Rodrigo de Triana<sup>283</sup> viu uma pequena colina brilhando sob a luz da lua, e gritou: *Terra, terra!* (MORISON, 1983, p. 48). Quando amanheceu os navios atracaram em uma pequena ilha chamada de *Guanahani* pelos seus habitantes. Os nativos<sup>284</sup> se aproximaram espantados e ao mesmo tempo curiosos ao ver aqueles homens que pareciam ter vindo do céu. Estavam todos nus, e quando passou o medo, se acercaram dos europeus sacramentando o encontro de dois mundos que não se conheciam; e certamente, nem Colombo e seus tripulantes, e nem aqueles nativos, entendiam que aquele momento seria por muitos considerado o maior evento da história do homem sobre a terra. Morison referindo-se ao ocorrido naquela madrugada disse: “Desde o nascimento de Cristo não houve uma noite tão significativa para a raça humana” (1983, p. 48)<sup>285</sup>.

No dia 13, a frota partiu rumo sudoeste seguindo a rota que as canoas dos indígenas faziam entre as ilhas para não baterem nos bancos de corais. Chegaram a costa sul de Cuba no dia 28. Colombo deu a ilha o nome de *Juana*, em homenagem ao príncipe herdeiro Juan. Continuaram explorando a costa rumo oeste, e ocorreu que no dia 22, Martín Alonso informado pelos índios que em uma ilha próxima chamada Babeque havia muito ouro, abandonou a formação, e seguiu com a *Pinta* naquela direção na esperança de ser o primeiro a descobrir o rico metal. Colombo ao chegar no extremo oriental da ilha de Cuba chamou o local de cabo *Alfa e Ômega*, crendo ter chegado nos confins do continente asiático (VARELA, 2005, p. 106). Continuando a exploração deram com uma ilha de grande proporção, que os indígenas

---

<sup>282</sup> No original: “No se trataba de una luz sobrenatural, como dijeron algunos. Pero, de todos modos, aún hay algo de místico y romântico. Primero un vuelo de aves, luego una pequeña luz, como una “cadelilla que se alzava y levantava”: de esta manera se presentó el Nuevo Mundo a los hombres del Viejo Mundo”.

<sup>283</sup> Tampouco há consenso sobre ser Rodrigo de Triana quem primeiro avistou terra na madrugada do dia 12 de outubro.

<sup>284</sup> Colombo passaria a chamá-los de “índios” por acreditar ter chegado as Índias.

<sup>285</sup> “Not since the birth of Christ there been a night so full of meaning for the human race”.

chamavam Haiti, e que Colombo chamou de *la Española* (Hispaniola), era o dia 24 de novembro.

A descoberta nesta primeira viagem terminaria aqui. No dia 24 de dezembro, véspera do Natal, por um descuido do piloto que deixara o controle do leme com um grumete, a nau *Santa Maria* encalhou de forma irremediável e começou a “fazer água”. A tripulação salvou o que podia, contando com a boa vontade dos habitantes locais para descarregar a embarcação. Para Colombo, extremamente religioso, aquilo foi visto como um sinal. Não havendo como acomodar a todos na *Niña*, vários dos homens manifestaram a vontade de permanecer até que o almirante retornasse uma segunda vez, após dar a notícia do descobrimento aos Reis Católicos. O descobridor determinou então que com a madeira que foi possível recuperar da *Santa Maria*, fosse construído um forte, onde permaneceriam trinta e nove membros da tripulação para explorarem a ilha até a vinda de uma nova frota espanhola. *La Navidad* foi o nome dado ao local. O almirante estava pronto para a viagem de volta a Espanha, sem dúvida já pensando em uma segunda viagem àquelas terras, pois até aquele momento não vira sinal do Grande Cã e tampouco do cobiçado ouro.

Em meio aos preparativos para o retorno, teve notícias de que a *Pinta* estava próxima, e em 6 de janeiro encontrou com a caravela e seu capitão Martín Alonso Pinzón. As desculpas do comandante palense de que seu deslocamento para longe da frota fora involuntário não convenceu Colombo. Entretanto, para o bem da viagem de volta, era melhor duas caravelas que apenas uma. Provavelmente, isso fez com que guardasse para si sua insatisfação com Pinzón. *El torna viaje* estava definido, e a “armada” de duas caravelas, partiu de *la Española* em 16 de janeiro de 1493.

Colombo traçou uma rota bem diferente daquela da ida. A viagem de volta não seria tão calma. (VARELA, 2005, p. 109). Tomando a direção norte-noroeste, navegaram muito lentamente durante vinte dias, porquanto os ventos e as correntes lhes eram contrários. O almirante ordenou no dia 4 de fevereiro mudança de rumo para o leste, a fim de chegar ao paralelo dos Açores, a única via de retorno com ventos favoráveis, conforme foram os alísios durante a ida (VARELA, 2005, p. 109). Surge aqui outra pergunta: como Colombo sabia de tais detalhes se ninguém já havia navegado por aquela porção do Mar Tenebroso? Alguns sustentam que foi devido a sua perícia de navegador, já para outros é prova de que fora informado das rotas de ida e de volta por um piloto desconhecido (VARELA, 2005, p. 109).

A viagem seguiu calma até 13 de fevereiro, momento em que começaram a enfrentar grande tormenta. A situação se agravou a tal ponto no dia seguinte, que parecia ter chegado o

fim daquela aventura. Colombo escreveu no *Diario de a bordo* no dia 14 de fevereiro as seguintes palavras:

Esta noche creció el viento y las olas eran espantables, contraria una de outra, que cruzavan y embaraçaban el navío que no podía passar adelante ni salir de entre medias d'elas y quebravan en él; llevaba el papahigo muy baxo, para que solamente lo sacase algo de las ondas; andaría así tres oras y correría 20 millas. Creçía mucho la mar y el viento, y viendo el peligro grande, començó a correr a popa donde el viento le llevase, porque no avía outro remedio. Entonçes començó a correr también la caravela Pinta en que iba Martín Alonso, y desapareçió, aunque toda la noche hizo faroles el Almirante y el outro le respondía, hasta que parez que no pudo más por la fuerça de la tormenta y porque se hallava muy fuera del camino del Almirante. Anduvo el Almirante esta noche al Nordeste cuarta del leste 54 millas, que son 13 leguas. Salido el sol, fue mayor el viento y la mar cruzando más terrible; llevaba el papahigo solo y baxo, para qu'el navio saliese de entre las ondas que cruzavan, porque no lo hundiesen. Andava el camino Lesnordeste y después a la cuarta hasta el Nordeste; andaría seis oras así, en ellas 7 leguas y media. El ordenó que se echase un romero que fuese a Sancta María de Guadalupe y llevase un çirio de cinco libras de çera y que hiciesen voto todos que al que caese la suerte cumpliese la romería, para ló cual mando traer tantos garvanços quantas personas en el navío venían y señalar uno con un cuchillo, haciendo una cruz, y metellos en un bonete bien rebueltos. El primero que metió la mano fue el almirante y sacó el garvanço de la cruz; y así cayó sobre él la suerte y desde luego se tuvo por romero y deudor de ir a cumplir el voto [...](VARELA, 1982, p.125-126) <sup>286</sup>.

Naquele dia a frota do descobrimento quase naufragou, a ponto de terem encomendado suas almas a Deus e feito promessas religiosas se a Providência Divina os livrasse da morte. Além do sorteio que determinou Colombo como o primeiro romeiro a se comprometer caso escapassem do terrível destino que se avizinhava, houve ainda outro que recaiu sobre o

---

<sup>286</sup> “Esta noite o vento aumentou e as ondas eram espantosas, umas de encontro ás outras, que se cruzavam e dificultavam para o navio, que não podia seguir adiante nem sair do meio delas e as ondas quebravam nele; mantinha a vela mestra bem baixa para que pudesse tirar algo das ondas; andaria assim três horas percorrendo 20 milhas. Crecia muito o mar e o vento, e vendo que o perigo era grande começou a correr à popa onde o vento o levasse, porque não havia outro remédio. Então a correr também a caravela Pinta onde ia Martin Alonso, e desapareceu, embora tivesse o Almirante passado toda a noite colocando lampiões e o outro respondia até que parece que não pode mais por força da tormenta e porque se achava muito fora do caminho do almirante. Andou o almirante esta noite a Nordeste 54 milhas que são 13 léguas, quarta de leste. Saindo o sol, o vento aumentou e as ondas ficaram mais terríveis; mantinha só a vela mestra bem baixa, para que o navio saísse das ondas que cruzavam, para não afundar. Andou no ruumo Lesnordeste e depois a quarta para o nordeste; navegaria seis horas assim, 7 léguas e meia. Ele ordenou que se sorteasse um romeiro para ir a Santa Maria de Guadalupe e levasse um círio de cinco libras de vela e que todos fizessem voto para que o sorteado cumprisse a promessa; para tal mandou trazer uma quantidade de grãos-de-bico igual ao número de pessoas que viajava no navio, e marcar em um deles com a faca uma cruz, misturando todos muito bem em um gorro. O primeiro a enfiar a mão foi o Almirante, e ele tirou o grão-de-bico com a cruz; e assim caiu a sorte sobre ele, e logo se teve por romeiro e devedor para cumprir o voto”.

marinheiro Pedro Villa para ir a Santa Maria de Loreto na região de Ancona, terra do Papa; e houve também votos particulares dos marinheiros. Colombo cumpriu a sua promessa, pois quando teve a oportunidade peregrinou a Moguer e Guadalupe, onde foram batizados os indígenas que trouxe do Novo Mundo, e também ajudou a custear a ida de Pedro Villa a Itália. A 18 de fevereiro a *Niña* aportava na ilha de Santa Maria no arquipélago dos Açores. O almirante e os tripulantes foram muito mal recebidos pelos portugueses, situação que depois de superada, permitiu que descansassem, e rezassem em uma pequena capela local, até se lançarem ao mar novamente no dia 24 (VARELA, 2005).

Em meio a outra tempestade, logo após a saída dos açores, e durante o desespero que tomou a todos, inclusive Colombo, ocorreu um dos fatos mais interessantes desta viagem de retorno, que fez com que ele agisse como um náufrago:

Quando deixaram a ilha a caminho da Península, em uma rota já conhecida, não imaginavam que uma nova tempestade os estava esperando. Como em uma história de náufrago, Colombo decidiu escrever uma carta aos reis e lançá-la na água em um barril encerado. Tinha de contar a seus monarcas que havia chegado a umas ilhas, desconhecidas, que eram o começo da Ásia: E porque, se se perdesse com aquela tormenta, os reis tivessem notícia de sua viagem, pegou um pergaminho e escreveu tudo que pôde do que havia achado, pedindo muito a quem o achasse que levasse aos reis. (VARELA, 2005, p. 109)<sup>287</sup>.

Sem saber do que se tratava aquele ato, os marinheiros pensaram que era algum tipo de devoção. Varela, citando Fernando Colombo, faz interessante comentário sobre o episódio:

Fernando Colombo (cap. XXXV) diz em primeira pessoa: “ Este escrito, selado e fechado, dirigi com sobrescrito a Vossas Altezas e com o porte ou promessa de mil ducados a quem o apresentasse fechado, para evitar que se o achassem estrangeiros não se valessem do aviso, que incluía, contra a verdade do porte... fiz outro envoltório semelhante e o pus no alto da popa, porque se submergia o navio ficasse o barril sobre as ondas, a arbítrio da sorte”. Esta carta, nunca encontrada, devia ser muito parecida a que foi escrita a Santángel, que publicamos a continuación, que tem como primeira data 15 de fevereiro. Também poderia ser que esta segunda carta que colocou no alto do navio, com acréscimos, fora a enviada a Santángel e que por isso aparece com duas datas: 15 de fevereiro e 14 de março (VARELA, 1982, p. 127-128)<sup>288</sup>.

<sup>287</sup> “Cuando dejaron la isla camino de la Península, en una derrota ya conocida, no pensaban que una nueva tempestad les estaba esperando. Como si de un náufrago de cuento se tratara, Colón decidió escribir una carta a los reyes y lanzarla al agua en un barril encerado. Tenía que contar a sus monarcas que había llegado a unas islas, desconocidas, que eran el comienzo de Asia: *Y porque, si se perdiese con aquella tormenta, los reyes oviesen noticia de su viaje, tomó un pergamino y escribió en todo lo que pudo de todo lo que avía hallado, rogando mucho a quien lo hallase que lo llevase a los reyes*”.

<sup>288</sup> “Hernando Colón (cap. XXXV) dice en primera persona: “ Este escrito, cerrado y selado, dirigi con sobrescrito a Vuestras Altezas y con el porte o promesa de mil ducados a quien se lo presentase cerrado, para evitar que si lo hallaban extranjeros no se valiesen del aviso, que incluía, contra la verdad del porte...”

Por mais curioso que o ocorrido que possa parecer, a maioria dos principais historiadores colombinos apenas relata o fato conforme descrito no *Diario de a bordo*, pouco discutindo o que Colombo teria escrito naqueles pergaminhos. Além de Varela (1982), somente encontramos outros comentários sobre o episódio em Morison e Taviani. Morison (1942) ao destacar que aquele “diário secreto” nunca foi encontrado, nos informa que falsas versões costumam ser oferecidas a colecionadores de relíquias, inclusive que a ele próprio já havia sido apresentada a precisosidade. Taviani, que normalmente poupa críticas a Colombo, neste caso não economiza nas palavras:

Contudo, inclusive, se a *Niña* houvesse afundado e com ela houvessem desaparecido o Almirante, Vicente Yáñez Pinzón e os outros marinheiros, de todo modo poderia ter ficado no oceano a *Pinta*, de Martín Alonso Pinzón, para levar a grande notícia a Europa. Mas, Colombo revela no escrito antes citado o caráter que já conhecemos: ele, somente ele havia sido destinado pela Divina Providência para cumprir a grande empresa. Não tinha tanto medo de morrer, mas sim de não poder concluir a missão. Embora estivesse morto, a prerrogativa de dar a notícia de sua grande vitória aos soberanos e ao mundo, devia continuar sendo sua. Mas não morreu. (TAVIANI, 1988, p. 84)<sup>289</sup>.

Qual teria sido o conteúdo daquelas misteriosas cartas? Varela (1982, p. 127) supõe que o teor era parecido com a que foi escrita a Luis de Santángel. E se Colombo escreveu naquelas folhas as respostas para perguntas que há séculos alimentam o debate entre os historiadores colombinos? Como o navio não naufragou, o almirante pode ter destruído a cópia deixada no barril no alto da popa, restando o outro que foi lançado ao mar e nunca foi encontrado; cuja mensagem continuará sendo mais um dos vários mistérios que o descobridor nos deixou. Sem dúvida a situação pela qual Colombo passou foi de muito perigo. No dia 4 de março, perto de Caiscais, a gravidade da situação foi tal que Casas (1986, p. 20) ao transcrever o *Diario de a bordo*, assim relatou:

---

hice outro envoltorio semejante y lo puse en lo alto de la popa, porque si se submergía el navio quedasse el barril sobre las ondas, a arbitrio de la fortuna”. Esta carta, nunca encontrada, debía de ser muy similar a la escrita a Santangel, que publicamos a continuación, que tiene como primera fecha el 15 de febrero. También pudiera ser que esta segunda carta que coloco en lo alto del navío, con añadidos, fuera enviada a Santangel y que por eso aparece con dos fechas: 15 de febrero y 14 de marzo.

<sup>289</sup> “Pero, incluso, si la *Niña* se hubiese hundido y con ella hubiesen desaparecido el Almirante, Vicente Yáñez Pinzón y los otros marineros, de todas maneras habría quedado en el océano la *Pinta*, de Martín Alonso Pinzón, para llevar la gran noticia a Europa. Pero Colón revela en el escrito antes citado el carácter que ya conocemos: él, solo él ha sido destinado por la Divina Providencia para cumplir la gran empresa. No tenía tanto miedo de morir, sino de no poder concluir su misión. Aunque hubiese muerto, la prerrogativa de dar la noticia a los soberanos y al mundo de su gran victoria debía seguir siendo suya. Pero no murió”.



[...] Los del pueblo diz que estuvieron toda aquella mañana haziendo plegarias por ellos, y después qu'estuvo dentro, venía la gente a verlos, por maravilla de cómo avián escapado; y así, a ora de terçia, vino a pasar a Rastelo dentro del río de Lisboa, donde supo de la gente de la mar que jamás hizo invierno de tantas tormentas y que se avían perdido 25 naos en Flandres y otras estaban allí que avía cuatro meses que no avían podido salir [...] <sup>290</sup>

A *Niña* resistiu e chegou a Portugal onde permaneceu por alguns dias, tempo para Colombo entrevistar-se <sup>291</sup> com o rei D. João II. Por uma ironia da história, ao recusar o projeto de Colombo o monarca privou seu reino, antes na vanguarda dos descobrimentos, de ser o protagonista do maior deles (TAVIANI, 1988). Após esse encontro com o soberano luso, em que não faltaram aos historiadores diversas suposições, inclusive de que alguns de seus cortesãos sugeriram que Colombo deveria ser assassinado por ter “feito mal” ao rei e a nação portuguesa (TAVIANI, 1988). Com Colombo incólume, em 13 de março a *Niña* partiu para completar a viagem. No dia 15 de março entrou suavemente pelo rio Tinto para aportar em Palos, de onde saíra sete meses antes. Martín Alonso Pinzón também sobreviveu <sup>292</sup>, depois de ter se refugiado das tempestades no porto de *Bayona* na Galícia (VARELA, 2005, p. 112). No mesmo dia 15, poucas horas depois da *Niña*, a *Pinta* entraria no porto de Palos.

Em fragmento de um escrito do *Diario de a bordo*, vê-se o desabafo de Colombo:

Ha placido asi darme el galardón d'estos afanes y peligros. Veramente abalumado con esta grande vitoria, plege a Dios se reduzgan los disfamadores de mi honra, que con tanta deshoesidad y malicia han fecho burla de mí e disfamado mi empresa sin conocimiento de mi dezir y del servicio e acrescentamiento de Sus Altesas. (VARELA, 1982, p. 138) <sup>293</sup>.

---

<sup>290</sup> “[...] As pessoas do povoado dizem que estiveram toda aquela manhã rezando por eles, e depois que aportaram, vinha gente vê-los, maravilhados de como conseguiram escapar; e assim, na hora terceira, passaram o Restelo dentro do rio de Lisboa, onde soube pela gente do mar que jamais havia tido um inverno de tantas tormentas e que se haviam perdido 25 naus em Flandres e estavam outras ali que há quatro meses não podiam sair [...]” ( *Diario de a bordo*, VARELA, 1982, p. 134)

<sup>291</sup> Por conta desta visita ao rei de Portugal, consequência clara de ter sido obrigado pelas tempestades a entrar no porto de Lisboa, fez com que alguns historiadores portugueses idealizassem uma teoria da conspiração alegando uma suposta função de espião desempenhada por Colombo em favor de D. João II de Portugal (cf. BARRETO, Mascarenhas. **O português Cristóvão Colombo**: agente secreto do Rei Dom João II. Lisboa: Referendo, 1988).

<sup>292</sup> Martín Alonso chegou muito doente e morreria 15 dias após ter desembarcado em Palos, após ser levado para uma propriedade sua em Moguer. Há suposições de que provavelmente foi a primeira vítima da sífilis, cuja entrada na Europa teria se dado por meio dos navegadores que vinham e voltavam do Novo Mundo. A questão não é pacífica (MORISON, Samuel E. **Christopher Columbus**: Mariner. New York: Meridian, 1983. p. 81-82).

<sup>293</sup> “Agradou assim, dar-me o galardão destes cuidados e perigos. Verdaderamente atônito com esta grande vitória, queira Deus que se reduzam os difamadores de mina honra, que com tanta desonestidade e malicia zombaram de mim e difamaram minha empresa sem conhecimento de minhas palavras e do benefício para Suas Altezas”.

O projeto pelo qual o navegador genovês lutara por cerca de quinze anos tinha se realizado. O mundo nunca mais seria o mesmo. A heroica aventura fez com que Colombo fosse recebido pelos Reis Católicos em Barcelona. Além de promoverem a propaganda<sup>294</sup> para estabelecer seu domínio nas terras descobertas, Fernando e Isabel, decidiram por uma nova viagem, ordenando de imediato os preparativos. Não há dúvida de que Colombo chegou a corte espanhola como um vencedor, contudo a propalada pompa com que Las Casas e Fernando Colombo narraram o encontro do descobridor com os soberanos castelhanos, a cuja opinião aderiram alguns historiadores modernos, a exemplo de Ballesteros Beretta (1945, p.115); não foi bem assim. Marquéz (2006) entende que foi um encontro importante na corte, contudo sem a presença de multidão; no mesmo sentido interpreta Varela:

No entanto, apesar das descrições que os cronistas nos deixaram, não devemos pensar de maneira alguma que Colombo recebeu em Barcelona um tratamento apoteótico pela simples razão que, havendo sido assim, não haveriam de registrar os diários e livros de cerimônias barceloneses que silenciam sobre a estadia de Colombo na Cidade Condal. O encontro, sem dúvida emotivo e cordial, deve ter se limitado a um simples ato cortesão. (VARELA, 2010, p. 94)<sup>295</sup>.

Cumprido o protocolo, e manifestada a evidente satisfação dos Reis Católicos com o resultado obtido, surgia um problema com o qual teriam de lidar imediatamente: a disputa do Atlântico com Portugal. O último documento tratando da questão havia sido o Tratado de Alcaçovas em 1479, quando foi reconhecida a soberania de Castela sobre as Ilhas Canárias. Com o descobrimento de Colombo era necessário garantir o direito sobre aquelas ilhas no Novo Mundo. A ação dos reis espanhóis foi rápida e já em 3 e 4 de maio de 1493, o Papa Alexandre VI emitiu as bulas *Inter Coetera* I e II, reconhecendo o domínio espanhol nas ilhas recém descobertas por Colombo, e o direito de descobrir “nas partes da Índia”. A essas logo se seguiram outras bulas estabelecendo a divisão geográfica do Atlântico entre Portugal e Espanha. Colombo não só deve ter auxiliado os reis nessa questão, como também é bem provável que antes de partir para sua segunda viagem tenha dado informações<sup>296</sup> para os

<sup>294</sup> Fernando, o Católico soube como ninguém conduzir a necessária promoção do descobrimento, fazendo com que a carta de 14 de março de 1493 escrita em Lisboa na qual o almirante informava os reis sobre o descobrimento, alcançasse uma difusão incomum para a época (VARELA, 2005, p. 112).

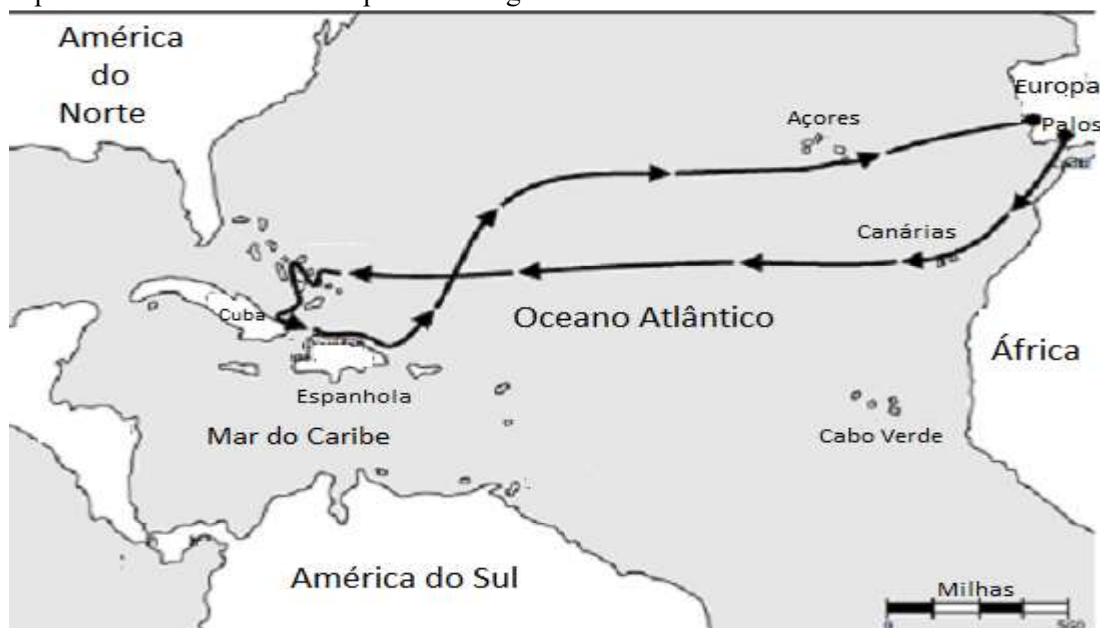
<sup>295</sup> “ Sin embargo y, pese a estas descripciones que nos dejaron los cronistas, de ninguna manera hemos de pensar que Colón recibió en Barcelona un recibimiento apoteótico por la sencilla razón de que, de haber sido así, no hubieran dejado de señalarlo los dietarios y los libros de ceremonias barceloneses que silencian la estancia de Colón en la Ciudad Condal. El encuentro, sin duda emotivo y cordial, hubo de limitarse a un sencillho acto cortesano”.

<sup>296</sup> Para um estudo aprofundado da atuação de Cristóvão Colombo junto aos Reis Católicos para auxiliá-los com as bulas papais e o Tratado de Tordesilhas, cf. ARMAS, Antonio Rumeu de. **Um escrito**

monarcas espanhóis a fim de orientá-los quando da futura assinatura em junho de 1494 do Tratado de Tordesilhas, o documento que sacramentaria a nova divisão das terras no Mar Oceano (VARELA, 2005).“Colombo era um homem dado a aconselhar, e em suas cartas aos reis não deixou de expressar o que lhe passava pela cabeça” (VARELA, 2010, p. 97)<sup>297</sup>.

As dificuldades enfrentadas para conseguir realizar sua primeira viagem (Mapa 4) ficaram para trás, após aqueles dias em Barcelona, o agora Almirante do Mar Oceano, dirigiu-se a Sevilha e daí para Cádiz a fim de acompanhar os preparativos para voltar ao seu Novo Mundo. Havia realizado seu sonho e provado que não era um louco. O fato de não ter encontrado o Grande Cã e visto com seus próprios olhos as riquezas de Catay e Cipango ainda não incomodava tanto diante do sucesso da descoberta e a vitória sobre os críticos que o desprezaram enquanto insistia na viabilidade de seu projeto de navegação. Naquele momento sua concepção era de que havia muita terra ainda para se explorar na “Ásia” (MAPA 5) que tinha alcançado navegando pela via do Oeste, e o encontro com o grande soberano daquelas terras somente fora adiado. Estava no ápice. Certamente não imaginava o quanto iria cair.

Mapa 4- Rota de ida e volta da primeira viagem.

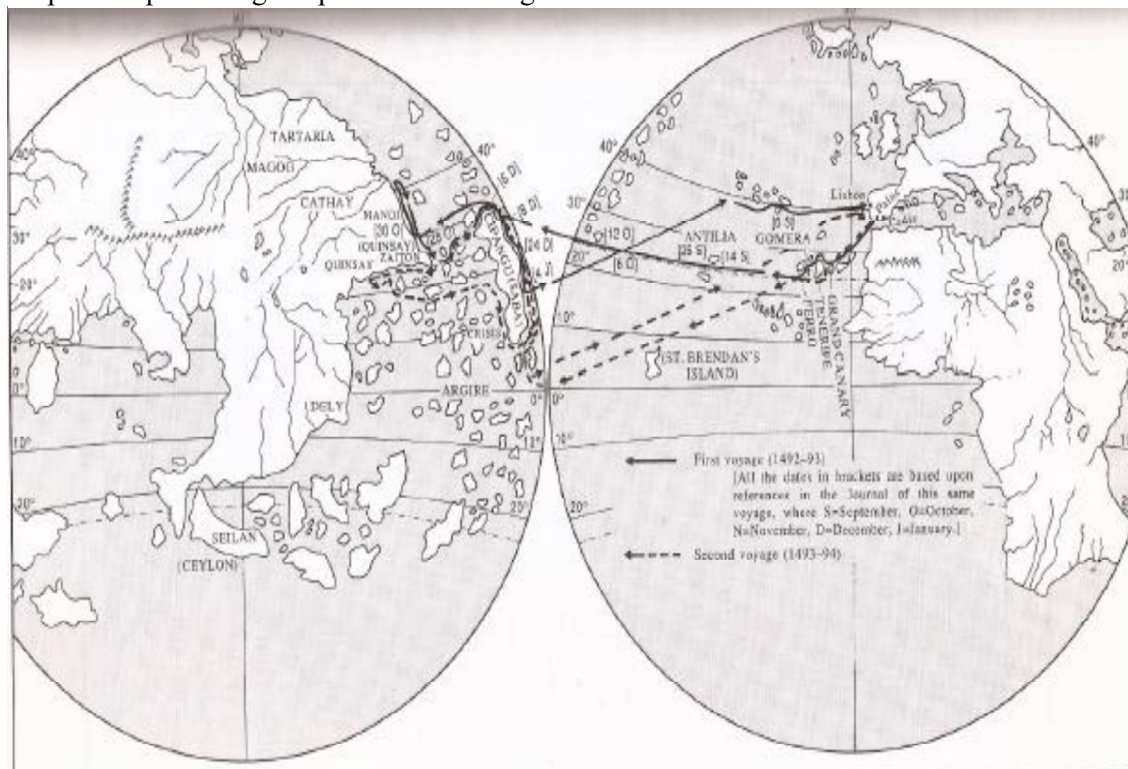


Fonte: Desenho do autor (2019).

**desconocido de Cristobal Colon:** el memorial de la mejorada. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1972.

<sup>297</sup> “Colón era un hombre muy dado a dar consejos, y en sus cartas a los reyes no dejó de señalar cuanto se le pasaba por la cabeza”.

Mapa 5-Mapa da viagem que Colombo imaginou ter realizado em 1492.



## 5.2 A SEGUNDA VIAGEM: INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Os três navios que Colombo com muito custo conseguiu em 1492, se multiplicaram em dezessete<sup>298</sup> no porto de Cádiz; e ao contrário dos noventa marinheiros reticentes em acompanhar o desconhecido genovês, para esta segunda viagem eram mil e duzentos<sup>299</sup> homens ansiosos para partir. Colombo, Almirante do Mar Oceano, deu a ordem de içar velas no dia 25 de setembro de 1493.

A novidade e excitação por conta do descobrimento de terras nos confins do Atlântico pela via do Ocidente, resultou na maior frota que Colombo comandaria durante suas viagens as Índias Ocidentais. Contando com<sup>300</sup> cinco naus e doze caravelas e os gastos dispensados para a

<sup>298</sup> As resistentes *Niña* e a *Pinta* entre eles.

<sup>299</sup> Entre 1200 a 1500 homens (VARELA, 2005, p. 123). Pedro Martir de Angleria (Peter Martyr) aponta mais de 1200, Oviedo crava 1500 (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 162); Casas também relata 1500 (CASAS, 1986, p.362); “por volta de 1500 zarparam com a flota” (IRVING, 1828, p. 297).

<sup>300</sup> A frota que Cabral comandava para a segunda viagem as Índias Orientais, após o retorno de Vasco da Gama, e que oficialmente descobriu o Brasil era composta de 10 naus, 3 caravelas e 1 naveta de mantimentos.

armada, podemos perceber a importância que a Espanha deu ao feito do almirante. Segundo Varela (2005), entre os tripulantes era grande a presença de portugueses e um bom número de italianos. Por ser aquela uma expedição de cunho tríplice: colonizadora, conquistadora, e evangelizadora, foram enviados pela primeira vez ao Novo Mundo alguns religiosos, dirigidos pelo vigário apostólico Frei Bernardo Buil.

A presença de mulheres na frota é outra questão que não é consensual entre os historiadores, talvez pelo fato de que tanto Las Casas quanto Fernando Colombo, não as mencionaram como participantes na viagem. Irving, Madariaga, Ballesteros e Taviani tampouco fazem qualquer alusão em suas obras sobre o assunto. Morison (1942), por sua vez, afirma categoricamente: “Nenhuma mulher embarcou na frota, não consegui achar qualquer evidência clara de mulheres espanholas sendo enviadas para *la Española* antes de 1498, quando foi permitido a Colombo levar uma para cada dez emigrantes (MORISON, 1942, p. 57)<sup>301</sup>. Varela (2005) e Marquéz (2006), entretanto, apresentam outro entendimento: “E, apesar do que se vem afirmando, sim, mulheres participaram. Não devia ser um grupo numeroso, pois se fora assim, as fontes teriam mencionado. Em todo caso Colombo levou sua criada, Maria, e pelo menos outra mulher deu a luz nas Índias” (VARELA, 2005, p. 123)<sup>302</sup>.

“Conhecemos as três primeiras mulheres que fazem parte da expedição e que se chamavam Maria de Granada; Catalina Rodríguez, moradora de Sánlúcar, y Catalina Vázquez”. (MARQUÉZ, 2006, p. 252)<sup>303</sup>. A posição desses dois autores parece ser a correta, principalmente, se nos valermos do extenso estudo sobre a segunda viagem colombina realizado por Guerrero (2002), no qual a historiadora traz todo o rol dos que embarcaram naquela ocasião. Ao tratar a questão da presença de mulheres na frota, a autora é categórica em relação ao assunto:

O comparecimento de mulheres nesta viagem, podemos atestar por meio de várias fontes. O próprio Cristóvão Colombo nos dá a conhecer a presença de mulheres nas 17 naves ao anotar na carta relação da segunda viagem que entregou um pequeno menino índio *a uma mulher que veio de Castela para aqui*. Dom Fernando, ao falar das enfermidades da maior parte dos espanhóis que permanecem em *la Isabela* escreve “*sucederam as coisas dos cristãos tão*

---

<sup>301</sup> “Not a single woman was taken aboard the fleet, nor can I find clear evidence of Spanish women being sent to Hispaniola before 1498, when Columbus was allowed to recruit one for every ten emigrants”.

<sup>302</sup> “ Y, a pesar de lo que se ha venido afirmando, sí participaron mujeres. No debía ser un grupo numeroso ya que, de haber sido así, las fuentes lo habrían mencionado. En todo caso Colón llevó a su criada, María, y al menos otra mujer dio a luz en las Indias”.

<sup>303</sup> “Conocemos las tres primeras mujeres que forman parte de la expedición y que se llamaban María de Granada; Catalina Rodríguez, vecina de Sanlúcar, y Catalina Vázquez”.

*prosperamente que, não sendo mais que seiscentos e trinta, a maior parte doentes, e muitas mulheres e jovens[...] o que explica a presença de famílias completas, ao mencionar os jovens, algo perfeitamente lógico em uma expedição de assentamento. Por último, remetemos a lista mencionada na qual vemos os nomes próprios de algumas mulheres como Catalina Rodríguez, Catalina Vásquez e Maria de Granada. (GUERRERO, 2000, p. 184, grifo nosso)<sup>304</sup>.*

Outra característica desta viagem é o fato de haver entre os que embarcaram alguns fidalgos e pessoas de grande qualidade, a exemplo de Antonio de Torres, irmão da ama do príncipe João; o doutor Diego Álvarez Chanca, físico da rainha Isabel, o primeiro médico a vir para o Novo Mundo (VARELA, 2005), e que também foi autor de um excelente relato<sup>305</sup> da viagem; Alonso de Hojeda, um típico conquistador (BALLESTEROS BERETTA, 1945); Pedro Margarit, protegido do rei e conhecido de Colombo (TAVIANI, 1988); Juan Ponce de León, o futuro descobridor da Flórida e Porto Rico; Pedro de Las Casas, pai do Frei Bartolomé de Las Casas, e muitos outros *gentilhommes* (VARELA, 2005). Enfim, ao contrário da primeira expedição de 1492, cujos tripulantes eram simples marinheiros, vários deles só se alistando por influência de Martín Alonso Pinzón, desta feita, muitos devem ter sido impedidos de acompanhar Colombo por não haver mais espaço nos navios, o que nos permite inferir, ser bem provável que entre os fidalgos embarcados, um e outro, ou quem sabe todos eles, estavam entre os que zombaram do almirante, e da sua insistência por sete anos com os Reis Católicos, tentando aprovar um projeto considerado como insano pelos sábios do reino.

A rota inicial da frota após a partida foi a mesma de 1492, dirigiram-se às Canárias com grande cuidado para não encontrarem com navios portugueses ou de corsários, orientação que Colombo recebeu dos próprios reis (VARELA, 2005). Após cinco dias de navegação tranquila, aportaram em *la Gomera*. Permaneceriam ali até o dia 13 de outubro, quando então partiriam para mais uma vez cruzar o Atlântico. Assim podemos sintetizar aquela viagem:

---

<sup>304</sup> “La comparecencia de mujeres en este viaje la podemos atestiguar por médio de varias fuentes. El propio Cristóbal Colón nos da a conocer la presencia de mujeres en las 17 naves al anotar en la Carta Relación del segundo viaje que entregó un pequeño niño indígena “*a una muger que de Castilla acá benía.*” Don Hernando, al hablar de la enfermedad de la mayor parte de los españoles que permanecen en la Isabela escribe “*sucedieron las cosas de los cristianos tan prósperamente que, nosiendo más de seisientos treinta, la mayor parte enfermos, y muchas mujeres y muchachos, ...*”<sup>419</sup> lo que indica la presencia de familias completas, al mencionar a los muchachos, algo perfectamente lógico en una expedición de asentamiento. Por último, remitirnos a la nómina mencionada en la que vemos los nombres propios de algunas mujeres como Catalina Rodríguez, Catalina Vásquez y María de Granada”.

<sup>305</sup> *Carta del doctor Diego Alvarez Chanca al Cabildo de Sevilla*: GIL, Juan. **Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetâneas**. Madrid: Alianza, 1984, p. 152-176.

Tudo parece indicar que, nesta ocasião, Colombo decidiu tomar uma rota mais meridional, oeste quarta do sudoeste, com a esperança de encontrar novas ilhas, aquelas que lhe haviam falado os índios de *La Española* que se estendia como um arco a sudeste do Haiti. A travessia, que durou vinte e um dias – de 13 de outubro a 3 de novembro em que percorreram 820 léguas – resultou ideal. Nenhuma das naves apresentou a mínima avaria, não sofreram com ciclones e somente padeceram uma tormenta com duração de quatro horas; navegaram sempre com ventos favoráveis soprando constantes e com mais força que na viagem anterior. Naquela ocasião os navios se haviam mantido entre os paralelos 28° e 26°, até que, ao verem aves, desceram até o 24°; nesta já desde a saída tomaram o paralelo 16° exatamente o paralelo em que encontraram terra na manhã de 3 de novembro: uma ilha que o almirante, posto que o dia era domingo, a chamou *La Dominica*, nome que até hoje se conserva. (VARELA, 2005, p. 124)<sup>306</sup>.

A partir daí para chegar a *la Española*, Colombo ordenou que rumassem para o norte pela rota que costumavam fazer os indígenas seguindo pelas Antilhas menores. Foram descobrindo mais ilhas, entre elas, duas que batizou com os nomes de *la Deseada* e *la Guadalupe*, onde se detiveram por uma semana, em razão de que alguns espanhóis se extraviaram (VARELA, 2005). Conforme muito bem nos alerta Varela (1982), nada que se refere a Colombo pode ser classificado com algo simples, pois até mesmo a escolha do nome para uma pequena ilha alimenta o pensamento investigativo dos historiadores, por conta de diversas interrogações que a historiografia colombina ainda busca responder. Por exemplo, na defesa de sua tese do pré-descobrimento e do piloto anônimo, Manzano (1989) faz uma longa e interessante exposição sobre as razões que levaram o almirante a escolher o nome de “*a Desejada*”, para uma pequena ilha, que segundo esse autor, baseado em Oviedo e Gómara, teria sido a primeira a ser descoberta durante a segunda viagem, e não a *Dominica*, conforme Casas (1986), Fernando Colombo e Anglería sustentam. Manzano questionou porque uma pequena ilha na rota daquela viagem mereceu ser chamada de “desejada” e não a *Guanahani*, que foi batizada de São Salvador, mesmo após o alívio de avistarem terra em 12 de outubro de 1492, após quase terem retornado a Espanha em total fracasso. Para o historiador a resposta para essa pergunta é um forte argumento em defesa da existência do protonauta, pois entre as informações que o possível

---

<sup>306</sup> “Todo parece indicar que, en esta ocasión, decidió Colón tomar una ruta más meridional, oeste cuarta del sudoeste, con la esperanza de encontrar nuevas islas, aquellas de las que le habían hablado los indios de La Española que se extendía como un arco al sudeste de Haití. La travesía, que duró veintiún días – desde el 13 de octubre al 3 de noviembre en los que recorrieron 820 leguas – resultó ideal. Ninguna de las naves tuvo la más mínima avería; navegaron siempre con vientos favorables que soplaban constantes y con más fuerza que en el viaje anterior. En aquél las naves se habían mantenido entre los paralelos 28° y 26° hasta que, al ver aves descendieron hasta el 24°; en este ya desde la salida tomaron el paralelo 16° exactamente el paralelo en el que encontraron tierra en la mañana del 3 de noviembre: una isla que el almirante, puesto que el día era domingo, llamó La Dominica, nombre que aún hoy conserva”.

primeiro descobridor teria passado a Colombo, constaria que após navegarem a 750 léguas das Canárias, avistariam terra. E Colombo depois de percorrer essa distância em 1492, deve ter imaginado que por algum desvio não a encontrou onde esperava, e só chegou a *Guanahani* aproximadamente 1088 léguas desde que passaram pela ilha de *Hierro*, a última das Canárias, em seu trajeto de ida. Portanto, para Manzano, quando na segunda viagem Colombo descobriu primeiro aquela pequena ilha (não a *Dominica*), não se conteve em nomear-lhe com o sentimento que lhe aflorou por ter confirmado seu projeto inicial: a veracidade do relato do piloto anônimo e seu “desejo” de estar exatamente onde aquele desditoso navegador lhe havia descrito vários anos antes<sup>307</sup>:

Dissemos que o grupo de ilhas aonde chegou a expedição colombina na madrugada de 3 de novembro se encontrava a 750 léguas de sua base de partida (a ilha de *Hierro*), que era a distância exata fixada pelo lígure a seus companheiros na primeira viagem [...] Os cálculos primitivos do genovês haviam resultado exatos. Com esta descoberta ficava plenamente comprovado que o lígure não havia tentado enganar a ninguém; nem aos reis, nem aos membros da Junta examinadora de seu projeto, nem a seus companheiros da expedição anterior. Na presente ocasião, Colombo podia se orgulhar disso. Havia triunfado em tudo. (MANZANO, 1989, p. 492-493)<sup>308</sup>.

O estudo realizado por Manzano para sustentar a teoria do pré-descobrimento, conforme mencionado anteriormente, merece toda atenção, não apenas por se tratar o autor de um grande especialista do tema, mas também pela apresentação criteriosa de suas ideias, confrontando diversos autores e as principais fontes primárias da historiografia colombina. Entretanto, existem questionamentos que quando confrontados com suas ponderações trazem à tona algumas inconsistências que a princípio parecem ser insanáveis, sobre as quais ainda iremos tratar.

De qualquer forma, voltando aos expedicionários, Colombo aproveitou a espera pelo regresso dos homens que se adentraram no interior de Guadalupe, para também explorar a ilha. Em uma das aldeias viram cabeças humanas penduradas e cestas com ossos humanos, o que

---

<sup>307</sup> Para uma avaliação completa desta questão sobre o nome da primeira ilha descoberta durante a segunda viagem, cf. MANZANO, Juan Manzano Y. **Colón y su secreto: el predescubrimiento**. Madrid: ECH, 1989p. 477-494.

<sup>308</sup> “ Dijimos que el grupo de islas a donde arribó la expedición colombina en la madrugada del 3 de noviembre se encontraba a 750 leguas de su base de partida (la isla de Hierro), que era la distancia exacta fijada por el ligur a sus compañeros del primer viaje [...] Los primitivos cálculos del genovés habían resultado exactos. Con este hallazgo quedaba plenamente comprobado que el ligur no había tratado de engañar a nadie; ni a los reyes, ni a los miembros de la Junta dictaminadora de su proyecto, ni a sus compañeros de la expedición anterior. En la ocasión presente, Colón podía ufanarse de ello. Había triunfado en toda la línea”.



seria uma prova cabal que ali viviam índios canibais. A questão de canibalismo nas ilhas e terras do Caribe na época do descobrimento não deixa de gerar dúvida. Não há em nenhuma das cartas; relações; documentos etc; produzidos pelos descobridores, bem como nos escritos dos cronistas, qualquer relato em que alguém tenha sido testemunha ocular de algum ato ou ritual de canibalismo ou antropofagia; ou como prisioneiros de alguma tribo, ou às ocultas. A existência de rituais de antropofagia entre algumas tribos indígenas brasileiras nos primeiros anos da colonização portuguesa, como os Aymorés e Tupinambás, enfrenta pouca discussão entre os historiadores, a despeito de relatos como o do alemão Hans Staden<sup>309</sup>, cuja veracidade não é inquestionável.

Casas (1986), sempre disposto a defender os indígenas, apresentou a seguinte interpretação para as cabeças penduradas e as cestas de ossos:

Debían ser de señores o personas que ellos amaban, porque decir que era de los que comían, no es cosa probable; la razón es porque si ellos comían tanto como dicen algunos, no cupieran en las casas los huesos y cabezas, y parece que después de comidos, no había para qué guardar las cabezas y huesos por reliquias, si quizá no fuesen de algunos sus muy capitales enemigos, y todo esto es adivinar<sup>310</sup>. (CASAS, 1986, p. 369).

O humanista Pedro Mártir de Angleria, grande amigo de Colombo, explica o mesmo fato em suas *Décadas* da seguinte forma:

Al penetrar en sus casas contemplaron que tenían enseres de barro de todo tipo, tinajas, orzas, jarras y otros recipientes por el estilo no muy diferentes de los nuestros, y encontraron en sus cocinas carne humana cocida con carne de papagayo y ánsar, y otras, ensartadas en un espetón, dispuestas para asar. Al registrar los rincones y los escondrijos de las casas, se averiguó que en todas ellas se conservaba con extremado celo los huesos de las tibias y brazos humanos, para hacer las puntas de las flechas; en efecto, las fabrican de hueso, ya que carecen de hierro; los demás huesos los tiran una vez comida la carne. Encontraron la cabeza de un niño recién muerto colgada de una viga y todavía empapada en sangre<sup>311</sup>. ( *Décades*, II, 3) (GIL; VARELA, 1984, p. 52).

---

<sup>309</sup> Cf. STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**. Porto Alegre: LPM, 2008.

<sup>310</sup> “Deviam ser de senhores ou pessoas que eles amavam, porque dizer que os comiam, não é provável; e a razão é porque se eles comiam como alguns dizem, não caberiam nas casas os ossos e cabeças, e parece que depois de comidos, não havia porque guardar as cabeças e ossos como relíquias, se talvez não fossem de alguns de seus capitais inimigos, e tudo isso é adivinhação”.

<sup>311</sup> “Ao penetrar em suas casas viram que tinham pertences de barro de todo tipo, frascos, panelas e outros recipientes não muito diferentes em estilo dos nossos, e encontrarm em suas cozinhas carne humana cozida com carne de papagaio e ganso, e outras enfiadas em um espeto prontas para assar. Ao conferir os cantos e esconderijos das casas, verificou-se que em todas elas se conservavam com extremo cuidado os ossos das tibias e braços humanos, para fazer as pontas das flechas; com efeito as fabricam de osso,

Não nos cabe adentrar em uma discussão da qual nem mesmo os maiores colombistas modernos se ocuparam de forma mais específica. Entre tais autores, somente conseguimos verificar uma maior atenção ao tema nos escritos de Taviani, não sem antes ressaltar que fugia ao escopo de sua obra prosseguir na análise da questão:

Ao canibalismo prestaram atenção historiadores e geógrafos, antropólogos e sociólogos. Fica fora do tema desta obra tentar definir um argumento tão complexo e caracterizado por teorias diversas, em geral divergentes, às vezes contrastantes [...] No que se refere ao nosso tema, há que se observar que o citado Arens nega resolutamente a presença do canibalismo na América do Sul, e, portanto, nega também o canibalismo dos tupinambás e dos caribes. Mas estas suas teses são preconcebidas e não demonstradas adequadamente, pelo que não são convincentes. Sobre o canibalismo dos caribes das Pequenas Antilhas, os testemunhos contemporâneos são tais e tantos que – depurados os exageros, fantasias e contos novelescos – nos garantem a substancial veracidade do fenômeno [...] (TAVIANI, 1988, p. 142-147)<sup>312</sup>.

*A priori* o posicionamento de Taviani parece ser a melhor interpretação do assunto, contudo entendemos que o tema comportaria maiores investigações por parte da historiografia colombina, no sentido de se obter um melhor esclarecimento do contato dos primeiros europeus no Novo Mundo com a ocorrência do canibalismo entre as tribos locais. O conhecimento mais aprofundado dessa característica dos autóctones das primeiras terras descobertas por Colombo – negada por alguns, acreditada por muitos – poderia ajudar na compreensão, por exemplo, do porque não há nenhum registro de algum homem branco que tenha sido vítima do canibalismo daqueles índios, ao contrário dos relatos de europeus que foram devorados pelas tribos canibais brasileiras.

Após terem descoberto nova ilha, a qual foi batizada pelo almirante com o nome de Santa Maria de Montserrat, chegaram à ilha Santa Maria, onde ocorreu o primeiro confronto violento com os caribes. Essa ocorrência, despertou pela primeira vez em Colombo, o entendimento de que os caribes eram inimigos naturais dos Reis Católicos, e, portanto, sujeitos

---

pois não conhecem o ferro; os demais ossos os tiram uma vez comida a carne. Encontraram a cabeça de um menino recém morto pendurada em uma viga e ainda molhada de sangue”.

<sup>312</sup> “Al canibalismo han prestado su atención historiadores y geógrafos, antropólogos y sociólogos. Queda fuera del tema de esta obra intentar definir un argumento tan complejo y caracterizado por teorías diversas, a menudo divergentes, a veces contrastantes [...] Por lo que se refiere a nuestro tema, se tiene que observar que el citado Arens niega resueltamente la presencia del canibalismo en América del Sur, y, por tanto, niega también el canibalismo de los tupinambas y de los caribes. Pero estas tesis tuyas son preconcebidas y no adecuadamente demostradas, por lo que no son convincentes. Sobre el canibalismo de los caribes de las Pequeñas Antillas, los testimonios contemporáneos son tales y tantos que – depurados de exageraciones, fantasías y cuentos novelados – nos garantizan la sustancial veracidad del fenómeno [...]”

a captura e escravidão. O evento fez com que acelerassem a marcha, e oito dias depois chegaram a *la Española*.

Dirigiram-se ao forte *la Navidad* no dia 27, e ao chegarem no local, a paliçada não existia mais, havia se transformado em um monte de escombros com sinais de incêndio; e não tardou para encontrarem alguns dos cadáveres dos trinta e nove europeus que haviam sido deixados para iniciarem uma colônia no Novo Mundo. Aparentemente os homens haviam sido mortos a cerca de um mês. Colombo, evidentemente, ficou muito entristecido com o ocorrido, além de bastante surpreso em razão da amistosidade com que os *taínos*<sup>313</sup> os tinham recebido quando do primeiro encontro. Não quis acreditar que o povo do cacique *Guacanagari* tivesse perpetrado tal violência. Por outro lado, deve ter considerado a possibilidade de que os que ficaram em *la Navidad*, contrariando suas ordens, teriam explorado os índios e tomado suas mulheres. *Guacanagari* por sua vez, alegando estar ferido em uma das pernas, enviou seu irmão para tentar demonstrar ao almirante a tristeza na qual se encontrava pelo acontecido. O enviado não tardou em relatar para o descobridor que pouco depois que partiram de retorno para a Espanha, aqueles homens começaram a brigar entre si em disputa por ouro, e após isso, dois deles mataram a outro companheiro, e junto com alguns outros fugiram para as terras do cacique *Caonabó*<sup>314</sup>, onde foram mortos por este chefe indígena. E a suposta explicação para a ferida de *Guacanagari* foi de que, ao se juntar aos demais espanhóis para combater *Caonabó* teria sido atingido na perna.

Logo após ser informado dessas coisas, Colombo foi até a aldeia em visita a *Guacanagari*, o qual o recebeu com muito respeito e cordialidade lamentando em meio a lágrimas a sorte dos espanhóis de *la Navidad*. Ainda que o tipo de ferida, tenha indicado a Colombo, que fora ocasionada por uma flecha índia, restou alguma suspeita quanto à sinceridade do chefe dos *taínos*. Contudo na ausência de testemunhas, não havia o que fazer, senão crer na história. Passado o lamento e questionamentos sobre a situação, a exploração não podia tardar, e no dia 7 de dezembro, Colombo navegou no sentido leste da ilha. O objetivo era explorar com mais tempo a região de Cibao, pois durante a primeira viagem, após descobrirem o imponente *Monte Christi*, receberam informação dos indígenas que aquelas terras governadas por *Caonabó* estavam repletas de ouro. A pronúncia do nome “Cibao” por aqueles selvagens

---

<sup>313</sup> Nome pelo qual eram conhecidos os aborígenes de *la Española* (Haiti), Bahamas, Cuba e ilhas próximas. Acredita-se que constituíam um subgrupo dos Arawaks que habitavam a região do Orinoco, atual Venezuela.

<sup>314</sup> No idioma Taíno: “*Senhor da casa do ouro*”. Aqueles índios chamavam “caona” ao ouro e “boa” a casa, por isso designavam com este nome o cacique de Cibao (MANZANO, 1989, p. 412).

levou o almirante a acreditar que havia encontrado Cipango, que seria na verdade não uma ilha, mas sim uma região no interior de *la Española*. Casas já havia chamado atenção no relato do *Diario* da primeira viagem, para o fato de que Colombo embora trouxesse consigo o mapa de Toscanelli, havia concluído que o sábio florentino estava errado quanto à localização exata da ilha de Cipango. Com o desaparecimento de *la Navidad*, e convicto de que a região interiorana de Cibao era a das minas de ouro, decidiu fundar próximo a *Monte Christi* a primeira cidade do Novo Mundo, *la Isabela*:

Era necessário buscar um novo local. Os homens não podiam continuar vivendo nos barcos ou em cabanas improvisadas. Por isso escolheu um promontório, a 30 léguas de La Navidad, onde oficialmente foi fundada a cidade de La Isabela, em lembrança da rainha católica. No dia 6 de janeiro de 1493<sup>315</sup> frei Buil e seus frades concelebraram a primeira missa do Novo Mundo. (VARELA, 2005, p. 126)<sup>316</sup>.

Entretanto, as enfermidades começaram a acometer vários dos homens, inclusive o almirante, mesmo assim ele estava determinado a provar que aquelas ilhas eram parte da Ásia e que havia naquela região uma passagem para o continente (VARELA, 2005). Enviou então Alonso de Hojeda à frente de um grupo de cerca de vinte pessoas para explorar a ilha em busca das minas de ouro. Alguns dias depois, Hojeda retornava contando a Colombo que tinha encontrado próximo a uma grande montanha, um cacique que o recebeu de forma amistosa. No local viu que os índios colhiam ouro de alguns rios, e trouxe consigo algumas pepitas, informação que agradou ao almirante. Com a saúde melhorando Colombo decidiu enviar de volta a Espanha quinze dos dezessete navios da frota, levando em sua carga uns vinte índios, pouquíssimo ouro e algumas especiarias em nada parecidas com as existentes na Ásia (VARELA, 2005). O comando dos navios que retornavam foi dado a Antonio de Torres, que levou consigo um importante e extenso memorial<sup>317</sup> escrito por Colombo, pedindo aos reis católicos o envio de suprimentos para abastecer a colônia, e sugerindo o início de um comércio dos índios escravos<sup>318</sup> (VARELA, 2005).

---

<sup>315</sup> Evidente erro de impressão no original. O ano correto é 1494 (nossa nota).

<sup>316</sup> “Era necesario buscar un nuevo emplazamiento. Los hombres no podían seguir viviendo em los barcos o en chamizos improvisados. Para ello se escogió un promontório, a 30 leguas de La Navidad, donde oficialmente fue fundada la ciudad de La Isabela, en recuerdo de la reina católica. El día 6 de enero de 1493 fray Buil y sus frailes concelebraron la que se ha dado llamar la primera misa en el Nuevo Mundo “.

<sup>317</sup> *Memorial a Antonio Torres*, cf. VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón: textos y documentos completos**. Madrid: Alianza, 1982. p. 147-162.

<sup>318</sup> Assunto que não agradou principalmente a rainha Isabel.

Seguindo os passos de Hojeda, Colombo penetrou na ilha até chegar ao rio Iaque, onde mandou levantar um forte ao qual chamou de São Tomé, cujo comando delegou a Pedro Margarit. Construído com madeira e barro, tinha por objetivo conter um ataque indígena, haja vista que o almirante já não considerava os nativos locais como o “povo mais pacífico que Deus criou”. A expedição de Colombo a Cibao durante dezessete dias, pode se dizer que foi um fracasso, pois quase nada foi encontrado:

Talvez, foi então quando Colombo começou a se dar conta de que aquela ilha não era Cipango: nem havia ouro em abundância, nem especiarias em quantidade significativa nem as casas dos indígenas, os míseros bohíos, se assemelhavam as descrições de Marco Polo. O que fazer? Na colônia as pessoas começavam a murmurar e houve tentativas de motins. Em lugar de enfrentar a situação, decidiu o almirante zarpar para comprovar se Cuba era a desejada terra firme. (VARELA, 2005, p. 128)<sup>319</sup>.

Para Madariaga (1945), com a chegada de Antonio Torres na Espanha, a corte começou a desconfiar de Colombo: “seu ouro era escasso, seu “aloés” não era “aloés”; seu almíscar não era “almíscar”; sua “canela” não era “canela” (MADARIAGA, 1945, p. 386-387). E completa:

De modo que quando Antonio de Torres chegou com a notícia do desastre de *La Navidad*, todo este ambiente contrário contribuiu para reforçar a opinião dos que sustentavam que Colombo não a havia fundado para povoar, nem seguindo ordens especiais do Senhor, mas sim porque depois de haver perdido a nau capitânia, não tinha lugar a bordo para trazer as pessoas para a Espanha. “Foi forçado [...] a deixá-los” – disse Bernáldez – “porque, como perdeu o navio, não havia no que viessem, e isso se ocultou aqui e se disse que só ficaram para começar um povoado”. (MADARIAGA, 1945, p. 387)<sup>320</sup>

Vários historiadores descreveram Colombo como alguém de comportamento altivo, o que por si só pode não ser um defeito, e sim autoconfiança; o problema é que esta altivez estava acompanhada com certa dose de arrogância, o que nos leva a crer que diante do sucesso e

---

<sup>319</sup> “Quizá fuera entonces cuando Colón empezó a darse cuenta de que aquella isla no era Cipango: ni había oro en abundancia, ni especias en cantidad significativa ni las casas de los indígenas, los míseros bohíos, se asemejaban a las descripciones de Marco Polo. ¿Qué hacer? En la colonia la gente comenzaba a murmurar y hubo intentos de motines. En lugar de afrontar la situación, decidió el almirante zarpar para comprobar si Cuba era la deseada tierra firme”.

<sup>320</sup> “De modo que cuando llegó Antonio de Torres con la noticia del desastre de *La Navidad*, todo este ambiente contrario contribuyo a reforzar la opinión de los que sostenían que Colón no la había fundado para poblar, ni siguiendo órdenes especiales del Señor, sino porque después de haber perdido la capitana, no tenía sitio a bordo para traerse la gente a España. “Fué forzoso [...] dejarlos” – disse Bernáldez – “porque, como se perdió el navio, no habia em que viniesen, y eso se calló acá y se dijo que no quedaban sino por comienzo de pobladores”.

reconhecimento por parte dos reis em Barcelona, o almirante não deve ter poupado muitos daqueles cortesãos que o haviam menosprezado. Com as péssimas notícias trazidas por Torres a Espanha, não deve ter faltado burburinho entre aqueles que foram obrigados a tolerá-lo, mas que ainda o viam como um estrangeiro intruso e agora invejado. Naquele momento, alheio às intrigas cortesãs, Colombo percorreu a costa de Cuba até seu extremo oriental, e seguiu pela parte meridional sem nenhuma descoberta importante a não ser a ilha da Jamaica, em cujas proximidades passou por um grande número de pequenas ilhas, batizando o local com o nome de “Jardim da Rainha”. Nesse percurso foi atrasado por fortes ventos e tempestades com trovões e relâmpagos, muito comuns naquela região entre os trópicos. Aliás, durante todas as suas viagens nada foi mais evidenciado em Colombo que sua capacidade de navegador, o que certamente manteve a ele e a seus marinheiros vivos onde muitos perderam a vida. Sobre esse aspecto do almirante, Varela (1982) cita um trecho da *Relação* do também ligure Michele de Cuneo, datada de 15 de outubro de 1495, quando ambos se encontravam na ilha de *Saona* no extremo sudoeste de *la Española*, em cujo documento o italiano louvou a capacidade náutica de Colombo:

[...] no curso da navegação somente em ver uma nuvem ou uma estrela durante a noite julgava o céu que devia vir, e se fosse fazer mal tempo, ele em pessoa dirigia e permanecia no leme. E uma vez que havia passado a tempestade, ele largava as velas e os demais dormiam [...] não nasceu um homem tão esforçado e sábio na arte de navegar, como o dito senhor Almirante [...] (GIL;VARELA, 1984, p. 259).<sup>321</sup>

Vignaud, um dos mais ferrenhos críticos de Colombo, tem posição completamente oposta à de Michele de Cuneo, e ao comentar a inveja que o genovês despertou em seus inimigos, dispara: “Estrangeiro, sem nenhum antecedente conhecido, sem família, cosmógrafo medíocre, marinheiro sem experiência, de repente se viu elevado a uma alta posição, que seu caráter altivo, seu amor ao ganho e a ausência de faculdades afetivas, não perdeu” (VIGNAUD, 1925, p. 177)<sup>322</sup>.

---

<sup>321</sup> “(...) en el curso de la navegación, *solamente* con ver una nube o una estrella de noche juzgaba el cielo que debía venir, y si había de hacer mal tiempo, él en persona dirigía y permanecía al timón. Y una vez que había pasado la tempestad, él largaba las velas y los demás dormían[...] no ha nacido hombre tan esforzado y sabedor del arte de navegar como el dicho señor Almirante[...]”

<sup>322</sup> “Etranger, sans aucun antecedent connu, sans famille, cosmographe médiocre, marin sans expérience, il était parvenu tout d'un coup à une très grande situation, que son caractère altier, son amour du gain et l'absence de facultés affectives ne faisaient pas pardonner”.

Embora Vignaud seja contado entre os grandes colombistas, sua opinião é contestada, pois a característica<sup>323</sup> de grande navegador atribuída a Colombo, como bem destaca Taviani (1988), é reconhecida pela esmagadora maioria dos historiadores, incluindo entre eles, almirantes como Morison, bem como navegadores consagrados, a exemplo de Charcot (1928); e geógrafos-oceanográficos como Nunn (1992), sendo que este último, em um estudo<sup>324</sup> sobre os conceitos geográficos de Colombo, afirmou: “É desnecessário discutir esta questão. Colombo foi um dos grandes navegadores do mundo na era das navegações” (NUNN, 1992, p. 44)<sup>325</sup>. E outros, como Madariaga, que não perdem a oportunidade de criticar o descobridor, quando o assunto é navegação, reconhecem sua excelência: “Como bem disse Oviedo, navegar pelas estrelas se ensinava nas escolas de náutica, mas ninguém se atreveu a fazê-lo no mar até que Colombo o fez”(MADARIAGA, 1945, p. 284)<sup>326</sup>. Chamamos, novamente, atenção para o fato de que praticamente não há um só aspecto da história de Cristóvão Colombo que não apresente posições controversas entre os historiadores, mesmo que em alguns casos as opiniões divergentes sejam em menor número, elas não deixam de aparecer, às vezes em questões relevantes, outras nem tanto.

Proseguindo com as explorações feitas por Colombo durante a segunda viagem, após navegar por aquela grande quantidade de ilhas, ao chegar a Cuba, mais exatamente no seu extremo ocidental, no cabo que chamou de São João Evangelista, onde começa o setentrião da ilha, ele decidiu não prosseguir, por entender que do Cabo *Alfa e Ômega* até aquele ponto havia percorrido 335 léguas, o que poderia indicar que ali era terra firme (VARELA, 2005). Em razão disso, em 12 de junho de 1494, o almirante tomou uma das mais esdrúxulas decisões de sua carreira de descobridor:

Sem mais delongas em 12 de junho mandou lavrar ata de tão importante descobrimento. O escrivão da frota, Fernán Perez de Luna apresentou a todos os tripulantes um documento no qual deviam estampar sua assinatura se consideravam que a Juana, ou seja, Cuba, era terra firme. Todos assinaram,

---

<sup>323</sup> Para um conhecimento mais detalhado sobre as habilidades de navegação de Colombo para aquela época, cf. TAVIANI, Paolo Emilio. **Cristóbal Colón: génesis del gran descubrimiento**. Barcelona: Teide, 1988. v. 1, p. 247-252 e v. 2, p. 313-321; BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de America**. Barcelona: Salvat, 1945. t. 2, p. 741-763.

<sup>324</sup> NUNN, George E. **The geographical conceptions of Columbus: a critical consideration of four problems**. New York: American Geographical Society, 1992.

<sup>325</sup> “But it is needless to argue this point. Columbus was one of the foremost sailors of the world in the age of sails”

<sup>326</sup> “Como dice bien Oviedo, navegar por las estrellas se enseñaba en las escuelas de náutica pero nadie se atrevió a hacerlo en la mar hasta que lo hizo Colón”.

inclusive Juan de la Cosa que, poucos anos mais tarde desenharia em seu mapa a Cuba como uma ilha. (VARELA, 2005, p. 130)<sup>327</sup>.

Taviani demonstra mais ainda o insólito da situação:

Colombo convoca Perez de Luna, notário real [...] para que declarem que esta terra é o princípio das Índias, quer dizer, o continente. Se alguém houvesse tido uma opinião distinta, o Almirante o teria convencido de seu erro. Mas se declarassem e em seguida dissessem o contrário, seriam castigados com uma multa de 10.000 maravedis teriam a língua cortada. Quarenta homens, entre capitães, pilotos e marinheiros – Juan de la Cosa entre eles – declararam que nunca haviam nem haviam ouvido falar de uma ilha que se estendesse por 335 léguas de oriente a ocidente [...] (TAVIANI, 1989, p. 142)<sup>328</sup>.

Para Taviani (1989) Colombo mentia e sabia que mentia, mas quis legalizar a mentira, levando consigo os demais. E a razão era que para ele, aquelas terras nada tinham a ver com as ilhas presentes no imaginário medieval do ignoto Mar Tenebroso. Desde quando ele chegou ali pela primeira vez em 1492, os nativos já falavam de terra firme naquela região, além de várias ilhas. Em sua explicação ficava claro que ao expressarem o que entendiam por “ilha” era evidente que sabiam o conceito oposto. Varela (2005) tem o entendimento parecido com o de Taviani. Para ela, apesar dessa atitude de Colombo, ele na verdade sabia que se tratava de uma grande ilha, porém a ânsia de poder dizer que tinha chegado a Ásia, e com isso agradar ainda mais os Reis Católicos, pressionado pelo cansaço dos tripulantes que lhe rogavam para voltarem a la Isabela, decidiu que Cuba era terra firme, pelo menos no papel.

Segundo a mesma autora, por haver se encontrado em Lisboa quando do retorno de Bartolomeu Dias, Colombo teria tomado conhecimento de que o descobridor português depois de ter estado “às portas da Índia” e ter sido obrigado por seus homens a voltar,

---

<sup>327</sup> “ Ni corto ni perezoso el 12 de junio ordenó levantar acta de tan importante descubrimiento. El escribano de la flota Fernán Perez de Luna presentó a todos los tripulantes un documento en el que debían estampar su firma si consideraban que la Juana, o sea Cuba, era tierra firme. Todos firmaron, incluso Juan de la Cosa que, pocos años más tarde, dibujaría en su mapa a Cuba como una isla”

<sup>328</sup> “ Colón convoca Perez de Luna, notario real [...] para que declaren que esa tierra es el principio de las Indias, es decir, del continente. Si alguien hubiese tenido una opinión distinta, el Almirante lo habría convencido de su error. Pero si declaraban y firmaban su declaración y luego decían lo contrario, serían castigados con el pago de 10 000 maravedís y se les cortaría la lengua. Cuarenta hombres, entre capitanes, pilotos y marineros – Juan de la Cosa entre ellos – declararon que nunca habían visto ni habían oído hablar de una isla que se estendiese a lo largo de 335 leguas de oriente a occidente”.



mandou lavrar um documento registrando o fato. O almirante pode ter se inspirado nesse caso para “provar” que chegara na mesma Índia (MAPA 6).

Mapa 6- Concepção inicial de Colombo de Cuba como sendo uma península da Ásia.



Fonte: SALE (1992, p. 167)

Em meio a tudo isso, em uma viagem muito lenta e difícil, que durou mais de um mês, se aproximaram do cabo de São Miguel em *la Española*. Alguns homens foram enviados a *la Isabela* por terra, enquanto Colombo circunavegava a ilha. No dia 14 de setembro, ao chegarem na ilha de Saona, no sudoeste de Santo Domingo, iria ocorrer um eclipse lunar. Colombo então, de posse do Calendário de *Regiomontano* onde estava registrado a que horas o fenômeno seria observado em Lisboa, e sabendo da diferença de cinco hora e meia de atraso para ser visível em Saona, tentou medir a longitude Saona-Lisboa. Embora o resultado de  $82^{\circ}30'$  foi bem diferente dos corretos  $60^{\circ}$ , foi a primeira tentativa conhecida de se tentar estabelecer a longitude de um ponto no globo terrestre (VARELA, 2005).

A chegada a *la Isabela* ocorreu em 29 de setembro, trazendo como resultado a exploração de grande parte de Cuba, o quase ter contornado a Jamaica, e o dar a volta por *la Española*; contudo, sem ter avistado a Ásia (VARELA, 2005). Convém, entretanto, chamar atenção para um fato ocorrido antes da chegada ao povoado, que se tornaria uma constante na vida de Colombo: as doenças. Varela, assim o descreve:

[...] sofreu o almirante de uma estranha enfermidade que conhecemos pelo relato de seu filho Fernando, que não o acompanhava na ocasião. Disse Fernando que seu pai padeceu então de “modorra”, uma letargia ou sono

profundo com febre alta e alucinações que o mantiveram prostrado. Até 25 de setembro depois de mais de cinco meses de navegação e de estar nos últimos trinta e três dias quase sem dormir, Colombo sofreu uma colapso com prostração extrema que lhe causou uma forte depressão e grande debilidade das funções cardíacas, que o obrigou a ficar em repouso por cinco meses. Embora pela carência de dados não se possa estabelecer uma diferença de diagnóstico, os especialistas que estudaram este episódio da vida do descobridor não têm dúvida em afirmar que, passado o colapso, o almirante teve febre recorrente, que muito provavelmente foi resultado de tifo. A prolongada convalescença também pode ter sido devido a alguma complicação de paralisia parcial, desinteria, escorbuto ou um transtorno articular. (VARELA, 2005, p.131)<sup>329</sup>.

Ballesteros Beretta (1945) conta que a situação parecia tão grave que a tripulação assustada chegou a pensar que Colombo havia morrido; ou que, segundo Madariaga (1945), não duraria mais que um dia. Morison (1942) aponta um provável esgotamento nervoso em razão dos extremos esforços, má alimentação e falta de sono<sup>330</sup>, e se refere ao relato de Casas(1986), no qual o dominicano disse que Colombo tinha gota, atualmente mais conhecido como artrite, e lembra ainda que nas próximas duas viagens o almirante já embarcaria na Espanha sofrendo com a doença. De acordo com Morison, esse episódio seria a primeira evidência que temos da saúde precária do almirante. Entretanto, para Varela (2005), há referências de que já na primeira viagem Colombo apresentou sintomas de *beflarite*, uma inflamação das pálpebras, que pode ter sido ocasionada pelo esforço de ver através do sol forte, bem como de tentar enxergar a noite sob o efeito da alta humidade. A autora ainda destaca a tendência do almirante ao albinismo que o favorecia ver em ambiente noturno; e que é provável que já estivesse com a enfermidade quando pensou ter visto uma “luz como de vela que subia e descia” na noite em que avistou terra.

É importante que estejamos cientes de que Colombo não gozava de boa saúde, e que a situação se agravou a partir da segunda viagem, piorando nas seguintes. Seria o caso de considerar uma possível influência desse fato e sua relação com o insucesso do descobridor

---

<sup>329</sup> [...] sufrió el almirante una extraña enfermedad que conocemos por el relato de su hijo Hernando, que no le acompañó en esta ocasión. Dice Hernando que su padre sufrió entonces de “modorra”, un letargo o sueño profundo con alta fiebre y alucinaciones que le mantuvieron postrado. Hacia el 25 de septiembre después de más de cinco meses de navegación y de estar los últimos treinta y tres días casi sin dormir, Colón sufrió un colapso con postración extrema, que le produjo una fuerte depresión y gran debilidad de las funciones cardíacas, por lo que se vio obligado a permanecer en reposo durante cinco meses. Aunque por carencia de datos no se puede establecer diferencia de diagnóstico, los especialistas que han estudiado este episodio de la vida del descubridor no dudan en afirmar que, pasado el colapso, el almirante sufrió fiebre recurrente, que muy probablemente fuera tifus. La prolongada convalescencia pudo deberse también a alguna complicación de parálisis, disenteria, escorbuto o un trastorno articular”.

<sup>330</sup> Teria dormido três horas em oito dias (TAVIANI, 1989).

como governador e vice-rei das terras do Novo Mundo? A sua péssima atuação como administrador, as políticas desastrosas como colonizador, e as acusações de nepotismo por nomear para funções de mando a seus irmãos Bartolomeu e Diego, além de alguns amigos próximos, em detrimento de espanhóis que teriam igual ou maior capacidade que aqueles; fomentaram as críticas que chegaram aos Reis Católicos, levando-os a enviar Francisco de Bobadilla com ordens de assumir e destituir Colombo do governo de *la Española*, questão que abordaremos mais adiante. Apesar da procedência da falta de habilidade em terra, demonstrada pelo descobridor, em nada semelhante a que tinha no mar; não há como ignorar que com sua precária saúde, uma das soluções para comandar seria delegar seus poderes, principalmente a Bartolomeu, que embora fosse um bom conquistador, como *adelantado* (um tipo de delegado executor de ação colonizadora em nome da Coroa), deixava a desejar, e era tido como muito violento. Nesse sentido, ainda que tenha sido desastrosa a atuação de Colombo como representante dos reis, não podemos deixar de conjecturar até que ponto, o estar sujeito constantemente a enfermidades, possa ter comprometido sua liderança no Novo Mundo, considerando qualidades que inegavelmente ele tinha, mas que em virtude de sua frequente prostração, não se fizeram ver no seu comando em terra. Esta é uma questão que parece demandar maior investigação.

Depois da chegada a *la Isabela*, em seguida ao episódio do colapso, Colombo permaneceu por cerca de um ano e meio em Santo Domingo. Nesse período a única coisa positiva para o almirante foi a vinda de seu irmão Bartolomeu. A situação na colônia era péssima. Os europeus estavam mal alojados, famintos e em grande parte doentes, e os nativos extremamente inquietos. Como se não bastasse, muitos dos principais homens que vieram naquela viagem tinham regressado para a Espanha com as más notícias do desgoverno dos Colombo. O descobridor por sua vez tentava pacificar a ilha e controlar o território construindo sete fortes. Em meio a um ambiente desconfortável chega da Espanha Juan Aguado, o enviado dos reis para inspecionar a ilha, certamente por conta dos relatos daqueles que voltaram para casa. Ficou apenas o tempo suficiente para formar seu juízo, e retornou a Castela na mesma frota que em 10 de março de 1496 partiu levando Colombo. Ciente das dificuldades na colônia, o almirante encarregou a um triunvirato o governo da ilha: Bartolomeu como *adelantado*; Diego como governador, e Francisco Roldán na função de *alcalde mayor* (um tipo de juiz).

Colombo estava consciente das acusações feitas pelo padre Buil e Pedro de Margarit, e sabia que Juan Aguado, tampouco deveria aliviar em seu relatório para os reis. Depois de ter ouvido muitas queixas dos descontentes ex-colonos, que só queriam tomar rumo de casa, e alegavam que o almirante os impedia, não era difícil prever o conteúdo da prestação de contas

daquele comissário real (TAVIANI, 1989). Os dois navios partiram de *la Isabela* em uma quinta feira, 10 de março de 1496. A rota escolhida pelo descobridor foi diferente daquela de 1493, tomou a direção sul-sudeste para a ilha *Marigalante* onde bordaram a 9 de abril, tendo navegado com ventos contrários todo o trajeto.

No dia seguinte, atracaram em *Guadalupe*, no mesmo local onde dois anos e meio atrás a frota de dezessete navios fez escala (TAVIANI, 1989). Permaneceram ali por nove dias para reabastecimento com água e víveres, tempo suficiente para notar uma grande presença de mulheres índias de posse de arcos e flechas, o que levou Colombo a crer que aquela era a “ilha das mulheres”, a *Matinino* das histórias de Marco Polo (TAVIANI, 1989). A existência das supostas amazonas, era um assunto que sempre prendeu sua atenção quando da leitura de alguns de seus livros de cabeceira, como: *Imago Mundi*, *Historia Rerum e Vitae* de Plutarco. Talvez seja por isso que historiadores como Morison e Madariaga romantizaram o encontro dos espanhóis com os habitantes de *Guadalupe*. Os dois autores falam em uma recepção violenta sofrida pela tripulação ao descer a terra: “[...] os receberam em som de guerra um exército de mulheres” (MADARIAGA, 1945, p. 409); “[...] uma multidão de mulheres saindo da floresta se apresentaram aos visitantes com uma chuva de flechas [...]” (MORISON, 1942, p. 182). Ambos apresentam interpretações exageradas dos acontecimentos, pois nem Fernando Colombo, Casas (1986) chegam a este ponto, ao relatar a atitude de defesa das muitas índias. Ao compreender que o objetivo dos europeus era somente de buscar alimentos, apenas os instaram a passar para o outro lado da ilha, onde estavam seus maridos; o que por si só elimina a possibilidade de aplicação do conceito definidor de “amazonas” àquelas mulheres. Atentemos para um trecho de Casas:

Envió las barcas en tierra bem armadas, y antes que llegasen, salieron del monte muchas mujeres con sus arcos y flechas para defender que no desembarcasen. Y porque hacía mucha mar, no quisieron llegar a tierra, sino enviaron dos indios que llevaban desta Española, que fuesen a nado, los cuales dijeron a las mujeres que no querían sino cosas de comer y no hacer mal a nadie; respondieron las mujeres que se fuesen a la outra parte de la isla, donde estaban sus maridos en sus labranzas y que allá hallarían recaudo. (CASAS, 1986, p. 454)<sup>331</sup>.

---

<sup>331</sup> “Enviou as barcas bem armadas para terra, e antes que chegassem, saíram do monte muitas mulheres com seus arcos e flechas para impedir que desembarcassem. E porque o mar estava alto, não quiseram chegar a terra, apenas enviaram a nado dois índios que traziam consigo desde La Española, os quais disseram às mulheres que queriam somente o que comer e não fariam mal a ninguém; as mulheres responderam que fossem a outra parte da ilha onde seus maridos trabalhavam e que lá achariam ajuda”.

O entendimento de Taviani (1988) sobre o episódio nos parece muito mais sóbrio. Colombo quis convencer a si mesmo que estava na ilha das famosas amazonas: “A Colombo importava que a ilha das mulheres existisse realmente tanto pela curiosidade de um fenômeno tão fora do comum como porque teria constituído um indício, senão uma prova, de que verdadeiramente tinha chegado a Ásia” (TAVIANI, 1989, p. 207)<sup>332</sup>.

Depois que saíram de *Guadalupe*, navegaram lentamente por um mês, constantemente em alto mar. A tensão era grande, principalmente entre os pilotos que achavam que estavam perdidos, Colombo como sempre demonstrando confiança, assegurava que não estavam longe dos Açores. Com as provisões quase no fim queriam lançar ao mar os índios que levavam para economizar comida. Novamente o almirante interveio garantindo que logo veriam a costa portuguesa, o que de fato ocorreu em 8 de junho. A tripulação se acalmou e três dias depois, as caravelas atracavam no porto de Cádiz. Dali mesmo enviou mensageiro aos reis para informar de sua chegada. No trajeto de Cádiz para Sevilha passou na vila de *los Palacios* em visita ao amigo e cronista Andrés Bernáldez em cuja casa se hospedou (MARQUÉZ, 2006). E “[...] para estar em sintonia com as circunstâncias, Colombo chegou vestido com um pano de saco franciscano rústico, com corda incluída. É uma questão de devoção, dizem alguns; mimetismo, outros afirmam, mas em nenhum caso estaria longe de sua habitual teatralidade” (MARQUÉZ, 2006, p. 272-273)<sup>333</sup>.

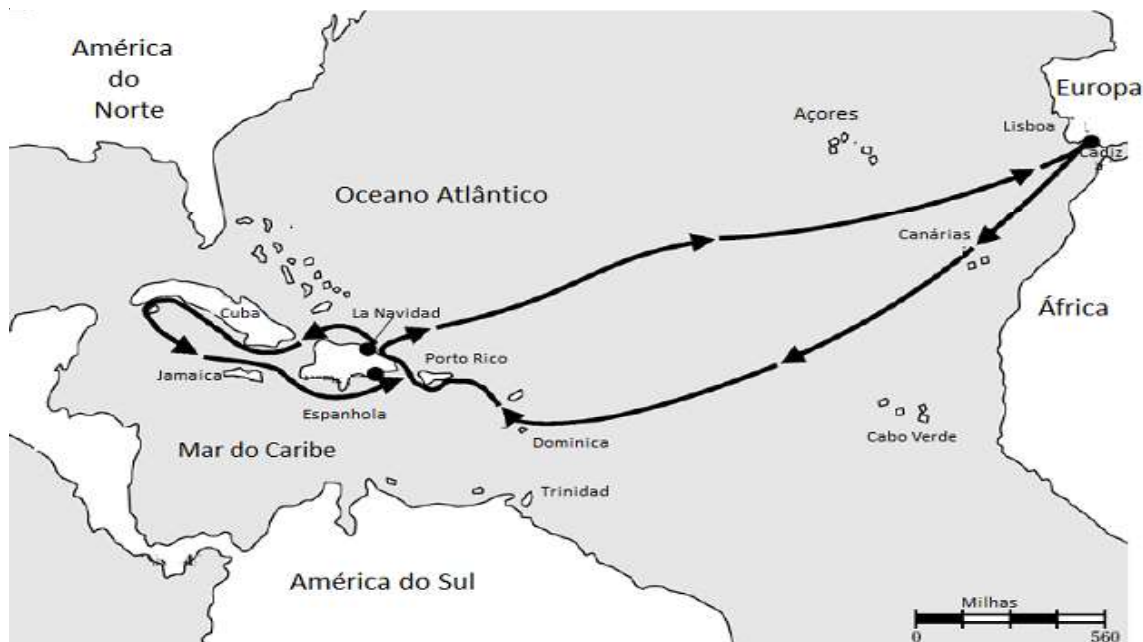
Era o fim da segunda viagem (MAPA 7), e ao contrário da exaltação e pompa de quando os dezessete navios partiram para as Índias, Colombo sabia que receberia mais pedidos de explicações que cumprimentos.

---

<sup>332</sup> “A Colón le importaba que la isla de las mujeres existiese realmente tanto por la curiosidad de un fenómeno tan fuera de lo común como porque habría constituido un indicio, si no una prueba, de que verdaderamente había llegado a Asia”.

<sup>333</sup> “[...] para estar a tono con las circunstancias, Colón llegaba vestido con un tosco sayal franciscano con cordón incluido. Es cosa de devoción, dicen unos; mimetismo, afirman otros, pero en ningún caso andaría lejos su acostumbrada teatralidad.

Mapa 7- Rota de ida e volta da segunda viagem.



Fonte: Desenho do autor (2019).

### 5. 3 A TERCEIRA VIAGEM: A QUEDA DO ALMIRANTE E O JULGAMENTO DE BOBADILLA

Em 1497 Colombo novamente passava por um período difícil na Espanha por razões diferentes daquelas que lhe sobrevieram durante os sete anos em que insistiu na aprovação de seu projeto de navegação. Havia desfrutado o ápice do sucesso quando da volta de sua primeira viagem, e agora em razão das notícias que Juan Aguado trouxera para os reis, corroboradas com os lamentos e acusações daqueles frustrados fidalgos que estiveram nas “Índias de Colombo”, sobravam adjetivos negativos sobre a empresa colombina. Ao contrário da recepção que tivera em Barcelona alguns anos atrás, o ânimo real agora era o de ouvir explicações. Fernando Colombo que não media esforços em poupar o pai, nada mencionou sobre a nova oposição que o almirante entrentava na corte, ao contrário, evitando qualquer nota sobre isso, considerou que os preparativos para a terceira viagem eram os normais para se expedir uma armada; e que Colombo queria voltar logo a *la Española*, pois sem ele lá, algo de ruim poderia acontecer. Atentemos as suas próprias palavras:

Después que el Almirante hizo la relación de todo lo que pertenecía al beneficio y población de las Indias, quería volverse á ellas prontamente, con temor de que faltando él, sucediese algún desastre ó desventura, mayormente quando do había dejado la gente en gran necesidad de muchas cosas que

habían menester todos para su manutención; pero aunque él hizo su instancia en esto, como las cosas de la corte suelen ir despacio, no pudo ser despachado tan brevemente, que no pasasen diez ú once meses antes de alcanzar la expedición de dos navios[...] (COLOMBO, 1892, p.31-32)<sup>334</sup>.

O silêncio proposital de Fernando para ocultar a desconfiança que naquele momento pairava sobre seu pai, fica muito mais evidente quando analisamos os relatos de Oviedo (1851) e Casas(1986), referentes àqueles mesmos dias. Las Casas que em geral, no que se refere a Colombo, costumava reproduzir as palavras de Fernando, nesse caso procura ser fiel a verdade, até porque trata da questão se referindo a queixas do próprio almirante. Vejamos o que escreveram o cronista e em seguida o frei:

Assi como el almirante estuvo algunos dias en la corte de los Cathólicos Reyes, satisfaciendo á las queixas é informaçones que contra él avian dado fray Buyl é otros, é fué con clemencia oydo y absuelto, como se dixo en el segundo libro; diósele liçençia que tornasse á la gobernaçion destas tierras , é mandáronle continuar el descubrimiento delas. (OVIEDO, 1851, p. 62)<sup>335</sup>.

Esto dice por los trabajos y nuevas resistencias y dificultades con que había habido los dineros para despacharse y los enojos recibidos sobre ello con los oficiales del Rey, y los disfavores y mal hablar que las personas que le podían con los Reyes dañar a estos negocios de las Indias daban; para remedio de lo cual le parecia que no le bastaba lo mucho trabajado, sino que de nuevo le convenia, para cobrar nuevo crédito, trabajar. (CASAS, 1986, p. 521)<sup>336</sup>.

Tanto Oviedo (1851) quanto Casas (1986) demonstram claramente a omissão de Fernando Colombo em relatar a verdade, e quando Oviedo diz que Colombo “foi ouvido e absolvido” não é difícil constatar que os Reis Católicos não aliviaram para ele; ao contrário, a absolvição a que Oviedo se refere, considerando a expectativa dos reis, fazia às vezes de um ultimato:

---

<sup>334</sup> “ Depois que o Almirante relatou tudo que implicava no benefício e povoamento das Índias, queria voltar a elas imediatamente, com medo de por ele não estar ali, acontecesse algum desastre ou desventura, principalemnet porque havia deixado as pessoas com muita necessidade de coisas para sua manutenção; contudo ainda que insistiu nisso, como as coisa na corte costumavam andar devagar, não pode ser enviado antes que se passassem dez ou onze meses, para conseguir a expedição dos navios”.

<sup>335</sup> “ Assim como o almirante esteve alguns dias na corte dos Reis Católicos, respondendo ás queixas e informaçoes que contra ele haviam dado frei Buil e outros, no que foi ouvido com clemência e absolvido, como dito no segundo livro; foi dado-lhe licença para que voltasse ao governo destas terras, e mandaram-lhe continuar o descobrimento delas”.

<sup>336</sup> “Isso ele disse pelos esforços, novas resistências e novas dificuldades com que havia conseguido o financiamento para viajar e a ira que os oficiais do Rei sobre o assunto, bem como os desfavores e maledicência daqueles próximos aos Reis e que podiam trazer dano a estes negócios das Índias; não sendo suficiente remediar invocando o quanto tinha trabalhado, mas que convinha para pedir novo crédito, trabalhar”.

O tempo jogava contra o Almirante. Nosso descobridor estava consciente que seu triunfo na corte em 1497, ou se apoiava em feitos concretos e satisfatórios ou a empresa das Índias mudaria de rumo irremissivelmente. Dito de outra forma: ou o estabelecimento colombino seguia comandado unicamente por ele com realidades convincentes e sem que o controle saísse de suas mãos, ou a Coroa o descartaria definitivamente pelo fracasso. Assim estavam as coisas e assim as devia sentir o grande Almirante, se analisarmos a amargura em seus escritos e se avaliarmos o seu comportamento durante aqueles meses e as angústias terríveis que o fizeram “se aborrecer da vida”. (MARQUÉZ, 2006, p. 283)<sup>337</sup>.

É bastante claro o quadro da real situação que o almirante enfrentava nos dias que antecederam sua terceira viagem, e que era necessário realizar por conta da posição que ele e a empresa das Índias se encontravam no conceito dos reis, os quais ainda o consideravam merecedor de crédito, contrariando as muitas vozes que ouviram de opositores que não queriam mais Colombo á frente daquelas viagens exploratórias e colonizadoras. No entanto, se levarmos em conta a sua incapacidade política e governamental, tão logo colocasse os pés em terra, o prognóstico era o pior possível, e se confirmaria de forma retumbante. Não nos esqueçamos que ao contrário de Colombo, Fernando e Isabel sabiam governar, e muito bem por sinal. Por serem extremamente pragmáticos, ao mesmo tempo em que acederam a uma nova viagem do descobridor, mantendo seus privilégios, decidiram licenciar a outros interessados para que mediante capitulações empreendesem expedições as Índias, ou seja, Colombo não deteria mais a exclusividade nos descobrimentos, fato que o levou dizer: “Até os alfaiates se empenham em descobrir!”<sup>338</sup>(VARELA, 2005, p. 137).

Com esse antecedente e a permissão de viajar, não foi fácil recrutar tripulantes para oito navios que comporiam a frota, por isso houve ordens reais para a deportação de presos e promessas de indultos. No final, duzentos e vinte e seis<sup>339</sup> homens se apresentaram, dentre eles

---

<sup>337</sup> “El tiempo para el gran Almirante jugaba en su contra. Nuestro descubridor era consciente de que su triunfo cortesano de 1497 o se apoyaba en hechos concretos y satisfactorios o la empresa de las Indias cambiaría de rumbo irremisiblemente. Dicho de otra manera: o la factoría colombina seguía bajo su único mando con realidades convincentes en su haber y sin que se le fuera de las manos o la Corona prescindiría definitivamente de él por fracasado. Así estaban las cosas y así las debía sentir el gran Almirante, si analizamos la amargura de sus escritos y si valoramos el comportamiento que tiene durante estos meses y aquellas angustias terribles que le hicieron “aborrir la vida”.

<sup>338</sup> “ ¡Hasta los sastres se empeñan en descubrir!”

<sup>339</sup> Segundo Varela (2005) a previsão dos reis era para o embarque de cerca de 330 pessoas. Marquéz (2006) por sua vez fala em uma previsão de 300 tripulantes que Colombo teria conseguido ampliar a permissão para 500, o que se mostrou excesso de otimismo, e que em razão do desprestígio que pairava sobre a empresa das índias, e o pouco incentivo oferecido aos passageiros, resultou no final a uma cifra de 250 homens.



dez assassinos, um número bem menor do que se costuma apregoar sobre a presença de marginais<sup>340</sup> nesta terceira viagem (VARELA, 2005). Em 6 de maio a frota zarpava do porto de *Sanlúcar de Barrameda* com cinco navios aos quais se juntou mais um no porto de Cadíz (VARELA, 2005). Colombo optou por uma rota inicial diferente as duas viagens anteriores, dirigindo-se a Porto Santo nas ilhas da Madeira, provavelmente para desviar-se de uma frota francesa que estaria ancorada no cabo de São Vicente na costa portuguesa. De Porto Santo retomou o caminho acostumado para *la Gomera e Hierro* nas Canárias. Partiu dali tomando o rumo sul objetivando navegar na direção mais meridional possível dentro do limite do Tratado de Tordesilhas.

Na sua concepção as terras da Índia se localizavam a sudoeste das ilhas que havia descoberto, e que a melhor estratégia a ser seguida seria manter-se ao sul das Canárias até se achar abaixo da linha equinocial, e uma vez cruzado o Equador, virar para o rumo oeste aproveitando os ventos favoráveis que invariavelmente sopram entre os trópicos. Após seis dias de navegação, em 21 de junho, a armada chegava ao arquipélago de Cabo Verde onde os navios permaneceram ancorados até 4 de julho. A escala, segundo Varela (2005), foi necessária devido a uma nova crise de gota do almirante. Após saírem de Cabo Verde em 19 de julho, o mar ficou extremamente calmo, resultando em dez dias sem vento algum. Por causa do calor muitos dos tonéis de vinho se romperam e a comida apodreceu. Pela primeira vez uma frota espanhola navegava tão ao sul do globo, e naquela situação parecia que os antigos tinham razão sobre a impossibilidade de sobreviver abaixo do Equinócio. Enquanto os marinheiros estavam apavorados o almirante aproveitava para obter novas provas da ocorrência da declinação magnética e tomava notas das variações. Não há como ignorar o quão confortável ele se sentia dentro de um navio em alto mar. As dificuldades que demonstrava em lidar com as pessoas, pareciam desaparecer quando era levado pelas ondas. Não importava quais fossem as situações que o oceano criava, Colombo “não deixava de observar tudo quanto lhe parecia novidade e interessante”<sup>341</sup>. (VARELA, 2005, p. 138).

A situação piorava a cada dia. Em 31 de julho começaram a racionar água, e enquanto o almirante se preparava para ordenar a mudança de rota para o norte, enfim avistaram terra. Além de todas as dificuldades do percurso, Colombo ainda sofreu fortemente de gota e foi a partir desta viagem que os historiadores concordam que a deterioração da sua saúde se fez mais

---

<sup>340</sup> Duas cédulas reais foram assinadas em 22 de junho de 1497 concedendo indulto a todos os criminosos que desejassem ir a La Española, com exceção dos herejes, falsificadores de moeda e sodomitas. O recrutamento resultou em apenas dez malfeitores, seis castelhanos e quatro egípcios, sendo entre estes duas mulheres e dois homens (MARQUÉZ, 2006, p. 284).

<sup>341</sup> “No dejaba de observar todo cunto le parecia novedoso y de interés”.

evidente com constantes crises de artrite (MARQUÉZ, 2006). Como nas vezes anteriores divisaram uma ilha, que Colombo chamou *la Trinidad*, nome que permanece ainda hoje. Foi dessa ilha que em 1 de agosto avistaram uma grande extensão de terra: o continente sul-americano. Em seu trajeto para o continente, mais intempéries sobrevieram aos navios com o surgimento de ondas tão grandes que os levantavam e faziam cair no vazio até tocarem novamente as águas; a sensação era de naufrágio iminente. Foi com extrema dificuldade que escaparam de fortes correntes através de um estreito a que chamou de *boca de la sierpe* (boca da serpente). Estavam navegando pelo Golfo de Pária na costa da atual Venezuela, onde um grande rio, o Orinoco, deságua formando um enorme delta. Tiveram ali a oportunidade de observar um formidável fenômeno natural: o “*macaréu*”, mais conhecido no Brasil por “*pororoca*” produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas, e que ocorre também no encontro do rio Amazonas com o mar, cujo significado da palavra no idioma Tupi é “estrondo”, ocasionado pela força da água que vinda da cabeceira provoca um barulho muito forte e inconfundível. Algo tão inusitado, desconhecido pelos homens do velho mundo, aliado a uma beleza exuberante da região, impressionou Colombo ao ponto de dizer que acreditava que em algum lugar naquela terra se situava o Paraíso Terrestre:

Esse ruído ensurdecedor produzido pelo choque de águas doces com águas salgadas, esse golfo interior quase sem salinidade pelo efeito de correntes fluviais muito poderosas, que indicavam terras continentais, esse entorno de vegetação e clima paradisíacos, essa gente pacífica e bem disposta para com o cristão, não eram sinais evidentes de estar às portas do Paraíso terreno? A um lugar perto de Paria chamou “os jardins porque assim se confirma pelo nome” parecer-se aos jardins do Paraíso”. (MARQUÉZ, 2006, p. 286-287)<sup>342</sup>.

O almirante concluiu que aquele era um novo mundo que se localizava ao sul de Mangi (Cuba), com o qual provavelmente estaria unido (VARELA, 2005). “Como escreveria pouco depois aos reis, havia chegado a uma zona muito próxima do paraíso terrenal pois esse rio, imenso, devia ser um dos que o banhavam” (VARELA, 2005, p. 139)<sup>343</sup>. Com tal pensamento, Colombo passou a ter o conceito que a terra não tinha o formato de uma esfera e sim de uma

---

<sup>342</sup> “Ese ruido ensordecedor producido por el choque de aguas dulces con aguas saladas, ese golfo interior casi sin salinidad por efecto de corrientes fluviales muy poderosas, que indicaban tierras continentales, ese entorno de vegetación y clima paradisíacos, esas gentes pacíficas y bien dispuestas hacia el cristiano, ¿no eran señales evidentes de estar a las puertas del Paraíso terrenal? A un lugar cercano de Paria llamó «los Jardines porque así confirman por el nombre» parecerse a los jardines del Paraíso”.

<sup>343</sup> “Como escribiría poco después a los reyes, había llegado a una zona muy próxima al paraíso terrenal pues esse río, inmenso, debía ser uno de los que lo bañaban”.

pera, e em sua parte mais delgada, como o pedúnculo da fruta, estaria localizado o Paraíso Terrenal:

Yo no tomo qu'el Paraíso Terrenal sea en forma de montaña áspera, como el escribir d'ello nos amuestra, salvo qu'él sea en el colmo, allí donde dixe la figura del peçón de la pera, y que poco a poco andando hazia allí desde muy lexos se va subiendo a él, y creo que nadie no podría llegar al colmo, como yo dixe, y creo que pueda salir de allí esa agua, bien que sea lexos y venga a parar allí donde yo vengo, y haga este lago. Grandes indícios son estos del Paraíso Terrenal, porqu'el sitio es conforme a la opinión d'estos sanctos e sacros theólogos. Y asimismo las señales son muy conformes, que yo jamás leí ni oí que tanta cantidad de água dulce fuese así adentro e vezina con la salada; y en ello ayuda asimismo la suavíssima temperança. Y si de allí del Paraíso no sale, parece aún mayor maravilla, porque no creo que se sepa en el mundo de río tan grande y tan fondo. (VARELA, 1982, p. 218)<sup>344</sup>.

É interessante notar que essa é uma das passagens que mais nos revela a influência do imaginário (*mirabilia*) medieval na vida de navegador de Colombo. Valerie Flint (1992) considerando a grande probabilidade de que o descobridor tenha lido o *Livro de Sir John de Mandeville*, nos traz um trecho desta obra que impressiona pela similitude com as palavras do almirante ao observar o fenômeno do encontro das águas do rio Orinoco com o oceano no Golfo de Pária, concluindo estar próximo do Paraíso terrestre (MAPA 8):

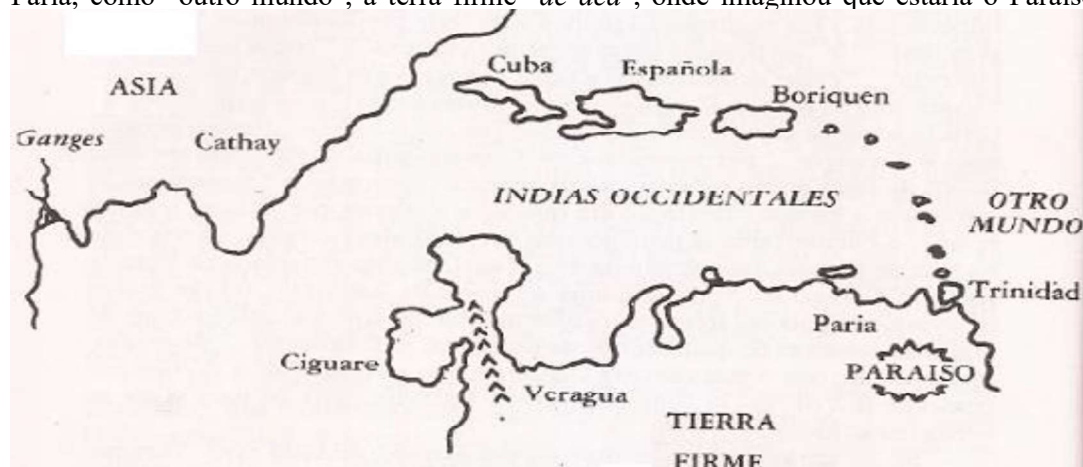
O Paraíso terrestre, como se diz, é a terra mais alta do mundo; e é tão alta que chega a tocar o círculo da lua. Pois é tão alto que o dilúvio de Noé não pode chegar até lá [...] Também há um barulho tão grande de águas, que um homem não consegue ouvir o outro, a não ser que grite muito alto. Muitos grandes senhores analisarem as várias tentativas de mergulhadores de chegar ao Paraíso através desses rios, mas eles não conseguiram encurtar a viagem; pois alguns morreram de cansaço e sobre-esforço, alguns ficaram cegos e surdos, e outros se afogaram devido a violência das ondas nas águas (MANDEVILLE, 1953, p. 215-217 *apud* FLINT, 1992, p.104)<sup>345</sup>.

---

<sup>344</sup> “Não penso que o Paraíso Terreno seja em forma de montanha áspera, como o que se escreve sobre isso, e sim que é no alto, como mostra a figura do pedúnculo da pera, que gradualmente andando desde muito longe se vai subindo nele, e acho que ninguém pode chegar no cume e creio que pode sair de lá essa água, ainda que seja longe e venha parar ali onde vim e formar este lago. Grandes indícios são estes do Paraíso Terrestre, porque o lugar é conforme a opinião dos santos e sagrados teólogos. E também os sinais são tão conforme, que nunca li ou ouvi que tanta quantidade de água doce corria assim vizinha com a salgada; e nisso também ajuda a suavíssima temperatura. E se não sai do Paraíso, parece maravilha maior, porque não creio que se conheça no mundo um rio tão grande e tão fundo”.

<sup>345</sup> “Paradise terrestrial, as men say, is the highest land of the world; and it is so high that it touches near to the circle of the moon. For it is so high that Noahs flood might no come thereto [...] There is so great noise of waters that a man may not hear another, cry he never so high. Many great lords have assayed divers times to pass by those rivers to Paradise, but they might not speed their journey; for some of them

Mapa 8- Na terceira viagem Colombo já considerou a extensão de terra em frente al Golfo de Pária, como "outro mundo", a terra firme "de acá", onde imaginou que estaria o Paraíso



Fonte: SALE (1992, p. 200).

Mas a região de Pária traz para os pesquisadores outros questionamentos além do imaginário de Colombo. Se considerarmos apenas os documentos, cartas, relações, os diários de bordo etc, referentes às duas viagens anteriores a de 1498, não teremos nenhuma dificuldade em apontar que o momento em que o almirante bordeava a costa da América do Sul, se impressionando com o som das águas do Orinoco, acontecia pela primeira vez, e que nas rotas anteriores nunca havia estado nesta terra firme. Contudo, boa parte do argumento de Juan Manzano na defesa da tese do piloto anônimo repousa na sua convicção de que Colombo teria descoberto o continente sul-americano ainda durante a segunda viagem, opinião esta que é compartilhada por outros historiadores, a exemplo de Marquéz (2006):

A historiografia tradicional nos diz que Cristóvão Colombo, pisou pela primeira vez a terra do continente sul-americano no mês de agosto de 1498, durante sua terceira navegação. Isto, em parte, é verdade (foi o descobrimento oficial), entretanto quase quatro anos antes houve outra viagem mantida em segredo e que foi causa de muito desgosto para o descobridor. Agora se pode, e se deve afirmar, seguindo as exaustivas investigações do professor Manzano, em um livro intitulado *Colón descubrió América del Sur em 1494*, que o almirante descobriu o continente sul-americano em uma viagem ignorada até o presente, confusa e silenciada pelo descobridor e sua família, devido a um procedimento pouco honroso do muito ilustre dom Cristóvão Colombo . (MARQUÉZ, 2006, p. 259, grifo do autor)<sup>346</sup>.

---

died for weariness of rowing and over travailing, some waxed blind and some deaf for the noise of the waters, and some were drowned by the violence of the waves of the water”.

<sup>346</sup> “Nos dice la historiografía tradicional que Cristóbal Colón pisó por primera vez tierra del continente sudamericano en el mes de agosto de 1498, durante su tercera navegación. Esto, en parte, es verdad (fue

O pensamento de Manzano (1989) sustentado por Marquéz (2006) sugere que após a navegação ao longo da costa cubana em 1494, Colombo foi informado por carta dos Reis Católicos, trazida por Juan Aguado, recém-chegado da Espanha, sobre a assinatura do Tratado de Tordesillas. Na epístola os monarcas expressavam ao almirante a sua preocupação de que os portugueses poderiam ter manipulado a linha de 370 léguas a oeste de Cabo Verde, pelo fato de serem mais versados em cosmografia que os espanhóis. Com o intuito de verificar se os temores reais eram justificáveis, aproveitando os navios que chegaram com Aguado, Colombo partiu de *la Isabela* rumo ao sul. Não há como descartar essa viagem apenas pelo fato de não ter sido relacionada entre os vários documentos autógrafos de Colombo e de outros que ali estavam. Como existe farta prova documental da presença do almirante em *la Isabela* até meados de novembro de 1494, e a partir de 15 de janeiro de 1495, a cogitada expedição teria de ter ocorrido no interregno de tempo entre estas datas (MARQUÉZ, 2006).

Ainda segundo Marquéz (2006) talvez Américo Vespúcio, amigo de Colombo, estivesse entre os navegadores, o que se comprovado faria deste seu primeiro contato com a terra firme continental que um dia levaria seu nome. Outra provável presença de um navegador experiente é a de Peralonso Niño. E atentemos agora para o possível motivo porque essa viagem após ser realizada, foi ocultada pelo almirante. Na região de Pária se localizavam as ilhas de *Margarita* e *Cubagua* onde se achava um grande criadouro de pérolas. Colombo o teria descoberto e decidido manter sigilo para em outra ocasião recolher aquela riqueza, não sem antes obter dos indígenas a promessa de que ajuntariam tudo que pudessem para quando ele voltasse. Se realmente ocorreu assim, não há prova, no entanto, é de se admirar que Colombo pudesse confiar na discrição daqueles marinheiros:

Amigo que era de segredos, nosso grande descobridor quis manter em sigilo tamanho achado, mas não conseguiu, se bem que tentou por um tempo (1494 a 1498). Não se aperceber que a tripulação que o acompanhava em 1494 era, para sua desgraça, tão numerosa quanto indiscreta [...] Como era de se esperar, a notícia de tal descobrimento chegou rápida a corte por informação de outros, e não do Almirante [...] pode-se dizer que dom Cristóvão ficou, além de desprestigiado, com o estigma de honra duvidosa aos olhos dos Reis Católicos. E só assim, como desculpa, podem ser entendidas as frases que

---

el descubrimiento oficial), pero casi cuatro años antes hubo otro viaje que se mantuvo en secreto y que fue causa de muchas desdichas para el descubridor. Ahora, se puede y se debe afirmar siguiendo las exhaustivas investigaciones del profesor Manzano, em un libro que tituló *Colón descubrió América del Sur en 1494*, que el Almirante descubrió el continente sudamericano en un viaje ignorado hasta el presente, confuso y silenciado intencionadamente por el descubridor y familia, debido a un proceder poco honroso del muy ilustre don Cristóbal Colón”.

escreveu em 1500 “*Este viage a Paria crey que apaciguaría algo por las perlas y la fallada del oro en La Española. Las perlas mandé yo ayuntar e pescar a la gente, con quien quedó el concierto de muy(sic) vuelta por ellas, a mi comprender, a medida de fanega*<sup>347</sup>. *Si yo non lo escribía sus alteza, fue porque asi quisiera aver fecho del oro antes*”[...] não pode estar se referindo senão a esta viagem de 1494. Observe-se que tudo o que contou aqui e do que se arrependeu, o fez em pessoa. Nos disse que descobriu as pérolas e prometeu aos nativos que voltaria. Não poderia ter feito isso a não ser em uma viagem anterior a terceira de 1498. E a cronologia colombina, avalizada pelo relato de testemunhas, nos dá a data em final de 1494 ou princípio de 1495<sup>348</sup>. (MARQUÉZ, 2006, p. 260-261, grifo do autor).

Varela (2005) entende que Colombo desconfiava que estava diante de terra firme, embora considerasse ilhas as partes descobertas até aquele momento, motivo pelo qual escreveu aos reis:

Yo estoy creído que esta es tierra firme, grandísima, de que hasta hoy no se ha sabido[...]y creo que esta tierra que agora mandaron descubrir Vuestras Altezas, sea grandísima, y haya otras muchas en el Austro, donde jamás se hobo noticia[...]y Vuestras Altezas ganaron estas tierras que son otro mundo[...] (CASAS, 1986, p. 554-547)<sup>349</sup>.

De fato, Colombo não desceu a terra firme<sup>350</sup> de Pária em 1498, por causa de uma enfermidade nos olhos – resultante da difícil travessia naquela terceira viagem – e só pôde avistar de longe as ilhas *Margarita* e *Cubagua*, pois tinha pressa em chegar a *la Española*. A possibilidade da viagem oculta de Colombo a região de Pária, com a consequente descoberta

<sup>347</sup> Antiga unidade de medida espanhola (nossa nota).

<sup>348</sup> “Amigo de sigilos como era, nuestro gran descubridor quiso mantener en secreto semejante hallazgo, pero no lo logró, bien que lo intentara por un tiempo (de 1494 a 1498). No se percató de que la tripulación que le acompañaba en 1494 era, para desgracia colombina, tan numerosa como indiscreta[...] Como era de esperar, la noticia de tal descubrimiento llegó rauda a la corte por informes de otros, que no del Almirante[...] puede decirse que quedó don Cristóbal, además de desprestigiado y con el estigma de una dudosa honradez a ojos de los Reyes Católicos. La caída del virrey comenzaba desde ese momento su cuenta atrás. Y sólo así, como exculpación, deben entenderse aquellas frases que escribiera en 1500 en su famosa Carta al ama del príncipe don Juan cuando venía cargado de cadenas: «*Este viage a Paria crey que apaciguaría algo por las perlas y la fallada del oro en La Española. Las perlas mandé yo ayuntar e pescar a la gente, con quien quedó el concierto de muy vuelta por ellas, a mi comprender, a medida de fanega. Si yo non lo escribía sus alteza, fue porque asi quisiera aver fecho del oro antes*»[...] no puede referirse más que a este viaje de 1494. Obsérvese que todo lo que aquí cuenta y de lo que se arrepiente lo llevó a cabo en persona. Nos dice que descubrió las perlas y prometió a los naturales su vuelta. Esto no pudo hacerlo el Almirante más que en un viaje anterior al tercero de 1498. Y la cronología colombina, avalada por testimonios de testigos, nos da la fecha de finales de 1494 principios de 1495”.

<sup>349</sup> “E creio que esta é terra firme, grandíssima, da qual até hoje não se soube[...] e creio que esta terra que agora Vossas Altezas mandaram descobrir, seja muito grande, e haja muitas outras no Sul, de onde jamais se teve notícia[...] e Vossas Altezas ganharam estas terras que são outro mundo”. Cf. CASAS, Bartolomé de las. **Historia de las Indias**. Caracas: Ayacucho, 1986. p. 554-547.

<sup>350</sup> Não há registro de qualquer declaração de Colombo, após ter divisado a região de Pária, que estava diante de “terra firme” em 1498, ao que tudo indica ainda mantinha naquele momento sua obsessão pela continentalidade da ilha de Cuba. “Para Colón la tierra firme es la isla de Cuba y no la tierra que ahora ha descubierto, que cree isla”(VARELA, 1982, nota 22, p. 212).

do continente sul-americano em fins de 1494 ou início de 1495, encontra forte oposição no colombista Taviani (1989). O historiador italiano inicia sua confrontação a essa teoria imputando-a como criação de Manzano:

Manzano está certo de que o Genovês quis ocultar de todos, inclusive dos soberanos, o descobrimento das pérolas no golfo de Pária, e adianta a hipótese de que o descobrimento dos bancos de pérolas tivesse lugar durante a segunda viagem, em 1494. Manzano desenvolve tanto a hipótese que a transforma em uma verdadeira tese, e sobre esta fundamenta a seguinte assertiva: Colombo explorara os bancos perlíferos durante sua segunda viagem, em 1494; e, portanto, neste ano, e não em 1498, descobrira o continente sul-americano. A acusação não está corroborada por provas, nem muito menos por documentos [...](TAVIANI, 1989, p. 208)<sup>351</sup>.

Taviani justifica seu cetismo à tese de Manzano argumentando que nem Fernando Colombo e Las Casas, bem como nenhum dos cronistas do descobrimento tais como Oviedo, Gómara e Bernáldez, mencionam a suposta viagem à região de Pária em 1494. A também discutida carta de Pedro Mártir de Angleria ao cardeal Bernardino de Carvajal, um dos principais apoios de Manzano, e que confirmaria a presença de Colombo na costa da América do Sul naquele ano, para Taviani trata-se na verdade de uma miscelânea de notícias entre 1496 e 1498, e que foi desacreditada pela *Nueva Recolta Colombiana* (TAVIANI, 1989). Esse entendimento é consistente, pois, tampouco conseguimos achar entre os mais expressivos colombistas modernos qualquer alusão a misteriosa<sup>352</sup> viagem de Colombo. No entanto, em que pese a força da fundamentação de Taviani, a questão não está encerrada. Se porventura, Colombo realmente realizou uma viagem em 1494 para o sul de *la Española*, e a manteve em segredo, não nos admiraria que o filho Fernando e o padre Las Casas, tenham acatado o desejo do almirante e se mantido calados, e não seria a primeira vez que faltariam com a verdade para não comprometer o descobridor. E se assim o fizeram, fatalmente os primeiros cronistas das Índias não teriam como saber, tendo em vista que se basearam nos relatos de ambos. Por outro

---

<sup>351</sup> “Manzano está seguro de que el Genovés quiso ocultar a todos, incluso a los soberanos, el descubrimiento de las perlas en el golfo de Paria, y adelanta la hipótesis de que el descubrimiento de los bancos de perlas tuviese lugar ya durante el segundo viaje, en 1494. Manzano desarrolla tanto la hipótesis que la transforma en verdadera tesis, y sobre ésta funda el siguiente aserto: Colón exploraría los bancos perlíferos durante su segundo viaje, en 1494; y, por tanto, en este año, y no en 1498, descubriría el continente sudamericano. La acusación no está corroborada por pruebas, ni mucho menos por documentos [...]”

<sup>352</sup> Ressalte-se que nem mesmo Morison faz qualquer menção a esta viagem. Este historiador e almirante da marinha americana, reconhecido entre os mais importantes colombistas, em sua obra dá especial destaque às questões de navegação e rotas seguidas por Colombo; razão pela qual é significativo que não trate desta expedição a região de Pária em 1494, proposta por Manzano.

lado, o trecho da carta de 1500 de Colombo para a ama do príncipe Juan, citada por Marquéz (2006), indica uma aparente justificativa; na qual almirante pode muito bem ter se referido a fatos sobre a região perlífera ocorridos antes de 1498. Em suma, se a viagem de 1494 a região de Pária de fato aconteceu, e Colombo tentou mantê-la em segredo,<sup>353</sup> como defende Manzano; ou se a teoria não se sustenta conforme alega Taviani, a constatação de opiniões conflitantes de dois grandes especialistas do tema nos impede de tirar uma conclusão definitiva a respeito. O que fica cada vez mais claro, e que temos chamado atenção nesta nossa pesquisa, é para o fato da existência de variadas controvérsias na historiografia colombina.

Feitas essas considerações sobre aspectos controversos da passagem de Colombo pela região de Pária, no dia 13 de agosto os navios deixaram o golfo pela “Boca do Dragão” (*Boca del Drago*), passagem não menos perigosa que a *Boca de la Sierpe*, localizada entre o extremo oriental da atual península de Pária e o extremo noroeste da ilha de *Trinidad*, tomando o rumo de *la Española*. Chegaram a Santo Domingo, a nova cidade fundada por Bartolomeu Colombo, em 31 de agosto<sup>354</sup>. (VARELA, 2005).

Ao chegar a *la Española*, Colombo encontrou a colônia em um verdadeiro estado de anarquia. Seu irmão Bartolomeu, o *adelantado*, seguindo o conselho que lhe fora dado antes da partida do almirante em 1496, havia transferido a maior parte dos colonos para o outro lado da ilha, onde fundou o novo povoado de Santo Domingo. Varela nos ajuda a ter um bom panorama da situação quando da chegada de Colombo:

O governo de Bartolomeu Colombo foi um fracasso rotundo. Os nativos, parcialmente pacificados, sofriam uma exploração cruel; os espanhóis estavam descontentes, e a velha cidade de Isabela havia sido trasladada a Nova Isabela – que logo passou a se chamar Santo Domingo – com todos os problemas que isso acarretava. A verdade é que a situação da colônia era insuportável<sup>355</sup>. (VARELA, 2006, p.38).

---

<sup>353</sup> Para uma maior compreensão da questão: cf. MANZANO Y MANZANO, Juan. **Colón descubrió América del Sur em 1494**. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1972; MANZANO Y MANZANO, Juan. **Colón y su secreto: el predescubrimiento**. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1988. p. 533-548.

<sup>354</sup> Para Luis Arranz Marquéz a chegada se deu em 20 de agosto, o que acreditamos ter sido algum lapso deste autor que confundiu uma escala dos navios realizada nesta data em uma isleta batizada por Colombo como *Santa Catalina* quando voltava pelo sul, após a descoberta de Cuba durante a primeira viagem. O local dista ainda 25 léguas de Santo Domingo (CASAS, 1986, p. 592) A data da chegada foi 31 de agosto: “último dia de agosto do ano de 1498” (CASAS, 1986, 593).

<sup>355</sup> “El gobierno de Bartolomé Colón fue un rotundo fracaso. Los nativos, parcialmente pacificados, sufrían una cruel explotación; los españoles estaban descontentos, y la vieja ciudad Isabela había sido trasladada a Isabela la Nueva —que pronto se llamó Santo Domingo— con todos los problemas que ello acarrearba. En verdad que la situación de la colonia era insoportable”.



Nesse interím, Francisco Roldán, um dos homens<sup>356</sup> que juntamente com Bartolomeu e Diego, gozavam da confiança de Colombo, rebelou-se contra ele e seus irmãos, acusando-o de pretender estabelecer um governo independente de Castela em *la Española*, e nas demais terras até então descobertas. A mão de ferro com que Bartolomeu exercia autoridade era uma das principais queixas de Roldán, alegando que o *adelantado* sujeitava os espanhóis a fome e ao excesso de trabalho, promovendo execuções dos descontentes, e com isso obrigando os que sobreviviam a submeterem-se a um governo despótico. A insatisfação de muitos, fez com que se juntassem ao partido de Roldán, e em uma primeira ação revolucionária atacaram o armazém de provisões e tentaram tomar o forte de Santo Domingo. A ofensiva fracassou obrigando os amotinados a se retirarem para a província de *Jaragua*, a fim de reorganizarem e buscar aliança com os índios locais, liderados pelo cacique *Behechio* e sua irmã *Anacaona* (mulher do cacique *Caonabó*) para combaterem o governo de Colombo e seus irmãos. Aqueles nativos já se haviam constituído em inimigos dos homens brancos quando liderados por *Caonabó*, lançaram um ataque frustrado ao forte Santo Tomás, na região de Cibao. Naquela ocasião, em março de 1495, Alonso de Ojeda derrotou os índios com grande matança. *Caonabó* capturado foi levado até Colombo para ser julgado, mas o almirante alegando que não poderia executá-lo por ser um dos principais caciques da ilha, enviou-o então para a Espanha para que fosse apresentado aos Reis Católicos. Uma frota que partiu em 1496 e que levava o cacique prisioneiro, naufragou vítima de um furacão, ocasionando várias mortes, entre elas a de *Caonabó*. Francisco Roldán foi até *Behechio* seguindo o princípio “o inimigo de meu inimigo é meu amigo”.

O futuro mostraria que os indígenas, fosse qual fosse o lado em que estivessem, não achariam “amigos” entre os europeus. Marquéz (2006, p. 292) baseado em Casas e Fernando Colombo, explica que Bartolomeu Colombo com medo de ficarem isolados os do partido do almirante; encheu de promessas aos que lhes fossem leais. Entre tais promessas, a da propriedade de dois escravos para cada homem, ou seja, “dois índios escravos”. “Todas estas experiências se transformarão anos depois em força de trabalho e concessão de terras indígenas estáveis e institucionalizadas para desgraça geral do índio”.(MARQUÉZ, 2006, p. 292)<sup>357</sup>.Entretanto, a situação cada vez piorava mais. Roldán se mostrava inflexível na responsabilização da família Colombo pelo caos na colônia, e as ações que o almirante e o

---

<sup>356</sup> Outros líderes revoltosos que se juntaram a Francisco Roldan foram: Adrián de Mujica, Pedro de Gámez e Diego Escobar.

<sup>357</sup> “Todas estas experiencias se transformarán años después en repartimientos y encomiendas estables e institucionalizados para desgracia general del indio”.

*adelantado* promoviam para conter a rebelião, sempre se deparavam com muitos dos homens se recusando a lutar, e alguns dos que se apresentavam deixavam dúvidas sobre sua lealdade:

Quando Colombo, logo após sua chegada, ordenou que se sua companhia formasse batalhões, somente setenta homens apareceram, o resto simplesmente ficou longe, porque suspeitaram que teriam de marchar contra Roldán; e entre estes setenta havia quando muito uns quarenta em quem alguma confiança pudesse ser depositada. (HOUBEN, 1935, p. 272)<sup>358</sup>.

Com a situação cada vez mais deteriorada, os próprios índios conscientes da divisão entre os europeus, começaram a perder o respeito por eles (BALLESTEROS BERETTA, 1945), e a possibilidade de uma guerra civil pressionava Colombo. A solução menos gravosa foi chamar Roldán para a mesa de negociações. Entretanto, o líder dos rebeldes tinha muito pouca disposição para ceder em qualquer de seus argumentos contrários a permanência do governo das Índias Espanholas com o clã colombino. Colombo, conhecido pela sua altivez e orgulho, não teve outra opção senão ceder, e muito:

O sobrecarregado vice-rei tentou de tudo nos últimos meses de 1498 e ao longo do ano seguinte para ver o encerramento da revolta [...] foi complacente e generoso com Roldán, deu-lhe garantias jurisdicionais, elogiou-o, submeteu-se a grandes insolências, vacilou. Os sublevados pediram navios, e ele entregou-lhes duas das três caravelas que tinha disponíveis para descobrir; quiseram um documento de garantia para o cabeça, e brindou-os com uma provisão real assinada por várias testemunhas; exigiram mais garantia de segurança, e nomeou Francisco Roldán como alcaide maior, apagando o passado do tempo da revolta; pediram terras, índios e salários, e nada foi regateado. Muito contrariado, o vice-rei cedia uma e outra vez crendo que assim evitava maiores males. Alguns chamaram isso de prudência, outros de fraqueza. Contudo, o estado de ânimo do vice-rei era de profunda crise<sup>359</sup>. (MARQUÉZ, 2006, p. 293).

---

<sup>358</sup> “When Columbus shortly after his arrival ordered his company to form up in ranks, only seventy men put in appearance, the rest simply stayed away, because they suspect they were to march against Roldán; and among these seventy there were scarcely forty on whom any reliance could be placed”.

<sup>359</sup> “Todo lo intentó el abrumado virrey durante los últimos meses de 1498 y a lo largo del año siguiente con tal de ver finalizada la revuelta, he escrito en otra ocasión: fue complaciente y generoso con Roldán, le dio garantías jurisdiccionales, lo halagó, pasó por alto insolencias, claudicó. Los sublevados pidieron navíos, y les entregó dos de las tres carabelas que tenía disponibles para descubrir; quisieron un documento de seguridad para el cabecilla, y les brindó una provisión real con firma de numerosos testigos; exigieron más seguridades, y nombró alcalde mayor a Francisco Roldán, haciendo borrón y cuenta nueva del tiempo de alzamiento; pidieron tierras, indios y sueldos, y nada se les regateó. Muy a su pesar, el virrey cedía una y otra vez creyendo que así evitaba males mayores. Prudencia llaman unos a esto; pusilanimidad, otros. Pero el estado de ánimo del virrey era de crisis profunda”.

A impotência do almirante em enfrentar e administrar os problemas de seu vice-reinado é um dos capítulos mais tristes de sua vida. Até mesmo Las Casas que não media esforços na defesa das qualidades de Colombo (mas que por outro lado é o grande protetor dos índios) não o poupa de críticas pelos tributos, a escravidão, e as guerras impostas aos nativos (BALLESTEROS BERETTA, 1945): “[...] estaba acobardado y no osaba corregir las malas costumbres ni castigar ó impedir los delitos y obras pésimas, de robos y crueldades, que también cometían en los indios los españoles que le seguían” (CASAS, 1986, p. 610)<sup>360</sup>. E os inimigos de Colombo na colônia, conhecendo muito bem os Reis Católicos, sabiam exatamente como direcionar as acusações contra o descobridor, a quem definiam como: um traidor que estava em busca de um príncipe estrangeiro para ajudá-lo a governar as terras do Novo Mundo. O objetivo era claro: despertar o sempre desconfiado rei Fernando, um governante que não se importava com a evangelização dos índios, e alertar a rainha Isabel que ao contrário do rei, se preocupava com a conversão dos nativos. Em relação a propagação do cristianismo entre os indígenas, Colombo, de fato, deixava a desejar; contudo acusá-lo de traição é um completo exagero (BALLESTEROS BERETTA, 1945).

O próprio Colombo parece ter dado o primeiro passo para a futura consumação de sua queda como governador e vice-rei das Índias Ocidentais, conforme nos é indicado por Varela (2006, p. 44):

Depois do motim de Roldán e das desastrosas capitulações de Colombo com o rebelde, inaugurou-se uma nova etapa na colônia. Colombo, sabedor de que não podia controlar a situação, pedia aos reis constantemente que lhe enviassem oficiais competentes. Além de algumas pessoas para seu conselho, isso se, não tivessem as mesmas preeminências que ele, solicitava um letrado para exercer a justiça, um chefe de contadores, e um tesoureiro que se encarregasse de negociar “ as coisas da fazenda real”. O almirante estava assustado com suas próprias responsabilidades [...] <sup>361</sup>.

A paz conseguida a duras penas com Francisco Roldán estava longe de acalmar as coisas na colônia, Colombo ainda enfrentaria a rebelião de Fernando de Guevara e Adrián de Mújica,

---

<sup>360</sup> “[...] estava acobardado e não ousava corrigir os maus costumes nem castigar ou impedir os delitos e obras más, de roubos e crueldades, que cometiam também contra os índios os espanhóis que o seguiam”.

<sup>361</sup> “Tras el motín de Roldán y las desastrosas capitulaciones de Colón con el rebelde, se inauguró una nueva etapa en la colonia. Colón, sabedor de que no podía controlar la situación, pedía a los reyes constantemente que le enviasen oficiales competentes. Además de algunas personas para su consejo, eso sí, sin que tuvieran las mismas preeminencias que él, solicitaba un letrado para ejercer justicia, un teniente de contadores mayores y un tesorero que se encargara de negociar «las cosas de la hacienda real». Al almirante los dedos se le hacían huéspedes[...]”

isso depois de lidar com a chegada inesperada de navios comandados por Alonso de Hojeda – anteriormente seu subordinado – e Juan de la Cosa; que ao invés de estar trazendo suprimentos como pensou Colombo, exploravam pau-brasil na costa de *la Española*. Embora indignado, o almirante teve de se curvar a autorização que tinham por meio de uma capitulação assinada pelo bispo Fonseca (VARELA, 2006). A rebelião de Guevara e Mújica culminou com a execução do segundo, e foi outro imbróglio a demonstrar o caos instalado na colônia, desta feita com Colombo e Roldán do mesmo lado e ameaçados de morte pelos amotinados. Em meio a toda essa confusão chega a *la Española* o comendador Francisco de Bobadilla, a resposta dos reis aos insistentes pedidos de Colombo por um juiz. Mas Bobadilla veio com muito mais poder que o almirante esperava.

Antes de passarmos a analisar o resultado da chegada de Bobadilla a *la Española* abriremos um parêntese para apresentar uma consideração que julgamos ser pertinente. À exceção de seu filho Fernando, todos os cronistas da época e historiadores modernos apontam ou um fracasso total de Colombo no governo das terras do Novo Mundo, ou como Las Casas, reconhecem vários erros cometidos pelo descobridor. Embora nesse caso particular pareça que a historiografia colombina tenha eliminado qualquer controvérsia, há um aspecto que nos é apresentado por Oviedo que achamos que merece ser considerado. Tido por muitos como um dos cronistas das Índias, cujo julgamento dos fatos em geral foi realizado com reconhecida imparcialidade (BALLESTEROS BERETTA, 1945), Oviedo fez a seguinte observação:

[...] porque quedaban algunos afiçionados ó infiçionados de las passiones viejas del tiempo de frey Buyl. Mas todos obedescieron é rescibieron al almirante con alegre semblante, y le dieron la obediencia como á visorey é gobernador que en nombre de los Cathólicos Reyes venia. Y exerçiendo su ofiçio é gobernaçion como él mejor podía, nunca faltaron quexosos de sus obras, porque les paresçia que assi como favoresçia é ayudaba á unos, assi ofendía ó maltrataba á otros. Angélico ha de ser el gobernador que á todos contentáre é mas que humano, porque unos hombres son inclinados á viçios, é otros á virtudes: unos á trabaxar y exerçitar las personas, é otros al reposo é quietud: unos á despende, é otros á guardar; y unos á una cosa, é otros á otra. É assi el que gobierna no puede contentar á tantos géneros de inclinaciones, porque unos quieren la guerra é robar y no poblar la tierra, si no darle un repelon y volverse donde le esperan, y dessea acabar sus dias: otros que querrian lo contrario y assentar é arraigarse, no les dan con qué ni los favorecen. E assi como son diversos los fines de los hombres, y tan difícil cosa entenderlos, assi el que gobierna es menester que tenga espeçial ventura y favor de Dios para ser amado [...] (OVIEDO, 1851, p. 64-65)<sup>362</sup>.

<sup>362</sup> “[...] porque havia alguns afiçionados ou contaminados pelas velhas paixões do tempo de frei Buyl. Mas todos obedeceram e receberam o almirante com semblante alegre, e lhe prestaram obediência como vice-rei e governador que vinha em nome dos Reis Católicos. E mesmo exercendo seu ofiçio o melhor que podia, nunca faltaram queixosos de suas obras, pois lhes parecia que assim como favorecia e

A evidente defesa de Colombo feita por Oviedo, comportamento comum aos cronistas do século XVI (VARELA, 2006) não elimina a constatação de que seu escrito aponta uma realidade humana, até porque o cronista no mesmo texto adverte: “[...] no obstante que mucho está en la mano del que puede mandar para que le quieran bien los gobernados”<sup>363</sup>. Nesse sentido, em que pese a opinião praticamente consensual dos historiadores de que o desgoverno caracterizou a gestão do almirante no Novo Mundo, alguns aspectos desta questão, poderiam ainda comportar alguma investigação com o fito de maiores esclarecimentos. Lollis(1895) ao formular uma pergunta, parece ir ao encontro desse entendimento: “O almirante, ao contrário de seu irmão, evitava medidas violentas, por outro lado até que ponto pôde contar com outros para reduzir pela força os muitos rebeldes”? (LOLLIS, 1895, p. 282-283)<sup>364</sup>. Dentre os que Colombo podia contar estava seu irmão e “braço direito” Bartolomeu, cujo temperamento era bem diferente do seu, o que nos leva a indagar: até que ponto a atuação de Bartolomeu Colombo comprometeu o governo do almirante? Se considerarmos que embora mesmo durante a segunda viagem surgiram alguns sérios problemas entre Colombo, os colonos e os índios, foi durante os cerca de vinte e três meses em que esteve afastado de *la Española*, quando Bartolomeu ficou investido com o poder de governante, que se instaurou o caos que ele encontrou ao retornar em sua terceira viagem. Teria sido diferente se o almirante ali tivesse permanecido e evitado a ocorrência de várias das arbitrariedades que foram atribuídas ao *adelantado*, originando a rebelião? Ele seria capaz de fazer diferente? Varela (2010) é taxativa no que se refere aos desmandos e incapacidade de Colombo como governante:

Hoje, sabemos bem que Colombo era um déspota e um mau governante. Nossos cronistas passam por cima de tema tão escabroso e unicamente nos dizem que "ele enforcou alguns...e açoitou outros". Contudo todos os cronistas apontam as críticas de seus contemporâneos e, com toques dramáticos narram o

---

ajudava a uns, ofendia e maltratava a outros. Tem de ser um anjo e não humano o governador que agrada a todos, porque alguns homens são inclinados a vícios e outros a virtudes: uns a trabalhar e exercitar as pessoas, e outros ao repouso e a quietude; uns a gastar e outros a economizar; uns a uma coisa e outros a outra. E assim o que governa não pode agradar a tantos gêneros de inclinações, pois uns querem a guerra ou roubar e não povoar a terra, senão rejeitá-la e voltar para onde o esperam, e deseja acabar seus dias: outros que queriam ao contrário, assentar-se e arraigar-se, não lhes davam meios nem os favoreciam. E assim como são diversos os objetivos dos homens, e tão difícil entendê-los, assim o que governa é mister que tenha especial sorte e favor de Deus para ser amado[...]”. Gonzalo Fernandez de Oviedo, *Historia General y Natural de las Indias*, libro III, Cap.IV, p.64-65)

<sup>363</sup> “[...] não obstante, está muito na mão de quem pode mandar para que lhe obedçam os governados”.

<sup>364</sup> “L’ammiraglio, al contrario de suo fratello Bartolomeo ruffugiva dalle misure violente. D’altra parte, su chi i su quanti avrebbe potuto egli contare, per ridurre colla forza all’obbedienza i non pochi rivoltosi? ”

regresso de Colombo preso a Castela; todos também o desculpam e Oviedo inclusive chega a afirmar que era um homem prudente e seus defeitos se deviam a que “tinha pouca paciência”. (VARELA, 2010, 534-535)<sup>365</sup>.

Embora a opinião praticamente consensual dos historiadores modernos seja de que o “desgoverno” caracterizou a gestão de Colombo no Novo Mundo, fica a pergunta se a questão ainda poderia comportar alguma investigação, tendo em vista que conforme temos tentado demonstrar, o consenso não é muito comum quando falamos do almirante. Fechando o parêntese, voltemos a chegada de Bobadilla, o novo governador nomeado pelos Reis Católicos para substituir Cristóvão Colombo. Varela (2006) resume bem as razões da mudança do comando em *la Española*:

Claramente, o vice-rei tinha falhado e os reis, foram aos poucos perdendo a confiança que tinha sido depositada em seu Almirante do mar oceano. Tudo que lhes era contado sobre as atuações em *La Española* tinha de induzir-lhes a suspeitar que os irmãos Colombo eram excessivamente dados a severidade e ao uso da força. Eram, além disso, maus governantes, que nem sequer haviam conseguido dominar sua própria hoste. A empresa, no dizer de muitos, ia a deriva e em Castela a opinião generalizada era de que deviam ser expulsos. Apesar de tudo os monarcas nunca atuaram em suas decisões de maneira precipitada e em todo momento procuraram escutar as explicações de dom Cristóvão e contrapor as opiniões, como demonstra que em 1498 o autorizaram a zarpar de novo com todos seus poderes intactos. (VARELA, 2006, p. 51)<sup>366</sup>.

Não restam dúvidas de que as informações levadas por frei Buil, Pedro de Margarite, e posteriormente por Juan Aguado, impactaram negativamente na opinião dos reis sobre o andamento das coisas no Novo Mundo, e fatalmente os levou a decisão de aproveitarem o pedido do próprio Colombo para enviarem um juiz. Mandaram Bobadilla não apenas com esta função, mas também para instaurar um novo governo. Como bem observa Varela (2006), o

---

<sup>365</sup> “Hoy sabemos bien que Colón fue un déspota y un mal gobernante. Nuestros cronistas pasan por alto tan escabroso tema y unicamente nos dicen que «ahorcó a algunos... e a otros azotó» Aunque todos los cronistas señalan las críticas de sus paisanos y, con tintes dramáticos, narran el regreso de Colón preso a Castilla todos, también, lo disculpan e incluso Oviedo llega a afirmar que era um hombre prudente, sus defectillos se debían a que «tenía poca paciencia»”.

<sup>366</sup> “A todas luces el virrey había fracasado y los reyes, poco a poco, fueron perdiendo la confianza que habían depositado em su almirante de la mar Océano. Todo lo que se les contaba sobre las actuaciones en la Española tenía que inducirles a sospechar que los hermanos Colón eran excesivamente dados a la severidade y al uso de la fuerza. Eran, además, malos gobernantes, queni siquiera habían conseguido dominar a su propia hueste. La empresa, al decir de muchos, iba a la deriva y en Castilla la opinión generalizada era que debían ser expulsados. Pese a todo, los monarcas no actuaron nunca en sus decisiones de manera precipitada y en todo momento procuraron escuchar las explicaciones de don Cristóbal y contrastar las opiniones, como demuestra que en 1498 le autorizaran de nuevo a zarpar con todos sus poderes intactos”.

comportamento dos Reis Católicos para com Colombo sempre foi de grande consideração e cuidado, e ele reconheceu isso em várias oportunidades:

Si esto es así, ¿adónde pudiera yo tener mejor arrimo e seguridad que en el Rey e Reina, Nuestros Señores, que de nada me an puesto en tanta honra y son los más altos Príncipes por la mar y por la tierra del mundo? Y los cuales tienen que yo les aya servido y me guardan mis privilegios y mercedes y, si alguien me los quebrantan, Sus Altezas me los acrescentan con ventaja, como se vido en lo de Juan Aguado, y me mandan hacer mucha honra. (VARELA, 1982, p. 248)<sup>367</sup>.

Entretanto o tratamento compassivo dos reis para com Colombo não foi suficiente para que ele aliviasse quando se tratava de reivindicar os direitos que entendia que lhe eram devidos, tanto pelas capitulações quanto pelos privilégios. Essa preocupação estendia-se até mesmo para após sua morte, motivo pelo qual em seu testamento instou Diego e Fernando, seus filhos, a não cederem em nada daquilo que os reis se comprometeram a cumprir, sob pena de cair sobre eles a maldição paterna. Colombo inclusive se preocupava em que Diego obtivesse um casamento que fosse proveitoso para a defesa de seus direitos, o que o fez iniciar as tratativas para o enlace de seu filho mais velho com Dona Maria de Toledo, senhora muito distinta sobrinha do Duque de Alba, uma casa muito influente na corte. Diego Colombo foi posteriormente investido nos cargos de Almirante de Castela e governador em *la Española*, ocasião em que passou a apresentar exigências que, se atendidas, praticamente resultariam em uma independência das terras do Novo Mundo do domínio da Espanha. Tal comportamento deu início aos pleitos colombinos, pois o rei Fernando apesar de toda sua boa vontade e reconhecimento para com a memória de Colombo, não concordava que Diego sucedesse o pai por direito próprio no vice-reinado e governo das terras descobertas pelo almirante. Seu entendimento era de que o capitulado com Colombo em relação a tais títulos não era hereditário, mas sim por nomeação real. A questão foi submetida ao Conselho Real que em decisão tomada em Sevilha em 5 de maio de 1511, entendeu que pertencia ao almirante e seus sucessores o título de vice-rei e por foro de herança para sempre o governo e administração da justiça tanto da ilha *la Española*, quanto das ilhas que Colombo descobriu, e daquelas que por seu trabalho foram descobertas. O rei Fernando cercado pela autonomia de seu conselho real e pressionado pela casa de Alba decidiu conceder o que era reivindicado pelo herdeiro maior do almirante.

---

<sup>367</sup> “Se isso é assim, onde poderia eu ter maior arrimo e segurança senão no Rei e na Rainha, Nossos Senhores, que do nada me puseram em tanta honra e são os amis latos príncipes no mar e na terra do mundo? Os quais têm que eu os haja servido e guardam meus privilégios e mercês e, se alguém os tiram, Suas Altezas me acrescentam com vantagem, como se viu no caso de Juan Aguado” (*Carta a Doña Juana de la Torre, ama del Príncipe Don Juan -1500*).

No entanto, Diego Colombo não se deu por satisfeito e continuou reclamando junto a Coroa o governo da região de Darién (Panamá atual) e a não sujeição do vice-reinado das Índias ao juízo de residência, o que indiretamente era uma reivindicação da soberania das Índias. A paciência do rei Fernando com os herdeiros de Colombo chegou ao fim, e a partir daí o tom das palavras do monarca foram as mais duras possíveis. Por conta disso no desenvolvimento dos pleitos os representantes da Coroa passaram a buscar provas de uma possível preeminência de Martín Alonso Pinzón no descobrimento do Novo Mundo. A ambição de Diego e seu irmão Fernando, que o apoiava nessas questões, sobrepôs-se a defesa sensata dos direitos que seu pai lhe havia comissionado e o resultado foi a perda paulatina de vários privilégios e direitos sobre as terras descobertas pelo primeiro almirante Colombo. Após Diego ser sucedido pelo filho Dom Luis Colón, representado enquanto menor pela vice-rainha Dona Maria de Toledo, em uma sentença arbitral de 7 de junho de 1536, os Colombo tiveram de se contentar com os direitos reduzidos ao almirantado; a propriedade da ilha da Jamaica; 25 léguas de terras em Verágua (Costa Rica atual); e uma renda anual para Dona Maria de Toledo e seus filhos. Muito pouco em comparação com o que a decisão de 1511 do conselho real (acatada pelo rei) oferecia aos herdeiros do almirante. Altolaguirre define muito bem o erro em que incorreu Diego e seus sucessores:

Se os primeiros vice-reis tivessem demonstrado durante o tempo que governaram menos ambição e maior tato, procurando espanholizar-se e captar a simpatia dos colonos com uma política de atração, inspirada em um alto espírito de retidão e justiça; se, convencidos da impossibilidade de que os privilégios tivessem estrito cumprimento, limitando suas pretensões ao governo das terras que por si só ou por seus representantes descobrira o Almirante; se em seu exercício tivesse tido o talento de demonstrar que não havia incompatibilidade de comandos, e que eles se consideravam os representantes do Rei de Castela, cujas ordens eram os primeiros a acatar, dando um exemplo saudável para poder exigir que por todos fossem cumpridas; se houvessem limitado a coletar para si as facultades com que exerciam o comando os demais Vice-reis, e as especiais que as circunstâncias de tempo e lugar exigiam, seu governo haveria se perpetuado e D. Diego e seus sucessores teriam chegado a ser os primeiros potentados do mundo a governar um estado muito mais extenso que o maior do reinos da Europa[...] (ALTOLAGUIRRE, 1908, p. 258-259)<sup>368</sup>.

---

<sup>368</sup> “Si los dos primeros Virreyes hubieran demostrado durante el tiempo que gobernaron menos ambición y mayor tacto, procurando españolizarse y captarse las simpatías de los colonos con una política de atracción, inspirada en un elevado espíritu de rectitud y justicia; si, convencidos de la imposibilidad de que los privilegios tuvieran estricto cumplimiento, limitaran sus pretensiones al gobierno de las tierras que por sí ó por sus lugar-tenientes descubrió el Almirante; si en su ejercicio hubieran tenido el talento de demostrar que no existía incompatibilidad de mandos, y que ellos se consideraban los representantes del Rey de Castilla, cuyas órdenes eran los primeros en acatar, dando un saludable ejemplo para poder exigir que por todos fueran cumplidas; si se hubieran limitado á recabar para sí las facultades com que ejercían el mando los demás Virreyes y las especiales que las circunstancias de lugar y tempo exigieran, su gobierno se hubiera perpetuado y D. Diego y sus sucesores



A razão de apresentarmos essas questões referentes, principalmente, a ocorrências durante os pleitos colombinos, tem por objetivo demonstrar que o “estilo Colombo de governar” herdado por Diego, nos ajuda a compreender melhor as razões da queda de seu pai. Na verdade, apesar do cuidado e carinho que Colombo sempre demonstrou por sua prole, claramente falhou em ensiná-los a não cometer os mesmos erros que caracterizaram seus anos de vice-rei e governador do Novo Mundo:

A impopularidade de D. Diego em *la Española*, e o odioso que havia sido feito em seu governo, é demonstrado pelo memorial que os habitantes enviaram a Espanha por meio de um comissário especial, pedindo que não fosse permitido que voltasse, e as súplicas que no mesmo sentido foram dirigidas enquanto ele aqui permaneceu. (ALTOLAGUIRRE, 1908, p. 247-248)<sup>369</sup>.

A preocupação de Colombo com o ganho e a obtenção de riqueza pessoal aparece de forma muito clara em sua vida, tanto nas negociações com os Reis Católicos, que resultaram nas capitulações (obtendo um acordo jamais visto até então entre um reino e um navegador), bem como nas instruções a seus filhos durante a vida e no seu testamento, orientando-os a lutarem por seus direitos (principalmente econômicos), cobrança aos devedores, e a dar atenção a familiares necessitados. Tal característica enfraquece a opinião de alguns autores de que a principal inspiração que levou Colombo a imaginar seu projeto, deveu-se à sua profunda religiosidade e ao seu desejo de libertar a cidade santa de Jerusalém do domínio mouro. Há praticamente consenso quanto ao fervor religioso de Colombo. Sua devoção à virgem, as muitas citações das escrituras em seus escritos, inclusive no *Diario de a bordo* da primeira viagem, e no seu Livro das Profecias (*Libro de las Profecias*), demonstram isso à saciedade; contudo, no que se refere ao âmago de seu propósito, parece que a fé era mais um dos meios para alcançar o fim maior que o impulsionava, ou seja, ser grande.

Quando Bobadilla chegou a a *la Española* em 23 de agosto de 1500, a primeira cena que viu foi a de dois cadáveres pendurados em forcas, um forte indicativo de que as notícias que chegaram a corte e influenciaram os reis a enviá-lo tinham fundamento. O próprio Bobadilla deve ter sido bastante persuadido pelas informações negativas que ouviu sobre Colombo, pois a atitude dele para com o descobridor se mostrou bastante dura. Aproveitando que o almirante estava no interior da ilha, tomou posse da sua casa, instalando-se como mandatário. Em seguida

---

habrían llegado á ser los primeros potentados del mundo y á gobernar um estado mucho más extenso que el mayor de los reinos de Europa[...]

<sup>369</sup> “La impopularidad de D. Diego en la Española, y lo odioso que se había hecho su gobierno, lo demuestra el memorial que los vecinos enviaron á hispana con un comisionado especial pidiendo que no se le permitiese volver, y las súplicas que en igual sentido dirigieron mientras aquí permaneció”.

condenou Colombo independente de qualquer produção de prova, seguindo-se a isso enviou mensagem instando-o a se submeter cabalmente à sua autoridade. Colombo só retornaria para Santo Domingo em meados de setembro, e em meio a alguns questionamentos acabou por reconhecer a documentação que lhe fora enviada por Bobadilla, não sem antes destacar a limitação daquela provisão real sobre sua posição de vice-rei e governador geral:

Tendo lido os documentos, Colombo respondeu que os aceitava como bons, mas com reservas. Se bem que não se tratava da provisão original, a acatava em seus termos, embora, segundo seu entendimento, Bobadilla somente tinha poderes com respeito a justiça civil e criminal, e na provisão – que acabava de ler – os reis não revogavam sua condição de vice-rei e governador geral com todas as suas prerrogativas. (VARELA, 2006, p. 62)<sup>370</sup>.

Embora haja variações nos relatos de como se deu a prisão de Colombo, Diego e Bartolomeu, é certo que algumas semanas após ter retornado a Santo Domingo e ter sido inquirido por Bobadilla, ele e seus irmãos foram encarcerados. No início de outubro os Colombo foram conduzidos algemados (“a ferros”) aos navios. Segundo os relatos, após a partida os tripulantes ainda temendo a autoridade com a qual o almirante havia sido constituído pelos reis, quiseram tirar-lhe “os ferros”, ao que não aquiesceu por desejar se apresentar perante os monarcas naquela situação, a fim de que testemunhassem a injustiça que lhe fora feita. Comportamento que era mais que previsível se considerarmos o histórico de autocomiseração de Colombo. Os navios atracaram em Cádiz no dia 20 de novembro, e por volta de 17 de dezembro era recebido em Granada pelos Reis Católicos.

Sobre esse encontro, Las Casas descreveu um quadro no qual Colombo se derramava em lágrimas ajoelhado diante da rainha Isabel. Se isso ocorreu ou não, para Varela (2006) o que importa é o resultado daquela audiência, que segundo boa parte dos historiadores resultou na constatação por parte dos reis de que Bobadilla exagerou em suas atribuições, não obstante terem sido comprovadas as acusações, tanto dos colonos que ali estavam, quanto daqueles fidalgos que anteriormente trouxeram notícias aos Reis Católicos. Em 3 de setembro de 1501, o casal real, nomeou como novo governador das Índias, o Frei Nicolas de Ovando. O inconformismo de Colombo com a punição demonstra sua incapacidade de lidar com as críticas

---

<sup>370</sup> “Una vez que leyó los documentos, Colón respondió que los aceptaba como buenos, eso sí, con reservas. Si bien no se trataba de la provisión original, la acataba en sus términos, aunque, según él entendía, Bobadilla tan sólo tenía poderes respecto a la justicia civil y criminal, y en la provisión —que acababa de leer— los reyes no le revocaban su condición de virrey y de gobernador general con todas sus prerrogativas”.

e a sua propensão a se fazer de vítima. O desgoverno de *la Española*; o caos em que estavam as terras do Novo Mundo; as rebeliões; execuções; abuso contra os indígenas; a pouca extração das esperadas riquezas que ele tanto propagou para os soberanos espanhóis; nada disso foi suficiente para que Colombo fizesse uma auto-crítica; e se chegou a fazer, seu orgulho não permitiu que ultrapassasse a esfera de sua introspecção. Não se discute que o descobridor já colecionava inimigos, não apenas pela posição que havia alcançado na corte dos Reis Católicos, incomum para um estrangeiro na Espanha da época, mas também pela sua própria personalidade ambiciosa que excluía qualquer outro interessado em obter riquezas nas “suas” Índias. É muito provável que mesmo diante do fracasso da terceira viagem, sua consciência permaneceu fiel a seus delírios de grandeza. Afinal, ele era o Almirante do Mar Oceano, o escolhido de Deus para descobrir o Novo Mundo. Bobadilla o injustiçou, e os reis não lhe eram gratos, foi este o balanço que fez do desastre de seu governo.

Se Colombo teve alguma satisfação com a posterior substituição de Bobadilla, esta deve ter sido amarga, pois ele (Colombo) nunca mais voltaria a exercer as funções de vice-rei ou o governo das terras que descobriu. Além do que, até mesmo suas rendas estavam comprometidas pois não havia mais como conter os novos conquistadores que cobiçavam aquelas terras que antes “eram só suas” (VARELA, 2006).

O fato de que os Reis Católicos receberam bem a Colombo, e posteriormente destituíram Bobadilla, sem devolver ao almirante a posição de vice-rei e governador, é muito significativo, servindo para demonstrar que os monarcas compreenderam a inabilidade que ele demonstrara para exercer tais funções, como muito bem aponta Madariaga (1945):

Essa generosa acolhida por parte dos Reis induziu a não poucos biógrafos de Colombo no erro de acreditar que Dom Fernando e Dona Isabel desaprovaram a ação de Bobadilla e discordaram de suas conclusões. Contudo, abundam provas contra esta opinião. A cortesia, a generosidade natural nos grandes soberanos dignos de sua posição para com um súdito que depois de ter realizado feitos memoráveis, cai em grandes erros, todas estas atitudes bastariam para justificar a afável acolhida dos Monarcas para com um homem a quem distinguia uma “graça singular”; mas os Reis Católicos mantinham grande distância entre o coração e o cérebro, e todas estas considerações pessoais não influíam para nada em sua opinião sobre a capacidade de Colombo como governante de *La Española*. Esta opinião era completamente desfavorável. (MADARIAGA, 1945, p. 496)<sup>371</sup>.

---

<sup>371</sup> “Esta generosa acogida por parte de los Reyes ha inducido a no pocos biógrafos de Colón en el error de creer que Don Fernando y Doña Isabel desaprobaron lo hecho por Bobadilla, y disintieron de sus conclusiones. Pero abundan pruebas en contra de esta opinión. La cortesía, la gratitud, la generosidad natural en los grandes potentados dignos de su puesto hacia un súbdito que después de haber llevado a cabo hechos memorables, cae en graves errores, todas estas atitudes obvias bastarían para justificar la afable acogida de los Monarcas para con un hombre a quien distinguia además una “gracia singular”;

Tal constatação se faz importante para que a grandeza dos feitos de Colombo não seja usada para envolver a verdade histórica em meio as brumas da mitificação, tentação a que alguns historiadores não resistiram. A queda e destituição de Colombo não foi uma orquestração maliciosa, ingrata ou de intriga dos reis, e sim, uma decisão pensada e com base na prudência; algo muito natural em se tratando dos Reis Católicos (MADARIAGA, 1945). Menos mal que o almirantado não foi retirado de Colombo. Passando agora um longo tempo na corte, valeu-se da ajuda do seu grande amigo padre Gorrício, e começou em 1501 a escrever o *Libro de las Profecias*, ajuntando textos bíblicos e de autoridades sobre a conquista de Jerusalém. Seu objetivo, longe de ser apenas religioso, pretendia mostrar que ele Colombo, instrumento do Divino, era uma prova viva da maravilha operada pelo Senhor no descobrimento das Índias (MARQUÉZ, 2006). “Debaixo *desse* manto profético, havia intenções mais mundanas: a defesa dos direitos e privilégios de um eleito do Senhor” (MARQUÉZ, 2006, p. 304)<sup>372</sup>.

Fazendo um balanço do resultado da terceira viagem (MAPA 9), dois pontos se destacam: Primeiro, os reis católicos de forma definitiva retiraram de Colombo o vice-reinado e o governo das terras por ele descobertas; segundo, ainda mantiveram por seu almirante uma grande consideração. Tais fatos, por si só, quando comparados demonstram a capacidade de liderança do rei Fernando e da rainha Isabel. Mostraram mãos de ferro ao tratar com a evidente incapacidade de Colombo para comandar em terra, mas ao mesmo tempo não esconderam de forma alguma o enorme respeito e gratidão que nutriam pelo navegador. Não seria nenhum exagero imaginarmos que o pensamento dos Reis Católicos naquele momento, era de que apesar de todos os acontecimentos negativos, a Espanha havia chegado ao mesmo patamar de Portugal como potência do Ultramar devido ao arrojo de seu almirante. Antes que Colombo partisse para realizar sua primeira viagem e encontrar terras desconhecidas em um horizonte do Atlântico onde ninguém antes ousara navegar, o limite espanhol no Mar Oceano eram as Canárias, a poucas léguas da costa de Castela, muito pouco se comparado ao que o reino vizinho de Portugal já havia conquistado. Entretanto com Colombo a Espanha entrou de vez na maturidade das conquistas oceânicas. Talvez exatamente por isso mesmo sua incapacidade de governar as terras descobertas não afetou a consideração que os Reis Católicos mantinham para com ele, a ponto

---

pero en los Reyes Católicos mediaba gran distancia entre el corazón y el cerebro, y todas estas consideraciones personales no influían para nada en su opinión sobre la capacidad de Colón como gobernante de La Española. Esta opinión era netamente desfavorable”.

<sup>372</sup> “Debajo de *ese* manto profético había intenciones más mundanales: la defensa de los derechos y privilegios de un elegido del Señor”.

de segundo López de Gómara (1922, p. 47), Colombo ter tido licença para por em seu escudo de armas: “*por Castilla y por León, Nuevo Mundo halló (dio) Colón*”.

Mapa 9- Rota de ida e volta da terceira viagem.



Fonte: Desenho do autor (2019).

#### 5.4. A QUARTA VIAGEM: “*El alto viaje*”

Colombo estava na corte há mais de um ano, tempo em que não deixava de pensar em recuperar seus direitos e privilégios na totalidade que usufruira antes de ser destituído do vice-reinado e governo como consequência do processo movido por Bobadilla. Segundo o entendimento de Marquéz (2006) a realização de uma quarta viagem ao Novo Mundo não era uma de suas maiores preocupações, e sim dos monarcas espanhóis: “São muitos os testemunhos que nos dizem que o almirante embarcou nessa viagem não por gosto, mas para obedecer aos reis, que insistentemente lhe pediram” (MARQUÉZ, 2006, p. 307). Contudo, não conseguimos identificar que “testemunhos” são esses a que o autor se refere, pois não encontramos respaldo na historiografia colombina a tal posicionamento. Dentre os cronistas, Oviedo demonstra um claro interesse de Colombo em voltar as Índias: “[...] despues que el almirante fué perdonado, no le tractaron menos bien el Rey é la Reyna que primero; é como era sábio, procuró por todas las vias que él pudo de tornar á la graçia de aquellos buenos príncipes, y que le diessen liçençia

de volver á estas Indias” (OVIEDO, 1851, p.71)<sup>373</sup>. Gómara apenas menciona a viagem sem detalhar os motivos: “Tres<sup>374</sup> años estuvo Cristóbal Colón desta hecha em España, en fin de los cuales, que fué el de 1502, hubo a costa de los Reyes Católicos cuatro carabelas, en que pasó a la Española” (GÓMARA, 1922, p. 62)<sup>375</sup>; Bernáldez faz menção a um interesse (vontade) dos reis, como abertura para uma aprovação ansiada pelo descobridor: “El Almirante, vista la voluntad del Rey y dela Reina, le suplicó á Sus Altezas, le diesen licencia para ir á descubrir por la vía del Septentrion el costado derecho de la tierra firme, que le habia quedado por descubrir” (BERNÁLDEZ, p. 81)<sup>376</sup>; Las Casas ( 1986, p. 18) relatou várias súplicas de Colombo em relação a restituição de seus privilégios, ressaltando que: “[...] todavía tenía propósito de gastar la vida que le quedaba en descubrir, por su servicio, muchas otras tierras más de las que había descubierto, y que creía hallar estrecho de mar en el paraje del puerto de Retrete, que ahora es el Nombre de Dios[...]<sup>377</sup>. Portanto, dentre as principais fontes primárias apenas Fernando Colombo, relata um “desinteresse” do pai para uma nova expedição às Índias. Talvez influenciado pelo “efeito Bobadilla” quisesse demonstrar que Colombo apesar de toda a “injustiça” sofrida se sacrificava pelos soberanos de Castela: “*Estas ofertas y palabras le escribieron los Reyes, porque el Almirante estaba resuelto á no empeñarse más en las cosas de Indias[...]*” COLOMBO, 1892, p. 134)<sup>378</sup>. As “ofertas e palavras” a que Fernando faz menção constam do conteúdo da carta de 14 de março de 1502, na qual os monarcas com a consideração que sempre demonstraram por seu almirante reconhecem os exageros cometidos por Bobadilla. No que tange ao interesse de Colombo em fazer uma nova viagem, segundo alguns autores modernos (em contraste com a opinião de Marquéz), os Reis Católicos, pragmáticos que eram, viram vantagens na insistência de Colombo para a aprovação de uma quarta expedição às Índias:

---

<sup>373</sup> “[...] depois que o Almirante foi perdoado, o Rei e a Rainha o trataram tão bem quanto antes; e como era sábio, procurou por todas as maneiras possíveis voltar ás graças daqueles bons príncipes, para que lhe dessem permissão de voltar a estas Índias”.

<sup>374</sup> Um erro de Gómara. Colombo chegou em Cádiz retornando da terceira viagem em outubro de 1500, e partiu para sua quarta viagem em 03 de abril de 1502, tendo permanecido na Espanha, portanto, 1 ano e meio (nossa nota)

<sup>375</sup> “Três anos esteve Cristóvão Colombo desta feita na Espanha, no fim dos quais, em 1502, conseguiu ás custas dos Reis Católicos quatro caravelas, com as quais chegou a *la Española*”.

<sup>376</sup> “O Almirante tendo em vista a vontade do Rei e da Rainha, suplicou a Suas Altezas que lhe dessem permissão para ir descobrir pela via do Setentrião no costado direito da terra firme, que lhe faltava descobrir”.

<sup>377</sup> “[...] ainda tinha o propósito de gastar o que lhe restava da vida em descobrir, por seu trabalho, muito mais terras além das que havia descoberto, e que cria haver um estreito no mar no local do porto de Retrete, chamado agora Nombre de Dios[...]

<sup>378</sup> “Estas ofertas e palavras escreveram-lhe os Reis, porque o Almirante estava decidido em não se empenhar mais nas coisas das Índias”.

Os reis responderam logo e afirmativamente, Por um lado estavam bem contentes em aproveitar a ocasião para se livrarem de uma personagem tão incômoda; por outro lado, pensavam que provavelmente somente um gênio exaltado como o genovês poderia verdadeiramente fazê-los chegar àquelas Índias onde os portugueses já haviam chegado. (TAVIANI, 1989, vol.1, p. 220)<sup>379</sup>.

Com a remoção de seu governo das terras do Novo Mundo, Colombo se incomodava muito com a concessão de licença real para que outros navegadores se dirigissem às Índias para explorar o já descoberto e seguir buscando o que havia para descobrir:

Somente mencionamos os documentos mais importantes[...]com a intenção de mostrar quanta atividade havia na chancelaria de Castela em relação as Índias para compreender o renascido afã de Colombo em competir com os novos émulos em achaques de descobrimento. Ele havia lhes aberto o caminho e contemplava com dor que os assuntos destes novos descobridores eram mais atendidos pelos Reis. (BALLESTEROS BERETTA, 1945, v.2, p. 487)<sup>380</sup>.

Madariaga é bastante explícito ao comentar a situação:

Colombo tinha então quarenta e nove anos. Se neste ponto de sua vida houvesse se conformado com a situação de ócio dourado que lhe ofereciam os Reis como o homem mais decorativo da Corte espanhola, nada lhe teriam negado Dom Fernando e Dona Isabel com o intuito de tê-lo afastado das Índias, honrado, contente e inofensivo. (MADARIAGA, 1945, p. 501)<sup>381</sup>.

Para Varela (2005, p. 148): " [...] a todo custo queria que lhe fosse autorizado fazer uma nova viagem"<sup>382</sup>.Cremos que parece estar bem estabelecido a iniciativa e insistência de Colombo junto aos reis para a realização de uma quarta viagem, superando a posição de

---

<sup>379</sup> “Los reyes contestaron pronto y afirmativamente. Por un lado, estaban bien contentos de aprovechar la ocasión para deshacerse de un personaje tan incómodo; por outro lado, pensaban que probablemente sólo un genial exaltado como el Genovés podría verdadeiramente hacerlos llegar a aquellas Indias donde los portugueses ya habían llegado”.

<sup>380</sup> “Sólo hemos mencionado los documentos más importantes[...] con el intento de dar la sensación de cuánta era la actividad de la cancillería de Castilla en relación con las Indias y comprender el renacido afán de Colón de competir con sus nuevos émulos em achaques de descubrimiento. El les había abierto el caminho y contemplaba con dolor que los asuntos de estos noveles descubridores eran más atendidos por los Reyes”.

<sup>381</sup>“Tenía entonces Colón cuarenta y nueve años. Si en este punto de su vida se hubiera conformado con la situación de ocio dorado que le ofrecían los Reyes como el hombre más decorativo de la Corte española, nada le hubieran negado Don Fernando y Doña Isabel con tal de tenerlo alejado de las Indias, honrado, contento e inofensivo”.

<sup>382</sup> “ [...] a toda costa queria que se le autorizasse a hacer um nuevo viaje”.

Marquéz (2006) de que o almirante “se fez” ao mar novamente "para obedecer aos reis". Não obstante, o pensamento de Marquéz, pode também ser defendido e conjecturado. Embora a análise da opinião da maioria dos historiadores nos leve a concordar que havia um certo desinteresse dos reis por uma quarta viagem do descobridor; todavia se considerarmos o sucesso que teve em seu projeto de navegação, Colombo poderia também estar pensando no feito de outro grande navegador: a chegada em 1499 de Vasco da Gama a Portugal, depois deste haver encontrado o caminho marítimo para as ricas Índias Orientais. Naquela época a frota de Cabral já havia retornado da segunda viagem de Portugal às Índias pelo caminho do contorno da África pelo Cabo da Boa Esperança, avançando pela rota nordeste até Calicute, com uma carga valiosíssima de especiarias. Tal pensamento, pode sugerir a seguinte pergunta: será que os Reis Católicos não estariam se lembrando dos relatos que Colombo fez da sua última viagem e de como esteve próximo de encontrar uma passagem para as Índias Orientais? Uma rota mais curta e mais segura para o rico Oriente colocaria os espanhóis à frente dos portugueses no comércio das especiarias, o que fazia da descoberta da “passagem” uma questão de interesse de toda a nação, mais ainda quando estava tão próximo disso, como o próprio almirante os fez crer. Se tal ocorreu pode ser uma boa explicação para a opinião de Marquéz (2006) de que a quarta viagem não teria sido uma preocupação do almirante, mas sim dos reis. Embora acreditarmos serem lógicas as suas ponderações, o contexto que envolveu a questão da nova oportunidade dada aos reis para Colombo partir outra vez para descobrir, indica que isso não era a intenção inicial dos monarcas espanhóis.

Feitas essas ponderações, passemos a analisar os detalhes da última viagem do almirante ao Novo Mundo. Por cerca de um ano Colombo esteve andando de cidade em cidade na trilha dos reis buscando autorização e suporte para seguir navegando e descobrindo, tencionando explorar mais ao sul, por cuja rota imaginava poder chegar as especiarias. Envolvidos com outras questões os reis somente lhe concederam a tão esperada licença no final de 1501 (VARELA, 2005). Contudo, cuidaram os monarcas espanhóis em estabelecer claramente uma orientação não pela busca de especiarias ou de um estreito que levasse às Índias Orientais, mas sim para achar outras ilhas ou terra firme naquele suposto continente asiático, então sob o domínio espanhol, cuidando para não ultrapassar os limites marcados no Tratado de Tordesilhas. E Era necessário alertar Colombo sobre esse ajuste entre Espanha e Portugal:

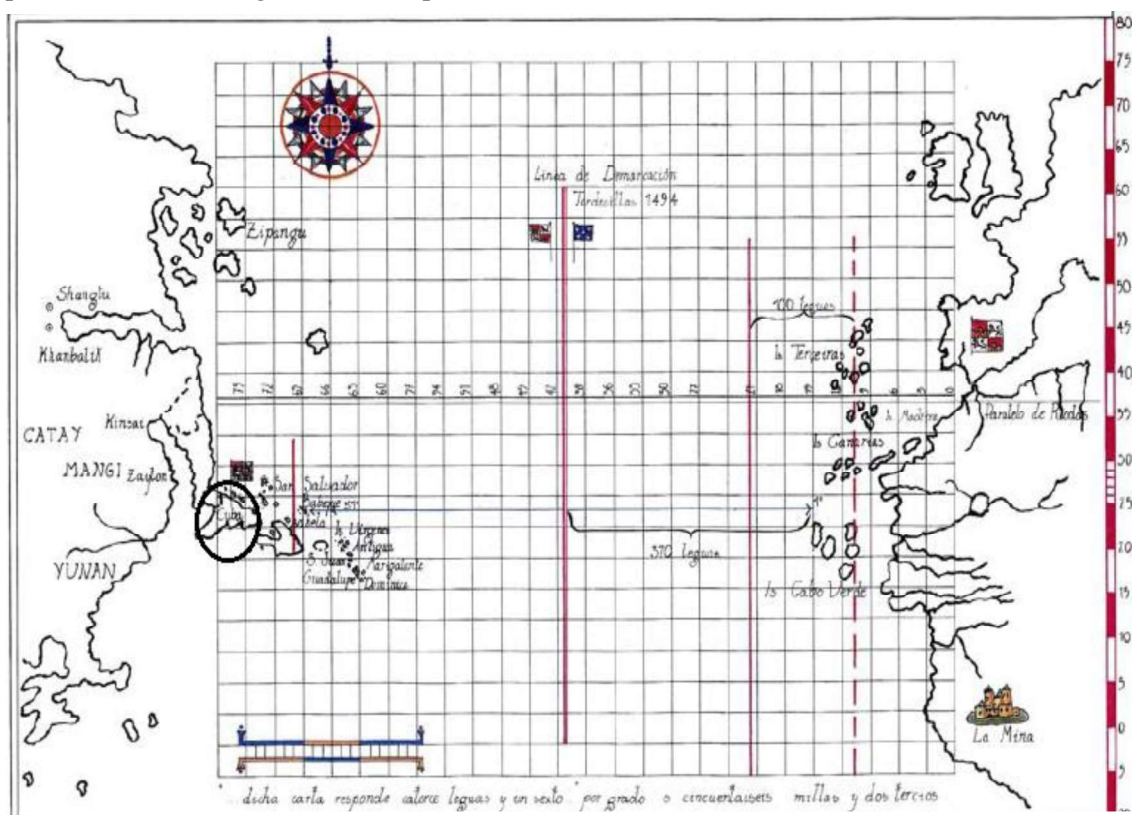
Se o almirante das Índias, dom Cristóvão Colombo, teve uma intervenção indireta, ainda que destacada, na gestão das bulas *Inter caetera* e *Dudum siquedem*, não se pode dizer o mesmo quanto a laboriosa negociação diplomática que precedeu a assinatura do tratado



de Tordesilhas, na qual esteve completamente alheio. (ARMAS, 1972, p.13-14).

E a preocupação se justificava, a fim de evitar qualquer atrito com o rei Dom Manuel, "o venturoso", agora genro dos Reis Católicos (VARELA, 2005), observando fielmente o Tratado de Tordesilhas (MAPA 10).

Mapa 10- Representação da linha de Tordesilhas no mapa enviado por Colombo aos Rei Católicos em 1494. Observe-se dentro do círculo à esquerda a ilha de Cuba como uma península da Ásia, segundo a concepção de Colombo.



Fonte: GUERRERO (2002, p. 401). Observação: Modificado pelo autor deste trabalho (inclusão círculo).

Naquela ocasião, a frota que foi disponibilizada para a viagem consistiu de quatro pequenas caravelas<sup>383</sup> não excedendo cada uma a setenta toneladas de capacidade de carga. Entre os cerca de 150 homens (MARQUÉZ, 2006)<sup>384</sup> que compunham a tripulação da frota, estava seu irmão e fiel escudeiro Bartolomeu, e pela primeira vez um de seus filhos: Fernando

<sup>383</sup> Os navios eram: A *Santa Maria* (capitana), a *Santiago* (ou Bermuda), a *Gallega*, e a *Vizcaína*.

<sup>384</sup> Não há consenso sobre a quantidade dos que embarcaram nesta viagem. Varela comenta que pôde identificar 139 homens, e chama atenção para a baixa condição social dos navegadores e a pouca idade dos membros da tripulação (VARELA, 2005, p.151).

Colombo, de aproximadamente treze anos de idade. A decisão de Colombo de levar o filho mais novo não deixa de impressionar tendo em vista as ocorrências violentas que teve de lidar nas viagens anteriores, bem como os riscos e perigos de uma navegação de tal porte. Contudo, a participação do adolescente Fernando, se mostrou ter sido uma escolha acertada, não só pelo comportamento corajoso do filho em meio às agruras da viagem mais difícil que o descobridor enfrentou, como também pelo papel importante que a presença<sup>385</sup> dele desempenhou para Colombo; e frise-se, o valor inestimável para a história do relato da viagem que nos deixou Fernando, testemunha ocular dos fatos.

Em 9 de maio de 1502, os navios saíram do porto de Sevilha pelo *Guadalquivir* até *Sanlúcar* e dali a Cádiz, para no dia 11 de maio lançarem-se ao mar, como de costume, no rumo das Canárias. Deixando o arquipélago para trás em 26 de maio, a intenção do almirante desta vez era se dirigir diretamente para o continente, ou seja, a região de Pária, contudo não foi possível manter este propósito em razão das péssimas condições de sua maior embarcação, que o obrigou a mudar a rota para *la Española*, onde pretendia obter outro navio, desobedecendo a expressa recomendação dos reis para não aportar naquela ilha, nem mesmo em caso de necessidade, em cuja circunstância poderia deter-se ali apenas no caminho de volta. Foi a travessia mais rápida realizada pelo almirante, e em 15 de junho, apenas dezesseis dias após partirem das Canárias avistaram a ilha *Martinica* (VARELA, 2005). Poucos dias depois, ao chegarem a Santo Domingo, uma frota de 18 navios já se encontrava carregada para voltar a Espanha. Sem desembarcar informou ao novo governador, Nicolas de Ovando, qual era o destino que estava incumbido de seguir e o motivo pelo qual tinha sido obrigado a alterar seu curso, requisitando autorização para entrar no porto, tanto para conseguir outra caravela que substituísse a *Santa Maria*, como também para encontrar abrigo de um furacão que segundo sua experiência do clima naquela região, estava se aproximando. A respeito disso, alertou a Ovando para que retardasse a partida dos navios para a Espanha. O governador foi irredutível, negou permissão para que Colombo desembarcasse, e não deu a menor atenção à sua advertência sobre a tempestade que estaria chegando. É interessante notarmos o inusitado da situação: Colombo, o homem que havia descoberto aquela terra e tomado posse dela em nome dos Reis Católicos, estava agora impedido pela autoridade investida pelos mesmos reis de

---

<sup>385</sup> Não obstante o risco assumido por Colombo, considerando que sua saúde estava cada vez pior, assim como quando da terceira viagem, instituiu um *mayorazgo* em favor do primogênito Diego Colón; tomou o cuidado de mandar preparar várias cópias do *Livro de seus privilégios*, mantendo-os custodiados em lugar seguro. Procurou também garantir os negócios econômicos da família confiando-os ao Banco São Jorge de Gênova, para em caso de sua falta o interesse dos filhos estivessem protegidos (VARELA, 2005, p. 151).

colocar os pés no local. Se levarmos em conta o envolvimento que o almirante demonstrava com a “sua” empresa das Índias, deve ter sido um duro golpe.

Quanto a sua predição do furacão, para o governador Nicolás de Ovando era mais uma evidência da arrogância do genovês querer predizer um evento natural, cuja capacidade humana não era suficiente para tal. Refutada a inaceitável profecia de Colombo, a frota recebeu ordens e em 30 de junho partiu para a Espanha. Na noite seguinte após a saída do porto de Santo Domingo, sobreveio a região um furacão dos mais violentos. Confiante em sua premonição, baseada em sua experiência de navegador, e na sensibilidade que havia desenvolvido para as características dos sinais climáticos que o Caribe apresentava, Colombo havia se precavido em colocar as embarcações que comandava em posições mais protegidas na costa de *la Española*, ação que garantiu a segurança de sua frota. A esquadra que se dirigia a Espanha foi envolvida pelo temível *huracán*, a grande maioria dos navios naufragou e os homens foram engolidos pelo mar, alguns destes<sup>386</sup> haviam se envolvido em perseguições a Colombo quando este ainda era governador, entre eles Bobadilla. Pereceu também no trágico acontecimento o cacique *Guarionex* que seria levado preso à corte:

No desastre pereceram não apenas Antonio de Torres, o capitão da frota que tantas vezes havia cruzado com êxito o Atlântico, senão também Bobadilla e o cacique Caonabó<sup>387</sup> que, preso, fazia parte do botim. No único navio que conseguiu chegar a Península, a *Guecha*, regressava o fiel colaborador de Colombo, Alonso Sánchez de Carvajal portador dos documentos nos quais, entre outras coisas, se declaravam os bens que Bobadilla havia confiscado a Colombo e seus irmãos. (VARELA, 2005, p. 152 .

Considerando que nesta fase de sua vida o elemento messiânico passou a ser mais evidenciado nos escritos do almirante, ainda que não tenha deixado um comentário expresso sobre um possível “castigo” divino a seus detratores, é bem provável que o tenha considerado. Las Casas e Fernando Colombo, por sua vez, não deixaram de fazê-lo: “Aqueste tan gran juicio de Dios no curemos de escudriñallo, pues en el día final deste mundo nos será bien claro”

---

<sup>386</sup> Ballesteros Beretta (1945) aponta um erro de Las Casas no qual este foi seguido por Herrera, o frei dominicano cita a Francisco Roldán entre os mortos nesse naufrágio. Contudo, segundo o citado autor, há registro documental datado de 1505 em que o rei Fernando manda Ovando investigar a conduta de Roldán quando este exercia o cargo de *alcalde mayor* durante o governo de Colombo em *la Española*, com ordem de castigá-lo se fosse achado culpado; o que leva a supor que estava vivo nesta época. De Lollis (1895) baseado neste fato sugere que Roldán, ou não embarcou, ou salvou-se em um dos poucos navios que escaparam da tormenta.

<sup>387</sup> Provavelmente uma inexactidão material . *Caonabó* também pereceu em um naufrágio, mas foi durante o retorno da frota de Colombo na segunda viagem. Ballesteros (1945); Madariaga (1945); Taviani (1989) e Marquéz (2006), citam a *Guarionex* como o chefe indígena vitimado por aquela tragédia (nossa nota).

(CASAS, 1986, p. 26)<sup>388</sup>; Yo tengo por cierto que esto fué providencia divina, porque si arribaran estos á Castilla, jamás serían castigados según merecían sus delitos [...] (COLOMBO, 1892, p. 139)<sup>389</sup>. Se por desígnio divino ou não, o certo é que mesmo tendo sido preservados da tempestade os navios da frota do almirante, à exceção da *Santa Maria*, sofreram alguns danos e ainda necessitavam reparos, que foram feitos no vizinho porto de Azua. Claramente desgostoso com a péssima recepção de Ovando, Colombo deixou *la Española* no dia 14 de julho, e em meio a dias de navegação irregular que levou a frota a passar por calmarias, correntes e ventos contrários, foram obrigados a fazer escala na Jamaica, atravessando o caribe por uma rota não muito adequada (MARQUÉZ, 2006). Descobriram a ilha de *Guanaja* no atual golfo de Honduras, onde foram recebidos por índios em canoas, os quais lhes passaram a impressão de serem mais civilizados que os anteriormente conhecidos. Os espanhóis indagaram sobre a existência de ouro em sua terra, visto que portavam ornamentos feitos com o metal. Como resposta foi lhes indicado seguir para terras ao sul (Verágua) onde segundo diziam havia grande quantidade de ouro. Se tivesse atentado mais para a informação de que aqueles nativos vinham do norte, quem sabe o almirante teria navegado pela costa da península de Yucatan, o que o levaria às ricas terras do atual México, mas Colombo entendeu como sendo Cuba o norte referido por aqueles índios (VARELA, 2005)<sup>390</sup>. O descobridor permanecia com a obsessão de encontrar o suposto estreito que o levaria até Catay e ao Grande Cã. Em razão deste objetivo rumou para o sul em direção ao golfo de Pária, para dali ir costeando até Verágua. “Se existisse um estreito deveria estar naquele lugar” (VARELA, 2005, p. 154)<sup>391</sup>.

No final do mês alcançaram a terra continental de Honduras em *Punta Caxinas* e em 14 de agosto de 1502, tomaram posse formal do lugar. Partindo dali foram costeando na direção leste em meio a um verdadeiro inferno de tempestades, até conseguirem atracar em um local seguro. Em razão do sofrimento que passaram, Colombo chamou o lugar de cabo *Gracias a Dios*. As dificuldades que enfrentaram era apenas um prenúncio de outras que viriam e que fariam daquela viagem um “teste de Jó” para Colombo e sua tripulação. O almirante estava certo que navegava agora pelas costas da Ásia: “Supe de las minas de oro de la provincia de

---

<sup>388</sup> “A esse tão grande juízo de Deus não nos preocupemos em esquadrinhar, pois no dia do fim do mundo nos será bem claro”.

<sup>389</sup> “ Eu tenho por certo que foi a providência divina, porque se chegassem estes a Castela, jamais seriam castigados conforme mereciam por seus delitos[...]”.

<sup>390</sup> Varela (2005) nos alerta para o fato de que Colombo não atinou que havia estabelecido contato com um novo povo da região, os Maias. A percepção de que eram mais iluminados e civilizados não foi suficiente para que os espanhóis compreendessem que tinham encontrado alguns representantes de uma grande civilização, muito superior aos Taínos e Caribes com os quais haviam se relacionado até então.

<sup>391</sup> “Si el estrecho existía había de estar en aquel lugar”.

Ciamba, que yo buscaba; otra tierra es Ciguare y de allí a diez jornadas es el río de Ganges[...]" (MARQUÉZ, 2006, p. 313)<sup>392</sup>.“Em resumo, sua ideia era muito clara: percorria naquele momento alguma península extrema da terra firme da Ásia, que estava separada por um estreito de outra terra continental mais meridional, a terra de Pária, a qual já era considerada por Colombo como um Novo Mundo (MARQUÉZ, 2006, p. 313)<sup>393</sup>.

Chegando a Nicarágua, chamada *Cariai* pelos índios, Colombo a identificou como a província asiática de *Ciamba*, e novamente a percepção era de que os nativos dali tinham uma cultura superior aos das Antilhas. Essa diferente característica dos habitantes locais animava o almirante, segundo anotou Las Casas (1986, p. 84): “Allí hallaron la mejor gente y tierra y estancia que habían hasta allí hallado[...]"<sup>394</sup>,era um indício de que poderiam estar próximos do Grande Cã (VARELA, 2005). Navegando por mais oito dias na direção sul, passaram o limite sudoeste da Nicarágua alcançando em seguida a Costa Rica, onde Colombo decidiu fazer uma pausa no fondeamento para dar descanso aos homens. Em 5 de outubro seguiram para o sul rumo a Verágua onde chegaram no final do mês. Colombo nunca esteve tão próximo de descobrir que não estava na Ásia, e que havia um Oceano desconhecido a separá-lo de Catay. O istmo do Panamá estava logo ali. Sempre perspicaz em sua habilidade de navegador, nesse caso o tino do almirante não o ajudou. Tanto ele quanto o irmão Bartolomeu acreditaram estar em uma península. Por conta disso optaram por não estender a viagem mais uns de vinte dias por terra, tempo que era suficiente para a ida e a volta até o Pacífico (VARELA, 2005). “A busca pelo Estreito tinha acabado” (MORISON, 1942, p. 345):

A decisão consiste na renúncia a busca do estreito: uma renúncia tão definitiva como sua desilusão. O Genovês renuncia ao objetivo principal da quarta viagem e, como acontece sempre, cada vez que não encontra o que busca, cada vez que as coisas não acontecem como deveriam acontecer, não volta a falar disso, talvez inclusive, consegue não voltar a pensar nisso. (TAVIANI, 1989, v.1, p. 237)<sup>395</sup>.

---

<sup>392</sup> “Soube das minas de ouro da província de Ciamba, que eu procurava; outra terra é Ciguare; e dali a dez jornadas está o rio Ganges [...]"

<sup>393</sup> “En suma, su idea era muy clara: recorrería en esos momentos alguna península extrema de la tierra firme de Asia que estaba separada por un estrecho de otra tierra continental más meridional que era la de Paria, la cual podía considerarse un Nuevo Mundo”.

<sup>394</sup> “ Ali acharam a melhor gente, terra, e estância que haviam até ali achado”.

<sup>395</sup> “ La decisión consiste en la renuncia a la búsqueda del estrecho: una renuncia tan definitiva como su desilusión. El Genovés renuncia al objetivo principal del cuarto viaje y, como pasa siempre, cada vez que no encuentra lo que busca, cada vez que las cosas no van como deberían ir, no vuelve a hablar de ello, tal vez incluso consigue no volver a pensar en ello”.Taviani (2005) chama atenção para o fato de que na carta escrita em 7 de julho de 1503 na Jamaica para os Reis Católicos, relatando todo ocorrido nesta impressionante viagem, Colombo nem uma única vez menciona a busca pelo estreito, não obstante ter sido a principal incumbência(nossa nota).

Estamos diante de um momento enigmático na vida de Colombo. A despeito de críticos como Vignaud questionarem até mesmo as habilidades de navegação do almirante, em meio a vários aspectos controversos que gravitam em torno de sua história, é raro encontrar qualquer opinião contrária a ideia de que Colombo parecia ter “nascido no mar”. Exatamente por conta disso não há como deixar de imaginar o quanto o fracasso em encontrar uma passagem para as Índias Orientais deve ter impactado na alma do descobridor. Fernando Colombo posteriormente reconhece que seu pai nunca cogitou que se houvesse um estreito, este pudesse ser por terra firme e não por mar (TAVIANI,1989). Taviani tenta demonstrar o grande desalento que aquele insucesso causou em Colombo, naquela ocasião já muito debilitado:

[...] o Almirante não pensava que o estreito marítimo não existisse. Antes, cria que existia e que ele não havia sido capaz de encontrá-lo. Pesava sobre ele o desencanto. Sofria [...] e sofreu até a sua morte, por não haver terminado a grande empresa. Por isso não volta a falar disso: dói-lhe falar. (1989, p. 239)<sup>396</sup>.

Como aventureiro do mar Colombo era ambicioso, orgulhoso, e capaz de mentir para que seus propósitos não fossem obstaculizados. Ele se fazia de vítima mesmo em situações nas quais sofria prejuízos por conta de seus próprios erros; e segundo Varela (2010, p. 504) testemunhas diziam que era antes de tudo um avaro: “[...]subjaz a ideia de que sua pior qualidade era a avareza, a ânsia de enriquecer-se a qualquer preço”<sup>397</sup>. Enfim, um recipiente típico das vaidades da natureza humana. Por outro lado, o que faz a figura de Colombo tão complexa é o fato de que seus defeitos eram confrontados com qualidades que o tornaram capaz, em certo sentido, de “hipnotizar” seus interlocutores, criando um verdadeiro paradoxo colombino para os historiadores. Fernandez-Armesto, nos ajuda a entender esse aspecto de “*doctor Jekyll and mister Hide*” presente no genovês Cristóvão Colombo:

É impossível, porém, imaginar Colombo apenas como um peão manipulado por investidores ricos e políticos poderosos [...] era imaginativo, persuasivo, mesmo talvez carismático [...] Qualquer pessoa que leia os escritos de Colombo partilhará a impressão que causou a seus contemporâneos: surge como um homem abençoado com os dons da retórica natural e da eloquência incansável – ou, pelo menos, da loquacidade infatigável. Os seus erros, falácias e artigos de fé eram todos expostos com convicção inabalável. Era possuidor de um poder de autoafirmação que nenhuma tróça poderia desafiar e nenhum fracasso esmagar. (FERNANDEZ-ARMESTO, 1992, p. 96-97).

---

<sup>396</sup> “[...] el Almirante no pensaba que el estrecho marítimo no existiese. Antes bien, creía que existía y que él no había sido capaz de encontrarlo. Le pesaba el desencanto. Sufría(...) y sufrió hasta su muerte, por no haber terminado la gran empresa”.

<sup>397</sup> “[...] subyace la idea de que su peor cualidad era la avaricia, el ansia de hacerse rico a cualquier precio”.

Portanto, quando imaginamos o tamanho de seus feitos no universo da história humana, a sensação é de que esta mesma história foi “injusta”, negando ao Almirante do Mar Oceano o término completo de sua missão. E cabe aqui conjecturarmos: será que quando estava prestes a deixar este mundo, naqueles dias em que o pensamento profético tomava sua mente, teria cogitado que Deus – sempre a primeira razão de suas vitórias, como sempre frisava – preferiu fazer dele um novo Moisés? Assim como ao maior dos profetas hebreus, que conduziu o povo à boa terra de Canaã, mas não foi a ele mesmo permitido entrar nela<sup>398</sup>. Ele, Colombo, levou os espanhóis às portas da “boa terra” de Catay, e assim como Moisés não a pôde pisar. Trata-se apenas de uma inferência, mas como veremos nos fatos que se seguiram nesta quarta viagem, o Divino parece ter estado muito presente nos pensamentos do descobridor.

Não tendo encontrado o estreito, após chegarem a um porto ao qual nomearam *Retrete*, reconheceram que estavam nas mesmas costas que antes haviam sido exploradas por Vespúcio e Hojeda, ou seja, a costa das Pérolas. Colombo entendeu que era hora de retornar. A decisão não poderia ter sido outra, pois os navios estavam seriamente danificados, e os tripulantes à beira de uma revolta, tudo isso em meio a furacões que não davam trégua (VARELA, 2005). Ingrata tarefa seria a tentativa de retorno, os furacões dividiram a frota. Por vários dias a *Vizcaína* se extraviou do comboio até que foi novamente reagrupada na desembocadura de um rio que Colombo chamou de Belém. Nesse local o almirante quis fundar a primeira cidade espanhola no continente, mas não foi possível, por conta de ferozes ataques dos índios, chefiados pelo cacique *Quibián*. Em seguida perderam a caravela *la Gallega*, obrigando Colombo a transferir a tripulação para os outros navios que mal podiam navegar. Pouco tempo depois a *Vizcaína* “fez água” e afundou (VARELA, 2005). Seguiram bordeando rumo sul até a entrada do Golfo de Darién, e dali ordenou em primeiro de maio a mudança de rota em direção a *la Española*. No dia 10, Cuba estava á vista, mas os fortes ventos contrários empurraram os navios para a Jamaica, onde em menos de um mês perderam a *Santa Maria* (capitânia) e a *Santiago*, que não puderam mais navegar e foram mantidas apenas como proteção contra o ataque dos índios. Colombo e a tripulação estavam ilhados, sem nenhuma embarcação para regressarem a Espanha, e ali passariam mais de um ano até que chegasse o resgate. A primeira solução encontrada para não perecerem foi manter a paz com os nativos, procedendo a um verdadeiro comércio de troca de bugigangas por alimento. Apesar de terem encontrado essa forma de subsistência, conseguir passar a *la Española* era questão de vida ou morte. Com uma

---

<sup>398</sup> “Pelo que verá a terra diante de ti, porém não entrarás nela, na terra que dou aos filhos de Israel” (Livro do Deuteronômio, capítulo 32, versículo 52. Bíblia de Referência Thompson, São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 193.







Comandada por Diego Méndez esta façanha obteve grande repercussão, motivo pelo qual lembrou do feito com muitos detalhes em seu testamento, bem como foi dignificado como cavaleiro pelo rei Fernando em 1508 (MARQUÉZ, 2006). *El alto viaje* terminava com Colombo muito mais afetado pelas doenças que o acompanharam desde a partida da Espanha. O fracasso de mais uma vez não ter completado o plano que idealizara desde o início de suas viagens para a “Ásia”, quando imaginou que se entrevistaria com o Grande Cã e veria com seus próprios olhos as riquezas de Cipango e Catay, o fez ficar ainda mais enfermo na alma.

Durante os vários meses em que Colombo, seu irmão Bartolomeu, o filho Fernando, e o restante da tripulação, estavam completamente entregues á sorte; os índios percebendo a situação de fraqueza dos europeus firmaram propósito de eliminá-los. Em determinado dia irromperam diante da cabana do almirante para matá-lo. Começou aí um dos episódios mais enigmáticos não somente da epopeia das viagens ao Novo Mundo, mas de toda a história dos descobrimentos marítimos. Corria o mês de fevereiro de 1504, diante da perigosa ameaça dos indígenas contra a sua vida e de seus homens, que já se via em andamento com a recusa de fornecer-lhes alimento; Colombo chamou o intérprete que mantinha ordenando que reunisse os índios que estavam no comando e aqueles que guardavam os mantimentos, e os ameaçou dizendo que: o “seu Deus” iria causar-lhes grande fome e pestes, e como sinal desses castigos faria escurecer a lua para que não duvidassem do seu poder. Tratava-se de um estratagema que Colombo arquitetou. Ele sabia por meio de duas obras<sup>400</sup> de cosmografia que levava consigo (VARELA, 2005), que dentro de poucos dias, em 28 de fevereiro de 1504, iria ocorrer um eclipse total da lua. Vejamos como Fernando Colombo narra esse momento, o qual é muito adequado para demonstrar a capacidade ímpar de Colombo em lidar com as situações que as aventuras no mar apresentavam:

Acordóse de que en el tercer día, había de haber un eclipse de luna desde la primera noche ay mandó que un indio de la Española que estaba con nosotros llamase á los indios principales de la provincia, diciendo quería hablar con ellos en una fiesta que había determinado hacer [...] les dijo por el intérprete que nosotros éramos cristianos y creíamos en Dios que habitaba en el cielo y nos tenía por subditos, el cual tenía cuidado de los buenos y castigaba á los malos[...] viendo Dios el poco cuidado que tenían de traer los bastimentos por nuestra paga y rescate, porque estaba tan irritado contra ellos, que tenía resuelto enviarles una grandísima hambre y peste, y porque no le creían, quería darles una evidente señal de esto en el cielo para que más claramente conociesen el castigo que les vendría de su mano, y que si aquella noche estuviesen con gran atención al salir la luna quela verían venir airada, é inflamada, denotando el mal que quería Dios enviarlos[...] empezando

---

<sup>400</sup> *Ephemerides Astronomicae* de Regiomontano e *Almanach perpetuum* de Abrahan Zacuto.

después al salir la luna, el eclipse, cuanto más iba creciendo, se iba aumentando más, tenían gran atención á esto los indios, y les causó tan grande asombro y miedo que venían corriendo por todas partes á los navios cargados de vituallas, con grandes llantos y gritos, rogando al Almirante rogase á Dios en todos modos que no ejecutase su ira contra ellos, prometendo que en adelante le traerían con gran diligencia todo cuanto necesitase; á que el Almirante les dijo quería hablar un poco con su Dios, y se encerró en tanto que el eclipse, crecía y los índios gritaban que debía ayudarles y cuando el Almirante reconoció acabarse la creciente del eclipse y que volvería á aclarar, salió de su cámara diciendo que ya había rogado á su Dios y hecho oración por ellos, y que le había prometido en su nombre que serían buenos en adelante y tratarían bien á los cristianos trayéndolos bastimentos y las cosas precisas y necesarias y que Dios los perdonaba, y en señal del perdón verían que se pasaba la ira é inflamación de la luna; los indios viendo el efecto correspondiente á sus palabras daban muchas gracias al Almirante y alababan á su Dios; y así estuvieron hasta que pasó el eclipse. De allí adelante tuvieron gran cuidado de proveernos de cuanto necesitábamos, alabando continuamente al Dios de los cristianos[...] ni creyendo que ninguno pudiese saber en la tierra lo que pasaba em el cielo, tenían por cosa ciertísima que el Dios de los cristianos se lo había revelado al Almirante. (COLOMBO, p. 230-233)<sup>401</sup>.

Por mais insólito que o episódio possa parecer, tudo leva a crer que realmente aconteceu. Oviedo e Gómara relatam o caso nos mesmos termos que Fernando Colombo, ainda que de forma mais sintética. Las Casas e todos os principais colombistas modernos à exceção de Vignaud tratam a história sem questionar sua veracidade. A propensão de Vignaud em criticar compulsivamente tudo que se refere à vida de Colombo, o induziu, segundo entendemos, a

---

<sup>401</sup> “ Lembrou-se que em três dias ocorreria um eclipse da lua, e logo na primeira noite mandou um índio de la Española que estava conosco para chamar os principais índios da província, dizendo que queria galar com eles em uma festa que decidira fazer[...]disse-lhes pelo intérprete que éramos cristãos e que críamos em Deus que habitava nos céus e nos tinha por súditos, o qual cuidava dos bons e castigava os maus[...]vendo Deus o pouco cuidado que tinham em nos trazer suprimentos, estava irritado com eles e havia decidido enviar-lhes grandíssima fome e peste, e porque não lhe acreditavam ia dar-lhes um sinal evidente nos céus, para que soubessem claramente o castigo que viria sobre eles por sua mão, e se naquela noite prestassem atenção, quando a lua saísse a veriam cheia e inflamada, denotando o mal que Deus queria enviar-lhes [...] começando o eclipse ao sair a lua, quanto mais esta ia crescendo mais aumentava, atraindo grande atenção dos índios, causando-lhes tanto assombro e medo que vinham de toda parte correndo aos navios carregados de mantimentos, com muito pranto e gritos rogando ao Almirante para pedir a Deus de todas as formas para que não executasse sua ira contra eles, prometendo dali em diante a trazer com diligência tudo que necessitasse; ao que o Almirante lhes disse que queria falar com o seu Deus, retirando-se para a tenda enquanto o eclipse crescia enquanto os índios gritavam para que ele os ajudasse e quando o Almirante percebeu que havia acabado o crescente do eclipse e que a lua voltaria a clarear, saiu de seu aposento dizendo que já havia pedido a seu Deus e feito oração por eles e que havia prometido em seu nome que eles seriam bons dali para frente, e tratariam bem aos cristão trazendo os suprimentos e tudo que necessitassem e que Deus os perdoava, e como sinal deste perdão veriam que passava a ira e o vermelho da lua; os índios vendo o efeito correspondete ás suas palavras davam muitas graças ao Almirante e glorificavam ao seu Deus; e assim fizeram até que passou o eclipse. Dali em diante tiveram muito cuidado em nos prover de tudo que necessitávamos, glorificando continuamente o Deus dos cristãos [...]crendo que ninguém na terra pudesse saber o que se passava no céu, tinham por certo que o Deus dos Cristãos havia se revelado ao Almirante”.

cometer alguns erros em seus questionamentos, como no caso do estratagema do almirante e sua “predição” do eclipse, conforme tentaremos demonstrar. Sempre contestador, na linha de “se o evento narrado é favorável a Colombo então não pode ser verdade”, Vignaud afirma: “Colombo jamais previu qualquer eclipse” (VIGNAUD, 1905, p. 297)<sup>402</sup>, amparado no seguinte argumento:

Diego Mendez e Fernando Colombo relatam que durante sua quarta viagem os índios da Jamaica se recusaram a fornecer víveres a Colombo, e ele os reuniu anunciando que Deus iria manifestar-lhes sua cólera por meio de um fenômeno celestial, e na mesma noite ocorreu um eclipse da lua, o que os fez voltar a servi-los [...] Em seu *Libro de las profecias*[...] e em sua carta conhecida como *lettera rarissima* [...], o próprio Colombo fala deste eclipse, no entanto, sem dizer que o calculou ou previu. (VIGNAUD, 1905, n.14, p. 297)<sup>403</sup>.

Há duas situações que merecem uma análise mais apurada nesse trecho onde Vignaud questiona a veracidade da história do eclipse. Em primeiro lugar ao mencionar que o episódio foi narrado em primeira mão por Diego Méndez e Fernando Colombo, sendo estes registros as fontes primárias do ocorrido; muito provavelmente pretende o autor sugerir que não são confiáveis, pelo fato do primeiro ter sido um amigo devoto do almirante e o segundo seu filho, o qual, reconhecidamente, em mais de uma ocasião exagerou ao escrever a biografia de Colombo. Se Fernando fosse a única fonte, Vignaud não estaria sozinho em sua desconfiança, contudo é muito significativo que Diego Méndez tenha registrado em seu testamento o peculiar artifício usado pelo almirante. Como mencionamos linhas atrás, Méndez foi protagonista de um feito heroico e digno de ser reconhecido até mesmo pelo rei, motivo pelo qual não deixou de relembrar a façanha em seu testamento datado de 19 de junho de 1536. Ele não presenciou o caso protagonizado pelo almirante quando ocorreu o eclipse, pois já havia partido da Jamaica na missão em busca de resgate. Ao começar a narrar a história cujo conteúdo é o mesmo que o de Fernando Colombo, Méndez escreveu: “[...] y es que, dende a pocos días que yo me partí, los indios se amotinaron y no le querían traer de comer como antes [...] (GIL, 1984, p.342)<sup>404</sup>. Ora, Diego Méndez deixou a Jamaica em julho de 1503, e o eclipse aconteceu em 29 de

---

<sup>402</sup> “Colomb, n’a jamais prédit aucune eclipse”.

<sup>403</sup> “Diego Mendez et Fernand Colomb rapportent qu’au cours de son quatrième voyage les indiens de la Jamaïque ayant refusé de fournir des vivres à Colomb, il les soumit en leur annonçant que Dieu allait leur manifester sa colère par un phénomène céleste et la nuit même il y eut une éclipse de lune qui les fit rentrer dans le devoir[...]. Dans son *Libro de las profecias*[...] et dans sa lettre dite rarissime[...], Colomb lui-même parle de cette éclipse, sans dire toutefois qu’il l’avait calculée ou prédite”.

<sup>404</sup> “[...] e aconteceu que, em poucos dias após minha partida os índios se amotinaram e não queriam trazer-lhe de comer como antes [...]”

fevereiro de 1504. Portanto, quando já se encontrava em Santo Domingo, o que deixa claro que tomou conhecimento da história por relato de outros. Ao contrário de ser suspeito pelo fato de não ter presenciado a cena pessoalmente, o seu registro do acontecido, merece toda credibilidade, pois deve ter ficado impressionado de tal maneira com a artimanha de Colombo, a ponto de fazer questão de dividir sua própria glória com o almirante, em um documento tão particular como seu testamento.

Em segundo lugar, Vignaud argumenta que Colombo mencionou “este” eclipse tanto no *Livro das profecias* quanto na carta aos reis escrita na Jamaica (*lettera raríssima*); sem, no entanto, mencionar que o calculou ou previu. Partindo do princípio de não crer que houve má-fé, sua análise aparenta ser falha, senão vejamos: Primeiramente atentemos que Colombo não se refere a “aquele” eclipse no texto da *lettera raríssima*. Essa carta endereçada aos reis, foi escrita na Jamaica em 7 de julho de 1503, ou seja, muito antes da ocorrência “deste” eclipse que se deu em fevereiro de 1504. Não seria possível, portanto, qualquer menção ao fenômeno celeste naquela carta da Jamaica se referir a “este” eclipse. Notemos a menção que Vignaud erroneamente interpreta como se referindo a “este” eclipse: “ Lo que yo sé es que en el año de 94 navegué en 24 grados al Poniente en término de 9 horas, y no pudo haber yerro porque uvo eclipses: el sol estaba en Libra y la luna en Ariete”(VARELA, 1982, 294-295)<sup>405</sup>. É evidente, diferentemente do entendimento de Vignaud, que Colombo se refere a fatos ocorridos em 1494 e não 1504, e qualquer leitor acostumado aos seus textos sabe que ele não raramente ao escrever sobre uma viagem recorda eventos ocorridos em viagens anteriores. Assim, no nosso entendimento, em hipótese alguma a referência a “eclipses” na *lettera raríssima* pode estar relacionada ao eclipse ocorrido em 29 de fevereiro de 1504.

Com relação ao argumento de Vignaud de que Colombo ao mencionar “este” eclipse no *Libro de las profecias*, o almirante não disse que o calculou ou previu, é necessário que façamos um raciocínio um pouco mais profundo, pois nesse caso Vignaud tem razão quando diz que Colombo se referia ao evento em que perpretou seu estratagema, sem o mencionar. Primeiramente precisamos atentar para o fato de que o *Libro de las profecias*: “[...] não é uma obra desenvolvida e sistemática. Mas se trata de uma coleção sufocante de citações fundamentalmente bíblicas, desconexas entre si e sem comentários” (AZCÁRATE, 2007, p. 78)<sup>406</sup>. Colombo pode ter começado a escrevê-lo entre 1501 a 1502, e provavelmente o concluiu

---

<sup>405</sup> “ O que sei é que no ano de 94 naveguei 24 graus ao Poente no prazo de 9 horas, e não posso ter errado porque houve eclipses: o sol estava em Libra e a Lua em Ariete”.

<sup>406</sup> “[...] no es una obra desarrollada y sistemática. Más bien se trata de una colección abrumadora de citas, fundamentalmentebíblicas, inconexas entre sí y sin comentar”.

em 1504, após sua quarta viagem. O original de 84 folhas se perdeu, tendo chegado até nós uma cópia manuscrita faltando 14 folhas. Nos anos de sua composição o almirante já sentia o peso de suas enfermidades, e talvez por isso mesmo, o seu aspecto messiânico que o acompanhava desde a primeira viagem, aflorou ainda mais. No livro, Colombo se identifica com algumas figuras bíblicas indicando que ele era o enviado de Deus, por quem fora incumbido de descobrir as Índias para evangelizar os nativos, e com as riquezas daquelas terras, financiar a libertação de Jerusalém do domínio mouro. Não obstante a mencionada característica dispersa do texto, não é difícil perceber que o autor pouco se refere a ocorrências havidas em suas viagens, e quando o faz transcreve a carta que escreveu para os Reis Católicos em 1501, cujo conteúdo é o mais condizente com o teor do *Libro de las profecias*. Por exemplo:

Ya dise que para la hesecución de la inpresa de las Indias no me aprovechó rasón ni matemática ni mapa-mundos; llenamente se cunplió lo que diso Isaías. Y esto es lo que deseo escrevir aqui por le redusir a Vuestras Altezas a memoria, y porque se alegren del outro que yo le diré de Jherusalen por las mismas autoridades, de la cual inpresa, si fee ay, tengan por muy cierto la vitória.(VARELA, 1982, p. 255)<sup>407</sup>.

A leitura dessa carta incluída por Colombo no texto do *Libro de las profecias*, deixa bem claro que há uma generalidade em seu conteúdo no que se refere às suas descobertas. É patente o aspecto profético nela contido, provável motivo pelo qual foi transcrita para o livro. Outra evidência de que nessa obra Colombo não pretendeu discorrer sobre situações pelas quais passou em suas viagens pode ser vista em trecho de uma carta para o padre Gorricio, o amigo que o ajudou com a escrita: “Y de mis fechos si yo non os escrivo a menudo lo que pasa, no os debéis marabillar [...] Solamente digo que debéis de estar alegre y contento, pues que Nuestro Señor es de nuestra parte y de Sus Altezas (VARELA, 1982, p. 257)”<sup>408</sup>. Porque então Vignaud questiona o fato de Colombo ter mencionado o eclipse observado na Jamaica, mas não ter se vangloriado de tê-lo calculado e previsto? Vejamos como o fato é descrito no *Libro de las profecias*:

El año de 1494, estando yo en la ysla Saona, que es al cabo oriental de la ysla Española, obo eclipsis de la luna a 14 de setiembre, y se falló que había diferencia de alí al cabo de San Viçente en Portugal çinco oras y más de media.

---

<sup>407</sup> “Já disse que para a execução da empresa da Índias não me aproveitou razão nem matemática nem mapa-mundis; plenamente se cumpriu o que disse Isaías. E isso é o que desejo escrever aqui para trazer a memória de Vossas Altezas, e para que se alegrem pelo que também direi de Jerusalém pelas mesmas autoridades, de cuja empresa, se fé há, tenham por certo a vitória”.

<sup>408</sup> “Sobre os meus feitos se não os menciono com frequência o que acontece não deveis estranhar[...] Somente digo que deveis de estar alegre e contente porque Nosso Senhor é conosco e com Suas Altezas”.

Juebes, 29 de febrero de 1504, estando yo en las Yndias en la ysla de Janahica en el poerto que se diz de Santa Gloria, que es casi en el médio de la ysla, de la parte septentrional, obo eclipsis de la luna, y porque el comienço fué primero que el sol se pusiese, non pude notar salvo el término de quando la luna acabó de bolver en su claridad, y esto fué muy certificado dos oras y media pasadas de la noche cinco ampolletas muy çiertas. La diferençia del medio de la ysla de Janahica en las Yndias con la ysla de Cális en España es siete oras y quynze minutos; de manera que em Cális se puso el sol primero que en Janahica con siete oras y quinze minutos de ora. Vide almanach. (VARELA, 1982, p. 262)<sup>409</sup>.

Observe-se que o descobridor reúne os dois casos de eclipses nos quais realizou medições relacionadas ao tempo, em um livro em que entre outras profecias, Colombo calculou o fim do mundo para os próximos 155 anos, um registro coerente com o conteúdo do texto. Ora, se considerarmos que a finalidade do *Libro de las profecias* era a de reivindicar para si a posição de profeta escolhido, a fim de levar a cabo a missão divina, por meio da qual as suas descobertas conduziriam a libertação de Jerusalém; nada poderia ser mais incoerente para Colombo que ao mencionar o eclipse de 29 de fevereiro de 1504, relembresse um fato que, embora humanamente falando tenha sido memorável, foi um engodo, ou melhor dizendo, uma falsa profecia. Algo que seria louvável em qualquer relato secular, mas não em um livro escrito pelo então atual profeta do Divino. Trazer para seu livro profético, a lembrança de um episódio, no qual havia fingido ser um representante de Deus, seria completamente incompatível com o propósito de que estes seus últimos escritos fossem uma continuação das profecias das Sagradas Escrituras. Diante de tal raciocínio, conforme esperamos ter demonstrado, nos parece que Vignaud errou ao rechaçar a veracidade do caso do estratagema da Jamaica, ao se basear na não menção por Colombo no *Libro de las profecias* da falsa conversa que ele teve com Deus após ter previsto o eclipse. O almirante por mais de uma vez revelou doses de vanglória em sua personalidade, mas ao mesmo tempo mesclava esta ostentação de seus predicados com uma reverência cabal ao papel da providência divina no sucesso de seus feitos. Como mencionamos anteriormente a ambiguidade é um dos aspectos mais evidenciados quando nos aprofundamos no estudo de sua vida. O episódio do eclipse na Jamaica (Figura 17) e de seu pseudocontato com Deus parece ter

---

<sup>409</sup> “No ano de 1494, quando eu me encontrava na ilha de Saona, que se situa no cabo oriental da ilha Espanhola, houve eclipse da lua em 14 de setembro, e se determinou que havia diferença dali para do cabo de São Vicente em Portugal, de cinco horas e mais de média. Quinta-feira, 29 de fevereiro de 1504, estando eu nas Índias, na ilha de Jamaica, no porto de Santa Gloria, que fica quase no meio da ilha, na parte norte; houve eclipse da lua, e porque o começo se deu antes que o sol se pusesse, não pude perceber exceto no final de quando lua voltou em sua clareza, e isso foi certificado durante duas horas e meia, passadas certamente cinco ampulhetas da noite. A diferença entre o meio da ilha da Jamaica nas Índias e a ilha de Cádiz na Espanha, é de sete horas e quinze minutos; de modo que em Cádiz, o sol se pôs primeiro que na Jamaica com sete horas e quinze minutos de diferença. Vide almanaque”.

sofrido censura do Colombo religioso ao não ser mencionado no Livro das Profecias. Vignaud não atenteou para esse detalhe e tudo indica que a razão parece estar com a maioria dos colombistas modernos, que não discutem a veracidade do inusitado feito de Colombo.

Figura 17- Gravura retratando o momento em que Colombo engana os índios na Jamaica usando um eclipse da lua.



Fonte: CHARCOT (1928, p. 306)

Retornando aos acontecimentos da quarta viagem, logo após a partida da missão de Diego Méndez, Colombo enfrentou uma nova sublevação, desta feita conduzida pelos irmãos Porras, apoiados por Alonso de Zamora e Pedro de Villatoro (VARELA, 2005). A conjura foi eficazmente repelida por Bartolomeu Colombo em sua função de *alter ego* do irmão quando a violência entrava em cena. Os índios ainda sob o efeito da “conversa” de Colombo com Deus, não tiveram dúvidas a quem deviam ajudar. Varela (2005, p. 159) frisa que embora os cabeças tenham sido levados presos a *la Española* por ordem de Colombo, logo que chegaram na ilha, o Governador Ovando os libertou; além disso quando de seu retorno a Sevilha, os Porras não deixaram de receber suas honras. Após retornar a Santo Domingo, Colombo partiu para a Espanha em 12 de setembro de 1504, e entrou no porto de *Sanlúcar de Barrameda* em 7 de novembro. Os historiadores registram a quarta viagem (MAPA 12) como um fracasso total. Dos 150 homens que o acompanharam somente 70 retornaram a Castela; os quatro navios do início da viagem foram perdidos; o almirante colecionava dívidas e seu prestígio era novamente abalado (VARELA, 2005). Entretanto, o efeito mais negativo “*del alto viaje*” pôde ser visto

no estado físico em ele se encontrava após dois anos e meio vivendo em clima húmido, enfrentando tempestades, privações e esforços intensos (MARQUÉZ, 2006). Se, de certo modo, Colombo foi vitorioso em sua vida por ter conseguido realizar seu projeto de navegação e descobrir terras desconhecidas para o mundo da época, cumprindo a sua “promessa” aos Reis Católicos; mesmo assim, amargou a derrota de não ter chegado a Cipango e a Catay. É bem possível que em seus últimos dias lamentasse não ter estado diante do Grande Cã.

Mapa 12- Rota de ida e volta da quarta viagem.



Fonte: desenho do autor (2019).



## 6 O FIM, UM NOME PARA O NOVO MUNDO, E OS INIMIGOS DO FUTURO

### 6.1 VALHADOLID, 20 DE MAIO DE 1506

No dia 20 de maio de 1506, Cristóvão Colombo morria em Valhadolid. O genovês que descobriu o Novo Mundo; Almirante do Mar Oceano; vice-rei e governador das Índias; e (segundo ele) o escolhido por Deus para libertar Jerusalém. Conforme escreveu em sua *lettera raríssima*, não tinha um teto para se abrigar e nem condições de pagar sua comida. Essa lenda, Las Casas e Fernando Colombo ajudaram a montar, e passou a ser a verdade no senso comum do conhecimento da vida de Cristóvão Colombo. Seu testamento contraria todo esse lamento: “Colombo, um homem que velava muito pelo seu dinheiro e que, talvez pelo afã de controlá-lo, morreu rico [...]”. (VARELA, 2010, p. 109)<sup>410</sup>. Gil (1984) ao estudar as contas de Colombo também põe por terra a lenda da sua “pobreza”, demonstrando que de pobre e necessitado, não tinha nada. “Não é pobre, como quer fazer crer a lenda: tem bens financeiros; está rodeado e assistido por familiares, amigos e criados” (TAVIANI, 1989, p. 262)<sup>411</sup>. Outra tradição que não merece crédito é a de que no leito de morte Colombo estava esquecido e abandonado. Não há dúvida de que na ocasião de sua morte não desfrutava o prestígio de outrora, contudo deu seu último suspiro assistido por frades franciscanos e cercado pelos filhos Diego e Fernando, e alguns criados. É bem possível que também os fiéis amigos, Diego Méndez e Bartolomeu Fiesco estivessem ao seu redor (MARQUÉZ, 2006). Existem divergências sobre a presença ou não de seus irmãos Bartolomeu e Diego, mas se considerarmos as dificuldades de comunicação numa época em que as notícias eram levadas por mensageiros a cavalo – o que explicaria a possível ausência dos irmãos – o almirante deixou a vida cercado de pessoas que o reverenciavam.

Segundo o jornalista e historiador brasileiro Eduardo Bueno, “[...] Colombo terminou seus dias em desgraça – teimando que havia descoberto a rota ocidental para as Índias[...]” (1998, p. 14). De fato, muitos autores consideram que o almirante sustentava até o fim ter chegado a Ásia; contudo a conclusão de que seus últimos dias foram de “desgraça” difere completamente da opinião dos maiores especialistas colombinos. Podemos até concordar com Fernandez-Armesto (1992) que Colombo chegou a seu fim envolvido em uma miséria interior,

---

<sup>410</sup> “Colón, un hombre que velaba mucho por su dinero y que, quizá por ese afán de controlarlo, murió rico[...]

<sup>411</sup> “No es pobre, como quiere hacernos creer la leyenda: tiene bienes financieros; está rodeado y assistido por familiares, amigos y criados”.

com a alma atormentada pela insatisfação. Contudo, não estava em desgraça, tanto que três anos após sua morte, o filho primogênito Diego Colombo foi nomeado pelo rei Fernando como governador de *la Española*, em uma demonstração inequívoca do prestígio que o almirante, mesmo morto, gozava junto ao monarca. E conforme já mencionado, se não fosse a ganância e arrogância de Diego em tratar seus direitos com o rei, teria permanecido com muitas das benesses que lhe haviam sido concedidas, mas que perdeu por causa de exigências que o soberano espanhol não pôde aceitar. Quando Bueno, um dos autores brasileiros com mais trabalhos publicados sobre o período das Grandes Navegações, traz como fato histórico uma questão que há muito foi rechaçada pelos principais colombistas; somos obrigados novamente a alertar sobre a incipiência da historiografia brasileira em relação a Cristóvão Colombo e a descoberta da América.

A morte não foi suficiente para por um ponto final nas controvérsias em torno do Descobridor do Novo Mundo, o local onde repousam seus restos são motivos de discussão até hoje. As cerimônias de seu funeral foram realizadas na igreja de *Santa Maria de la Antigua*, e seu corpo foi sepultado em 21 de maio de 1506, na igreja de *San Francisco de Valladoli* no interior do convento franciscano. Três anos depois em 1509, Diego Colombo providenciou o traslado do corpo do pai para a *Cartuja de las Cuevas de Sevilla*, local onde o padre Gaspar de Gorricio, um de seus grandes amigos, guardava os escritos e documentos da família Colombo (VARELA, 2005, p. 181). Embora Colombo tenha sido prolífico em nos deixar escritos autógrafos, não deixou registrado se havia escolhido um local para seu descanso eterno. Não se pode descartar que o tenha feito por palavra a seus filhos, talvez por isso, após a morte do primogênito Diego, sua viúva Dona Maria de Toledo, mandou que os restos de ambos, pai e filho, fossem transferidos em 1544 para Santo Domingo, o que pode indicar que o almirante ansiou voltar para sempre a *la Española*. Contudo, aqui também surgem questionamentos:

Pelo menos esta é a data comumente admitida pela historiografia tradicional baseada em textos literários, mas sem nenhum respaldo documental: não se conservou nenhuma escritura notarial que o testifique e não figura o traslado de nenhum cadáver na lista de embarque de dona Maria quando zarpu para as Índias. Levando uma caixa, que presumidamente continha os dois cadáveres, já que parece absurdo imaginar que dona Maria levava consigo dois esquifes, a vice-rainha realizou a viagem para Santo Domingo. (VARELA, 2005, p.182)<sup>412</sup>.

---

<sup>412</sup> Al menos ésa es la fecha comúnmente admitida por la historiografia tradicional basada en textos literarios pero sin ningún respaldo documental: no se ha conservado ninguna escritura notarial que lo atestigüe y no figura el traslado de ningún cadáver en la lista de embarque que aportó doña María cuando zarpó para las Índias. En posesión de una caja, que presumiblemente contendría los dos cadáveres, ya

Acredita-se que os restos de Colombo e seu filho Diego permaneceram na catedral de Santo Domingo até 21 de novembro de 1795, quando após a Espanha perder a soberania da parte oriental da ilha, foram trasladados para Havana em Cuba (VARELA, 2005). Com a declaração da independência de Cuba em 1898, a Espanha decidiu repatriar os restos do descobridor, e os depositou em um monumento na Catedral de Sevilha (FIGURA 18). Entretanto, se hoje um dominicano ou cubano visitar a monumental catedral em Sevilha, caso se depare com um turista emocionado por estar diante da tumba do descobridor da América, poderá interpelá-lo dizendo que Colombo não está ali, e que seus restos jamais saíram de Santo Domingo ou de Havana. Tal situação de cunho político, só poderá ser esclarecida caso surja algum documento incontestável que ponha fim ao que Varela (2005) classifica como uma disputa macabra que insiste em não dar paz ao almirante mesmo tendo passado mais de 500 anos desde sua morte. Cristóvão Colombo não foi (e nem poderia ser) canonizado como queria o conde Roselly de Lorgues, historiador francês do século XIX, mas não se pode negar a ele o título de Profeta do Novo Mundo.

Figura 18- Monumento fúnebre a Cristóvão Colombo na Catedral de Sevilha-Espanha.



Fonte: TAVIANI (1988, p. 320)

## 6.2 UM NOME PARA O NOVO MUNDO

A questão do nome pelo qual ficou conhecido o continente descoberto por Cristóvão Colombo foi responsável durante muito tempo por uma grande injustiça contra o florentino

---

que parece absurdo pensar que doña María llevara consigo dos fêretros, realizó el viaje la virreina a Santo Domingo”.

Américo Vespúcio. Considerado por Colombo como um grande amigo, foi navegador e também mercador. Pode ter acompanhado a expedição de Alonso de Hojeda em 1499, ocasião em que teria passado pelo Golfo de Pária, bordeando parte do norte da América do Sul. Sua presença em viagens ao continente descoberto por Colombo, é uma das origens do que posteriormente ficou conhecido como a “usurpação” que Vespucio teria cometido ao chamar de América as novas terras descobertas pelo almirante. Um dos responsáveis, e muito provavelmente o principal, por este engano foi o dominicano Las Casas, que não se conformando com o nome dado ao Novo Mundo, disparou:

Y es bien aquí de considerar, la injusticia y agravio que aquel Américo Vespucio parece haber hecho al Almirante, ó los que imprimieron sus cuatro navegaciones, atribuyendo á sí, ó no nombrando sino á sí sólo, el descubrimiento desta tierra firme; y por esto todos los extranjeros que destas Indias en latín ó en su lenguaje materno escriben, y pintan, ó hacen carta ó mapas, lláman la América, como descubierta y primero hallada por Américo. (CASAS, 1986, II, p. 268)<sup>413</sup>.

A responsabilidade de “batizar” de América o novo continente descoberto, diferente do que escreveu Las Casas, não pode ser atribuída a Vespucio conforme tentaremos demonstrar. O florentino reivindicava ter realizado quatro viagens para as terras que futuramente levariam seu nome: 1497-1498; 1499-1500; 1501-1502 e 1503-1504. A primeira e a última são bastante discutíveis e alguns historiadores não as reconhecem como verdadeiras. A expedição de 1499-1500 com Ojeda, embora seja bem provável ter acontecido, ainda levanta alguns questionamentos. A viagem de 1501-1502 realizada a serviço de Portugal é inquestionável e foi durante esta viagem que percorreu toda a costa brasileira, do Cabo de Santo Agostinho até o Rio Grande do Sul (SALMORAL,1988). Sobre essas expedições, duas epístolas são imputadas a Vespucio: a denominada *Mundus Novus* escrita em 1504, e endereçada a Lorenzo de Médici, considerada pelos historiadores como cheia de falsidades e inexatidões, a começar pelo destinatário que já havia morrido quando da confecção da carta; e a outra que foi endereçada a Piero Soderini no mesmo ano de 1504, a qual também estava cheia de erros e incongruências, como por exemplo as duas viagens que Vespucio não realizou. Tais fatos

---

<sup>413</sup> “E é bom aqui considerar a injustiça e agravo que Américo Vespucio parece ter feito ao Almirante ou aqueles que apoiaram suas quatro viagens, atribuindo a si, ou não nomeando, senão somente a si, a descoberta desta terra firme; e por isso todos os estrangeiros que destas Índias em latim ou em sua língua materna escrevem, pintam, ou fazem carta ou mapas, chamam América, como descoberta, e encontrada primeiro por Américo”.

fizeram com que vários historiadores considerassem que os exemplares publicados e atribuídos ao navegador florentino tenham sido falsificados.

De qualquer forma, os textos alcançaram muita divulgação, e em seu conteúdo constava que as terras descobertas não eram as Índias como pensava Colombo, mas um Novo Mundo separado da Ásia por um oceano (SALMORAL, 1988). Entretanto, ainda que Colombo seguisse acreditando ter alcançado as Índias, a partir da terceira viagem, tinha bem claro que descobrira um outro (novo) mundo: “[...] y que esta de acá es otro mundo [...]” (VARELA, 1982, p. 207); embora considerasse que pudesse estar ligado a Àsia.

Ainda durante a terceira viagem quando estava navegando ao largo da ilha *Margarita* a oeste da península de Pária, Colombo não deixou dúvidas que sabia estar diante de um continente desconhecido até então: “[...]” (CASAS, 1986, p. 554)<sup>414</sup>. Sobre esse fato, Fernandez-Armesto (1992, p.160) comenta: ‘

É um erro pensar que a descoberta de Colombo foi fortuita ou atribuir o crédito pela primeira compreensão da sua natureza a qualquer explorador posterior. De certa forma, Colombo fora batido, quanto à conclusão correta sobre as suas descobertas, por eruditos como Pedro Mártir, que desde o início as classificara como “ antípodas”, mas estas tinham sido conjecturas teóricas, baseadas num cálculo realista da dimensão do globo. Ao encontrar e apresentar provas de que o Novo Mundo incluía u continente desconhecido, Colombo transformara as especulações em factos empiricamente verificáveis. O feito científico de Colombo – não é exagerado chamar-lhe assim – foi conhecido na sua época e citado pelos primeiros biógrafos. Embora nos dez anos seguintes Vespucci, Waldseemüller e outros o adoptassem ou atingissem, até certo ponto independentemente, e ajudassem a torná-lo universalmente conhecido e aceite, Colombo foi em sentido inequívoco o seu iniciador. (1992, p.160).

A mencionada carta a Soderini chegou às mãos do geógrafo alemão Martin Waldseemüller, que desejava publicar e ampliar a *Geografia de Ptolomeu*, e o fez adicionando à sua<sup>415</sup> *Cosmographiae Introductio*, o texto de Vespúcio sob o título *Mundus Novus*. Exatamente no ano de 1507, Waldseemüller sugere que o continente que ele entendia ter sido descoberto por Américo Vespúcio fosse chamado de América, considerando que Europa e Ásia eram nomes de mulheres:

Nunc vero et hae partes sunt latius lustratae, et alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inventa est, quam non video cur quis iure vetet ab Americo inventore sagacis ingenijviro Amerigen quasi Americi terram, sive Americam dicendam: cumet

<sup>414</sup> “ E estou convencido que esta é terra firme, grandíssima, da qual até hoje não se soube[...]”.

<sup>415</sup> Waldseemüller que também era clérigo, teve como co-autores da *Cosmographiae Introductio* o canônico Lud do mosteiro de Saint Dié e o poeta Ringmann (SALMORAL, 1988, p.54).

Europa et Asia a mulieribus sua sortita sint nomina. Eius situmet gentis mores ex bis binis Americi navigationibus quae sequunturliquide intelligi datur<sup>416</sup>.(WALDSEEMULLER, 1507).

Na Figura 19 apresentamos um recorte do mapa-mundi de Martin Waldseemüller com a anotação do nome “América” que pela primeira vez era usado para designar o continente descoberto por Colombo em uma carta geográfica.

Figura 19- Detalhe do Mapa Mundi (1507) de Martin Waldseemüller.



Fonte: Library of Congress (online).

Como podemos verificar, Américo Vesúpcio é completamente inocente em relação a escolha do nome América para nomear o Novo Mundo, tendo sido injustiçado por muitos anos como se tivesse sido um desafeto de Colombo e por isso o quisesse suplantar. Muito provavelmente era esse o pensamento de Las Casas quando repreendeu a suposta atitude do navegador florentino. Na verdade, Colombo por mais de uma vez em seus escritos demonstrou ter grande amizade com Vesúpcio, conforme deixou claro inclusive, em cartas ao filho Diego. Américo, inclusive, foi o portador de uma delas e fazia companhia a Colombo quando este redigiu uma outra:

Muy caro fijo: Diego Méndez partió de aqui lunes III d’este mês. Después de partido, fablé con Amérigo Vespuchi, portador d’esta [...]

<sup>416</sup> “Mas agora que estas partes do mundo foram extensamente examinadas e a outra quarta parte foi descoberta por Américo Vesúpcio – como se verá na sequência – não vejo razão para que não a chamemos *América*; quer dizer, a terra de Américo, por Américo, seu descobridor, homem de sagaz engenho, assim como Europa e Ásia já receberam seus nomes de mulheres”. (Cf. WALDSEEMÜLLER, Martin. **Cosmographiae introductio**. [St. Dié]: [Walter et Nikolaus Lud]), 1507).

El sienpre tubo deseu de me hazer plazer, es mucho hombre de bien [...] (VARELA, 1982, p.328)<sup>417</sup>.

Muy caro fijo: [...] Con Amerigo Vespuchi te escriví. Procura que te enbíe la carta, salvo si ya la oviste [...] (VARELA, 1982, p.329)<sup>418</sup>.

Ballesteros, Beretta (1945) citando opinião de Magnaghi (1926) comenta que Vespúcio pode ter ajudado Colombo em relação ao crédito que o banqueiro Juanoto Berardi tinha contra ele, e ao mesmo tempo acrescenta que se Colombo tivesse vivido mais alguns anos poderia ter tido uma clareza maior sobre a terra que descobriu, e pontua que fica evidente a superioridade dos conhecimentos técnicos de Américo Vespúcio, fato que o ajudava a compreender melhor as terras descobertas. O caráter dos escritos de Las Casas que se constituíram como fontes primárias até mesmo para os antigos cronistas espanhóis, muito provavelmente os influenciou na detração do amigo florentino de Colombo, qualificando-o como um inimigo do descobridor a ponto de roubar-lhe a glória do descobrimento do Novo Mundo. Herrera (1726) nos ajuda a entender como a opinião de Las Casas ajudou a que Américo Vespúcio fosse taxado de usurpador do descobrimento feito por Colombo:

[...] i como cosa, que era mui notorio haverla descubierto primero el Almirante D. Christoval Colón [...] de lo cual, i de otras muchas cosas, se infiere, quan artificiosamente escrivió Americo Vespucio, para atribuirse la gloria del primer Descubrimiento de la Tierra-firme, quitandola al Almirante D. Christoval Colón, que la halló com grandisimos trabajos, como queda referido. (HERRERA, 1726, p. 100)<sup>419</sup>.

Ballesteros Beretta (1945) comentou o erro<sup>420</sup> de outros historiadores, como Herrera, induzidos por Las Casas:

---

<sup>417</sup> “Meu caro filho: Diego Méndez partiu daqui na segunda-feira, 3 deste mês. Depois que partiu falei com Américo Vespúcio, portador desta[...] Ele sempre quis me agradar, é muito homem de bem[...]”. Escrita em Sevilha, 5 de fevereiro de 1505.

<sup>418</sup> “Meu caro filho: Com Américo Vespúcio te escrevi. Procura que te envie a carta, salvo se já a tendes[...]”. Escrita em Sevilha, 25 de fevereiro de 1505.

<sup>419</sup> “[...] e como coisa que era muito clara ter descoberto o primeiro almirante D. Cristóvão Colombo[...] do que e de outras muitas coisas se pode inferir, o quão artificiosamente escreveu Américo Vespúcio para atribuir a si próprio a glória do primeiro Descobrimento da Terra-firme, tirando-a do Almirante D. Cristóvão Colombo, que a encontrou com grandíssimos trabalhos, como referido”.

<sup>420</sup> A confusão é tão grande que o autor alemão Eobald Toze publicou em 1761 um livro intitulado: *Der wahre und erste Entdecker der Neuen Welt, Christoph Colon, gegen die ungegründeten Ansprüche, welche Americus Vespucci und Martin Behaim auf diese Ehre machen, vertheidiget* (O verdadeiro e primeiro descobridor do Novo Mundo, Cristóvão Colombo contra as afirmações infundadas feitas sobre esta honra por Américo Vespúcio e Martin Behaim). Ora, o também alemão Martin Behaim foi o criador em 1492 da primeira representação cartográfica do mundo em forma do globo terrestre, utilizando para mostrar a parte ocidental da terra, muito provavelmente o mapa de Toscanelli, e não teve absolutamente

Se revoltavam contra o feito atribuindo-lhe a Vespúcio, que não tinha culpa alguma. Foi o editor Waldseemüller, em uma carta marítima dirigida ao duque Renato de Lorena, que havia cometido a insigne injustiça de chamar América as terras descobertas. Por outro lado, a atitude de Las Casas era lógica e sem saber culpava a um inocente. (BALLESTEROS BERETTA, 1945, p. 706-707)<sup>421</sup>.

Fernández-Armesto (1992) apresentou uma lúcida interpretação desse problema histórico, inclusive demonstrando que o próprio Waldseemüller se retratou do erro que cometeu, e ao mesmo tempo achou uma justificativa para o estabelecimento irremediável do nome América para o Novo Mundo que Colombo descobriu:

Não há dúvida de que a reivindicação de Vespucci – para sermos justos, deve dizer-se antes a reivindicação apresentada em favor de Vespucci em seu nome – de ter visitado a parte continental antes de Colombo é falsa [...] Os actuais admiradores de Vespucci colocam mais ênfase na alegação de que o florentino foi o primeiro a compreender a verdadeira natureza da América como um continente separado da massa de terra euro-asiática. Mas, como argumentamos, Colombo fez também a primeira reivindicação nesse sentido e, se a opinião de Colombo não foi firme, também a de Vespucci não foi inequívoca nem imutável. Este apoiou explicitamente a convicção de Colombo na proximidade entre o Novo Mundo e a Ásia. Apenas um ano depois da morte de Colombo, Martin Waldseemüller propôs que o novo continente fosse chamado América em honra a Amérigo Vespucci, que considerou um geógrafo a altura de Ptolomeu: seis anos depois, retractou-se desta sugestão e restituiu a Colombo a honra da descoberta. Entretanto, porém, o novo nome começara a afirmar-se. É inútil dizer que o nome é errado, mas importa compreender que tem que ser justificado, se for caso disso, pela eficácia de Vespucci como publicista e não como descobridor. (FERNANDÉZ-ARMESTO, 1992, p. 218-219).

A opinião de Waldseemüller em relação aos dotes de geógrafo de Vespúcio é rechaçada veementemente por Varela (1988):

Com efeito, Américo não foi esse homem tão extraordinário como a posteridade mostrou. Não sabemos nada de suas artes de marinharia, a não ser o que ele mesmo em um alarde de imodéstia nos conta. Seus comentários geográficos são, em muito boa medida, meros plágios das teorias em voga naquele momento [...] Contudo, foi Américo Vespúcio

---

nada a ver com a atribuição do nome América para o Novo Mundo. Só podemos atribuir esse erro grosseiro a uma mistura dos nomes, Martin Waldseemüller (o verdadeiro responsável pela injustiça) com Martin Behaim, e o fato de ambos terem nascidos na Alemanha. O fato do livro ter sido escrito por Toze, outro alemão torna a situação ainda mais insólita, para não dizer hilária.

<sup>421</sup> “Se revolvían contra el hecho atribuyéndole a Vespucci, que ninguna culpa tenía. Fué el editor Waldseemüller, em uma carta marítima dirigida al duque Renato de Lorena, el que había cometido la insigne injusticia de llamar América a las tierras descubiertas. Por otra parte, la actitud de Las Casas era lógica y sin saberlo inculpaba a um inocente”.



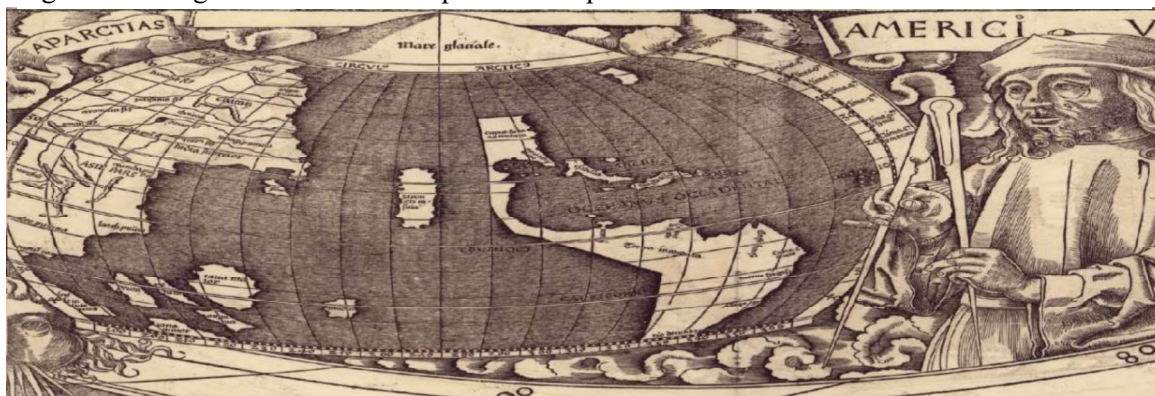
um homem que carecia dos méritos de um Cristóvão Colombo, dos irmãos Pinzón, ou de Juan de la Cosa, quem teve a sorte de dar seu nome ao Novo Continente [...] (VARELA, 1988, p. 117, 122)<sup>422</sup>.

Fernández-Armesto (1992) também se delicia com uma provável cena sugerida por Varela (1988) que pode ter ocorrido na casa de Colombo em Sevilha, em que os dois navegadores se confortaram mutuamente:

Como se pode ver a situação não evoluiu favoravelmente para Américo; segue sendo tão pobre como um par de anos antes; e o paralelismo com Colombo é evidente: as terras descobertas por dom Cristóvão estão sendo entregues a outros governadores. Em quem poderia achar Colombo maior consolo que no seu compatriota desamparado? A quem poderia se queixar que o entendesse tão bem, já que estava sofrendo uma situação parecida? (VARELA, 1988, p. 67)<sup>423</sup>.

Taviani (1989) também reputa como inquestionável a amizade entre Colombo e Vesúcio (FIGURA 20). Diante da absolvição do navegador florentino, por parte da maioria dos colombistas modernos, da acusação de usurpar a glória do almirante, só podemos concluir que o mal-entendido promovido por Las Casas, não se sustenta historicamente, tanto pela opinião dos especialistas, quanto pelas provas documentais existentes.

Figura 20- Imagem de Américo Vesúcio no mapa de Waldseemüller.



Fonte: VARELA (2005, p. 145). Acervo. *Library of Congress* (Washington D.C).

<sup>422</sup> “ En efecto, Amerigo no fue ese hombre tan extraordinario como la posteridade nos lo ha mostrado. Nada sabemos de sus artes marineras fuera de lo que él mismo, en un alarde de inmodestia nos cuenta. Sus comentarios geográficos son, em muy buena medida meros plágios de las teorías em boga em aquel momento[...]sin embargo, fue Amerigo Vespucci um hombre que carecía de los méritos de um Cristóbal Colón, de los hermanos Pinzón o de Juan de la Cosa, quien tuvo la fortuna de dar su nombre al Nuevo Continente[...]”.

<sup>423</sup> “ Como se ve la situación no ha evolucionado favorablemente para Amerigo: sigue siendo tan pobre como un pas de años atrás, y el paralelismo con Colón es evidente: las tierras descubiertas por don Cristóbal están siendo entregadas a otros gobernadores. ¿Em quién podría hallar Colón mejor Consuelo que em el compatriota desamparado? ¿a quién podría quejarse que le entendiera tan bien, ya que estaba sufriendo uma situación parecida?

### 6.3 INIMIGOS DO FUTURO: O “POLITICAMENTE CORRETO” SE INSURGE CONTRA COLOMBO

O descanso eterno de Colombo não tem sido perturbado somente pelas discutidas viagens nas quais seus restos mortais cruzaram novamente o Mar Oceano que o consagrou. Diferente do que se costumou pensar e propagar, não é verdade que após sua morte o almirante foi completamente esquecido por pelo menos três séculos. Mesmo no fim do século XVI Colombo era reconhecido, ainda que não nos termos atuais, como personagem de grande importância na história, e pode-se dizer que até o século XIX era mais visto no pensamento europeu como o símbolo do explorador, descobridor, e um tipo de herói (SALE, 1992, p. 226). Entretanto, estudos sobre sua vida eminentemente de caráter científico não foram desenvolvidos nessa época. A situação começaria a mudar quando na primeira metade do século XIX, o escritor Washington Irving – um dos primeiros americanos a ser reconhecido como homem de letras na Europa – aproveitando sua função de diplomata em Madri publicou uma biografia de Colombo: *A History of the Life and Voyages of Christopher Columbus* (História da Vida e Viagens de Cristóvão Colombo). Irving apaixonou-se pela Espanha e seu povo, produzindo ainda outras obras<sup>424</sup> de sucesso inspiradas na terra de Cervantes, entre elas: *Tales of the Alhambra* (Contos da Alhambra) escrita em 1829 (resultado de sua estadia naquele ano como hóspede na *Alhambra* de Granada) e publicada em 1832. Seu livro sobre a vida do almirante alcançou grande sucesso na época, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Embora Irving tenha pesquisado em importantes documentos na Espanha, sua obra foge à totalidade do conceito historiográfico atual, em razão de conter elementos ficcionais e romanceados; o que não diminui sua importância por ter inspirado o interesse pela biografia do então símbolo representado por Colombo.

Na mesma época entre 1825 e 1837 era publicado pela *Imprensa Real Espanhola* a *Collección Navarrete*, trabalho do nobre Martín Fernandez de Navarrete que reuniu vários documentos relativos aos descobrimentos espanhóis, uma coletânea que passou a ser fundamental para a pesquisa científica envolvendo Colombo e a descoberta da América. Em seguida como parte das comemorações do quarto centenário da primeira viagem do descobridor, o governo italiano incumbiu o escritor Cesare de Lollis de editar e comentar as

---

<sup>424</sup> *The Chronicles of the Conquest of Granada e The Voyages and The Discoveries of the Companions of Columbus*. Antes de sua ida para a Espanha, Irving publicou em 1820, um de seus grandes sucessos: *The Legend of Sleepy Hollow* (A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça) que foi adaptado para o cinema e lançado em 1999 tendo como protagonista o consagrado ator Johnny Depp.

principais fontes colombinas disponíveis na época. O trabalho foi realizado entre 1892 a 1896<sup>425</sup> e a obra se tornou conhecida como *Raccolta Colombiana*. A variedade de documentos referentes aos descobrimentos, disponíveis principalmente nos arquivos espanhóis, juntamente com as coleções acima citadas, permitiram que a historiografia colombina se desenvolvesse a passos largos conduzindo aos historiadores dos séculos XX e XXI.

A razão de apresentarmos esse pequeno histórico tem por objetivo tentar demonstrar que Colombo é uma personagem cuja vida foi devassada por vários historiadores competentes e sérios. Contudo, por ocasião das comemorações do V centenário do descobrimento da América em 1992, em meio a inúmeras homenagens ao seu ator principal, teve início um movimento que tem perdurado e se acentuado nos dias atuais, e que tem como objetivo denegir a imagem do almirante, reputando-o como o protótipo do anti-herói, ou seja: o homem que foi o responsável pela aniquilação dos auctóctones das Américas, que desfrutavam de uma vida idílica em um verdadeiro paraíso terrestre, antes que navios capitaneados pelo navegador genovês chegassem a suas terras. Nos Estados Unidos, por exemplo, a memória de Cristóvão Colombo é até mais cultuada que na própria Espanha ou Itália, se considerarmos o número de monumentos<sup>426</sup>; logradouros; cidades; estados; rios etc; nomeados em homenagem ao descobridor. Há alguns anos, vozes dissonantes têm sido ouvidas em uma verdadeira cruzada para depor Colombo de sua posição de herói americano. O navegador como figura histórica no país, só é superado em popularidade por George Washington (KROGT, 2003). Se considerarmos que Colombo nunca colocou os pés em qualquer território da América do Norte, o reconhecimento que recebeu e continua recebendo no país é um verdadeiro fenômeno. Entretanto, embora possam ser vistas manifestações anti-Colombo em outras partes do mundo, é exatamente nos EUA que este tipo de movimento passou a ganhar as manchetes (FIGURA 21). Casos como a retirada de uma estátua do descobridor ocorrida em um parque de Los Angeles; a decapitação de outra em Nova Iorque; e a vandalização de um monumento em

---

<sup>425</sup> Em 1994 o *Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato*, instituição pública italiana, sediada em Roma, publicou a *Nuova Raccolta Colombiana*.

<sup>426</sup> Em um interessante artigo disponibilizado em sua página eletrônica na internet, Peter Van Der Krogt apresenta dados estatísticos da presença de monumentos (estátuas, bustos, placas etc) em logradouros públicos homenageando Cristóvão Colombo ao redor do mundo, chegando a um número aproximado de 400 esculturas. Com 158 monumentos públicos a Colombo, os EUA lideram com mais do dobro que Itália (45); Espanha (67); Índias Ocidentais (39). O Brasil aparece com 5 monumentos localizados em praças ou avenidas nas cidades de São Paulo (SP); Santos (SP); Santa Rosa (RS); Rio de Janeiro (RJ); Muçum (RS); faltando incluir nesta lista a estátua do descobridor na Praça Colombo em Salvador (BA). Como podemos ver nenhum país cultua mais a memória do Almirante que os EUA, o que de certa forma explica a atual controvérsia em torno do tema. Cf. VAN DER KROGT, Peter. *Geographical Distribution of Monuments for Christopher Columbus*. Disponível em: <http://vanderkrogt.net/columbus/index.php>.

Baltimore; cujos detalhes podem ser verificados em vários sítios eletrônicos de notícias dessas cidades disponíveis na rede mundial de computadores, são alguns exemplos de protestos contra Colombo que ganharam corpo principalmente após as celebrações do V centenário do descobrimento. Como procuraremos demonstrar neste tópico, Colombo foi um produto de seu tempo, e exatamente por isso, estabelecer qualquer julgamento sobre suas ações e atos, tomando por base os costumes de nossa sociedade atual, não só é uma atitude ilógica, como também inadequada. Como um típico representante do homem que viveu em fins do século XV e início do século XVI, o descobridor não pode ser avaliado pelos padrões de comportamento que se espera nos indivíduos que vivem na era contemporânea. Se assim não fosse, nenhum dos grandes vultos do passado conseguiria passar incólume por um escrutínio comportamental: por exemplo, os principais fundadores da nação americana (*founding fathers*) George Washington e Thomas Jefferson. Washington não somente era um grande proprietário de escravos, como também os comercializava, a ponto de chegar a ter 317 negros, incluindo cerca de 143 crianças (MORGAN, 2000). Jefferson, por sua vez, embora não estivesse confortável com a escravidão, possuía 170 negros, e nunca teve a coragem de libertá-los. A sua justificativa para manter os escravos é de que eles eram muito mal preparados para a liberdade (BLACKMAN, 1992). Isso sem falar que uma de suas escravas, Sally Hamings, foi transformada em sua amante (HARPER, 1978, p. 354). Deveriam então os pais da liberdade dos Estados Unidos da América serem alvo dos descendentes de escravos americanos, terem suas estátuas demolidas, e serem destituídos de seus postos de heróis da nação, considerando que foram partícipes de um comportamento que hoje é execrável? Qual a diferença dessa situação para com a de Colombo?

Figura 21- Cartaz contra a comemoração do "Dia de Colombo" (*Columbus Day*) nas escolas americanas, e selo comemorativo dos 500 anos do descobrimento da América.



Fonte: rayharris57.wordpress.com (2019, online).

Fonte: American Philatelic Society (2019, online).

Washington e Jefferson mereceram e sempre merecerão todas as honras por seu papel na construção dos Estados Unidos da América, o que não significa que a história se exima de apontar verdades sobre a vida de ambos. No entanto, não podemos julgá-los e condená-los segundo padrões éticos e morais atuais, pois seu comportamento e ações eram comuns na sociedade e época em que viveram. Nenhum historiador isento deixará de reconhecer vários erros cometidos por Colombo, tais como: o início da escravização dos índios pelos europeus; sua incapacidade de controlar os colonos, permitindo muita violência contra os nativos, desde mutilações punitivas até estupro das mulheres indígenas; sua obsessão pelo ouro, cuja imposição de cotas tributárias, levou muitos índios a preferirem a morte que o castigo pelo seu não cumprimento; enfim, qualquer estudioso com conhecimento das mazelas ocorridas durante a gestão da família Colombo no Novo Mundo, tem consciência destas questões. Entretanto, é necessário perguntar: tais manifestações podem ser justificadas e incentivadas se analisadas à luz da realidade histórica do descobrimento da América? Para Bowden (2007), conferencista de História Legal Americana, o movimento anti-Colombo no seu país e via de consequência em outras regiões do mundo é um completo *nonsense*. Em um livro que trata especificamente do assunto: *The Enemies of Christopher Columbus*<sup>427</sup> (Os Inimigos de Cristóvão Colombo), o autor apresenta argumentos difíceis de serem refutados. Segundo ele, se considerarmos Colombo como um monstro, e sua chegada aqui em 1492 uma tragédia para os inocentes nativos que desfrutavam de uma vida edênica, por coerência deveríamos rejeitar toda a virtude da civilização ocidental que moldou o homem moderno. Partindo do princípio de que a ideia de multiculturalismo é falha, e nem todas as sociedades são iguais, pois em algumas a razão desenvolveu-se mais do que em outras, Bowden procura demonstrar que a inevitável presença de uma civilização superior no Novo Mundo trouxe muito mais benefícios que malefícios:

Se Colombo ou algum outro emissário do ocidente não tivesse chegado ao Novo Mundo, e os Índios continuassem a se apoiarem em suas noções pré-racionais então eles ainda estariam hoje escravizando e matando uns aos outros, exatamente como faziam em 1492[...] Tais Índios clamam por uma superioridade moral que eles não merecem [...] O estilo de vida espiritual dos Índios era qualquer coisa menos tranquilo e simples. Eles viviam “em um mundo de ansiedade, frustração, inadequação, e vulnerabilidade, no qual os espíritos controlavam tudo que não podia ser explicado racionalmente”, explica o antropologista Peter Farb [...] Os Aztecas, por exemplo, que eles foram escolhidos pelos deuses para alimentar o sol, que requeria sangue humano como combustível para seu movimento diário no céu. Por isso, eles guerreavam contra tribos vizinhas, capturando milhares de prisioneiros e os conduziam um por um para o topo de pirâmides. Lá, em cerimônias públicas,

---

<sup>427</sup> Cf. BOWDEN, Thomas A. **The enemies of Christopher Columbus**. Kerhonkson: The Paper Tiger, 2007.

sacerdotes usavam punhais para retirar de suas vítimas o coração ainda pulsando, lançando os demais órgãos em braseiros onde eram assados em brasas incandescentes. (BOWDEN, 2007, p. 35-47)<sup>428</sup>.

Não apenas os Aztecas, mas também outras tribos, com algumas variações nos ritos, tinham os mesmos costumes. Em seu próprio grupo tribal havia práticas das mais repulsivas: “Na maioria das tribos, as mulheres índias tinham de parir sozinhas sem nenhuma ajuda, e deviam voltar ao trabalho imediatamente. Crianças que nasciam aleijadas, gêmeas, ou bebês cujas mães morriam no parto, eram frequentemente mortos ou abandonados” (BOWDEN, 2007, p. 51)<sup>429</sup>. De fato, se analisarmos os aspectos antropológicos intrínsecos das sociedades indígenas pré-colombianas nas Américas, não é difícil concordar com seus argumentos. Ainda que a chegada de Colombo tenha, em um primeiro momento, trazido prejuízo para a vida dos nativos, trouxe também os valores civilizatórios ocidentais, mesmo que limitados à esfera do homem cristão medieval; cujo desenvolvimento e aperfeiçoamento seriam compartilhados por ambas as sociedades. Portanto, para Bowden (2007, p. 51)<sup>430</sup>: “Os críticos que veem nas viagens de Colombo a “conquista do paraíso”, deveriam considerar exatamente o contrário, pois a América pré-colombiana era infernal em sua primitividade”<sup>431</sup>. As referências de Colombo de que naquela região do mundo deveria estar o Paraíso terrenal, não obstante tenha incluído no início além da flora, fauna, e clima da terra, também a “bondade” dos nativos; depois do massacre dos espanhóis que ficaram no forte *la Navidad*, e o contato com o canibalismo, que motivou a ideia de escravização; fez com que ele passasse a ver os índios com outros olhos.

---

<sup>428</sup> “If Columbus or some other emissary from the west had not arrived in the New World, and the indians have continued to cling to their pre-rational notions, the Indians would still be enslaving and killing each other today, just as they were doing in 1492[...] Such Indians claim a moral superiority they do not deserve [...] The spiritual lifestyle of the Indians was anything but relaxed and simple. Indians lived “in a world of anxiety, frustration, inadequacy, and vulnerability, in which the spirits control everything that cannot be explained rationally”, writes anthropologist Peter Farb [...] The Aztecs, for example, believed they were chosen by the gods to feed the sun, which required human blood to fuel its daily race through the sky. So they waged war on neighboring tribes, capturing thousands of prisoners and marching them one by one to altars built atop massive pyramids. There, in public ceremonies, priests used razor-sharp obsidian knives to slice out their living victims’ beating hearts, throwing the organs into braziers where they roasted on glowing coals”.

<sup>429</sup> “In most tribes, Indian women were expected to give birth alone, without even the aid of a midwife, and to return to work without delay. Deformed children, twins, and infants whose mothers died in childbirth were often killed or abandoned”.

<sup>430</sup> “Critics who see in Columbus’s voyages the “conquest of paradise” have it exactly backwards, for the pre-Columbian America was hellish in its primitiveness”.

<sup>431</sup> “Critics who see in Columbus’s voyages the “conquest of paradise” have it exactly backwards, for the pre-Columbian America was hellish in its primitiveness”.

Não bastasse as depredações a monumentos em honra ao descobridor espalhados pelos EUA, movimentos indígenas americanos defendem que o feriado nacional em que se comemora o Dia de Colombo (*Columbus Day*), seja transformado no Dia dos Povos Indígenas (*Indigenous People's Day*), baseados em vários argumentos; entre estes o fato de que dos dez feriados nacionais do país, apenas três celebram indivíduos, sendo Colombo um deles, e os outros dois George Washington e Martin Luther King. Bowden reputa esse tipo de movimento não como questionamento de caráter nacionalista, e sim como uma moda do “politicamente correto”. Uma situação surrealista advém dos “inimigos” de Colombo ao atribuírem ao navegador a “destruição” dos índios americanos. Se partirmos dessa premissa, também teremos de concluir que se Colombo tivesse sido mandado para casa pelos Reis Católicos e jamais partido de Palos, então ainda hoje os indígenas das Américas estariam sacrificando crianças para que o sol não deixasse de iluminar a terra, as danças da chuva seriam a solução para a agricultura, os recém-nascidos aleijados estariam sendo lançados de despenhadeiros, e os doentes atendidos pelos xamãs balançando guizos e recusando vacinas por considerá-las expressão de algum espírito maligno. No entanto, o que na verdade ocorre é que os próprios povos indígenas, cinco séculos depois, reconhecem o valor da cultura e da civilização ocidental que usufruem hoje em dia. Quem insiste em colocar um carimbo de culpado em Colombo não são os índios ou seus descendentes, e sim seus representantes na academia, política e mídia:

Agora é que a culpa se manifesta, não quinhentos anos atrás. E a culpa deve cair sobre os índios (e seus representantes na academia e na mídia) que vivendo na aurora do século vinte e um, ainda se recusam a reconhecer o valor superior da civilização Ocidental, e que chamam os índios para abandonar suas resistentes casas, suas pick-ups, seus fornos micro-ondas e suas vacinações, para voltarem para o mundo primitivo das tendas, canoas, fogueiras, danças da chuva, e a invocação do mundo dos espíritos. (BOWDEN, 2007, p. 59) <sup>432</sup>.

Bowden sugere uma contra-ofensiva, não apenas para preservar o feriado oficial do “*Columbus Day*” do esquecimento, como também para restaurar o entusiasmo por sua celebração demonstrando seu real significado. Para ele, Colombo foi um herói que merece ser celebrado. No que nos diz respeito, como pesquisadores, ao analisarmos mais uma controvérsia

---

<sup>432</sup> “The blame must fall upon those Indians (and their tribesmen in the academia and mídia) who, living at the dawn of the twenty-first century, still refuse to recognize the superior value of Western Civilization, and who call for Indians to abandon their sturdy houses, their pickup trucks, their microwave ovens and their vaccinations, and return to the primitive world of tepees, canoes, campfires, rain dances, and invocation of the spirit world”.



envolvendo o Almirante do Mar Oceano, séculos depois de sua morte, promovida por apoiadores e detratores (situação bastante familiar na historiografia colombina) entendemos que proceder a uma análise da história da descoberta da América, de seu descobridor e das suas consequências, tomando por base valores e conceitos contemporâneos, conduz a um anacronismo que qualquer historiador com bom senso jamais aplicaria para explicar a história. A interpretação que damos à defesa de Colombo feita por Bowden, considerando que o autor a conduz sem deixar de apontar os erros do almirante, é no sentido de que a história não pode ser analisada com uma visão distorcida aplicando-se a fatos distantes no passado padrões morais contemporâneos, tentando encontrar erros comportamentais e éticos baseados em valores que, embora sejam fundamentais na atualidade, eram completamente desconhecidos e ilógicos em épocas distantes no tempo. Da mesma forma, o pensamento desse autor de rejeitar a tentativa dos atuais inimigos de Colombo de rotularem o descobridor como “*persona non grata*” das virtudes humanísticas, está direcionado contra qualquer intenção que pretenda decompor um fato histórico através de um prisma ideológico ou “politicamente correto”. Quem assim age é militante político e não historiador. Promover o julgamento de Colombo com um júri composto de cidadãos do século XXI, inflamados pela onda do politicamente correto, não é apenas ilógico, mas também injusto. Colombo ao desembarcar pela primeira vez no Novo Mundo, em certo sentido, chegou a uma terra a que fazia jus, porquanto, sua persistência e coragem de se aventurar em um vasto e desconhecido oceano (motivo de pavor para tantos outros), legitimou seu direito. Poucos homens na história da humanidade são lembrados como aqueles que mudaram uma era, Colombo foi um deles: “Aquele 12 de outubro de 1492, foi o último dia da Idade Média” (CONCAS, 1914, p. 25). Acreditamos que somente podemos apresentar uma análise crítica adequada de determinado fato histórico se nos inserirmos na esfera temporal correspondente. Podemos observar que a própria historiografia colombina passou por uma necessária evolução no momento em que começaram a surgir estudos mais afeitos ao caráter científico da história, e que foram fundamentais para que identificássemos muitos dos erros cometidos por aqueles que pesquisaram a vida de Colombo sem terem sido inoculados do culto ao mito, o que sem dúvida comprometeu seus trabalhos. Estamos cientes de que qualquer investigação histórica não estará totalmente livre da possibilidade de ser influenciada pela própria opinião do pesquisador, com a ressalva de que suas conclusões deverão estar embasadas e seladas com a boa-fé característica de um espírito científico e, não menos importante, abertas a contra-argumentação. Para darmos um exemplo de que os “inimigos de Colombo” na sua cruzada de proteger as criancinhas americanas da influência do “monstro” Colombo (considerado na história dos Estados Unidos da América, como um dos pais na nação); vejamos



como uma professora do ensino fundamental nos EUA explica sua maneira de falar a “verdade” para as crianças:

O relato sobre Colombo é a primeira lição de história que as crianças estudam na escola, e é a que eles aprendem repetidamente durante seus anos de formação da personalidade. Quando meus alunos chegam no quarto ano a história é a “verdade”. Elas acreditam que Colombo foi um bravo e inteligente aventureiro que provou que o mundo era redondo e “descobriu” a América. Elas sabem pouco ou nada sobre os Tainos, os Nativos Americanos cuja terra ele invadiu, e não fazem ideia de que conhecem apenas a metade da “história de Colombo”, e uma metade distorcida[...]Começamos então a explorar visões alternativas. Nós lemos “A História não contada” de Tina Thomas, uma estudante do ensino médio, e que é uma pequena versão crítica da história de Colombo escrita para crianças na voz de um Taíno. Thomas apresenta a maioria dos crimes e contradições de Colombo em termos que meus alunos do quarto ano entendem rapidamente[...] As crianças ficam chocadas[...] Dizem coisas como: “Isso é muito triste”. “ Eu fico triste pelos Taínos”. “ O que o fez pensar que podia fazer aquilo?” [...] Eu quis que minhas crianças tivessem compaixão pelos Taínos e se incomodassem com seu sofrimento. Ao invés de estudar sua opressão com uma postura fria, objetiva e distante, eu pensei que seria importante que meus estudantes fossem capazes de se identificar com os Taínos e imaginar como seria ter sua terra e vidas destruídas por estes europeus”. (SWEENEY, 1993, p. 26-27)<sup>433</sup>.

Se as crianças da sala de aula da professora Sweeney ficaram chocadas ao saberem da invasão perpetrada por Colombo e sentiram tristeza pelos *Tainos*, o que será que elas diriam se soubessem que quando um cacique de alguma tribo morria, uma ou duas de suas esposas deveriam ser enterradas com ele, e que partes de seu cadáver eram preservadas e se tornavam ídolos (*zemis*) que eram colocados em cavernas santuário para serem reverenciados (ROUSE, 1992, p. 13-14). Continuariam os pequenos identificados com os *Tainos*? Não questionamos que se deva ensinar a verdade em oposição a qualquer versão oficial que não represente a

---

<sup>433</sup> “The story of Columbus is most kids’ first history lesson in school and one that they learn repeatedly during their early, impressionable years. By the time my students reach fourth grade the story is “the truth”. They believe that Columbus was a brave and intelligent adventurer who proved that the world was round and “discovered” America. They know little or nothing about the Tainos, the Native American whose land he invaded, e não têm ideia que apenas conhecem metade da “história de Colombo”, e ainda assim distorcida[...] We then began exploring alternative views. Nós lemos The Untold Story, by Tina Thomas, a high school student, which is a short critical version of the Columbus story written for children in the voice of a Taino. Thomas introduces the crimes and contradictions of Columbus in terms tha my fourth grades readily understood [...]The kids were shocked[...] They said things like: “ This is so sad”. I feel sorry for the Tainos”. “What made him think he could do that?”[...] I wanted my kids to have compassion for the Tainos and to be upset about their suffering. Rathr than study their oppression from a cold, objective, and distant stance, I thought it was important that my students be able to identify with the Tainos and imagine what it felt like to have their land and lives destroyed by these Europeans”.

realidade dos fatos históricos, contudo, a maneira escolhida por essa educadora, ao contrário de trazer para seus alunos a “outra metade” da história, traz efetivamente uma outra mentira.

A questão da escravização dos *Tainos* e a redução da sua população após a chegada de Colombo é muito adequada para analisarmos o movimento anti-Colombo para o qual Bowden tem chamado atenção. Conforme podemos perceber, essa corrente de pensamento apresenta reflexos até mesmo nos níveis básicos de ensino entre os americanos. É entendimento de muitos historiadores que o fato de que Colombo, em meio a sua insatisfação por não haver encontrado em *la Española* o volume de riquezas que esperava, acabou por ver na escravização dos índios uma compensação a ser explorada. Entretanto, a maneira como os inimigos futuros do almirante (como a professora Sweeney) tratam o tema, enfrenta uma enorme objeção histórica. Na tentativa de responsabilizarem Colombo pelo extermínio vindouro dos nativos, vemos que alguns autores abordam a questão sem atentar para a necessidade de que suas análises sejam confrontadas com opiniões discordantes, basta atentar para as referências por eles citadas. Em todas elas, é possível encontrar a obra de KirkPatrick Sale (1992), um mordaz crítico do almirante, cujo trabalho em alguns aspectos apresenta dados históricos importantes, e não perde seu valor simplesmente pelo fato de apontar as falhas e pecados cometidos pelo descobridor da América; contudo, é básico em qualquer argumentação científica, a promoção do diálogo entre posições conflitantes (o que não ocorreu nesses artigos). Na ânsia de banir qualquer celebração americana a Colombo, são produzidos alguns absurdos; senão vejamos: “Que Colombo[...] era um mercador de escravos é uma questão de fato histórico. Ele teve suas primeiras experiências marítimas navegando sob bandeira portuguesa no comércio africano de escravos, doze anos antes de 1492” (TINKER; FREELAND, 2008, p. 26)<sup>434</sup>. Não há nessa afirmação nada de fato histórico. Em primeiro lugar, porque pouco se discute que Colombo começou a vida no mar quando ainda era adolescente, e quando chegou a Portugal após o naufrágio que sofreu, viajava para a Inglaterra como empregado da *Casa Centurione* de Spínola e Di Negro, comercializando principalmente açúcar, trajeto que depois continuou até a Islândia. Em segundo lugar, porque quando viajou a Guiné<sup>435</sup>, ainda que tenha sido em navios portugueses, não há nenhum relato de que ocupava algum posto de comando, ou seja, era um tripulante. É sabido que o comércio português na Guiné não se limitava a escravos, mas também ao ouro (TAVIANI, 1988), eterno

---

<sup>434</sup> “That Columbus, was a slave trader is a matter of historical fact. He cut his nautical teeth sailing under a portugese flag engaged in the african slave trade a dozen years before 1492”.

<sup>435</sup> A quantidade de viagens que teria realizado a Guiné em navios portugueses é discutida (BALLESTEROS BERETTA, 1945; TAVIANI, 1988). Embora seja mais provável que tenha sido algumas vezes, não se pode descartar que tenha ocorrido uma única vez, se considerarmos o hábito de Colombo de exagerar em relação a seus feitos.

interesse de Colombo. Portanto, tachar o almirante como “mercador de escravos” antes do descobrimento, pelo fato dele ter navegado como marinheiro em um navio português é um completo exagero, para não dizer má fé.

Tinker e Freeland (2003) após sugerirem que Colombo foi um precursor das barbaridades cometidas por Hitler, baseando-se em um estudo<sup>436</sup> de Cook e Borah (1971), chegaram a conclusão de que a população nativa de *la Española* antes da chegada de Colombo era algo em torno de 8 milhões de *tainos*. Apelando para a credibilidade de Las Casas (o mesmo Las Casas que em sua ferrenha defesa dos indígenas, nunca responsabilizou Colombo pelo que ocorreu com seus protegidos) que contava alguns milhões de índios na ilha, sem nenhuma condição ou estrutura para realizar um censo. Vejamos como eles explicam esse numero:

Extrapolando para 1492, Cook e Borah utilizaram um sistema de logaritmos matemáticos com base em seu trabalho seminal no México Central para estimar aquela. Apresentando gráficos da população estimada de 1496 a 1570, eles foram capazes de usar esta curva de despovoamento para chegar à sua impressionante, mas inteiramente plausível estimativa de população de 7.975.000 para *la Española* em 1492. Novamente, este é uma estimativa média. É importante notar que através de toda a história colonial europeia moderna a estimativa de Las Casas, de três a quatro milhões de indígenas tinha sido descontada como meramente uma suposição tendenciosa por alguém querendo provar que a violência dos espanhóis. Cook e Borah demonstram que sua estimativa foi na parte inferior da probabilidade histórica. (TINKER; FREELAND, 2003, p. 32)<sup>437</sup>.

Os dois autores apresentam um quadro (FIGURA 22) de decréscimo da população nativa de *la Española* que não deixa de ser contestado por outros estudiosos:

---

<sup>436</sup> Cf. COOK, F.; BORAH, W. **Essays in population history**. México: Berkeley, 1971. v. 1, p. 376-410.

<sup>437</sup> “To extrapolate back to 1492, Cook and Borah used a system of mathematical logarithms based on their seminal work in Central Mexico to estimate the precontact population there. By graphing the known population estimates from 1496 to 1570 they were able to use this depopulation curve to arrive at their stunning but entirely plausible population estimate of 7,975,000 for *Española* in 1492. Again, this is a midpoint estimate.<sup>30</sup> It is important to note here that throughout modern european/colonial history Las Casas’s estimate of three to four million indigenous peoples had been discounted as merely a biased guess by someone intent on proving the spanish violence. Cook and Borah demonstrate that his estimate was at the low end of the historical probability”.

Figura 22-Declínio da População dos Tainos pós-invasão da Ilha

Postinvasion Population Decline of Tainos on the Island of Española	
Year	Population
1492	7,975,000
1496	3,770,000
1500	500,000
1507	60,000
1514	22,000 or 27,800
1531	600
1542	200

Fonte: TINKER; FREELAND (2003, p. 33).

Em contrapartida, Taviani (1988) valendo-se também de um estudo realizado por Frank Pons (1977), se opõe a esses números, exatamente porque Pons ao aplicar o mesmo método de Cook e Borah, concluiu que os resultados obtidos por estes são completamente absurdos:

Em um sério e profundo estudo, Frank Moya Pons se propõe a calcular algumas cifras possíveis da população taína em 1494. É necessário sublinhar que se trata de 1494 e não 1492, porque foi em 1494 quando o enfrentamento entre espanhóis e índios começou a provocar a diminuição dos habitantes aborígenes até praticamente fazê-los desaparecer trinta anos mais tarde[...] Moya Pons leva em consideração um procedimento hipotético de extrapolação retrospectiva: ou seja, aplicar ao período anterior a 1508 os percentuais de redução que se deduzem das cifras dos seis anos que vão de 1508 a 1514. Mas este procedimento leva a resultados que, de outra parte, são absolutamente inaceitáveis, por exemplo, inclusive que em 1494 a população da ilha teria sido de mais de 16 milhões de tainos. A cifra de 16 milhões de habitantes em uma ilha de 78.000 km<sup>2</sup> dá uma densidade demográfica de 205 h/km<sup>2</sup>, muito superior a atual. (TAVIANI, 1988, p. 199-200).

Parece bastante evidente que a população imaginada por Cook e Borah (1971) para *la Española* quando da chegada de Colombo trata-se de um exagero. É impensável que a densidade demográfica da ilha em 1492 superava a atual. Diante da ineficácia do método utilizado por Cook e Borah, Taviani mostra que Pons, propõe outra maneira, baseado nas informações da *Historia* de Las Casas:

Mas, como se pode calcular o ritmo de redução dos aborígenes durante os anos precedentes a Ovando? [...] Frank Moya Pons remete ao censo de 1514 e tira as seguintes conclusões: 1) Se em 1514 os aborígenes do centro da ilha ainda eram um terço de toda a população, em 1494, todavia, a população tinha de apresentar a mesma proporção aproximada. Isso significa que é necessário supor que a distribuição e a redução demográfica conservaram certa uniformidade. Mas esta suposição apresenta alguns limites e serve unicamente como hipótese de arrazoamento começando por um modelo de distribuição uniforme dos aborígenes, o que de fato não ocorre nem ocorreu historicamente. Contudo, se trata da única hipótese da qual podemos extrair uma fórmula de variação aproximativa. 2) Se de 1494 a 1496 (três anos) desapareceu um terço da população nativa na região central, e se a população da região central era um terço do total, a redução da população nestes três anos (1494, 1495 e 1496) foi de uma nona parte da população original. Assim pois, os aborígenes tinham de ser, aproximadamente, 377.000 em 1494. E a redução entre 1494 e 1503 deve ter sido de 125.823 índios em um período de nove anos. Durante este período, o percentual de decréscimo acumulativo anual teve que resultar em -4,6%. Se aplicamos este percentual aos anos sucessivos, obtemos este quadro:

Ano	Índios
1494	377 559
1495	360 699
1496	344 837
1497	329 672
1498	315 174
1499	301 314
1500	288 063
1501	275 395
1502	263 284
.....	
1503	251 706
1504	188 780
1505	141 585
1506	106 189
1507	79 642
1508	59 732
1509	44 799
1510	33 523

Essa avaliação da real situação da população e decréscimo do número de *taínos* pós chegada de Colombo é muito mais realista e encontra amparo em outros estudiosos. Irving Rouse (1992) corrobora o entendimento de Pons (1977):

Os primeiros cronistas reportaram entre 100.000 a mais de 1.000.000 o número de *Tainos Clássicos*<sup>438</sup> na ilha de *la Española*, e algo em torno de 600.000 em Porto Rico e Jamaica. Estudiosos modernos duvidam desses

---

<sup>438</sup> Irving Rouse (1990) chama de *Tainos Clássicos* os que habitavam *La Española* e Porto Rico, e *Tainos Ocidentais* aqueles de Cuba e Jamaica (nossa nota).

números elevados; por exemplo, Karen Anderson-Córdova (1990) estima o máximo de 500.000 para *la Española*. (ROUSE, 1992, p.7)<sup>439</sup>.

Nenhum dos grandes historiadores colombinos deixou de imputar a Colombo atrocidades cometidas contra os nativos de *la Española*, tanto por ação quanto por omissão, contudo analisar o passado com olhos anacrônicos leva a conclusões que se distanciam muito da verdade histórica: “O abuso ideológico mais comum da história baseia-se antes em anacronismo que em mentiras” (HOBSBAWM, 2013, p. 20). Eduardo Bueno ao apresentar a edição<sup>440</sup> em português (brasileira) da *Brevíssima Relação da Destruição das Índias* do Frei Bartolomé de Las Casas, comenta:

Surpreende a atualidade de Frei Bartolomé de Las Casas. Quase 500 anos depois, os episódios mais terríveis que descreve, repetem-se diariamente sob o mesmo céu, entre as mesmas montanhas verdejantes e rios cristalinos – e são rotineiramente transmitidos pela televisão ou pelo relato desinteressado das agências internacionais. Os massacres comandados pelos espanhóis não diferem em nada dos organizados pelos esquadrões da morte a serviço da ultra-direita – a não ser pela sofisticação incomparável das armas desses últimos. A ganância dos conquistadores é a mesma que obceca as trinta e duas famílias que comandam o processo político em El Salvador ou o conselho diretivo da *United Fruit Co.*, que possui três milhões de acres de terra na Guatemala e subemprega 90 mil camponesas indígenas. (BUENO, 2007, p. 12).

É completamente surreal imaginarmos que se Colombo não tivesse desembarcado na ilha de *Guanahani* em 1492, os habitantes nativos da América Central e do Caribe estariam vivendo em um paraíso terrestre, intocado e isolado do curso natural das mazelas humanas, onde os mais fortes subjagam os mais fracos. Aqueles nativos não estavam nem um pouco alheios à realidade da dominação que eles conheciam muito antes de verem aqueles homens de barba desembarcarem em suas praias. Isso já ocorria quando o almirante aqui chegou, e ele o ouviu da boca dos próprios *taínos*, quando estes relataram o sequestro de suas mulheres pelos

---

<sup>439</sup> “Early Chroniclers reported from 100.000 to more than 1.000.000 *Classica* Tainos on the island of Hispaniola and as many as 600.000 in both Puerto Rico and Jamaica. Modern scholars doubt the high figures; for example, Karen Anderson-Córdova (1990) estimates a maximum of 500.000 for Hispaniola”.

<sup>440</sup> Entitulada: *O Paraíso Destruido: A sangrenta história da conquista da América Espanhola* ((CASAS Bartolomé de Las. Porto Alegre: LP&M, 2007).

*caraibas*. Taviani (1989), conclui sua análise sobre o decréscimo da população dos nativos de *la Española* pós-Colombo da seguinte forma:

Não é para fazer uma defesa de ofício de Cristóvão Colombo, senão por razões de objetividade, que se deve destacar que o genocídio dos taínos de *la Española* não se pode atribuir as intenções do Almirante; nem sequer a sua obra, a não ser a uma parte modesta. Não duvidamos de por em destaque no texto do capítulo as culpas do Almirante. Sua responsabilidade está em uma política contraditória; em haver dado início ao envio de escravos a Europa; em haver imposto tributos de ouro aos caciques a a suas gentes. Tudo isso não é pouco. Mas – como se pode ver nos números – o ritmo da diminuição demográfica se acentuou de maneira cruel e inaudita entre 1503 e 1506. Cristóvão Colombo e seu irmão já há muito tempo haviam sido destituídos, e seu filho Diego ainda não havia sido reintegrado. (TAVIANI, 1989, p. 202).

Se fossemos mais estritos, não poderíamos nem mesmo dizer que Colombo “invadiu” a terra dos *Taínos*, pois os próprios eram “invasores” que vieram de longe (assim como o almirante) e se estabeleceram no Haiti (*la Española*) expulsando os verdadeiros donos da terra, os *Ciboneys*. Os ancestrais dos *Taínos* (Arawaks) migraram do norte da América do Sul séculos antes de Colombo, e tomaram posse de um território que não era originalmente seu:

Da boca do Orinoco, os intrépidos ancestrais dos Tainos se aventuraram pela forte corrente costeira e seguiram em direção ao norte até a ilha de Trinidad[...] Os Arawaks permaneceram em Trinidad por quase trezentos anos antes de se mudarem para outras ilhas [...] Os Arawaks continuaram a migrar para o norte. Aproveitaram-se dos ventos e correntes predominantes para povoar ilha após ilha [...] do Caribe oriental que compõem as Pequenas Antilhas: São Vicente, Martinica Guadalupe, Antígua, Anguila, Virgens e outras [...] Em 300 dC, os Arawaks migraram cerca de mil milhas da América do Sul para as ilhas do norte do Caribe. Eles chegaram primeiro a Porto Rico e daí para o oeste até [...] Hispaniola, Cuba e Jamaica[...] Em Cuba e em Hispaniola[...]os Arawaks encontraram um grupo de moradores daquelas ilhas, os Ciboneys. Este povo já estava estabelecido nessas ilhas quando os Arawaks chegaram. Os Ciboneys [...] retiraram-se para áreas remotas longe dos Arawaks, embora alguns possam ter se juntado aos Arawak e vivido com eles. (JACOBS, 1992, 16-18)<sup>441</sup>.

---

<sup>441</sup> “From the mouth of the Orinoco, the intrepid ancestors of the Tainos ventured out into the strong coastal current and rode it northward to the island of Trinidad[...] Arawaks remained on Trinidad for almost three hundred years before moved on to other islands[...] The arawaks continued to migrate northward. They took advantage of the prevailing winds and currentes to settle island after island, like so many stepping stones[...] islands of the eastern Caribbean that comprise the Lesser Antilles: Saint Vicent, Martinique Guadeloupe, Antigua, Anguilla, the Virgins and others[...]By AD 300, the arawaks had migrated about a thousand miles from South America to the northern Caribbean islands. They came first to Puerto Rico and thence westward to Hispaniola[...], Cuba and Jamaica[...]In Cuba and in

Como podemos ver a chegada dos europeus nas Américas, não foi nada mais nada menos, que o mover do curso natural da história, cujo protagonista principal, o homem, desde os primórdios do tempo buscou ampliar o seu lugar e espaço no mundo, ou por necessidade, ou por vocação de conquistar. Antes de atribuir a Colombo a culpa pela extinção dos *Tainos*, teríamos de culpar a estes pela expulsão dos *Ciboneys de la Española*, caindo em um círculo vicioso que nos levaria até a migração dos asiáticos pelo Estreito de Bering, para finalmente chegarmos ao verdadeiro culpado: Adão, que se não tivesse sido expulso do Paraíso, não existiriam nem os *Tainos*, nem Colombo. Como bem disse Bowden (2007) responsabilizar o almirante pelo destino dos nativos americanos é completamente sem sentido.

Cristóvão Colombo é uma personagem atemporal em razão de sua importância e influência na história humana, razão pela qual acreditamos ser necessário que novos estudos possam ser desenvolvidos para tentar entender melhor o homem, seus feitos, e a mudança de era que ele protagonizou. Sendo assim, qualquer investigação munida dos instrumentos científicos que a historiografia proporciona, será sempre benéfica para o conhecimento dos fatos que ocorreram naquele passado longínquo. Entretanto, parece-nos que fica bem claro que o próprio conceito de verdade histórica recepciona a crítica amparada por um positivismo lógico, mas rejeita aquela de cunho ideológico-político, por ser estranha a própria essência da história enquanto ciência. O historiador investiga os fatos para interpretá-los como observador e não como juiz. E para demonstrar como o almirante é visto na história americana: “Colombo foi tão fundamental, que, como Jesus, os historiadores passaram a usá-lo para dividir a história: a América antes de 1492 é chamada 'pré-colombiana’”. (LOEWEN, 2014, p. 61 *apud* HEIKE, 2014, p. 60).

. A professora Sweeney ao tentar destituir Colombo de seu posto de primeiro herói das crianças norte-americanas pode estar cometendo um grande erro. As crianças não gostam que mexam com seus heróis. Fizemos até aqui uma exposição dos principais aspectos da historiografia colombiana, por meio do diálogo e o debate entre vários dos principais historiadores do tema. Esperamos ter colaborado de alguma forma para uma maior compreensão do universo de Cristóvão Colombo e da descoberta da América, e oxalá possamos ter demonstrado que ainda há muito a explorar, considerando que as possíveis respostas muitas

---

Hispaniola[...] the Arawaks encountered a group of island dwellers, the Ciboneys. These people were already established on these islands when the Arawaks arrived[...] The Ciboneys withdrew into remotes areas away from the Arawaks, though some may have joined the Arawaks and lived with them”.



vezes nos conduzem a novas perguntas. Na próxima seção tentaremos verificar até que ponto a teoria da escrita da história pode ser nossa aliada na difícil tarefa de descobrir o descobridor.

## **7 VERDADE HISTÓRICA OU REALIDADE DAS ILUSÕES: A TEORIA DA ESCRITA DA HISTÓRIA PODE AJUDAR A EXPLICAR COLOMBO?**

### **7.1 CRISTÓVÃO COLOMBO: UMA PERSONAGEM QUE DESAFIA A HISTÓRIA E SUA ESCRITA.**

Embora a historiografia colombina tenha nos trazido ao longo de vários anos um conhecimento substancial sobre o descobridor, não conseguiu ainda eliminar todas as controvérsias. Como consequência das lacunas, que não foram preenchidas quando o assunto é a vida de Colombo, os inúmeros escritos já produzidos – principalmente do século XIX até o atual – se ocupam não apenas em narrar a história, mas também com a possibilidade de se alcançar uma verdade histórica que revele satisfatoriamente o enigma chamado Cristóvão Colombo. Após analisarmos os principais aspectos da historiografia colombina, tentaremos verificar se existe uma relação entre o conhecimento histórico, em especial o relativo a Colombo, com a escrita da história.

Contudo, é grande a dificuldade imposta por essa tarefa, se considerarmos que as chamadas ciências sociais, em especial a história, convivem ainda com o questionamento sobre sua natureza. A história é ou não uma ciência? Bloch (2002, p.67) embora sustentasse firmemente a ideia de que a história é uma ciência, ao defini-la como (ciência) “dos homens no tempo”, sugere que o tempo não pode faltar em nenhuma definição de seu significado. Eric Hobsbawm (1998), ao defender a posição de que a história tem sentido e função política, também chama nossa atenção para a importância de que consigamos diferenciar o fato da ficção, e que ainda que ocorram constantes mudanças nas interpretações, existe um elemento imutável na natureza da história. Já com Foucault (1993) nos deparamos com uma revolução no âmbito historiográfico, a ponto de Albuquerque Júnior (2007) se referir ao filósofo francês como um “rebelde” que despertou a ira em muitos historiadores ao “se meter” no sacrossanto terreno da história, rindo de tudo e de todos ao promovendo um liberalismo com seu modo de conceber o estudo desta disciplina, tornando-a “unha e carne” com a subjetividade e a criatividade. Para nosso propósito nesta pesquisa, dialogar com a teoria da escrita da história pode ser um caminho para uma melhor compreensão da figura histórica de Colombo e de seu feito maior. Sendo assim, nossa proposta aqui é tentar entender e estabelecer uma relação entre Colombo e o modo de se escrever a história.

A terceira geração da Escola dos *Annales*, a *Nouvelle Histoire*, em cujo seio encontram-se historiadores como Jacques Le Goff e Pierre Nola; trouxe à luz a necessidade de uma análise

e interpretação mais crítica dos elementos constituintes de um fato histórico. Passou-se a visualização de uma “história total”, estabelecendo-se formas de representação coletivas e uma estruturação mental das sociedades, contrastando com práticas de supervalorização da política, ou a “teoria do grande homem” proposta por Carlyle (1910), segundo a qual a história pode ser interpretada por meio da vida dos grandes vultos ou dos heróis.

O componente antropológico-histórico como elemento necessário a historiografia, também aparece nos cânones da *Nova História*. Essa corrente, cuja importância, é visível para a historiografia moderna, embora tenha defendido a retirada dos “fundos” herméticos da “cômoda” da história, para que esta passasse a ser analisada como um sistema homogêneo de representações, ainda se reveste de uma objetividade rígida, e questiona o componente narrativo de um evento histórico. Entretanto, acreditamos que o rompimento dos “fundos das gavetas” resulta em um emaranhado de fatos históricos; mas permite ao historiador, enquanto tenta separar “as peças”, empregar elementos objetivos e subjetivos para organizar a história em um único compartimento, em cujo contexto o elemento narrativo não é menos importante que o documental, mas seu aliado. Cardoso Júnior (2003), ao analisar o pensamento de Veyne (1998) sobre a teoria da escrita da história, e tratando da questão do objeto histórico acentua que:

Porque a história não se repete, o fato de ela se ocupar exatamente com as variações ligadas à temporalidade é o que faz dela “uma narrativa de acontecimentos”. O que equivale a afirmar que, nesse aspecto, a história não se diferencia muito do romance ou das explicações de que nos valemos cotidianamente[...]Se, para Veyne, é a diferença que individualiza os acontecimentos, então, perguntamos, a seleção destes deve-se inteiramente ao historiador? O historiador pode reunir os acontecimentos em quantos campos encontrar interesse, isto é, quando ele avaliar que um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos mereça destaque. Em outras palavras, isso significa que a subjetividade do historiador não está constrangida, podendo mover-se livremente no campo da história[...]O fato histórico o acontecimento por excelência, não tem uma essência; é uma criação intelectual que depende do historiador. O campo da história é o lugar do entrecruzamento de séries não hierarquizadas e também dependentes da escolha do historiador, séries cujo encadeamento causal deve ser apresentado. (CARDOSO JÚNIOR, 2003, p. 30-39).

Nesse sentido, a favor de uma escrita da história mais livre e descompartimentada, podemos ver uma boa sintonia entre o pensamento de Veyne e Foucault:

[...] Foucault parte do pressuposto de que o real é uma construção discursiva, feita tanto no passado como no presente. O historiador não pode tomar os documentos, as fontes históricas, como indícios de um real que pode ser desvendado, um real que estaria nas entrelinhas e seria reconstruído pelo historiador. Para ele, a fonte histórica é sempre um monumento, ou seja, uma

construção também histórica e discursiva[...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 103).

Ao que nos parece, a escrita da história apresenta diversas possibilidades de verdades, dependendo do ponto de vista do observador. Uma vez pensada como ciência, a história se insere também como objeto de estudo da filosofia, tanto em seu aspecto epistemológico quanto metafísico; o que pode ser observado no fato de que alguns historiadores empreenderam uma análise da história em seu aspecto filosófico, e da mesma forma alguns filósofos tentaram explicar a história, a exemplo de nomes como Foucault, Certeau, Le Goff, Braudel e Russel, para citar alguns. Não é sem razão que Kuhn (2003) em sua principal obra: *The Structure Of Scientific Revolutions* (Estrutura das revoluções científicas) promoveu uma revolução na história da ciência ao modificar substancialmente o modo como a vemos, ou seja, o progresso científico deixa de ser um acúmulo contínuo de verdades, mas deve ser visto como uma sucessão de revoluções científicas, onde a ciência apresenta duas estratégias de pesquisa conflitantes: primeiramente busca confirmar o sistema teórico vigente, para depois miná-lo e subvertê-lo (SCHWANITZ, 2007).

Nesse diapasão, qualquer pretensão em tentar investigar e descobrir uma possível verdade sobre uma personagem tão controvertida como Colombo precisa partir de um princípio no qual se questione o próprio sentido do termo “verdade” no âmbito historiográfico, e uma vez feito isso, ainda é necessário que o investigador seja investigado, se não por outros, pelo menos por si mesmo, a fim de que sua pesquisa seja o mais isenta possível de suas próprias convicções e concepções. Hume (1969, p. 42 *apud* CHALMERS, 1982, p. 25): “a natureza do conhecimento deve ser compreendida por meio da investigação da natureza dos seres humanos que o adquirem”. A pertinência da preocupação em termos inoculados de “verdades” estabelecidas ao longo do tempo em relação ao estudo do tema proposto nesta pesquisa, pode ser facilmente justificada pelo fato de termos nos deparado ao durante nossa investigação, com um visível conflito das diversas “verdades” que chegaram até nós (e continuam chegando) em relação a Cristóvão Colombo e aos bastidores de seu plano de navegação para o Oriente via Ocidente, como muito bem alertou Varela (1982, p. 52): “Mas nada que se refere a Colombo pode ser simples ou diáfano”. A importância do feito de Colombo é tamanha para a história da humanidade que sua façanha costuma ser mencionada não somente nos livros de história, mas também em variadas publicações relativas aos conhecimentos gerais.

O problema para o observador crítico é perceber que a escrita da história que alimenta a amplitude de citações colombinas não está imune a inconsistências e discordâncias na descrição

dos fatos históricos e suas supostas verdades. Schwanitz (2007), por exemplo, em seu volumoso livro *Cultura Geral* traz a seguinte informação a respeito de Colombo:

Ao lado de Portugal existiam dois reinos: o de Castela e o de Aragão. Com o casamento entre Isabel de Castela e Fernando de Aragão, ambos foram unidos definitivamente, formando o reino da Espanha. Em 1492, o casal real expulsa os últimos mouros de Granada e conclui a Reconquista, que já durava séculos (recuperação de territórios espanhóis que estavam nas mãos dos muçulmanos). No mesmo ano enviam à Índia o genovês Cristóvão Colombo, que por um erro de rota acaba descobrindo a América. (SCHWANITZ, 2007, p.71).

Trata-se de uma informação histórica em um livro de cultura geral, aparentemente relatando verdades, como é o caso das referências a unificação dos reinos de Isabel I e Fernando II; a expulsão dos mouros da Península Ibérica; e o envio de Colombo para a viagem às Índias em 1492. O referido texto certamente foi aceito por vários de seus milhões de leitores<sup>442</sup> (exceção feita a algum estudioso mais atento) como uma verdade histórica. Contudo, entendemos que é um grande erro apresentar em um texto culto que Colombo chegou a América por um “erro de rota” para as Índias. Ao contrário, se há uma verdade que podemos afirmar em relação à viagem inaugural ao Novo Mundo é o fato de que Colombo estava completamente ciente de que o rumo seguido iria levá-lo até Catay e Cipango, e finalmente às Índias. O que ele não sabia era que no caminho haveria de encontrar outro continente (ainda que imaginasse ter chegado a Ásia), e que o mapa de Toscanelli (1474), talvez a base para seu rumo, tampouco registrava. Tanto não se pode falar em “erro de rota” do descobridor que até hoje sua capacidade de se guiar no mar em uma época primitiva da navegação marítima e das ciências náuticas, é tida por muitos historiadores como um verdadeiro mistério: “Colombo estava claramente muito enganado sobre os continentes. De fato, ele não conhecia as terras, mas conhecia bem o mar, o que em seu tempo significava, principalmente, conhecer os ventos”(BOORSTIN,1983, p. 231)<sup>443</sup>. Ele Somente não chegou às terras do Grande Cã, descritas por Marco Polo, porque a América estava no caminho, mas não por um “erro de rota”. Analisando esse exemplo podemos visualizar um pouco do universo do conhecimento histórico e suas “verdades” problemáticas, principalmente se considerarmos o sugestivo subtítulo da obra de Schwanitz: *Tudo que se deve saber*. Não há aqui nenhuma crítica à erudição do autor que foi professor de cultura e literatura

---

<sup>442</sup> A obra se tornou um *best seller* na Alemanha e foi traduzido para outras línguas, entre elas o português.

<sup>443</sup> “Columbus was, of course, grossly mistaken about the continents. He did not really know the lands, but he did know the sea, which in his time especially meant to know the winds”

inglesa na Universidade de Hamburgo, mas sim uma constatação da precariedade das chamadas verdades históricas, as quais teoricamente deveriam ser supridas pelos historiadores.

Qualquer pesquisa que objetive investigar uma possível verdade histórica para a vida de Colombo, precisa estar munida de um espírito cético e ao mesmo tempo disposto a não menosprezar nenhuma teoria. Não é suficiente buscar respostas apenas, mas também é necessário verificar se as perguntas certas estão sendo formuladas. Em certo sentido, para tentar entender a personalidade de Colombo e sua ambiguidade, é necessário montar o quebra-cabeça que ele nos deixou: “Nós mal conhecemos o verdadeiro Colombo” (WILFORD, 1991, p.1)<sup>444</sup>. Contudo, muito do que já se escreveu sobre a sua vida, tem a pretensão de apresentar respostas que o próprio Colombo deu claros indícios de que nunca as encontrou. Portanto, entendemos que é preciso ler nas entrelinhas para decifrá-lo um pouco mais, para talvez identificar quais eram as perguntas que ele mesmo se fez ao longo da vida. Não há como achar respostas, se não soubermos as perguntas corretas a serem feitas. Exatamente por conta dessas questões é que acreditamos que uma investigação que vise descobrir algo mais a respeito de Colombo, deva conter certa dose de “rebeldia” diante de uma historiografia ortodoxa. Albuquerque Júnior (2007), apresenta uma boa receita para que alcancemos este fim:

[...]a História é esta convivência com o intempestivo da vida, com uma trama do tempo que pode alcançar todas as possibilidades. A História nos faz conviver com a imprevisibilidade, com o acidente, com o perigo da vida, que pode vir a desabar a qualquer momento, com uma calça sem cintos que ameaça correr pelas pernas e deixar o samba-canção à mostra. A História só é suportável se encarada com um certo desleixo, aceitando-se sua irregularidade, sua descontinuidade, suas crises de mau humor, seus desfalecimentos. A vida e a História são inconstantes e conflituosas, cheias de dúvidas, de revelações e mistérios. Elas são feitas de acontecimentos que tornam o sujeito diferente do que é, que trazem para este o devir-outro, que o faz ser um vinhedo que dá frutos ainda no outono, sujeito que se diz em vários sentidos, contingente, singular, crítico, descontínuo, artista de cinema que cintila na diferença de uma imagem-tempo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 212-213).

Marlowe (1987) escreveu um interessante livro<sup>445</sup> de ficção histórica em que Cristóvão Colombo conta sua própria vida através de um entrelaçamento de várias aventuras misturadas aos fatos e controvérsias históricas que chegaram até nós. O escritor prende a atenção do leitor

---

<sup>444</sup> ” We hardly know the real Columbus”.

<sup>445</sup> MARLOWE, Stephen. **As Memórias de Cristóvão Colombo**. São Paulo: Editora Best Seller, 1987. Stephen Marlowe é um dos vários pseudônimos do escritor nova-iorquino Milton Lesser, o qual também escreveu biografias ficcionais de Miguel de Cervantes e Edgar Allan Poe.

quando este se depara com o próprio Colombo no papel de um contador de histórias, e que traz uma aura de mistério em várias das passagens de sua vida, em um romance que consegue provocar uma pergunta que é feita por muitos historiadores: o que é fato e o que é ficção quando se trata do Almirante do Mar oceano?

No texto o autor coloca habilmente palavras na boca de Colombo, fazendo emergir discussões que há mais de quinhentos anos suscitam debates na historiografia colombina:

Alguns historiadores me acham culpado de alguns exageros no relato de minha vida. Pode ser. Mas que autobiógrafo não é? Ou, até mesmo, que biógrafo se contém? Um certo Bartolomeu de Las Casas, o outro escrevinhador depois de meu filho Fernando a discorrer sobre mim, é um bom exemplo. Ele alude a “nobres ancestrais” e a um curso imaginário de estudos superiores, mais importantes que os de matemática, geografia e astronomia inventados por Fernando[...]Há um ponto filosófico aqui: A História não flui para dentro mas para fora da caneta do historiador. (MARLOWE, 1987, p. 20-33).

O trecho acima, apesar de ser fruto da imaginação do romancista, parece ser bastante provocativo (e adequado) para nosso questionamento, cujo objetivo é tentar entender um pouco mais as várias faces da verdade sobre a vida de uma das personagens mais controvertidas e polêmicas da história. Além de documentos da época, cartas escritas pelo próprio navegador, por amigos (e inimigos) e também pelos Reis Católicos, Isabel I e Fernando II, as obras deixadas por Las Casas (*História das Índias*) e Fernando Colombo (*História do Almirante Dom Cristóvão Colombo*) como vimos ao longo deste trabalho, estão entre as principais fontes primárias para uma investigação sobre a vida de Colombo.

O romancista Marlowe nada mais fez que explorar nesses escritos a figura ambígua e controversa do descobridor. Poucas personagens despertaram e ainda despertam tantas dúvidas em sua biografia como Cristóvão Colombo. Seus próprios escritos aparecem carregados de lacunas e mistérios, que ali estão talvez de forma proposital, como se tivesse havido uma intenção de não se revelar totalmente. Até mesmo no ato de assinar seu nome ele parecia querer que decifrassem em sua firma uma mensagem de evangelização, ou quem sabe, algo mais que isso, o que não nos surpreenderia:

Os primeiros quarenta anos da vida de Cristóvão Colombo é um enigma; dúvidas, inconsistências e um vazio formam o panorama desta época na vida do descobridor da América. Nem ele nem seus biógrafos podem especificar como foi: se coincidem em um dado diferem em vários. Mas é preciso deixar algo claro: se esta etapa é tão emaranhada, é porque ele mesmo não quis aprofundar a respeito de suas atividades, e quando ele disse algo sobre isso, apenas deixou frases vagas sobre seu passado remoto. A razão óbvia é porque

queria deixar no escuro, um tempo em que sua vida não participava da linhagem. (ARIAS, 2009, p. 58)<sup>446</sup>.

Biógrafos do navegador se multiplicaram com o passar dos anos e entre eles há os que sucumbiram à tentação de escrever cultuando o mito, comprometendo a isenção que se requer do historiador; bem como os críticos, que quando fizeram da crítica um prumo para a obtenção da verdade histórica apresentaram obras de valor para a historiografia. Por outro lado, não faltam também escritores detratores no sentido de estigmatizarem Colombo como o responsável pela aniquilação dos autóctones das Américas, em especial da América Central e México; como se o almirante aqui não tivesse chegado, o extermínio perpetrado por Cortez e outros conquistadores, não teria ocorrido.

A história do descobrimento da América e da vida de Colombo é um verdadeiro caleidoscópio que não combina com nenhuma acomodação ou estaticidade no que se refere a verdade histórica, onde o homem não é menor nem menos grandioso (ou misterioso) que o feito. Várias faces do descobridor nos foram apresentadas: aventureiro, sonhador, louco, megalomaniaco, ganancioso, religioso, místico, ou alguém cuja alma estava aprisionada pelo medieval, como se fora um viajante do tempo, perdido em outra época. Segundo Arias (2009) havia uma modernidade latente em sua alma:

[...] o projeto colombino segue as ideias da ciência moderna emergente, mas como projeto econômico segue fielmente movimentos pelos preceitos capitalistas nascentes. O projeto colombino não pode ser explicado sem recorrer a Descartes e Hobbes, por serem figuras pilares da modernidade, permitem compreender a mentalidade que levou a cabo o descobrimento da América. (ARIAS, 2009, p.57)<sup>447</sup>.

Já para Franco Júnior (2002), é exatamente o contrário:

Colombo, para nos limitarmos ao navegador-descobridor mais famoso, era em todos os sentidos um homem muito mais “medieval” que “moderno”: objetivava mais a difusão do cristianismo do que o ouro; desejava este apenas

---

<sup>446</sup> “Los primeros cuarenta años de la vida de Cristóbal Colón son un enigma; las dudas, las inconsistencias y el vacío conforman el panorama de esta época de la vida del descubridor de América. Ni él ni sus biógrafos logran precisar cómo fue: si coinciden en un dato difieren en varios. Pero hay que dejar algo en claro: si está tan enmarañada esta etapa, es gracias a que él mismo no quiso profundizar en su que hacer durante ella, y cuando expresó algo al respecto, se limitó solo a hacer vagas frases acerca de supasado remoto. La razón salta a la vista, pues quería dejar en la oscuridad un tiempo en que su vida no participaba de la alcurnia”.

<sup>447</sup> “[...]el proyecto colombino sin acudir a las figuras de Descartes y de Hobbes, ya que ellos, por ser los pilares de la Modernidad, permitirán comprender la mentalidad que llevó a cabo la empresa del descubrimiento de América”.



realizar uma cruzada a Jerusalém; atraí-o ao Oriente acima de tudo a crença de que lá se localizava o Paraíso Terrestre. (FRANCO JÚNIOR, 2002, p. 156).

Descrições tão antagônicas como essas tentando “enquadrar” Colombo, nos permitem, a despeito de pendermos para uma ou outra, questionar o posicionamento de ambos os autores (contradição vista também em outros), os quais usando de uma forma afirmativa, sem expressar nenhuma dúvida, pretendem definir uma verdade absoluta para as ações e personalidade do descobridor. Não nos parece ser o melhor caminho, haja vista que o que a história mais revelou até o momento em relação a Colombo, é que é possível compreendê-lo até certo ponto, mas dificilmente defini-lo. Tendemos, *a priori*, a concordar com Arias no sentido de um Colombo mais “moderno” que “medieval”, mesmo porque cravar que a principal intenção do navegador em sua empresa era a difusão do cristianismo, como o faz Franco Júnior; é um posicionamento de difícil sustentação. Boorstin (1983), ao caracterizar o almirante como um místico, parece justificar nossa reticência em aceitar qualquer rigidez, ou convicção de pensamento, de que houve apenas “um” Colombo:

A magia do Oriente que capturou Colombo foi resultado das eloqüentes reminiscências de Marco Polo, o imaginário extravagante de Jean de Mandeville, e outros que foram inspirados por eles, os mitos de tesouros asiáticos, e fábulas de animais fantásticos e povos peculiares[...] Colombo deve ter sido persuadido, também, pelo axioma atribuído a Aristóteles de que se poderia cruzar da Espanha para as Índias, em poucos dias. E pela profecia muitas vezes repetida de Sêneca, “uma época virá depois de muitos anos, quando o oceano afrouxará a cadeia das coisas e uma terra enorme se revelará; Quando *Tiphys* divulgará novos mundos e *Thule* não será mais a última fronteira”. (BOORSTIN, 1983, p. 231)<sup>448</sup>.

Discussões acadêmicas sobre a descoberta da América são comuns e historiadores se dedicam a estudos cada vez mais aprofundados sobre o tema. Embora tenham chegado a variadas conclusões no que tange a descoberta em si, e às controvérsias sobre aspectos das quatro viagens, como: o elemento da alteridade; a boa acolhida recíproca (e o posterior

---

<sup>448</sup> “The Magic of the East that captured Columbus was concocted from the eloquent reminiscences of Marco Polo, the extravagant imaginings of Sir John Mandeville and others who had been inspired by them, the myths of Asian treasure, and fables of fantastic animals and peculiar peoples... Columbus must have been persuaded, too, by the axiom attributed to Aristotle, that one could cross from Spain to the Indies in a few days. And by the oft-repeated prophesy of Seneca, “An age will come after many years when the Ocean will loose the chain of things, and a huge land lie revealed; when Tiphys will disclose new worlds and Thule no more be the ultimate”.

confronto com os autóctones); a colonização; a ânsia pelo ouro etc., é possível dizer que ainda que não impere o consenso nestas questões, existe uma calma entre os historiadores, modificada por algumas tempestades ocasionais.

No entanto, quando o assunto é a personagem principal dessa aventura, não é difícil concluir que Cristóvão Colombo ainda precisa ser descoberto. O fato de não ter alcançado as terras do Grande Cã; ou caminhado em ruas de ouro em Catay ou Cipango; ou ainda, o Novo Mundo ser nomeado em honra ao “usurpador” Américo Vespúcio, entre outras chamadas desgraças que se amontoaram na história da vida do almirante, nada disso se compara ao nevoeiro que cobre até os dias de hoje a nau da *psiqué* de Colombo. Um céu escuro que se apresenta até mesmo nas suas origens. Sale (1992), assim levanta essa questão:

Obviamente, a falha não é só dos historiadores, porque o rastro que Colombo deixou sobre seu local e data de nascimento é tão confuso e incompleto que sugere que a displicência de sua parte quanto ao fato e ficção, era maior que a escassez de documentos oficiosos em uma época anterior a popularização da tipografia. A obscuridade nesse particular sugere que ele foi realmente homem sem passado que pudesse definir, sem lar, raízes ou família, até mesmo sem um senso, ou amor, de lugar. Seus primeiros anos são obscuros porque, em certo sentido, foram vazios [...] Foi, o que é peculiar, um homem que nunca conheceu uma vida estabilizada ou sentiu identidade com qualquer trecho de terra, cujo único lar real, desde a infância, parece ter sido o mar, um mar inconstante e sem fronteiras, cujas intermináveis ondas cinzentas nenhuma habitação oferecem ao bicho homem; um homem cujo desejo mais forte, ao que parece, era sempre o de ir para outro lugar, que segundo suas próprias palavras, foi dominado, pelo menos durante uma década, pela compulsão de navegar para o não mapeado Ocidente e que, uma vez feita a viagem, não se contentou até que partiu novamente, e mais uma vez, até chegar a ilha seguinte, e a outra além da segunda...um homem incansável, sem raízes. (SALE, 1992, p. 53-54).

Tentar entender Colombo, ou seja, descobrir o descobridor; pode ser um caminho para uma maior compreensão do evento que ele protagonizou, cujo acontecimento não apenas introduziu o homem medieval na chamada era moderna através de uma revolução geográfica-humana; mas também emancipou o homem no mundo. Com Colombo entrou em cena o herói que venceu o Mar Tenebroso e ao mesmo tempo o anti-herói, aquele taxado como louco por vários sábios da época, e decerto havia a necessidade de certa dose de loucura para realizar o que era tido como irrealizável. Não sem razão Erasmo de Roterdã elogiou os loucos:

Primeiro, vós bem vedes com que providência a natureza, esta mãe produtora do gênero humano, dispôs que em coisa alguma faltasse o condimento da loucura. Segundo a definição de estóicos, sábio é aquele que vive de acordo com as regras da razão, e louco, ao contrário, é o

que se deixa arrastar ao sabor de suas paixões. Eis porque Júpiter, com receio de que a vida do homem se tornasse triste e infeliz, achou conveniente aumentar muito mais a dose das paixões que a da razão[...] Além disso relegou a razão para um estreito cantinho da cabeça, deixando todo o resto do corpo presa das desordens e da confusão. (ERASMO, 2003, p. 28).

A ambiguidade da personalidade de Colombo torna difícil encaixá-lo em um único perfil, e nesse aspecto, embora a definição do que seja um homem passional feita pelo humanista neerlandês pareça enquadrá-lo, não o consegue de todo, uma vez que a felicidade ao que tudo indica nunca chegou perto de Cristóvão Colombo:

Colombo, infelizmente, foi um homem que nunca conheceu a *querencia*, nunca realmente residiu em qualquer ambiente, sempre passou a vida sem a mais básica das pedras de toque, o lar. Poder-se-ia dizer que ele era do material de que são feitos os descobridores. “o mundo deve todo o seu progresso a homens intranquilos”, como disse Hawthorne no seu *House of the Seven Gables*. “O homem feliz confina-se inevitavelmente dentro de limites antigos.” O que mais possa ter sido, Colombo nem uma única vez deu sinais de ter sido um homem feliz. (SALE, 1992, p.56).

Para obtermos respostas mais satisfatórias é necessário avançar em uma investigação a respeito da personalidade controversa de Cristóvão Colombo e de algumas nuances de seu projeto de alcançar as Índias navegando para o Ocidente, bem como das circunstâncias da realização do feito, cujas dúvidas que ainda surgem têm estreita relação com a aura de mistério que envolve a história de sua vida. Há mais de 500 anos vários historiadores e estudiosos se debruçam sobre as fontes primárias em uma tentativa insistente de encontrar uma suposta verdade sobre a descoberta da América e seu protagonista, como se tal possibilidade fosse possível em se tratando da escrita da história. Existe uma verdade histórica? Não seria a ideia de verdade no âmbito da pesquisa científica uma ficção, ou uma projeção de um (pré) conceito estabelecido quando da análise do material disponível?

Antes do advento da teoria da relatividade de Einstein a física newtoniana era uma “verdade” cuja negação no círculo da ciência constituía pura heresia, até que foi aberto o caminho para o surgimento da física quântica, cujos estudos demonstraram que determinadas coisas são verdadeiras ainda que não aparentem ser, e também que a incerteza, conforme demonstrou Heisenberg, é científica. Viajar no tempo era apenas um delírio ficcional, mas a partir da teoria da relatividade geral demonstrando que os conceitos de *tempo e espaço* são relativos, dependendo do ponto de vista do observador, existe a possibilidade teórica de através

de atalhos hipotéticos (“buracos de minhoca”) realizar uma viagem para o futuro ou o passado pelo espaço-tempo. Segundo Lipton (2007, p. 117) “em nível atômico, nem se pode afirmar com certeza que a matéria existe; há apenas uma tendência que isso possa acontecer”. O que dizer então da história cujo conhecimento depende de relatos, sejam aqueles passados adiante pela tradição oral, sejam os que chegaram até o presente por meio de escritos, nem sempre originais, mas transcrições e cópias; ressaltando que mesmo fontes e documentos ditos fidedignos convivem com a desconfiança, e sob o risco de serem interpretados ideologicamente ou com parcimônia, quando não com má-fé, e quanto mais antigos mais sujeitos a uma exegese ou análise suspeita. Hobsbawm (2013) dá um bom exemplo disso:

Porém, não podemos esperar a passagem das gerações. Temos de resistir à *formação* de mitos nacionais, étnicos e outros, no momento em que estão sendo formados. Isso não nos fará populares. Thomas Masaryk, fundador da República Tcheca, não era popular quando ingressou na política como o homem que provou, com pesar mas sem vacilação, que os manuscritos medievais nos quais se apoiava grande parte do mito nacional tcheco eram falsos. (HOBSBAWM, 2013, p. 23, grifo do autor).

Partindo do princípio de que a história faz parte do universo da ciência, o fato de ser classificada como integrante do grupo do conhecimento “social e humano”, a faz ainda mais participante de um possível “princípio da relatividade” histórica, ou seja, que também deva ser analisada em seus diversos aspectos, dependendo do ponto de vista do observador.

## 7.2 VERDADE HISTÓRICA OU A REALIDADE DAS ILUSÕES: O ELEMENTO NARRATIVO E A HISTORIOGRAFIA COLOMBINA

A proposta de considerarmos que o caráter científico da história não é de forma alguma incompatível com uma abordagem que valorize a intersubjetividade na análise do fato histórico, é nada mais nada menos que um reconhecimento de que a ciência é insuficiente para decifrá-lo. Rüsen (2007), esclarece melhor essa questão:

A relação confusa entre cientificidade e arte historiográfica, contudo, não se constitui necessariamente, para a teoria da história, em desvantagem. Ao revés, essa relação pode ser oportuna, enquanto força produtiva da forma literária, cujo desregramento beneficiaria a ciência da história como maior eficácia de resultados. A ambiguidade da avaliação do que os historiadores fazem e tal duplicidade de padrões de regramento continuam, todavia, a constituir problema, pois atingem a lógica do conhecimento

histórico, o estatuto da história como ciência, suas pretensões de validade e a representação de seu papel na vida cultural da sociedade. Ranke formulou o problema relativo à questão do estatuto da história da seguinte maneira: *A história se distingue das demais ciência por ser, simultaneamente, arte. Ela é ciência ao coletar, achar, investigar. Ela é arte ao dar forma ao colhido, ao conhecido e ao representá-los. Outras ciências satisfazem-se em mostrar o achado meramente como achado. Na história opera a faculdade da reconstituição. Como ciência ela é aparentada com a filosofia, como arte; à poesia*<sup>449</sup>. (RANKE, 1975, p. 72 *apud* RÜSEN, 2007, p. 17-18, grifo nosso).

Observemos, por exemplo, um trecho da carta de Colombo a Luís de Santángel dando notícia das terras recém descobertas, cujo documento é contado entre os fidedignos e considerado como fonte histórica primária:

Na qual, uma vez que de todas tenha tomado posse para suas Altezas, e todas são mais abastadas do que eu posso dizer, e todas as tenho como de suas Altezas que delas podem dispor, como e tão completamente como dos reinos de Castela, e desta Espanhola, no lugar mais conveniente e melhor comarca para as minas de ouro [...][Carta a Santángel, 1493].(VARELA, 1982, P. 143-144)<sup>450</sup>.

Em suas viagens Colombo se viu diante de uma dura realidade: a exploração de “minas de ouro” estava muito aquém do esperado. O que ele mais obteve do metal foram peças e pepitas negociadas com os índios, uma quantidade muito menor do que sempre sonhou obter em suas expedições. No entanto, nessa carta, ou seja, um documento histórico, nos é apresentada uma narrativa, pelo próprio Colombo, de uma suposição sobre a quantidade de ouro naquela parte do Novo Mundo. Ao contrário das palavras de euforia dirigidas a Santángel, Cohen (2005) apresenta um Colombo iludido e ansioso;

A principal ilusão de Colombo de que ele fez a viagem a Ásia foi alimentada por sua necessidade de prover rápidos sucessos e vitórias que renovassem o patrocínio para suas novas explorações. As ilhas que ele descobriu não eram ricas. As grandes quantidades de ouro que ele alardeava estar prestes a descobrir estavam sempre na próxima ilha. (COHEN, 2005, p. 26-17)<sup>451</sup>.

---

<sup>449</sup> RANKE, 1975, p. 72 *apud* RÜSEN, 2007, p. 17-18.

<sup>450</sup> Na qual, uma vez que de todas tenha tomado posse para suas Altezas, e todas são mais abastadas do que eu posso dizer, e todas as tenho como de suas Altezas que delas podem dispor, como e tão completamente como dos reinos de Castela, e desta Espanhola, no lugar mais conveniente e melhor comarca para as minas de ouro”.

<sup>451</sup> “Columbus’s principal illusion, that he had made the voyage to Asia, was fostered by his need to provide rapid successes or victories in order to get renewed backing for his explorations. The islands that he discovered were not rich. The quantities of gold he claimed to be just about to discover were always on the next island”

Madariaga (1944), segue a mesma linha de pensamento:

[...]Colombo era um irrealista. Na solidão de seu retiro, forjou uma esplendorosa visão do ouro, que em seu orgulho se sentia obrigado a apresentar aos reis. Era esta tensão que o tornava, apressado em sua atividade, atropelado diante dos obstáculos, áspero e impaciente com os homens. Tinham rido da cara dele quando alegou que navegaria até Cipango e Catai. Conseguiu encher de confusão os céticos e zombadores mudando-lhes o riso em admiração; agora tentava obter um triunfo análogo sobre os que haviam rido de suas promessas de ouro. Sua pressa, seu desejo de vingança pessoal, agiram como fatores extemporâneos para torcer sua política colonial, vindo assim a contribuir poderosamente para sua queda. (MADARIAGA, 1944, p. 423-424)<sup>452</sup>.

Albuquerque Júnior (2007), ao falar sobre alguns aspectos da escrita da história, traz uma contribuição interessante para que tenhamos uma melhor compreensão do seu aspecto interpretativo e do trabalho do historiador diante de um objeto histórico:

[...] o discurso do historiador e, muitas vezes, o próprio discurso do documento, não são interpelados enquanto partícipes da invenção do evento que é narrado. A invenção do acontecimento se dá numa distância extradiscursiva, passa-se antes, além ou aquém dos discursos que o enunciam, é parte de uma realidade entendida como materialidade extradiscursiva e aprisionada no passado, que vai ser descoberta, decifrada, revelada, regatada, retomada, explicada, interpretada pelo discurso do historiador que a interpela. Cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes [...] É o próprio conceito, é o discurso lançado sobre a empiria que a transforma em evidência. Nada é evidente antes de ser evidenciado, ressaltado por alguma forma de nomeação, conceituação ou relato. Os documentos são formas de enunciação e, portanto, de construção e evidências ou de realidades. A realidade não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação. A realidade não é um antes do conceito, é conceito[...] Não há evento histórico que não seja produto das relações sociais, de tensões, de conflitos e alianças em torno do exercício do poder, de dada forma de organização da sociedade, produto de práticas e atitudes humanas, individuais e coletivas[...]Nós historiadores, ao contrário do que faz crer as dicotomias que atravessam nosso campo de estudo até hoje, não escrevemos a História da margem direita ou da

---

<sup>452</sup> “[...]Colón era un irrealista. En la soledad de su retiro, se había forjado una esplendorosa visión de oro que se sentía obligado en su orgullo a presentar en forma material ante los Reyes. Esta era la tensión que le hacía apressurado en su actividad, atropellado ante los obstáculos, áspero y impaciente con los hombres. Se le habían reído a la cara cuando aseguraba que navegaria hasta Cipango y Catayo y el había llenado de confusión a los burlones escépticos y trocado la risa en admiración; ahora trataba de ganar un triunfo análogo sobre los que habían reído de sus promesas de oro. Su prisa, su deseo de vindicación personal, actuaban como un factor extemporáneo para torcer su política colonial, viniendo así a contribuir poderosamente a su caída”.

margem esquerda do rio, não podemos optar por habitar a margem do objetivismo ou a margem do subjetivismo, a margem da natureza ou a margem da cultura, a margem da realidade ou a margem da construção discursiva da História, pois a História em seu acontecer articula e relaciona todos estes aspectos e a narrativa histórica também deve fazê-lo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 24-29).

Qualquer trabalho de pesquisa que se proponha a investigar Colombo e sua descoberta, deverá necessariamente, assim entendemos, se munir de um espírito de questionamento de algumas “verdades”, que aí estão, mas que ainda causam certo incômodo aos historiadores. Ao analisarmos as viagens de descobrimento do final do século XV e durante o século XVI, percebemos que elas tiveram entre seus catalisadores, principalmente, relatos de viagens medievais dos séculos XIII e XIV, que de certa forma podem ser vistos como um tipo de escrita da história da época. É curioso notar que entre essas narrativas, as *Viagens de Mandeville* a despeito de terem se ocupado de puras invencionices, durante muito tempo tiveram mais credibilidade do que *Il Millone*, o livro das maravilhas de Marco Polo: “a julgar pelos manuscritos que sobreviveram, as *Viagens de Mandeville* tiveram muito maior circulação e crédito” (GLEENBLATT, 1996, p. 58). Não obstante, ambos serem livros de relatos de viagem, e no caso de Mandeville, até sua própria existência seja duvidosa, o que faria de “seu” livro a obra de um gênio literário que após o pseudônimo Jean de Mandeville desejando manter-se incógnito, para muitos estudiosos esses “historiadores” e seus escritos tornaram-se uma referência para os exploradores que beberam em suas fontes, como por exemplo, Colombo:

De início, interessei-me pelas *Viagens de Mandeville* simplesmente como pano de fundo para a tentativa de entender Colombo. Se Colombo supôs ter chegado ao Oriente, seria importante apreender o conceito de “Oriente”. No final do século XV, esse conceito dependia sobretudo de Marco Polo e Sir John de Mandeville, cujos livros Colombo leu e possivelmente<sup>453</sup> levou em sua primeira viagem. (GLEENBLATT, 1996, p.45).

Se o *Milione* de Marco Polo, escrito na prisão de Gênova entre 1296 e 1298, em colaboração com Rusticello de Pisa, acrescentava-se ao imaginário europeu uma nova dimensão do maravilhoso asiático, as *Viagens de Mandeville*, escritas quase sessenta anos mais tarde, popularizavam uma visão inaudita do remoto oriental. E os dois textos, que com frequência eram publicados conjuntamente, constituiriam as fontes de informação mais importantes, conhecidas e citadas da literatura de viagens dos séculos XIV, XV e XVI. Considerando-se a quantidade de manuscritos conhecidos—143 no caso de Polo e mais 250 no caso de Mandeville—e a repercussão dos dois

---

<sup>453</sup> A questão dos livros que Colombo teria lido antes e durante a primeira viagem ao Novo Mundo comporta discussão, principalmente o de Marco Polo, ao qual, ele teria tido acesso apenas em 1497. Esta questão será tratada neste trabalho mais adiante, no terceiro capítulo.

textos nos séculos seguintes, não restam dúvidas sobre sua importância como instrumentos-chave no processo de expandir, reiterar e consolidar a representação ocidental do maravilhoso asiático. (GIUCCI, 1992, p.87).

Observa-se que esses autores destacam que aquelas narrativas exerceram, em alguma extensão influência sobre os descobridores, e se torna necessário ao pesquisador atual compreender o fenômeno. Embora as características dos “registros” daquelas viagens sejam incompatíveis com o conceito da historiografia moderna, não há como negar o espaço ocupado na época por aqueles relatos maravilhosos na mentalidade dos exploradores do mundo daquele tempo:

Os relatos medievais apresentam uma especificidade, pois resultam de uma mescla da realidade presente nos itinerários com aspectos fantásticos, o que permite caracterizar estes textos como *Mirabilia* (Livro das Maravilhas). Nas narrativas há uma ausência de separação entre o que é história, lenda e mito. Há sempre a presença do fantástico e das utopias na literatura de viagens. (NASCIMENTO, 2014, p. 2).

A influência da *mirabilia* como “fonte” histórica para os descobridores dos séculos XV e XVI, também é apontada por Ziebell (2002, p.19):

Os descobrimentos como fenômeno de expansão européia, próximo do século XVI, evidenciam a ausência de ruptura entre a Medievalidade e o Renascimento, ou seja, refletem a inexistência de uma confrontação ou antagonismo explícito, sugerindo em lugar desses uma integração paulatina de teorias científicas e filosóficas e fantasias mitológicas ao experientialismo renascentista, que denotam seu caráter de continuidade e descontinuidade, a fusão da história com os heróis míticos.

Tal raciocínio é importante para o melhor entendimento das controvérsias que gravitam em torno da personagem Cristóvão Colombo quando era ainda um desconhecido; e é fundamental que não percamos de vista o pano de fundo que teria servido de inspiração a navegadores como ele, aos quais podemos imaginar como uma mescla de nautas possuidores dos conhecimentos de navegação marítima acessíveis na época, com uma aura de viajantes do maravilhoso.

Se, de fato, os escritos de Jean de Mandeville, um tipo de logógrafo, e de Marco Polo, um tipo de “jornalista” de caráter não investigativo, tiveram um papel importante de subsidiar em alguma extensão o ânimo do almirante: qual teria sido o impacto disso nos escritos de Colombo e de seus biógrafos primeiros, Fernando Colombo e Las Casas, cujas obras estão dentre as principais fontes primárias para qualquer pesquisador do tema? A preocupação com



a análise das fontes primárias sob um olhar crítico é fundamental na tentativa de chegarmos, senão à verdade, ao mais próximo possível daquilo que determinado fato histórico nos revela de mais real. Qualquer historiador por mais apreço que possua pela verdade estará inevitavelmente sujeito a uma interpretação da história sob a ótica de suas ideologias e/ou conceitos pré-estabelecidos, ainda que faça um esforço para ser objetivo, fatalmente irá usar em qualquer análise seus próprios pontos de vista, muitas vezes como um prumo para o estabelecimento da “verdade”; e a partir de sua própria visão e entendimento abrir-se-á a uma intersubjetividade para ampliar as possibilidades de interpretação.

Para melhor exemplificar façamos uma comparação do início da obra de Heródoto, ou seja, a origem do modo de se relatar a história, com o que Las Casas e Fernando Colombo escreveram no começo das suas obras sobre o almirante:

Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam. (HERÓDOTO, 1985, p. 19).

Chegado, pois, já o tempo das maravilhas da misericórdia de Deus, por estas partes da terra (semeada a semente ou a palavra da vida) haveria de colher fecundo fruto que dos predestinados cabia a esta *orbe* e mais copiosamente a bondade e as grandezas das riquezas divinas que depois de mais conhecidas, mais deveriam ser magnificadas, escolheu o divino e sumo mestre entre os filhos de Adão, que estavam na terra nestes tempos, aquele ilustre e grande Cólón, convindo saber, de nome e obra povoador primeiro; para de sua virtude, sagacidade, indústria, trabalhos, conhecimento e prudência; confiar uma das mais egrégias e divinas façanhas, que quis fazer em seu mundo no presente século. (CASAS, 1986, p. 25)<sup>454</sup>.

Pero yo me escusé de estos afanes, creyendo que el Almirante fué elegido por Nuestro Señor para una cosa tan grande como la que hizo, y porque había de ser verdadero Apóstol, como lo fué en efecto, quiso que en este caso imítase á los otros, á los cuales, para publicar su nombre, eligió en las orillas del mar, y no en los palácio sy en las grandezas; y aunque imitase al mismo Cristo, que siendo sus ascendientes de la Real Sangre de Jerusalem, fué su voluntad que sus padres fuesen menos conocidos. (COLOMBO, 1892, p. 4)<sup>455</sup>.

---

<sup>454</sup> Chegado, pois, já o tempo das maravilhas da misericórdia de Deus, por estas partes da terra (semeada a semente ou a palavra da vida) haveria de colher fecundo fruto que dos predestinados cabia a esta *orbe* e mais copiosamente a bondade e as grandezas das riquezas divinas que depois de mais conhecidas, mais deveriam ser magnificadas, escolheu o divino e sumo mestre entre os filhos de Adão, que estavam na terra nestes tempos, aquele ilustre e grande Cólón, convindo saber, de nome e obra povoador primeiro; para de sua virtude, sagacidade, indústria, trabalhos, conhecimento e prudência; confiar uma das mais egrégias e divinas façanhas, que quis fazer em seu mundo no presente século “

<sup>455</sup> “Mas eu me escusei destes elogios, crendo que o Almirante foi eleito por Nosso Senhor, para uma coisa tão grande quanto a que fez, y porque havia de ser verdadeiro Apóstolo, como o foi de fato, quis

Tanto Las Casas como Fernando Colombo apresentaram seus escritos cravando que seu principal objetivo (tal como Heródoto) era não deixar que a verdade fosse obscurecida, ou pela passagem do tempo, ou por outros historiadores que poderiam não estar tão compromissados com a realidade dos fatos e com o restabelecimento da verdade (CASAS, 1986). Entre o que consideram “fato” está a escolha divina que recaiu sobre Colombo entre todos os homens para ser um apóstolo, um verdadeiro ungido para descobrir um novo mundo. Saint-Lu (1986)<sup>456</sup> ao descrever a concepção lascasiana da história e as finalidades de sua obra, o faz da seguinte forma:

Em uma primeira parte com variadas referências aos autores da Antiguidade expõe Las Casas, acompanhando o escritor judeu Josefo, as quatro “causas”, ou seja, os motivos que incitam a escrever histórias, a saber: manifestar sua eloquência para ganhar fama e glória, agradar aos príncipes, elogiando suas obras ilustres; restabelecer em sua integridade a verdade alterada por outros, e tornar conhecidos os feitos louváveis dos quais ouviu falar [...] entrando agora no cerne do tema, ou seja, na sua própria vocação de historiador, Las Casas descarta de imediato as duas primeiras causas elencadas acima – expor sua eloquência e exaltar os poderosos – por parecer óbvio, e assim demonstrar para que entendam, que estes objetivos nada tem a ver com seus propósitos, já que não se enquadram em absoluto com o estilo e conteúdo de seu livro, nem com sua condição de ancião e religioso. Chegando a terceira causa que o levou a escrever a obra, inicia com uma solene justificação mais arrazoada que apaixonada de sua tarefa: *“Resta, pois, com verdade que somente moveu-me a ditar este livro a grandíssima e última necessidade que padeceu por muitos anos a Espanha, de verdadeira notícia e clareza de verdade, de todos os seus estados nesta Orbe indiana”*. (SAINT-LU, 1986, p. 20 *apud* (CASAS, 1986, p.17-18).<sup>457</sup>.

---

nesse caso imitar aos outros, aos quais para publicar seu nome, escolheu as costas do mar, e não nos palácios e suas grandezas; e embora imitasse o próprio Cristo, que sendo seus descendentes do Sangue Real de Jerusalém, foi sua vontade que seus pais fossem menos conhecidos”

<sup>456</sup> Cf. André Saint-Lu, na sua edição, prólogo, notas e cronologia da História de Las Índias, de Bartolomé de Las Casas da editora Biblioteca Ayacucho, Caracas: 1986; cujo texto da *História* de Las Casas é utilizado nesta dissertação. *“Para esta nova edição da História de Las Índias, nossa referência básica é o manuscrito de Las Casas conservado na Biblioteca Nacional de Madri, Reserva, 21,22,23”* (SAINT-LU, 1986, p. 48). Em razão dessa observação de André de Saint-Lu, entendemos que esta edição da Biblioteca Ayacucho de Caracas (Venezuela), é bastante confiável como fonte primária de pesquisa.

<sup>457</sup> “En una primera parte, cuajada de referencias a los autores de la Antigüedad, expone Las Casas, siguiendo en esto al historiador Josefo, las cuatro ”causas”- es decir los motivos o móviles- que pueden incitar a escribir historias, a saber: manifestar su elocuencia para ganar fama y gloria; complacer a los príncipes, alabando sus obras ilustres; restablecer en su integridad la verdad alterada por otros; dar a conocer los hechos notables caídos en el olvido[...] y entrando ahora en el meollo del tema, o sea em su propia vocación y oficio de historiador, descarta Las Casas de inmediato las dos primeras causas sentadas más arriba- lucir su elocuencia y alabar los poderosos – por parecerle obvio, y así quiere que se entienda, que no tenían nada que ver con sus propósitos, ya que no cuadran em absoluto con el estilo y contenido de su libro, ni con su condición de religioso y su ancianidad. Al llegar, seguidamente, a la

Contudo se justapormos os trechos dos textos de Heródoto, Las Casas, e Fernando Colombo, é possível perceber uma semelhança grande em seu estilo no que tange a necessidade de reivindicarem que seus autores apresentam a verdade para não deixar que esta se perca ou sofra uma “profanação”. Se seus relatos contêm algo de maravilhoso, ou se apresentam conteúdo apologético de seus personagens, os leitores já foram “avisados” de sua reclamada veracidade. Foucault (2000, p.507):

[...] a História existiu bem antes da constituição das ciências humanas; desde os confins da idade grega, exerceu ela na cultura ocidental um certo número de funções maiores: memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessa de um retorno.

Considerando que na época em que tanto Bartolomé de Las Casas quanto Fernando Colombo relataram aqueles acontecimentos, o conceito atual de historiografia era desconhecido, é possível identificarmos algumas semelhanças com a “historiografia” da antiguidade na maneira em que ambos expõem os acontecimentos e os personagens. Não há aqui nenhum desmerecimento ao trabalho de ambos; ao contrário, seus escritos, os quais juntamente com documentos e textos de Colombo e de outros atores envolvidos nos feitos do descobridor, são as fontes primárias por excelência para o estudo do tema, e se revestem de importância ímpar para qualquer historiador atual.

Em especial, os escritos de Las Casas se apresentam como um trabalho excelente considerando as dificuldades encontradas por qualquer historiador do século XVI ao enfrentar o desafio de relatar a história;

Fica claro, de qualquer forma, que esta primeira redação estava longe de ser o resultado final do trabalho. Deixando de lado tudo o que, como claramente vimos, foi escrito mais tarde, é altamente improvável, quando não impossível, que Frei Bartolomé tinha a sua disposição na Ilha Espanhola, a totalidade da documentação relacionada com as primeiras três décadas da empresa Indiana, que poderia ser usada. Basta pensar na enorme quantidade de textos colombinos ou relativos a Colombo que aparecem na história, e que só puderam ser copiados mais tarde na Espanha, onde estavam depositados [...] Resta ainda possibilidade ou mesmo a probabilidade de que Las Casas, que se

---

tercera causa, la que provoco a acometer la obra, inicia con una solemne declaración la razanoda a la vez que apasionada justificación de su tarea: “ *Resta, pues, afirmar con verdad solamente moverme a dictar este libro la grandísima y última necesidad que por muchos años a toda España, de verdadera noticia y de lumbre de verdad em todos los estados della cerca deste indiano Orbe, padecer he visto*”.

relacionara com Diego C333lon, veio a conhecer na Espanhola, alguns desses textos preservados pelo filho do descobridor: alguns ressaltamos, jamais a totalidade. (SAINT-LU , 1986, p. 20 *apud* CASAS, 1986, p.20-21)<sup>458</sup>.

Ressaltamos, no entanto, que praticamente n333o h333a cap333tulos em sua *Historia* em que Las Casas n333o coloque alguma observa333o pessoal (SAINT-LU,1986), o que n333o foge 333a regra da historiografia moderna no sentido de que “qualquer tipo de hist3333ria se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a est333 escrevendo” (SHARPE, 1992, p. 54). N333o apenas os textos ou documentos devem ser considerados, as lendas e os mitos s333o partes insepar333veis da hist3333ria e n333o devem ser ignorados. Segundo Certeau (1982, p. 54):

A hist3333ria cairia em ru333nas sem a chave de ab333bada de toda a sua arquitetura: a articula333o entre o ato que prop333e e a sociedade que reflete; o corte, constantemente questionado, entre um presente e um passado; o duplo estatuto de um objeto, que 333 um "efeito do real" no texto e o n333o-dito implicado pelo fechamento do discurso. Se ela deixa seu lugar – o limite que prop333e e que recebe – ela se decomp333e para ser apenas uma fic333o (a narra333o daquilo que aconteceu) ou uma reflex333o epistemol333gica (a elucida333o de suas regras de trabalho). Ela, por333m, n333o 333 nem a lenda 333 qual foi reduzida por uma vulgariza333o, nem a criteriologia que faria dela a 333nica an333lise cr333tica de seus procedimentos. Ela est333 entre estas duas coisas, no limite que separa as suas redu333o333es, como Charles Chaplin se definia, no final de "*The Pilgrim*", atrav333s da corrida sobre a fronteira mexicana, entre dois pa333ses que o perseguiram e dos quais seus zigzagues desenhavam ao mesmo tempo a diferen333a e a costura.

Peter Burke (1992) vai na mesma dire333o:

[...] cada vez mais historiadores est333o come333ando a perceber que seu trabalho n333o reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular. Para comunicar essa consci333ncia aos leitores de hist3333ria, as formas tradicionais de narrativa s333o inadequadas. Os narradores hist3333ricos necessitam encontrar um modo de tornarem vis333veis, em sua narrativa, n333o de auto-indulg333ncia, mas advertindo o leitor de que eles n333o s333o oniscientes ou imparciais e que outras interpreta333o333es, al333m das suas, s333o poss333veis. (BURKE, 1992, p. 337).

---

<sup>458</sup> “Queda claro, de cualquier modo, que esta primera redacci333n distaba mucho del estado definitivo de la obra. Dejado aparte todo aquello que manifiestamente, como vimos, fue escrito con posteridad, es muy improbable, cuando no imposible, que fray Bartolom333 de la Esp333nola de la totalidad de la documentaci333n relativa a los tres primeros dec333nios de la empresa indiana, de que despu333s se pudo valer. Baste pensar en la enorme cantidad de textos colombinos 333 referentes a Col333n que aparecen en la Historia, y que solo se pudieron copiar m333s tarde em Espa333a, donde estaban depositados[...].”

Não obstante gozar do *status* de ciência, a história apenas flerta com o empirismo, como é o caso quando submete, seja um documento, seja um artefato, a um exame de autenticidade por algum especialista ou perito, o qual poderá com certo grau de precisão emitir sua opinião com base em pressupostos científicos. No mais, a história é rebelde, e tem seu próprio “princípio” da incerteza. Parafraseando Russell (2003), “antes de desprezarmos os historiadores<sup>459</sup>, devemos tentar compreender o que estão tentando dizer”. Eco (2013), ao contar em livro a “*História das Terras e Lugares Lendários*”, explica que a obra trata da *realidade das ilusões* sobre a existência de tais terras e lugares:

Há terras que são mencionadas apenas em fontes bíblicas, como o Paraíso terrestre e o país da rainha de Sabá; mas, acreditando em sua existência, muitos, inclusive Cristóvão Colombo, partiram para descobrir terras realmente existentes. Há terras que foram criadas por um documento falso, como a terra do Preste João, mas que, mesmo assim, levaram viajantes a explorar a Ásia e a África. (ECO, 2013, p. 9).

Flint (1992) ao comentar também a influência da *mirabilia* sobre o ânimo descobridor de Colombo demonstra muito bem como as aventuras daqueles viajantes do maravilhoso tiveram o poder de transformar lendas em história:

A leitura de Colombo destas estórias, o ouvi-las contadas, e seu engajamento em alguns dos sagrados e seculares dramáticos entretenimentos que as envolvia, cooperou para uma formidável carga de expectativa. Tal carga surgiu por meio de muitas diferentes, porém, complementares, influências mentais; das intelectualmente mais respeitáveis as imaginariamente mais agradáveis; e era algo rico. Era também profundamente medieval, mais até talvez do que qualquer coisa que já vimos, no sentido de que atraía profundamente pelos recursos da palavra falada. Esta carga de estórias foi levada nas viagens ocidentais de Colombo até o fim, e parece ter causado no grande almirante um tipo de impressão da qual ele não podia, nem queria, escapar. (FLINT, 1992, p. 79-80)<sup>460</sup>.

---

<sup>459</sup> “Filósofos” na frase original.

<sup>460</sup> “Columbus’s Reading of these stories, his listening to them, and his engagement in some of the sacred and secular dramatic entertainments that involved them, made for na extremely formidable freight of expectation. It was a freight trimmed into place by many different but complementary mental influences, from the intellectually most respectable to the imaginatively highly agreeable; and it was a rich one. It was also profoundly medieval; more so perhaps than anything we have looked so far, in that it drew so very deeply upon the resources of the spoken word. This freight of stories was carried on Columbus’s western voyages to the very end, and it seems to have made upon the great admiral an impression of a kind from which he neither could, nor would, escape”.

O que era estória resultou em história, servindo de alerta para o fato de que também os historiadores muitas vezes contam “estórias” ou por necessidade de preencher alguma lacuna para a qual não encontram evidências, ou talvez, pela tentação de inferir sem revelar que o fazem. A inferência é ferramenta indispensável para a edificação de fatos históricos para os quais faltam tijolos, desde que o historiador faça saber que se valeu de tal instrumento. Flint ao continuar tentando demonstrar a grande influência do imaginário no ânimo de navegadores como Colombo faz outra interessante observação:

Para todas as histórias do mar tratadas até aqui, há pelo menos alguma evidência de que Colombo sabia delas. O mesmo não pode ser dito da que vamos abordar agora; mas, certamente, ele devia conhecê-la. Nenhum grande marinheiro do final do século XV poderia ter ficado sem a história de Simbad, o marujo, especialmente Colombo; pois Sinbad também é cheio de contos sobre as maravilhas do Oriente e alguns dos mais maravilhosos de todos. Distintos geógrafos claramente colocam Sinbad na mesma prateleira com Mandeville, e Marco Polo parece ter sido apresentado a pelo menos algumas das aventuras de Sinbad. Assim como o criador do Atlas catalão. Eu já tentei sugerir que os comentários de Colombo sobre o âmbar que ele encontrou em Hispaniola pode em parte ter sido trazido a sua mente por suas memórias de Sinbad [...] e que Colombo fez dele sua companhia de tão bom grado como ele fez com outros. A história de Simbad, o marujo [...] é um dos contos das *Mil e Uma Noites* [...] Muitas das estórias das *Mil e Uma Noites* remontam ao século IX [...] Algumas das aventuras de Sinbad têm sido associadas com os da Odisseia e de São Brandão [...] Elas chamavam a atenção, e transmitiam instruções. Contavam aventuras do tipo sobre o qual as pessoas de espírito, gostavam de ouvir, e, quando ouviam, elas os informavam (ou eles se convenciam que elas informavam) de coisas reais ao longo do caminho [...] Uma e outra vez Sinbad escapa e, mais importante talvez, retorna de suas aventuras com seus investimentos originais ainda intactos e com adição de cargas de diamantes, pedras preciosas e pérolas [...] Ele também chega a uma ilha "como se fosse um pátio dos jardins do Paraíso " [...] Tais sentimentos encontrariam muitos ouvidos abertos no Ocidente cristão e, entre eles, Colombo [...] as histórias do mar, vivificantes, instrutivas e, acima de tudo, divertidas, foram essenciais para as viagens rumo oeste para as Índias. Assim como os mapas-mundi e o conteúdo dos livros em que anotava, elas imprimiram suas imagens vívidas profundamente na mente do Almirante [...] Elas também podem ter sido cruciais à sobrevivência de Colombo a alguns dos momentos de maior teste em sua carreira. (FLINT, 1992, 106-112, grifo do autor)<sup>461</sup>.

---

<sup>461</sup> “For all the sea stories touched upon so far, there is at least some evidence that Columbus knew of them. The same cannot be said of the one to which we know turn; but, surely, he *must* have known it. No great sailor of the late fifteenth century could have managed without the story of Sinbad the Sailor, and especially not Columbus; for Sinbad too is filled with tales of the marvels of the east, and with some of the most wondrous of all. Distinguished geographers place Sinbad firmly on the same shelf as Mandeville, and Marco Polo seems to have been acquainted with at least some of Sinbad’s adventures. So does the maker of the Catalan Atlas. I have already tried to suggest tha Columbus’s own comments on the amber he found on Hispaniola may have been brought in part to his mind by his memories of

A viagem de São Brandão (FIGURA 23), por exemplo, não obstante ser uma lenda, se tornou o motivo de muitas expedições na busca da ilha em que o monge teria chegado com seus companheiros. Wright (1844) sintetiza bem a influência dessa fantasia que era motivo de conversas frequentes entre os marinheiros:

A lenda de São Brandão exerceu influência sobre a ciência geográfica até um período tardio, e entrou como um elemento importante nos sentimentos dos marinheiros espanhóis quando eles partiram para a descoberta da América. Existiram, de fato, alguns incidentes na lenda que supostamente poderiam ter surgido das histórias tradicionais dos primeiros aventureiros (para tais, sem dúvida), que tinham sido acidentalmente ou projetadamente levados para o extremo oeste. Mesmo no final do século XVI, os espanhóis e portugueses acreditavam na existência da ilha de São. Brandão, situada na direção das Canárias, que era vista às vezes por acidente, mas que nunca pôde ser encontrada quando procurada (*quando se busca no se halla*). Essa noção existia ainda mais tarde na Irlanda. Várias expedições foram equipadas pelos espanhóis em busca desta ilha; diz-se que um rei de Portugal fez uma cessão condicional da ilha a outra pessoa, “quando puder ser encontrada”; e quando a coroa de Portugal cedeu seu direito sobre as Canárias aos castelhanos, o tratado incluía a ilha de São Brandão, como *a ilha que ainda não havia sido encontrada*. (WRIGHT, 1844, p. v-vi, grifo do autor)<sup>462</sup>.

---

Sinbad [...] and that Columbus kept his company as willingly as he did that of the others. The story of Sinbad the Sailor [...] is one of the tales of *The Thousand and One Nights* [...] Many of the stories in the *Thousand and One Nights* go back to the ninth century [...] Some of the Sinbad's adventures have been associated with those of the Odyssey and St. Brendan [...] They caught attention, and they imparted instruction. They told of adventures of a kind about which persons of spirit loved to hear, and, as they did so, they informed them ( or they persuaded them that they informed them) of real things along the way [...] Again and again Sinbad escapes and, more importantly perhaps, returns from his adventures both with his original investments still intact, and with added cargoes of diamonds, precious stones and pearls [...] He also comes upon an island “ as it were one of the garths and a gardens of Paradise” [...] Such sentiments would find many willing ears in the Christian west, and, among them, Columbus [...] The sea stories, enlivening, instructive, and, above all, amusing, were essential to the voyages westwards to the Indies. Like the mappae mundi and a the contents of the annotated books, they printed their vivid images deeply into the admiral's mind [...] They may also have been crucial to Columbus's surviving some of the most testing moments of his career”.

<sup>462</sup> “The legend of St. Brendan exercised an influence on geographical science down to a late period, and it entered as an important element in the feelings of the Spanish sailors when they went to the discovery of America. They are, indeed, some incidents in the legend which might be supposed to have arisen from the traditional stories of early adventurers, (for such there were without doubt), who had been accidentally or designedly carried far out in the extreme west. So late as the end of the sixteenth century, the Spaniards and Portuguese believed in the existence of the Isle of St. Brendan, situated in the direction of the Canaries, which was seen sometimes by accident, but which could never be found when sought for (*quando se busca no se halla*). This notion existed still later in Ireland. Several expeditions were fitted out by the Spaniards in search of this island; a king of Portugal is said to have made a conditional cession of it to another person, “when it should be found”; and when the crown of Portugal ceded its right over the Canaries to the Castilians, the treaty included the Isle of St. Brendan, as the *island which had not yet been found*”.

Parece bem claro que o maravilhoso das lendas que influenciaram muitos daqueles navegadores não foi apenas uma força motriz para suas aventuras, senão também o elemento gerador em seu interior do desejo de descobrir. Colombo, podemos inferir, vivia embriagado e imerso naquelas narrativas.

Figura 23- Gravura mostrando Frei Brandão e seus companheiros monges no dorso de uma baleia.



Fonte: Universidade de Augsburgo-Alemanha (2019, *online*).

E é exatamente isso que nos compele a questionar: o fato histórico consiste em um elemento estranho á narrativa do imaginário que em certa medida o gerou? O que sabemos sobre a história de Abraão – historicamente considerado um dos patriarcas tanto do povo judeu quanto do Árabe – não chegou até nós por meio de documentos, mas sim através de narrativas. O próprio conteúdo da Bíblia é um relato de vários fatos históricos, reconhecidos pela arqueologia, em especial alguns livros como o *Gênesis*, que a partir do capítulo quatro, sua cronologia, geografia e vários reis e reinos, coincidem com qualquer estudo sobre a antiguidade, assim como o *Êxodo*, *Crônicas*, *Reis*, entre outros. O historiador Flávio Josefo (38-100 EC), narra a história dos judeus em paralelo ao *Antigo Testamento*, mas com a identidade própria de uma obra com algumas características historiográficas, a despeito da época em que foi escrita. Excetuadas questões metafísicas e de crença, a arqueologia já forneceu evidências da veracidade de relatos bíblicos que são considerados históricos. Para além da exegese que aponta



simbologismos e tipologias para questões de cunho espiritual, a história do povo judeu tem como sua fonte primeira a narrativa bíblica.

Outro exemplo, também pertinente para a discussão, é o de Sócrates. Não há nenhuma evidência material de sua existência. Houve mesmo um filósofo com esse nome que teria protagonizado muitos dos escritos de Platão, ou este apenas idealizou uma personagem para dela fazer uso? Não ausência de escritos que pudessem ser atribuídos ao próprio Sócrates existem questionamentos sobre a existência real do filósofo, os quais são corroborados pela dificuldade de se fazer uma diferenciação de sua filosofia com a de Platão. Não obstante tais dúvidas, os elementos da vida e da morte de Sócrates, chegaram até nós com o *status* de fato histórico através da narrativa de outros filósofos, em especial Platão. A inexistência total de qualquer prova material que ateste essa narrativa como um fato histórico não se revelou suficiente para invalidar o que foi narrado.

Colocando Colombo na discussão, e sua relação com a escrita da história, a situação não é tão diferente dos exemplos acima. As fontes primárias por excelência para o estudo da história de Cristóvão Colombo, como já foi dito, além de seus próprios escritos, são os que Bartolomé de Las Casas, e posteriormente Fernando Colombo escreveram, para os quais não são poucas as ressalvas. Embora o que chegou até nós por meio do próprio Colombo, seja considerado como fontes de informação sobre o descobridor, com amparo no elemento da materialidade, é necessário que projetemos nosso pensamento em direção ao que Colombo não escreveu, ou ao que escreveu com a intenção não de revelar, mas de ocultar. À parte desse material reconhecido como de próprio punho do almirante, tudo o que já se escreveu sobre ele, teve sua origem nas narrativas apologéticas de Las Casas e seu filho Fernando. Portanto, tudo o que se sabe sobre Colombo teve seu ponto de partida, em tais narrativas e nos referidos documentos, tenham sido eles produzidos por Colombo ou por terceiros, muitos dos quais ainda convivem com certa desconfiança quanto à sua confiabilidade.

Há ponto fundamental para o qual Ruhstaller (1992) chama nossa atenção com relação ao *Diario de a bordo* da primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo, e que chegou até nós não através de seu original, que se perdeu, mas copiado por Las Casas de outra transcrição, fato que fez com que ele incluísse várias anotações marginais (*apostillas*), muitas vezes tentando explicar algumas questões não muito claras, outras vezes interpretando o autor original:

Uma questão importante é se as anotações marginais de Bartolomé de Las Casas devem ou não ser consideradas como pertencentes ao texto do *Diário*. Normalmente os editores imprimem o texto desprovido

desses comentários marginais<sup>463</sup>, para publicar a obra sob o nome de Cristóvão Colombo. Contudo, é um fato bem conhecido que o *Diário*, tal como chegou até nós através da pena de Las Casas, não é a versão original colombina, não é uma cópia literal, senão um resumo, uma seleção, como afirma o próprio Las Casas em sua introdução: “Esta é a primeira viagem e as derrotas e percurso que fez o Almirante Dom Cristóvão Colombo quando descobriu as Índias, apresentado resumidamente”<sup>464</sup>. Este resumo seguramente contém também adições, modificações e correções de Las Casas. Assim, se Las Casas uma marca profunda no *Diário*, se certos elementos do texto conservado não devem ser atribuídos a Colombo, mas a Las Casas, parece claro que devemos considerar também as anotações marginais como parte da versão lascasiana do *Diário* colombino. Talvez inclusive nos ajude a nos aproximar de um problema tão importante como o da distinção clara entre o autenticamente colombino e a influência de Las Casas na transcrição, uma vez que as anotações nos revelam abertamente a opinião do dominicano a cerca de muitas passagens do *Diário de a bordo*. (RUHSTALLER, 1992, p. 616, grifo do autor)<sup>465</sup>.

Quantas vezes somos historiadores de nosso próprio passado e ao narrar fatos de nossa história, ou de nossos pais e avós; às vezes acrescentamos ou ocultamos determinados acontecimentos. Em tal circunstância não fazemos outra coisa senão, dificultar a interpretação de nossa narrativa, ou pior ainda, facilitar a má interpretação dos fatos de nossa história. “Kant afirmou certa vez que temia mais ser mal-interpretado do que refutado” (RUSSEL, 2003, p.16). Muitos estudiosos modernos apontam várias inconsistências nos textos de vários biógrafos de Colombo, desde os primeiros (Las Casas e Fernando Colombo) até aos de épocas mais recentes. O relato lascasiano e a presunção de fidedignidade de sua *Historia de las Indias* em relação ao

---

<sup>463</sup>Citamos como exemplo, a edição bastante conhecida no Brasil dos *Diários da Descoberta da América*, publicado pela editora LPM, cujo leitor desavisado e na falta de uma explicação adequada na introdução, imaginará estar lendo o texto original de Colombo e não uma transcrição de outra transcrição, estando ausentes as 144 notas marginais de Las Casas (nossa nota).

<sup>464</sup> Cristóbal Colón, *Diario de a bordo*, ed. de J.Arce y J.Gil Esteve, Alpignano, 1971, p.31 apud Ruhstaller, 1992, p. 616 (nota 1 no texto citado).

<sup>465</sup>“Una cuestión importante es la de si las apostillas de Bartolomé de Las Casas deben considerarse como pertenecientes al texto del *Diario* o no. Normalmente los editores imprimen el texto desprovisto de estos comentarios marginales, para publicar la obra bajo el nombre de Cristóbal Colón. Pero es un hecho bien conocido que el *Diario*, tal como nos ha llegado a través de la pluma de Las Casas, no es la versión original colombina, no es una copia literal, sino un resumen, una selección, como afirma el mismo Las Casas en su breve introducción: “Este es el primer viaje y las derrotas y camino que hizo el Almirante Don Cristóbal Colón cuando descubrió las Indias, y puesto sumariamente (Cristóbal Colón, *Diario de a bordo*, ed. de J.Arce y J.Gil Esteve, Alpignano, 1971, p.31). Este sumario seguramente contiene también adiciones, modificaciones y correcciones de Las Casas. Ahora bien, si Las Casas ha dejado una huella en su Diario, si ciertos elementos del texto conservado deben atribuirse a Colón, sino a Las Casas, parece claro que debemos considerar también las apostillas como parte de la versión lascasiana del Diario colombino. Quizá incluso nos ayuden a acercarnos a un problema tan sumamente importante como el de la distinción clara entre lo auténticamente colombino y la influencia de Las Casas en la transcripción, puesto que en las apostillas se nos revela abietamente la opinión del dominicano acerca de muchos pasajes del Diario de a bordo”.

*Diario de a bordo* de Colombo, poderia ser objeto de uma maior consideração dos historiadores em relação ao aspecto narrativo da escrita da história. O mesmo Ruhstaller faz ainda uma importante observação sobre a transcrição de Las Casas do texto colombino do *Diario* e de suas anotações marginais:

Por outra parte, contudo, a existência das anotações marginais na transcrição do texto colombino me parece ser indício de certa fidedignidade: ocorre que Las Casas muitas vezes se dá conta de inexatitudes ou falhas no texto que copia, ou lhe parece moralmente repreensível algum sucesso narrado. Mas ao invés de introduzir estas observações suas no próprio texto, as aponta na margem da página, como se quisesse separar do original. Por sua localização na margem das páginas, as anotações se distinguem, pois, graficamente do texto propriamente dito do *Diário*. Outra diferença essencial entre o *Diário* e estas notas marginais consiste no *modo de enunciação*: enquanto que o *Diário* está em discurso direto ou indireto colombino, ou seja, em primeira ou terceira pessoa de Colombo, nas anotações é Las Casas quem abertamente intervêm em sua própria pessoa. Diz, por exemplo, “Creio que quer dizer canavial” (20 de dezembro), ou “Esta fala eu não entendo” (1 de novembro). Tal distinção no modo de enunciação entre o *Diário* e as anotações marginais reforça, a meu ver, a impressão de subjetividade nas notas marginais e de sua fidelidade ao original na transcrição. (RUHSTALLER, 1992, p. 616-617, grifo do autor)<sup>466</sup>.

Assis (2012) analisa na narrativa histórica a “evidência” e o “fato”:

Nessa direção, pelo enfoque pós-moderno, podemos distinguir na narrativa história os termos “evidência” e “fato”. Enquanto a evidência pré-existe nas estruturas narrativas e é carregada de significados culturais, o fato não tem significado em seu estado não processual de simples relato de evidência. Portanto, por meio das interpretações narrativas a evidência é transformada em fato, e este ganha significado mais amplo quando organizado pelo historiador a fim de relacioná-lo com um contexto determinado. (ASSIS, 2012, p. 132-133).

Podemos observar nos comentários de Ruhstaller (1992) sobre as notas marginais de Las Casas ao transcrever o *Diario* de Colombo um processo de interpretação narrativa

---

<sup>466</sup> “Por outra parte, sin embargo, la existencia de las apostillas en la transcripción del texto colombino me parece ser indicio de cierta fidedignidad: ocurre que Las Casas muchas veces se da cuenta de inexatitudes ó faltas en el texto que copia, o le parece moralmente reprehensible algún suceso narrado. Pero en vez de introducir estas observaciones suyas en el texto mismo, las apunta en el margen de la página, como si quisiera separar lo suyo de lo original. Por su situación en el margen de las páginas, las apostillas se distinguen, pues, gráficamente del texto propriamente dicho del *Diario*. Otra diferencia esencial entre el *Diario* y estas notas marginales consiste en el *modo de enunciación*: mientras que el *Diario* está en discurso directo o indirecto colombino, o sea en primera persona de Colón, en las apostillas es Las Casas quien abertamente enterviene en persona propia. Dice, por ejemplo, “Creo quiere dezir cañaveral” (20 de diciembre), o “Esta algaravía no entinedo yo” (1 de noviembre). Tal distinción en el modo de enunciación entre el *Diario* y las apostillas refuerza, a mi parecer, la impresión de subjetividad en las notas marginales y de fidelidad al original en la transcripción”

transformando a evidência em fato, o que não nos garante a verdade absoluta, mas por outro lado indica uma maior credibilidade da fonte. Para Veyne (1998, p. 91) “a dificuldade da historiografia está menos em encontrar respostas do que em encontrar perguntas”. Especificamente no caso de Colombo esse pensamento é mais que adequado, pois é possível que se encontrarmos novas perguntas talvez consigamos entender a discordância estabelecida entre historiadores acerca de muitas respostas sobre o descobridor. Na tentativa de chegarmos próximo de alguma verdade que Colombo deixou para ser descoberta, é necessário que analisemos as várias fontes disponíveis com um espírito de neutralidade e isenção. No caso dos textos documentais que sobreviveram ao tempo, ao invés de urgir em concordar com a autenticidade ou com a crítica, há que se pesar os argumentos em favor de uma ou de outra opinião.

Klara Van Der Gucht (2013) pontua que não existe “a” verdade sobre o descobridor:

No que se refere à vida pessoal de Colombo, também deparamos com uma névoa de mistérios e a falta de dados factuais. Até hoje há muita discussão sobre o seu local de origem, sua formação e sua condição social. Enquanto a maioria dos historiadores estimam que Colombo era um genovês, também circulam hipóteses por uma nacionalidade catalã, Galega ou Portuguesa. Em termos de religião, as hipóteses flutuam entre uma origem cristã e judaica. E também sua formação apresenta opiniões divergentes. Há pessoas que pretendem que Colombo era um erudito com amplo conhecimento astrológico e Náutico, enquanto outros acreditam em uma origem pobre. Em outras palavras, há mais dúvidas sobre o descobridor do que certezas. Uma Imagem clara e exata de quem realmente ele era, portanto, nem foi sempre evidente no passado. Assim pois, muitas vezes a tentação foi grande para preencher as lacunas com interpretações subjetivas e muitas histórias falsas foram enviadas para o mundo. ( GUCHT,2013, p. 8)<sup>467</sup>.

As ponderações que formulamos ao considerar alguns aspectos das teorias da escrita da história, são importantes para o entendimento de nossa pesquisa. As discussões e algumas das controvérsias observadas entre os historiadores colombinos, muito se devem ao fato de que há textos e documentos sobre os quais não existe consenso quanto à autenticidade e/ou

---

<sup>467</sup> “Por lo que se refiere a la vida personal de Colón, también se tropieza con una neblina de misterios y una falta de datos factuales. Hasta hoy en día todavía existe mucha discusión sobre su lugar de origen, su formación y su condición social. Mientras que la mayoría de los historiadores estima que Colón fue un genovés, también circulan hipótesis que proponen una nacionalidad catalana, gallega o portuguesa. En cuanto a su religión, las hipótesis flotan entre un origen cristiano y judío. Y también su formación discrepa las opiniones. Hay gente que pretende que Colón fue un erudito con amplios conocimientos astrológicos y náuticos mientras que otros creen en un origen pobre. En otras palabras, existen más dudas sobre el descubridor que certezas. Crear una imagen clara y fidedigna de quién era realmente, por eso, no siempre fue tan evidente en el pasado. Así pues, a menudo la tentación era grande para llenar los vacíos con interpretaciones subjetivas y muchas historias falsas han sido enviadas en el mundo”

fidedignidade das cópias aos originais. Essa observação vale não apenas para a obra de Las Casas e Fernando Colombo, as primeiras biografias do almirante, como também pode estabelecer um bom critério para ser aplicado a todo e qualquer texto ou documento colombino, pois nem mesmo os que compõem a Coleção Navarrete e a *Raccolta Colombiana*<sup>468</sup> estão imunes a questionamentos.

Quando analisamos as questões referentes ao homem antes do feito, a saber: a nacionalidade, os primeiros anos de vida e de navegação, e uma possível ascendência judia de Cristóvão Colombo; enfrentamos algumas das discussões que há séculos ocupam os historiadores colombinos. Qualquer proposição de remexer os baús da descoberta da América e da vida de seu descobridor, sem nenhum exagero, é navegar em águas turbulentas: “Na verdade, provavelmente não existe outra área na história moderna mais abundantes em fantasias refinadas apresentadas como fatos autênticos do que nos estudos sobre Colombo, mesmo em obras dos autores mais célebres e reputados” (SALE, 1992, p. 23)”.

Essa afirmação tem certo fundamento, muito mais quando a análise que se pretende, é delimitada pelo período compreendido desde o nascimento do navegador até a sua fixação inicial em Portugal por volta de 1476, a fim de apresentar seu plano de navegação para o rei Dom João II. Madariaga (1944) esclarece de forma bastante apropriada, a difícil tarefa de investigar a vida de Colombo, em especial antes que ele içasse as velas rumo ao Novo Mundo:

Agora, a história da descoberta da América por Colombo, não começa antes de sua chegada em Castela. Mas a história do próprio Cristóvão Colombo de uma forma alinhada com a verdade, no impulso desta alma singular; requer-se um conhecimento mais exato de sua origem e primeiros anos de sua formação e especialmente das circunstâncias de seu nascimento, raça, natureza, e seu ambiente social, com o fito de encontrar a chave para este personagem, um dos mais estranhos da história da humanidade. Acontece que tudo conspirou para cercar a vida de Colombo de tanto mistério como ele mesmo parece ter desejado. Não, exatamente como acontece com Shakespeare, porque os dados disponíveis são tão precisos e sem importância; mas, pelo contrário, porque estes dados relativamente numerosos, não coincidem. É difícil de solucionar o quebra-cabeças que oferece a historiografia de Colombo [...] (MADARIAGA, 1944, p.42)<sup>469</sup>.

---

<sup>468</sup>As principais fontes para as viagens de Colombo são seus próprios escritos, tão logo eles foram preservados intactos, em epítome ou incorporado em narrativas históricas, como a *Historie* de seu filho Fernando ou a *História das Índias* de Las Casas. Os Textos originais de todos os escritos de Colombo que puderam ser identificados, foram publicadas por Lollis na *Raccolta Colombiana* (1892-1896). Os mais importantes foram editados por Navarrete, em cuja coleção foi publicado pela primeira vez o compêndio que fez Las Casas do diário da primeira viagem”(BOURNE, 2013, p. 413).

<sup>469</sup> “Ahora bien, la historia del descubrimiento de América por Cólón, no comienza hasta su llegada a Castilla; pero la historia de Cristóbal Cólón mismo y de la forma y línea verdaderas y del impulso de esta alma singular requiere un conocimiento tan exacto de su origen y primeros años de su formación y sobre todo en las circunstancias de su nacimiento, raza, naturaleza, y ambiente social podremos hallar

A descoberta da América e a vida de sua principal personagem se apresentam como eventos dos mais controvertidos da história humana, sendo que mesmo após mais de 500 anos do desembarque europeu no Novo Mundo, o tema ainda desperta divergências entre os historiadores, e muita desconfiança em relação aos textos dos que se aventuraram em escrever uma biografia de Colombo. A temática colombina, com tantas arestas que restam para serem aplainadas e que são claramente perceptíveis a todo aquele que se debruça sobre o assunto, nos inspira a procurar novas respostas, e quem sabe, também novas perguntas.

Um exemplo das mencionadas críticas aos biógrafos e copiadoreos dos textos referentes a Colombo é apresentado por Armas (1989), referindo-se a biografia do descobridor, escrita por seu filho Fernando:

Muito mais cautelosos, se mostram dois Americanistas de nosso tempo, Dom Manuel Serrano e Sanz e Dom Antonio Ballesteros Beretta, que aceitaram a autenticidade do livro em si, embora opuseram objeções a veracidade do mesmo. O julgamento de Serrano e Sanz é extremamente preciso: "a primeira coisa que salta aos olhos para examinar a *História* de Don Fernando é impropriedade do título, pois não é mais do que uma relação das viagens e dos descobrimentos de seu pai, tendo em conta documentos fidedignos; o resto da biografia de D. Cristóvão é pouca, escrito com uma inconcebível ignorância dos fatos da vida deste antes dele vir para a Espanha; com erros óbvios e omissões intencionais[...] D. Fernando, como ele confessa, não tinha quando jovem curiosidade sobre a vida do pai e depois continuou na mesma ignorância[...] Estranha é a pouca informação documental que tinha[...] fora o que se relaciona com a viagem de seu pai; tudo se resume a alguns documentos, em sua maior parte muito discutidos e discutíveis [...]" (ARMAS, 1989, p.16)<sup>470</sup>.

---

la clave de este personaje, uno de los mas extraños de la historia humana. Ocurre que todo ha conspirado para rodear la vida de Cólón de tanto misterio como él parece haber deseado. No, por cierto, como sucede con Shakespeare, porque los datos disponibles sean tan exactos y poco importantes; sino al contrario, porque estos datos, relativamente numerosos, no concuerdan. Es difícil resolver el rompecabezas que ofrece la historiografía de Cólón[...]"

<sup>470</sup> "Mucho más cautos se muestran dos insignes americanistas de nuestro tiempo, don Manuel Serrano y Sanz y don Antonio Ballesteros y Beretta, quienes aceptan la autenticidad del libro em sí, aunque oponen reparos a la veracidad del mismo. El juicio de Serrano y Sanz es sumamente certero: >> Lo primero que salta a los ojos al examinar la *Historia* de D. Fernando es lo improprio del título, pues no es más que una relación de los viajes y descubrimientos de su padre, hecha en vista de documentos fidedignos; el resto de la biografía de D. Cristobal es poco, escrito con un desconocimiento inconcebible de los hechos de aquél antes de venir a España; con errores manifiestos e y omisiones intencionadas...D. Hernando, según el mismo confiesa, no tuvo de joven curiosidad por conocer la vida de su padre, y luego continuó en la misma ignorancia...Extraña es la poca información documental que tuvo...fuera a lo que atañe a los viajes de su padre; se reduce a unos documentos, en su mayor (*sic*) parte muy discutidos y discutibles[...]"

Sale (1992) no mesmo sentido destaca os erros e especulações de Fernando Colombo sobre os primeiros anos do pai, em razão do desinteresse por ele mesmo admitido em obter tais informações. Não apenas Fernando, mas também Las Casas apresentou algumas narrativas ficcionais, por exemplo, com respeito a infância e a educação de Colombo. Portanto, é de bom alvitre que o historiador moderno tenha certa cautela ao recorrer aos escritos de ambos, tendo em vista que existem dúvidas e questionamentos que pairam sobre alguns de seus relatos.

Quando analisamos a vida de qualquer personagem de destaque na história universal, inoculados do culto ao mito, e atentos ao que se espera de uma historiografia confiável, iremos nos deparar com diversas de suas características humanas, sejam elas virtudes ou defeitos. E o que quer que sua humanidade nos revele, longe de servir para exaltar ou denegrir a sua imagem, deve ser usado para que se alcance a verdade dos fatos históricos nos quais suas figuras se inserem, em oposição a relatos apologéticos, cujo objetivo possa ser a criação de heróis ou vilões, ao contrário, o ofício de historiador não admite idolatria.

A existência de divergências entre os historiadores de várias épocas na tentativa de “descobrir” Colombo que esperamos ter demonstrado até aqui, justifica, a nosso ver, uma preocupação com o uso de uma atitude inquiridora e “inconformada” que nos ajude a ir além de uma pesquisa histórica puramente objetiva. Nesse sentido a “rebeldia” filosófica de Michel Foucault em relação a uma escrita da história não engessada parece ser um bom caminho para tentarmos entender a personagem Cristóvão Colombo à luz de um modo de “inventar” a história sem compromisso com nenhuma tradição. Tal posicionamento não significa um desprezo à objetividade em favor da subjetividade, mas sim torná-las aliadas na tentativa de entender porque tantas respostas em relação a Colombo fornecidas há mais de quinhentos anos, não acalmaram os historiadores. É necessário também que novas perguntas possam ser formuladas. Febvre (1965) sobre a subjetividade que a escrita da história comporta, e como dois historiadores podem chegar a conclusões diferentes após a análise de determinado documento; o historiador modernista francês ao falar da condução científica da história (o que não implica que ele concorde que a história seja uma ciência); apresenta duas ações indispensáveis ao trabalho de qualquer historiador: “[...]implica duas operações, as mesmas que se encontram na base de qualquer trabalho científico moderno: estabelecer problemas e formular hipóteses[...] Fazer penetrar na cidade da objetividade o cavalo de Tróia da subjetividade[...]”(FEBVRE, 1965, p. 62 *apud* CARDOSO JÚNIOR, 2003, p.70).

Albuquerque Júnior (2007), ao escrever sobre a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia, se refere à história como um “grande jogo”, e nos faz imaginá-la trazendo a mente situações de uma partida de futebol. Assim como nas situações do jogo, onde há o

imprevisível do drible, de um gol contra, ou aquele resultante de uma infração às regras, como um gol “de mão”, ou ainda um placar de zero a zero, o qual gera descontentamento em ambas as torcidas; a história tampouco está imune às surpresas e a elementos do imponderável. O acaso e o improvável também estão presentes no processo histórico, e assim como no futebol podem fazer com que qualquer “partida” do “jogo” da história seja uma “caixinha” de surpresas, a despeito da dificuldade de alguns historiadores em reconhecerem esse aspecto lúdico da escrita da história:

O historiador, técnico retranqueiro, que busca garantir a previsibilidade do imprevisível; profissional da rotina, que odeia a criatividade, o jogador louco, indisciplinado, rebelde; que retira toda a juventude da própria existência, sua capacidade infinita de se tornar o que é, o devir como potência da História[...]A História tudo e nada promete, ela é a alegria instantânea, o gozo furioso da vitória, que pode se transformar em minutos na desilusão da derrota acachapante, por goleada, como pode inclusive ter o rosto sem graça do empate por zero a zero. Por que nós, historiadores, esperamos sempre falar do espetáculo, da vitória retumbante, da glória que produz heróis ou anti-heróis? Por que somos incapazes de falar do cotidiano cinza, dos sacrifícios diários, do suor e das lágrimas derramados no silêncio de uma concentração ou de um vestiário, da angústia e do sofrimento de um ídolo esquecido, de uma estrela solitária, de um Grêmio rebaixado, de um Internacional desclassificado? (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 169).

Tais considerações sobre Cristóvão Colombo e sua relação rebelde diante da escrita da história é uma forma de demonstrar que talvez não devamos nos abster da criatividade quando essa foi necessária para tornar a história mais viva, sem prejuízo de uma possível verdade. Com Colombo podemos ter não apenas uma “caixinha” de surpresas, mas um verdadeiro baú delas, cujas correntes e tampa que o lacram, ao serem abertas, talvez não nos tragam grandes respostas, mas podem nos trazer grandes perguntas que ainda precisam ser feitas. Ora, e no universo da história e de sua escrita, pergunta e resposta, não se apresentam como verdadeiras gêmeas univitelinas, sendo difícil dizer para qual estamos olhando?

Le Goff (2002) ao prefaciá-lo livro *Apologia da História: ou o ofício de historiador*, obra póstuma de Marc Bloch, um dos criadores da *Escola de Annales* assevera que:

A própria expressão “ legitimidade da história”, empregada por Marc Bloch desde as primeiras linhas, mostra que para ele o problema epistemológico da história não é apenas um problema intelectual e científico, mas também um problema cívico e moral. O historiador tem responsabilidades e deve “prestar contas”. Marc Bloch coloca assim o historiador entre os artesãos que devem dar provas de consciência profissional, mas, e aí está a marca de seu gênio ao pensar imediatamente na longa duração histórica, “ o debate ultrapassa, em muito, os pequenos escrúpulos de uma moral corporativa. Nossa civilização ocidental inteira está interessada nele”. Eis simultaneamente afirmadas a



civilização como objeto privilegiado do historiador e a disciplina histórica como testemunha e parte integrante da civilização. (LE GOFF, 2002, p.17).

O caminho da crítica histórica amparada em uma interpretação responsável que nos é sugerida por Rüsen (2007), não é tão diferente da proposição de Paul Veyne quando este refuta a possibilidade de um empirismo na escrita da história. O teórico, ao mesmo tempo em que é bastante econômico ao dizer que “a história é, em essência, conhecimento por meio de documentos” (1998, p.18) defende o caráter narrativo dos eventos como o *modus operandi* de se escrever a história:

Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra como se escreve a história, o passado ao vivo “como se você estivesse lá”; retomando a útil distinção de G.Genette<sup>471</sup>, ela é diegesis e não mimesis. (VEYNE, 1998, p. 18).

Veyne ainda nos ajuda a compreender o aspecto subjetivo da história:

“A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não-factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. [...] a explicação histórica não segue caminhos já traçados de uma vez por todas; a história não tem anatomia. Não se pode encontrar, em sua fluidez, núcleo consistente”. (VEYNE, 1998, p. 210-220).

Sua defesa da “não-cientificidade” da escrita da história, está amparada, entre outras coisas, em que não há como se fazer um experimento<sup>472</sup> para se comprovar determinado fato

---

<sup>471</sup> Gerárd Genette (1930-2018), teórico da literatura nascido na França (nossa nota).

<sup>472</sup> Diferentemente de outras ciências sociais que comportam experiências para a comprovação de certos fenômenos, como a sociologia, por exemplo. “ Em alguns experimentos, exatamente como na pesquisa de observação, a presença de um cientista social, ou de outro observador pode afetar o comportamento das pessoas em estudo. O reconhecimento desse fenômeno veio de uma experiência durante as décadas de 1920 e 1930 na fábrica de Hawthorne da Western Electric Company. Os pesquisadores resolveram determinar como melhorar a produtividade dos operários na fábrica. Os investigadores manipularam variáveis como iluminação ou horas de trabalho para verificar o impacto que as mudanças teriam sobre a produtividade. Para surpresa geral, descobriram que todas as medidas que tomavam pareciam aumentar a produtividade. Mesmo as medidas que aparentemente deveriam ter um efeito oposto, como a redução da iluminação na fábrica, provocavam uma produtividade mais alta. Porque os operários da fábrica trabalhavam mais, mesmo sob condições menos favoráveis? O comportamento aparentemente era influenciado pelo volume maior de atenção a eles dispensado durante a pesquisa, pela novidade de participarem de uma experiência. Desde aquele tempo os sociólogos usam a expressão *efeito Hawthorne* para se referir a uma influência não intencional que os observadores de experimentos podem ter sobre seus participantes (SCHAEFER, 2006, p. 30). É fácil concordar com Veyne que a história como a

considerado histórico. Se formos mais a fundo no entendimento de sua proposição, veremos (assim entendemos) que o teórico não está fazendo apologia de um estudo da história alheio a uma metodologia científica, mas sim que a história transcende a capacidade da ciência, e que poderá se valer dela, mas esta jamais será todo-suficiente para explicar o fato histórico em todas as suas particularidades:

Não somente nenhum acontecimento, mas, ainda, as leis que vêm interferir no curso de um acontecimento não explicarão, nunca, senão uma pequena parte dele. O sonho espinosista de um determinismo completo da história não passa de um sonho; a ciência não será, jamais, capaz de explicar o romance da humanidade tomando-o por capítulos inteiros ou, mesmo, por parágrafos; tudo o que ela pode fazer é explicar algumas palavras isoladas, sempre as mesmas, que retornam em muitas páginas do texto, e suas explicações são, por vezes, úteis para a compreensão, outras vezes, não passam de glosas inúteis. A razão desse divórcio entre a história e a ciência está em que a história tem por princípio que tudo que foi é digno dela: não tem o direito de escolher, de se limitar ao que é suscetível de uma explicação científica, do que resulta que, em comparação com a história, a ciência é muito pobre e repete-se terrivelmente. (VEYNE, 1998, p. 202).

Veyne (1998, p.45), com seu pensamento crítico em relação ao determinismo na escrita da história, na mesma linha de Foucault, destaca que: “Foucault, para quem o passado era o cemitério das verdades, não tirava a amarga conclusão da vacuidade de todas as coisas, mas antes a positividade do devir”; e ainda: “O homem é simultaneamente objeto do conhecimento e sujeito que conhece, o conhecimento histórico está prisioneiro da sua própria história que é, sobretudo a das suas variações e errâncias. Como pode o historiador julgar ter-se fixado numa rocha que o tempo em breve não leve consigo?”(VEYNE, 2009, p. 88)<sup>473</sup>.

Tal análise, de certa forma, traduz a pertinência da ideia de uma maneira de escrever a história que considere a “positividade do devir” defendida por Foucault, como uma possibilidade que não pode ser esquecida pelos historiadores. A existência de diversas controvérsias na historiografia colombina, não obstante a variedade de escritos fidedignos do próprio Colombo, bem como vários documentos autênticos, demonstra que as fontes primárias não estão encerradas em uma única interpretação. No caso específico da história da vida de Colombo e de seus feitos, qualquer conclusão com termos como “indiscutível, “sem dúvida,

---

investigação de fatos passados não pode ter uma verdade estabelecida através de um experimento, pelo menos até que surja uma máquina do tempo.

<sup>473</sup> [VEYNE, 2009, p.88; nota 194]> *Les Mots et les Choses*, 1966, p. 382, cf.p.383: “Ao descobrir a lei do tempo como limite externo das ciências humanas, a História mostra que tudo o que está a ser pensado e continuará a sê-lo por um pensamento que ainda não viu o dia” (FOUCAULT, 1993, p. 383 *apud* VEYNE, 2009, p. 88).

“evidente” etc., envolvendo pontos controversos, como utilizam alguns historiadores, nos parece temerária. Gianni Granzotto (1985) ao comentar o quanto aprendeu sobre Colombo com o que alguns escritores e poetas<sup>474</sup> escreveram, em poucas palavras resume todo o pensamento exposto nas linhas acima:

Frequentemente uma linha de seus escritos me falaram mais do que cem livros acadêmicos. A imaginação tem qualidades que nenhuma quantidade de conhecimento pode produzir. Em suas asas, esses escritores refizeram os passos de Colombo. E não foi a poesia e a imaginação, mais do que o conhecimento, que levaram Colombo a mudar a identidade do mundo? (GRANZOTTO, 1985, p. 287)<sup>475</sup>.

Por essa razão esperamos ter demonstrado que as teorias da escrita da história, em especial aquelas que nos convidam a uma maior consideração do elemento narrativo, e da possibilidade de que a objetividade da historiografia, a qual a qualquer momento possa se valer da subjetividade quando esta for necessária para servir de ponte para o outro lado da história que a ciência não consegue alcançar sozinha.

---

<sup>474</sup> Referindo-se a Lope de Veja; Paul Claudel; Jacob Wasserman; Riccardo Bacchelli; Maximo Bontempelli; e Alejo Carpentier.

<sup>475</sup> “Often one line of theirs told me more than a hundred scholarly books. The imagination has qualities that no amount of learning can produce. On its wings these writers have retraced Columbus’s steps. And was it not poetry and the imagination, more than learning, that moved Columbus to alter the world’s identity”.

## 8 OBJETO DE APRENDIZAGEM

A Educação ao longo do tempo vem passando por grandes transformações que geram vários desafios e expectativas. A própria evolução tecnológica a que a humanidade tem sido submetida, reflete de forma incontestável nos processos educativos como um todo. Em meio a essa realidade os teóricos da educação se esforçam para compreender melhor como os processos de aprendizagem se inserem e se sustentam na medida em que sofrem conseqüências da realidade social, econômica e política; em especial no que tange ao sistema educativo brasileiro. O surgimento das mídias digitais, a *internet*, e a chamada “era dos computadores” passaram a interferir de formas distintas no ambiente educacional, tanto de formas positivas quanto negativas. No sentido positivo, temos um desenvolvimento cada vez maior dos chamados *Objetos de Aprendizagem* (OAs), que buscam integrar mais alunos e professores no uso de recursos tecnológicos aplicados à educação.

### 7.1 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A utilização de objetos de aprendizagem tem se tornado cada vez mais comum nas escolas, como forma de aproveitar o interesse cada vez maior dos estudantes pelo uso das tecnologias digitais. Contudo, esse modelo educacional no sistema público de ensino nacional, ainda esbarra em várias dificuldades, desde a falta de equipamentos para sua aplicação até a falta de disponibilização de acesso à rede mundial de computadores-*Internet*. O problema existe, e cabe aos educadores a busca de soluções, principalmente em se tratando das escolas da rede pública, cujos recursos são escassos, ou inexistentes. No entanto, a realidade atual é que a utilização dos chamados *Objetos de Aprendizagem*, vem ganhando cada vez mais espaço na tentativa de prover tanto professores como alunos com instrumentos auxiliares dos processos de ensino e aprendizado. Em relação à utilização desses objetos é importante olhar para as possibilidades que as tecnologias digitais oferecem para seu desenvolvimento, através de recursos como *softwares* elaborados especificamente com a finalidade educacional, bem como a utilização da rede mundial de computadores.

Qualquer sistema ou projeto educacional na atualidade que se coloque à margem da evolução tecnológica, terá dificuldade de acompanhar a demanda dos próprios discentes, fato que não significa que práticas tradicionais que se comprovaram efetivas, se bem utilizadas,

sejam desconsideradas. A respeito da relação hodierna entre o homem e o computador, Briggs e Burke (2004, p. 322-323), explicam:

Acima de tudo havia uma crescente ambivalência entre o que constitui uma pessoa e o que constitui uma máquina. O termo “interface” é de uso geral, aplicado tanto à comunicação entre pessoas e computadores quanto a comunicação entre computadores. Para o sociólogo e historiador norte-americano Bruce Mazlish, diretor do programa de humanidades e ciências sociais do MIT, “ não podemos mais pensar no homem sem uma máquina”. O impressionante Museu “Tech” (melhor dizendo *high-tech*) no Vale do Silício ainda é chamado de museu, mas é essencialmente interativo (para crianças e adultos) [...] O museu surgiu em 1978, a partir do projeto de um centro de aprendizado, e por isso a educação ainda figura com maior destaque na sua história, em oposição ao entretenimento.

Entendemos que ao enfrentar qualquer análise filosófico-conceitual, e prática da educação, passado, presente e futuro se complementam e guardam entre si uma relação senão de dependência, ao menos, de um constante diálogo visando o aprimoramento do sistema como um todo. Ao analisarmos a questão do papel do docente e o processo de transformação pelo qual a educação vem passando, vemos o professor como um dos pontos cruciais, senão o mais crucial para uma educação de qualidade. Infelizmente, o que notamos no nosso ensino público, é a falta de apoio, constantes interferências, e repreensão á liberdade que os professores deveriam ter para usar seu talento, independentes de engessamentos promovidos por quem na maioria das vezes desconhece a realidade das salas de aula e ignoram a influência de questões sociais, em especial nas escolas públicas. O problema é tão visível, que até mesmo países do chamado primeiro mundo, apresentam conseqüências incômodas por relegarem a um plano inferior o devido apoio ao trabalho dos professores. Hargreaves (2002), nos mostra que até mesmo nos EUA e países europeus, a educação é prejudicada por essa falha do sistema:

A primeira tarefa é a de apoiar os professores no processo de mudança - ajudando-os a desenvolver e a implementar transformações importantes em seus trabalhos [...] Isso não significa apenas uma questão de garantia para que os professores implementem inovações ou reformas específicas com fidelidade, mas de eles serem capazes de responder a inovações múltiplas, de lidar com mudanças constantes e de estar sempre abertos e interessados em explorar forma de qualificar seu ensino de forma contínua. Com a finalidade de motivar os professores a implementarem determinadas reformas, os governos, muitas vezes, utilizam de estratégias de submissão e controle, como a legislação, a inspeção e a vinculação da liberação de verbas ao desempenho. Ainda que as estratégias de controle às vezes funcionem com a imposição de

mudanças a curto prazo, sua eficácia a longo prazo, em locais como o Kentucky e a imposição da Kentucky Education Reform Act, foi bastante questionada (Whitford, 2000). Somado a isso, conforme acumulam-se imposições, como tem ocorrido em mais de uma década de reforma na Inglaterra e no País de Gales, os professores parecem perder o interesse e desviar seus investimentos da mudança e até de seus compromissos fundamentais com seu ofício, pois os limites de seu arbítrio profissional são significativamente reduzidos. (Woods, Jeffrey, Troman e Boyle, 1997) (HARGREAVES, 2002, p. 152).

É fácil constatar que este tipo de problema é visível no ensino público brasileiro sendo que em vários aspectos a situação é bem pior que a realidade vista em países com sistemas educacionais e de reconhecimento da importância dos professores, em níveis muito acima dos nossos.

## 7.2 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZADO E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE APRENDIZAGEM

Em qualquer transformação que possamos vislumbrar no processo educativo, em meio aos mais diversos aspectos que devam ser estudados e/ou identificados, uma das questões mais importantes e que merece ser analisada de uma forma específica, é exatamente a compreensão do que pode ser feito para otimizar o aproveitamento dos alunos. Quais recursos, técnicas, didáticas, comportamentos etc, capazes de promoverem a melhor aprendizagem dos conteúdos escolares. Teóricos e especialistas em educação têm se debruçado constantemente sobre esse tema através de uma análise das práticas educativas, e sua relação com o modo de ensinar. Questões didáticas e metodológicas, e aspectos teóricos do construtivismo apontam caminhos promissores em um universo tão amplo como o da educação e suas mais diversas concepções teóricas. Interpretar de forma mais clara o pensamento de professores e alunos, bem como a sua visão sobre o processo de aprendizagem, a fim de que sejam identificadas possíveis limitações na atuação de ambos nesse processo, pode ser uma chave para práticas de maior sucesso (MAURI, 2009). Nessa direção a compreensão do próprio conceito de práticas educativas surge como uma questão bastante importante. Zabala (1998), ao discutir as variáveis que configuram a prática educativa, nos ajuda a entender esse conceito:

Os processos educativos são suficientemente complexos para que não seja fácil reconhecer todos os fatores que os definem. A estrutura da prática obedece a múltiplos determinantes, que tem sua justificação em parâmetros

institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc. Mas a prática é algo fluído, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, idéias, valores, hábitos pedagógicos, etc. (ZABALA, 1998, p.16).

Vemos nessa definição muito do que já discutimos até o momento no que se refere à liberdade e apoio que o professor precisa receber para uma melhor efetivação na realização de seu mister. O autor continua:

Os estudos da prática educativa a partir de posições analíticas destacaram numerosas variáveis e enfocaram aspectos muito concretos. De modo que, sob uma perspectiva positivista, buscaram-se explicações para cada uma dessas variáveis, parcelando a realidade em aspectos que por si mesmos, e sem relação com os demais, deixam de ter significado ao perder o sentido unitário do processo de ensino/aprendizagem. Entender a intervenção pedagógica exige situar-se num modelo em que a aula se configura como um micro-sistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, uma forma de distribuir o tempo, um determinado uso de recursos didáticos, etc., onde os processos educacionais se explicam como elementos estreitamente integrados neste sistema. Assim, pois, o que acontece na aula só pode ser examinado na própria interação de todos os elementos que nela intervêm. (ZABALA, 1998, p. 16-17).

Não deixando de valorizar nenhuma das intervenções institucionais, administrativas, políticas e diretivas, no que concerne a estruturação dos sistemas educativos, salta aos olhos que no micro-sistema a que Zabala (1998) se refere, exista um planeta a que denominamos sala de aula, ao redor do qual orbitam diversas interferências que surgem como alienígenas que muitas vezes ao ultrapassarem a atmosfera, mal conseguem respirar, ainda que se esforcem para parecer como os naturais habitantes, ou seja: professores e alunos. Não se nega que interações com o exterior existam e se façam necessárias, no entanto, deveriam atentar para o mínimo de ingerência na relação dos professores com os alunos.

No intuito de estreitar ainda mais a relação fundamental entre docentes e discentes, visando como objetivo uma aprendizagem que se mostre adequada e promissora, os educadores tem se valido com maior freqüência das tecnologias digitais, computadores e *internet*, e para ampliar ainda mais essa possibilidade, vemos um crescimento da elaboração de *Objetos de Aprendizagem* (OAs) que permitam tanto aos professores quanto aos alunos maximizar seus resultados. Se considerarmos a maneira como os próprios teóricos da educação compreendem o processo educativo, podemos ver que os “OAs” encontram guarida em diversas

contextualizações, como por exemplo: na idéia de ensino, ajuda, ajuste e assistência que compõem conceitos como o de Zona de Desenvolvimento Proximal. Para Javier Onrubia (2009, p.148):

As distintas características, condições e processos ressaltados desenharam uma imagem global muito determinada daquilo que o processo de ensino implica: possibilitar e demarcar a participação dos alunos, adaptar-se a ela de maneira contingente e ao mesmo tempo forçar formas cada vez mais elaboradas e independentes de atuação, tudo isso na medida do possível em cada situação, e graças a uma conjunção de recursos e atuações muito diversos, tanto no plano cognoscitivo como no afetivo e de relacional.

Para a elaboração de “OAs” que de fato atuem como facilitadores e incentivadores do processo de aprendizagem, é necessário a participação dos professores, no entanto, afora dominar sua área de atuação, são poucos os docentes que possuem conhecimentos técnicos suficientes para a produção desses *Objetos* com alta qualidade de reuso” (BRAGA; DOTTA, 2014, p. 24).

Em nossa participação no *Programa de Pós-Graduação em História Ibérica* (PPGHI) da Universidade Federal de Alfenas-MG; preparamos como requisito para nossa titulação, em razão de se tratar da modalidade de mestrado profissional, um OA aplicado ao estudo da descoberta da América, tema inerente ao conteúdo de nossa dissertação, com a finalidade de ser usado por alunos através do monitoramento de seus professores.

### 7.3 O OBJETO

A descoberta da América, figura entre os maiores eventos históricos da humanidade. A façanha de Cristóvão Colombo e seus comandados a bordo dos navios: *Santa Maria, Pinta e Nina*, não apenas ampliou o mundo conhecido até então, mas trouxe à luz um Novo Mundo e promoveu o elemento da alteridade entre os europeus e os autóctones das terras descobertas. O Conteúdo Básico Comum (CBC) do Ensino Médio no Brasil prevê o estudo das *Grandes Navegações* nos relatos dos nautas, descobridores e cronistas, bem como dos mitos e visões do imaginário europeu na Idade Média. A leitura e a análise de relatos dos cronistas dos impérios coloniais (ex: Pero Vaz Caminha), descobridores (ex: Cristóvão Colombo) e viajantes em geral (ex: Hans Staden, Jean de Lèry, Thevet) visando a construção de uma narrativa histórica, aparecem como metas de aprendizado no CBC. Quanto ao CBC do Ensino Fundamental nas escolas brasileiras, em seus anos finais, está previsto o conhecimento da expansão econômica



européia e descobrimentos marítimos nos séculos XV e XVI, por meio do estudo do processo do comércio marítimo europeu naquela época.

Ocorre que o ensino da história sempre passou por certo desinteresse de boa parte de seu público-alvo, sendo considerado por muitos alunos como um conhecimento de menor importância. Tal quadro indica uma deficiência dos professores em ensinar aos estudantes que o conhecimento do passado fornecido pela história é fundamental para uma melhor compreensão do presente, e para uma melhor visualização do futuro. O uso das novas tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) aparecem como possibilidades de inovação na forma de ensinar, rompendo com alguns métodos tradicionais, em uma era em que, principalmente as crianças e jovens, são atraídos pelos recursos digitais. Por isso, neste trabalho apresentamos um *Objeto de Aprendizagem* (OA) que consiste em uma página eletrônica (*site*) que seja acessada em computadores, telefones celulares, tablets etc., independentemente de haver uma conexão com a *Internet*, no chamado modo *off-line*. Em conjunto com a referida página eletrônica, como parte do OA será disponibilizado via plataforma *Xerte*, exercícios interativos para assimilação do conteúdo da página *off-line*.

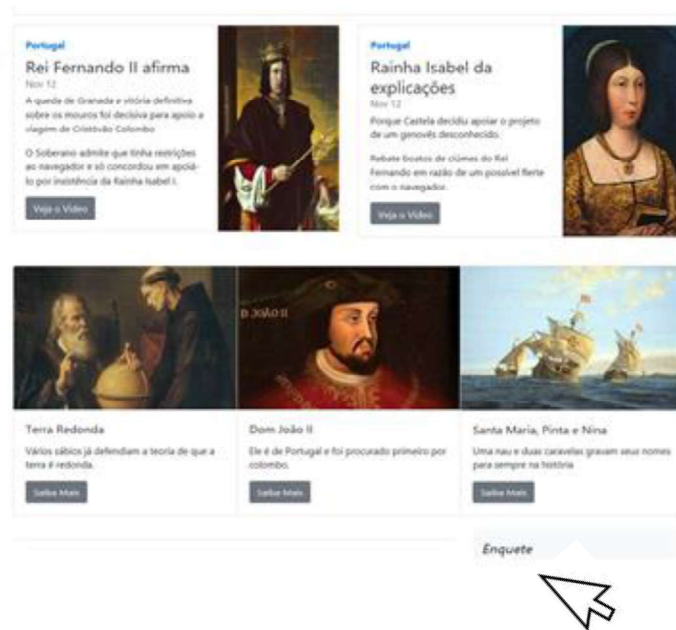
A Plataforma *Xerte* oferece um ambiente de autoria visual, baseado em ícones, que permite que os Objetos de Aprendizagem possam ser facilmente criados. A atividade criada com a *Xerte* integra textos; gráficos; animações; áudio e vídeo; é dotado de interatividade e disponibilizado numa interface acessível. Considerando que os alunos estão acostumados a lerem textos e assistirem vídeos no mesmo formato do AO, mas por vezes esbarram nas dificuldades de muitas escolas públicas em disponibilizar acesso à *internet*, com este OA poderão entrar em contato com o conteúdo para a realização de atividades de fixação preparados na plataforma *Xerte* em uma página para acesso *off-line*. Para o estudo serão disponibilizados textos; vídeos, mapas etc; concernentes à descoberta da América e a Cristóvão Colombo, no formato de notícias para atraírem a curiosidade e atenção dos alunos, os quais após receberem o conteúdo ministrado em sala de aula, serão direcionados às atividades disponíveis em um arquivo *Xerte* para fixação e assimilação. O Objeto de Aprendizagem em questão foi pensado para que as atividades, logo após concluídas, apresentem as respostas; para que os alunos verifiquem o desempenho obtido. Dessa forma, esperamos que a utilização do OA em questão possa ao mesmo tempo atrair os estudantes para uma forma moderna de aprendizado, bem como motivá-los a desenvolverem a capacidade de leitura através dos textos objetivos referentes aos temas propostos. Levando-se em conta que a familiaridade dos discentes com as novas tecnologias de informação é um capital positivo, o fato de poderem adquirir conhecimento por

meio de um OA que desperte seu interesse, poderá ser um grande aliado para a assimilação por parte deles dos conteúdos exigidos no Currículo Básico Comum.

#### 7.4 IMAGENS ILUSTRATIVAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

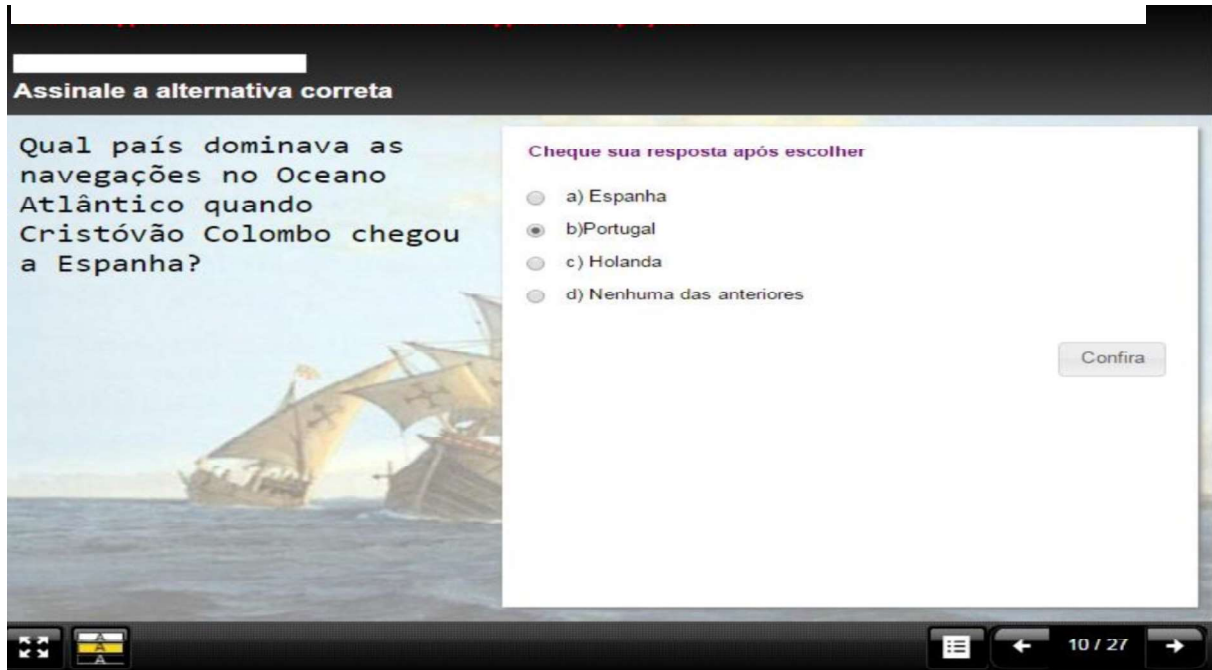
Figura 24- Portal *off-line* do OA.



Figura 25- Portal *offline* do OA.

Vejamos agora algumas imagens das atividades na plataforma *Xerte*:

Figura 26- Atividades de fixação. Modelo *Xerte*.

Figura 27- Possibilidade de autoavaliação com o modelo de atividade *Xerte*.

Assinale a alternativa correta

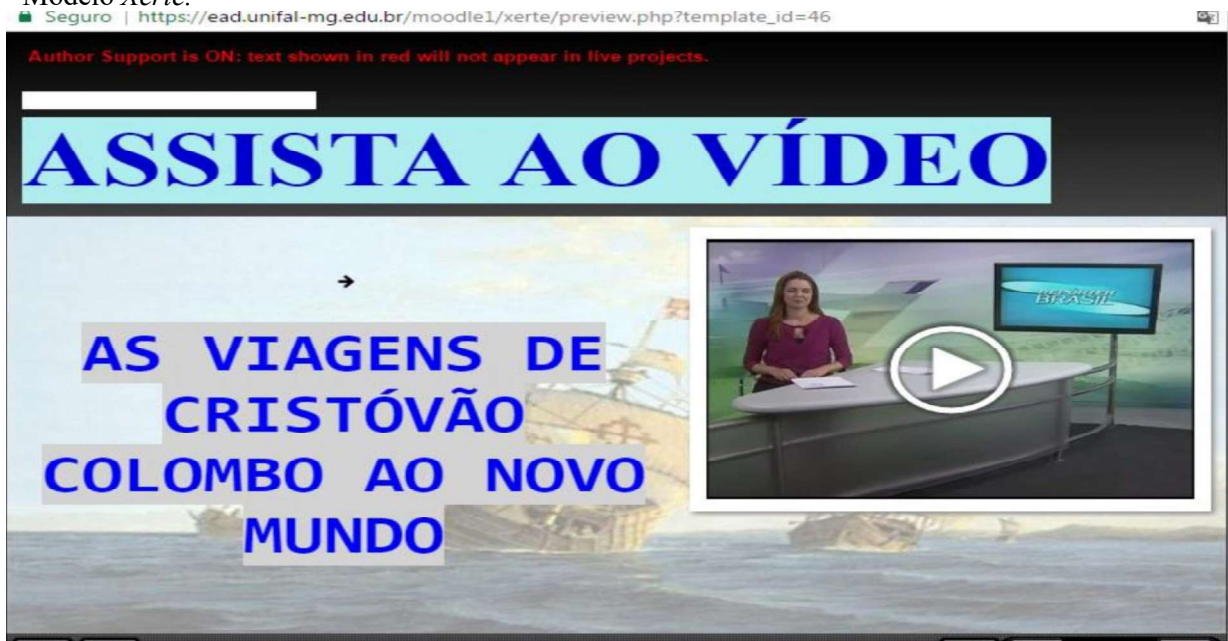
Qual país dominava as navegações no Oceano Atlântico quando Cristóvão Colombo chegou a Espanha?

Cheque sua resposta após escolher

- a) Espanha
- b) Portugal
- c) Holanda
- d) Nenhuma das anteriores

Confirma

10 / 27

Figura 28- Vídeo sobre o descobrimento da América inserido nos exercícios de fixação do OA-Modelo *Xerte*.

Seguro | [https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\\_id=46](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=46)

Author Support is ON: text shown in red will not appear in live projects.

# ASSISTA AO VÍDEO

AS VIAGENS DE CRISTÓVÃO COLOMBO AO NOVO MUNDO

BRASIL



Os exercícios de fixação nesse modelo de OA proporcionado pela plataforma Xerte, permite ao aluno uma excelente interação. Inclui também vídeos de curta duração (máximo 5 minutos), intercalados com os exercícios de fixação.

O modelo de Objeto de Aprendizagem proporcionado pela plataforma Xerte, permite em uma mesma atividade disponibilizada para os alunos, alternar exercícios de fixação com a exploração do conhecimento adquirido sobre descoberta da América, aumentando as possibilidades de retenção do que foi ensinado em sala de aula e na página *off-line*.

Figura 29- Imagem parcial do Globo Terrestre inserida a partir do Google Maps para visualização mais realista da Rota do Descobrimento. OA-Modelo Xerte.

**Geografia do Descobrimento**



Veja no globo terrestre o local de partida e o de chegada na primeira viagem do descobrimento.

Porto de Palos: Espanha/Europa  
 Ilha de Guanahani: Mar do Caribe/América Central  
 Distância: 6.800 Kilômetros em linha reta

Clique no botão "Próximo" no canto inferior direito para ver os mapas em detalhe. Continue até ver todos os mapas. Clique no botão "Anterior" para retornar.

**Rota do Descobrimento**



OCEANO PACÍFICO  
 OCEANO ATLÂNTICO

Verifique

16 / 27

Esperamos ter conseguido demonstrar nessas “telas” copiadas do Objeto de Aprendizagem, que o modelo que idealizamos para o ensino da *Descoberta da América e Cristóvão Colombo*, temas relativos à nossa dissertação, proporcionará aos professores a possibilidade de ensinar o conteúdo em um formato atrativo e que segue a propensão que os alunos têm para usarem dispositivos eletrônicos a todo tempo.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das páginas deste trabalho, procuramos fazer uma exposição dos principais aspectos da historiografia colombina seguindo uma sequência cronológica dos fatos. Tal forma de apresentação, conforme destacado desde o início, não visa a produção de um texto biográfico, até porque fugiria ao objetivo de uma dissertação de mestrado, e sim a análise crítica das discussões promovidas pelos historiadores colombinos que já perduram por séculos. Tais debates não se limitam a um ponto ou outro, mas podem ser vistos em cada fase da vida de Cristóvão Colombo e das viagens que realizou a América, o continente que ele descobriu e revelou para os europeus do final do século XV, saudando a chegada da modernidade no mundo.

A surpresa que nos causou o fato de haver muito pouca produção histórica acadêmica e erudita no Brasil sobre a temática colombina, resultou na definição de um critério rígido para a realização de nossas investigações, qual seja, o de pesquisar nas principais fontes primárias, fossem elas bibliográficas ou documentais, bem como estudar as obras dos principais historiadores da vida de Colombo e do descobrimento da América. Apesar da deficiência de estudos colombinos no meio acadêmico brasileiro, existe uma questão mais geral que costuma ser discutida por alguns estudiosos nacionais. Trata-se da, segundo esses, impropriedade do termo “descoberta”, em razão de que em sua opinião o mais adequado seria “encontro”. Nossa opção por termos mantido a palavra “descoberta” ao nos referir a chegada de Colombo ao Novo Mundo deveu-se ao fato de que em todas as obras consultadas dos principais historiadores colombistas, não existe o mínimo questionamento sobre a ideia de que os europeus “descobriram” uma terra até então desconhecida pelos habitantes do Velho Mundo. Portanto, não obstante estarmos cientes de que exista essa corrente de pensamento no Brasil, ela não faz parte dos temas abordados pelos maiores expoentes da historiografia colombina, motivo pelo qual apenas mencionamos a questão em uma nota no início de nosso trabalho.

Conforme proposto desde o texto introdutório, e ao longo de toda nossa dissertação, ao procedermos a uma exposição abrangente das principais questões que formam o universo historiográfico que envolve Cristóvão Colombo e a descoberta da América, procuramos sempre concentrar nossa análise direcionando-a no sentido de destacar em quais situações é possível se verificar algum consenso e em quais laboram ainda os historiadores enfrentando controvérsias. Com esse foco, iniciamos por considerar os primeiros anos da vida do descobridor e quais as discussões que o tema despertou e ainda desperta. Ao analisarmos os debates que foram

promovidos pelos especialistas sobre as questões que envolvem o “homem antes do feito” entendemos ter ficado bastante evidente que: Colombo nasceu em 1451 na República de Gênova, senão no porto que dá o nome a cidade-estado, certamente em uma das várias vilas dentro daquele território; não teve uma educação formal em Pávia – conforme sustentaram os seus dois primeiros biógrafos, Fernando Colombo e Las Casas – tendo desenvolvido seus conhecimentos por meio do autodidatismo; suas habilidades de navegador começaram a ser obtidas já na adolescência; embora haja uma aura de misticismo em torno de alguns aspectos de sua vida, como por exemplo, a enigmática assinatura, não foram demonstradas evidências inquestionáveis de que tinha origem judia. Mesmo chegando a essas constatações após as análises iniciais, confrontando a posição de diversos autores, concluímos que isso não significa que estejamos diante de verdades pétreas em relação a vida de Cristóvão Colombo, haja vista que ainda há perguntas que para serem respondidas é necessário que estejamos abertos para novas investigações, como por exemplo: a preocupação de Colombo em ocultar suas origens, teve como razão unicamente seu orgulho e ambição por uma posição social elevada, ou haveria algo mais que ainda desconhecemos? O significado de sua misteriosa firma – indecifrável com as informações que dispomos hoje – se revelado preencheria algumas das lacunas na biografia do descobridor?

O surgimento de perguntas mesmo quando estamos diante de respostas sobre a vida de Colombo ou de seu maior feito, é uma característica que vimos evidenciada no decorrer desta pesquisa. Ao acompanharmos a sua trajetória após chegar a Portugal, provavelmente no ano de 1476, até sua saída para a Espanha em 1485, da mesma forma nos deparamos com algumas variações no entendimento dos historiadores colombinos. O elemento motivador para a gênese de seu projeto de navegação para alcançar as Índias pela via do Ocidente, teve origem com seu casamento, momento a partir do qual teve acesso a informações que o despertaram para a possibilidade de cruzar o Mar Tenebroso? Ou teria usado o matrimônio como um trampolim para facilitar a execução de um plano que já havia tecido em sua mente aventureira? Conforme esperamos ter demonstrado neste trabalho, perguntas como essas são comuns entre os historiadores ao tratarem da fase da vida de Colombo pré-descobrimento, e suas conclusões nos conduzem novamente a momentos de consenso e de controvérsia. E quanto mais as indagações dependem da revelação daquilo que permeava a sua mente, as possíveis respostas geram questionamentos que ampliam as possibilidades e as rotas de investigação. Levam-nos, por exemplo, a discutir sobre qual momento teria realizado as leituras que serviram de fundamento para seu projeto, e qual o grau de influência daquelas obras e seus autores na sua “certeza” de que habitava em um mundo menor do que se acreditava na época. Colombo estava errado, mas



seu erro paradoxalmente foi um grande acerto. A tese do piloto desconhecido surge também nesse momento como uma das variantes resultantes da gênese do descobrimento. Não mais sábios e seus tratados ou cosmógrafos e seus mapas, mas a direção recebida nas últimas palavras de um naufrago, teria sido a motivação que culminaria na maior realização do homem em sua história? Todas essas possibilidades foram enfrentadas pelos especialistas, cujas conclusões foram apresentadas nesta pesquisa, e mesmo que tenhamos perdido mais para uma que para outra, a sensação que permanece é a de que ainda há algo oculto que desafia nossa curiosidade investigativa. E se o piloto anônimo, como há quem acredite, tiver sido o próprio Colombo? E ainda estamos em Portugal.

Quando o seguimos para a Espanha, e participamos de seu périplo espanhol, acompanhando sete anos da missão que ele se auto-impôs, ao atuar como um verdadeiro apóstolo do descobrimento, é o momento em que nos convencemos de que seu destino era o de fazer história. Fosse por ambição de riqueza e glória, aventura, misticismo, ou simplesmente a necessidade que um “homem do mar” sente de navegar, o fato é que nos anos em que insistiu na “venda” de seu sonho para os soberanos espanhóis, Colombo passou de um andarilho estrangeiro para se transformar em um navegador capaz de vencer sábios e nobres, e de fazer reis capitularem diante de sua obstinação. Por mais que a análise dos diversos estudos realizados pelos colombistas, bem como a atenção prestada nos diálogos que provocamos entre eles, tenham nos auxiliado na compreensão dos motivos do sucesso do almirante em ter seu projeto “de louco” aprovado por monarcas tão poderosos e pragmáticos como os Reis Católicos, as respostas dos historiadores ainda induzem a algumas perguntas, como por exemplo: O que, de fato, fez com que a rainha Isabel permanecesse tão benevolente para com Colombo a despeito de seus fracassos pós-descobrimento, algo incomum para governantes que não admitiam outra coisa senão os resultados prometidos? Até que ponto podemos ver o mesmo comportamento no rei Fernando? Que fator do *carisma* do almirante fez com que os reis espanhóis mantivessem a estima por ele, a despeito de seus graves erros?

Nossa pesquisa parece indicar que questões como essas ainda não estão totalmente esclarecidas, e se tornam mais pertinentes diante da opinião de alguns historiadores de que o soberano espanhol teria sido um opositor de Colombo, posição esta que nos pareceu superada quando o tema foi abordado ao analisarmos as *Capitulações de Santa Fé*. E ficou ainda mais evidenciado quando verificamos que o rei Fernando só não manteve a mesma disposição durante os *Pleitos Colombinos* em virtude da ganância dos filhos de Colombo.

Da terra passamos ao mar. Depois de sete anos sem entrar em um navio, naquele 3 de agosto de 1492 no porto da vila de Palos, a ordem das coisas foi restabelecida, Colombo voltaria

a navegar, e a partir dali começou a ficar claro para os historiadores que o oceano era seu “porto seguro”. No momento em que desembarcava, suas habilidades de comandar, tão evidentes quando estava no convés de uma nau, pareciam desaparecer tornando-o incapaz de administrar seu sucesso como descobridor. Por isso mesmo, alguns autores o qualificaram como uma personagem quixotesca, no que não deixam de ter certa razão. Será que Cervantes se inspirou em Colombo para criar o “cavaleiro da triste figura”?

Na verdade, sua saga nas quatro viagens que realizou ao Novo Mundo, tem mais semelhanças com uma tragédia shakespeariana do que com um romance de cavalaria. Vimos a dificuldade de arregimentar tripulantes para a primeira viagem, só sanada com a intervenção do padre Marchena e Pinzón; a ameaça de motins durante a travessia do Atlântico; o naufrágio da nau *Santa Maria*; a deserção do mesmo Pinzón, só voltando a se reunir com o almirante quando este retornava para a Espanha; as tempestades quase mortais na altura dos Açores durante a viagem de volta; a péssima recepção dos portugueses quando aportou em terras lusitanas, até comparecer a presença do rei D. João II, para alguns sinal de conspiração contra os monarcas espanhóis, para outros o quase ter sido assassinado, o que teria impedido a glória desfrutada pelo sucesso do descobrimento quando do encontro posterior com os Reis Católicos em Barcelona. E o enredo segue dramático. Depois da apoteótica partida para a segunda viagem, vieram a tristeza de encontrar mortos todos os que foram deixados no forte *la Navidad*, a insatisfação da quase totalidade dos colonos que chegaram esperançosos no Novo Mundo e que pouco tempo depois eram vozes contrárias em relação ao “Paraíso” que o descobridor havia prometido; iniciando as críticas ao modo de governar da família Colombo, prontos para levar aos reis uma visão diferente das terras descobertas, resultando no retorno do almirante trajando vestes franciscanas, em total contraste com a sua altivez ao votar da primeira viagem. Mesmo assim partiu pela terceira vez com otimismo de enfim alcançar as terras do grande Cã, para no final enfrentar rebeliões de alguns de seus capitães que o reputavam por déspota e sanguinário, culminando com a chegada de Francisco de Bobadilla para tomar seu lugar de governante e enviá-lo a “ferros” de volta a Espanha. Quando tudo parecia terminado houve a autorização para uma improvável quarta viagem e o ânimo de encontrar o estreito marítimo que o levaria a pisar na Ásia, começou a se transformar em desânimo quando foi proibido pelo governador Nicolas de Ovando (que seguia ordens reais) de desembarcar em *la Española* (a “sua” ilha). Seu conselho, para que a frota que se preparava para voltar a Espanha não partisse por conta de um grande furacão que se aproximava da região, foi ignorado por ter sido considerado pelo governante como arrogância de alguém que se achava capaz de prever tempestades e que, no entanto, se cumpriu, levando quase toda a frota e os homens que nela viajavam para o fundo do

mar, entre eles o algoz de Colombo, Francisco de Bobadilla. Sua missão continuou e seguiu navegando novamente nas costas de uma terra incógnita no sul, na região do Golfo de Pária, explorando também as terras centrais do Novo Mundo, enfrentando tormentas jamais vistas, que levaram a destruição de todas as embarcações, isolando Colombo e seus comandados na Jamaica por cerca de um ano, enfrentando ataques de índios, fome e novas revoltas de alguns de seus homens, momento no qual teve de passar por um tipo de deus que controlava os céus para obter o favor dos nativos, até chegar o resgate que só foi possível pela ação heroica do fiel Diego Méndez, tudo isso naquela que seria sua última passagem pelas terras que descobriria, para enfim, se ver de novo em Castela, sem ter conseguido andar nas ruas de ouro de Cipango e Catay.

Teria Shakespeare pensado em Cristóvão Colombo quando criava alguma de suas tragédias? Seu contemporâneo, e também dramaturgo, o espanhol Lope de Vega (1900) escreveu uma comédia<sup>476</sup> inspirado pelos acontecimentos épicos do descobrimento. A personalidade enigmática aliada a um temperamento muitas vezes melancólico com “pitadas” de autocomiseração construíram em torno da figura do descobridor uma imagem que acabou por gerar tanto admiração quanto rejeição em relação ao papel que desempenhou nos eventos em que foi protagonista. Talvez por isso mesmo, segundo constatamos nesta pesquisa, poucos historiadores se mantiveram neutros em seus juízos ao tentarem definir Colombo, sendo mais fácil encontrar aqueles que: ou o recriminam taxativamente ou o admiram. E os que não o fazem escancaradamente procuram disfarçar sua antipatia ou simpatia, na tentativa de não ferirem a isenção, a qual deve ser compulsória em quem escreve a história.

Questões como a tentativa de imputar erroneamente a Américo Vespúcio uma suposta inimizade que o teria levado a usurpar o “direito” do almirante de ter o novo continente nomeado em sua honra; a situação e a disputa por seus restos mortais; e o surgimento de futuros “inimigos” que contestam a legitimidade de seu reconhecimento como um dos grandes heróis da América, qualificando-o como o seu maior vilão e responsável principal pelo aniquilamento da vida e da cultura dos autóctones do novo continente, demonstram que as polêmicas não acompanharam o descobridor apenas durante sua vida, mas insistem em persistir ainda após sua morte.

O que mais nossa análise revelou ao abrangermos os principais aspectos da historiografia colombina, é que Cristóvão Colombo ainda não foi de todo descoberto. Embora os especialistas no tema durante os últimos cinco séculos tenham se debruçado sobre as principais questões que

---

<sup>476</sup> *El Nuevo Mundo descubierto por Cristóbal Colón.*

abordamos, em meio a estas, vimos brotarem outras que ainda que pareçam menores, talvez comportem surpresas reveladoras. Quando mencionamos ao longo do texto que Colombo só deve ter lido o livro de Marco Polo a partir do final de 1497, portanto, antes de realizar a terceira viagem, levantamos uma questão ainda pouco explorada, mas deveras pertinente se considerarmos que muitos autores colocam o *il millone* do mercador veneziano como uma das principais inspirações do projeto colombino de descobrimento. Não podemos descartar que ele tenha tido informações sobre a aventura de Polo na Ásia, mas o acesso ao livro antes que o adquirisse é bem improvável, pois naquela época poucos o possuíam na Espanha. Da mesma forma pode ter tido conhecimento das viagens de Jean de Mandeville e a possibilidade de ter lido a obra do viajante inglês antes de sua primeira viagem é ainda maior. E aqui nos deparamos com algo muito interessante: tanto com relação a Marco Polo quanto Mandeville, ainda que Colombo tenha se inteirado de suas viagens, jamais os mencionou em qualquer de seus escritos, ao contrário dos autores que aparentemente formavam a base teórica de seu projeto. Peter d'Ailly, Pio II, Sêneca, Estrabão, Ptolomeu etc, podem ter inspirado Colombo, contudo seus escritos não eram de viajantes, e sim de eruditos. Por outro lado, tanto Polo quanto Mandeville relataram ter estado nas terras e lugares que Colombo sonhou em pisar. Será que a frustração por não ter realizado o que esses dois aventureiros conseguiram fez com que jamais os mencionasse? Teria havido, nesse particular, um sentimento de inveja e inferioridade para com os feitos desses dois viajantes? Uma resposta positiva a essas indagações reforçaria a tese da existência de um piloto-anônimo que Colombo preferiu manter em segredo para não comprometer a glória de sua descoberta, ao ter de dividi-la com outro?

Ainda que tais perguntas possam parecer de somenos importância não podemos nos esquecer que mesmo em várias questões da historiografia colombina que apresentam alguma dose de consenso, na grande maioria dos casos – apesar do grande número de escritos deixados por Colombo – nem sempre há provas cabais que garantam esta ou aquela vertente, principalmente se atentarmos para a propensão dele em se ocultar, até mesmo nos documentos de sua autoria. Nestes mais de dois anos em que estivemos imersos na vida de Cristóvão Colombo parece ter ficado bastante claro, ao menos para nós, que a história como uma ciência não exata, ao tentar estabelecer a verdade para determinado fato histórico, cujo esclarecimento dependa de alguma fonte documental, caminha sobre um fio cuja consistência pode, tanto se manter inalterada permanentemente em razão da solidez de seu conteúdo material, como também qualquer verdade estabelecida pode “cair” com o rompimento do fio que a conduz, se o valor da fonte sofrer alteração. Que impacto causaria na historiografia da descoberta da

América se surgisse o documento original<sup>477</sup> das *Capitulações de Santa Fé*, e no texto se confirmasse estar a palavra “descobriu” presente na cópia que dispomos, e não a transcrição de Las Casas “haverá de descobrir”, em relação a missão que Colombo acertou com os Reis Católicos? Neste caso talvez, a gênese do projeto colombino se resumiria a apenas duas possibilidades: uma viagem anterior e secreta realizada por Colombo as Índias Ocidentais, ou a confirmação da teoria do piloto anônimo. Em ambas as possibilidades teríamos por justificada a convicção com a qual ele defendia o resultado positivo da sua viagem de descobrimento. Mais revelador ainda poderia ser o conteúdo do manuscrito colocado por Colombo dentro de um barril e lançado ao mar, quando no retorno da primeira viagem ele “viu a morte” durante a tempestade na altura dos Açores. O que teria ele escrito naquele documento? Seriam as mesmas palavras que conhecemos na carta que foi divulgada depois de passado o medo da morte? Ou será que existe um Cristóvão Colombo que desconhecemos jazendo em um barril no fundo do Atlântico?

Ao considerarmos todas as respostas dadas pelos maiores especialistas da historiografia colombina, bem como as perguntas que ainda desafiam os estudiosos, juntamente com nossa análise de suas conclusões sobre a vida e os feitos do almirante; também tentamos investigar se os teóricos da escrita da história em sua concepção filosófica oferecem algum auxílio para compreendermos melhor o fenômeno Cristóvão Colombo. Nesse particular, chegamos a conclusão de que precisamos considerar com muita atenção o pensamento de Paul Veyne, quando ele propõe um modo de escrever a história no qual o elemento narrativo com suas características de subjetividade, criatividade e inferência, não é inimigo da objetividade da história enquanto ciência (não exata), mas sim seu grande aliado, capaz de transcender a (im)possibilidade do estabelecimento de uma verdade pétrea no terreno da historiografia, se amparada unicamente no elemento probatório material. Entendemos que Veyne ao contrário de menosprezar uma prova documental, chama nossa atenção para o fato de que até mesmo um escrito sobre o qual não pare dúvida alguma com relação a sua autenticidade, não estará imune a uma interpretação dúbia se surgirem novos fatores históricos que possam revelar alguma mensagem subliminar em um ou outro manuscrito. Essa característica de não estaticidade do fato histórico sugere que ao escrever a história não lidamos com elementos “mortos e enterrados”, mas sim que têm “vida” em si mesmos, e que podem se manifestar em determinados momentos modificando o *status quo* da epistemologia da historiografia,

---

<sup>477</sup> Por mais autorizado que seja a cópia existente no Arquivo Geral das Índias, não dispomos do documento original, fato que despertou a discussão de se houve ou não erro do copista ao reproduzir o texto.

indicando também que a história tem seu próprio passado, presente e futuro. É dessa forma, por exemplo, que podemos analisar o relato de Las Casas, uma das fontes colombinas primárias por excelência. O dominicano ao nos trazer o *Diario de a bordo* de Colombo, tinha em suas mãos, não o documento original, mas uma cópia provavelmente fornecida pelos filhos do almirante, e ao fazer sua narrativa dos fatos não deixou de interpretar e inferir, seja em suas anotações marginais, seja quando comentava: “parece que quis dizer”. Por outro lado, Fernando Colombo ao redigir a biografia de seu pai, não obstante ter tido a oportunidade de narrar sua *Historia* com o texto completo e original do *Diario*, diferentemente de Las Casas; optou pela concisão de seu texto. Considerando que o frei historiador para escrever sua *Historia de las Indias* valeu-se também de anotações de Fernando, que como dito deixavam a desejar em relação a sua profundidade, teve ele inevitavelmente de interpretar não só Colombo, mas também a narrativa de seu filho e primeiro biógrafo.

A proposta de alguns teóricos da escrita da história, como Paul Veyne, de que estejamos abertos a uma medida de subjetivismo quando da análise objetiva do fato histórico, não nos parece, de forma alguma, um convite a romantização do modo de se investigar o passado (papel esse da literatura histórica); mas sim um caminho inevitável quando nos deparamos com a limitação da historiografia em estabelecer uma verdade imutável em sua esfera de atuação. Cabe aqui lembrarmos o que disse Julian Barnes: “*História é aquela certeza fabricada no instante em que as imperfeições da memória se encontram com as falhas da documentação*”.

Como bem destacado por Umberto Eco, navegadores como Colombo, influenciados pelo maravilhoso (*mirabilia*), partiram em busca de lugares lendários e acabaram por descobrir terras reais, transformando lenda em história. Não quer isso dizer que tiveram completa ciência de uma nova realidade do mundo como resultado de suas realizações. Durante a primeira travessia do atlântico, Colombo exerceu um certo tecnicismo científico ao usar instrumentos de navegação da época, cartas náuticas, e sua experiência pregressa de marinheiro, contudo ao pisar nas terras do Novo Mundo só conseguia explicar o que via valendo-se do depósito do imaginário em sua mente. Foi assim que quando iniciou sua viagem de retorno anotou em seu *Diario de a bordo* que avistou três sereias. Sua visão é falsa, mas a história é real. Portanto, diante das peculiaridades; controvérsias; perguntas não respondidas; e rotas que ainda não foram totalmente percorridas; acreditamos que a historiografia colombina poderá se beneficiar de uma valorização do elemento narrativo ao se escrever a história, conforme defendem alguns teóricos.

Atendendo ao requisito da criação de um *Objeto de Aprendizagem* (OA) com uso das novas tecnologias da informação, para o ensino do tema de nossa dissertação para alunos do

ensino fundamental e médio; em razão do caráter profissional do *Programa de Mestrado em História Ibérica da UNIFAL-MG*, foi desenvolvida uma página eletrônica para acesso *off-line*, juntamente com uma série de exercícios de fixação elaborados na plataforma Xerte, um *software* que oferece uma variedade de opções para a criação de OA's. Evidentemente, tendo em vista, a especificidade do nível das discussões acadêmicas empreendidas no desenvolvimento deste trabalho, em comum acordo com a orientação e coordenação do programa, restringimos o alcance do OA ao conteúdo do que é exigido na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ou seja, a matéria relativa a descoberta da América e o período das Grandes Navegações.

Na referida página eletrônica os alunos, tutoriados pelos professores, terão acesso a várias “janelas” contendo informações sobre esses dois temas, em uma apresentação atrativa por meio de pequenos textos, imagens, mapas e reprodução de documentos históricos; no intuito de proporcionar aos estudantes uma forma mais viva e realista de se aprender a história do descobrimento da América e de Cristóvão Colombo. Considerando que este modo de aprender possa despertar nos discentes um interesse maior pelo conhecimento do conteúdo apresentado, sugerimos que o corpo docente se empenhe em requisitar as instituições de ensino que providenciem também livros físicos com os assuntos abordados no OA, para incentivar a leitura naqueles alunos que demonstrem desejo de ampliar seu conhecimento sobre a temática colombina.

Por fim, importa que ressaltemos, que o que mais esperamos obter com este nosso trabalho, não obstante a sua limitação, é que possa haver um despertar no meio acadêmico brasileiro para que a pesquisa dos temas colombinos de caráter eminentemente historiográfico seja ampliada, e com isso diminuamos a distância que nos separa da participação na produção dos mais avançados estudos nessa área do conhecimento histórico. Cristóvão Colombo deveria receber maior atenção dos historiadores brasileiros. Ele fez por merecer.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História**. Bauru: EDUSC, 2007.
- ALTOLAGUIRRE Y DUVALE, Angel. **Cristóbal Colón y Pablo del Pozzo Toscanelli**. Madrid: Imprenta De Administración Militar, 1908. ALTOLAGUIRRE Y
- DUVALE, Angel. Estudio jurídico de las capitulaciones y privilegios de Cristóbal Colón. **Boletín de la Real Academia de la Historia**, t. 38, p. 279-294, 1901. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcmw2w2>. Acesso em: 23 dez. 2018.
- AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz C. **A formação do império português: 1415-1580**. São Paulo: Atual, 1999.
- ARIAS, Carlos Augusto Rojas. El proyecto de Cristóbal Colón: Una empresa de la modernidad. **Ad-minister**, n. 14, p. 50-78, enero./jun. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3223/322327244003/>. Acesso em: 05 jan. 2018.
- ARMAS, Antônio Rumeu de. **La epoca de Hernando Colon**. 1990. Disponível em: [http://institucional.us.es/revistas/rasbl/18/art\\_1.pdf](http://institucional.us.es/revistas/rasbl/18/art_1.pdf). Acesso em: 02 jan. 2018.
- ARMAS, Antônio Rumeu de. **Un escrito desconocido de Cristobal Colon: el memorial de la mejorada**. Madrid: Cultura Hispanica, 1972.
- ARROYUELO, Francisco J. Flores. Cristóbal Colón Ante El Espejo: uma vida y um destino. **Revista Murgetana**, Logroño, Espanha, año 66, n. 132, p. 9-34, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5291402>. Acesso em: 13 maio 2019.
- AS MIL e uma noites. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Rio de Janeiro: Globo, 2003. 2 v.
- ASSIS, Gabriella Lima de. Hayden White entre a história e a literatura. **Albuquerque: revista de história**, Campo Grande, MS, v. 4 n. 8 p.131-151, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/viewFile/4015/3205>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- AZCÁRATE, Juan Luis de León. **El “ Libro de las Profecias” (1504) de Cristóbal Colón: la Biblia y el descubrimiento de América**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, [2003]. Disponível em: <https://summa.upsa.es/high.raw?id=0000029385&name=00000001.original.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- BALLESTEROS BERETTA, Antonio. **Cristóbal Colón y el descubrimiento de América**. Barcelona: Salvat Editores S.A, 1945. 2 v.
- BARNES, Julian. **O sentido de um fim**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.



BARRETO, Augusto Mascarenhas. **O português Cristóvão Colombo**: agente secreto do Rei Dom João II. Lisboa: Referendo, 1988.

BARROS, João de. **Da Asia**. Lisboa: Regia Officina Typografia, 1778. 12 v.

BERGREEN, Laurence. **Columbus**: the four voyages 1492-1504. New York: Penguin Books, 2012.

BERNAL, Daniel Mesa. Los judíos en el descubrimiento de América. **Repertório Histórico de La Academia Antioqueña de Historia**, v. 38, n. 252, 1989. Disponível em: <https://omegalfa.es/downloadfile.php?file=libros/los-judios-en-el-descubrimiento-de-america.pdf>. Acesso em: 23 maio 2018.

BERNALDEZ, Andres. **Historia de los Reyes Católicos**. Sevilla: J.M. Geofrin, 1870. 2 v.

BLACKMAN, James A. Confronting Thomas Jefferson, Slave Owner. **The Phi Delta Kappan International**, v. 74, n. 3, p. 220–222, 1992. Disponível em: [www.jstor.org/stable/20404838](http://www.jstor.org/stable/20404838). Acesso em: 12 dez. 2018.

BOORSTIN, Daniel J. **The Discoverers**. New York: Vintage Books, 1983.

BOURNE, Edward Gaylord. **Spain in America/España na América**. Morrisville: lulu.com, 2013.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRINKBÄUMER, Klaus; HODGES, Clemens. **El último viaje de Cristóbal Colón**. Barcelona: Destino, 2006.

BUENO, Eduardo. Apresentação. *In*: CASAS, Bartolomé de las. **O paraíso destruído**: a sangrenta história da conquista da América Espanhola. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre: LP&M, 2007. p. 12-13.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 327-348.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales**: 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.

CALADO, Carlos. **A rota de regresso de Cristóvão Colón**: motivações e consequências. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 2016. Disponível em: <http://www.socgeografialisboa.pt/2016/03/18/a-rota-de-regresso-de-cristovao-colon-motivacoes-e-consequencias-da-sua-vinda-a-portugal/>. Acesso em: 24 maio 2018.

CARLYLE, Thomas. **On heroes, hero-worship, and the heroic in history**. New York: Dodge Pub. Co., 1910.

CASAS, Bartolomé de las. **História de las índias**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986. 3 v.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALMERS, Alan. **A fabricação da ciência**. São Paulo: UNESP, 1994.

CHARCOT, Jean Baptiste. **Christophe Colomb: vu par un marin**. Paris: Ernest Flammarion, 1928.

CHOCANO, Guadalupe. Los Colón que descubrieron el Nuevo Mundo. *In*: VARELA, Consuelo (coord.). **Cristóbal Colón, 1506-2006: historia y leyenda**. Palos de La Frontera: Universidad Internacional de Andalucía, 2006. p. 117-120. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10334/1524>. Acesso em: 14 nov. 2018.

COLOMBO, Hernando. **História del almirante Don Cristobal Colon**. Madrid: Tomás Minuesa, 1892. 2 v.

COHEN, G. M. **Christopher Columbus: The Four Voyages**. New York: Penguin Books, 1992.

CONCAS, Victor M. **Cristóbal Colón y su obra**. Madrid: Imprenta del Ministerio de Marina, 1914.

COOK, Sherburne F; BORAH, Woodrow. **Essays in population history: Mexico and the Caribbean**. Berkeley: University of California Press, 1971. v. 1.

D'ARMADA, Fina. **Colombo Português**. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 2009. Comunicação oral. Disponível em: <https://colombo-o-novo.blogspot.com/2009/04/>. Acesso em: 03 abr. 2018.

DORIA, Pedro. **1789: a história de Tiradentes e dos contrabandistas, assassinos e poetas que lutaram pela independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ECO, Umberto. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ERASMO DE ROTERDÃ. **Elogio da loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

FERNANDEZ, Alfonso Ballesteros. El origen de Colón: aspectos históricos y genéticos. **Medicina Balears**, v. 22, p. 9-21, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2653787>. Acesso em: 08 jun. 2018.

FERNANDÉZ-ARMESTO, Felipe. **Columbus on Himself**. London: The Folio Society, 1992.

FERNANDÉZ-ARMESTO, Felipe. **Cristóvão Colombo**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

FERNANDÉZ-ARMESTO, Felipe. **Pathfinders: a global history of exploration**. New York: W.W Norton & CO, 2006.

FERNANDÉZ-ARMESTO, Felipe. **Atlas de los Descubrimientos**. Barcelona: Plaza & Janés, 1992.

FLINT, Valerie I. J. **The imaginative landscape of Christopher Columbus**. Princeton: Princeton University Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANCO JÚNIOR. Hilário. **A idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GANDÍA, Enrique de. Descubrimiento da América. *In*: LEVENE, Ricardo. **História das Américas**. São Paulo: W.M. Jackson, 1965. v. 3, p. 3-90.

GALÁN, Juan Eslava. **Historia de Espanha contada para escépticos**. Barcelona: Planeta, 2018.

GIL, Juan; VARELA, Consuelo. **Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetâneas**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

GIL, Juan; VARELA, Consuelo. Las cuentas del cuarto viaje de Cristóbal Colón. *In*: ANUARIO de Estudios Americanos. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2003. t. 60, 2, p. 611-634.

GIRARD, Patrick. **Cristóbal Colón el viajero del infinito**. Buenos Aires: El Ateneo, 2014.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

GLEENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. São Paulo: Edusp, 1996.

GÓMARA, Francisco López de. **Historia General de las Indias**. Madrid: Calpe, 1922. 2 v .

GOULD, Alicia B. **Nueva lista documentada de los tripulantes de Colón em 1492**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/buscar/?q=Nueva+lista+documentada+de+los+tripulantes+de+Col%C3%B3n+en+1492>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GRANZOTTO, Gianni. **Christopher Columbus: the dream and the obsession**. Garden City: Doubleday, 1985.

GUERRERO, Montserrat León. **El segundo viaje colombino**. 2000. Tesis (Doctoral) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid, Valladolid, 2000.

GUERRERO, Montserrat León. Mujeres que ayudaron al plan descubridor de Colón. **Revista de Estudios Colombinos**, p. 29-38, jun. 2017. Disponível em:

[https://www.academia.edu/35002081/MUJERES\\_QUE\\_AYUDARON\\_AL\\_PLAN\\_DE\\_SCUBRIDOR\\_DE\\_COL%C3%93N](https://www.academia.edu/35002081/MUJERES_QUE_AYUDARON_AL_PLAN_DE_SCUBRIDOR_DE_COL%C3%93N). Acesso em: 30 dez. 2018.

GUBERNATIS, Angelo de; VALLARDI, Cecilio. **Albo di onoranze internazionali a Cristoforo Colombo**. Roma: Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, 1892.

HARISSE, Henry. **Christophe Colomb**: son origine, sa vie, ses voyages, sa familie & ses descendants. Paris: Ernest Leroux Éditeur, 1884. t. 2.

HARPER, C. W. The wolf by the ears: Thomas Jefferson and Slavery. **The North Carolina Historical Review**, v. 55, n. 3, p. 354-354, 1978. Disponível em: [www.jstor.org/stable/23535251](http://www.jstor.org/stable/23535251). Acesso em: 12 dez. 2018.

HEIKE, Paul. **The myths that made America**: an introduction to american studies. Bielefeld: Transcript Verlag, 2014.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1993.

HERÓDOTO. **História**. Brasília: Ed. UnB, 1985.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antônio de. **Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i tierra firme del mar oceano**. Madrid: Imprenta Real de Nicolas Rodriquez, 1726. 4v.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HOUBEN, H. H. **Christopher Columbus**: the tragedy of a discoverer. Londres: Routledge, 1935.

IRVING, Washington. **The life and voyages of Christopher Columbus**. London: Henry G. Bohn, 1850. 2 v.

ITÁLIA. Ministero Della Pubblica Istruzioni. **Raccolta di Documenti**: pubblicati dalla Reale Commissione Colombiana nel Quarto Centenario dalla Scoperta dell'America. Roma, 1892.

JOS, Emiliano. La genesis colombina del descubrimiento. **Revista de Historia de America**, México: IPGH, p. 1-48, 1942. Disponível em: <https://docplayer.es/75089063-La-genesis-colombina-del.html>. Acesso em: 24 dez. 2018.

KROGT, Peter van der. **Geographical distribution of monuments for Christopher Columbus**. Disponível em: <http://vanderkrogt.net/columbus/index.php>. Acesso em: 23 fev. 2019.

KUCHT, Klara van der. **Cristóbal Colón**: entre historia y ficción: una relectura crítica de Diario de a bordo (1492) de Cristóbal Colón e Historia del Almirante (1571) de

Hernando Colón a la luz de las investigaciones recientes de Klaus Brinkbäumer y Clemens Höges. 2013. 54 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Gent Universiteit, Bélgica, 2003. Disponível em: [https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/002/060/355/RUG01-002060355\\_2013\\_0001\\_AC.pdf](https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/002/060/355/RUG01-002060355_2013_0001_AC.pdf). Acesso em: 01 jan. 2018.

KUHN, Thomas S. **The Structure Of Scientific Revolutions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEVATHES, Louise. **When China ruled the seas: the treasure fleet of the dragon throne, 1405-1433**. New York: Simon & Schuster, 1996.

LIPTON, Bruce H. **A Biologia da Crença**. São Paulo. Butterfly, 2007.

LOLLIS, Cesare de. **Cristoforo Colombo**. 2 ed. Milano: Fratelli Treves, 1895.

LORGUES, Roselly de. **Christophe Colomb**. Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1887.

LOUREIRO, Rui Manoel. Portugueses nas viagens de Cristóvão Colombo. *In*: VARELA, Consuelo (coord.). **Cristóbal Colón, 1506-2006: historia y leyenda**. Palos de La Frontera: Universidad Internacional de Andalucía, 2006. p. 171-181. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10334/1526>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MADARIAGA, Salvador de. **Vida del muy magnifico señor Don Cristobal Colon**. 3 ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1944.

MAFFI, Davide. **Archivio Storico dell'Università degli Studi di Pavia**. Destinatário: Mário Caldonazzo de Castro. [S. l.], 28 nov. 2017. 1 mensagem eletrônica.

MANZANO Y MANZANO, Juan. **Colón y su secreto: el predescubrimiento**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1989.

MANZANO Y MANZANO, Juan. **Cristobal Colon: siete años decisivos de su vida 1485-1492**. Madrid: Cultura Hispanica, 1989.

MARAÑÓN. G. Discurso inaugural. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 26., 1948, Madrid. **Anais [...]**. Madrid: Impresor. S. Aguirre, 1948. t. 1, p. 43-47. Disponível em: [https://www.samorini.it/doc1/alt\\_aut/ad/Congreso%20Americanistas%20Sevilla%201935.pdf](https://www.samorini.it/doc1/alt_aut/ad/Congreso%20Americanistas%20Sevilla%201935.pdf). Acesso em: 11 dez. 2018

MARLOWE, Stephen. **As memórias de Cristóvão Colombo**. São Paulo: Ed. Best Seller, 1987.

MARQUEZ, Luis Arranz. **Cristóbal Colón: misterio y grandeza**. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S. A. 2006.

MARTINS, Lúgia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo na educação**. Campinas: Autores Associados, 2015.

MATTOS, Jorge Luis. As viagens de Colombo e a náutica portuguesa de quinhentos. *In*: VARELA, Consuelo (coord.). **Cristóbal Colón, 1506-2006: historia y leyenda**. Palos de La Frontera: Universidad Internacional de Andalucía, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10334/1520>. Acesso em: 11 dez. 2018.

MAURI, Teresa. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? *In*: COLL, César *et al.* **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009.

MIGUEL, Nicasio Salvador. **Libros y lecturas de Cristóbal Colón**. *In*: CASTRO, Armando López; TORRE, María Luzdivina Cuesta (ed.). **Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval**. [León]: Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007. v. 1, p. 123-140. Disponível em: <http://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas11.1/08.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MORGAN, Kenneth. George Washington and the Problem of Slavery. **Journal of American Studies**, v. 34, n.2, p. 279–301, 2000. Disponível em: [www.jstor.org/stable/27556810](http://www.jstor.org/stable/27556810). Acesso em: 12 dez. 2018.

MORISON, Samuel Eliot. **Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus**. Boston: Little, Brown and Company, 1942. 2 v.

MORISON, Samuel Eliot. **Christopher Columbus: mariner**. New York: Meridian Books, 1983.

MORISON, Samuel Eliot. **The European discovery of America: the southern voyages, A.D. 1492-1616**. New York : Oxford University Press, 1974.

MORRIS, John G. **Martin Behaim: the German astronomer and cosmographer of the times of Columbus: being the tenth annual discourse before the Maryland Historical Society, on January 25th, 1855**. Baltimore: Printed for the Maryland Historical Society by J. Murphy, 1855.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza. Narrativas e literatura de viagens na Idade Média. **Rev. História Helikon**, Curitiba, v. 2, n. 2, p.114-125, 2. sem. 2014. Disponível em:<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NrhEFzLpzV0J:www2.pucpr.br/reol/index.php/helikon%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D14650+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 07 jan. 2018.

NAVARRETE, Martín Fernández de. **Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV**. Madrid: Imprenta Nacional, 1837. 5 v.

NIUBO, Renato Llanas. **El enigma de Cristóbal Colón**. Barcelona: Circulo de Leitores, 1967.

NUNN, George E. **The geographical conceptions of Columbus**: a critical consideration of four problems. New York: American Geographical Society, 1924.

OVIEDO, Gonçalo Fernandez. **Historia general y natural de las Indias**. Madrid: Imprenta de la Real Academia de Historia, 1851. 4 v.

ONRUBIA, Javier. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. *In*: COLL, César *et al.* **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. p. 17-23.

PEREZ DE TUDELA Y BUESO, Juan. **Mirabilis in altis**: estudio critico sobre el origen y significado del proyecto descubridor de Cristobal Colon. Madrid: CSIC, 1983.

PIDAL, Ramón Menéndez. **La Lengua de Cristóbal Colón**: el estilo de Santa Teresa y otros estudios sobre el Siglo XVI. 3. ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.

PIKE, Ruth. **Enterprise and adventure**: the Genoese in Seville and the opening of the New World. Ithaca: Cornell University Press, 1966.

PONS, Frank Moya. Datos para el estudio de la demografía aborigen en la española. **Estudios Dominicanos**, Santiago de los Caballeros, República Dominicana, v. 6, n. 33, p. 3-13. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.12060/854>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ROUSE, Irving. **The Tainos**: rise and decline of the people who greeted Columbus. Yale: Yale University Press, 1992.

RUHTSTALLER, Stefan. **Bartolomé de las Casas y su copia del "Diario de a bordo" de Colón**: tipología de las apostillas. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce14-15/cauce14-15\\_34.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce14-15/cauce14-15_34.pdf). Acesso em: 05 mar. 2018.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história; formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SALE, Kirkpatrick. **A conquista do paraíso**: Cristóvão Colombo e seu legado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

SALMORAL, Manuel Lucena. **Descubrimiento de América** : novus mundus. Madrid: Anaya, 1988.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

SCHAEFER, Richard T. **Fundamentos de sociologia**. 6.ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

SCHWANITZ, Dietrich. **Cultura Geral**: tudo o que se deve saber. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. *In*: PETER, Burke (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 39-62.

SWEENEY, Maria. Columbus, a Hero? rethinking Columbus in an elementary classroom. **The Radical Teacher**, n. 43, p. 25-29, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20709759>. Acesso em: 25 fev. 2019.

TAVIANI, Paolo Emilio. **Cristóbal Colón: génesis del gran descubrimiento**. Barcelona: Editorial Teide, 1988. 2 v.

TAVIANI, Paolo Emilio. **Los viajes de Colón: el gran descubrimiento**. Barcelona: Editorial Planeta- De Agostini, 1989. 2 v.

THOMAS AQUINA, Saint. **Summa theologica**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, [2015]. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/aquinas/summa>. Acesso em: 18 mar. 2018.

THOMPSON, Charles Frank. **Bíblia de referência Thompson**. Tradução Editora Vida. São Paulo: Editora Vida, 1994.

TINKER, George E.; FREELAND, Mark. Thief, Slave Trader, Murderer: Christopher Columbus and caribbean population decline. **Wicazo Sa Review**, v. 23, n. 1, p. 25-50, 2008. Disponível em: <https://cpb-us-w2.wpmucdn.com/u.osu.edu/dist/e/58600/files/2018/02/Tinker-Tink-Source-12j35s4.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

TOZE, Eobald. **Der wahre und erste Entdecker der Neuen Welt, Christoph Colon, gegen die ungegründeten Ansprüche, welche Americus Vespucci und Martin Behaim auf diese Ehre machen, vertheidiget**. Göttingen: Verlegts Victorin Bossigel, 1761.

TUDELA Y BUESO, Juan Perez de. **Mirabilis in Altis: Estudio Critico Sobre El Origen Y Significado Del Proyecto Descubridor De Cristobal Colon**. Madrid: CSIC, 1983.

UZIELLI, Gustavo. **L'Epistolario Colombo-Toscanelliano e i Danti**. Roma: Società Geografica Italiana, 1889.

VARELA, Consuelo. **Cristobal Colón: textos y documentos completos**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón: de corsario a almirante**. Madrid: Lunweg Editores, 2005.

VARELA, Consuelo. **Colon y los Florentinos**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón y la construcción de un nuevo mundo: estudios, 1983-2008**. Santo Domingo: Archivo Geral de La Nación, 2010. v. 107.

VARELA, Consuelo. **Amerigo Vespucci un nombre para el nuevo mundo**. Madrid: Anaya Ibero Americana, 1988.



VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón: los cuatro viajes: testamento**. Madrid: Alianza, 2014.

VARELA, Consuelo. **Isabel la Católica y Cristóbal Colón**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc7m0m9>. Acesso em: 06 out. 2018.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **La verdadera Guanahani de Colon**. Santiago: Imprenta Nacional, 1864.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Amerigo Vespucci: son caractere, sons écrits (meme les moins authentiques), as vie et ses navigations, avec une carte indicant les routes**. Lima: Merccurio, 1865.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Les voyages de Americ Vespuce: Au compte de l'Espagne et les mesures itinéraires employées par les marins espagnols et portugais des XV et XVI siècles**. Paris: L. Martinet, 1858.

VEGA, Félix Lope de. **El nuevo mundo descubierto por Cristóbal Colón**. Paris: Garnier, 1900.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB, 1998.

VIGNAUD, Henry. **Études critiques sur la vie de Colomb**. Paris: H. Welter Editeur, 1905.

VIGNAUD, Henry. **Toscanelli and Columbus: the letter and chart of Toscanelli: a critical study**. London: Sands & CO, 1902.

VON HOONHOLTZ, Antônio Luís. Carta em homenagem ao IV centenário do descobrimento da América. *In*: ANGELO, Gubernatis. **Albo di Onoranze Internazionali a Cristoforo Colombo**. Roma: Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, 1892.

WASSERMAN, Jacob. **Christovão Colombo: O Don Quixote Dos Mares**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d [1938?].

WIESENTHAL, Simon. **Velas da esperança: a missão secreta de Cristóvão Colombo**. Trad. Maria Clara de Biase. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WILFORD, John Noble. **Columbus and the Labyrinth of History**. [1991]. Disponível em: [http://w3.salemstate.edu/~cmauriello/pdf\\_his102/Columbus.pdf](http://w3.salemstate.edu/~cmauriello/pdf_his102/Columbus.pdf). Acesso em: 08 jan. 2018.

YOUNG, Filson. **Christopher Columbus**. [1906] etext produced by David Widger. Disponível em: <http://www.fulltextarchive.com/page/Christopher-Columbus-by-Filson-Youngx63471/>. Consulta em 20 de novembro de 2017.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: unidade de análise. *In*: ZABALA, Antoni *et al*. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 13-26.

ZABALA, Antoni. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. *In*: ZABALA, Antoni *et al.* **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51.

ZIEBELL, Zinka. **Terra de canibais.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.